A HISTORIA ECONOMICA

(HISTORIA UNIVERSAL DO COMMERCIO
E DA INDUSTRIA)

VOLUME VI

EDADE CONTEMPORANEA

OBRAS DO MESMO AUCTOR

Os Réprobos (poema) — Esgotado.
O Poema do Trabalho.
A Eleição Camararia do Porto e a politica actual do Paiz (1895).
A Historia Economica (Historia universal do commercio e da industria). Vol. I — *Edade antiga.*
A Historia Economica (Historia universal do commercio e da industria). Vol. II — *Edade media.*
A Historia Economica (Historia universal do commercio e da industria). Vol. III — *Edade media.*
A Historia Economica (Historia universal do commercio e da industria). Vol. IV — *Edade moderna.*
A Historia Economica (Historia universal do commercio e da industria). Vol. V — *Edade moderna.*
A Historia Economica (Historia universal do commercio e da industria). Vol. VI — *Edade moderna.*
Na Penitenciaria (poemeto).
Entre o Breviario (poemeto).
A Lista Civil, discurso proferido na Camara dos Deputados, na sessão de 6 de julho de 1908.
A Crise Vinicola, discursos proferidos na Camara dos Deputados, nas sessões de 6 e 7 de agosto de 1908.
Projectos parlamentares.
Novos Projectos Parlamentares.
O Poema da Vida.
Comentario ao Codigo Commercial Portuguez. Vol. I.
Comentario ao Codigo Commercial Portuguez. Vol. II
O Direito Aéreo.
O Poema da Amargura.
Hespanha e Portugal e suas affinidades.
O Direito Internacional.

A ENTRAR NO PRÉLO

A Historia Economica (Historia universal do commercio e da industria). Vol. VII. — *Edade contemporanea.*
O Ramo de Oliveira (romance).

ADRIANO ANTHERO

Da Academia das Sciencias de Lisboa

A HISTORIA ECONOMICA

(HISTORIA UNIVERSAL DO COMMERCIO E DA INDUSTRIA)

VOLUME VI

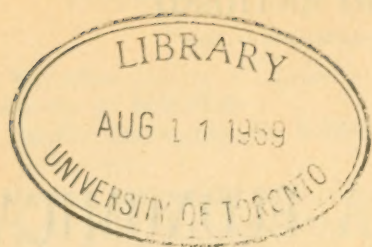
EDADE CONTEMPORANEA

(EDIÇÃO DO AUCTOR)

1925

IMPRENSA MODERNA, L.DA

Rua da Fabrica, 80

PORTO

Com paciencia, estudo, canceira e grande despeza de livros, que temos comprado, e grande trabalho sobre outros livros, que temos consultado, devendo notar-se que as nossas bibliothecas são muito deficientes n'este genero, temos quasi concluido a obra que emprehendemos — A HISTORIA ECONOMICA, *ou, por outro titulo, como já explicámos no prologo do 5.º volume,* A HISTORIA UNIVERSAL DO COMMERCIO E DA INDUSTRIA.

Este volume trata da Europa no seculo XIX. Ha-de seguir-se o 7.º e ultimo volume, que tratará das outras partes do mundo, tambem no seculo XIX. E, no fim d'esse outro volume, faremos uma ligeira apreciação da historia economica do tempo decorrido no seculo XX.

Vamos separar, por isso, o estudo do seculo XIX do estudo do seculo XX, porque, apesar de estar correndo o primeiro quartel d'este seculo XX, os phenomenos politicos, sociaes e economicos que n'elle se teem dado, estabelecem uma corrente tão distincta e caracteristica em muitos pontos, e tão diversa dos tempos anteriores em tantos factos, que nos pareceu de melhor methodo, para a mais facil assimillação da historia dos dois seculos, o não confundir a mistura do seu estudo; e tanto mais que, n'essa ultima parte, havemos de seguir mais estri-

ctamente o synchronismo, de que fallámos no prologo do 1.º volume.

Dissemos então: «Na edade antiga, na edade media e nos tempos modernos, o commercio e a industria não tinham o caracter solidario dos tempos contemporaneos. Cada povo labutava como a crisalida no circulo do seu isolamento, trabalhando por conta exclusiva dos seus interesses, e tendo apenas uma influencia indirecta sobre a civilisação geral.

«E' certo que, afinal, a lei providencial da historia apanhava, como n'um orgão universal, essas notas soltas da grande orchestra do progresso, e ellas chegavam, d'esse modo, a vibrar unisonas no coração da humanidade. Mas, em todo o caso, era precisa para isso uma elaboração lenta e um processo a posteriori.

«Assim, n'essas edades, a par do estudo geral de cada epoca, pode e deve fazer-se em separado o estudo particular de cada um dos povos que tiveram então figura predominante.

«Mas, na edade contemporanea, o commercio e a industria tem uma corrente cosmopolita, solidaria e indivisivel, que faz estremecer, ao mesmo tempo, como a corda magnetica, os recantos do universo.

«A crise da Inglaterra, por exemplo, actua logo no resto do mundo; a destruição dos algodoeiros nos Estados-Unidos chega logo como o gulf-stream *aos confins da Europa. E, por outro lado, se em qualquer das epocas anteriores, os povos notaveis pelo commercio eram poucos, e eram tambem restrictos os factos da sua vida economica, na edade contemporanea, quasi todos os paizes tomaram honrosamente o seu logar n'este festim maravilhoso, que tem por candelabros as fornalhas das officinas, por orchestra os sussurros dos volantes e o restrugir das machinas, por oleo santo o suor dos operarios, e por hostia consagrada a mercadoria; de modo que, na edade contemporanea, seria inconveniente, quanto ao methodo, e incompetente, quanto ás proporções do nosso trabalho, examinar isoladamente cada uma das nações.*

«Por isso, ao passo que, nas outras epocas, havemos de tratar da historia social e politica de cada paiz commercial, relacionada com a sua vida economica, de modo a combinar o methodo analytico e o synthetico, na edade contemporanea, seguiremos o synchronismo compativel com a natureza d'este estudo.»

E, com effeito, a separação dos phenomenos politi-

cos e economicos, nas edades anteriores, foi-se transformando, na edade contemporanea, n'uma correspondencia mutua e cosmopolita de causas e de effeitos.

A' semelhança de uma nova e grande corrente que trasborda por todas as costas, o movimento de cada paiz foi actuando logo nos outros povos; e quasi que, ao mesmo tempo, surgiu no geral dos Estados uma fermentação analoga, tanto politicamente como economicamente.

Deu-se até n'este periodo uma transformação singular na historia politica; porque, anteriormente, ella estava subordinada, regra geral, á influencia dos imperantes, e, ao contrario d'isso, n'esta edade, foi-se subordinando á influencia dos povos.

E, no movimento economico, deu-se tambem uma transformação analoga; porque o desinvolvimento industrial e commercial de cada paiz, o seu progresso e as suas innovações não ficaram, regra geral, isoladas logo nos limites de cada fronteira; antes, por uma transfusão universal, foram actuar immediatamente nos outros povos.

E accresce que, na edade contemporanea, começa, por assim dizer, tambem synchronicamente, o estudo

collectivo da humanidade, em vez do estudo egoista, singular e exclusivista de cada nação, como acontecia nas outras edades.

Mas, apesar de tudo o que deixamos exposto, pudemos ainda n'este volume combinar os dois systemas — o synchronico e o analytico, de forma que, a par da apreciação dos phenomenos e factos collectivos, conseguimos incluir nas extensas paginas d'este livro tambem o estudo especial e separado de cada povo europeu.

Naturalmente, não haveria proporção rasoavel de um volume só que pudesse tambem conter, em separado, o estudo dos outros differentes povos da Asia, Africa, America e Oceania; e nem todos elles, teem ainda uma vida nacional tão caracteristica para constituirem agrupamentos economicos bem distinctos.

Por isso, em relação a essas outras partes do mundo, não poderemos no setimo volume combinar tão completamente os dois systemas.

A HISTORIA ECONOMICA

CAPITULO I

Ligeiro esbôço da historia politica geral da epoca contemporanea até o fim do seculo XIX

Como dissemos no prologo do 1.º volume, a exposição da vida politica dos differentes povos é muito conveniente para o estudo da historia economica; não só porque ella explica, e até determina em muitos casos os diversos accidentes do commercio e da industria, mas tambem fornece referencias chronologicas para a ligação dos acontecimentos. E, no periodo contemporaneo, essa exposição é ainda mais importante que nos outros periodos, porque n'elle se deram grandes transformações politicas e sociaes, que influiram tambem mais poderosamente no movimento economico de todo o mundo.

Ora, para maior destaque d'essa influencia, convem subdividir a historia politica contemporanea até o fim do seculo XIX, de que trata este volume, em quatro epocas, nas quaes as correntes dos factos foram quasi determinadas por uma causa ou causas commus, ou, pelo menos, similares.

E, assim, temos que a primeira epoca decorreu desde a revolução franceza até á queda de Napoleão, em 1814, epoca esta em que predominaram as agitações d'essa revolução e as luctas napoleonicas. A

segunda vai desde a queda de Napoleão até á revolução de julho de 1830, em que a sociedade foi geralmente abalada pelas luctas da liberdade contra o absolutismo. A terceira, desde 1830 até 1848, em que a revolução de julho influiu grandemente no movimento politico da Europa; em que ficou geralmente assegurado o systema constitucional; mas em que despertaram varias luctas entre os proprios liberaes, e a fermentação socialista e republicana começou a agitar differentes Estados. A quarta, desde 1848 até 1870, em que mais prevaleceu tambem a fórma constitucional, e com ella a estratificação mais ordeira e pacifica dos povos; mas em que, por outro lado, se desinvolveu muito mais a fermentação socialista e republicana. Finalmente, a quinta epoca decorreu desde a guerra de 1870 da França com a Prussia, em que a Allemanha foi unificada, a França desmembrada, e se estabeleceu na Europa o regimen da paz armada, continuando mais activa a fermentação socialista.

*

*   *

A primeira epoca principiou, pois, com a revolução franceza, que iniciou, ao mesmo tempo, uma transformação profunda na sociedade; porque, então, rompeu tambem a fermentação activa da liberdade, e sobreveiu uma conflagração geral na Europa, que abalou os velhos preconceitos, e alluiu completamente o mundo antigo.

As ideias da *Encyclopedia* tinham alargado os horisontes dos espiritos, n'um sentido mais liberal, e como diz Castellar, tinham educado na liberdade as gerações

revolucionarias [1]. O odio contra a realeza tinha augmentado successivamente desde Luiz XV. O absolutismo do rei tornou-se geralmente repulsivo, e as despezas da côrte tornaram-se tambem odiosas.

Com effeito, a lista civil não comprehendia menos de quatro mil pessoas. A rainha, os filhos do rei e seus irmãos, suas irmãs, suas cunhadas, suas tias e seu primo, tinham, cada um d'elles, a sua casa particular, que comprehendia quasi tres mil pessoas. Só ao serviço da rainha estavam quinhentas.

O luxo d'esta côrte era egualmente desordenado. As cavallariças reaes continham quasi mil e novecentos cavallos, com mais de duas mil carruagens; e as despezas d'este serviço montavam cada anno, pela moeda de então, a sete milhões e setecentas mil libras [2]. O serviço da mesa, mesmo depois que Luiz XVI ordenou certas economias, custava anualmente dois milhões e novecentas mil libras. E os creados roubavam escandalosamente, e enriqueciam em pouco tempo.

Em vista d'esta desordem, o total das despezas da casa civil e militar attingia, em 1789, trinta e tres milhões de libras. E não era tudo, porque havia, além d'isso, presentes feitos pelo rei, pensões concedidas aos cortezãos, aos amigos da rainha, a certas familias privilegiadas, como, por exemplo, á de Polignac, cujos membros partilhavam setecentas mil libras, por anno, e cujas rapinas indignavam até os próprios embaixadores extrangeiros.

---

1 Castellar. *Movimento Republicano da Europa.*

2 A libra equivalia a um franco.

Sob Luiz XVI, como sob Luiz XV, a terrivel phrase de Argenson ficava verdadeira: *A côrte é o tumulo da nação.*

E, a par d'isto, o desgraçado episodio do chamado *collar da rainha* mais desprestigiou Maria Antonieta [1].

Por outro lado, a organisação da administração publica produzia tambem um grande descontentamento.

[1] Esse episodio consistiu no seguinte: Uns poucos de ourives, de Paris, haviam reunido, com grandes despezas, alguns diamantes de rara belleza, e feito com elles um collar que pretendiam vender por uma somma então equivalente, pouco mais ou menos, a 300 contos da nossa moeda. O cardeal de Roham, *Esmoler-Mor* do reino, estava então no desagrado da rainha Maria Antonieta, e a condessa de Zamothe, que era intima da mesma rainha, persuadiu-o de que ella dissiparia as suspeitas que, no espirito de Maria Antonieta, se haviam levantado contra o cardeal, e encarregou-se de lhe entregar a justificação escripta do prelado, a que a propria condessa respondeu por escripto, fingindo atrevidamente uma correspondencia entre a rainha e o cardeal. D'ahi a pouco, disse-lhe a condessa que a rainha desejava muito possuir aquelle collar, que, a pouco e pouco, iria pagando com o producto das suas economias, mas sem que o rei de nada soubesse; e que estava disposta a dar uma prova de regia confiança ao cardeal, encarregando-o da respectiva compra. O cardeal caiu no laço, comprou-se o collar, e este foi entregue á condessa, que, antes d'isso, lhe prometeu uma conferencia secreta com a rainha, n'um dos bosques do jardim de Versalhes. Uma rapariga, extremamente parecida com a Soberana, representou este papel com tal perfeição, protegida pelo escuro da noite, que o prelado se persuadiu de que estava effectivamente com Maria Antonieta. Chegado o prazo para o pagamento da primeira prestação, descobriu-se o enrêdo. Os ourives queixaram-se de se lhes não ter pago, e Maria Antonieta, indignada de se haver assim abusado do seu nome, exigiu uma satisfação publica.

Instaurou-se, então, perante o parlamento um processo de que não havia exemplo nos fastos judiciaes. Mas, entre todos os accusa-

Assim, os pesos e medidas variavam de provincia para provincia, e, ás vezes, de um cantão para outro cantão, apesar das medidas anteriores de Luiz XI [1].

Nas provincias, chamadas *paizes do Estado* [2], a repartição dos impostos era feita pelos deputados da provincia. Nas provincias, chamadas *paizes de eleição,* os impostos eram repartidos directamente pelos agentes do rei. E havia sete tarifas differentes, e sete grupos differentes de territorios para a gabella (imposto do sal).

Ao sul de uma linha que partia de Genebra e ia dar á embocadura do Charente, isto é, nas regiões do Rhodano, Dordogne e Garona, todos os francezes estavam sujeitos ás mesmas leis civis, inspiradas no direito romano. Era o paiz do *direito escripto.* Ao contrario, ao norte d'essa linha, era o paiz do *direito costumeiro,* que constava de 185 differentes costumes, isto é, 185 diversos codigos.

Havia provincias, onde as mercadorias podiam circular livremente; e outras, cheias de alfandegas interiores, que embaraçavam o transito, e com variada legislação e differentes regimens de umas para outras.

---

dos, só a condessa de Lamothe é que foi declarada ré e condemnada a prisão perpetua, depois de açoutada e marcada nos dois hombros com a letra V., inicial a *voleure* (ladra), sentença que fielmente se cumpriu n'esta ultima parte. Comtudo, a condessa evadiu-se da prisão, e refugiou-se na Inglaterra, onde, debaixo do titulo de *Memorias Justificativas,* publicou uma série de libellos atrozes contra Maria Antonieta. E tudo isto desprestigiou o throno.

[1] *A Historia Economica,* vol. V, pag. 11.

[2] A partir de Luiz VI, as provincias de França foram divididas em provincias que faziam parte do dominio real, ou provincias de eleição, e provincias de *Estado.*

A organisação judiciaria não era menos complicada que a organisação administrativa. Havia justiças *senhoriaes, baliados* e *senescalias*.

As justiças senhoriaes correspondiam aos tribunaes de simples policia correccional. O juiz julgava os pequenos delictos—injurias, offensas corporaes, arruidos, embriaguez, etc. Os baliados e senescalias julgavam todas as questões dos direitos feudaes. Para os processos relativos a impostos, havia os tribunaes de *ajudantes (aides)*. E os *parlamentos*, em numero de doze, eram, ao mesmo tempo, tribunaes de primeira instancia e de appelação.

As despezas publicas tornaram-se enormes, e muito superiores ás receitas. Os impostos indirectos eram cobrados pelos rendeiros, a quem o rei vendia o direito de os receberem; e elles, na cobrança, praticavam toda a casta de abusos.

A organisação social era tambem desgraçada. O clero tinha grandes privilegios, e dispunha de fortunas consideraveis e de enormes rendimentos, principalmente, o clero regular e o alto clero secular. A nobreza, que era tambem privilegiada, possuia egualmente grandes fortunas, e exercia quasi todos os cargos publicos importantes e rendosos; e ambas essas classes opprimiam gravemente o povo.

O terceiro estado é que não era privilegiado, e constava de *burguezes*, de *lavradores* e de *artistas, industriaes* e *operarios*.

A primeira d'essas classes comprehendia todos os que não trabalhavam por suas mãos, todos os homens de profissões liberaes, professores, medicos, advogados, homens de lei, notarios, escrivães, procuradores, que

correspondiam aos actuaes solicitadores, homens de finanças, desde os banqueiros até os cobradores de impostos, emfim, os grandes commerciantes.

Essa classe tinha enriquecido durante o seculo XVIII; mas tinha tambem sido directamente attingida pela divida franceza, pagamentos irregulares e ameaças de bancarôta, nos ultimos tempos. E nasceu d'ahi nos burguezes tambem o desejo de uma transformação politica, que lhes permittisse vigiar os dinheiros do Estado e participar até da sua administração. Demais a mais, os burguezes eram geralmente instruidos. Liam Voltaire, o demolidor, e Rousseau, o propagandista da theoria da soberania do povo e do apostolado da egualdade; e estavam imbuidos d'essas ideias. E, assim, ao passo que desejavam uma reforma politica, desejavam tambem uma reforma social.

Os *lavradores*, em geral, eram colonos, jornaleiros ou rendeiros. Segundo a expressão de Richelieu, constituiam as *mulas do Estado*. Todos os encargos pesavam sobre elles, como impostos directos, no importe de mais de 50 % do seu rendimento, dizimos á egreja, direitos feudaes, o chamado *champort* (direito sobre certas parcelas de trigo), direitos sobre as colheitas em favor do proprietario, e direitos banaes ou taxas, estabelecidas sobre o uso dos fornos, moinhos e lagares senhoriaes. E, quanto á terceira classe, *os artistas, industriaes e operarios*, além de estarem comprimidos nos privilegios da nobreza e clero, estavam muito descontentes com o regimen das corporações [1], que, de cada vez, se

[1] Sobre este regimen, vide *A Historia Economica*, vol. 2.°, pag. 32, e vol. 5.°, pag. 75.

tornara mais exigente e mais abusivo. E accrescia que o contracto commercial com a Inglaterra, assignado em 26 de setembro de 1786, de que já fallámos no vol. 5.°, tinha, pela concorrencia d'aquelle paiz, arruinado completamente a industria franceza [1].

E para cumulo de ruina e desgraça, a França atravessava uma terrivel crise de miseria e de fome, porque as colheitas anteriores tinham sido muito fracas, o pão estava carissimo, e, por toda a parte, sómente se viam mendicantes esfomeados.

Ora todas estas causas conjugadas criaram por todo o paiz, apar de um grande descontentamento, uma grande fermentação revolucionaria.

N'este estado de coisas, estando as finanças desgraçadas, como já dissemos, para cuja desgraça, além dos desperdicios da côrte e da má administração do Governo, tinham contribuido as guerras com a Allemanha e a lucta com a Inglaterra nas colonias [2], Luiz XVI tentou levantar o paiz d'essa ruina financeira. Mas, como tambem já dissemos no 5.° volume, os esforços dos seus ministros tornaram-se inefficazes.

Com esperança de um remedio salutar para tudo isto, foram convocados os Estados Geraes, que se reuniram em 4 de maio de 1789 [3], d'onde resultou a *Assembleia Nacional*, que depois tomou o nome de *Assembleia Constituinte;* e mais ardente se tornou a excitação revolucionaria.

---

[1] A *Historia Economica*, vol. 5.°, pag. 96.

[2] A *Historia Economica*, vol. 5.°, pag. 95.

[3] Os Estados Geraes não se tinham reunido desde 1614.

Seguiu-se a tomada da Bastilha, em 14 de julho de 1789, a fugida de Luiz XVI de Paris, com destino ao estrangeiro, a sua prisão em Varennes e a sua volta para Paris, a Convenção Nacional, a morte do rei e da rainha, e o fim da realeza.

Esta revolução franceza trouxe comsigo a guerra da França com a Austria, Prussia, Hollanda e Napoles colligadas; uma segunda guerra de colligação da Inglaterra, Austria, Prussia e Italia contra a França; e a invasão do Egypto e Syria por Napoleão Bonaparte. Veiu depois o Directorio, de que fazia parte o mesmo Bonaparte (1795); a guerra com a Italia; o consulado d'elle (1799-1804); a sua proclamação como imperador (1804-1814); e as guerras napoleonicas contra a Austria, Inglaterra, Prussia, Italia, peninsula iberica e Russia, até que, em 6 de abril de 1814, aquelle imperador teve de abdicar em seu filho, indo residir, por accordo das nações, para a ilha de Elba.

Depois, em 30 de maio d'esse anno, fez-se o primeiro tratado de Paris, em que foi proclamado rei de França Luiz XVIII [1]. E, no mesmo anno, reuniram-se

[1] N'este periodo, até o fim do seculo XIX, o governo da França foi constituido da seguinte fórma: Luiz XVI, que começou a reinar em 1774 e foi morto em 1793; a primeira republica: Convenção Nacional, desde 21 de setembro de 1792 a 26 de outubro de 1795; Directorio (27 de outubro de 1795 a 9 de novembro de 1799); Consulado (1800 a 1804); imperio de Napoleão (1804 a 1814); Luiz XVIII (1814 a 1824); Carlos X (1824 a 1830); Luiz Philippe (1830 a 1883); a segunda republica (1848 a 1852); Luiz Napoleão, como presidente d'ella (1852); o mesmo Luiz Napoleão, como imperador, sob o nome de Napoleão III, (1852-1870). A terceira republica, sendo presidentes Thiers (1871); Mac Mahon (1873); Grevy (1879); Carnot (1887); Casimiro Perier (1899); Felix Faure (1895); Loubet (1899).

em Vienna os imperadores, os reis e os estadistas mais importantes da Europa. O fim d'essa reunião, conhecida na historia sob o nome de *Congresso de Vienna*, foi organisar de uma fórma definitiva a carta da Europa, já tão alterada pelas guerras do imperio, e restabelecer um equilibrio internacional duravel, havendo, comtudo, no fundo de tudo isso, um desejo geral de enfraquecer a França. N'este sentido, foram-lhe tiradas ao norte muitas das suas fortalezas, como Philippeville, Mariembourg, Bouillon, Saerrelouis e Zandau. Na fronteira oriental franceza, Huningue foi desmantellada, e a Saboia e Nice foram restituidas ao Piemonte. A Baviera foi engrandecida com o Baixo Palatinado. A Inglaterra, além do Hanover, que ella conservou até 1837, conservou tambem muitas das colonias que tinha tirado á França, e ficou quasi que senhora do Mediteraneo por Gibraltar e Malta e pelo protectorado das ilhas Jonias. A Russia arrogou-se definitivamente a Lithuania, o grão ducado de Varsovia, erigido em reino, e a Finlandia. A Austria retomou o Tyrol, a Lombardia, as provincias Illyricas e a Dalmacia. A Prussia, mais encarniçada ainda que as outras potencias em abaixar a França, estendeu-se até á fronteira septentrional franceza, pela acquisição do grão ducado do Baixo Rheno, e engrandeceu-se com uma parte da Saxonia e da Pomerania sueca e com o ducado de Posen.

Os Estados secundarios tambem tiveram uma larga parte nas modificações territoriaes. Assim, a Hollanda e a Belgica, reunidas, formaram o reino dos Paizes Baixos. A Dinamarca foi privada da Noruega, que foi dada á Suecia; mas, em compensação, foi augmentada com o ducado de Luxemburgo.

Criou-se a confederação germanica sobre as ruinas da antiga confederação do Rheno, e confiou-se a direcção dos seus negocios a uma dieta de que faziam parte a Austria, Prussia, Dinamarca e Hollanda.

A Suissa foi engrandecida com mais tres cantões, Genova, Valais e Neufchatel, e collocada sob a *neutralidade permanente* [1].

A Italia soffreu uma alteração completa, pela restituição de Piemonte ao rei de Sardenha e das Legações á Santa Sé, e pela criação dos ducados de Modena, Parma, Toscana, Lucca, Massa e Carrara, collocados quasi exclusivamente sob a influencia da Austria, já senhora da margem esquerda do Pó inferior.

A Cracovia foi erigida em cidade livre, sob o protectorado das tres grandes potencias circumjacentes — Russia, Prussia e Austria, como para attestar ao mundo a antiga existencia da Polonia.

Comtudo, o congresso de Vienna não se limitou nos seus trabalhos á modificação dos territorios; porque adoptou tambem dois grandes principios, que merecem ser assignalados — a liberdade de navegação dos rios e a abolição da escravatura

O governo dos Bourbons, descontentou a França. Tinha sido restaurado no intuito de governar liberalmente; mas não aconteceu isto, porque resuscitaram com elle todos os erros das antigas governações.

---

[1] Quer dizer que não podia atacar nenhum outro paiz, nem ser atacada por elle, para o que ficou sob a garantia das nações interventoras do congresso.—Adriano Anthero, *O Direito Internacional,* pag. 367.

Por isso, Napoleão, ao vêr o descontentamento da França, resolveu tentar novamente a fortuna; e, em 1815, desembarcou no golfo de S. Juan, seguindo n'uma marcha triunfal até Paris, onde assumiu outra vez o poder.

Este facto deu logar a uma nova colligação da Europa contra elle, a qual teve por epilogo, n'esse mesmo anno, depois de um governo de cem dias, a batalha de Waterloo, em que Napoleão foi derrotado, entregando-se em seguida á confiança da Inglaterra, que o desterrou para a ilha de Santa Helena, onde falleceu, em 1821 [1].

*

* *

2.ª epoca. Após a batalha de Waterloo, Luiz XVIII entrou novamente em Paris, e governando sempre com tendencias absolutistas, alienou as sympathias do povo.

Por sua morte, em 1824, sucedeu-lhe Carlos X, que seguiu o mesmo systema, até que, em julho de 1830, houve uma revolução popular, chamada a *revolução de julho*, que o depoz, e nomeou em seu logar Luiz Filippe, da casa de Orleans.

N'este intervallo, em 1815, o imperador Alexandre

---

1 Raffy, Repetitions Écrites d'Histoire Universelle, — Weber. *Historia Universal*, tradução de Delfim de Almeida.

da Russia [1], o rei Frederico Guilherme da Prussia [2] e o imperador Francisco José da Austria [3] celebraram em Paris, em 26 de setembro de 1815, a chamada *Santa Alliança,* á qual adheriram todas as potencias da Europa, excepto a Inglaterra e o Papa, este por causa do seu exclusivismo ortodoxo.

Ahi, os tres soberanos prometteram governar os seus subditos, como verdadeiros paes de familia, e manter a religião, a paz e a justiça; de modo que se consideravam membros de uma só religião christã, incumbidos pela Providencia de dirigir os seus governados, como se todos estes fossem tambem membros de uma só familia; e convidaram as demais potencias a adoptarem os mesmos principios.

Mas, no fundo das coisas, a *Santa Alliança* o que mais pretendia era converter a religião em vehiculo da força monarchica; e para que se realisasse um tal intuito, houve ainda differentes congressos, como o de Aix la Chapelle, em 1818, o de Troppeau, em 1820, o

---

[1] A Russia, n'este periodo e até o fim do seculo XIX, teve como imperadores Catharina II (1762-1796); Paulo I (1796-1801); Alexandre I (1801-1856); Nicolau I (1856-1855); Alexandre II (1855-1881); Alexandre III (1881-1894) e Nicolau II, depois de 1894.

[2] A Prussia teve como governantes Frederico Guilherme II (1786-1797); Frederico Guilherme III (1797-1840); Frederico Guilherme IV (1840-1861); Guilherme I (1861-1871); o mesmo Guilherme V, como rei da Prussia e imperador da Allemanha, sob o titulo de Guilherme I (1871-1888); Frederico III (1888); Guilherme II, desde 1888 em diante.

[3] Na Austria reinou José II (1780-1790); Leopoldo II (1790-1792); Francisco José I (1792-1806); Francisco I (1806-1835); Fernando I (1835-1848); Francisco José II, desde 1848 em diante.

de Laybach, em 1821, e o de Vienna, em 1821, inspirados no mesmo pensamento.

Com a *Santa Alliança*, as ideias reaccionarias tiveram uma grande protecção dos imperantes, e o proprio papa Pio VII [1] resuscitou, em 1914, por meio de uma bulla, a sociedade jesuitica, e restabeleceu tambem outra instituição anachronica, já cahida no esquecimento, como foi a ordem de Malta.

Em todo o caso, a minar e contrabalançar essa reacção, o movimento da revolução franceza e as suas ideias liberaes fizeram despertar o espirito de emancipação ou liberdade por toda a parte; e d'ahi se originaram differentes luctas civís em todos os Estados da Europa.

Em Portugal [2] esse espirito liberal deu logar á revolução de 1920, e á respectiva constituição; e, depois d'isso, á lucta entre D. Miguel, que representava o absolutismo, e era secundado pelos sectarios d'esse regimen, e D. Pedro IV, que havia promulgado a carta constitucional de 1826, e pugnava pelo systema liberal: lucta essa que terminou, em 1834, pela derrota do mesmo D. Miguel na batalha da Asseiceira.

---

[1] N'este periodo contemporaneo, até o fim do seculo XIX, houve os seguintes papas: Pio VI (1775-1800); Pio VII (1800-1823); Leão XII (1823-1829); Pio VIII (1829-1831); Gregorio XVI (1831-1846); Pio IX (1846-1878); Leão XIII (1878-1903).

[2] Em Portugal, n'esta edade contemporanea, até o fim do seculo XIX, reinaram D. Maria I (1777-1786); D. João VI, como regente (1786-1816) e como rei (1816-1826); D. Pedro IV (1826-1828); D. Miguel (1828-1834); D. Maria II (1834-1853); D. Pedro V (1853-1861); Luiz I (1861-1889); Carlos I (1889-1908).

Em Hespanha [1], o movimento popular promulgou a constituição de 1812; mas, voltando depois a corôa ao systema absoluto, rebentou, em 1820, uma revolução militar, dimanada dos regimentos reunidos em Cadiz, que o governo mandara embarcar para a America do Sul. E de tal modo se propagou essa revolução que o rei Fernando VII foi obrigado a jurar a constituição de 1812, ao que depois se seguiu uma guerra civil.

Em Napoles, Fernando III, rei das duas Sicilias [2], foi obrigado a acceitar a constituição hespanhola. Aconteceu a mesma coisa na Sicilia, depois de uma lucta violenta. E, no Piemonte [3], deram-se factos analogos, que obrigaram o rei Victor Manoel I a abdicar em favor do irmão Carlos Felix, depois de ter sido egualmente proclamada a constituição.

---

[1] Na Hespanha, tambem até o fim do seculo XIX, governaram Carlos IV (1788-1808); José Bonaparte (1808-1814); Fernando VII (1814-1833); Isabel II (1833-1868); regencia de Serrano (1869-1870); Amadeu de Saboia (1870-1873); Republica (1873-1875); Affonso XII (1875-1885); Affonso XIII, d'ahi por diante.

[2] Os imperantes de Napoles, no tempo de que estamos tratando e até á unificação da Italia, foram Fernando III (1759-1805); José Bonaparte (1806-1808); Joaquim Murat (1808-1815); Fernando IV, e depois o I do reino de Napoles e duas-Sicilias (1815-1825); Francisco I (1825-1830); Fernando II (1830-1859).

Na Sicilia, Fernando I (1815-1825); Francisco I (1825-1830); Fernando II (1830-1859); Francisco II (1859-1860).

[3] No Piemonte, no mesmo tempo, governaram Victor Amadeu III (1773-1796); Carlos Manoel IV (1796-1802); Victor Manoel I (1802-1821); Carlos Felix (1821-1831); Carlos Alberto (1831-1849); Victor Manoel II (1849-1861). E na Italia unificada, os reis Victor Manoel II (1861-1878); Humberto I (1878-1900).

Na Allemanha, [1] as ideias liberaes fermentaram tambem com toda a força. Mas a Prussia pugnava pela reacção; e, por isso, em breve ahi se organisaram dois partidos — o aristocratíco, reaccionario e conservador, e o liberal, que procurava a organisação politica sob uma fórma democratica.

O governo tentou abafar a expansão d'essa corrente liberal por numerosas prisões e proscripções. Mesmo algumas Universidades foram supprimidas; oppozeram-se sociedades conservadoras ás sociedades revolucionarias; e foram adoptadas muitas medidas repressivas.

Comtudo, a fermentação liberal não passaria do campo dos principios, se não tivesse apparecido um incidente que mais sobresaltou o Governo.

Assim, em 1817, que foi um anno de fome intensa, (e as grandes calamidades augmentam sempre o des-

---

[1] Já vimos os imperantes que governavam na Prussia.

Em Saxe, governavam Frederico Augusto III, como eleitor (1763-1806) e I como rei (1806-1827); Antonio I (1827-1836); Frederico Augusto II (1836-1854); João (1854-1873); Alberto (1873-1902).

Na Baviera, Carlos Theodoro, como duque (1777-1799); Maximiliano José I, como duque (1799); Maximiliano José, como rei (1805-1825); Luiz I (1825-1848); Maximiliano José II (1848-1864); Luiz II (1864-1886); Othon I (1886); regencia do seu tio Leopoldo, d'ahi por diante.

Em Baden, Carlos Frederico, duque (1771-1806); o mesmo Carlos Frederico como grão duque (1806-1811); Carlos (1811-1818); Luiz I (1818-1830); Leopoldo (1830-1852); Luiz II (1852-1856); Frederico I (1856-1907).

Em Wurtenberg, Frederico I, eleitor (1797-1816), o mesmo Frederico I como rei (1816-1864); Carlos I (1864-1891); Guilherme II depois de 1891.

contentamento do povo), celebrou-se, com grande fervor, em toda a Allemanha protestante, o terceiro centenario da Reforma; e a recordação d'este grande acontecimento despertou geral enthusiasmo.

Como preludio d'este jubileu, alguns estudantes e professores novos da Universidade de Hesse, em memoria da batalha de Leipzig, reuniram-se em Wurtenberg, proximo de Eirenach. Pronunciaram-se discursos exaltados; cantaram-se canções patrioticas; e queimaram-se differentes livros, em que se preconisava o absolutismo e a reacção. E um dos jovens, Carlos Luiz Sand, concebeu o criminoso designio de matar o conselheiro russo Augusto Kotzebue, que era tido como espião e traidor em favor da Russia; e que tinha attrahido o odio da mocidade academica, tanto por isso, como pelas informações que dava á côrte da Russia, relativamente á Allemanha, e pelos opusculos e jornal que publicava, onde defendia a realeza e os privilegios dos nobres, censurando asperamente os propositos reformadores da mocidade.

Effectivamente, em 23 de maio de 1819, Sand vibrou em Kotzebue uma punhalada que o matou, sendo, por isso, condemnado á morte.

Ora, esse attentado, ajuntando-se ao progresso d'aquella corrente liberal, fez que tanto o governo da Prussia como o da Austria se assustassem fortemente, e mais se accentuassem as medidas repressivas, e que a lucta dos partidos tomasse um aspecto mais hostil por toda a Allemanha.

Comtudo, nem todos os Estados commungaram no espirito reaccionario d'aquelles dois.

Assim, em 1816, o grão duque de Weimar, o mesmo

illustrado principe que havia abrilhantado a sua côrte com as glorias da litteratura e da poesía, dotava o seu paiz com uma constituição.

Dois annos depois, Nassau seguiu o mesmo exemplo, embora menos liberalmente. No Wurtenberg, tambem, depois de grandes luctas, se introduziu o systema representativo. Em 1818, foram egualmente dadas constituições á Baviera por Maximiliano José, e a Bade pelo grão duque Carlos. Em 1820, o grão ducado de Hesse-Darmstadt obteve tambem uma constituição analoga á dos outros Estados, supposto que um pouco menos democratica.

No norte, a aristocracia obstou muito tempo á introdução do systema representativo; mas, por fim, as insurreições populares obrigaram os Governos ás exigencias da epoca; e foi assim que no Hanover se instituiu uma assembleia nacional, baseada n'uma constituição.

E, embora essa constituição fosse menos liberal, o descontentamento do povo, que se manifestou em differentes motins, obrigou o duque de Cambridge a conceder, com permissão da Inglaterra, uma outra mais liberal.

Em Brunswick, foi tambem, depois de varios movimentos, proclamada uma constituição (1830).

No Meklemburgo, onde os agricultores ainda eram servos, e a burguezia não tinha importancia, é que, n'esta 2.ª epoca, se não tornou sensivel a expansão liberal; porque a representação nacional ficou sempre composta de elementos aristocraticos, e privada do poder legislativo. Mas, já na Saxonia, a fermentação liberal tornou-se tão activa que obrigou o rei Antonio a

dar-lhe, mais tarde, em 1836, uma constituição egualmente liberal.

No eleitorado de Hesse, em 1807, foram restaurados todos os privilegios do passado, inclusivamente o poder feudal e a antiga organisação communal. Mas o movimento das ideias e uma revolução popular obrigaram o eleitor Guilherme I a dar egualmente ao paiz uma constituição liberal.

E a maior parte dos outros pequenos Estados da Allemanha foram tambem dotados com o systema representativo.

Na Inglaterra, ás luctas napoleonicas, succedeu um grande abatimento. O rei Jorge IV [1] entregou-se aos prazeres e divertimentos; e, tendo na sua mocidade caminhado de harmonia com os Wigs, lançou-se depois nos braços dos Tories, desattendendo obsecadamente as reclamações do povo. Nos ultimos tempos da sua vida, tornou-se até mysantropo, e viveu retirado e solitario, occupando então o logar de primeiro ministro o grande estadista Canning, cujos principios se aproximavam da politica dos Wigs.

N'esta epoca, os Inglezes alongaram o seu imperio na India com as conquistas feitas á França e Hollanda e com a completa submissão dos Nababos, que tinham sido considerados até então como alliados; e, depois, com a submissão dos Mahratas, conseguiram a completa sujeição de toda a India, estendendo assim o poder britanico desde o Indo até o Irraouady (1817), em mais de 170

[1] Na Inglaterra governaram até o fim do seculo XIX — Jorge III (1760-1820); Jorge IV (1820-1830); Guilherme IV (1830-1837); Victoria I (1837-1900).

milhões de habitantes. E, ainda depois de longa lucta, conseguiram submetter os Sicks, montanhezes livres e independentes, que até ahi não puderam ser domados.

Tambem na Grecia, fermentaram n'esta epoca as ideias da liberdade e da emancipação.

Assim, em 1820, houve um levantamento contra o dominio da Turquia, commandado por Alexandre Ypsilanti. Esse movímento foi abafado pelos Turcos, que praticaram então as mais horrorosas crueldades. Mas, em 1821, houve outra sublevação, tambem contra a Turquia; e, em 1822, a Grecia chegou mesmo a constituír-se em republica, sob a direcção de Manvocordato e Demetrius Ypsilanti, irmão de Alexandre Ypsilanti.

Ainda então, apesar da sympathia da Europa e do concurso de voluntarios que accorreram de differentes paizes, a Grecia não pôde resistir ás forças da Turquia, que praticou os maiores horrores e crueldades sobre os vencidos. Mas, tendo depois fallecido o imperador da Russia Alexandre I, em 1825, succedeu-lhe seu irmão Nicolau I (1825-1835), que, em virtude das suas sympathias pela Grecia, pôde conjuntar tambem a Inglaterra e França a favor d'ella. E essas tres nações, depois de terem desbaratado a armada turca, na batalha de Novarino (1827), obrigaram a Turquia a reconhecer a independencia dos Gregos (1829), cujas possessões foram depois, na conferencia de Londres de 1832, constituidas pela Morea, Livadia, uma parte da Thessalia e pelo Negroponto o Cicladas [1].

---

[1] Governaram, desde então, até o fim do seculo, Othon I (1832-1862), e George I (1863-1913).

*

* *

Mas não foi sómente na Europa que, nesta 2.ª epoca do seculo XIX, fermentava o anceio da liberdade. Na America do Norte, já no seculo anterior se dera a emancipação dos Estados Unidos, e com ella o estabelecimento do governo republicano. E esse exemplo, juntamente com a diffusão das ideias liberais e o anceio da emancipação, que é outro fermento da liberdade, levou as differentes colonias a proclamarem a sua independencia das respectivas metropoles.

O Mexico levantou-se contra a Hespanha, em 1812, commandado pelo creoulo Iturbide; e o vice-rei foi obrigado a assignar um tratado que reconhecia a independencia d'esse Estado.

Não tendo o governo hespanhol ratificado o mesmo tratado, o congresso mexicano, votou aquella independencia, e elegeu aquelle Iturbide como imperador. Mas essa instituição do imperio desgostou os antigos realistas e os novos republicanos, o que deu logar a que Iturbide tivesse de renunciar ao trono; e o Mexico foi, então, convertido em republica (1824), com uma constituição moldada na dos Estados Unidos.

Ainda assim, Iturbide, animado pelas dissensões intestinas, tentou restabelecer o imperio; mas foi tambem infeliz na tentativa. E, sendo derrotado e vencido, foi afinal fuzilado.

As provincias da América Central, fieis á Hespanha até 1821, destacaram-se tambem, então, da metropole, e juntaram-se ao imperio ephemero de Iturbide. Só em

1824, é que ellas se constituiram em confederação de cinco republicas, cuja reunião se tornou completa em 1828.

Quanto á vice-realeza de Hespanha em Buenos Ayres, em 1810, sob a influencia dos acontecimentos da Europa, tanto essa colonia como Montevideu e o Paraguay expulsaram os vice-reis, mas só proclamaram a sua independencia, em 1816. E, em 1817, o congresso de Tucuman occupou-se da constituição, que foi promulgada, só em 1819.

O Chili libertara-se tambem, em 1910, para recair novamente, por causa da rivalidade dos seus chefes, na sujeição primitiva (1914). Mas, em 1817, tornou-se a levantar, e, depois de uma guerra sangrenta, pôde alcançar a sua independencia, em 1818.

Em 1811, Venezuella proclamara egualmente a sua independencia. Esse primeiro grito foi suffocado sem difficuldade, especialmente, pelo auxilio do clero; mas a insurreição de novo se ateou, commandada por Bolivar, que, sendo nomeado dictador, organisou uma guerra terrivel e sem quartel contra os Hespanhoes, que, por seu lado, se houveram com o mesmo fervor.

Venezuella e a Nova Granada reuniram-se, então, por um tratado, e escolheram Bolivar por generalissimo do exercito colligado. E, no congresso de Hangostura, as duas republicas convencionaram federar-se n'um unico Estado, denominado—Estados Unidos da Columbia (1819).

Apesar d'isso, ainda a guerra continuou por algum tempo, até que, finalmente, a Columbia conseguiu a sua independencia, em 1824, nomeando Bolivar seu presidente.

Não contente em libertar a Columbia, esse heroe quiz tambem ser o libertador do Peru. Esta colonia tinha-se constituido em republica, pelo auxilio de um aventureiro inglez, o almirante Cochane. A lucta das facções, porém, assumiu tal gravidade que os realistas prepararam-se para restaurar o antigo estado de coisas.

Foi, então, que Bolivar correu em auxilio da republica ameaçada. Os Hespanhoes foram completamente derrotados na batalha decisiva de Ayacucho (1824); e Bolivar foi proclamado pelo congresso de Lima protector perpetuo do Estado que elle acabava de libertar.

Quanto ao Equador, formava elle trez departamentos da Columbia, que foram, portanto, comprehendidos na emancipação d'ella. Mas, em 1839, seguindo o exemplo de Venezuella, declarou-se independente, sob o nome de *Republica del Equador.*

Assim das antigas colonias a Hespanha só conservou Cuba e Porto Rico [1].

Quanto ao Brazil, em 1818, a côrte portugueza, fugindo da invasão franceza, capitaneada por Junot, procurou refugio n'essa colonia.

Apesar do systema absoluto que então dominava no Brazil, a presença do rei e do Governo teve como consequencia o augmento de regalias para essa possessão portugueza, modificando de um modo sensivel as suas relações com a metropole.

---

[1] America, *Historia de su colonizacion, dominacion y independencia,* por Coroleu, completada por Manoel Aranda y Sanjuan. —Weber, *Historia Universal,* traduzida por Delfim de Almeida.

Com effeito, o Brazil deixou de constituir uma simples colonia, sendo até erigido em reino, em 1815. Mas isso não apagou a exaltação dos espiritos, que desejavam emancipal-o completamente da metropole.

Em 1817, rebentou lá uma revolução separatista, que foi abafada. E, depois de D. João VI ter vindo para a Europa, em 1821, deixando na America o seu filho D. Pedro, com instrucções de conservar o Brazil sempre unido á corôa portugueza, ou, se isto se tornasse impossivel, ao menos, de o salvar para a dynastia de Bragança, levantaram-se differentes provincias, proclamando o mesmo D. Pedro, como defensor perpetuo do Brazil, em março de 1822. E, alguns mezes depois, em outubro do mesmo anno, uma assemblea nacional lhe conferiu o titulo de imperador [1].

Este outhorgou, então, em 1824, uma constituição liberal; mas, apesar d'isso, descontentou os Brazileiros, e, em 1830, teve de abdicar em seu filho, D. Pedro II, partindo para a Europa, a defender a corôa de sua filha D. Maria II.

*

* *

3.ª epoca. Na terceira epoca (1830-1848) a *revolução de julho* influiu grandemente na Europa, no sentido

---

[1] No Brazil, governaram D. João VI, como regente (1786-1816), e como rei (1816-1821); D. Pedro I, como regente (1821-1822), e como imperador (1822-1830); D. Pedro II, (1830-1889); e a republica, proclamada em 1891 e organisada sob o nome de *Republica dos Estados Unidos do Brazil,* depois d'isso.

liberal. Surgiram contendas entre os proprios constitucionaes, e começaram a palpitar fortemente os desejos da republica, e a levantar-se tambem fortemente a fermentação socialista.

Na França, Luiz Filippe proclamou uma Carta Constitucional, mais liberal, mas em que predominava a burguezia; de modo que sómente os burgezes é que tiraram proveito da revolução. Isto descontentou o povo e a nobreza, e deu logar a que os motins continuassem em Paris, e que uma forte opposição, constituida por antigos legitimistas e por bonapartistas e republicanos, principiasse a hostilizar o Governo.

Sobretudo, estes ultimos fizeram-lhe correr os maiores perigos. Organisados em sociedades secretas, levantaram varios movimentos revolucionarios ou varias insurreições, como, por exemplo, em Lyon, desde 1831 a 1835, e, em Paris, em 1832 e 1834.

Luiz Filippe respondeu a estas insurreições, com medidas repressivas; e, entre essas agitações e contendas da liberdade contra a oppressão, se passou quasi inteiramente a vida interior do reino.

No exterior, a conquista de Algeria, já começada na epoca anterior, foi definitivamente acabada, em 1841, depois de uma lucta renhida, que durou sempre, desde 1835.

A Belgica, em 1830, no mesmo anno em que se dava a revolução de julho, revoltou-se contra a Hollanda; e, depois de uma lucta armada, proclamou a sua independencia, em 13 de novembro do mesmo anno.

Apesar d'isso, a Hollanda continuou as hostilidades até que, em 1831, pela resistência belga e pela intervenção da França, os Hollandezes tiveram de reconhe-

cer aquella independencia, ficando a Belgica a ser governada pelo rei Leopoldo I [1].

Na Polonia, a 29 de novembro de 1830, levantou-se Varsovia, forçando o duque Constantino, irmão do czar, a retirar-se, e proclamando um governo provisorio.

Seguiu-se uma guerra com a Russia, em que os Polacos se encheram de gloria, até que foram vencidos. Da Polonia livre ficou apenas subsistindo a cidade livre de Cracovia, como para attestar os restos independentes d'esse paiz.

Na Suissa, tambem em 1830, começou a levantar-se uma agitação contra os governos aristocraticos, no cantão de Argovia, agitação essa que foi ganhando os de Soleure, Friburgo, Zurich, Saint-Gall, Thurgovia, Vaud, Berne, Lucerne, Shaffouse, e, sobretudo, Bale. Deu isso em resultado a revisão de varias constituições e a divisão do cantão de Bale, por virtude de uma deploravel guerra civil, em duas partes—Bale-Ville e Bale-Campagne.

Ao mesmo tempo, foi confirmada internacionalmente a neutralidade permanente da Suissa [2].

---

1 Na Belgica, até o fim do seculo XIX, governaram os reis, Leopoldo I Saxe-Coburgo-Gotha (1831-1865); Leopoldo II Saxe-Coburgo-Gotha (1865-1909).

Na Hollanda, tambem n'este periodo contemporaneo, até o fim do seculo XIX, governaram: Guilherme V (de Orange) (1751-1795); republica Batava (1795-1806); Luiz Bonaparte (1806-1810); Guilherme I (de Orange), como rei dos Paizes Baixos (1814-1831); o mesmo Guilherme I, como rei da Hollanda, (1831-1840); Guilherme II (de Orange), (1840-1849); Guilherme III (de Orange), (1849-1890); Wilhelmine (de Orange), de 1890 em diante.

2 Adriano Anthero, *O Direito Internacional*, pag. 367.

A Alemanha agitou-se tambem, desde logo, á nova da *revolução de julho;* e muitos soberanos tiveram de dar, tambem desde logo, nova constituição, ou mesmo de renunciar ao trono.

Assim, o duque de Brunswick retirou-se diante de seu irmão; o rei da Saxonia retirou-se tambem do trono diante de seu sobrinho; o eleitor de Hesse Cassel, diante de seu filho, que depois illudiu todas as concessões que tinha feito; o Hanover e a Baviera receberam instituições mais liberaes. E, em vista de tudo isso, a Dieta de Francfort voltou ás medidas repressivas de 1820, annulando as constituições que tinham sido novamente concedidas, e reprimindo severamente as palavras, discursos e tentativas de liberdade.

A *revolução de julho* teve egual repercussão na Italia. Principalmente, os paizes do centro abalaram-se desde logo. Os soberanos de Parma, Modena e Toscana foram obrigados a recuar ou fugir diante do movimento liberal. As Romagnes insurgiram-se, por sua vez, contra o soberano pontifice, Gregorio XVI [1], que se achou, assim, reduzido a Roma.

Em 1831, os delegados de todos os Estados da peninsula chegaram até a reunir-se em Bolonha, e ahi constituiram um Governo central. Mas tiveram de ceder perante a intervenção da Austria, e de modo que até os reis destituidos foram repostos nos seus tronos; e a Italia continuou a soffrer a oppressão dos Austriacos.

A *revolução de julho* influiu egualmente na Inglaterra. O novo rei Guilherme IV (1830-1837) já se tinha

---

[1] Foi pontifice desde 1831, e falleceu em 1848. Vide pag. 24.

aproximado dos Wigs; e as eleições, feitas sob a influencia das ideas liberaes, levaram ao poder lord Grey, que teve como collegas lord Russell e lord Brougham.

Ora, o acto principal do novo ministerio foi o *bill de reforma,* votado, em 5 de julho de 1832, isto é, a reforma das eleições do Parlamento. Até então, os 698 deputados eram nomeados em numero desegual e arbitrario pelos condados, grandes cidades, villas, portos de mar, universidades de Cambridge e Oxford, Paiz de Galles, Escocia e Irlanda. Mas havia um tal arbitrio n'estas designações que muitas cidades importantes só elegiam um deputado, e algumas outras não elegiam nenhum, emquanto que havia muitas villas, que eram propriedade de um só senhor, e este dispunha de muitas cadeiras no parlamento. E até 471 deputados estavam sob a influencia directa de 104 pares e de 121 grandes proprietarios.

Pela reforma de John Russell, o numero de villas eleitoras foi diminuido; as cidades importantes que não tinham representante directo, receberam o direito de o elegerem; dez libras de rendimento davam a faculdade de votar; diminuiu o numero de deputados; e augmentou o numero dos eleitores.

E esta reforma foi seguida da adopção de duas medidas radicaes, a abolição da escravatura dos negros nas colonias, e a lei *sobre os pobres*, regulamentando a taxa que havia sido estabelecida pelo Governo a seu favor, de modo a regular a percepção d'essa taxa e o seu emprego, em proveito dos enfermos internados nos hospicios ou casas de trabalho, segundo a edade e as forças.

Em 1837, a rainha Victoria substituiu Guilherme IV. Pela sua ascenção ao trono, o Hanover separou-se da Inglaterra, e constituiu-se em reino independente.

No seu tempo, a India, que, segundo já vimos, estava inteiramente submettida, e que foi approximada da Europa por meio de uma linha directa e regular de communicações com Londres, atravez do Mar Vermelho, recebeu uma constituição, que ella conservou até 1855. De modo que, por essa constituição, havia um Governador Geral em Bengala, que, por seu lado, tinha abaixo d'elle as presidencias de Madrasta e Bombaim e o governo de Agra.

Tambem a Inglaterra, em 1838, firmou a sua influencia no Afganistan, de que os Russos a queriam privar. Conquistou, depois de uma guerra violenta, o Sidney e o Pendjab, que foram reunidos ao imperio indiano, e impoz a sua suzerania sobre o Belutchistan. E tambem n'esta epoca, teve guerra com a China, por causa do celeste imperio ter prohibido a importação do opio, de que os Inglezes faziam grande consumo.

Já o imperador Kia-King, que reinou desde 1795 a 1820, tinha prohibido, pela primeira vez, essa importação; mas, apezar d'isso, o contrabando conseguia introduzir na China muitas caixas d'esse narcotico. Depois, com o seu successor, Tao-Konang, que reinou desde 1820 a 1851, aconteceu a mesma coisa, e, em 1839, foram ali aprehendidas 22 mil caixas em navios inglezes, ancorados em Cantão.

Seguiu-se, por isso, a guerra entre as duas potencias, que terminou, em 1844, pelo tratado de Nankin, ficando por elle abertos a todos e quaesquer navios, sem distincção de nacionalidade, os cinco portos de

Cantão, Amoy, Fu-Tcheou-Fou, Ning-Po e Shang-Hai; e ainda a China abandonou aos Inglezes a ilha de Hong-Kong, e lhes fez outras concessões commerciaes.

A França, tambem no mesmo anno de 1844, além de conseguir as concessões mercantis que haviam sido concedidas á Inglaterra, obteve mais a permissão dos Chinezes se poderem fazer christãos, o reconhecimento da cruz e das imagens consagradas como signaes do christianismo, e a restituição ao culto catholico das egrejas que tinham sido convertidas em pagodes ou em edificios publicos.

Em Portugal, pela victoria de D. Pedro IV sobre D. Miguel, em 1834, ficou definitivamente assente o Governo Constitucional. Mas despertou então a rivalidade entre os *cabralistas* e os *progressistas*, que trouxe uma agitação permanente até 1852, e deu tambem logar a uma guerra civil em 1846 e 1847.

Em Hespanha, Fernando VII falleceu em 1833, depois de ter feito reconhecer como rainha sua filha Izabel, ainda menor (1834-1862), nascida do seu quarto casamento com Maria Christina, de Napoles, que foi proclamada regente. Mas D. Carlos, irmão do fallecido, e que este, n'um momento de hesitação, tinha declarado rei, reclamava a coroa para si, apoiando-se na lei salica, importada na peninsula por Filippe V, que prohibia as mulheres de subirem ao trono.

Resultou d'ahi uma guerra civil de dez annos entre *Christinos e Carlistas,* chamados tambem *Apostolicos,* por causa da sua dedicação e devoção pelos negocios da Egreja: guerra que terminou pela *convenção de Bergara,* fugindo D. Carlos para França.

No mesmo tempo da guerra carlista, levantava-se outra guerra civil entre os partidarios da rainha, que seguiam uma politica moderada, e os que pretendiam uma politica mais rasgadamente liberal. Essa guerra terminou, em 1843, pela proclamação da maioridade de Isabel, podendo depois d'isso o governo constitucional funcionar livremente.

Nos paizes escandinavos, [1] tambem se fez sentir a fermentação liberal, porque a Dinamarca teve a sua primeira constituição só em 1849; e a Suecia e Noruega,

[1] Quanto aos paizes escandinavos, até 1815 a Noruega pertencia aos reis da Dinamarca. Depois de 1815, a Dinamarca, Suecia e Noruega formaram trez reinos distinctos. Mas a Suecia e Noruega tinham um rei commum. Todas ellas se tornaram no seculo XIX monarchias constitucionaes; a Noruega, porém, logo no tempo da união (1915), obrigou o rei da Suecia a aceitar uma constituição muito liberal para a epoca, e, no fim do seculo, obteve o sufragio universal.

A Suecia conservou as velhas instituições e a antiga Dieta, dominada pelos nobres e clero. Mas, em 1865, foi ella substituida por um parlamento moderno, eleito pelo suffragio censuario.

A Dinamarca teve a sua primeira constituição, em 1849, e uma outra, em 1866.

Na Suecia e Noruega, n'este periodo, até o fim do seculo XIX, reinaram Gustavo III (Holstein Gottorp) (1771-1792); Gustavo Adolfo IV (Holstein Gottorp) (1792-1809); Carlos XIII (Holstein Gottorp) (1809-1818); Carlos XIV (Bernadotte) 1818-1844); Oscar I (Bernadotte (1844-1858); Carlos XV (Bernadotte) (1859-1872); Oscar II (Bernadotte) 1872-1907).

Na Dinamarca, governaram Chrisitiano VII (1766-1808); Frederico VI (1808-1839); Christiano VIII (1839-1848); Frederico VII (1848-1863); Christiano IX (1863-1906).

só no tempo de Oscar I, obtiveram também differentes garantias liberaes.

Mesmo na Turquia, o imperador Mahmoud [1], que, á imitação de Pedro Grande da Russia, quis civilisar bruscamente o seu paiz, reorganisando o exercito, formando e instruindo a marinha, fomentando o desinvolvimento do commercio, da industria e da agricultura, embora com o monopolio dos productos mais lucrativos em seu favor, e promulgando um codigo, em que se estabelecia a egualdade de direitos para todos os cidadãos, alargou tambem a liberdade dos seus subditos. No tempo d'este imperador, até as modas do occidente da Europa acharam bom acolhimento em Constantinopla.

Quatro guerras encheram o reinado de Mahmoud, a saber: contra a Russia, Servia, Provincias Danubianas e Egypto.

A guerra contra a Russia, que foi a primeira d'ellas, terminou pelo *tratado de Bucharest,* em 1812, que cedeu ao czar a Besserabia e a fronteira de Pruth.

A guerra da Servia terminou, em 1830, com a intervenção da Russia, que fez reconhecer o principe de Milosh como *hospodar* hereditario, mas ficando sujeito á suzerania nominal do czar, e obrigado a pagar-lhe um tributo annual.

---

[1] Na Turquia, n'este periodo, até o seculo XIX, governaram Selim III (1789-1807); Mustapha IV (1807-1808); Mahmoud II (1808-1839); Abd-Ul-Mendjid (1839-1861): Abd-Ul-Aziz (1861-1876); Mourad V (1876-1876); Abd-Ul-Hamid II (1876-1909).

Em todo o caso, a Servia ficou dependente da Turquia, e considerada nominalmente, como uma parte do imperio. Só alcançou mais tarde a sua independencia no congresso de Berlim de 1882, em que foi proclamada como reino autonomo, sob o reinado de Milão I [1].

Com as provincias danubianas, Moldavia e Valachia, aconteceu a mesma coisa; porque tambem acabou a guerra pela intervenção da Russia, a cuja suzerania ficaram sujeitas.

No Egypto, no principio do seculo XIX, governava o vice-rei Mehemet-Ali; e o seu dominio estendia-se até a Arabia, onde elle submetteu os Wabitas, e até ás regiões distantes do Nilo superior.

Seu filho Ibrahim, incumbido por elle de submetter a Syria, apoderou-se primeiramente de S. João de Acre, e bateu em seguida o exercito da Turquia, no desfila deiro de Beïlan, que domina a Asia Menor.

Penetrou n'este paiz, e marchou sobre Constantinopla. O sultão pediu o auxilio dos Russos, que lançaram cinco mil soldados nas costas da Asia. E, então, pela intervenção das potencias occidentaes, que se temiam do augmento do poder da Russia, acabou a guerra, pelo *tratado de Kutaieh,* em que a Turquia cedeu ao vice-rei do Egypto o districto de Adana, chave da Syria e os quatro pachalicks d'este paiz: Alep, Damasco, Tripoli e S. João de Acre (14 de março de 1833). E, por seu lado, a Russia obteve da Turquia

---

[1] Os reis que governaram a Servia até os fim do seculo XIX, foram Milão I (Obrenovitch) (1882-1889), e Alexandre I (Obrenovitch) (1889-1903).

a obrigação de abrir livremente o Bosphoro, que até ahi estava fechado, mesmo para as potencias accidentais.

Mas esse tratado não chegou a ser executado, pela opposição d'aquellas potencias, que não desejavam que a Russia podesse tomar assim conta do Mediterraneo.

Ora, o sultão Mahmoud só tinha acceitado constrangido a vergonha do *tratado de Kutaieh* (1833). Preparou, por isso, a desforra, e, em 1839, invadiu a Syria. Mas o seu exercito foi completamente derrotado por Ibraim, e a sua frota cahiu tambem nas mãos de Mehemet-Ali, pela traição de um pachá do mesmo sultão.

Mahmoud falleceu, poucos dias depois, succedendo-lhe seu filho, de 16 annos de edade, Abd-Ul-Medjid (1839); mas, então os representantes das grandes potencias, por uma nota de 1839, obrigaram-no a não proceder sem o concurso d'ellas, o que foi talvez a salvação do imperio turco.

Quanto aos Russos, tinham elles augmentado sucessivamente o seu poder na Asia. Assim, em 1799, tinhamse apoderado da Georgia; em 1801, da Gouria; em 1803, da Mingrelia; em 1804, da Imerethia; em 1813, por cessão da Persia, de Chirvan e Dagestan, quer dizer, do litoral do Mar Caspio; em 1828, das provincias de Nakkitchevan e Erinan. E o tratado de Tourkmanchaï, que fez esta ultima concessão, abandonou-lhes tambem a navegação exclusiva do Mar Caspio, e os deixou ingerir, por uma das clausulas, nos negocios exteriores da Persia. Era o mesmo que abrir-lhes não sómente esse paiz, mas também a Asia Menor.

Senhores assim da vertente meridional do Caucaso, foram depois submettendo, pouco a pouco, as terriveis populações que tinham achado, até então um asylo

inviolavel nas montanhas; até que, depois de luctas encarniçadas, completaram a sujeição d'ellas, em 1859. E tambem puderam completar a dominação dos Khirguises, que tinham resistido aos imperadores anteriores.

*

* *

4.ª epoca. A quarta epoca da historia politica d'este periodo decorreu, como já dissemos, depois da segunda republica franceza, até á guerra da França com a Allemanha, em 1870.

Essa republica pouco tempo durou. Proclamada em 24 de fevereiro de 1848, e dirigida primeiramente por um governo provisorio, presidido pelo general Cavaignac, e depois por Luiz Napoleão, desde 1 de dezembro de 1848 a 2 de Dezembro de 1851, foi em seguida submettida á dictadura do mesmo Luiz Napoleão, até que, em 2 de dezembro de 1852, foi restabelecido o imperio na pessoa d'elle.

Mas, apezar de durar pouco tempo, influiu tambem largamente na Europa.

Assim, na Italia, determinou, desde logo, o adiantamento das instituíções constitucionaes. Já depois de uma revolta da Sicilia, o rei de Napoles, Fernando II, tinha concedido uma constituição liberal, em fevereiro de 1848, e, quatro dias depois, o Grão Duque de Toscana fez a mesma coisa.

Por seu lado, em 4 de março, o rei Carlos Alberto outorgara ao Piemonte a constituição que elle proprio tinha promettido, desde alguns annos; e Pio IX promul-

gava, tambem n'esse anno, uma constituição para os Estados pontificios. E, a par de tudo isso, a revolução geral italiana caminhava a grandes passos, tomando um caracter radical, para a expulsão dos Austriacos e proclamação da republica unitaria.

Effectivamente, em breve se levantou uma insurreição geral contra a Austria, em que entraram alguns dos reis da peninsula, commandados por Carlos Alberto. Mas, tendo este sido vencido na batalha de Novara, abdicou em seu filho Victor Manoel II, que se apressou a fazer a paz com os Austriacos. E seguidamente sucumbiram tambem outros Estados e cidades, que egualmente se tinham levantado contra a Austria.

Apezar d'isso, o movimento republicano despertou por toda a parte. Mesmo em Roma, obrigou o papa Pio IX, que se receava dos republicanos, a refugiar-se em Gaeta. E, estando aquella cidade, assim privada de pontifice, uma assemblea constituinte, eleita por suffragio universal, em 6 de fevereiro de 1849, o destituiu do poder temporal, e proclamou a republica democratica, com um poder executivo de seis membros, entre os quaes figurava Mazzini, que em breve se tornou o mais nfluente do Governo. Então, a França interveiu com um exercito, que occupou Roma, e destituiu o governo republicano; e, alguns mezes depois, aquelle pontifice recolheu novamente á capital.

Apesar do desastre de Novara, o Piemonte, ficara constitucional, e o seu novo rei Victor Manoel II não quiz revogar um estatuto promulgado por elle proprio.

A Austria, que conservava o Governo absoluto, na parte da Italia occupada por ella, descontentou-se com isso, e d'ahi resultou uma indisposição entre os dois

paizes. Então, o Piemonte, receiando um ataque, tratou de se preparar militarmente; a Austria exigiu o desarmamento; e, não accedendo o Piemonte, seguiu-se a guerra da Italia de 1859, na qual a França tomou tambem parte, a favor da península.

Os Austriacos foram vencidos, e terminou a guerra pelo armisticio de Villa Franca, seguindo-se a paz de Zurich, no mesmo anno de 1859.

Por essa paz, a Lombardia foi cedida ao Piemonte, e a França adquiriu a Saboia e o condado de Nice.

Mas não ficaram por ahi as agitações do Piemonte e da peninsula. Victor Manoel II tinha repudiado, em 1859, os votos de annexação da Italia Central; mas, em 1860, resolveu acceital-os, e realisar essa annexação. Adquiriu, assim, desde logo, Parma, Modena, Romagna e o Grão Ducado de Toscana.

Nesse mesmo anno, pelos esforços de Garibaldi, a Sicilia foi annexada ao rei de Napoles, Francisco José II. Mas depois o mesmo Garibaldi tomou essa cidade, e proclamou-se dictador, protestando embora a sua fidelidade á causa da Italia e de Victor Manoel II.

Então, este rei, tomando a iniciativa da unificação de toda a peninsula, invadiu o reino napolitano e os Estados Pontifices; e em 13 de Fevereiro de 1861, a Italia inteira, inclusivamente o patrimonio de S. Pedro, reconheceu o mesmo dominio.

Victor Manoel foi, então, proclamado rei de Italia; e para isso muito contribuiram os esforços do seu grande ministro Cavour, que pôde conseguir a alliança estrangeira, especialmente a franceza.

Resultou d'ahi a guerra da Austria com a França e Italia, que terminou pela derrota dos Austriacos nas

batalhas de Magenta e Solferino, sendo o imperador da Austria obrigado a ceder a Venecia a Napoleão III, que, depois de acabada a guerra, a restituiu á Italia.

Na Allemanha, também a explosão de fevereiro foi seguida de novas concessões liberaes. Apesar d'isso, o partido democratico pediu a revisão do pacto federal de 1815, em vista da unidade allemã; e para esse effeito reuniu-se em Francfort—sobre o Mena, um parlamento nacional, onde o archiduque João foi nomeado vigario do imperio; e se decretou uma bandeira geral germanica, bem como se confeccionou um codigo de lei para todo o povo allemão.

O imperio foi depois deferido ao rei da Prussia.

O imperador da Austria, com o fundamento de que esta assemblea excedeu os seus fins, chamou òs seus delegados. Muitos outros Estados fizeram a mesma coisa; e com isso infiltrou-se a desordem por toda a parte, e o proprio parlamento foi obrigado a dissolver-se. Emfim, a 2 de Dezembro de 1849, o archiduque João abdicou o seu titulo de vigario do imperio.

Depois, antes que viesse a restabelecer-se a grande Dieta, o que só teve logar, em 31 de março de 1851, houve muitos conflictos interiores, de modo que pouco faltou, para que a Allemanha se dividisse em duas—a pequena Allemanha, agrupada em volta da Prussia, e a grande Allemanha, em volta da Austria. E, ao mesmo tempo, houve tambem grandes desordens na Prussia, até que Frederico Guilherme I deu uma constituição aos seus Estados.

Na Austria, houve ainda mais serios abalos; porque este vasto imperio era constituido por diversas raças, que aspiravam, desde ha muito, a formar nacionalidades distinctas.

E, por isso, *a revolução de fevereiro* fez-se ressentir não sómente em Vienna, onde o ministerio Metternich cahiu diante de uma manifestação dos estudantes (13 de março 1848); mas tambem na Italia austriaca, na Bohemia e na Gallicia. E essas perturbações obrigaram o imperador Fernando IV a abdicar em seu sobrinho Francisco José, de 18 annos de edade (2 de abril de 1848), que promulgou uma constituição nova para todos os habitantes do imperio.

A Hungria tinha obtido já importantes concessões, como a administração distincta, um ministerio tambem distincto do da Austria, e a reunião de uma assemblea nacional em Buda-Pesth. Mas o paiz achou um inimigo ás suas portas, e quasi, no seu seio, o *ban* da Croacia, Jellachick, todo dedicado á Austria; e teve, por isso, de recorrer ás armas contra elle. E, tendo esse *ban* sido auxiliado por Francisco José, que os Hungaros não queriam reconhecer, a Austria, não contente com as proprias forças, pediu o auxilio dos Russos.

Então, a Hungria foi invadida por toda a parte. Kossuth, nomeado governador geral pelo parlamento, fez prodigios de valor; mas, sendo vencido, teve de retirar-se do seu paiz, que ficou exposto ás represalias dos vencedores.

Entretanto, a rivalidade entre a Prussia e a Austria fazia que o grande ministro de Guilherme II, Bismark, sonhando com a unidade allemã sob a preponderancia da Prussia, fosse preparando tudo caladamente para a lucta; e achou occasião propicia na complicação da *guerra dos ducados*.

Assim, o rei da Dinamarca possuia os ducados unidos de Schleswig e de Holstein, e este ultimo fazia parte

da confederação allemã. Em 1863, tendo o rei Frederico VII fallecido, o marido de sua sobrinha, Christiano IX, foi reconhecido rei pela Dinamarca. Mas os ducados não o reconheceram, antes proclamaram como tal a Frederico de Augustembourg I, e recorreram á Dieta allemã, para sustentar, como sustentou, essa nomeação.

A Austria e Prussia intervieram por sua vez, e a Dinamarca foi vencida e obrigada a ceder-lhes o Schleswig e o Holstein; e, na administração d'estes Estados, sobrevieram logo complicações entre os vencedores. D'ahi surgiu o pretexto que Bismark tomou para enviar tropas ao Holstein, e, como consequencia, a guerra com a Austria.

A campanha foi rapida. A Austria, esmagada em Sadowa, teve de acceitar o tratado de Praga (1886), donde resultou a ruina da antiga *confederação da Allemanha,* ficando, então, a Austria excluida tambem da antiga Allemanha; a passagem d'esta para a exclusiva dominação da Prussia; a enorme extensão do poder prussiano, que annexou a si o Hannover, Nassau, Hesse, Francfort, Schleswig e Holstein; e a *confederação do Norte*, formada por todos Estados ao norte do Mena.

Os Estados federaes ficaram autonomos; mas todos os poderes militares e diplomaticos eram confiados a um Governo federal, presidido pelo rei da Prussia, que ficou tambem presidente da Confederação.

Sadowa marcou o fim da preponderancia franceza na Europa.

Tambem a *revolução de fevereiro* se fez sentir nos Principados Danubianos.

A Moldavia e Valachia estavam sujeitas ao duplo protectorado da Russia e Turquia. E, sobretudo, o jugo dos Russos era-lhes muito pesado. Mas, no mesmo anno de 1848, levantou-se tambem lá uma revolução liberal, que obrigou o *hospodar* de Valachia a dar uma constituição. Os Russos, para abafarem essa revolução, que desarranjava todos os seus projectos da preponderancia sobre o Danubio, invadiram os Principados; e os Turcos, para contrabalançarem a influencia dos seus vizinhos, mandaram tambem um exercito.

A revolução foi vencida, ficando essas provincias novamente sujeitas a um jugo, ainda mais pesado, da Russsia e Turquia combinadas, que, tambem de combinação nomearam o respectivo *hospodar.* Mas o imperador Nicolau da Russia, attribuindo-se uma ideia exagerada da sua força, exigiu da Turquia que lhe delegasse o protectorado effectivo e perpetuo sobre todos os subditos gregos do imperio turco, em numero quasi de onze milhões, o que lhe daria uma grande influencia no mesmo imperio. E, sendo repellida essa pretensão, a Russia invadiu a Moldavia. Era a guerra. A Turquia pediu o auxilio das potencias occidentaes; e, então, a Inglaterra e a França uniram-se a ella contra a Russia.

O primeiro theatro d'essa guerra foi n'aquellas Provincias Danubianas, onde os Russos foram vencidos (1854); e, pelo tratado de paz d'esse anno, a Austria, é que ficou encarregada da guarda d'ellas.

A Inglaterra e a França foram depois atacar a Russia com os seus navios de guerra, no Mar Baltico. Bombardearam Cronstadt, Swealborg e Helsingfors; tomaram Aland, e ao mesmo tempo bloquearam os

portos do Mar Branco; e prosseguiram as hostilidades em todos os mares, no Caucaso e mesmo em Kamstchatka. E, alem d'isto, os exercitos alliados resolveram fazer a guerra dentro da propria Russia; de modo que entraram na Crimeia, e tomaram Sebastopol (17 de outubro de 1855), seguindo-se o tratado de Pariz de 1856, pelo qual a Russia restitituiu á Turquia as praças que lhe havia tomado.

Quanto ás Provincias Danubianas, formando, sob o nome de Provincias Unidas, dois Estados distinctos, mas com uma legislação commum, em 1859, escolheram como chefe o general Couza, ficando, assim, sujeitas á Turquia. Couza tornou-se odiado pelo seu caracter despotico; e, por isso, uma revolução liberal o destituiu, e nomeou em seu lugar o principe Carlos de Hoenzollern. E, então, attendendo á sua origem, os mesmos Estados tomaram o nome de Romania, e Bucarest tornou-se a capital. O tratado de Berlim (1878) constituiu a Romania independente, e ajuntou-lhe Dobroutcha, em troca da Besserrabia, que foi dada á Russia.

A 26 de março de 1881, o principe Carlos tomou o titulo de Carlos I, rei da Romania.

Aquella guerra da Crimeia levantou tambem as esperanças da Bulgaria, que era vassalla da Turquia, e que supportava com impaciencia o jugo mussulmano. A menor revolta era abafada com sangue; as hordas dos Albanezes pilhavam e queimavam as aldeias, e matavam as mulheres e creanças; e os Bulgaros, aterrados, emigravam em massa, procurando um refugio nos paizes vizinhos. Animados secretamente pela Russia, reclamaram uma constituição, que a Porta recusou. Foi

o signal de um levantamento geral; e os Romenos, os Servios e os Montenegrinos fizeram, então, causa commum com elles.

A conferencia de Constantinopla tratou de regular a situação entre o sultão e aquellas Provincias Danubianas, mas em vão. E a Russia começou as hostilidades, que se prorogaram até 1877, em que se fez o tratado de S. Stefano, logo modificado pelo de Berlim de 1878, ficando a Bulgaria, ao norte dos Balkans, constituida em principado autonomo, supposto que tributario do sultão. Podia eleger o seu principe, mas não podia ter nenhuma fortaleza no seu territorio.

Ainda assim, embora a Bulgaria não tivesse obtido o tornar-se um reino independente, constituiu-se em monarchia (1879); e a coroa foi offerecida ao principe de Battemberg [1].

O Montenegro, que estava sujeito á Russia, obteve egualmente a sua independencia por essa campanha, em que entrou com as outras Provincias Danubianas. E a sua autonomia foi depois tambem confirmada no congresso de Berlim (1878), ainda com o augmento de parte de Antivari [2].

Na Polonia, houve, em 1864, uma insurreição contra a Russia, que foi duramente reprimida, a ponto de que mesmo a lingua polaca foi proscripta, e a russa tornou-se a lingua official.

---

[1] Neste periodo, governaram lá os reis Alexandre I (Battemberg) (1879-1826), e Fernando I de Saxe Coburgo, dahi por diante.

[2] Governaram no Montenegro, até o fim do seculo XIX, Danilo, principe (1852-1860), e Nicolau I, principe, de 1860 em diante, e que só foi proclamado rei, no seculo XX, em 1910.

*
* *

Vejamos agora, além do que fica exposto, o que se passou de mais importante nas outras partes do Mundo.

A Algeria estava já unida à França como irmã. Restava ainda, porém, submetter, quasi ás portas d'ella, o territorio dos Kabilas, considerado inaccessivel; e, um pouco mais longe, na entrada do deserto, os oasis, cuja posse era indispensavel aos Francezes, para que o seu dominio não tivesse intervallos. Foi essa a obra dos seus generaes, desde 1850 a 1858.

O paiz do Senegal estava tambem, desde ha muito, submettido á França; mas, em 1856 e 1860, ella pôde annexar o paiz de Oualo, Toro, Dimar e Damga.

Mesmo no Extremo Oriente, o Japão, depois de uma revolução violenta, em 1868, havia-se organisado em Estado moderno. Era primeiramente governado absolutamente, constituindo uma monarchia guerreira e feudal. O povo estava dominado pelos senhores ou *daimios*, rodeados dos seus homens de armas, os *samorais*. Esta nobreza tinha um chefe hereditario — o *shogun* ou *taikoun*, que era o verdadeiro senhor do paiz.

O imperador ou *mikado* só tinha conservado uma auctoridade religiosa.

Como os imperadores chinezes, tambem os *shoguns*, primeiramente tolerantes, fecharam depois o Japão completamente aos Europeus, salvo a feitoria hollandeza de Desgima. Mas, em 1853, os Estados Unidos quizeram abrir o Japão ao seu commercio, e

uma esquadra appareceu diante do Jeddo, que forçou o *shogun* a tratar com aquella republica (1854), no sentido de lhe abrir alguns portos. Alguns outros Estados se apressaram a concluir tratados analogos; e Nangasaki, Kobé, Yokoama e outros foram abertos ao commercio estrangeiro.

Depois, a Inglaterra, a França e a Russia, por sua vez, em 1858, 1860 e 1862, obtiveram ainda outras vantagens a favor dos estrangeiros. A Russia conseguiu até a parte meridional da ilha de Saghalien, cujo norte já lhe pertencia. E, tendo posteriormente o Japão cortado as garantias que havia concedido, o almirante inglez Kieper bombardeou Kagosimo, em 1863, e as boas relações anteriores foram restabelecidas.

A par de tudo isso, houve no Japão uma guerra civil demorada (1858-1868). E, por fim, o mikado tornou-se unico senhor; e, sustentado pela maior parte dos nobres Japonezes, resolveu transformar as instituições do Japão, para salvaguardar a sua independencia (1868).

O antigo regimen feudal foi abolido. Com um admiravel poder de assimilação, os Japonezes appropriaram as instituições da Europa moderna; e, estimulados por um patriotismo ardente, empenharam-se tambem em desinvolver rapidamente as forças militares do paiz.

Havia sempre uma grande rivalidade entre o Japão e a China; e esta rivalidade fez rebentar mais tarde entre as duas nações a guerra de 1895, provocada pela questão da Corea, que era um imperio independente, mas sobre o qual os dois Estados tinham pretensões. E já issso havia produzido numerosos conflictos entre elles.

Com grande surpresa da Europa, o Japão ficou rapidamente e completamente vencedor; e a China teve de assignar o desastroso tratado de Simonoseki, cedendo o Porto Arthur, Formosa, Pescadores, etc. [1].

A China, despeitada por ter de abrir os seus portos ao commercio do mundo, começou a tractar mal e a perseguir os estrangeiros, especialmente os Inglezes e Francezes; e d'ahi se originou outra guerra, tambem intentada pela Inglaterra e França contra os Chinezes, que terminou pela paz de 1866, em que o rio Azul e seis novos portos foram abertos ao commercio universal.

As perseguições da Cochinchina contra os Christãos e o despreso das reclamações da França, que se reputava com direitos antigos sobre esse paiz, pois que já a Turane lhe tinha sido cedida, em 1787, e bem assim a practica de differentes aggravos contra a Hespanha, levaram estas duas nações a declarar guerra áquelle Estado, que terminou pelo tratado de Saigon, em que a Cochinchina abandonou á França as tres provincias de Saigon, Bien-Hoa e Mytho, e abriu os portos de Tonkin ao commercio de todas as nações.

*

* *

No Novo Mundo rebentaram tambem differentes guerras e agitações.

Assim, nos Estados Unidos, a descoberta das minas de ouro na parte do Mexico e na California, annexados

---

[1] Ladislau Batalha. *O Japão por dentro.*

á confederação, tornaram-se uma fonte de riqueza consideravel. Mas, sob esta apparente prosperidade, occultavam-se as causas de uma grande discordia politica e social. Os Estados do norte, que foram os primeiros colonisados e onde preponderavam quasi exclusivamente os industriaes, commerciantes e marinheiros, eram proteccionistas; os Estados do sul, onde preponderava a agricultura, eram livres cambistas. Mas a questão principal era a da escravatura.

No norte, a maior parte dos habitantes repulsava a escravidão, e por isso tinham recebido o nome de *abolucionistas;* emquanto que os do sul reputavam a escravatura uma instituição necessaria, por intenderem que a cultura do algodão e do assucar sómente era possivel com os negros; e, tambem por isso, foram denominados *esclavigistas.* Eram, em geral, democratas, e tinham obtido por muito tempo a maioria nas eleições presidenciaes.

A eleição, em 1861, do presidente Abrahan Lincoln, que tinha opiniões esclavigistas, foi o signal de guerra entre o norte e sul, chamada guerra da *Secessão.* Os americanos do sul queriam tornar-se independentes dos do norte, e criarem, por isso, uma republica tambem independente. Os outros, pelo contrario, queriam a federação total, e não a separação.

Esta guerra, depois de graves desastres, acabou, em 1865, pela victoria dos federalistas.

O Mexico, desde que se libertara da Hespanha, n'essa lucta sangrenta que durou desde 1810 a 1829, foi sempre victima de uma continuada anarquia; e tendo sido eleito presidente o indiano Juarez, em 1861, as relações com a Europa tomaram uma feição peri-

gosa. Juarez chegou mesmo a expulsar os representantes de Hespanha e da Santa Sé; a prender alguns vice-consules de França; e a exercer actos violentos sobre os proprios Francezes e demais estrangeiros.

Por isso, a França, a Inglaterra e a Hespanha declaram-lhe guerra. Mas, depois de varios incidentes, foi feita pelo general Prim, commandante dos Hespanhoes, uma convenção com Juarez. E, não tendo a França annuido, aquelle general retirou-se com os seus soldados, no que foi acompanhado pelos Inglezes.

Ainda assim, o general francez pôde vencer os Mexicanos, e entrar no Mexico. O paiz pronunciou-se, então, pelo restabelecimento do Imperio, com Maximiliano, archiduque da Austria, e genro do rei da Belgica, indicado pela França. Mas, apezar d'isso, continuou a lucta. Os Francezes foram obrigados a retirar. As forças imperiaes do Mexico foram vencidas pelas forças republicanas, protegidas pelos Estados Unidos. A republica foi novamente restabelecida; Juarez foi tambem novamente nomeado presidente; e Maximiliano, fusilado.

No Brazil, onde já rebentara uma grande revolução, na provincia de S. Paulo, em 1842, outra em Alagoas, em 1844, e ainda outra em Pernambuco, em 1848, houve, em 1852, guerra com o general Oribe, que se levantara contra a republica do Uruguay, e devastava as fronteiras brazileiras; e, por causa d'isso, tambem com Buenos Ayres. Em 1864, houve ainda outra guerra com o Uruguay, e, desde esse mesmo anno a 1869, com o Paraguay, que era commandado pelo presidente Lopes, que foi vencido.

No Uruguay, tambem o Brazil teve guerra com a republica platina, em 1864.

*
* *

5.ª epoca. Esta epoca principia com a guerra entre a França e a Prussia.

Em 6 de julho de 1870, o duque de Gramon, ministro dos negocios estrangeiros em França, annunciava ao corpo legislativo que o general Prim, primeiro ministro de Hespanha, tinha chamado ao trono d'esse paiz o principe Leopoldo de Hoenzolern, e que este principe o tinha acceitado, com pleno consentimento do chefe da sua familia, o rei Guilherme da Prussia.

A França viu n'isto uma tentativa de reconstrucção do antigo imperio de Carlos V, e o desiquilibrio da Europa, com prejuizo d'ella. Pediu, por isso, a renuncia do pretendente á corôa, o que promptamente obteve; mas queria tambem que o imperador Guilherme se obrigasse a não consentir que, de futuro, qualquer principe da sua raça fosse chamado a reinar, ao mesmo tempo, na Hespanha e na Allemanha, ao que elle se recusou. Essa recusa pareceu tão grave ao ministerio que a França declarou guerra á Prussia.

Mas tudo isto, afinal, encobria a rivalidade que havia entre as duas nações. Ou por este pretexto ou por outro qualquer, a guerra, mais cedo ou mais tarde, havia de estalar.

Contava a França com a desunião da Allemanha, e talvez com a intervenção internacional de alguns paizes da Europa em favor d'ella. Mas Bismark arrastou todos os Allemães, e, assegurando a neutralidade europea, deixou a França isolada.

O resultado da guerra foi a derrota completa dos Francezes, e a deposição de Napoleão III, que, em seguida á tomada de Sedan, onde elle proprio estava encerrado com um exercito de 130 mil homens, commandado por Mac-Mahon, se entregou á confiança da Prussia; e, após, a proclamação da republica franceza, a capitulação de Bazaine com a praça de Metz, onde estava tambem cercado com um exercito de 170 mil soldados; o cerco e tomada de Pariz; e, por fim, a paz de Francfort (1871), pela qual a França perdeu a Alsacia, menos Belfort, quasi uma quinta parte da Lorena, com a praça de Metz e todo o material de guerra. E foi, alem d'isso, obrigada a dar uma forte indemnisação.

Depois d'esta guerra, como diz Weber, appareceram á luz do dia, para serem acceitos e reconhecidos por todos os Estados, tres principios cheios de futuro: a seria participação dos povos na formação e organisação das reformas politicas e sociaes; o desinvolvimento da noção da liberdade, em todos os dominios da vida publica, desinvolvimento esse baseado no direito commum e na individualidade nacional e pessoal; e o dever de limitar a guerra a um fim completamente definido, e atenuar os effeitos d'ella, por meio de convenções internacionais, no sentido humanitário.

Mas, apezar d'isso, não acabaram as luctas externas e as perturbações internas de differentes Estados. E, coisa tambem fatal para a vida das nações!—introduziu-se em alguns d'elles o systema da paz armada, com receio da desforra da França e dos abusos da Allemanha.

E, comtudo, nem mesmo assim, acabaram as agitações!

Na Allemanha, os catholicos e socialistas agitaram-se contra Bismark, o chanceller, que estava governando violentamente os Estados prussianos, e queria reduzir pela força os seus adversarios.

A lucta contra os catholicos apaziguou-se depois, pelos esforços de Leão XIII; mas a dos socialistas tornou-se cada vez mais grave.

Divididos primeiramente em dois grupos — os de Lassale e os de Carlos Marx, tinham tido a principio pouca influencia; mas esta engrossou em breve, de modo que, em 1875, os dois grupos formaram um só partido, sob o nome de *democracia social,* e a sua preponderancia nas classes operarias tornou-se muito grande [1].

Bismark redobrou, então, de violencias; mas nada aproveitou, porque o socialismo augmentou progressivamente, mesmo no numero dos seus candidatos ao parlamento. E, por fim, o proprio chanceller, teve de comprazer, fazendo votar leis socialistas, como, por exemplo, a de seguros para os trabalhadores, no caso de doença, enfermidade e velhice.

Na Austria, chegou a haver conflictos sangrentos entre os Austriacos e os Tcheques, que pugnavam pela sua autonomia; e, mesmo nos outros povos d'esse imperio, o espirito liberal e as agitações que d'ahi provieram, levaram o imperador a fazer, em 1896, uma outra reforma constitucional.

Na Hungria houve tambem differentes agitações, não só entre os Magyares e os Croatas, que pretendiam

---

1 Vidé capitulo III.

a sua autonomia, mas tambem entre os proprios Austriacos e os Hungaros, que suspiravam sempre por se verem desannexados.

Na Russia, como vimos, Alexandre II inaugurou o seu governo por uma aberta de medidas liberaes; mas, sendo de natureza timida e fraca, em breve se deixou imbuir pelos sectarios do absolutismo, e depressa voltou ao systema terrorista do seu antecessor Nicolau I.

Então, a esse systema terrorista do governo correspondeu o terrorismo revolucionario, chamado *nihilismo.* Os descontentes, principalmente, jovens, e, sobretudo, estudantes e operários, não esperaram as reformas pacificas, e pretenderam destruir o regimen absoluto pelo terror. De modo que muitos altos funccionarios foram assassinados, e o proprio czar, depois de ter escapado a dois attentados, foi tambem morto por uma bomba, em 1881.

*

*   *

Examinemos agora as outras partes do mundo.

A França tinha levado, como já vimos, perto de 30 annos a conquistar a Algeria (1830-1858). Mas a Algeria é apenas a parte central da região do Altai do Maghreb, e continua a este pela Tunisia, e a oeste por Marrocos. A França devia, por isso, tender naturalmente para estender a sua influencia sobre estes dois paizes.

E, com effeito, sob o pretexto de reprimir as pilhagens dos Kivas e Kroumirs, um exercito francez occupou

a Tunisia, em 1881. E o *bey* teve de assignar o tratado de Bardo, que estabeleceu o protectorado francez.

Tambem a França quiz occupar uma parte de Marrocos; mas d'ahi seguiram-se complicações internacionaes, que só terminaram em 1906, pela conferencia de Algeciras, de que fallaremos no volume seguinte.

A abertura do canal de Suez, em 1869, abriu um outro caminho para as Indias, e mais curto; e as expedições inglezas viraram-se, então, para o Egypto.

Até ahi a influencia franceza é que tinha dominado lá, depois de Bonaparte; mas, desde 1868 até 1879, as finanças egypcias desorganisaram-se completamente; e, por isso, os governos inglez e francez, de accordo entre si, impuzeram ao Egypto dois *controleurs*, para vigiarem essas finanças, ao que se chamou *condominio franco-inglez* (1876). E, ao mesmo tempo, foi criada uma commissão internacional, encarregada de assegurar o pagamento da divida egypcia.

O regimen do condominio não durou, porque estalou no Egypto um movimento anti-europeu, provocando uma nova crise (1882). E, entretanto que o governo francez tratava de fazer resolver a questão egypcia, por uma nova conferencia nacional, a Inglaterra operava com rapidez e decisão; e para isso, pelo facto de terem sido mortos alguns Europeus em Alexandria, as tropas inglezas occuparam essa cidade, e em seguida o canal de Suez e o Cairo. De modo que o Egypto ficou na realidade um protectorado inglez, debaixo da occupação ingleza. Essa occupação do Egypto teve por consequencia um azedume de muitos annos entre a França e a Inglaterra. A França, por muitas vezes, tentou combinar as coisas mais rasoavelmente para ella,

reabrindo a questão do Egypto; mas, por fim, obteve sómente a neutralisação do canal de Suez, em caso de guerra.

E não foi esta a unica desintelligencia que houve entre os dois povos, a proposito d'essa região; porque houve outra ainda, por causa do Sudão egypcio.

Este paiz tinha-se tornado independente (1881-1885). O governo francez enviou para o Congo a missão Marchand, na região do Alto Nilo, onde ella occupou Fachola (1898). Mas, nessa occasião, um exercito anglo-egypcio, que acabava de conquistar o Sudão, chegou tambem diante de Fachola, á qual se arrogava com direito.

Esteve, por isso, a rebentar uma nova guerra entre a Inglaterra e a França. Mas, afinal, esta cedeu; e, pela convenção de 1899, abandonou todo o Alto Nilo á influencia ingleza.

Quanto ás outras regiões africanas, a convenção de Berlim de 1885 reconheceu o Estado independente do Congo, sob a soberania do rei da Belgica, e determinou os respectivos limites.

Depois d'essa convenção, as potencias europeas apressaram-se a occupar na Africa os territorios vagos; de modo que, dentro de alguns annos (1885-1900), todo o continente foi partilhado por uma serie de convenções diplomaticas. E a França, a Inglaterra, a Allemanha e a Belgica, apar dos Portuguezes, tornaram-se as principaes potencias africanas.

Assim, a França, das suas feitorias do Senegal e da Guiné adiantou-se, pouco a pouco, até á bacia do Niger, destruindo os sultanatos mussulmanos de Samory

e Rabah. Conquistou o reino negro de Dahomey, em 1892; occupou Tombuctu, a grande cidade do Sudão, em 1894; e attingiu as margens do lago Tchad, em 1898.

Já Brazza, partindo das feitorias de Gabão, annexara pacificamente os territorios do Congo francez (1875-1885), annexação que se prolongou mais tarde até alem do Tchad, pela occupação de Ouadi. E ainda os Francezes adquiriram tambem ao nascente o porto de Djibut, e a sudeste conquistaram aos Hovas a grande ilha do Madagascar.

A Inglaterra, partindo do Cabo, annexou progressivamente a Africa austral inteira. Teve de luctar contra os indigenas—Cafres e Zulus, e contra os Boers. Estes, recuando diante dos Inglezes, fundaram mais ao norte dois Estados livres—o Estado de Orange e o Transvaal. Mas a descoberta das minas de diamantes e de ouro atraiu a essas regiões grande numero de Inglezes, que estabeleceram logo conflicto com os Boers. O governo inglez sustentou-os; e, após uma guerra demorada (1899-1902), que foi primeiramente desastrosa para a Inglaterra, esta annexou as duas republicas, conservando-lhe, comtudo, a sua autonomia [1].

Cecil Rhodes, de harmonia com a expansão ingleza na Africa austral, fundou em 1895 a colonia da Rhodesia, na bacia do Zambeze.

Alem de tudo isto, a Inglaterra possue tambem uma parte do Sudão, a Nigricia e uma parte da Africa oriental.

---

[1] Estas duas republicas, desde 1909, formam com o Natal e Colonia do Cabo um vasto Estado Federal.

A Allemanha occupou, em 1882 e 1890, muitos territorios, a saber: uma vasta região ao sudoeste,—o Togo e o Cameron, e uma parte da Africa oriental. E enviou duas expedições, para luctar contra os indigenas revoltados (guerra dos Herreros), que foram afinal vencidos.

A Italia quiz tambem constituir na Africa um imperio colonial; e, para isso, tractou de se estabelecer na Abyssinia. Mas, sendo derrotada em Adoua (1896), teve de reconhecer a independencia do Negus abyssinio, Menelick; e apenas conservou alguns territorios em redor de Massouah [1].

Quanto á Asia, já vimos que, em 1817, a Inglaterra completou a conquista da India. Mas a preoccupação constante dos Inglezes foi proteger as fronteiras d'esse vasto imperio, estabelecendo a sua influencia sobre os povos visinhos.

N'esse sentido, em 1889, tomaram debaixo do seu protectorado o Estado de Sikkim. Em 1824, tinham alcançado o porto de Singapura, que commanda o estreito de Malaca, e annexaram depois os Estados vizinhos, que formaram os Estabelecimentos dos Estreitos *(Straits Seetlements)*. E, tendo a rivalidade da França e Inglaterra levado esses dois paizes a Sião, reino independente, entre o Annan e a Birmania, uma convenção de 1896 delimitou as zonas de influencia das duas nações.

Era principalmente ao oeste que os Inglezes se sentiam ameaçados; porque a cercadura montanhosa que

---

[1] Em 1911, a Italia obteve Tripoli e os principaes portos da costa. Mas esses factos não pertencem a este volume.

separa a India dos platós do Iran (Afganistan, Belutchistan e Persia), é atravessada por muitas brechas, por onde póde passar a invasão.

Ora, sobre o Iran, ao mesmo tempo que os Inglezes, adiantavam-se tambem os Russos, senhores das margens do Caspio e conquistadores do Turkestan. E essa rivalidade anglo-russa, na Asia central, esteve, muitas vezes, para desencadear a guerra.

Por isso, os Inglezes puzeram o khan do Belutchistan debaixo do seu protectorado. Já contra o emir de Afganistan, sustentado secretamente pelos Russos, tinha a Inglaterra enviado numerosas expedições, algumas das quaes tiveram um fim desastroso; e tanto que, n'uma d'ellas, em 1812, foram mortos 17 mil Inglezes. Mas, em 1880, depois de uma guerra de dois annos, esse emir foi obrigado a acceitar a alliança ingleza e a ceder a *fronteira scientifica,* isto é, o accesso dos desfiladeiros que levam á India.

Em 1885, tendo os Russos occupado os oasis de Meru e Pendjeh, no caminho do Herat, esteve imminente uma outra guerra, anglo-russa; mas o conflicto terminou pacificamente, por convenções que delimitaram a fronteira russa-afaghan, no Turkestan e no Pamir.

Já vimos como a Russia, bloqueada na Europa, tractou de se estender na Asia. E as suas expedições militares continuaram tambem n'esta epoca.

Já em 1866, os Russos tinham entrado em Samarkand. Em 1875, entraram em Kiva; em 1880-1881, tomaram a fortaleza de Turkmenes; e em 1884, com a occupação de Mery, todo o Turkestan se tornou russo.

A construcção do caminho de ferro transcaucasiano, de que fallaremos no capitulo III, foi facilitando a conquista e a colonisação.

A attitude hostil da Inglaterra forçou os Russos a pararem á entrada do Afganistan, mas a influencia d'estes é que se tornou preponderante na Persia.

Como tambem já vimos, os Russos foram invadindo, pouco a pouco, o imperio chinez, para se approximarem dos mares temperados.

Assim, os Chinezes foram expulsos primeiramente da embocadura do Amur (1852), onde foi edificada Nicolaiewsk. Depois, em 1858-1860, pelos tratados de Aigoun e de Pekin, tiveram de ceder toda a costa, desde Amur até á Corea; e os Russos fundaram na extremidade meridional d'esta região um grande porto de guerra—Vladivostok. Para levarem os seus soldados a tão grande distancia, construiram á pressa, com dinheiro francez, os 8.000 kilometros do caminho de ferro *transiberiano* (1897-1900). Mas Vladivostok e Nicolaievsk estavam fechados pelos gelos durante o inverno; e, por isso, a Russia, em 1898, adquiriu da China uma enseada magnifica e livre, á entrada do golfo de Petchili, o Porto Arthur [1].

Já vimos que a Cochinchina em 1858 teve de ceder á França uma parte do Delta do Mekong com o porto Saigon (1867). O rei vizinho de Cambodje, para escapar á rivalidáde dos Francezes, collocou-se logo sob o

---

[1] Pela guerra com o Japão em 1904 e 1905, a Russia teve de ceder esse porto aos Japonezes.

protectorado de Sião (1863); e, em 1867, em consequencia dos conflictos com os Annamitas, os Francezes annexaram tres novas provincias da Cochinchina.

Pensavam elles que o Mekong podia ser uma via de penetração na China. Mas reconheceu-se que elle estava erriçado de rapidos, sendo, por isso, uma via muito difficil; e que havia mais ao nascente uma outra bem melhor — o Sangkoi ou rio Vermelho, cujo Delta forma o Tonkin.

Alem d'isso, os mandarins annamitas eram hostis aos Francezes, e o Tonkin era percorrido por bandos de guerreiros chinezes, chamados *pavilhões negros*, o que fez suster as tentativas da França. E, então, dois francezes, Dupesis e Garnier conceberam o projecto de conquistar o paiz; e sem ordens officiaes, e apenas com um punhado de homens, apoderaram-se audaciosamente do Hanoi e de todas as cidadellas de Tonkin.

Desgraçadamente, Garnier foi morto pelos *pavilhões negros;* e o Governo francez teve de entregar Tonkin aos Annamitas (1874), contentando-se com a liberdade commercial, e com a vaga promessa de submissão á França.

Quando, mais tarde, os Francezes quizeram retomar a politica de expansão indo-chineza, encontraram maiores difficuldades, porque o Annan estava ligado á China por um novo tratado. Em 1883, pela morte do commandante Rivière, que fôra enviado ao Hanoi, para proteger os Francezes, a França mandou uma nova expedição, que bombardeou Hué, capital do Tonkin; e, então, o imperador dos Annamitas reconheceu o protectorado francez, e entregou Tonkin. Mas foi preciso combater em seguida a China, que protestara contra

essa entrega; e, só depois de uma lucta por mar e por terra, é que ella, n'esse mesmo anno de 1885, pelo tractado de Tien-Tsin, abandonou o Tonkin á França.

E tambem, depois de numerosos conflictos com o Sião, os Francezes estabeleceram o seu protectorado sobre, Laos e estenderam a sua influencia á margem esquerda do Mekong [1].

[1] Cezar Cantu, *Historia Universal,* traduzida por Antonio Ennes. — Dr. Jorge Weber, *Historia Universal,* traduzida por Delfim de Almeida. — S. Marcillac, *Manuel d'Histoire Contemporaine.* — Albert Malet, *L'Epoque Contemporaine et Dixhuitieme siècle (Revolution et Empire).* — Jules Isaac, *Histoire Contemporaine.* — Raffy, *Repetitions Ecrites d'Histoire Universelle.*

CAPITULO II

Explorações e Descobertas

Principaes explorações e descobertas na Asia, Africa, America, Oceania e regiões polares, n'este periodo.

No periodo de que estamos tractando, o mundo alargou-se muitissimo, tanto physicamente, pelas explorações e descobertas, como tambem moralmente, pela evolução social e intellectual. Vejamos, pois, desde já, quanto ao mundo physico, as principaes d'essas descobertas e explorações.

Começando pela Asia [1], em 1801 a 1804, Henrique Julio Klaproth, nascido em Berlim, explorou ao serviço da Russia parte da Siberia, e d'ahi passou á China, em 1806. E, n'uma segunda viagem, explorou tambem o Caucaso e a Georgia.

O allemão Ulrico Jasper Seetzen, em 1804 a 1811, explorou a Syria e a Palestina, cuja geografia physica não estava ainda bem estabelecida, e cujas noções eram

---

[1] Fallamos das explorações da Asia. Mas, como se verá no decorrer d'este estudo, alguns dos seus exploradores, nas respectivas expedições, exploraram e visitaram tambem differentes regiões da Africa.

ainda extremamente vagas. Foi o primeiro viajante europeu que, depois de Ludovino Basthema (1503), entrou em Meca. Colheu muitas e importantes noticias sobre as regiões que percorreu, e falleceu em Saana, capital de Yemem, em 1811.

O francez Adriano Dupré, em 1807 e 1809, percorreu a Persia, e publicou um livro curioso a respeito d'essa viagem.

O inglez Luiz Burchardt [1] seguiu as pisadas de Jasper Seetzen, tomando o nome de Ibralim-Ibn-Abdallh. Tinha aprendido a lingua arabe em Cambridge, e fez-se passar por um indio mussulmano.

De 1809 a 1811, residiu em Alep, não interrompendo os seus estudos ácerca da lingua e dos costumes syrios, senão para uma excursão de seis mezes a Damasco, a Palmyra, ao Haouran e ás cataratas. E, em 1813, explorou as margens do Nilo na Nubia, e, em 1814, visitou Djeddale, Meca e Medina.

Em 1807, o Governo de Bengala organisou uma expedição ás fontes de Ganges, composta de Web, Raper e Hearsay, expedição que, em 1 de abril de 1808, chegou a Herduar.

Tambem em 1808, a Companhia das Indias enviou aos emires de Sindhy uma embaixada, composta de Nicolau Hankey Smith, Henny Elis, Roberto Taylor e Henrique Pottinger, sendo a escolta commandada pelo capitão Carlos Christie. E esta embaixada deu em resultado os Inglezes ficarem conhecendo melhor um dos seus paizes limitrofes.

---

[1] Luiz Burchardt nasceu em Lausanne, mas de familia ingleza, e, por isso, é conhecido como inglez.

A companhia, muito satisfeita com o modo como o capitão Christie e Henrique Pottinger procederam, confiou-lhes outra missão, bem mais difficil, a saber: o irem por terra atravez de Belutchistan, com o general Malcolim, embaixador da Persia, e reunirem, a respeito d'este vasto e extensissimo territorio, dados mais exactos e mais completos do que então se possuiam.

E, effectivamente, elles cumpriram essa missão, porque exploraram o Belutchistan e Afganistan, fornecendo curiosas noções a tal respeito.

Em 1808, a Inglaterra enviou uma embaixada ao rei de Cabul. O embaixador escolhido foi Mounstuart Elphinstone, que deixou uma interessante narrativa da sua missão, e muitas informações novas ácerca d'esse paiz.

Em 1812, a Companhia determinou tambem a viagem de Moorcroft e do capitão Harsay ao lago Mansarovar. Tractava-se d'esta vez de trazer um rebanho de cabras de Cachemira, de grandes sedas, cujo pello servia para a fabricação d'esses chales famosos no mundo inteiro; e, alem d'isso, de desfazer a asserção dos Indús de que o Ganges tem a sua origem para lá do Himalaya, no lago Mansarovar.

Essa missão explorou o Himalaya e o lago Mansarovar, e averiguou que, realmente, o Ganges não sahia d'esse lago

Em 1817, Frazer, tambem inglez, fez uma excursão ao Himalaya, e Hodgson ás nascentes do Ganges, colhendo tambem ambos elles noções preciosas.

Em 1808 e 1814, John Macdonald-Kinneir percorreu em muitas direcções a Asia Menor, a Armenia e o

Kurdistan; e Wiliam Price, na mesma epoca, explorou a Persia, e estudou os caracteres cuneiformes.

Em 1812, Web e Moorcroft, exploraram tambem o Himalaya. E Web subiu até ao Nitigrant, a collina mais elevada do universo.

Em 1819, o capitão Sadler, do exercito da India, atravessou a peninsula inteira da Arabia, desde o porto de El-Katif ao golfo Persico, e até Yambo, no Mar Vermelho. Foi o primeiro Europeu que fez a travessia da Arabia.

Em 1837, o allemão bavaro Heinrich Shubert, depois de ter percorrido o Egypto inferior e a peninsula do Sinai, penetrou na Terra Santa, e dirigiu-se com uma pequena caravana arabe a El-Kalil, o antigo Hebron.

A estrada que seguiu não fôra ainda percorrida por nenhum europeu; e verificou elle que o lago Asphaltit nunca podia despejar no Mar Morto, pela razão de lhe ficar em nivel muito inferior, pelo menos, seiscentos pés.

Ao mesmo tempo, o estudo physico da bacia do Mar Morto era completado e rectificado por dois missionarios americanos, Edward Robinson e Eli Smith. Mas não foi só essa região, tão interessante pelas recordações que evoca em todas as almas christans, que se tornou objecto dos estudos dos eruditos e dos viajantes. Toda a Asia Menor ia em breve entregar-se á curiosidade do mundo, porque os viajantes atravessaram-na em todos os sentidos.

Assim, Eichwald, em 1825 e 1826, explorara a margem do Mar Caspio; Perrot, visitou a Armenia, e Dubois de Montpéreux percorreu o Caucaso, em 1839. Emfim, o allemão Alexandre de Humbold, graças á

generosidade do imperador Nicolau, da Russia, e ajudado de outros sabios, completou, na parte asiatica russa e no Ural, as observações de physica geral e de geografia, que tão corajosamente fizera já no Novo Mundo, e de que a seu tempo fallaremos.

*

* *

Quanto á Africa [1], a primeira exploração foi iniciada por Napoleão, no Egypto; pois, quando invadiu esse paiz, rodeou-se d'um estado maior de sabios e de artistas distinctos, para o estudarem e explorarem devidamente; e essa reunião de sabios foi que primeiramente deu uma ideia exacta da antiga civilisação do Egypto. Mas esta iniciativa de Napoleão ficou depois invalidada; pois, quando elle sacrificou tudo á sua paixão guerreira, não quiz ouvir fallar mais de explorações, viagens ou descobertas.

Desde 1816 a 1824, o doutor Oudney, associado com Clapperton e Denham, todos inglezes, explorou o Fezan, no paiz dos Tibus, torneou o lago Tchad, visitou Kuka, então capital do Bornu, e as principaes cidades de Bornu, bem como o paiz de Loggum e Kano.

---

[1] Aconteceu aqui o mesmo que já expozemos, quanto á Asia. Muitos exploradores que tiveram principalmente por seu proposito explorar regiões africanas, exploraram tambem algnmas regiões de outras partes do mundo.

Clapperton, voltando á Inglaterra, preparou-se para nova expedição, aggregando a si o cirurgião Dikson e o capitão de mar e guerra Pearce, e tambem o cirurgião de marinha Morrisson.

Essa expedição chegou, então, a Djannah; e ahi morreram Pearce e Morrisson. Mas Clapperton continuou na expedição. Demorou-se, então, em Katunga, onde residiu algum tempo. Chegou a Bussa. Demorou-se tambem algum tempo em Kulfa, e penetrou por fim em Kano, indo morrer a Sokatu.

O seu criado Lander continuou as explorações no interior da Africa, e visitou differentes cidades ou regiões como Carto, Gowgie, Gatas, Dandy, Kulfa, Bussa, Ouaoua e Badagry, d'onde, em 1828, embarcou para Londres.

Em 1816, o francez Mollien tractou de pesquizar as nascentes dos grandes rios do Senegambia, especialmente do Djoliba; e chegou ás nascentes do Gambia e do Rio Grande, e depois a Timbu, capital de Futa.

Um outro explorador, tambem francez, Renato Caillié, em 1816, tractou d'explorar o Senegal, e para isso juntou-se á exploração inglesa do major Gray. Mas essa expedição nada aproveitou.

Em 1827, o mesmo Caillié organisou uma nova expedição, e chegou a Tombuctu, capital do Sudão, e atravessou a Senegambia até Marrocos.

O inglez Alexandre Gordon Laing descobriu a fonte de Djoliba. Visitou a cidade de Ma-Boun; bem como as fontes do Niger; e, afinal, foi morto pelo gentio.

Ricardo Lander e seu irmão John Lander chegaram a Katunga e a Moussa, onde o sultão de Borgu mandou uma escolta ao seu encontro.

Chegaram depois a Rabba, na ilha da Bibi, que é a segunda cidade dos Fellans, e ainda depois a Sokatu, residencia do rei. Explorando o Niger, a que os indigenas chamavam Djoliba ou o Kuara, chegaram tambem a Egga.

As explorações no valle do Nilo foram egualmente objecto de assiduas emprezas; as mais importantes, porém, foram as de Frederico Cailliaud, Russeger e Ruppel.

Quanto a Frederico Cailliaud, francez, fez elle a descoberta em Labarah das minas de esmeraldas, mencionadas pelos auctores arabes, e abandonadas desde seculos; encontrou nas escavações da montanha, a lampada e alavanca e as cordas e instrumentos que tinham servido para a exploração d'essas minas pelos operarios de Ptolomeu; e descobriu a antiga estrada de Coptos a Berenice, tão importante para o commercio da India.

Explorou tambem o valle do Nilo, levantando muitas plantas, desde 1819 a 1822; e visitou muitos oasis, onde os Europeus até então tinham ido.

Algum tempo depois, Eduardo Ruppell dedicou-se, durante sete ou oito annos, á exploração da Nubia, do Sennaar, do Cordefan e da Abyssinia; e, em 1824, subiu o Nilo Branco, até mais de sessenta legoas da sua embocadura.

Alem d'isto, o naturalista allemão, José Russegger, visitando tambem, desde 1830 a 1837, a parte inferior do curso do Bahr-el-Abiad preludiava com essa viagem official os grandes e profundos conhecimentos que Mehemet-Ali ia fazer das mesmas regiões.

A expedição do *Pleiad*, sob a direcção do Dr. Baikie, executada de julho a setembro de 1854, realisou

um bom reconhecimento do Kuara inferior e do seu grande afluente, o Benué.

Em 1849, foi confiada pelo governo inglez uma outra expedição a James Richardson, que, não sendo homem de sciencia, viu a necessidade de se fazer acompanhar de bons exploradores. E, seguindo o conselho do cavaleiro Bunsen, sabio eminente, que occupava então o posto de embaixador da Prussia, em Londres, teve de pedil-os á Allemanha, que lhe proporcionou o Dr. Overweg, joven naturalista de Hamburgo, e Henrique Barth, seu compatriota.

Em 1850, a expedição estava reunida em Tripoli, prompta a entrar no Fezzan, e de lá nas regiões interiores. E atravessou o paiz de Air no interior do Sahara, que é um bello e grande oasis montanhoso e uma verdadeira Suissa, no meio do deserto.

Em principio de 1851, Richardson succumbiu a uma rapida doença; mas esse triste acontecimento não enfraqueceu a actividade dos dois companheiros. E, n'esse mesmo anno, exploraram elles o lago Tchad e as regiões circumvisinhas ao S. e S.O. Tambem em junho d'esse anno, Barth foi até Adamâoua, paiz do sul, que é atravessado pelo Benué, rio consideravel, que se pode considerar como um braço oriental do Kuara.

Em setembro de 1852, morreu Overweg; e Barth, que ficou só, fez uma longa correria no O., explorando o Sudão occidental, que Clapperton já tinha visitado.

Durante mais de dois annos, o ousado viajante ficou absolutamente sequestrado de todas as noticias exteriores; mas, em novembro de 1854, reappareceu em Bornu, tendo estado quasi um anno em Tombuctu. E em Bornu encontrou um novo companheiro, que a

sociedade geografica de Londres lhe mandava para substituir Overweg. Foi Eduardo Vogel, seu compatriota, que possuia grandes conhecimentos de historia natural, e que tinha a pratica de observações astronomicas.

Vogel chegou a Bornu, em 1854; e, tendo Barth deixado essa cidade, em 1855, ahi ficou elle só, por sua vez. Quiz então explorar o Sudão oriental, como Barth tinha feito ao occidental, e ir a Ouaday. E para isso deixou Kuka, em fevereiro de 1856, e contornou o lago Tchad pelo sul, para subir ao N.O., com direcção a Ouaday. Desde este momento, porém, não houve noticias d'elle.

Em 1860, organísou-se em Gotha uma larga expedição, sob a direcção de M. Heuglin, que já tinha uma longa permanencia no Sudão egypcio. E todas as sciencias foram representadas n'esta expedição, que devia ir ao mar Vermelho, pela Alexandria e Suez, e do mar Vermelho a Kharthum, pelo porto de Massâouah, e ás partes pouco conhecidas da Alta Nubia, que confinam pelo norte com a Abyssinia. De Kharthum, os viajantes iriam ao Darfur e ao Ouaday.

Ao mesmo tempo, um viajante isolado, M. Moritz de Beurmann, que offerecera expontaneamente o seu concurso ao convite de Gotha, devia ir ao encontro de M. Heuglin, atravessando o Fezzan, e ganhando o Bornu para seguir d'ahi ao N.E. para o Ouaday, isto é, tomando o mesmo itenerario que Vogel tinha tomado.

Beurmann cahiu sob o ferro dos assassinos, como Vogel; e, do lado do Nilo, a expedição principal chegou apenas alem de Kharthum, dissolvendo-se, em 1862. Comtudo, esta expedição allemã não foi inutil para o

adiantamento da geografia africana, por causa dos trabalhos preparatorios que produziu, constatando as noções adquiridas sobre a metade oriental da Africa do Norte, e bem assim, por causa dos resultados parciaes que teve, relativamente á Nubia.

Esta região, na sua parte superior, tinha sido visitada, em 1823, tambem por Eduardo Rüppel, naturalista allemão, e, em 1837 a 1838, por José Russegger. As relações que este explorador deixou da sua expedição são excellentes; e Ruppel, por seu lado, reuniu n'uma serie de noticias a collecção de seus estudos sobre o Dongolah, Sennâar e Kordofan. Foi o primeiro Europeu que viu este ultimo paiz.

A origem das fontes do Nilo, adormecida desde muitos annos, tornou-se, então, uma das mais ardentes questões geograficas.

Em 1840, Mahomet-Ali, o reformador do Egypto, organisou uma expedição para explorar essas fontes.

Sabe-se hoje que o Nilo se forma em Kharthum, pela reunião do rio Azul, que vem do coração da Abyssinia, e do rio Branco, reputado pelos indigenas como o ramo principal. Mas esta expedição, depois de ter descoberto o Nilo Branco, não pôde subil-o em todo o curso, por causa das baixas aguas. Em todo o caso, fundou uma missão catholica em Gondokoro.

De 1847 a 1852, dois jovens missionarios, muito activos, da egreja anglicana, o Dr. Krapf e o padre Rebmann exploraram as paragens da Africa tropical, que, até então, defendidas por um clima perigoso para os Europeus, e pela reputação de ferocidade dos povos do interior, era uma das regiões do mundo mais com-

pletamente ignoradas. Alem das costas, nada se conhecia; e nenhum viajante tentara ainda atravessar esta zona temida.

Entre as descobertas dos dois activos missionarios, a que mais retiniu na Europa, foi o annuncio de dois picos, cercados de neves eternas, a 320 kilometros, quasi acima da costa, e não longe do sul do equador. Este facto foi depois verificado, em 1860 e 1861, pelo barão Decken, viajante allemão, que subiu uma grande parte da altura do Kilimandjaro, e cujas explorações enriqueceram a carta d'esta região. Mas aquella noticia produziu ao principio taes duvidas e sobresaltos na Europa que a Sociedade de Geografia de Londres elaborou um plano explorador, cuja direcção confiou a Richard Burton, o qual associou a si Speke.

De 1857 a 1859, esses dois exploradores inglezes fizeram uma viagem aos grandes lagos da Africa austral, e descobriram assim o Kazeh ou Tabora, que é um dos centros mais importantes da Africa austral, e chegaram tambem ao lago de Tanganika ou Grande Lago, que os arabes chamam Oudjidji ou Oudjiji, do nome de uma cidade das margens orientaes. Este lago é pouco navegavel fóra da costa, por causa das frequentes tempestades que levantam a agua, muitas vezes, em vagas de quatro metros de altura.

Burton achou-se então doente, e, não pôde seguir para o norte. Seguiu, por isto, sómente Speke, e descobriu mais o lago Nyansa, a que chamou Victoria Nyansa.

Com um novo auxiliar, o capitão Grant, o mesmo Speke emprehendeu, em 1860, uma segunda expedição, para proseguir no reconhecimento do lago Victoria-

Nyansa; e verificou, assim, que esse lago estava em communicação directa com o Nilo Branco.

Os dois viajantes, em fevereiro de 1863, encontraram, em Gondokoro, Samuel Baker, que tinha feito a sua exploração pelos altcs paizes do Nilo. E, partindo os outros dois para a Europa, Baker continuou com sua joven esposa nas explorações; de modo que chegou ao lago, já assignalado por Speke, sob o nome de Luta-Nzighé, que elle chamou Alberto Nyansa, e considerou como a segunda fonte do Nilo.

Em 1852, Livingstone, missionario protestante escossez, emprehendeu a primeira viagem de exploração. N'esta primeira viagem, que durou de 1852 a 1856, foi do centro do continente austral, onde chegou pelo sul, isto é, desde o Cabo da Boa Esperança, pelo lago Ngami, até Lynianti; e de lá até á costa occidental, a 10 graus de latitude sul.

Na segunda expedição, em 1858, explorou a bacia do Zambeze, e, sobretudo, o valle do rio Chire, affluente do Zambeze; e chegou, em 2 de setembro de 1861, ao lago Nyassa ou Maravi, tão grande como o Tanganika.

A terceira e ultima viagem foi emprehendida, em 1865. Independentemente de suas vistas philantropicas acerca da extincção da escravatura, esta viagem teve por objecto a exploração de todo o espaço comprehendido entre o delta do Zambeze e as paragens de Zanzibar, e tambem o complemento da exploração do Nyassa e da região dos grandes lagos.

Durante quatro annos, não houve noticias d'elle. A sociedade de geografia de Londres organisou, primeiramente, uma expedição, commandada por Young,

que adquiriu a convicção de que Livingstone vivia ainda, e que devia estar perto do sul do lago Tanganika. E organisou depois, em Londres, em 1872, uma outra expedição para o descobrir, formada por dois officiaes de marinha Dawson e Kenn, e por Osvald Livingstone, filho do mesmo illustre explorador. Esta expedição, porém, baldou-se completamente.

Henrique Stanley, *reporter* de um jornal americano, o *New-York-Herald,* foi, então, chamado a Pariz pelo seu director, que se achava lá; e esse director encarregou-o de ir descobrir Livingstone. E, de facto, este o descobriu, encontrando-o ao pé do lago Tanganika.

O Dr. Schweinfurth, de origem allemã, embora nascido em Riga (Russia), tentou descobrir pelo norte as origens do Nilo, que Livingstone procurara pelo sul; e n'essa tentativa estudou as regiões que ficam acima de Kharthum e os povos Nouërs, Dinkas, Chilluks, Bongos, Mittus, Niams-Niams e Mombutus.

Em 1869 a 1874, o Dr. Nachtigal visitou as regiões dos Tibbus, chamadas Tibesti, Kânen, Borku, e outras do interior.

O escossez Cameron, que foi tambem em procura de Livingstone, de cuja morte teve noticia durante a expedição, foi o primeiro europeu que pôde conseguir atravessar, de um lado a outro, a parte equatorial da Africa, entre o 5.º e o 10.º graus de latitude Sul. Fez essa travessia, partindo de este para oeste, e recolheu muitas e valiosas noções para a geografia d'essa epoca.

M. Alexandre Marche, e o seu amigo Marquez de Compiegne, foram tambem os primeiros que tentaram subir o rio Ogowai ou Ogôoue, até 160 kilometros da

sua embocadura. E, desde 1872 a 1874, as suas viagens, que duraram dois annos, deram noticias, tambem muito proveitosas á geografia.

Depois, em 1875, uma expedição, composta de M. M. Marche, Brazza e Ballay, subiu egualmente o Ogôoue, e penetrou no interior da Africa.

Em 1874, Stanley, fez uma segunda viagem, tambem no interior da Africa, e reconheceu bem o lago Tanganika e as regiões circumvizinhas.

Houve ainda outras expedições ou viagens menos importantes, como a de Samuel Baker, Gordon, Linant de Bellefonds, e Heuglin (Martin Theodoro); a expedição italiana na Africa equatorial; a de Durmaux-Duperé, de Soleillet, de Largeau, do Dr. Ervin, de Von Bary, de Bonnat, e do allemão Dr. Lens.

Serpa Pinto, portuguez, fez a travessia de Angola a Cafreria. Capello e Ivens, tambem portuguezes, exploraram as possessões portuguezas ultramarinas de Angola e Moçambique. E, ainda outro portuguez, Silva Porto, de 1879 a 1890, foi de costa a contra costa, de Benguella a Cabo Delgado.

*

* *

Quanto á America, no principio do seculo XIX, o capitão Meryweather Lewis e o tenente Wiliam Clarcke foram encarregados pelo congresso dos Estados Unidos de reconhecer o Missouri, desde a sua foz no Mississip, até á nascente, e atravessar as montanhas Rochosasi pelo caminho mais curto e mais facil, que puzesse em communicação o golfo do Mexico e o Pacifico.

Em 14 de Maio de 1803, deixaram elles o Wood-River, que se lança no Mississipi para entrar no Missouri, e foram explorando as regiões por onde passavam, assim como as regiões do Yellow-Stone, rio quasi tão grande como o Missouri. E ainda depois, descendo pelo rio Colombia, exploraram tambem a sua bacia.

Em 1807, um joven official, o tenente Zabulon Montgomery Pike, foi encarregado tambem pelo governo dos Estados Unidos de reconhecer as nascentes do Mississipi; e, realmente, explorou não só essas nascentes, mas outras muitas regiões d'esse rio.

Daniel Wilians Harmon, associado da Companhia do Noroeste, explorou os lagos Huron, o Superior, o das Chuvas, o dos Bosques, o Monitoba, Winnipeg, Athabasca e do Grand Urso, e chegou ao Oceano Pacifico.

Em 1819, o major Long foi incumbido pelos Estados Unidos de explorar o paiz situado entre as Montanhas Rochosas e reconhecer o curso do Missouri e dos seus principaes afluentes. E a sua expedição, n'esse mesmo anno, reconheceu effectivamente aquelle curso, e explorou muitas d'aquellas regiões.

A exploracão do Mississipi, abandonada desde a expedição do Montgomery Pike, foi retomada, em 1820, pelo general Cass, que explorou parte d'elle, e chegou ao lago Winnipeg.

Em 1831, Schoolcraft, partindo de Santa Maria, visitou as tribus do lago Superior, entrou logo no rio de S. Luiz, e chegou aos lagos Baculo, Winnipeg, Cass, Tascodiac, Travers, Marquette, Lassalle, Kubbakunna, Itasca ou da Corça; e explorou tambem o Mississipi, desde o nascente até á Foz.

Enfim, em 1831, o capitão Wyeth e seu irmão exploraram o Oregon e a parte vizinha das montanhas Rochosas. E Humeldt fez longa permanencia na America Central, e forneceu informações muito importantes acerca d'ella.

Quanto á America do Sul, em 1815, um general prussiano, o principe de Wied-Neuwied, em companhia dos naturalistas Freirciss e Sellow fez uma viagem d'exploração, nas provincias interiores do Brazil. E, annos depois, o naturalista francez Alcides d'Orbigny, durante oito annos consecutivos, percorreu o Brazil, o Uruguay, a republica Argentina, a Patagonia, o Chili, a Bolivia e o Peru.

*

* *

Na Oceania, no principio do seculo XIX, um dos maiores colonisadores de que a Inglaterra póde orgulhar-se, Stamfort Raffles explorou Java, e deu importantes noticias sobre o interior, até então pouco conhecido. Foi tambem o primeiro viajante que penetrou no interior da Sumatra.

*

* *

Houve egualmente n'este seculo XIX, differentes viagens de circumnavegação, como a dos russos Adão João de Krusenstern, em 1803 a 1806; Othon Kotzebue, em 1815 e 1818; Frederico William Beechey, de 1825

e 1827, e Lutké, desde 1828 e 1829; a dos Francezes Luis Claudio de Saulces de Freycinet, desde 1817 e 1821, Duperrey e Dumont de Urville acamaradados, desde 1822 a 1825, Bougainville, de 1824 a 1826, e outra vez Dumont de Urville, de 1826 a 1829.

*

* *

Quanto ás expedições polares, no principio do seculo XIX, os geografos começaram a discutir a possibilidade e as vantagens de uma passagem, conduzindo dos portos da Europa aos da China, pelo norte da America e estreito de Behring.

Para isso, tractou-se de observar as mudanças imprevistas que as estações e os gelos experimentam nos mares polares.

Wiliam Scoresby, simples baleeiro, foi o primeiro que assignalou á Europa sabia quaes eram essas mudanças. No estio de 1816, elle pôde aterrar na costa oriental da Goenlandia, fechada até então aos navegadores modernos, correr as costas d'essa região em muitos graus de latitude, e verificar o deslocamento de cinco a seis mil legoas quadradas de gelo.

Em vista de uma memoria, redigida por elle, o almirantado inglez, fez partir quatro navios, divididos em duas expedições, que deviam operar concorrentemente. A primeira tinha por fim procurar a passagem pela bahia de Baffin; e a segunda, abrir directamente um caminho pelo estreito de Behring, navegando directamente para o norte de Spitzbergen.

Os nomes dos commandantes d'estes quatro navios teem ficado celebres. Foram, para os navios destinados á bahia de Baffin, John Ross e Edward Parry, e, para a expedição no Mar Glacial, David Buchan e John Franklin.

A primeira expedição chegou á Goenlandia, ao sitio, onde, nove seculos antes, os Scandinavos tinham baptisado essa terra com o nome de *Terra Verde (Groenlandia)*, e onde, segundo as chronicas irlandezas, nos seculos X a XIV, floresciam, sob a tutella dos bispos de Gardar, as duzentas aldeias do Oster e Wester Bydg, povos de ricos e ousados colonos, com relações com a mãe patria e com as costas americanas. Hoje ha apenas simples vestigios de Gardar.

As expedições ahi communicaram com os Esquimós. O capitão Ross deu a esta região o nome de *Hylands-Arctiques*, e seguiu a costa na direcção de nordoeste, entrando no estreito Lancastre, e voltando em seguida para Inglaterra.

Houve depois a expedição de Franklin que, em 1819, embarcou em direcção á bahia de Hudson. Chegou apenas ao ponto conhecido pelo cabo de Tarnagain, e teve de voltar, em 1822, podendo, depois de muitos perigos e incidentes, chegar á Inglaterra.

A expedição de Parry, depois de verificar a existencia dos estreitos do Principe Regente e de Barrow, foi levada pelo mar para as ilhas chamadas hoje Archipelago de Parry, onde as principaes receberam d'este navegador os nomes de *Cornwallis, Bathurst* e *Melville*. Entre ellas, penetram ao norte na bacia polar, muitos canaes, o principal dos quaes foi bapti-

sado com o nome de *Wellington.* A expedição chegou depois a 75° de latitude norte, logar que Parry chamou *Bushnan-Cove.*

Desde 1821-1823, Parry, acompanhado do capitão Lyon, tentou outra expedição, que entrou na bahia de Hudson. Entrou depois tambem no estreito de Fox, e dirigiu-se, costeando pelo este e norte da grande ilha de Southampton, para a bahia Repulsa. Invernou na ilha de Winter, dobrou depois o cabo Penrhym, a peninsula Amiticki, um pequeno grupo de ilhas que designou sob o nome *Ouglit,* e tocou a ilha Igloulik.

Houve uma segunda viagem de Franklin, em 1825, na qual tocou o rio Makensie, e, levado pelas suas aguas, desceu ao mar polar.

Em 1827, voltou á Inglaterra, sem ter conseguido ultrapassar o circulo polar. O mesmo aconteceu ao seu antigo logar-tenente Beechey, que emprehendeu tambem uma viagem, com destino ao polo artico.

João Ross (1829-1833), percorreu de novo as regiões boreaes, descobriu a peninsula Boothia Felix e o polo magnetico, e tomou posse d'elle em nome de Guilherme IV.

O capitão Back (1833-1835) descobriu o grande rio de Poisson; e, entrando nos gelos, explorou uma parte das regiões articas; e os nomes de Corkburn, Beaufort, Barrow e Richardson que rodeiam o nome real de *Victoria,* dado ao promontorio, o mais notavel d'estas paragens, tornaram-se os monumentos mais notaveis da passagem d'elle.

Mac Clure, em 1850, descobriu a passagem de NO. do Oceano Atlantico para o Pacifico, pelas zonas boreaes.

Em 1853, Kane chegou até 80° N., no estreito que que fecha o Estado de Groenlandia; e Hayes, na mesma direcção, adiantou-se até 81°,35 N.

A passagem do NE. (communicação pelo este entre o Atlantico e o Pacifico) tentou tambem muitos exploradores do seculo XIX.

Assim, uma expedição austriaca, sob o commando de Payer e Weyprecht, descobriu o archipelago Francisco José, alem de Spitzbergen. Mas á expedição de A. E. Nordenskjöld é que estava reservada a honra d'esta longa travessia, no navio *A Vega*.

Essa expedição deixou Tromsö, em 21 de julho de 1878; dobrou o cabo Tscheljuskin; reconheceu a embocadura do Lena; e, depois de varios incidentes, penetrou no estreito de Behring. A passagem de NO. ficou assim realisada.

Em 1879, de Long fez outra expedição no navio *Jeannete*, com o fim de encontrar uma via navegavel da costa americana á Siberia, e de explorar especialmente a Terra de Wrangel. N'este sentido, em agosto d'esse anno, partiu de S. Francisco. Em 1881, descobriu a ilha Jeannete, a ilha Henriette, e a ilha de Bennet, onde falleceu de naufragio, a 13 de junho de 1881.

Em consequencia d'este desastre, o polo norte foi abandonado por alguns annos. Mas foi posto novamente na ordem do dia, pela expedição do norueguez Fridtjot Nansen.

Partiu elle da Noruega sobre o *Fram*, em julho de 1893, com o fim de se deixar arrastar pela corrente polar, que, segundo as previsões, devia atravessar o polo e ir dar á Groenlandia meridional.

E tendo-se-lhe juntado a expedição de Joansen, dirigiu-se para o extremo norte em trenós, a partir de 14 de março de 1895, e attingiu $86^{\circ},14^{1}$ N. Depois, os dois exploradores retiraram-se para a terra de Francisco José, e invernaram n'este archipelago.

A 7 de agosto de 1896, ambos elles embarcaram no cabo Flora, a bordo do *Windward*. E o *Fram*, por seu lado, em outubro de 1895, attingiu uma alta latitude, a de $85^{\circ},57^{1}$ N.

Por esta expedição, verificou-se um vasto deslocamento dos gelos desde as ilhas da Nova Siberia até á Groenlandia oriental. A expedição de Nansen foi a primeira que se manteve durante um anno em latitudes que variavam de 83° a 86°, e os dados scientificos que ella recolheu, são de grande interesse. As sondagens, minuciosamente effectuadas, demonstraram que o Oceano glacial constitue uma depressão consideravel da crosta terrestre.

Jackson, em 1895-1896, explorou tambem a terra de Francisco José.

Andrée, em 1897, concebeu o projecto de ir ao polo em balão. E deixou, assim, em balão, com Fränkel e Strindberg, a ilha dos Ursos; mas a empreza falhou, e os aeronautas tiveram um fim desgraçado.

Em 1898, Wellmann, tentando tambem ir ao polo em balão, o que não pôde conseguir, descobriu muitas ilhas, especialmente, a terra do Graham.

Em 1899, o duque dos Abruzzos deixou a Noruega, sobre a *Stella Polare;* explorou o norte da terra de Francisco José; e invernou na terra do principe Rodolfo. E o capitão Cagni adiantou-se em trenós até $86^{\circ},33$.

*
* *

Quanto aos mares polares no sul, em 1818, Wiliam Smith, vindo de Montevideu para Valparaiso, descobriu as Shetlands do sul, terras aridas e nuas, alcatifadas de neve, mas onde se repotreavam immensos rebanhos de vitellas marinhas, que, até então, se não tinham encontrado nos mares do sul.

Sabendo isto, os baleeiros apressaram-se a visitar essas paragens; e, em pouco tempo, se fez o descobrimento das doze ilhas principaes e de innumeraveis rochedos, quasi inteiramente privados de vegetação.

Dois annos depois, Botwel descobriu as Orcades meridionaes; e, depois, na mesma latitude, Palmer e outros baleeiros entreviram ou julgaram reconhecer as terras que receberam o nome de *Palmer* e de *Trindade*.

Em 1819, o capitão Bellingshausen e o tenente Lazarew, ambos russos, reconheceram a Georgia meridional; e, sete dias depois, descobriram a sueste uma ilha vulcanica, dando-lhe o nome de *Traversay*, cuja posição fixaram a 52°,15 de latitude e 27 21, de longitude do meridiano de Paris. Depois d'isso, fizeram no porto de Jakson os concertos necessarios, e foram direitos ao sul, até 70°.

Ainda Bellingshausen, no verão de 1820, descobriu nos mares oceanicos 17 ilhas novas. E, tendo voltado a Port Jakson, n'esse mesmo anno, fez nova expedição; de modo que, em janeiro de 1821, chegou a 70° de latitude, e descobriu uma ilha que recebeu o nome de

Pedro I, a terra mais meridional que, então, se conhecia; e descobriu tambem uma nova terra, que foi chamada a *Terra de Alexandre II*.

Weddell, inglez, descobriu o archipelago a que deu o nome de *Orcades austraes*, e internou-se no polo, 214 milhas mais longe que todos os seus predecessores. Deu tambem, o nome de *Jorge IV*, á parte do mar austral que elle explorou. E coisa singular, os gelos tinham diminuido á proporção que se caminhava mais para o sul; as tempestades e os nevoeiros eram continuados; a atmosphera estava constantemente carregada de uma humidade compacta; e o mar era profundo e aberto, e a temperatura singularmente amena!

Em 1830, o baleeiro John Biscoë, inglez, chegou até 68°,51 de latitude e 10° de longitude oriental, onde todos os indicios mostravam a vizinhança de uma grande terra. Mas o gelo prohibiu-lhes o continuarem para o sul; e, por isso, Biscoë teve de proseguir no seu caminho para oeste, approximando-se do circulo polar. Emfim, a 27 de fevereiro d'esse anno, viu muito distinctamente uma terra de uma extensão consideravel, montanhosa e coberta de neve, a que poz o nome de *Enderby*, não podendo aportar lá por estar completamente rodeada de gelos.

Depois, a $66^{\circ},27^{1}$ de latitude e $84^{\circ},10^{1}$ de longitude, reconheceu uma ilha, a que poz o nome de *Adelaide*.

Controversias animadissimas se tinham manifestado depois d'esta viagem, ácerca da existencia de um continente austral, e da possibilidade de navegar para alem de uma primeira barreira de gelos, possibilidade já demonstrada pelas ilhas descobertas. Por isso, tres potencias resolveram, na mesma epoca, enviar uma expedição.

A França confiou o commando da sua a Dumont d'Urville, a Inglaterra a James Boss, e os Estados Unidos ao tenente Carlos Wilkes.

Este ultimo reconheceu a terra de Palmer, n'uma extensão de 30 milhas, até ao ponto em que ella vira para S.E., ponto a que deu o nome de *Cabo Hope.* E entrou na bahia a que deu o nome de bahia de *Pinners.*

Ao mesmo tempo, no principio de 1839, Balleny concorria com o seu quinhão para o reconhecimento das terras antarticas. Tendo partido da ilha Campbell, ao sul da Nova Zelandia, chegou a $67^{\circ},5^{1}$ de latitude e $164^{\circ},25^{1}$ de longitude, a O do meridiano de Pariz. Seguindo, então, o seu caminho para O, reconheceu muitos indicios de vizinhança de terra, e descobriu a sudoeste uma faxa negra que, vista ás seis horas da tarde, não podia deixar de ser considerada como terra. Eram tres ilhas consideraveis, das quaes a mais occidental, a mais comprida, recebeu o nome de *Belleny.* Mas não pôde apportar a nenhuma d'ellas, por causa do gelo.

Depois, descobriu tambem outra ilha, a que poz o nome de *Sabrina.*

Em 1837, partiu tambem Dumont d'Urville para a sua expedição. Depois de ter atravessado varias regiões de gelos soltos, que elle foi quebrando, de modo a seguir viagem, as corvetas puderam encontrar-se de novo n'um mar inteiramente livre, a $62^{\circ},9^{1}$ de latitude e $39^{\circ},22$ de longitude O.

No parallelo $62^{\circ},57^{1}$, reconheceu primeiramente uma terra baixa, a que deu o nome de terra de *Joinville;* mais adiante, uma grande terra montanhosa, a que cha-

mou *Terra de Luiz Fillipe;* e entre ellas, no meio de uma especie de canal, atulhado de gelos, uma ilha, a que deu o nome de *Rosamel.*

Ainda depois d'isso, reconheceu, a distancia da terra de Luiz Fillipe, uma ilha que recebeu o nome de *Astrolabio.*

No dia seguinte, fez-se o levantamento d'uma grande bahia ou antes d'um canal, a que se deu o nome de *canal d'Orleans,* entre a Terra de Luiz Filippe e uma banda alta e pedregosa, que devia ser, no intender de Urville, o começo das terras da Trindade, traçadas até então muito incorrectamente.

Dando ahi como terminada essa expedição, veiu a Batavia; e, em 1 de janeiro de 1840, fez-se de vela para uma nova expedição, atravez tambem das regiões antarticas.

N'esta expedição, os expedicionarios visitaram uma nova terra, que recebeu o nome de *Adelia,* onde desembarcaram.

Sabendo que os Estados Unidos tinham organisado em mui larga escala uma outra expedição de descobertas, a Inglaterra sobresaltou-se, e debaixo da pressão de sociedades eruditas, resolveu enviar tambem uma expedição sua ás regiões, onde, depois de Cook, sómente se tinham aventurado os capitães Wedel e Biscoé.

O escolhido para essa expedição foi James Clark Ross, que era sobrinho do famoso James Ross, explorador da bahia de Baffin.

Assim, dois navios, o *Erebus* e o *Terror,* debaixo do commando d'elle Ross e de Crozier, deixaram a Inglaterra, em 29 de setembro de 1839.

Em 1 de janeiro de 1841, a expedição chegou a mais de 62°, e atravessou alli o circulo polar.

A 11 de janeiro, avistou-se terra, a cem milhas pela prôa em $70^{\circ},47^{1}$ de latitude sul e a $172^{\circ},36^{1}$ de longitude oeste. Nunca se vira terra tão meridional.

Recebeu ella o nome de *Victoria*, e uma sua cordilheira, o nome de *Cordilheira do Almirantado*. Havia ao sueste algumas pequenas ilhas, de que Ross tomou posse, em nome da Inglaterra.

A 23 de janeiro, a expedição passou para diante de 74° de latitude, a mais austral que até então se attingira.

Descobriu depois uma pequena ilha a que deu o nome de *Franklin*, situada a $76^{\circ},8^{1}$ de latitude sul, e a $168^{\circ},12^{1}$ de longitude E.

Descobriu a montanha vulcanica onde está o vulcão *Erebus*, nome que a expedição lhe deu; e havia tambem ahi um outro vulcão extincto, que recebeu o nome de *Terror*.

Agora, para se avaliar a parte que cabe a cada um d'esses tres exploradores das regiões do sul, pode-se dizer que d'Urville foi o primeiro a reconhecer o continente antartico; que Wilkes seguiu as costas d'esse continente, durante mais longo espaço; emfim, que Ross visitou a sua parte mais meridional e mais interessante.

Em 1897, o belga Adriano de Gerlache, n'uma expedição do navio *A Belgica*, partindo de Anvers, explorou os canaes de Cockburn e do Beagle, e parou em Hushuaia.

A 14 de janeiro, explorou parte da bahia de Saint John (ilha dos Estados) e o cabo ao Sul; em 21 de janeiro, entrou no estreito de Brancfield; explorou a bahia de Hughes (terra de Palmer); descobriu um

estreito que atravessa o archipelago de Palmer, (estreito de Gerlache); seguiu para o S.O.; divisou a terra de Alexandre I; e adiantou-se até $71^{\circ},31^{1}$ S. e $85^{\circ},16^{1}$ O. Depois invernou no polo sul. O navio, apesar de bloqueado, attingiu, ainda assim, em 31 de maio, $71^{\circ},36^{1}$ S. Em 14 de março de 1899, *A Belgica* sahiu dos gelos, e dirigiu-se em linha recta para Punta-Arenas, onde chegou a 28, e d'ahi voltou para Anvers, em 5 de novembro de 1899.

Borchgrevinck (1898-1899) invernou no cabo Adare, e adiantou-se sobre o gelo até $78^{\circ},34^{1}$. Essa expedição confirmou os resultados metereologicos da expedição belga, e tambem os dados de J. Ross [1].

---

[1] Charles Pergameni — *Grands Voyages Polaires* — J. Verne, *Os Exploradores do Seculo XIX*, traducção de Pinheiro Chagas. — A. Hervé e F. de Lanoye, *Voyages dans les Glaces*. — Lannier, *La Geographie Appliquée A La Marine, Au Commerce, A La Agriculture, A La Statistique.*

CAPITULO III

Alargamento do mundo moral, pelas muitas descobertas industriaes, e pelo progresso das sciencias, artes e lettras. — Applicação da electricidade e vapor. — Desinvolvimento da arte naval. — Telegrafia, chrono-photografia, raios X, estereoscopia, etherisação e cloroformisação. — Novos productos industriaes e commerciaes, e abundancia dos outros já existentes. — Augmento dos jazigos mineraes e exploração dos metaes preciosos. — Desinvolvimento crescente nas industrias e commercio. — Museus industriaes e commerciaes. — Exposições universaes. — Unidades monetarias. — Socialismo. — Communicações maritimas, aquaticas, ferreas, terrestres e aereas. — Isthmo de Suez. — Correntes maritimas. — Liberdade dos mares e d'alguns estreitos e rios. — Portos francos. — Caminhos de ferro. — Estradas carrossaveis. — Communicações aereas.

Ás explorações territoriaes de que temos tratado, e, portanto, ao alargamento do mundo physico, tambem corresponderam, n'este periodo, as explorações scientificas, industriaes e litterarias, e, sequentemente, o alargamento do mundo moral. E tudo isso produziu, geralmente, um progresso enorme nos factores economicos.

Logo em 1801, os sabios mais eminentes francezes, como Monge, Conté, Bertholet, Fourcroy, Chaptal, e os principaes industriaes e banqueiros, fundaram em França a *Sociedade para a animação da industria nacional,* com

o fim de obterem descobertas uteis. E esta sociedade provocou, realmente, varias experiencias e descobertas, e propagou a instrucção industrial, distribuindo até para isso varias recompensas.

A seu exemplo, o governo francez propoz premios pecuniarios para o aperfeiçoamento das maquinas. E foi, assim, que a industria dos productos chimicos deveu a Leblanc e a Thénard a fabricação da soda, do sal amoniaco, do branco de alvaiade e do aluminio; a Eduardo Adam, a distillação aperfeiçoada do alcool, e a Betholet, o branqueamento pelo chloro. E Filippe Lebon inventou a thermolampada, apparelho que, pela distillação da madeira, dava ao mesmo tempo calor e luz [1].

A chimica continuou a seguir a via traçada por Lavoisier. Gay-Lussac, Davy e Berzellius, desinvolvendo essa sciencia, applicaram-se, sobretudo, ás relações do peso e do volume entre compostos e componentes. Dalton imaginou a theoria atomica, theoria essa que, depois de ter encontrado viva resistencia, acabou por ser adoptada por todos os chimicos, como sendo o melhor instrumento do trabalho.

Pouco a pouco, constituiu-se, ao lado da chimica mineral, a chimica organica.

Os trabalhos dos allemães Liebig e Hoffmann e dos francezes Wurtz e Bertholet, e as indagações de Saint Claire, Derville, Helmholtz, trouxeram a criação d'uma chimica-physica, e a introducção dos methodos da physica na chimica, apar de innumeras applicações praticas.

---

1 Paulo Risson, *Histoire Sommaire du Commerce.* — Perigot, *Histoire du Commerce Français.*

A industria dos productos chimicos que d'ahi se derivou, tomou grande incremento, assim como a chimica-agricola, a industria de materias colorantes, a dos productos pharmaceuticos e dos explosivos, etc. E a technica da metallurgia foi tambem transformada profundamente [1].

Em 1834, Gammet, de Lyon descobriu novas tinturas, como o azul celeste facticio.

Perrot, de Rouen, em 1839, descobriu um processo para variar as côres; e Lagier, de Avignon, em 1844, descobriu a tintura da garancina: descobertas essas que deram logar a um grande numero de productos de phantasia. E a um modesto preparador de chimica no lyceu de Lyão, chamado Vergouin, se deve tambem a descoberta de extrair da hulha materias colorantes [2].

Apar d'isso, desde 1834, o cautchu de Guibal e de Rattier começou a entrar nos tecidos elasticos, pela mistura com os estofos. E a sua vulcanisação, isto é, a mistura com o enxofre, tornou-o mais solido, e permittiu applical-o á grande industria.

O inglez Elkington, em 1840, e Ruelz, em 1841, descobriram o doiramento e prateamento galvanicos, donde nasceu o prateamento christofle.

A mechanica fez tambem grandes progressos. Logo em 1802, se applicou em Mulhouse o vapor á fiação. A maquina de tecer, chamada *Jacquart*, inventada por José Maria Jacquart, no principio do seculo XIX, facul-

---

1 Jules Isaac. *Histoire Contemporaine.*

2 Blondel, *L'Essor industriel et commercial du peuple allemana* pag. 85.

tando o trabalho dos operarios, augmentou singularmente a producção da seda de Lyão. Ternaux a applicou tambem na fabricação dos chales de cachemira, e foi tambem elle que introduziu em França as cabras do Thibet. Achard, associado com Zenoir Dufresne, roubou á Inglaterra o segredo da *Mull-Jeny* [1], espalhando-o pela França. E data egualmente do seculo XIX a invenção da maquina de costura, que uns attribuem ao austriaco Jose Madesperger, em 1825, outros ao norte-americano Elias Howse, em 1844, e outros ao brasileiro Francisco João d'Azevedo, de Parayba, em 1867.

Oberkamp criou em Jouy, perto de Paris, a industria das telas pintadas, que se espalharam logo em Mulhouse e em toda a Alsacia.

Mas nada ha que possa comparar-se aos progressos da electricidade e do vapor.

E' antiga a descoberta da electricidade, mas as suas applicações é que são do seculo XIX.

Depois do allemão Seebeck, em 1818, haver descoberto o phenomeno conhecido por *Effeito de Seebeck;* Ampere, em 1826 e nos annos seguintes, ter estabelecido a theoria do *electro-magnetismo,* descoberto a *electro-dynamica,* e reconhecido que, sem a intervenção do magnete, as correntes electricas exerciam entre si uma acção mutua; e Arago haver descoberto tambem, em 1831, a sua lei de *inducção electro-magnetica:* é que, em 1833, outro sabio allemão, Gauss, tirou das descobertas anteriores o telegrafo electrico, e, dois annos depois, nos Estados Unidos, foi construido por

---

1 A *Historia Economica,* vol. IV, pag. 688.

Morse o primeiro apparelho pratico: apparelho esse que, juntamente com o seu alfabeto, se tornaram do uso universal. E, por seu lado, quasi ao mesmo tempo, o francez Breguel fazia egual descoberta.

Depois, em 1853, um outro francez, empregado dos telegrafos, chamado Bourseul, inventou o telefone; mas essa invenção só foi utilisada mais tarde, em 1877, graças ao americano Grahan Bell, que a aperfeiçoou [1].

Tambem no seculo XIX, se inventaram os telegrafos de translação, que consistiam em transportar rapidamente a propria correspondencia. Mas o transporte d'esta correspondencia no caminho de ferro não constitue telegrafo de translação; porque não attinge a velocidade sufficiente para assim ser considerado.

Entre esses telegrafos de translação, havia a considerar, em primeiro logar, o pneumatico, em exploração nas grandes cidades, e que foi inaugurado em Inglaterra, em 1854. Consistia elle em transportar, sob a acção do ar comprimido, os telegrammas em caixas cylindricas,

---

1 Luiz Figuier, *Les Merveilles de la Sience,* vol. I. Julio Isaac, obr. cit.

A descoberta do telefone foi devida, como dissemos, a Bourseul, em 1855, mas, precedida de trabalhos importantes, a tal respeito, de Page e La Rive, em 1837, e de Froment, em 1854.

Já no seculo XVIII, em 1772, um joven monge de Gauthey (França), apresentou á Academia de Sciencias de Pariz, por intermedio de Condorcet, um systema que permittia a correspondencia, a grande distancia, por meio de tubos metalicos, em que a voz se propagava. A experiencia deu bom resultado; mas recuou-se, em face da despeza que tal systema trazia. Esse telefone, conhecido por *telefone acustico,* é ainda empregado para a correspondencia entre os diversos andares de uma casa.

introduzidas em tubos metallicos, cujo diametro não excedia 75 millimetros. Esse modesto systema foi limitado ao uso inter-urbano das grandes cidades, alliviando assim, muito a exploração da telegrafia electrica, mais propria para as communicações a grandes distancias. Tinha, porém, o inconveniente do seu enorme preço, e, por isso, em Portugal, nada houve a tal respeito [1].

O telegrafo sem fios, isto é, a communicação telegrafica, sem o emprego de fio conductor, baseado na propagação das ondas hertzianas, que se prolongam atravez do espaço, como as ondas luminosas, é outra invenção do seculo XIX. Foi Hughes que, em 1877, demonstrou que era possivel a telegrafia atravez do espaço, a uma distancia superior a 500 metros. Mas os trabalhos de Hertz e Branly é que fundamentaram o systema da telegrafia sem fios; e, mais tarde, os trabalhos do inglez William Preece, em 1884, e de Edisson, em 1892, e ainda os do mesmo Branly e de Marconi, em 1895, vieram completar a invenção [2].

Em 1891, applicou-se tambem a electricidade aos cabos submarinos, para communicar telegraficamente

---

1 Luiz Figuier, obr. cit. — *Encyclopedia Portugueza*, na palavra *Telegrapho*.

2 *Encyclopedia Portugueza*, na palavra *Telegrapho*.

Desde 1793, havia em França e n'outros paizes o telegrafo aereo, inventado por Chappe, e que, por meio de signaes feitos no alto de um mastro, e repetidos de poste em poste, permittia corresponder, dentro de alguns minutos, com as principaes cidades. Esse telegrafo, porém, desappareceu totalmente de França, em 1892, e foi tambem desapparecendo dos outros paizes, á proporção que se ia estabelecendo a rêde telegrafica.

o pensamento atravez dos mares, sendo o mais antigo d'elles o que foi submergido entre a França e a Inglaterra.

Tambem no seculo XIX, se tractou de estabelecer linhas electricas subterraneas. Isso, porém, não deu resultado, pela carestia d'ellas; e porque, sendo revestidas de gutta-percha, era preciso renoval-as frequentemente; e, sendo metallicas, alem de ficarem muito caras, em pouco tempo se deterioravam, por se acharem debaixo da terra.

*

* *

Apar de tudo isto, a força motriz da electricidade, foi applicada tambem ás carruagens, de modo que, em 1842, foi estabelecida em Nova York a primeira linha de *tramways*, pelo francez Loubet, que, regressando da America, obteve a concessão de outra linha de *tramways* em Pariz, ao longo do caes de Billy.

Na Inglaterra, é que essa invenção appareceu apenas em 1860; mas, depois d'isso, ao passo que os *tramways* progrediam lentamente em França, tomaram grande incremento n'aquelle paiz e na Belgica, e, em seguida, n'outras nações.

Alem das applicações que ficam mencionadas, a electricidade, depois dos trabalhos scientificos de Seebeck, em 1818, Œrsted, em 1820, Farady até 1831, Maxwell, Fleming, Lenz, Kelvin e von Helmholtz até 1848, e, enfim, Ampere, Biot, Savard, Laplace, Brandy, Marconi,

Hertz e outros mais, trouxe tambem muitas differentes applicações, chimicas e thermicas, scientificas, judiciaes, etc.

São exemplo das applicações chimicas a producção electrolytica do sodio e da soda caustica, do carboneto de sodio, do oxigenio, do hydrogenio, do carboneto de calcio, do doiramento e prateamento, do cobreamento e nikelagem, e dos varios productos extrahidos da betterraba ou seus residuos, de que adiante fallaremos. E são exemplo da applicação thermica a illuminação e aquecimento.

E graças aos trabalhos de Raynaud, Marey, Demerny e Lumière, no fim do seculo, a electricidade, bem encaminhada, pôde prestar grandes serviços á industria, á geografia, e ás sciencias.

Serve ella tambem á astronomia, para fixar as longitudes. Assim, a longitude de um logar é marcada pelo momento em que o sol passa no meridiano d'esse logar; e, por isso, o telegrafo electrico fornece, por assim dizer, um meio ideal de fixar o momento d'essa passagem. Basta que dois observadores, collocados em dois pontos differentes, observem, ao mesmo tempo, a hora n'um bom chronometro, e que o signal do momento em que é necessario notar a hora do relogio, seja dado a estes dois observadores pelo telegrafo electrico [1].

A electricidade tem dado egualmente logar a fazerem-se muitas observações meteorologicas importantes, pelo conhecimento do barometro e thermometro, as

---

1 Luiz Figuier, obr. cit. vol. II.

quaes ella verifica, apar do estado do ceu, em differentes cidades e logares. E, graças a esse serviço, a approximação das tempestades é assignalada nos portos do mar.

Nos caminhos de ferro, os serviços da electricidade são tambem enormes, para dar aviso da falta de segurança na via e prevenir o encontro dos trens, etc.

Pode ser posta ao proveito da medicina, transmittindo rapidamente os symptomas do mal, e podendo, assim, um medico distante indicar logo o remedio, ou ser chamado tambem rapidamente.

Pode, por meio d'ella, avisar-se de qualquer parte o hotel onde se deseja ir, logo que o comboio chegue, de modo que a refeição esteja prompta, e se evite a demora e, portanto, a perda de tempo.

Judicialmente, pode fazer-se, por meio do telegrafo, uma procuração forense, ou qualquer aviso ou participação que evite a perda d'algum direito [1].

Pode egualmente obter-se mais promptamente a prisão do criminoso, ou prevenir-se a fugida d'elle.

Pode tambem prevenir-se a segurança publica, mesmo em logares distantes.

No commercio, as vantagens da electricidade são tambem enormes, noticiando rapidamente os preços dos differentes mercados.

E ainda ella fornece muitas outras applicações, egualmente proveitosas.

---

1 Luiz Figuier, obr. cit. vol. II.

*

* *

Quanto ao vapor, já Salomão de Caux, em 1515, teve a ideia de aproveitar a pressão do vapor de agua para motor industrial. Em 1663, o marquez de Worcester retomou a ideia de Salomão de Caux, e applicou-a, construindo o que elle chamou uma *fonte de vapor*, para elevar a agua. Em 1689, Savery inventava um apparelho, chamado *bomba a vapor;* e esta maquina, embora muito imperfeita, deu logar, na Inglaterra, a numerosas applicações na industria mineira para o esgotamento da agua. E tornou-se mais practicavel, quando, em 1705, dois operarios—Newcomen e Cauwley, associados com Savery, e baseando-se na descoberta da utilisação do vapor, feita por Papin, em 1687, pensaram em fazer actuar esse vapor sobre uma das faces d'um embolo metallico, escorregando por attrito no interior d'um cylindro, emquanto a outra face d'esse embolo estava em relação directa com a atmosphera. Era, em summa, a criação da maquina a vapor de *effeito simples*, que não devia tardar, graças ao genio de Wat, a ser transformada em maquina de *duplo effeito*, e receber, então, numerosas applicações.

E, realmente, Fulton, fundado n'essa invenção, construiu, em 1803, o primeiro barco a vapor. Em 1827, Seguin, inventou a caldeira tubular, que Stephenson, um anno depois, applicou á sua locomotiva — *O Foguete* [1].

---

[1] Cit. *Encyclopedia Portugueza,* na palavra *Vapor.*

E successivamente a utilisação do vapor, e o aperfeiçoamento das maquinas proprias para o seu aproveitamento nos diversos ramos da industria, obtiveram grande progresso.

Uma das mais importantes applicações foi a dos caminhos de ferro, barcos a vapor e submarinos.

Já antes dos caminhos de ferro, se construiram carris de madeira, e mesmo de pedra. Em algumas estradas antigas da Italia, descobrem-se ainda hoje duas fachas de pedras, sensivelmente paralellas, o que parece attestar que já os Romanos empregavam a via de locomoção, que, depois de passar por grandes transformações, recebeu actualmente um dos processos mais commodos e mais rapidos. Fez-se depois uso dos carris de madeira. Ha memoria do seu emprego, em 1676, nas minas carboniferas de New Castle, e era principalmente nas explorações minerias, que se fazia uso d'elles.

Estes carris, porém, tinham de ser abandonados em breve tempo; já pelo facto da madeira ser de pouca duração; e já por não ter a flexibilidade sufficiente, para supportar grandes pesos, nem a consistencia necessaria para oppor á tracção dos vehiculos. E, porisso, estes defeitos fizeram lembrar a conveniencia de revestir esses carris de chapas de ferro.

Depois, em 1739, foram experimentados os carris de ferro fundido. Mas ainda esses carris, apesar de se irem propagando successivamente, eram demasiadamente frageis, para supportarem o peso dos vehiculos. Por isso mesmo, succedeu-lhes, tambem no principio do seculo XIX, o emprego dos carris de ferro forjado, material esse que depois cedeu o seu logar ao aço.

Ora, em 1804, adiantou-se muito a construcção dos caminhos de ferro com a applicação do vapor, como força motriz. Deve-se uma grande parte do seu aperfeiçoamento a Blockelt; e Stephenson, de quem já fallámos, construiu a primeira locomotiva, em 1817. Mas tudo isso ficava reduzido a pequenas secções de minas ou de grandes fabricas.

Ainda assim, a construcção dos caminhos de ferro encontrou, primeiramente, grandes demoras em alguns paizes. Mas, depois da primeira metade do seculo XIX, graças ao desinvolvimento da metallurgia e das invenções mechanicas, tomou grande incremento.

O primeiro paiz que os emprehendeu, foi a França, em 1823. Seguiu-se, em 1825, a Inglaterra, que explorou, então, uma linha entre Stekton e Darlington; a Austria, em 1826, a Belgica e Baviera, em 1834, a Saxonia, em 1836, a Prussia e Sileria, em 1837, a Dinamarca e Suissa, em 1848, a Suecia, em 1849, Portugal, em 1853, a Grecia e a Turquia, em 1857.

*

* *

A applicação do vapor á navegação é tambem do principio do seculo XIX. Como já dissemos, Fulton construiu o primeiro barco a vapor, em 1803. Em 1819, teve logar a primeira travessia do Oceano. E propagou-se depois rapidamente a navegação a vapor, de modo que, tornando-se mais e mais numerosa, foi sulcando todos os mares.

Tambem Fulton, como egualmente já dissemos, foi o inventor dos barcos submarinos; e até chegou a offerecer um d'elles a Napoleão, que regeitou a offerta, por não confiar na invenção. Em 1815, os irmãos Cœmis continuaram as experiencias submarinas; e, em 1864, um pequeno navio, construido para navegar debaixo d'agua, destruiu o *Housatonic*, durante a guerra da separação dos Estados Unidos. Vencedores e vencidos morreram juntos; mas a experiencia foi concludente.

Desde então, não se interromperam as indagações. E Zéde e Goubet, em França; Holland, na America; Nordenfelt, na Allemanha; Peral, na Hespanha; Fontes Pereira de Mello, em Portugal; Pullino, na Italia; Apostolloff e Tempoff, na Russia; Mello Marques e Jacintho Gomes, no Brazil, foram melhorando e aperfeiçoando a invenção [1].

*

* *

Tambem a applicação do vapor e da electricidade influiu poderosamente na agricultura, pela fabricação das differenfes maquinas, chamadas locomoveis, taes como os *cultivadores*, as *ceifeiras*, as *debulhadoras*, as *enfardadeiras*, as *trituradoras*, as *encelleiradeiras*, as *locomotoras* ou *caminheiras*, as *maquinas para drenagem*, etc.

---

1 *Encyclopedia Portugueza*, na palavra *Submarino*.

Os Estados Unidos foram os primeiros que fabricaram esses locomoveis. As regiões immensas e os espaços sem limites d'esse paiz, prestavam-se a isso; e, graças ao espirito industrial e activo d'esse povo, desde o principio do seculo XIX, a agricultura começou a exercer-se no solo americano, por meio d'esses diversos apparelhos mechanicos, que só deixam ao trabalho do homem uma pequena parte. A maquina a vapor, o mais economico e potente de todos os motores, foi-se applicando, por isso, nos differentes Estados, as operações agricolas, e ahi prestou importantes serviços.

A Inglaterra, onde a propriedade estava muito accumulada, não tardou a seguir o exemplo dos Estados Unidos. Na França, pela divisão da propriedade, hesitou-se a principio se eram convenientes as maquinas agricolas; mas, ainda assim, tambem os locomoveis tomaram logo enorme incremento em alguns departamentos do norte.

Principalmente, depois da exposição de 1851, estas maquinas foram-se generalisando por tal forma que, pelo menos, nos Estados Unidos e nos outros paizes mais adiantados, todo o serviço agricola se ia fazendo por locomoveis [1].

Tem-se empregado egualmente os locomoveis nas fabricas, nas obras publicas, e até nas ruas mais frequentadas das cidades, para varredura, para esgotos, para preparar a argamassa, e para muitos outros misteres.

---

[1] Luiz Figuier, obr. cit. vol. I.

*

* *

A arte naval soffreu tambem uma transformação radical. O ferro substituiu a madeira, que, alem de ser mais pesada, está sujeita á destruição dos insectos; e começaram a estabelecer-se porões com muitas divisões, cujo segredo tinha sido revelado por Dodd, em 1808, e posto em pratica por C. W. Williams. A substituição das penas de rodizio pela rosca de Archimedes (helice) de 16 pés de diametro, inventada pelo engenheiro francez Sauvage, alliviou o navio de um peso de 10 tonelladas; e, dando-lhe elegancia e commodidade, facilitou a entrada dos canaes.

Em 1816, os Estados Unidos inauguraram a primeira linha de paquetes, em communicação directa e regular com a Gran Bretanha; em 1821, inaugurou-se outra linha de New York para Livepool; e, pouco tempo depois, ainda uma outra, de New York para Londres e para o Havre. E a Inglaterra, por sua vez, em 1823 a 1837, estabeleceu linhas regulares de Londres para os Estados Unidos.

Desde então, houve aperfeiçoamentos incessantes. E a velocidade dos navios, as dimensões e a tonelagem augmentaram successivamente.

Alguns, pela forma e disposição do velame, e tambem pela forma afilada da frente da linha de agua e da rectaguarda, tiveram o nome de *clippers*, do inglez *to clip* (cortar), e adquiriram uma grande velocidade.

Em 1820. os constructores inglezes substituiram a madeira pelo ferro; e, desde logo, começou este a ser empregado geralmente.

Abriu-se, então, uma nova era de progresso e desinvolvimento na construcção naval. A diminuição do peso, ligeireza e a superioridade da resistencia, as combinações multiplas a que se prestava a armação do ferro, e a possibilidade de dar aos navios dimensões irrealisaveis pela madeira, e tudo isso junto á menor despeza de alimentação, comparada com o antigo systema de transportes, fez que a construcção de ferro prevalecesse sobre a construcção de madeira, como tambem a navegação a vapor foi preponderando sobre a navegação á vela.

Mas, apesar das vantagens apreciaveis que dava a applicação do vapor á navegação, a generalisação do novo transporte por mar fez-se com lentidão; e, até 1860, a marinha de vela conservou uma importancia real sobre a navegação a vapor, devido a que tambem ella tinha feito grandes e rapidos progressos, nos ultimos 25 annos.

Assim, no fim do seculo XVIII, era representada apenas por tres pesados mastros ou por brigues, mal arranjados e de dimensões reduzidas, que levavam quatro a cinco mezes, para irem da Europa ao Pacifico. Unicamente os Estados Unidos, sempre álerta, haviam tentado introduzir na construcção dos seus navios de commercio certos melhoramentos e certa regularidade no seu emprego. Mas, desde os primeiros annos do seculo XIX, fez-se sentir fortemente o progresso da marinha mercante, e, no segundo quartel d'esse seculo, foi enorme o seu adiantamento.

Ora, a evolução maritima, os grandes paquetes e o desinvolvimento da navegação exigiam engenheiros amadurecidos pela experiencia e pelo estudo, conhecendo as maquinas até nos minimos detalhes, e o seu funcionamento e construcção; e exigiram tambem officiaes instruidos, sabendo as coisas do mar, as leis naturaes que influem nas marés, nas correntes, nos ventos, nas monções, bem como geografia, cosmografia, oceanografia, calculo de distancias, leitura das cartas, legislação aduaneira, regulamentos de portos, etc.

Maury, em 1840, constatou que a circulação da atmosphera obedecia a leis, geralmente regulares, operando diversamente, segundo os logares e epocas do anno, sobre a marcha dos navios; e levantou, então, a carta dos ventos provaveis para cada mar e para cada estação. Descobriu tambem as correntes maritimas, de que adiante fallaremos. E, graças a elle, desde 1848, as suas theorias, postas em pratica, abriram uma nova era á sciencia nautica, segundo egualmente veremos, quando tratarmos especialmente das correntes.

Os instrumentos nauticos, por seu lado, soffreram profundas modificações. A bussola e o compasso, que forneceram um novo meio de orientação, foram postos ao abrigo das oscillações e das irregularidades que anteriormente falseavam, muitas vezes, o seu emprego. O antigo astrolabio e a sua succedanea — a arbellestrella foram abandonados; e, para determinar as latitudes e longitudes foram substituidos aos processos rudimentares dos dois seculos precedentes alguns instrumentos engenhosos de uma precisão minuciosa. Aos octantes e sextantes imperfeitos de Hadley e Fouchy,

mesmo depois de aperfeiçoados pelo professor allemão Mayer, succedeu o sextante duplo de Rowland, tornado cada vez mais perfeito.

Houve differentes conferencias internacionaes, para determinar os signaes maritimos e a sua significação, e para regular os meios de prevenir a abalroação, consignar os processos de illuminação dos navios, estudar e fixar uma medida unica de arqueação, a fim de evitar os inconvenientes da variedade de systemas no commercio maritimo internacional, e regular tambem os direitos de navegação estabelecidos pelos differentes paizes, e examinar e aperfeiçoar os regulamentos da policia sanitaria e quarentenas. E tudo isso redundou egualmente em proveito da navegação [1].

*

* *

Quanto á photografia, embora houvesse trabalhos imperfeitos anteriores, pode dizer-se que, pelo menos, o seu complemento, foi tambem do seculo XIX, pelos esforços de Wedgwood, em 1802, Nicephoro Niepce, em 1813 a 1826, Luiz Jacques Mandé Daguerre (1813 a 1829), Talbot, Niepce de Saint Victor, Archer e Fry (1851) e Russel (1861).

E, com respeito ás côres dos corpos, as numerosas experiencias do mesmo Daguerre, Edemond Beequerel, Niepce de Saint Victor, Poitevin, Carlos Bennett, Cros,

---

[1] Noel, *Historie du Commerce du Monde*, vol. III.

Ducos de Hauron, Gabriel Lippmann, e dos irmãos Lumières, descobriram o meio de as produzir.

A photografia, alem dos grandes serviços que presta ás artes, é uma ajuda precisa nas mãos dos sabios; e as vantagens dos methodos photograficos são muito apreciadas na astronomia, metereologia e physica.

Tambem presta serviços ao naturalista e ao medico; pois que a micografia permitte fixar a imagem dos mais pequenos bacillos.

Emfim, a applicação da photografia ás artes industriaes dá tambem grandes resultados, como, por exemplo, nos vitraes, nos esmaltes photograficos, na ornamentação da porcellana, dos metaes, dos estofos, etc.

A chrono-photografia ou methodo e analyse do movimento pela photografia, é tambem do seculo XIX. A primeira applicação foi realisada, embora muito summariamente, em 1865, por Onimus e Martins. Depois, Jansen e Marly aperfeiçoaram essa applicação.

E a cinematografia, que é constituida tambem por um apparelho chrono-photografico, teve egualmente origem no seculo XIX, e foi devida a Plateau, Marey, Demery e Edisson.

Os raios X foram descobertos, em 1895, pelo physico Roentgen, e o radio, tres annos mais tarde, por Curie. E, é certo que a radiografia ou photografia pelos raios X, que tem uma origem de energia electrica, presta grandes serviços á medicina e á cirurgia, descobrindo no organismo humano um corpo estranho ou uma lesão profunda, e tendo ainda outras applicações uteis. Demais, o estudo dos animaes vivos e dos mortos, mesmo sem dissecação, tornou-se possivel pela radiografia. Algumas mumias podem revelar a sua

natureza, sem estarem abertas. Podem descobrir-se fraudes pharmaceuticas ou industriaes, sendo as substancias diversamente opacas aos raios X. E esse modo de analyse revela ainda a carga mineral das sedas tingidas, a differença das côres dos quadros antigos e modernos, os defeitos nas peças metallicas, ou do isolamento nos cabos electricos, o conteudo de caixas suspeitas ou os explosivos, a presença dos machos ou femeas nas chrysalidas dos sirgos, e a natureza dos metaes e das ligas, etc.

A industria faz tambem numerosas applicações das propriedades dos raios X. Assim, a transparencia de certos corpos permitte descobrir as falsificações ou imitações d'esses corpos. E tambem a transparencia para os raios X, do carbonio e da maior parte das suas combinações não metallicas, permitte differençar claramente o diamante das suas imitações. E a mesma cousa acontece com a imitação de outras pedras preciosas.

A estereoscopia ou photografia em relevo, que se obtem, collocando n'um estereoscopio duas radiografias identicas, foi tambem invenção do seculo XIX [1].

Tambem nos telescopios, o seculo XIX teve o merito de um outro invento; porque, supposto fosse antiga a descoberta telescopica, em todo o caso, na primeira metade d'esse seculo, William e Herchel, construiram telescopios celebres, o maior dos quaes tinha uma distancia focal de 12 metros, e ampliava seis mil vezes. Lord Ross, excedeu ainda estas gigantescas dimensões,

---

[1] Luiz Figuier, obr. cit. vol. III. — *Encyclopedia Portugueza*, na palavra *Radiographia*.

no seu *Leviathan*, que media 16^{m},76 de comprimento, e cujo espelho tinha 1^{m},83 de abertura. E Faucault, substituindo os espelhos metallicos pelos parabolicos de crystal prateado, realisou ainda um outro importante progresso.

A etherisação ou modo de anesthesiar, foi tambem uma invenção do seculo XIX, devida a Jakson, em 1847. Associou-se elle com Morton, para explorarem esta descoberta; mas o chloroformio não tardou a supplantar o ether, graças ás pesquisas de Flourens, Bell e Simplon.

E mesmo a applicação da vaccina contra a variola, pertenceu ao periodo de que estamos tratando; porque as primeiras experiencias d'essa applicação foram feitas na Inglaterra pelo medico Eduardo Jenner, em 1798.

Cuvier, no principio do seculo XIX, formulou as leis de anatomia comparada, e, graças a estas leis, pôde constituir a paleontologia. Os trabalhos de Cuvier imprimiram um novo desinvolvimento aos estudos geologicos, que, em seguida puderam, por sua vez, constituir-se em sciencia. E o desinvolvimento da geologia aproveitou, sobretudo, á industria mineira, que forneceu aos geologos preciosas observações.

Na segunda metade do seculo, as ideias de Darwin sobre a evolução lenta das especies, cuja theoria foi chamada *transformismo*, deram á sciencia uma impulsão nova, e orientaram, especialmente os naturalistas, no estudo dos organismos interiores.

O cirurgião francez Bichat, contemporaneo de Cuvier, foi o fundador da physiologia. Abandonando a indagação das causas, deu o exemplo de estudar os phenomenos vitaes em si mesmo.

Aos trabalhos de Bichat, seguiram-se as descobertas e as theorias (theoria cellular) da escola allemã, que levaram a constituir em sciencia distincta a *histologia* ou sciencia dos tecidos. Mas foi Claudio Bernard, que, tambem no meio do seculo, pelas suas descobertas e ensinamentos, fez dar á phisiologia progressos decisivos. Com elle, triunfou o methodo experimental das sciencias physicas e chymicas. E, ao mesmo tempo que a medicina era transformada, começou a estudar-se a acção dos medicamentos, com uma precisão scientifica.

Nos fins do seculo, um sabio francez—Pasteur, fez novas descobertas, notaveis por ellas proprias, e infinitamente beneficas pelas suas applicações praticas. Os seus trabalhos sobre os microbios ou bacterias não só modificaram profundamente as concepções physiologicas, mas determinaram tambem immenso progresso na medicina e cirurgia, pela vaccinação e seroterapia, cura do carbunculo (1881), da raiva (1885), da diphteria (1894), da peste, e pelo emprego da asepsia e antisepsia. E, em todas as grandes cidades do mundo, teem sido fundados Institutos *Pasteur*, onde os sabios trabalham, na procura das vaccinas que immunisam, ou dos soros que curam.

*

* *

A este movimento extraordinario nas sciencias industriaes e nas suas applicações uteis correspondeu um grande movimento em outras sciencias, e na historia e nas lettras e artes ornamentaes.

Assim, Ficte, Shelling e Hegel constituiram grandes systemas metaphysicos. Kant fez uma revolução

nas ideias, ao mesmo tempo que a Europa occidental a fazia na politica.

Em França, Victor Cousin, nos ultimos tempos do primeiro quartel do seculo XIX, e durante o segundo quartel, fundou a escola do *electismo*, em que tractou de combinar as ideias de Descartes, com as da escola escocesa e de Kant.

No meiado do seculo, surgiu a reacção contra a metaphysica, nas obras de Augusto Conte, Stuart Mill, Littré, Darwin e Spencer, que fundaram a philosofia moderna, chamada *positiva*, ou antes a nova sciencia *sociologica*. E depois veiu a influencia da philosofia allemã de Shopenhauer, cuja doutrina leva ao pessimismo absoluto, e a philosofia de Nietzeshe, que estudou o modo fugir ao pessimismo de Shopenhauer.

Desinvolveu-se muito a economia politica e o direito commercial terrestre, e especialmente o maritimo, que obteve grande progresso.

A historia abandonou a phantasia e a imaginação e tomou um caracter impessoal e uma observação positiva com Fustel, Taine, Renan, Coulange e Alexandre Herculano.

A litteratura soffreu tambem profundas modificações.

Assim, na primeira metade do seculo XIX, o romantismo [1] desbancou o antigo classissismo. Depois, na

---

[1] O romantismo, segundo Theophilo Braga, representava a melancolia e o desalento do espirito. Dava expressão aos sentimentos que se compraziam evocar o passado que elle procurava restaurar no seu antigo dominio; espalhava os protestos de revolta-

segunda metade, ao *romantismo* em decadencia succedeu o *realismo*, isto é o cuidado de reproduzir nas obras a realidade, tal qual é, e o gôsto de uma observação exacta, precisa e minuciosa. Essa escola realista triunfou, sobre tudo, no romance e no theatro.

A tendencia realista fôra já marcada nas obras de Balsac; mas foi no segundo imperio francez que appareceu o typo mais perfeito do romance realista, na *Madame Bovary*, de Gustavo Flaubert (1855), que vem a ser a historia da vida d'uma pequena burgueza da provincia.

Na mesma epoca, o drama romantico era substituido pela comedia burgueza de Emilio Augier (*Le Gendre de M. Poirier*, 1854) e de Alexandre Dumas filho (*Le Demi Monde*, 1855).

Foi ainda o puro realismo que depois inspirou os romances de Maupassant, afilhado e discipulo Flaubert (*Une Vie*, 1883).

Na Inglaterra, na Russia e nos outros paizes, os maiores romancistas foram tambem realistas, como George Elliot, Dostoïewsky, Tourgueneff, e o mais popular de todos, Tolstoy (*A Guerre et a Paz, Anna Kareline*), cuja influencia moral foi grande na Russia e em toda a Europa; e, em Portugal, Camillo Castello Branco, Julio Diniz e Eça de Queiroz.

---

dos, genios insubmissos; e lisongeava o gosto banal de uma burguezia cordata.

E nós podemos acrescentar que se chamaram tambem d'essa escola os escriptores que, nos principios do seculo XIX, se afastaram dos auctores classicos da antiguidade. — Adriano Anthero, A *Hespanha e Portugal e suas affinidades*.

Do realismo e das tentativas litterarias de Taine derivou-se o *naturalismo,* ou a litteratura com pretensões a scientifica.

A influencia de Taine foi consideravel, nos ultimos 30 annos do seculo: philosofo, critico, historiador, espirito vigoroso e systematico, tentou introduzir na philosofia, na critica e na historia, o methodo experimental das sciencias naturaes, e demonstrou que os factos humanos são determinados pela raça, meio, circunstancias, occasião, etc. *(Philosophie de l'art, Litterature anglaise — Origines de la France contemporaine).*

Foi n'estes methodos pseudo scientificos, e n'estas tentativas naturalistas, que se inspiraram os romances dos irmãos Goncourt, e, sobre tudo, de Emilio Zola *(Histoire naturelle d'une famille sous le second Empire* 1872-1894).

Um outro escriptor que exerceu na geração contemporonea uma influencia comparavel á de Taine, foi Renan, tambem philosofo e historiador. No ponto de vista puramente litterario, Renan é um dos escriptores mais originaes e mais puros do seculo XIX; e d'elle se derivou toda uma linha de escriptores delicados e engenhosos, como Anatole France, Jules Lemaitre, Maurice Barrés.

Mas, na diversidade das producções litterarias do seculo XIX, ha ainda outras correntes e outras influencias, que, muitas vezes, se entrecruzam.

Assim, veiu o romance psycologico, sendo o primeiro modêlo dado por Stendal, com o *Fromentin* (Dominique, 1863), e depois por Paulo Bourget.

Mesmo o theatro foi renovado, pela influencia do noruegue Ibsen, o auctor dramatico mais notavel do

seculo, cujas obras, ao mesmo tempo realistas e symbolicas, representam, sobretudo, o individuo, luctando previamente contra os preconceitos e contracção social.

Na poesia, é que o lyrismo romantico prevaleceu mais tempo. O mestre popular, Victor Hugo, viveu e reinou até 1885; e o grande poeta inglez Tennysson, foi tambem um romantico.

No entanto, entre 1850 e 1860, constituiu-se uma escola nova de poetas, mais impessoaes, attendendo, sobretudo, á perfeição da fórma. Foi a *escola parnassiana*, cujo mestre era Leconte de Lisle *(Poèmes Antiques, 1858)*, que teve por discipulo Heredia, auctor de admiraveis sonetos *(Les Trophèes, 1893)*. Depois a fórma parnassiana perdeu tambem de moda, e a poesia foi tomando fórmas novas mais livres, e variadas e diversas como a natureza.

Surgiu, então, a *escola symbolica* [1], regeitando todas as fórmas antigas. O seu mestre foi um poeta original e doente, Verlaine *(Sagesse*, 1881).

---

[1] O symbolismo consistia em exprimir o mundo moral, pela correspondencia do mundo phisico, isto é, por meio de representações, correspondencias ou noções physicas *(symbolos)*, que traduzissem bem as ideias moraes. Parallelamente, os symbolistas, reivindicavam grande liberdade de fórma, com a syntaxe, com o vocabulario, com a rima e com a metrica. O seu verso livre, cujo comprimento excede muitas vezes o alexandrino, distingue-se, muitas vezes, difficilmente da prosa.

*

* *

O movimento artistico correspondeu ao movimento litterario. Teve a mesma variedade, as mesmas audacias, foi dominado pela mesma tendencia realista — a preocupação de reproduzir a natureza com exactidão e sinceridade. Estendeu-se tambem, mais ou menos, a todas as nações; mas a França ficou o centro artistico mais activo, e o paiz das livres indagações e das iniciativas originaes.

Foi na pintura que as novas tendencias se affirmaram mais completamente. A pintura historica passou ao segundo plano. Os pintores representaram, sobretudo, as paisagens e as scenas dos costumes contemporaneos.

Assim, na França, o chefe da escola realista foi Courbet, contemporaneo de Flaubert. Na mesma epoca, a pintura franceza contava dois illustres paisagistas, Millet, pintor da vida rustica, e Gorot, que ministrou os aspectos mais poeticos da natureza, as luzes da manhã subtis e doces nas arvores e na agua. Depois, o realismo, sob a influencia de Manet, tornou-se e impressionista [1], isto é, orientou-se para o *impressionismo*, recorrendo a processos novos cada vez mais audaciosos, para exprimir toda a vida e todo o brilho

---

[1] Os impressionistas propunham-se representar os objectos, segundo as suas impressões pessoaes, sem se preoccuparem com as regras geralmente admittidas.

da luz. Os chefes da escola foram Manet, Sisley, Degas e Renoir, Henri Martin, Benard, etc. Mas os impressionistas são apenas uma escola, no meio de muitas outras, e os maiores pintores do fim do seculo. Puvis de Chavannes, pintor de frescos, de uma composição harmoniosa e de uma nobre serenidade, e Carrière, cujas obras teem uma belleza superior, pela sciencia do modelado e profundeza da expressão, não se ligaram a nenhum grupo.

Na Inglaterra, as obras mais originaes são as dos *Peraphaelitas*, assim chamados, porque se inspiravam na pintura do seculo XV, anterior a Raphael; mas houve, em muitos outros paizes, na Allemanha, na Suissa, na Noruega e na Hespanha, um grande numero de artistas de talento original.

A esculptura evolucionou tambem para o realismo; porém, a estatuaria classica conservou partidarios fieis, que obedeceram sempre ás tradições antigas.

De todas as artes, a architectura foi a que menos se desprendeu do predominio classico. Em compensação, houve, no fim do seculo, um verdadeiro renascimento das artes decorativas; e, sob influencias diversas, formou-se o moderno estylo de decoração, que mira á simplicidade e naturalidade.

*

* *

Tantas descobertas e tão grande progresso nas sciencias e nas artes, apar das explorações territoriaes e dos acontecimentos politicos, não podiam deixar de influir poderosamente nos demais factores economicos.

Effectivamente, começando pelos productos, já o bloqueio continental fez apparecer muitos productos novos. E' que era preciso supprir a carencia que resultava d'esse bloqueio, por meio de novas invenções; e Napoleão foi o primeiro a despertar a iniciativa particular, com premios destinados aos inventores.

A côr da cochenilha foi substituida pela côr da garança e do pastel; o café do cafezeiro, pelo café de chicoria; o assucar da canna, pelo assucar da uva e da beterraba [1]. E d'este assucar de beterraba e da sua fabricação surgiram ainda muitas outras substancias.

Assim, para tirar o assucar, preme-se a beterraba. Sai d'ahi o succo, d'onde se faz o assucar. Este assucar, sendo bem refinado, assemelha-se ao das Antilhas, e o residuo que a pressão deixa, serve ainda para alimento da gado.

Como é impossivel tirar da polpa todo o liquido que ella contém, é tambem impossivel tirar do liquido todo o assucar; e d'ahi se deriva um novo residuo que se appelida *melaço*.

Este melaço, distillado, dá alcool, e depõe um outro residuo, improprio para a distillação, que os franceses chamam *vinasse*. A chimica apodera-se d'esta substancia, lança-a n'um forno, onde os gazes que ella contém, se inflamam, sob a influencia do calor de um outro forno adjacente e communicativo, e sai d'ahi um corpo solido negro, mas de consistencia e

---

1 Perigot, obr. cit. O assucar de beterraba já era fabricado na Siberia, ha mais d'um seculo, mas em quantidades insufficentes. Risson, obr. citada.

brilho metallico — a potassa bruta. Vende-se ella n'esse estado para as saboarias, e a que se não vende n'essa forma, é lixiviada, de maneira a dar um liquido que se concentra, e que na ebulição dá o sulfato de potassa para uso dos fabricantes de salitre e aluminio. E, depois de arrefecido este liquido, forma *ipso facto* o chloreto de potassio, que se emprega tambem na fabricação do salitre.

Quando se lança mão d'este ultimo producto, e se separa o que elle contém de chloreto, e se torna a lançar na caldeira, produz-se na ebulição o sal de soda, que se emprega na vidraria. O residuo, tambem depois de arrefecido, torna-se a levar ao fogo, e sai de lá potassa pura, servindo para uso da fabricação do crystal.

E este Protheu da chimica — a beterraba acaba por fim em potassa bruta, contendo phosphato e carbonato de cal, que serve para espalhar nos campos, como estrume, e para a vidraria.

Houve tambem de novo no seculo XIX, a produção da soda, devida aos trabalhos de Leblanc e Thernaud de que já fallámos, bem como do sal amoniaco e do branco de alvaiade; a distillação aperfeiçoada do alcool e do chloro; a produção do gaz de illuminação extraido da hulha, invenção essa devida a Minclen (1804); a de muitos productos chimicos e pharmaceuticos; a descoberta das côres tiradas da hulha; a dos explosivos; a dos productos das industrias alimentares, como, por exemplo, conservas e carnes congeladas; a das industrias photograficas, e a fabricação do aço, pela invenção do inglez Bessemer. E, finalmente, surgiram no mercado muitos outros productos, devidos ao maior desinvolvimento da industria e ao intercambio internacional.

Augmentaram enormemente os metaes preciosos, pela exploração das minas de ouro da Russía, na Siberia, que principiou em 1820; pela das minas tambem de ouro de California, descobertas em 1848, que em breve desbancaram mesmo as antigas minas de Potosi; e, depois de 1851, pelos jazigos auriferos da Australia, tambem muito abundantes. E d'ahi resultou não sómente um grande elemento de materias primas para as industrias preciosas, mas tambem para a abundancia de numerario: o que influiu efficazmente nos preços e nos mercados.

E Nobel descobriu a dinamite.

*

* *

O que temos exposto, a respeito das sciencias e das artes, da applicação do vapor e da electricidade e dos productos, mostra já quão grande serie de industrias se criou e desinvolveu, no periodo de que estamos tratando. E teriamos de encher muitas paginas, se mencionassemos todas aquellas que foram descobertas ou aperfeiçoadas.

Mas, ainda assim, vamos fazer especial menção de algumas d'ellas.

Uma foi a industria da cortiça, que é das mais caracteristicas; porque, apesar de todas as indagações, nunca se conseguiu fabricar outra materia que possua as qualidades de leveza, elasticidade e incombustibilidade, proprias d'esse producto. Experimentaram-se todas as

qualidades de substancias leves e esponjosas, mas nenhuma correspondeu ao programma; e, por isso, os povos que possuem a cortiça, ainda conservarão o monopolio por muito tempo.

Em primeiro logar, encontra-se ella na França, no departamento dos Pyrineus Orientaes, do Var, dos Alpes Maritimos, na Corsega, colonias algerianas e tunizianas; e vem depois Portugal, Hespanha, Italia, Austria, Grecia e Marrocos. De modo que a cortiça é uma riqueza do Mediterraneo.

Desde tempos remotos, a unica applicação d'este producto era a das rolhas. E o corte d'ellas, por mais bem feito que seja, fornece muitos residuos.

Primeiramente esses residuos eram queimados, e, como a cortiça não queima bem, constituiam um combustivel de má qualidade, por forma que, para se tirar proveito d'elles, tornavam-se necessarios combustores especiaes. Felizmente, porém, criou-se uma outra importante industria — a da apara das rolhas, que, por meio de processos de agglomeração, não sómente aproveita os restos, mas tambem faz com elles outros differentes productos, que possuem qualidades indispensaveis para muitos empregos especiaes, e até para se extrair gaz de illuminação.

As rolhas trabalham-se facilmente á mão. Porém inventaram-se maquinas engenhosas que abreviam o trabalho, e dão resultados industriaes satisfatorios.

A cortiça agglomerada é um isolador notavel contra as variações da temperatura.

A industria frigorifera, que egualmente foi criada no seculo XIX, emprega-a tambem com bom resultado; e nada se encontra melhor, para encher as duplas pare-

des isoladas dos entrepostos dos navios frigoriferos ou dos wagons refrigerantes.

O tijolo de cortiça representa um papel importante na construcção, para estabelecer paredes muito leves, insonoras, e que guardam muito bem o equilibrio thermico.

Depois de alguns ensaios, que não foram muito felizes, porque os processos de agglomeração não estavam devidamente aperfeiçoados, esse tijolo de cortiça, bem fabricado, tomou o seu logar entre os materiaes de que o architecto e engenheiro podem servir-se com segurança e utilidade.

O pó da cortiça está reconhecido como excellente, para fazer em caixas ou em qualquer outro recipiente, o acondicionamento de fructas e legumes delicados, ou que se quer transportar em viagem ou navios.

A sua preparação necessitou de maiores indagações do que se poderia suppor; porque não é facil pulverisar, até o ponto que se deseja, esta materia de uma elasticidade tão perfeita que foge á ferramenta. Mas industrias especiaes resolveram o problema.

Uma das applicações mais notaveis dos agglomerados da cortiça é o linoleum, vulgarmente chamado *corticite*, cujo inicio data approximadamente de 1870, e que tomou muita importancia na construcção. Apto para evitar a humidade, é um inimigo da poeira, um isolador thermico, e uma substancia propria para constituir superficies lisas e não escorregadias. Sendo, como é plastico, permittindo a sua applicação, onde se quizer, o linoleum. assumiu um logar industrial e commercial importante. Vem a ser uma simples mistura de cortiça em pó, oleo de linhaça, goma e oca, tudo preparado segundo a respectiva industria.

A potencia motora do vapor foi sensivelmente augmentada pela invenção de Seguin, na caldeira tubular (1828), a que já nos referimos. Depois usou-se a força motora da electricidade, por meio das maquinas dynamo-electricas de Gramman.

Nos ultimos annos construiram-se tambem motores a petroleo. Inventaram-se tambem outras maquinas, cada vez mais complicadas, e cada vez mais potentes.

A agricultura, como já notámos, tornou-se scientificamente industrial. No seculo XVIII, ella conservava ainda os processos rotineiros da meia edade, a não ser nos paizes novos (Estados Unidos); e, mesmo a força das quedas de agua e do vento só era aproveitada para os moinhos. Mas depois começou o trabalho mecanico a substituir-se ao trabalho á mão; e os velhos instrumentos tradicionaes foram sendo tambem substituidos pela charrua a vapor, semeadoras e ceifeiras mecanicas, debulhadeiras, maquinas de pisar e envasilhar o vinho, etc., [1].

Ao mesmo tempo a chymica agricola forneceu novos processos, para melhorar os terrenos e augmentar o seu rendimento, por meio de estrumes chymicos, taes como phosfatos, nitratos de potassa, etc.

E, para generalisar as praticas scientificas, fundaram-se, geralmente, em differentes paizes, institutos agricolas, escolas de agricultura e quintas modelos.

Finalmente, as exposições internacionaes, que tambem são obra do seculo XIX, fornecendo os melhores modelos industriaes, e mostrando o desinvolvimento de

---

[1] Vide pag. 111.

cada nação, serviram de exemplo e incitamento aos paizes mais atrazados, e fomentaram, cada vez mais, a ancia do progresso.

Essas exposições internacionaes foram: em 1851, em Londres; 1855, em Pariz; 1862, em Londres; 1865, no Porto; 1867, em Pariz; 1871 a 1874, em Londres; 1873, em Lyon; 1873, em Vienna; 1873, em Philadelphia; 1878, em Pariz; 1879, em Sidney; 1880, em Melbourne; 1883, em Amsterdam; 1885, em Antuerpia; 1885 e 1886, em Nova Orleans; 1888, em Barcelona; 1888, em Copenhague; 1888, em Bruxellas; 1889, em Pariz; 1893, em Chicago; 1897, em Bruxellas; 1900, em Pariz.

Com tudo isto, as industrias manuaes foram decrescendo, de modo que, por um lado, no fim do seculo, o trabalho á mão quasi que sómente era applicado ás industrias de luxo; e trabalhava-se mais barato. E, por outro lado, surgiu a grande industria.

E' certo que, antes do seculo XIX, já havia algumas grandes officinas, conglobando centenas de trabalhadores. Mas era uma excepção; porque o regime normal consistia na divisão em pequenas officinas, onde o patrão agrupava alguns artistas. No seculo XIX, pelo contrario, a officina tornou-se uma excepção, e a fabrica constituiu a regra geral.

Assim se fizeram, sobretudo, nas regiões hulheiras e na visinhança das grandes quedas de agua, enormes agglomerações de operarios, cujo desinvolvimento é um dos traços mais caracteristicos do seculo XIX. E, por isso mesmo, a população operaria foi crescendo muito, em detrimento da população rural.

Pode, assim, dizer-se que os caracteres essenciaes da industria no seculo XIX, sobretudo depois do pri-

meiro quartel, se resumem em que a grande industria substituiu a pequena industria, e foi penetrada pela sciencia; de modo que foram as preparações dos sabios que incitaram a actividade dos industriaes.

A fabrica saiu do laboratorio, e substituiu a officina; e ao trabalho de mão substituiu-se, quanto possivel, o trabalho mecanico. A maquina substituiu tambem o homem. Fabricaram-se objectos em grande quantidade e baixo preço. E, como já dissemos, surgiu enorme quantidade de industrias novas.

*

* *

A descoberta ou preparação de novos productos, o grande desinvolvimento industrial, o alargamento do mundo physico, e a exploração de novas regiões territoriaes, apar do enorme alargamento das communicações, de que adiante fallaremos, deram tambem logar a um grande desinvolvimento do commercio.

Os commerciantes não se limitaram a vender no seu paiz. Procuraram desembocadouros em todos os povos do mundo. O commercio exterior, cuja importancia é uma caracteristica essencial da força economica dos Estados, tornou-se tambem a condição essencial da vida de alguns d'elles: por exemplo, a Inglaterra e a Allemanha, que só encontraram na venda dos seus productos o dinheiro necessario para a sua alimentação.

Por outro lado, os preços tenderam a tornar-se uniformes. Estabeleceram-se bolsas em quasi todos os paizes, e museus commerciaes em alguns d'elles, como,

na Belgica, onde havia amostras dos productos de exportação e de importação e dos empacotamentos e respectivos aprestes; e onde as respectivas mesas davam instrucções completas, quanto á procura nos paizes estrangeiros, ao curso dos cambios, taxas aduaneiras e telegraficas, e tarifas de transportes por terra e por mar [1].

As companhias de seguros terrestres e maritimas augmentaram prodigiosamente, dando assim ao commercio outras tantas garantias.

Augmentou egualmente o estabelecimento dos bancos, de sociedades anonymas, de associações poderosas, sob a forma de *trusts, cartels* e *rings*, e camaras de compensação ou *clearing-houses*, ampliando com isso as forças economicas, pela expansão do credito, ou pela reunião dos esforços individuaes [2].

Os proprios consulados tiveram tambem por missão especial o concorrerem para o desinvolvimento do commercio do seu paiz; e criou-se internacionalmente a missão de agentes, commissarios commerciaes, e até de conselheiros commerciaes junto das legações, com o mesmo proposito de favorecerem o commercio do respectivo Estado [3].

Tornou-se maior a approximação das nações, e com ella o intercambio internacional. E as exposições de que já fallámos, ao passo que augmentavam esse intercam-

---

1 Marcel Dubois, *L'Europe, la Belgique.*

2 Adriano Anthero. *Commentario ao Codigo Commercial Portuguez,* vol. I pag. 154 e seguintes.

3 Noel, obr. cit. vol. III.

bio, forneciam os modelos mais aperfeiçoados, e despertavam tambem o desejo das transacções internacionaes.

O dinheiro unificou-se em cada paiz, havendo uma unica moeda embora com os seus multiplos ou submultiplos, e acabando com isso a confusão monetaria dos tempos anteriores.

Assim, na Allemanha, a unidade monetaria era o *marco*, valendo approximadamente um franco e 24 centimos; e, porisso, reputando o franco em 18 centavos ou 180 reis, era egual a 22 centavos e tres milavos ou 233 reis da nossa antiga moeda. Dividia-se em 100 *phennigs*.

Na republica Argentina, a unidade monetaria era o *pêso*, que se dividia em cem *centavos*, com o valor nominal de cinco francos (= 90 centavos ou 900 reis da nossa antiga moeda). Nos Estados Unidos da America do Norte, era esse *pêso* reputado como equivalente a 965 millessimos do dollar (= 80 centavos e tres milavos ou 893 reis da nossa antiga moeda).

Na Austria-Hungria, a unidade monetaria da pauta das alfandegas era o *florim*, dividindo-se em 100 *kreutzer*, e valendo 2 francos e cincoenta centimos (= 45 centavos ou 450 reis). Mas a unidade monetaria estabelecida por lei de 1892, posterior á da pauta das alfandegas, era a *corôa* (= 18 centavos e sete milavos ou 187 reis).

Na Belgica, a unidade monetaria era o franco, dividindo-se em 100 centimos (= 18 centavos ou 180 reis).

No Brazil, a unidade monetaria era *mil reis*, (= 50 centavos e cinco milavos ou 505 reis).

No Chile, a unidade monetaria era o *pêso*, que se dividia em 100 *centavos* (= 33 centavos e sete milavos

ou 337 reis). Nos Estados Unidos da America do Norte, o *pêso* chileno era reputado em 365 millesimos do dollar (=33 centavos e oito milavos ou 338 reis).

Na China, a unidade monetaria era o *tael* (=a 10 *maces*=a um escudo e vinte e nove centavos e seis milavos ou 1$296 reis). O *mace* dividia-se em 10 *condarins*, e o *condarin* em 10 *caches*.

No Congo (Estado Livre), a unidade monetaria era o *franco*, dividindose tambem em 100 *centimos* (=a 18 centavos ou a 180 reis).

Na Costa Rica, a unidade monetaria da pauta das alfandegas era o *pêso* (prata), que se dividia em 100 *centavos*, com o valor nominal de 5 francos (=90 centavos ou 900 reis). Nas estações officiaes dos Estados Unidos da America do Norte, considerava-se como unidade monetaria da Costa Rica, o *colon* (ouro), equivalente a 465 millesimas do dollar de ouro (=46 centavos ou 460 reis).

Na Dinamarca, a moeda referida na pauta das alfandegas era o *rigsdaler*, que se dividia em 96 skillings, e valia francos 2,78 (=50 centavos e 4 milavos ou 504 reis). A moeda nova era a *corôa*=25 centavos (ouro). que se dividia em 100 *öres*, e valia francos 1,39 (=25 centavos e dois milavos, ou 250 reis). A lei monetaria de 23 de maio de 1873 fixou a proporção entre duas moedas da maneira seguinte: 1 *rigsdaler*=a duas *corôas*; 48 *skillings*=1 *corôa*.

No Equador, a unidade monetaria empregada na pauta das alfandegas era o *sucre*, que se dividia em 100 centavos e valia cinco francos, valor nominal (=90 centavos ou 900 reis). No Boletim del Ministerio do Estado VII, 980, (Madrid, 1898), menciona-se a *piastra*

(prata), como tendo curso no Equador e Guatemala, com o valor de 5 francos. Nos *Consular Reports* LVII, n.º 213, pag. 17, (Washington, 1898), menciona-se o *pêso de prata* com a unidade monetaria do Equador, com valor fluctuante, que, no 1.º trimestre de 1898, oscillou entre 409 e 434 millesimas do dollar de ouro (=37 centavos e 8 milavos e 39 centavos e 2 milavos, ou seja $37,8 e $39,2 respectivamente, ou 378 reis e 392 reis).

Nos Estados Unidos da America do Norte, a unidade monetaria era o *dollar*, que se dividia em 100 *cents*, e valia 5 francos e 18 centimos (=93 centavos e dois milavos ou 932 reis). A casa da moeda dos Estados Unidos reputava *mil reis* de Portugal, (ouro), equivalente a um *dollar* e oito *cents*. Segundo esta equivalencia, um dollar correspondia a 92 centavos e 6 milavos ou 926 reis.

No Haiti, a unidade monetaria era o *guide*, que se dividia em 100 *centimos*, com o valor nominal de cinco francos ou 90 centavos ou 900 reis. A casa da moeda dos Estados Unidos reputava um *guide* =965 millesimas do dollars (ouro). A equivalencia sobre esta base em ouro portuguez vem a ser 89 centavos e 3 milavos ou 893 centavos e 3 milavos ou 893 reis.

Na Hespanha, a unidade monetaria era a *peseta* (= a um franco, 18 centavos ou 180 reis).

Na Inglaterra, a unidade monetaria era a *libra* sterlina (20 shillings, equivalente a 4 escudos e meio ou 4$500 reis; *shilling* (12 dinheiros ou pences, equivalente a 22 centavos e meio ou 225 reis; *dinheiro* ou *penny (4 forthings)*, equivalente a 18 milavos e 75 centesimos do milavo ou 18 reis; *forthing*, equivalente a 4 milavos e 60 centesimas do milavo ou 4 reis.

Na Italia, a unidade monetaria era a *lira* (=1 franco, ou 18 centavos ou 180 reis).

No Japão, a unidade monetaria era o *yen* (ouro), equivalente a 0,498 do dollar = a 46 centavos e um milavo ou 461 reis).

No Mexico, a unidade monetaria era o *pêso,* que se dividia em 100 *centavos,* com o valor nominal de cinco francos (=90 centavos ou 900 reis).

Em Marrocos, a unidade monetaria era o *real,* que valia 25 centesimos da peseta hespanhola ou de 1 franco (= a 4 centavos e meio, ou 45 reis).

Nos Paizes Baixos, a unidade monetaria era o *florim,* que se dividia em 100 *cents,* e valia aproximadamente 2 francos e 11 centimos (=38 centavos ou 380 reis).

No Peru, a unidade monetaria era o *sol* (prata), que se dividia em 100 *centavos,* e valia nominalmente 5 francos (90 centavos ou 900 reis). O *sol de prata* do Peru tinha curso fluctuante, de modo que, no fim do 1.º semestre de 1898, era reputado pela casa da moeda dos Estados Unidos como equivalente a 418 millesimas do dollar (ouro americano) =38 centavos e 7 milavos ou 387 reis.

Em Portugal, a unidade monetaria era o *real* com os seus multiplos, a saber: a *corôa de ouro,* do valor de 10$000 reis, a *meia corôa,* do valor de 5$000 reis, o *quinto de corôa,* do valor de 2$000 reis, e o *decimo de corôa,* do valor de 1$000 reis.

Na Russia, a unidade monetaria, desde os principios de 1897, era o *rublo* ouro, equivalente a 772 míllesimas do dollar dos Estados Unidos (=71 centavos e 4 milavos ou 714 reis). Dividia-se em 100 *kopecks.*

Não se deve confundir com o *rublo* papel, que tem o valor approximado de 48 centavos ou 480 reis.

Na Suecia e Noruega, a unidade monetaria era a *corôa (krona)*, que se dividia em 100 *oeres*, e valia approximadamente 1 franco e 39 centimos (=25 centavos ou 250 reis).

Na Turquia, a unidade monetaria era a *piastra de ouro*, equivalente a 44 millesimas do dollar dos Estados Unidos (=4 centavos approximadamente ou 40 reis). As moedas cunhadas eram de 25, 50, 100, 200 e 500 piastras.

No Uruguay, a unidade monetaria era o *pêso*, que se dividia em 100 *centesimos*, e valia approximadamente 5 francos (=90 centavos ou 900 reis) [1].

*

* *

Nas proprias classes trabalhadoras, operou-se uma revolução, porque foi abolida a escravatura.

Os congressos de Vienna de 1815 não ousaram estabelecer essa abolição, e apenas formularam o voto de que as nações alli representadas empregassem para tão humanitario fim os seus melhores esforços.

Coube á Inglaterra a iniciativa da perseguição da escravatura, arrogando a si o direito de visita a todos os navios que julgasse suspeitos do trafico dos negros.

---

1 Adriano Anthero. — *Commentario ao Codigo Commercial Portuguez*, vol. I, pag. 595 e seguintes.

A França reconheceu por um tratado de 1831 tal direito, que, annos depois, em 1845, se viu obrigada a regularisar por outro tratado com a Inglaterra, estabelecendo-se um cruzeiro de navios inglezes e francezes, nas costas occidentaes e orientaes da Africa, para cohibir o trafico, segundo se dizia, feito pelos Portuguezes.

Já em 1839, as camaras britannicas tinham adoptado o *bill* de lord Palmerston, dando aos navios inglezes a faculdade de capturarem os navios portuguezes que se entregassem ao commercio dos negros, ou fossem suspeitos de tal commercio, ficando os bens e pessoas de bordo sujeitas á jurisdicção exclusiva das auctoridades de Sua Magestade Britannica.

O tratado de 1845 entre a França e a Inglaterra foi a nova edição correcta d'esse *bill.*

O governo portuguez de então deu ordem ao seu ministro, barão de Moncorvo, para fazer sentir ao governo inglez que reputava como iniquo esse direito de visita, embora sob um pretexto humanitario. E a Inglaterra, no mesmo anno de 1845, por uma nota de lord Aberdeen, deu-nos amplas satisfações sobre o que nós julgavamos offensa da nossa soberania.

Concorreu muito para isso o livro de Sá da Bandeira «*O trafico da escravatura e o bill de lord Palmerston*», em que elle desaggravou Portugal da injustiça que lhe era feita. E aquelle tratado de 1845 era tanto mais injusto que, já em 1843, tinha havido um tratado entre a Inglaterra e Portugal, em que as duas potencias consentiam mutuamente na visita e n'outros procedimentos graves, quanto ás embarcações dos dois paizes, quando estas se tornassem, com fundamento

rasoavel, suspeitas do trafico; devendo, em todo o caso, estas visitas ser exercidas por navios do Estado, auctorisados expressamente para esse fim.

Os Estados-Unidos não annuiram ao direito da visita, e, por causa d'isso, esteve para haver um conflicto com a Inglaterra, em 1858. Mas, pela abolição geral da escravatura, acabou a contenda; porque, então, os negreiros ficaram equiparados aos piratas.

O ultimo paiz que a aboliu, foi o Brasil, em 1889, devido em grande parte aos esforços de Joaquim Nabuco e José Patrocinio. Mas, de facto, ainda ella persistiu em alguns povos, e até para a reprimir, ha a *União* ou *Bureau da repressão do trafico de escravos*, instituido, em execução do auto geral da conferencia de Bruxellas de 2 de julho de 1890 [1].

*

*   *

Tambem no periodo de que estamos tractando, o socialismo foi cada vez agindo mais fortemente, e perturbando muito o andamento regular da sociedade.

Assim como no mundo physico, ha o quadro dos abysmos e das alturas, dos valles e das campinas, e, apar do superficie immensa dos mares, ha as arestas das rochas e as cadeias das montanhas; emfim, como no mundo physico, ha uma serie continua d'esses phenomenos que quebram o nivelamento do globo, tambem no

---

[1] Adriano Anthero. *O Direito Internacional.*

mundo moral e social, ha os multiplos accidentes que estabelecem a desigualdade da humanidade.

O proprietario ao pé do proletario, o rico ao pé dos desherdados de bens de fortuna, o forte ao pé do fraco, o homem que dispõe de aptidões priveligiadas, ao pé do destituido de habilitações, o trabalhador ao pé do indolente, o protegido ao pé do desamparado, em summa, a differença de condições estabelecida por toda a parte constitue outras tantas variantes, que teem feito, desde o principio do mundo, a desegualdade das classes sociaes.

E esta serie de desegualdades tem levantado sempre ou nos espiritos visionarios e nos indagadores, ou nos condoidos de alheios infortunios, ou nos desesperados da vida e da sorte, repetidos esforços, pacificos, ou violentos, para apagarem essas desegualdades e estabelecerem, quanto ser possa, o nivelamento social.

O primeiro systema aventado para attingir esse nivelamento social, devia ter sido naturalmente o mais radical e menos scientifico; já porque os primeiros impulsos da humanidade foram indisciplinados e rudes; e já porque, não havendo ainda o lastro scientifico, depois accumulado pelas gerações posteriores, não havia elementos para organisar, desde logo, um corpo doutrinário.

Por isso, o primeiro systema que surgiu na humanidade, foi o communismo puro, que é de todos o mais radical, e que póde definir-se *a forma de nivelação social pela simples communhão de bens.*

Este systema dividiu-se em communismo *religioso, civil, livre* ou *philosofico* e *absoluto*, conforme devia ser

realisado pela Egreja, pelo Estado, pela simples vontade dos cidadãos, ou pela acção combinada do Estado e da Egreja.

A primeira especie de communismo — o religioso, tambem chamado *theocratico*, no caso em que os chefes da religião eram os imperantes, existiu primitivamente no Egypto, na India e n'outros povos antigos.

Os Judeus proclamaram tambem essa doutrina, sob a formula de que *toda a terra é de Deus*. No *Exodo*, por exemplo, diz-se: *Obedecei exactamente á minha voz, e guardai a minha alliança: toda a terra me pertence.* No *Levitico*, acha-se egualmente o seguinte texto: *A terra é minha, e vós sois estrangeiros e colonos, a quem abrigo.* Nos *Psalmos*, encontra-se tambem: *A terra é do Senhor com tudo o que ella contem.*

Este communismo religioso foi tambem estabelecido pelos primeiros christão na Egreja de Jerusalem, depois da morte de Christo.

Os Romanos, commandados por Tito, invadiram, no anno de 70, a Judea. Tomaram aquella cidade, queimaram o templo, e levaram captivos todos os christãos; mas, dez annos depois, outra communidade semelhante foi fundada no Egypto por S. Marcos, primeiro bispo de Alexandria, e, em breve, a instituição se propagou por toda a parte. D'ahi os conventos e as ordens religiosas, que obedeciam aos mesmos principios do communismo religioso.

As formas ou regras principaes d'essas ordens foram a de S. Bazilio, que preponderou no Oriente, e as de Santo Agostinho e S. Francisco d'Assis, que se espalharam por todo o mundo catholico. Mas, quaesquer que fossem as variantes, no fundo dominava, como

principio superior, o communismo, dos bens, regulado pelo poder religioso, de harmonia com a proclamação da Biblia de *que a terra pertence unicamente a Deus*.

E, se é certo que esse principio geral não obstava á acquisição dos bens pela Egreja, esta acquisição era no presuposto do que esta distribuiria pelos pobres e necessitados os seus rendimentos, segundo a egualdade prégada pelos evangelhos.

As ágapes ou jantares communs dos christãos, que tiveram logar nos primeiros tempos do christianismo, foram tambem um reflexo d'este systema communista. E a administração dos Jesuitas no Paraguay, já nos tempos da historía moderna, foi outra pratica d'elle.

*

* *

O communismo civil foi egualmente prégado e exercido já na antiguidade.

Na Grecia, Minos estabeleceu-o em Creta. A legislação de Lycurgo inspirou-se n'este systema; e foi assim que, tomando todas as precauções para banir o luxo e a riqueza, ella consignava a partilha das terras e a meza e educação commum. Platão e Socrates apostilisaram egualmente semelhante systema. E, em Roma, as lutas agrarias, as tentativas dos Grachos e todas as perturbações civis, provenientes da desegualdade das fortunas, representaram a mesma elaboração communista.

Eguaes ideias fermentaram, sob o esforço de differentes propagandistas, na edade media, e produziram

differentes movimentos revolucionarios, até que foram organizadas em corpo de doutrina por Thomaz Morus, o grande chanceller da Inglaterra, morto sobre o cadafalso, e um dos mais eminentes homens do seu tempo, pela sua illustração e virtudes. Esse corpo de doutrina teve o titulo de *Utopia.* tambem conhecido por *Livro de Ouro;* e foi publicado, em 1516.

*

* *

O communismo livre ou philosofico, já prégado tambem na antiguidade, foi posto em pratica no principio do seculo XVI, pela seita dos Anabaptistas, cujos sectarios, ainda n'este periodo contemporaneo, existiam na Allemanha, Estados Unidos, Hollanda, Alsacia e outras regiões.

Esta seita, apesar de proscripta com a pena de morte, na Dieta de Spira, em 1529, chegou a tomar á força, em 1534, Munster, capital da Westephalia, e ahi poz em pratica o seu systema; até que, por fím, essa cidade foi retomada pelas forças do imperio, e foram exterminados os anabaptistas que estavam dentro.

D'ahi por diante, parte d'esta seita fundiu-se na dos irmãos Moravos, que tinham quasi os mesmos principios reguladores.

Pode talvez enfileirar-se aqui o communismo dos Mormons, seita fundada por José Smith, e da qual existiam no plató dos Estados Unidos que fica entre as Rochosas e a Cascata, uns 200 a 300 sectarios.

*

* *

Finalmente, o communismo absoluto, a saber, o que devia exercer-se pela acção combinada do Estado e da Egreja, foi prégado, tambem no seculo XVI, por um homem de genio e de uma actividade extraordinaria, o calabrez Campanella. Segundo elle, o communismo era determinado por Deus; e, n'este sentido, os sacerdotes, e, portanto, a religião, deviam ser os interpretes da vontade divina, e o Estado, o seu executor. Destas duas forças combinadas é que devia resultar esse communismo absoluto [1].

*

* *

Como acaba de ver-se, no communismo, ha como formula geral — a communhão dos bens, operada directamente, e esta communhão fere bruscamente a liberdade humana, e ataca de frente a desigualdade das fortunas; e, como é natural, devia, por isso, encontrar por toda a parte uma opposição e reacção immediatas. Fez isto que, já no seculo XVII, se começasse a debater a questão de attingir de outra forma a nivelação social; e d'ahi surgiu o socialismo, que pode definir-se *o systema*

---

1 Alfredo Soudre, *Histoire du communisme.*

do nivelamento social por meios indirectos, e que M. Tougan-Baranowski define mais longamente, como sendo *a ordem social, na qual, em consequencia de eguaes obrigações e eguaes direitos para todos, e de todos participarem no trabalho e terem o seu quinhão no gozo dos fructos d'esse trabalho, a exploração d'uma parte dos membros da sociedade por outra, se torna inutil* [1].

Sobre o incendio da revolução franceza, já Mirabeau, Robespierre e Babeuf apostilisaram o socialismo; e, depois d'isso, até o fim do seculo XIX, quasi todos os visionarios que se perderam no platonismo das abstracções ideaes, ou os doutrinarios convictos, ou os desesperados e maus, que se corroiam na inveja das fortunas alheias, fizeram d'esse systema o desabafo dos seus ideaes e da sua ingenuidade, ou a expansão da sua doutrina, ou a explosão da sua inveja e do seu rancor.

E tanto augmentou o desinvolvimento do socialismo que chegou a constituir um systema perfeito, organizado em bases e principios definidos.

E, com effeito, em primeiro logar, o socialismo moderno começa por considerar viciosamente organisada a sociedade actual, pelas seguintes razões:

a) O capital deve ser abolido, com o fundamento de que representa a exploração do trabalhador pelo capitalista. Como antigamente, o explorador explorava o escravo, assim, na doutrina do socialismo, o credor explora o devedor; o grande industrial e dono das

---

1 M. Tougan-Baranowski. *Evolução Historica do Socialismo Moderno,* traduzido em francez por Joseph Schapiro.

maquinas explora o operario; o proprietario do solo explora os trabalhadores; e o patrão que tem grande estabelecimento, explora os seus caixeiros e criados. Porisso, é necessario que o capital seja commum.

b) O principio da livre concorrencia, como remedio economico, é falso. Assim, o retalhista não pode concorrer com o commerciante por grosso. O pequeno proprietario, que não dispõe do capital e instrumentos de cultura, não pode concorrer com aquelle que dispõe de tudo isso. O lavrador que só tem um solo secco e fraco e de mau clima, não pode tambem concorrer vantajosamente com outro que tenha por si melhores condições.

c) Na livre concorrencia, não ha certeza de que o grande proprietario ou industrial cumprirá os seus deveres sociaes. Era necessario para isso que elle tratasse de regular a producção, segundo o consumo social, e de produzir a quantidade e qualidade de mercadorias que a sociedade demandasse.

Ora, sob a livre concorrencia, a empreza ignora tudo, inclusivamente as necessidades das sociedades e a producção social. Não sabe qual a quantidade e qualidade de mercadorias que os seus concorrentes produzem; e é obrigado, porisso, a satisfazer a sua freguezia de olhos vendados. D'ahi resultam as crises, as fallencias, os prejuisos, etc.

Por outro lado, os que chegam a essa posição de emprezarios, não são, geralmente, os mais competentes; e d'ahi resulta um outro vicio de organisação economica — a inhabilidade d'essas empresas.

Emfim, a retribuição e lucros das emprezas não são determinados pela utilidade d'ellas e da sociedade, em geral, mas pelo capital que os empresarios possuem.

d) A antiga ideia de valor, como dependente só da utilidade e raridade, é outra ideia falsa. O valor, segundo alguns socialistas, por exemplo, Marx depende ou por outra, é representado apenas pelo trabalho crystalisado; pois qualquer producto corresponde apenas ao valor do operario que o produz, junto ao demais trabalho crystalisado nas materias primas e nos instrumentos, ou no capital, que foram empregados no producto; e isto, sem levar em conta os elementos naturaes, que devem ser communs a toda a humanidade. Ou, pelo menos, segundo alguns outros socialistas, como por exemplo, M. Tougan-Baranowski, se o valor não depende só do trabalho crystalisado, visto que pode haver elementos naturaes, como o solo e o clima, que concorram para a criação do producto, e mesmo para a sua melhor qualidade, esse trabalho vem a ser o elemento substancial do preço, e, portanto, do valor.

e) A civilisação está cheia de vicios, que tornam insufficiente a riqueza social, e que muito a podiam augmentar. Assim, na organisação actual, ha um grande numero de pessoas que são improductivas, taes são:

Os parasitas domesticos que abarcam tres quartas partes das mulheres das cidades, e metade das mulheres dos campos, pela absorpção nos trabalhos do *menage* e complicação domestica; tres quartas partes das crianças, plenamente inuteis nas cidades e pouco uteis nos campos; e ainda tres quartas partes dos criados, cujo trabalho produz unicamente uma complicação social.

E os parasitas sociaes, taes como:

Exercitos de terra e mar, que teem por objecto a destruição; legiões de funccionarios fiscaes; grande quantidade de manufactores, reputados uteis, mas que

são relativamente improductivos, pela má qualidade dos objectos fabricados; muitos mercadores e agentes commerciaes; dois terços dos agentes de transportes por terra e mar; os que descançam por lei ou por accidente, ou voluntariamente; os sofistas e controversistas, que enganam ou controvertem a verdade; os ociosos, que passam a vida sem fazerem nada, aos quaes se deve ajuntar os criados e toda a gente que serve estes ociosos; os prisioneiros, que representam uma classe de ociosidade forçada; tudo que está em rebelião aberta contra a industria, leis, costumes ou moral como as loterias, e casas de jogo, verdadeiros venenos sociaes; os cavalheiros de industria; as mulheres publicas, mendigos, ladrões, etc; os agentes de criação negativa, que não trabalham para satisfazer as necessidades naturaes da humanidade, mas para satisfazer as necessidades criadas pela imperfeição da ordem social actual. Taes são, por exemplo, os agentes da edificação d'um muro de cerca; os da desarvorisação d'uma floresta util ao paiz, porém destruida pela rapacidade do proprietario, que não pensa no interesse commum; e os da fundação de muitas emprezas concorrentes, onde uma só bastaria para as necessidades da communidade.

Em segundo logar, a sociedade não tira todo o proveito possivel de alguns operarios que emprega no trabalho productivo. Acontece isso tambem, por exemplo, no parcellamento excessivo de propriedade e da industria, em que, por falta de instrumentos, capitaes, estrumes, drenagens, o rendimento é menor; quando, pelo contrario, se a propriedade e a industria se concentrassem, o rendimento seria maior.

Em terceiro logar, outro viciamento da sociedade está na falta de atractivos no trabalho. Regra geral: não se trabalha senão para satisfazer a fome e as necessidades naturaes, e ordinariamente trabalha-se muito mal. Considera-se o trabalho economico como sendo massador e desagradavel, e que, porisso, produz fadiga. Não aconteceria isto, havendo gosto e amor pelo trabalho, como se dá com o caçador, que acha a caça agradavel, e, por esse motivo, se não fatiga com ella.

Finalmente, o unico laço que reune os diversos dominios economicos, é a troca regida pela concorrencia sem plano algum de organisação social. Cada qual pensa unicamente em si, sem se importar dos outros. O resultado é a guerra encarniçada entre elles, o enriquecerem uns á custa dos outros, e a ruina das empresas desgraçadas, as bancarrotas, as crises industriaes e commerciaes, etc.

Ora o socialismo do seculo XIX, tende a remediar todos esses vicios, ou parte d'elles, por meio de varios alvitres. Esses alvitres, embora assentem numa base commum, como veremos, são differentes, conforme os diversos systemas, e mesmo, conforme os diversos socialistas e escriptores.

Esses systemas podem classificar-se do seguinte modo:

Socialismo:	*Communismo:*
Centralista;	Centralista;
Corporativo;	Corporativo;
Federativo;	Federativo;
Anarquico.	Anarquico.

*

* *

No socialismo centralista ou o *collectivista*, elaborado principalmente por Saint Simon, todos os meios de producção devem ser concentrados na mão do Estado.

A disposição d'esses meios de producção e a sua distribuição por todo o paiz devem ser confiadas a um poder central, cuja figura corresponde, no governo economico, á do governo politico moderno.

A este poder central serão ligadas differentes auctoridades provinciaes, que estarão em contacto com os productores e consumidores. O conjuncto formará um systema complexo e hierarquico, de auctoridades economicas, subordinadas umas ás outras. As auctoridades locaes transmittirão ao poder central as informações relativas á natureza e qualidade dos pedidos sociaes; e o poder central repartirá depois, segundo estes pedidos, os meios de producção entre as auctoridades locaes; e estas, por seu lado, os darão aos trabalhadores isolados, ou formando grupos, conforme o principio: *a cada um, segundo a sua capacidade, a cada capacidade, segundo a sua obra.*

No systema de Saint Simon, que foi o primeiro que estabeleceu estas bases, a reunião dos operarios constituia uma hierarquia, onde havia empregados superiores e subalternos, chefes e subordinados; e o Estado tinha até o caracter de uma communidade religiosa.

Segundo Pecqueur, a distribuição não deve ser desegual. O Estado inquirirá quaes os objectos que é

necessario adquirir para a distribuição corresponder ás necessidades, e fixará as horas para cada industria, segundo as difficuldades e inconvenientes do respectivo trabalho. A remuneração deve ser a mesma para cada operario, desde que a tarefa normal seja convenientemente executada; aliás soffrerá a devida reducção.

Na distribuição do salario, hão-de ter-se em conta as despezas do Estado com a sustentação dos velhos, doentes e crianças, bem como a dedução de uma certa parte, para reconstruir o capital social e para outras despezas. O resto é repartido em partes eguaes pelos operarios. A distribuição é feita em dinheiro. A usura é prohibida; e cada um póde dispor do seu dinheiro, ou comprar outros objectos nos depositos do Estado, que executa, por sua propria conta, as importações e exportações. Os preços são fixados tambem pelo mesmo Estado.

As imprensas tambem do Estado estão francas para todos, mas qualquer cidadão tem de imprimir á sua custa o que desejar. A educação da mocidade está a cargo do Estado, tendo ella de seguir as profissões para que mostre maior capacidade, ou que o Estado julgar mais convenientes.

Roberto, outro sectario d'este systema, preconisava tambem a desegualdade da remuneração, intendendo que devia ser feita em proporção dos productos do trabalho.

Os Marxitas vão mais longe ainda, porque estendem a organisação economica a todas as nações.

Assim, a sociedade futura equivalerá a uma vasta associação, correspondente ao Estado. Esta associação terá certas relações economicas com as associações analogas, visto que nenhum Estado moderno pode

prescindir da importação estrangeira. Estas relações entre Estados socialistas independentes não podem ser reguladas por qualquer potencia superior; mas as convenções basilares estabelecerão o equilibrio entre a importação e a exportação, de modo a cada Estado poder pagar com os seus productos o que tiver recebido.

Os Marxitas inclinam-se para a egual remuneração de todos os generos de trabalho, admittindo apenas uma excepção a favor dos trabalhos menos agradaveis, e são partidarios acerrimos do trabalho obrigatorio.

N'este systema centralista, os membros do poder estão sempre sujeitos á fiscalisação do povo livre [1].

Communismo centralista ou collectivista.—O socialismo centralista não admitte a uniformidade do consumo, e concede inteiramente a liberdade de cada cidadão escolher os objectos do seu consumo, e dispor d'elles, nos limites fixados pela norma do seu rendimento.

Pelo contrario, o communismo centralista estabelece a uniformidade de consumo até no vestuario, salvas as differenças de sexo, edade e saude, e de outras condições naturaes. Mas consigna a plena liberdade d'esse consumo, podendo cada qual, acabada a sua distribuição, ir buscar ao fundo commum o mais que desejar, conforme as suas necessidades.

---

[1] Bellamy, no seu livro *Looking Backward* (1888) organisou um plano completo da sociedade, conforme o socialismo centralista.

Encontra-se a representação typica do communismo centralista na *Icaria* de Cabet, cujo plano foi inspirado directamente pela *Utopia* de Morus.

*

* *

Socialismo corporativo.—O representante mais notavel do socialismo corporativo foi Luis Blanc. Entre os socialistas posteriores ha como adeptos Jaurés e Hertzka.

O socialismo centralista quer concentrar a direcção de toda a producção social nas mãos de um poder central; o socialismo corporativo quer, pelo contrario, confiar o poder a corporações ou associações operarias, chamadas *syndicatos de producção,*

Luis Blanc, para conciliar a ingerencia do Estado com a liberdade de iniciativa particular, intendia que o Estado devia reunir na sua mão todos os ramos da producção que exigem ou admittem uma centralisação, taes como, os seguros, os caminhos de ferro, a exploração mineira, os estabelecimentos de credito, e mesmo todo o commercio grosso e de retalho. E, estando, assim, na posse d'estes factores economicos, devia procurar, pouco a pouco, substituir todas as empresas capitalistas privadas por associações operarias, *syndicatos de producção*, que se formariam livremente, e ás quais o Estado prestaria o seu apoio.

O salario n'estes syndicatos devia ser, nos primeiros tempos, egual para todos. Mas isto, provisoriamente;

porque, depois, a equidade pedia que o trabalho fosse proporcional ás forças de cada um, e cada qual fosse remunerado, conforme as suas necessidades.

Os syndicatos dirigiriam a producção de um modo automono, e distribuiriam e repartiriam peles seus membros todos os *bonus*, feita a dedução da parte do Estado.

Communismo corporativo.—O communismo corporativo acceitando os demais principios do socialismo corporativo, quer a communhão dos productos.

*

* *

Socialismo federativo.—O socialismo federativo distingue-se claramente do socialismo centralista, da mesma forma que se distingue do socialismo corporativo.

Assim, o socialismo centralista quer uma organisação total da harmonia social, representada pelo seu ideal de Estado, e mesmo uma organisação mundial sob essa forma, cujas partes concordem perfeitamente entre si. Esse Estado pode conciliar-se com uma certa liberdade de organisações locaes; mas esta liberdade não deve exceder certos limites, e é preciso reconhecer a supremacia absoluta de um poder central.

O socialismo federativo, ao contrario regeita a reunião dos diversos grupos socialistas n'um todo completo, isto é, no Estado ou poder supremo.

E differe tambem do socialismo corporativo; porque este agrupa os membros da sociedade em corporações, segundo as profissões e generos de trabalho produ-

ctivo, emquanto que o socialismo federativo pretende reunir os representantes das diversas profissões n'uma mesma collectividade economica.

O grupo do socialismo federativo é a communa socialista, que engloba, tanto quanto possivel, todos os generos de trabalho, e produz, por seus proprios esforços e meios, a maior parte dos productos que os seus membros consomem.

Tem de commum com o socialismo centralista que cada grupo hade estar em relações estreitas com os outros, e não pode satisfazer as suas necessidades sem elles, o que exige um poder commum. Mas, por outro lado, o socialismo federativo fracciona a sociedade n'uma multidão de communas, fracamente ligadas entre si, sem haver necessidade de qualquer poder ou entidade estranha que regule superiormente o seu regimen. E' um passo para a anarquia.

Entre os anteriores representantes do systema federativo, deve citar-se Owen, Thompson e Fourier; e, entre os mais modernos, Dühring e Oppenheimer.

Segundo Owen, que é tido como o pae do socialismo inglez, a separação entre as cidades e o campo, e a agricultura e a industria desapparece. Não ha propriedade particular, quanto aos meios de producção, nem quanto aos objectos do consumo; porque os particulares só podem dispor d'elles para os consumirem.

Cada qual tem de habitar no edificio central da communa, que é um grande palacio, onde cada familia terá o seu alojamento.

As differentes communas são completamente independentes umas das outras, mas devem ligar-se para executar os trabalhos que excedem as forças de uma só.

Thompson, discipulo de Owen, ajuntou ao plano do mestre a criação de uma organisação economica superior á communa, para o caso em que os conflictos ou interesses d'ellas exijam a sua acção. E Fourier intendia que taes communas deviam ser constituidas por associações de algumas centenas de familias que tivessem uma economia commum. A communa assim organisada foi chamada por elle *phalange*, e o palacio onde os membros d'ella habitassem, *phalansterio*. Ahi, todos deviam trabalhar em commum; porém cada individuo viveria como quizesse, tambem em commum com os outros, ou com economia separada. As cidades deviam desapparecer, para serem substituidas pelos palacios da phalange em commum.

Communismo federativo.—O communismo federativo, acceitando tambem o principio da divisão em communas ou phalanges, distingue-se do socialismo federativo, porque estabelece a communidade dos productos do trabalho, da mesma fórma que no communismo centralista, e a liberdade de consumo, sem ser restringida pelo *bonus* do trabalho.

*

* *

Socialismo anarquico.—Para os anarquistas, a ordem social e ideal não será realisada, senão quando todo o poder do homem sobre o homem for expulso, e quando todos os homens forem egualmente livres, e não conhe-

cerem senhores. A livre vontade do homem deve ser a única lei da sociedade anarquica. Porisso cada um deve ter a liberdade de fazer o que bem lhe parecer.

Póde ter-se como o primeiro apostolo dos anarquistas modernos, Godwin. Depois de Godwin, veiu Prouhdon, que considerou tambem a associação livre dos individuos como unica fórma admissivel da collaboração social. Porisso, elle regeitava todas as fórmas historicas do Estado e todas as fórmas do Governo.

A ordem social anarquica do futuro devia ser fundada unicamente no principio da livre associação, e seria realisada pela adopção das transformações propostas por elle Prouhdon, sobre a situação economica do seu tempo. E, entre ellas: a adopção do systema de credito gratuito, e a organisação das trocas dos productos sem o intermedio do dinheiro.

Prouhdon era contrario ao communismo, e queria assegurar ao individuo o fructo do seu trabalho.

Tolstoi foi tambem anarquista; mas não organisou nenhuma theoria. O maior anarquista, pelo talento, extensão do saber e poder de espirito, foi Kropotkine. Ao contrario de Prouhdon, regeitava toda a propriedade privada e todo o direito do proprietario ao producto do seu trabalho. Regeitava tambem o trabalho obrigatorio e forçado. As trocas deviam fazer-se livremente e por necessidade mutua, sem ser por dinheiro.

Communismo anarquico.—Este communismo acceita as bases do socialismo anarquico, mas quer que os bens e productos sejam communs.

*

* *

Quanto á realisação dos ideaes do socialismo, alguns, como Thomas Morus, intendiam que se podia effectuar simplesmente pela vontade do principe ou imperante; outros, como Fourier, pela simples evolução ou simples adherencia das classes populares, isto é, pela propagação pacifica das ideias; outros, como tambem Fourier, pelo estabelecimento practico de communas socialistas; outros, como Owen, pelo estabelecimento d'essas communas ou phalanges, junctamente com o auxilio do Estado; outros, como Luis Blanc, Jaurés e Kautsky, pelo estabelecimento dos *syndicatos de producção;* outros, como os *chartistas* inglezes e Bronterre Obvien, pela simples conquista do poder.

Finalmente, segundo Carlos Marx e Lassale, seu discipulo, e Engels, seu collaborador, a tarefa do movimento socialista tambem consiste na conquista do poder politico pelo proletariado. Attingido este fim, o proletariado aproveitar-se-ha do poder, para tornar o Estado proprietario de todos os meios de producção que pertencem agora aos capitalistas. E isto, pela união dos proletarios de todos os paizes.

Mas para os Marxitas, a conquista do poder politico é um fim, ainda muito distante. Segundo elles, o programma practico importa uma serie de medidas, tambem practicas, correspondentes aos interesses da classe operaria, e que são outros tantos trabalhos de approximação para a realisação da ordem socialista. E para isso

é necessario luctar por medidas legislativas e outras que, mesmo nos limites da economia capitalista, contribuam para o levantamento social do proletariado e para a introducção progressiva de elementos da ordem socialista futura.

N'este sentido, segundo os mesmos Marxitas, o programma actual deve ser: imposto fortemente progressivo; abolição das heranças; confiscação dos bens de todos os emigrados e rebeldes; centralisação do credito nas mãos do Estado, por meio de um Banco Nacional, constituido por capitaes do Estado e com um monopolio exclusivo; centralisação das industrias de transporte nas mãos do Estado; multiplicação das manufacturas nacionaes, dos instrumentos nacionaes de producção, arroteamentos e melhoramentos dos terrenos cultivaveis, segundo um plano collectivo; trabalho obrigatorio para todos; organisação de exercitos industriaes, especialmente em relação á agricultura; reunião da agricultura e do trabalho industrial; preparação de todas as medidas capazes de fazerem desapparecer progressivamente a differença entre a cidade e o campo; educação publica e gratuita de todas as crianças; abolição das fórmas actualmente usadas do trabalho das crianças nas fabricas; reunião da educação e producção material; expropriação da propriedade territorial; e affectação do rendimento territorial ás despesas do Estado.

Em todo o caso, os partidos socialista, já nos ultimos tempos do seculo XIX, interessavam-se pouco nas questões que diziam respeito á realisação immediata da ordem social.

Preoccupavam-se, principalmente, de luctar pela melhoria da situação da classe operaria na sociedade. E o

movimento socialista dos ultimos tempos, comprehendia tres correntes principaes: a lucta politica parlamentar, para obter leis de toda a natureza, favoraveis aos operarios; o movimento syndical; e o movimento cooperativo, nas suas differentes fórmas.

Onde os municipios estavam organisados socialmente, havia já a municipalisação social, e essa municipalisação entrava egualmente no programma socialista; mas tudo isto não dispensava a conquista do poder pelo proletariado.

Os socialistas mais modernos do seculo XIX, Marx, Engels, Vanderveld e Kautsky, assentavam todos nas mesmas bases essenciaes. Mas Kautsky era adversario da confiscação dos meios da producção. E todos accentuavam a proclamação de Karl Marx: «Proletarios de todos os paizes, uni-vos», que era o fundamento da *Internacional* [1].

*

*   *

A natureza e proporções d'esta obra não permittem a critica e apreciação demorada d'estas doutrinas socialistas. Mas, para que o leitores não julguem que as perfilha-

---

[1] Wells, *Recent Economic Changes.* — Karl Marx, *Le Capital.* — Emile de Zaveley, *Le Socialisme Contemporain.* — M. Paul Leroy-Beaulien, *Collectivisme. (Examen critique du mouveau socialisme).* — Alfredo Soudre, *Histoire du Communisme.* — Catellar, *Historia del movimiento republicano en Europa.* — M. Tougan-Baranowski, *L'evolution historique du socialisme moderne,* traducção franceza de Joseph Schapiro. — Bourdeau, *Le socialisme allemand et le nihilisme russe.*

mos por completo, diremos unicamente que o socialismo contém um principio justo — a necessidade moral e social de melhorar convenientemente a sorte do proletario, de fórma que não seja victima da exploração das classes capitalistas, e alcance a sua independencia politica, tão amplamente como qualquer outro cidadão, salvo as consequencias naturaes e logicas que se derivam da vida e fraqueza de cada um.

N'este sentido, devem trabalhar e concorrer para essa tarefa governantes e governados. Mas a suppressão de um Governo central, a collocação de todas as fontes de producção no poder directo da sociedade, a repartição forçada dos rendimentos, e distribuição egual por todos os operarios, a abolição da propriedade e das heranças, e, em summa, tantas outras bases em que assentam os systemas socialistas, não passam de utopias, cuja realisação traria a perturbação da ordem, da disciplina social, da justiça e da moral, e a destruição do estimulo individual, que é a fonte de todas as iniciativas e de todas as grandes obras da humanidade.

O mundo ha-de existir sempre com os seus vicios, erros e crimes, com os seus egoismos e invejas, com a sua indolencia e perguiça, com os seus interesses e abusos, e com as suas fraquezas; e tudo isto destroe o ideal dos socialistas.

Por isso mesmo, os *syndicatos de producção* de Luis Blanc, experimentados em 1848, não deram resultado.

Em todo o caso, o pensamento syndicalista das sociedades modernas, a sua união universal, a lucta pacifica pelo alcance do poder politico e pela socialisação dos municipios, mas dentro da ordem, e ainda

outros principios socialistas, sejam ou não acceitaveis, são meios legitimos dos socialistas quererem attingir o seu ideal, e devem ser respeitados.

*

* *

As communicações tomaram egualmente um grande desinvolvimento, pela applicação da força motriz do vapor e da electricidade tanto ás communicações terrestres como ás maritimas, e até pela realisação de viagens aereas e construcção practica de aeronaves e hydro-aviões. Na propria superficie dos mares, pela descoberta das correntes de que adiante fallaremos, feita, em 1845, por Maury, se verificaram novos caminhos.

No seculo XVIII, regra geral, eram raros e demorados os transportes, e difficeis as communicações. A rêde das estradas estava ainda muito pouco desinvolvida, mesmo em França, onde ella era mais cuidada que nos outros paizes. Havia tambem poucas pontes sobre os grandes rios; e, geralmente, passava-se em barcos. As mercadorias eram transportadas por empresarios, em carros de duas rodas. Os homens viajavam em diligencias; e, de dez em dez kilometros, mais ou menos, havia estações, onde se mudavam os cavallos. As cartas e correspondencia postal eram transportadas tambem em diligencias, que tinham o nome de *malapostas,* e que andavam noite e dia.

Depois, como já dissemos, vieram os caminhos de ferro, especialmente, desde 1832 em diante, e, na segunda

metade do seculo, as rêdes ferreas e electricas, os automoveis e as grandes companhias de navegação propagaram-se pelos differentes paizes e, até, geralmente, abarcaram o globo inteiro em todos os sentidos. E, no fim do seculo, já se cruzavam as aeronaves, e começou a prestar-se a este novo meio de conducção todo o cuidado [1].

Alem disso, apar das linhas ferreas nacionaes, estabeleceram-se linhas transcontinentaes, que mais facilitaram as communicações geraes.

Assim, na Europa, formaram-se nove grandes linhas ferreas transcontinentaes: cinco do norte para o sul, e quatro de oeste para este.

A primeira, do norte para o sul, vem da Mancha ao estreito de Gibraltar. Atravessa a França e Hespanha, passando por Pariz, Bordeus, Madrid e Cadiz.

A segunda vem das boccas do Rheno ás boccas do Rhodano, ou de Amsterdam a Marselha. Atravessa os Paizes Baixos, a Belgica e a França, passando em Rotterdam, Anvers, Pariz, Lyão e Marselha.

A terceira vem das boccas do Elba ao mar da Sicilia e ao mar Jonio, ou de Hamburgo a Reggio e Otranto. Atravessa a Allemanha, a Suissa, a Italia; e passa por Gœthinge, Cassel, Francfort — sobre o Mena, Darmstadt, Heidelberg, Carlsruhe, Rastadt, Offemburgo, Bale, Lucerna, tunel de S. Gothard, Milão, Placencia, Parma, Modena, Bolonha, Ancona, Bari, Brindisi e Otranto. Ou, quando vae a Reggio, então, de Bolonha segue para Florença, Roma, Napoles e Reggio.

---

[1] Adriano Anthero, *O Direito Aereo.*

A quarta, vem do Baltico ao Adriatico, de Stettin a Trieste, por Berlim, Dresde, Praga, Gratz e Laybach.

A quinta vem do Baltico ao mar Negro, por S. Petersburgo, Moscou, Kharkoff; e vai d'ahi a Odessa e Taganrog.

E as quatro grandes linhas que se dirigem de oeste para este da Europa, são as seguintes:

Primeira. A linha da Europa septentrional, de Pariz a S. Petersburgo. Atravessa a França, Belgica, Allemanha e Russia. Passa por S. Quintin, Liège, Colonia, Koenisgsberg, Kowno, Vilna e S. Petersburgo.

Segunda. A linha da Europa central de Pariz a Moscou e á fronteira da Asia. Passa por Strasburgo ou Forbach, Mayença, Francfort, Nuremberg, Praga, Olmutz, Dresde, Breslau, Varsovia, Smolensk, Moscou e Nijni-Novgorod.

Pode-se ir tambem por esta linha, sem interrupção, de Lisboa ou de Cadiz a Nijni-Novgorod, passando por Madrid, Pariz, Berlim e S. Petersburgo.

Terceira. A linha de Danubio, que vai de Pariz a Odessa. E' parallela ao curso de Danubio, e passa por Srasburgo, Carlsruhe, Stuttgart, Augsburgo, Munich, Salzburgo, Vienna, Pesth, Temeswar, Bazias, Bucharest, Galatz, Jassy, Kichenau e Bender. Era o caminho mais curto para ir a Constantinopla, graças á navegação do Danubio e do Mar Negro.

Quarta. A linha da Europa Meridional, ou de Bordeus, Lyon, Marselha e Constantinopla. Parte de Bordeus, e passa por Tolosa, Cette, Marselha, Lyon, Monte-Cenis, Turin, Milão, Veneza, Trieste, Agram, Sisseck, Bosna-Seraï, Uskup, Andrinopla, e chega a Constantinopla.

Na Asia, os Russos construiram o *transcaucasico*, destinado a juntar, pelos caminhos de ferro da India ingleza, a Russia ao golfo de Bengalla; e, em 1869, lançaram, atravez do norte asiatico, o *transiberiano*, com o fim de ser prolongado até o mar da China, como já foi no seculo XX. Essa linha communica com a linha europeia, que tem o seu terminus em Nijni-Novgorod.

Na America, a primeira linha transcontinental foi construida nos Estados Unidos, em 1861, entre New York e S. Francisco; e logo se seguiram outras quatro linhas, tambem transcontinentaes, sendo uma d'ellas no Canadá, que põe a costa do Atlantico a quatro dias do Pacifico.

E a America do sul foi atravessada pelo *transandino* [1].

A rêde dos caminhos de ferro foi completada pelas linhas de navegação, onde os serviços de transporte se tornaram tão regulares, como por terra.

Assim, em 1816, os Estados Unidos inauguraram a primeira linha de paquetes regulares, a *Black Ball Line*, que partia, no primeiro dia de cada mez, de New York, para Liverpool.

Cinco annos depois, em 1821, estabeleceu-se uma outra linha, a *Red Star Line*, a 21 de cada mez, tambem entre New York e Liverpool. Ainda pouco depois, a *Black Ball Line* organisou uma terceira linha, que partia, a 16 de cada mez, ao passo que uma quarta

---

[1] Bainier, la Geographie appliquée á la Marine, au Commerce, á l'Agriculture, á l'Industrie et Statistique — France.

linha, a *Smalow Tail Line*, organisava tambem uma partida com serviço semanal, entre New York e Liverpool. E, em 1836, constituiu-se mais uma nova companhia de corridas com o nome de *Dramatic Line.*

Entretanto, differentes outras linhas se foram estabelecendo simultaneamente entre New York e o Havre, de uma parte, e Londres, da outra.

O primeiro serviço para o Havre foi criado em 1822. Depois, um segundo, em 1823, e um terceiro, em 1832.

Londres, por sua vez, viu formar, em 1823, a primeira companhia, que ligava esse porto a New York; e, em 1837, uma segunda companhia augmentava grandemente a frota da sua predecessora. E, em seguida e successivamente, a Allemanha, Austria, Dinamarca e alguns outros povos, organisaram as suas linhas, ou pelo menos, os seus transportes transatlanticos, não sómente com a America, mas tambem com as outras partes do mundo.

Assim, na Inglaterra, em 1833, appareceu a *Peninsular and Oriental Line,* servindo os mares do extremo oriente e do Mediterraneo, de Falmouth a Alexandria, com escala por Vigo, Porto, Lisboa, Gibraltar e Cadiz. E ainda depois, pelas cartas que lhe foram concedidas, essa linha foi obrigada a entreter as suas carreiras entre a Inglaterra e a India.

Fundaram-se tambem o *Cunard* e a *Royal Mail,* em 1840, a *Imman Line,* em 1850, a *Guion Line,* em 1866, e a *Wite Star Line,* em 1870.

Em França, a *Compagnie des Messageries Maritimes* (1851) a *Compagnie Générale Transatlantique,* a *Compagnie des Chargeurs Réunis,* a *Compagnie des Messagéries Nationales,* a *Compagnie Havraise Pénin-*

sulaire, a *Compagnie Fraissinet*, a da *Navigation Mixte*, a *Societé des Transports Maritimes à Vapeur*, a *Compagnie des Bateuax à Vapeur du Nord*, e ainda outras emprehenderam tambem respectivamente as viagens por todo o globo.

A Allemanha, embora entrasse muito cedo na via das grandes emprezas maritimas, ficou depois estacionaria, longos annos; e, só a partir de 1870, é que tomou no movimento da grande navegação uma parte successivamente crescente. Na occasião em que tractava de estabelecer colonias nas diversas partes do mundo, e de espalhar os seus agentes commerciaes em todas as praças de commercio, ella queria que linhas de navegação regular puzessem Bremen e Hamburgo em communicação com os paizes productores, e que o pavilhão allemão se mostrasse em todas as direcções.

Em 1870, já contava um certo numero de sociedades, em que sobresaiam as companhias *Hamburg-Americanisch* e *Norddeutscher*: a primeira, criada, em 1843, de Hamburgo para os Estados Unidos, e a *Norddeutscher*, criada, em 1857, de Bremen para New York; e foi estabelecendo tambem novas linhas para Baltimore, Nova Orleans, Brazil e extremo oriente.

A Austria, em 1836, fundou o *Lloyd Austriaco*, que partia de Trieste para os portos austriacos da Illyria, Istria, Hungria, Dalmacia e Venecia, e que depois se reorganisou com o nome de *Lloyd Austro-Hungaro*.

A Italia criou tambem a *Companhia Geral de Navegação*, e a Hespanha a *Companhia Espanhola Transatlantica*.

No Japão, fundou-se, em 1861, a *Companhia Mitsu-Bishi (Os tres diamantes)*, e, em 1882, a Companhia

Kioto Unyu Kaisha, que se fundiu com a primeira, formando a Companhia *Nippon Yusen Kabushki Kaisha.* Emfim, no fim do seculo, formou-se tambem a Companhia *Osaka Shosen Kaisha,* que entretinha serviços regulares com a China, Formosa e Vladivostock [1].

*

* *

Como já dissemos, em 1845, Maury descobriu as correntes maritimas que, apar da sua influencia nas communicações maritimas, influiram tambem grandemente no commercio.

Dividem-se ellas em *superficiaes* e *profundas, geraes* ou *constantes, periodicas* e *temporarias.*

São superficiaes ou profundas, conforme caminham á superficie ou debaixo das aguas; sendo de notar que as correntes superficiaes estão bem conhecidas e estudadas, mas as submarinas são ainda quasi totalmente ignoradas. São constantes as que circulam sobre todo o globo, sem nunca afrouxarem ou pararem. Periodicas, aquellas que, submettidas á influencia das estações, alternam, segundo a direcção dos ventos a que devem a sua origem: taes são, por exemplo, as produzidas pelas monções da India. Temporarias, as que podem manifestar-se a cada momento em todos os logares e em todas as orientações; de modo que só persistem, em quanto duram os ventos irregulares que lhes deram origem.

---

1 Noel, obr. cit., vol. III.

Ha tambem no mar correntes fluvio-maritimas, que são produzidas pelo desagoamento dos grandes rios; e, por isto, só podem existir nas embocaduras d'elles, taes como o Mississipi, Orenoco, Amazonas. Por exemplo, a d'este rio, estende-se a mais de cem leguas pelo mar dentro, e pode colher-se agua doce n'uma grande distancia da praia.

Em geral, a velocidade das correntes excede a dos rios. Nos altos mares, mantem-se a tres ou quatro leguas por hora.

São devidas á differença da temperatura e evaporação da agua no equador, e á desegualdade do sal dos mares, combinada com a rotação da terra e com a impulsão dada ás aguas superficiaes, pela força dos ventos.

Assim, a rotação terrestre produz sob o Equador uma corrente de este para oeste, em sentido inverso do movimento da terra; porque as moleculas da agua não obedecem completamente, como a parte solida do globo, ao movimento de oeste para este. Por isso, estas moleculas ficam retardadas, e formam, então, uma corrente do este, que vae para oeste, e que se chama a *corrente equatorial*. Se não houvesse continentes, essa corrente seria regular em volta do globo, mas a America a detem no Atlantico, assim como a Asia no Pacifico, fazendo-a desviar.

Por outro lado, a evaporação no equador produz ahi um abaixamento successivo do nivel do mar, que, segundo as leis do equilibrio, deve ser continuamente preenchido. De lá, duas grandes correntes *polares* de agua fria, que vem dos mares polares para o equador, ao encontro uma da outra.

E o movimento d'estas correntes geraes, equatorial e polares, determina, como veremos, muitas outras; e, entre essas, tres correntes, travessias ou retrogradas, cada qual em cada um dos oceanos, Pacifico, Indico e Atlantico.

Examinemos, por sua vez, estas diversas correntes.

*

* *

Correntes equatoriaes.—As correntes equatoriaes dão-se, pois, em volta do equador, do este para oeste, ao contrario do movimento da rotação da terra. Dão-se no Oceano Pacifico, entre 10° e 20° de latitude N. e 0° e 20° de latitude S. E entre o equador e o 10° de latitude N., ha tambem uma contra-corrente equatorial, de oeste para este.

No mar das Indias, a corrente equatorial dá-se no parallelo que fica entre 10° e 20° de latitude S.

E no mar Atlantico, dá-se a 2 $^{1}/_{2}$ de latitude N. até 30° de latitude sul.

Assim, a latitude das correntes equatoriaes não é a mesma em todos os mares.

*

* *

Grandes correntes polares.

Correntes do polo austral.—As correntes do polo austral afluem ao equador em todo o circuito do globo. As do polo boreal, não podem ir senão pelos estreitos.

As do polo austral formam tres grandes correntes, similhantes a tres grandes rios, que entram no Grande Oceano, no mar das Indias e no Atlantico.

Relativamente á corrente do Grande Oceano, as aguas desembocam em 75° a 140° de longitude O. Essa corrente fria marcha para o norte até 60° de latitude S., onde vem dar ás costas occidentaes da Patagonia; e ahi divide-se em dois braços desiguaes, por causa dos ventos de oeste, que sopram com violencia na passagem do cabo de Horn. O mais pequeno d'esses braços dobra o cabo, e entra no Atlantico. O principal sobe ao norte, ao longo das costas do Chili e do Peru, e forma a corrente do *Peru ou Chiliana* ou de *Humboldt*, cuja profundidade se avalia em 1.740 metros, e cujas aguas são mais frias que as do oceano, 5 ou 6 graus.

Esta corrente Chiliana, que produz uma brisa fresca no Peru, e abaixa a temperatura d'este paiz, chegando ás ilhas Gallapagos, perto do equador, junta-se á *grande corrente equatorial do sul*, que atravessa em toda a sua largura o Oceano Pacifico, passando pela maior parte entre 0° e 20° de latitude S.

Chegando ás paragens da Australia e do Archipelago da Malasia, encontra uma região incompletamente fechada, e divide-se, porisso, em tres braços.

Um passa entre a Australia e as ilhas de Sonda, para entrar no Oceano Indico e fundir-se na corrente equatorial d'este mar.

Outro braço, passa entre a costa oriental da Australia e a Nova Zelandia, que contorna. E' a *corrente da Nova Hollanda*, que, depois de ter tocado 50° de latitude S., percorre de O. para E., ao longo d'este paral-

lelo, o Oceano Pacifico, onde se confunde com a corrente travessia ou retrograda d'este Oceano; e, por 160° de longitude oeste, subdivide-se em dois ramos: o do sul, que se perde na corrente de *Humboldt*, e o do norte ou *corrente de Mentor*.

O terceiro braço, o mais importante, passa ao norte da Nova Guiné, contorna a ilha de Borneo, reflecte-se nas costas de Sumatra e de Java, e dirige-se para o N. E., ao longo das costas da China e Japão, para formar o *Gulf Stream do Pacifico*, chamado pelos japonezes *Kuro-Siwo*, *Tessan* ou *corrente Negra*, por causa da côr carregada das suas aguas.

Ao norte do estreíto de Sangar ou Matsmai, esta corrente afasta-se das costas, e encontra a contra-corrente fria, vinda do norte, entre esse estreito e a costa de Yesso. E' nas aguas frias d'esta corrente que existem as pescarias da China, que se podem comparar ás da America Septentrional. O limite dessas duas correntes é facil de verificar, pelo calor e côr das aguas.

A 40° latitude N., a corrente do Japão separa-se em dois braços. Um que vai para o norte, até ás ilhas Aleutinas e estreito de Behring. Os habitantes das Aleutinas, que não possuem nenhuma especie de arvores, não teem, para construir as canoas e para os usos domesticos, outra madeira alem da que essa corrente arrasta.

O outro braço vae para S. E., e toma a 40° a costa do N. O. da America, onde se reflecte. Depois, toma para o sul uma direcção parallela a essa costa; e deriva lentamente para a corrente equatorial do Pacifico, a qual, segundo já vimos, atravessa tambem o Oceano entre 10° e 20° de latitude.

A corrente do Japão, cuja temperatura é de 30°, mas que só tem 5° a 6° a maior que o mar, adoça o clima da parte meridional d'esta região.

O trajecto d'esta corrente é notavel pelos seus nevoeiros e tempestades, e torna as paragens das ilhas Aleutinas tão brumosas como as da Terra Nova. Aquece tambem a costa occidental da America do Norte, a Colombia Ingleza e a California. A Colombia Ingleza, graças a tal corrente, pode até cultivar o milho.

As duas correntes equatoriaes do Pacifico são separadas, como já dissemos, por uma contra-corrente equatorial, dirigida de O. para E., comprehendida entre o equador e 10° de latitude N.

No meio do circuito, acha-se um mar de Sargaços. Ha tambem outro mar de Sargaços no Pacifico, entre 50° a 60°, parallelos do sul, e os meridianos 142° a 180°.

*

* *

A corrente do mar das Indias, forma-se na parte oriental d'este mar, entre 10° e 20° de latitude S., e entre Java e a Australia. E' de agua quente, e dirige-se de E. para O.; mas, em vez de ser situada no equador, acha-se no parallelo 20° de latitude S., e toma o nome de *corrente equatorial.*

Divide-se em dois braços, a 70° de longitude E. que involvem ao N. e S. a ilha de Madagascar.

O braço NE., contorna o norte d'esta ilha, e fórma a corrente de *Moçambique.* Esta corrente é muito forte

entre a costa d'Africa e Madagascar, e toma o nome de *corrente das Agulhas,* a partir do Porto-Natal. Contorna a colonia do Cabo, sem tocar as costas; dirige-se para o cabo da Boa Esperança; e entra no Atlantico, seguindo a costa occidental da Africa, onde se confunde com a corrente polar sul da mesma costa.

O segundo braço banha as ilhas Mauricia e Reunião, e vem juntar-se á corrente das Agulhas, na altura do 32° parallelo. Esta corrente volta para traz, a partir do 20° de longitude, seguindo de O. para E. o parallelo 40°, sob o nome de *contra corrente do Cabo* ou *corrente travessia ou retrograda do Oceano Indico,* até a costa da Australia, que percorre, para voltar depois ao seu ponto de partida.

*

* *

A corrente polar do Atlantico meridional vem do cabo de Horn, e atravessa em linha recta esse Oceano, adiantando-se até o Cabo da Boa Esperança, onde se desdobra. Um braço entra no mar da India por 39°, a fim de formar a contra corrente do Cabo, de que já fallámos. Outro sobe para o norte, ao longo das costas d'Africa tomando o nome de *corrente polar sul da costa de Africa;* e, chegando ao golfo de Guiné, confunde-se com a corrente equatorial, e corre parallelamente ao equador, sem exceder o parallelo 2 $^1/_2$ de latitude N.

Tocando a 22° de longitude, lança no hemisferio norte um braço consideravel, conhecido por *braço nor-*

deste da corrente equatorial, e que se faz sentir, algumas vezes, até 30° de latitude.

Depois, seguindo o caminho O., chega ao cabo de S. Roque, tendo percorrido, desde a costa d'Africa até esse cabo, 2.500 milhas. A largura, que era primeiro de 160 milhas, cresce até 360, e attinge mesmo a 450.

Perto do cabo de S. Roque, essa corrente divide-se em dois braços. Um dirige-se para o sul, parallelamente ao Brazil e forma a *corrente do Brazil*. Esta corrente, um pouco ao sul do tropico de Capricornio, sob 40° de longitude O., subdivide-se tambem n'outros dois braços. O mais pequeno continua o seu caminho ao sudoeste, ao longo da costa; mas o outro volta a E. aos 30° de latitude, acaba por tocar 40°, e forma a *corrente travessia do Oceano Atlantico*, que se dirige ao longo d'este parallelo.

O segundo braço da corrente equatorial, que forma a corrente principal, sobe um pouco para o norte, e, seguindo as costas da Guyana, toma ahi o nome de *corrente das Guyanas*, correndo ao longo da costa baixa d'ellas, para a ilha da Trindade. Nos arredores do equador, é atravessada pela corrente do Amazonas, de cujo encontro resultam grandes turbilhões.

Mais longe, recebe as aguas do Orenoco, augmentando com isto a sua velocidade. Penetra depois no mar das Antilhas, e forma *a corrente do mar das Antilhas*. Uma parte passa ao norte d'estas ilhas. A outra passa ao sul, contorna o Cabo Catoche, e dá volta ao golfo do Mexico, sem comtudo se approximar das costas, ao longo das quaes ha correntes variaveis, dependentes dos ventos. N'este transito, a temperatura da corrente

eleva-se a 27° ou 29°. Chegada ás costas americanas, contorna-as, inclinando-se para o norte, e recebe o nome de *Gulf Stream.*

Esta corrente *(Gulf Stream),* que não é senão a continuação da corrente equatorial, sai do golfo pelo estreito de Bahama, com sessenta kilometros de largura, similhante a um rio magestoso, cuja corrente excede em rapidez a do Mississipi e do Amazonas. A sua velocidade toca perto de sete kilometros por hora, apezar de um vento do norte que sopra constantemente n'estas paragens.

Acha-se reforçada pelos braços derivados da corrente equatorial, passando ao norte das Antilhas. A sua direcção é a principio de S.O. a N.E., seguindo um pouco longe das costas da America, de que é separada por uma corrente inversa de temperatura muito menos elevada. A partir dos Estados Unidos, corre francamente para E., passa abaixo da Terra Nova; sobe o parallelo 40° de latitude N.; transborda de alguma forma sobre o Oceano; e occupa um espaço de muitas mil leguas quadradas, cobrindo de suas aguas quentes as aguas frias d'este mar.

Ao norte dos Açôres, e quasi no parallelo da Finisterra, subdivide-se em quatro braços. Um, primeiramente, sob o nome de *corrente polar norte da Africa,* e depois, sob o nome de *corrente Guiné do Norte,* vai juntar-se á corrente equatorial e fechar o circuito. As aguas d'esta corrente polar da Africa são, na altura da ilha de Cabo Verde, mais frias 4° a 5° que as aguas adjacentes; mas aquecem-se, approximando-se do equador.

O segundo braço do *Gulf Stream,* chamado *corrente da costa de Portugal,* dirige-se para o estreito de

Gibraltar, e forma a corrente que leva as aguas do Oceano para o Mediterraneo.

O terceiro braço penetra no golfo de Casconha, na altura de 46° parallelo; corre quasi que ao longo da costa de Hespanha; contorna aquelle golfo; e sobe para o norte, ao longo da costa de França, para retomar, sob o nome de *corrente de Rennel*, uma direcção para o N.O. contraria á sua direcção primitiva.

O quarto braço, ou braço do N.E. do *Gulf Stream* é o mais consideravel. E' o proprio *Gulf Stream*, continuando a sua carreira na direcção primitiva. Uma parte contorna a Irlanda e a Inglaterra, para descer pelo canal de S. Jorge e pelo mar do Norte. O resto penetra até os mares polares, involve a ilha Feroé, e passa entre a Islandia e a costa da Noruega, cujo clima adoça.

Esta grande corrente d'agua quente divide-se em dois braços nas alturas da Scandinavia. Um sobe para Spitzberg, cujo clima egualmente adoça, e derrete os gelos que rodeiam esta ilha. Outro penetra no oceano Glacial, pelas praias da Siberia, e forma a *corrente polar arctica.*

As aguas do *Gulf Stream* distinguem-se das aguas visinhas, pela sua densidade e grau de sal, côr e transparencia. Até ás costas da Carolina, são de azul anil, emquanto que as aguas que a rodeiam, são verdes.

Esta corrente arrasta tambem arvores, troncos, etc. Levou outr'ora para os Açores o cadaver de um pelle vermelha e os restos de uma piroga, que tiveram certa influencia nos projectos de Colombo.

Ha n'ella, durante o inverno, nevoeiros e borrascas produzidas pela lucta da corrente e ventos que teem

direcções quasi oppostas. Mas, se, por esse lado, é perigosa aos navios, por outro lado, em algumas partes, é de um grande soccorro para aquelles que as borrascas de neve e lufadas violentas de vento impedem de fundear nos Estados Unidos. N'essas circumstancias, póde o *Gulf Stream*, ser olhado como um logar de refugio.

Os ventos de oeste que percorrem a superficie da corrente, aquecem-se, e carregam-se de vapor. Assim, graças a esta corrente, as costas occidentaes da Europa teem uma temperatura relativamente doce, emquanto que as do Lavrador estão presas por barreiras de gelo.

As aguas do *Gulf Stream*, circulando, assim, no Atlantico, tiram o calor excessivo ás regiões quentes, para o transportar para as regiões frias; e chamam as correntes frias ao Oceano Glacial Boreal, para temperar o clima ardente dos tropicos.

E' no centro da grande corrente do Oceano Atlantico do Norte que se encontra um outro espaço immenso, conhecido pelo nome de mar de *Sargaços* ou *varechs*, de que já fallámos.

*

* *

Correntes do Polo Arctico.—Estas correntes, como dissemos, não podem vir senão pelos estreitos; e por isso não podem ser fortes como as Austraes.

As tres saidas do polo Boreal são: o espaço que ha entre a Suecia e a Islandia e entre esta e a Groen-

landia; a saida do mar de Baffin pelo estreito de Davis; e a do estreito de Behring. E de cada uma d'estas sai uma corrente.

Emquanto á primeira, conhecida por *corrente arctica*, desce ella ao longo da costa oriental da Groenlandia até o cabo de Farwel; dobra este cabo, e sobe ao longo da costa occidental, n'uma direcção opposta á da corrente da bahia de Hudson.

Emquanto á segunda, que vem do mar de Baffin pelo estreito de Davis, reune-se com outra da bahia de Hudson, e perde-se no *Gulf Stream*, a 45° de latitude N. Mas uma parte pequena d'ella desfia ao longo da Terra Nova, e segue os contornos das costas dos Estados Unidos, que refresca. E' provavel que os bancos da Terra Nova se tenham formado no encontro d'esta corrente com as do golfo, pela accumulação dos restos de toda a sorte, levados pelas montanhas de gelo, que ahi chegam do norte d'estas paragens.

Esta corrente fria augmenta o rigor do clima de N.E. da America e da Groenlandia. A sua existencia é verificada pelo transporte de gelos que se accumulam nas paragens da Terra Nova.

Pelo que respeita á corrente que vem pelo estreito de Behring, já vimos que se derivava de lá uma contra corrente fria que encontrava a de *Kuro-Siwo*. Entretanto, por esse estreito de Behring, não pode passar grande corrente; já pela sua estreiteza; e já porque a saida é contrabalançada por um dos braços da corrente *Kuro-Siwo*, que vai para as Aleutinas e estreito de Behring.

*

* *

Existe no mar das Antilhas uma contra-corrente que leva as aguas do isthmo de Panamá para Venezuella.

Ha tambem a corrente particular da bacia de Hudson, de que já fallámos.

*

* *

No Mediterraneo ha duas correntes: uma superior com velocidade de sete milhas por hora, a não ser entre Ceuta e Gibraltar, em que só tem duas milhas e meia, que vai do Oceano para o Mediterraneo; e outra inferior, d'este para o Oceano. A razão da superior é a grande evaporação; e a razão da inferior está na força do sal com que fica o Mediterraneo, pela grande evaporação que soffre, o qual arrasta as aguas.

A superior percorre o Mediterraneo, aproximando-se mais da Africa do que da Hespanha, e dá volta á bacia occidental. Um braço penetra no canal de Malta, com a velocidade de duas milhas por hora na bacia oriental; segue as sinuosidades da costa, passando pelas Syrtes, costas do Egypto e da Syria; e forma um vasto circuito, que vem fechar-se mesmo no canal de Malta.

*

* *

No mar Baltico, ha uma corrente á superficie, de agua pouco salgada, que se dirige para o norte, emquanto uma contra-corrente submarina de agua salgada vai do mar do Norte para o mar Baltico.

Ha tambem duas correntes eguaes no mar Negro, em relação ao Mediterraneo.

No mar Vermelho, onde a evaporação é muito activa, onde chove raras vezes, e onde não vai dar nenhum rio, uma corrente superior leva do Oceano Indico as aguas necessarias para compensar essa evaporação. E outra submarina para o Oceano Indico vai restituir a este mar o sal correspondente.

*

* *

As correntes periodicas são as que se produzem em certas partes do anno, para desapparecerem em seguida, ou reproduzirem-se n'um sentido contrario. São sempre produzidas pelos ventos periodicos. Encontram-se, sobretudo, na zona do Oceano Indico, onde reinam as monções, no mar da China, n'uma parte do Grande Oceano, tambem no mar Vermelho, no Golfo Persico, etc.

No golfo do Manar, ha uma corrente que se dirige para o norte, de maio a outubro, e para o S.O., de outu-

bro a maio. No mar da China, uma corrente vai de S.O. para N.E., desde 15 de maio a 15 de agosto, e em sentido contrario, de outubro a abril.

*

* *

O estudo das correntes veiu prestar grandes serviços ao commercio e navegação, abreviando as viagens. Assim depois que Maury levantou, em 1860, a carta dos ventos e correntes, a viagem do Rio de Janeiro a New York por navios de vela foi reduzida de 40 ou 45 dias a 30 dias. A viagem de New York para a California exigia a media de 180 dias. Os estudos de Maury reduziram-na a 135 dias; e hoje as *clippers* fazem-na em 100 dias, e, algumas vezes, em 92. E de Inglaterra a Sydney um navio, guiado pelas antigas instrucções, levava 125 dias, pelo menos, e á volta o mesmo tempo, o que prefazia 250 dias. Maury mostrou que era preciso fazer da viagem da Australia uma verdadeira viagem de circumvallação do globo, isto é, dobrar o cabo da Boa Esperança, vindo da Europa, e voltar depois pelo cabo de Horn: e a somma d'estas duas travessias effectua-se em 130 dias e até em menos, em vez d'aquelles 250.

As correntes influem egualmente no clima, tornando mais quentes ou mais frias as costas por onde passam, conforme são de agua quente ou de agua fria [1].

---

[1] Bainier, *La Geographie appliquée à la Marine, au Commerce, à L'Agriculture, à L'Industrie et à La Statistique — France.*

*

* *

Apar do movimento dos navios, vapores e correntes, houve outras circumstancias que favoreceram a navegação maritima, e, portanto, as communicações.

Uma d'ellas, foi o estabelecimento de faroes. Antes do seculo XIX, era-se obrigado a reduzir sensivelmente a duração das operações para a navegação de longo curso, e de as limitar para a cabotagem á duração de um dia, a fim de evitar os perigos da marcha ao longo das costas, muitas vezes inhospitas. Mas, no seculo XIX, foram-se estabelecendo faroes quasi por toda a parte, e sobretudo, em França, nos Estados Unidos, na Italia, na Hollanda, na Inglaterra, na Hespanha e na Algeria. E mesmo os apparelhos da illuminação d'esses faroes foram augmentando de intensidade, com tanta rapidez, como o seu numero ia crescendo.

Já em 1783, o engenheiro Teulève tinha dado mais intensidade á luz, inventando os reflectores parabolicos. Em 1822, Augustin Fresnel descobriu os faroes lenticulares. Chance introduziu uma innovação, que permittiu dirigir para o horisonte maritimo, grande quantidade de raios luminosos, divergentes do lado das terras. Depois a luz, que até ahi fora alimentada com azeite mineral de shisto, passou a sel-o por azeite de colza; e, logo depois, a electricidade, substituindo o azeite, obrigou os engenheiros a darem aos apparelhos novas disposições. Emfim, os respectivos edificios foram construidos de proposito para terem faroes, e, portanto, mais aperfeiçoadamente e mais propriamente para esse mister; e, em 1863, appareceram os faroes metallicos.

*

* *

As modificações sobrevindas á estructura e dimensão dos navios, e o desinvolvimento da navegação levavam as differentes nações a preoccuparem-se com a construcção de estaleiros, logares ou bacias de reparação; com a facilitação do accesso nos portos e preparação tambem de portos anteriores; com a desobstrucção das enseadas, invadidas por areia e terra; com a construcção de diques e molhes do mar; com a disposição das bacias maritimas ou fluviaes, de modo a multiplicar ou tornar mais rapido o movimento da marinha; assim como, para a navegação fluvial, a tractaram de dar ás eclusas, fórmas e disposições mais de harmonia com o material da navegação, sempre em progresso.

Para visitar e reparar os navios, os engenheiros inglezes e americanos inventaram as docas fluctuantes; e de 1830 a 1860 houve, tambem n'essa parte, progressos importantes.

Emfim, muitos trabalhos consideraveis foram executados em muitos portos, para os desentupir e tornar mais accessiveis. E, n'este sentido, por toda a parte, se fizeram gigantescas transformações, contribuindo para estimular o movimento da navegação e para a abertura de desimbocadouros, outr'ora desconhecidos.

Assim, na Inglaterra, por exemplo, Londres, Glasgow e New Castle augmentaram prodigiosamente em melhoria e movimento.

Aconteceu a mesma coisa com o Havre, Bordeus,

Marselha, Rotterdam e Amstterdam, Hamburgo, Genova; e mesmo fóra da Europa, com alguns portos dos Estados Unidos e com Hong-Kong, Melbourne, Adelaide, etc.

*

* *

Com o desinvolvimento do movimento maritimo, levantou-se de novo a ideia dos portos francos, os quaes outr'ora tinham dado grande resultado.

Em França, a criação d'elles remontava a Colbert, que, por uma ordenança de 1669, dera nascimento aos tres primeiros; e, já no tempo da revolução, existiam quatro, a saber: em Marselha, Dunkerke, Bayonna e Lorient, cuja criação remontava a Colbert. E estes portos tinham contribuido fortemente para o progresso commercial d'essas cidades, fazendo o officio de feiras permanentes, abertas a todas as nações. Esse privilegio de portos francos foi supprimido no tempo da primeira republica, pelo fundamento de que augmentavam o contrabando; porém, os maus effeitos d'essa suppressão não se demoraram.

Ainda depois, em 1814, foi novamente concedido a Marselha o privilegio de porto franco, mas tambem lhe foi retirado, em 1817, por não ter dado grandes resultados. Depois, em 1880, voltou-se á ideia de portos francos; e, foi assim, que, ao lado das docas de Londres, que já constituiam portos francos, e do porto de Anvers, cujos direitos eram muito reduzidos, se constituiram os portos francos de Bremen, Lubeck, Hamburgo, Kola, (na Russia), Copenhague, e, nos mares da India, Singapura [1].

---

[1] Noel, obr. cit.

*

* *

Apar de tudo isso, a abertura do isthmo de Suez produziu uma grande revolução maritima e commercial em metade do globo, com a comunicação directa do Mediterraneo para o mar Vermelho.

Já nos tempos remotos, os soberanos egypcios tinham reconhecido a vantagem inestimavel que lhes daria uma passagem por agua entre o mar Vermelho e o mar Interior. E certos escriptores attribuem a um rei do Egypto da 16.ª dynastia, em 2173 antes de Christo, a primeira tentativa da abertura d'essa passagem para o transito das mercadorias do oriente, que se effectuava atravez do seu territorio.

Plinio e Strabão attribuem ao grande Sesostris, que viveu no seculo XVI antes da nossa era, tambem o recomeço dos trabalhos para essa comunicação; outros escriptores, pelo contrario, o attribuem a Nechau II, filho de Psametico, que reinou de 617 a 601 antes de Christo. Sendo esses trabalhos interrompidos, foram retomados do sexto ao quinto seculo, tambem antes da nossa era, no curso da dominação persa no Egypto, por Dario, que os acabou. Mas essa via navegavel não tinha então o comprimento e importancia que tem o canal actual. Não cortava o isthmo em toda a sua largura, e não punha Suez em communicação directa com Peluse.

Os açoreamentos continuados tornaram lago esse canal impraticavel, e, já no tempo de Cleopatra, a com-

municação estava interrompida de todo. O imperador Adriano, em 125 da nossa era, fel-o abrir de novo, e, assim aberto, recebeu o nome de *Canal de Trajano*. Os serviços, porém, que essa obra prestou, foram pequenos, porque brevemente se inutilisou.

A ultima tentativa de reparação foi a emprehendida, em 639, por Amru, em nome do califa Omar. Mas o canal foi definitivamente destruido, em 767, por ordem do califa Abu-Giaffar-el-Mansur, para esfomear Medina revoltada; e, depois, as areias do deserto completaram tambem com o seu tributo essa obra destruidora.

Os trabalhos ficaram abandonados, durante muito tempo; e, só no seculo XVIII, a recordação das antigas tentativas chamou de novo alguns espiritos esclarecidos para elles. E, então, Argenson, em 1738, meditando sobre a decadencia do imperio ottomano, cuidou de um canal do mar de Levante ao mar Vermelho que pertencesse em commum a todo o mundo. Mas a sua ideia ficou em projecto.

Os estudos foram seriamente retomados durante a expedição de Bonaparte ao Egypto, que até levou para lá uma expedição de engenheiros. Mas, com a vinda d'elle para a Europa, ficou de novo prejudicada a empreza.

Só em 1859, havendo Lesseps conseguido a concessão da abertura do canal, nas condições actuaes, é que este foi começado, e só, em 1869, foi concluido.

As consequencias economicas que d'ahi se derivaram, foram enormes.

Reanimou-se o Mediterraneo, que estava quasi reduzido a um lago; e restituiu-se-lhe grande parte da acti-

vidade que tinha antes da descoberta da passagem pelo Cabo. Approximou-se a distancia da Europa com o extremo Oriente. Até ahi predominavam os navios de vela, nas viagens para a Asia, porque o percurso era tão grande que demandava uma porção enorme de combustivel e de mantimentos e sobre-excellentes: o que não permittia economicamente aos vapores abordar ao Cabo da Boa Esperança para mercadorias pesadas e de pequeno valor. Mas, com o encurtamento da distancia, foram elles que predominaram nas idas para o Oriente. As viagens pelo Cabo tornaram-se por isso menos frequentes, ao passo que augmentaram as que se faziam por aquelle isthmo. Tornaram-se tambem os serviços maritimos mais numerosos. Augmentaram as companhias maritimas. E progrediu enormemente o commercio entre os dois continentes.

*

* *

A proclamação da liberdade dos mares, favoreceu tambem as communicações maritimas, e contribuiu egualegualmente para o desinvolvimento do commercio.

Vinha de longe a pretensão de differentes Estados ao dominio dos mares. Em 1493, o papa Alexandre VI promulgou a celebre bulla que reconhecia a soberania de Castella e Aragão nos territorios já descobertos por Christovão Colombo e a descobrir, nas regiões situadas ao oeste do meridiano que passava a cem legoas de distancia para o occidente das ilhas de Cabo Verde;

e reconhecia aos Portuguezes o dominio da parte que ficava ao nascente. E, depois, pelo tractado de Tordesilhas, de 7 de julho de 1494, foi rectificado o meridiano de separação dos dominios portuguezes e castelhanos, fazendo-o passar a 370 legoas para o occidente do archipelago de Cabo Verde.

Assim como a Hespanha e Portugal reclamavam o dominio d'esses mares, e, portanto, a Hespanha reclamava tambem o dominio do Pacifico, Genova pretendia a soberania do mar da Liguria; Veneza, a do mar Adriatico, e até havia a cerimonia do casamento symbolico dos doges com esse mar; e a Turquia, a do mar Negro.

Os reis da Dinamarca e Noruega pretendiam tambem o dominio exclusivo dos mares dinamarquezes, e ainda no seculo XVII se reconhecia o seu dominio nos mares da Islandia e Groenlandia.

Os Inglezes contentavam-se, ainda nos tempos que precederam o seculo XVII, em chamar seus aos mares que cercam a Gran Bretanha; mas, sob Carlos I e Carlos II, já pretendiam o dominio de todo o mar comprehendido entre a mesma Gran Bretanha e os Estados Unidos. E os Hollandezes quizeram tambem arrogar-se o direito exclusivo sobre a passagem do Cabo da Boa Esperança.

Nos principios do seculo XVII, as pretensões, especialmente, da peninsula iberica ao dominio dos mares, prejudicavam sensivelmente o commercio hollandez, que queria expandir-se e desinvolver-se; e, então, Hugo Gocio publicou, em 1608, a sua obra *Mare Liberum*, em que proclamou a liberdade dos mares. Esse livro causou enorme sensação no mundo culto.

Respondeu-lhe, então, o portuguez Serafim de Freitas, na obra *De Justo Imperio Lusitano,* defendendo a nossa soberania maritima, segundo o tratado de Tordesilhas. E, como a doutrina de Grocio contrariava tambem os Inglezes, que mais do que outro qualquer povo tendiam a dominar o mar, Carlos I incumbiu Selden de combater esssa doutrina; e, por isso, este publicou, em 1635, o seu livro *Mare Clausum,* em que só concordava com Grocio n'uma coisa, a saber, que eram condemnaveis as pretensões dos Portuguezes e Hespanhoes á soberania dos mares. De resto, sustentava que os mares eram tão apropriaveis como a terra, e que os reis da Inglaterra tinham um direito incontestavel ao dominio exclusivo do mar *Britanico.* Por *mar Britanico* intendia elle o Oceano septentrional e o Oceano occidental, n'uma extensão que, por um lado, chegava até á America, e, por outro lado, excedia a Groenlandia e a Islandia, para ir dar a regiões ainda desconhecidas. E acrescentava Seldem que, mesmo até os limites onde o mar perdia o nome de *Britanico,* o rei da Inglaterra possuia sobre um e outro d'aquelles Oceanos direitos os mais extensos, a que não era licito obstar.

O dictador Cromwell aproveitou-se da doutrina do *Mare Clausum,* para promulgar o acto de navegação de 1651, que procurava aniquilar o commercio hollandez. N'elle se estipulava que nenhum producto do solo ou da industria da Asia, Africa ou America podia ser importado na Inglaterra, a não ser em navios inglezes ou das colonias de propriedade ingleza, e cuja equipagem fosse tambem ingleza, pelo menos, nas trez quartas partes. E as proprias mercadorias da Europa só podiam

ser importadas na Inglaterra em navios inglezes ou do paiz da producção: o que especialmente era destinado a prejudicar a Hollanda [1].

Com o andar dos tempos, as pretensões acerca da soberania dos mares foram decaindo, mas, ainda assim, só muito tarde é que a doutrina de Grocio recebeu a consagração do direito positivo.

Ainda em 1822, a Russia tentou reivindicar a soberania de parte do Oceano Pacifico, ao norte de 51° de latitude, no mar de Behring, soberania essa que lhe não foi reconhecida, graças á intervenção audaz dos Estados Unidos. Mas, posta de lado a propriedade dos mares, tentou-se ainda obter indirectamente esse predominio, regulando a navegação com preceitos policiaes e imposição de taxas tributarias em alguns d'elles. Isto equivalia tambem a ter o dominio dos mares, porque restringia o modo como elles podem ser livremente aproveitados; e, assim, tambem essas pretensões foram repellidas [2].

Ora este principio da liberdade dos mares foi-se affirmando altamente depois da revolução franceza; e o proprio Governo inglez, a partir de 1855, foi reconhecendo publicamente que nenhuma nação tem a faculdade de prohibir ou taxar a navegação de outro paiz.

Mesmo quanto aos estreitos, foram tambem abolidos os direitos que oneravam a livre passagem por alguns d'elles, como aconteceu com o estreito de Sund e os de Belt.

---

1 Calvo, *Le droit international theorique et pratique.* — Adriano Anthero, *A Historia Economica*, vol. IV, pag. 605.

2 Adriano Anthero, *O Direito internacional*, pag. 195 e seguintes.

A Dinamarca impoz, durante muitos seculos, impostos ou taxas de passagem sobre todos os navios mercantes que atravessavam esses estreitos. E estes impostos foram, pela primeira vez, fixados e reconhecidos n'um tratado, concluido, em 1645, entre o Governo dinamarquez e os Estados Gerais das Provincias Unidas. Foram depois sanccionados por outras nações, especialmente, pela França, nos tratados de 1663 e 1762; e, por fim, a Dinamarca, em 1857, cedeu d'esse direito, por 16:456.945$10, que lhe foram pagos por differentes nações da Europa e pelos Estados Unidos.

O estreito de Bosphoro ou canal de Constantinopla, embora sujeito a restricções, quanto aos navios de guerra, tornou-se tambem livre, quanto aos navios mercantes, pelo tratado anglo-turco de 1809, e pelas convenções internacionaes de 1841, 1856 e 1871. E o estreito de Magalhães, que foi objecto de contendas entre o Chili e a Republica Argentina, foi neutralisado perpetuamente, pelo tratado de 23 de julho de 1881, celebrado entre as duas republicas.

Todavia, se o alto mar e alguns estreitos se tornaram do dominio commum de todos os povos, os mares territoriaes, em geral, e os golfos e bahias ficaram legalmente submettidos á soberania dos Estados cujas costas são banhadas por elles. Mas esta soberania tem um caracter mais convencional que real. Resulta ella, com effeito, do accordo das nações, e implica apenas uma jurisdicção que permitte aos Estados costeiros impor aos navios estrangeiros que abordam ao seu territorio, regulamentos fiscaes, aduaneiros e de policia, quanto ao accesso, salvo os casos determinados por convenções internacionaes.

*

* *

O systema de classificação dos navios, geralmente adoptado, favorecendo tambem a navegação, veiu a favorecer egualmente as communicações. Essa classificação consiste no certificado do estado da segurança d'elles e da sua maior ou menor resistencia para a navegação, passado por instituições ou corporações proprias para isso, de grande respeitabilidade, e geralmente conhecidas como taes no commercio, ou garantidas officialmente pelos Governos: o que serve, principalmente, para melhor regular os contractos de seguro.

Foi, em 1760, que se criou na Inglaterra a primeira d'essas instituições — o *Lloyd Register.* Em 1825, essa instituição tornou-se — o *Lloyd Register of British and Foreign Shipping,* que foi melhorada, depois disso, em 1834. Pelo modelo inglez formaram-se, em 1828, o *Bureau Veritas,* em Paris; em 1858, o *Veritas* austriaco, em Trieste; em 1867, o *Germanisher Lloyd Rostoch.* E em 1861, formou-se na Italia, o *Registro Italiano;* e em 1881, o *Veritas Italiano,* em Genova.

*

* *

A cartografia enriquecendo-se de documentos aperfeiçoados e de elementos preciosos, tambem favoreceu as communicações. Aos roteiros grosseiros, incompletos e rudimentares da Edade Media, e mesmo ás cartas

mais bem traçadas, porém, muitas vezes, inexactas, dos seculos XVII e XVIII, foram substituidas cartas nauticas, bem desenhadas, e levantadas scientificamente e mathematicamente, indicando a profundidade dos mares, as enseadas, os escolhos, os fundos e as correntes.

*

* *

Ao passo que se construiam vias ferreas por toda a parte, os Governos foram utilisando as vias de agua de que dispunham, para ligar entre si as principaes arterias, ou tornando os rios navegaveis, ou abrindo canaes, e ajuntando assim um elemento poderoso de circulação e de riqueza a favor de industrias productoras de materias pesadas. Os estados Unidos, sobretudo, e, na Europa, a França e Allemanha deram á canalisação um desinvolvimento enorme.

Estabeleceu-se tambem a livre navegação dos grandes rios. Assim, em 1815, foi estabelecida a livre navegação do Rheno, e, portanto, a abolição das antigas portagens, que, desde tempos immemoriaes, embaraçavam a navegação [1]. Houve reclamações da Hollanda; mas a contenda terminou pela convenção de Mayença, em 31 de março de 1831, que declarou esse rio livre, desde o sitio onde tem condições de navigabilidade até o mar, compreendendo o Yssel e o Vaal.

A navegação do Escalda, largamente debatida desde o principio do seculo anterior, foi declarada livre,

---

[1] Adriano Anthero, *O Direito Internacional*, pag. 243.

em 1835, pela separação da Belgica e Hollanda, ficando a sua navegação debaixo da vigilancia d'essas duas nações marginaes. Ainda assim, alguns direitos de passagem subsistiram em favor da Hollanda, mas acabaram, pelo tratado de 12 de maio de 1863, que ambas essas nações cellebraram.

A livre navegação do Elba foi decretada, em 1861. A do Danubio foi proclamada no congresso de Paris de 1856; a do Mississipi, em 1820; a do Uruguay, em 1851; a do Paraguay e Panamá, em 1853; a do S. Lourenço, em 1854; e a do Congo e Niger, pela convenção de Berlim de 26 de fevereiro de 1886.

As communicações carrossaveis tiveram egualmente um grande desinvolvimento no seculo XIX. E, logo no fim do segundo quartel d'esse seculo, as estradas a macadam se propagaram egualmente [1].

Finalmente, a navegação aerea, começou tambem a desinvolver-se no fim do periodo, para tomar no seculo actual um progresso extraordinario [2].

---

[1] Mac-Adam, engenheiro escocez, passa por ser o introductor do systema de empedramento, que tem o seu nome. Esse empedramento foi introduzido em Paris, em 1869, e propagou-se depois pela Europa. Mas já um antigo empedramento tinha sido usado na França, no tempo de Luiz XVI.

[2] Adriano Anthero, *O Direito Aereo*.

CAPITULO IV

França

Leve esbôço da historia politica da França, n'este periodo. — Influencia da revolução franceza e das guerras napoleonicas e bloqueio continental no movimento economico da França, até á queda de Napoleão. — Invenções que houve durante esse tempo, determinadas, em grande parte, pelo mesmo bloqueio. — Prejuizos da França, por causa d'elle. — Estado do paiz e regimen restrictivo economico, durante a restauração. — Governo de julho, e suas tendencias liberaes, e promulgação de differentes medidas n'este sentido. — Reacção que se levantou contra ellas, e como o Governo teve de arripiar caminho. — Reformas legislativas que fez. Revolução de 1848, e segunda republica. — Socialismo e cstabelecimentos socialistas. — Descontentamento que tudo isso produziu, e como levou á proclamação do imperador Napoleão III. — Progresso economico da França durante esse imperador. — Guerra de 1870 com a Allemanha. — Proclamação da terceira republica, e adiantamento enorme da França até o fim do seculo XIX.—Productos, agricultura, industria, commercio e marinha. — Centros economicos principaes. Communicações.

A historia politica da edade contemporanea abre tambem com a revolução franceza. Já fallámos d'ella no capitulo I, e, porisso, basta dar agora uma noticia chronologica muito resumida dos seus principaes accidentes.

Em 23 de junho de 1789, abriu-se a Assembleia Constituinte, a que se seguiu a Assembleia Legislativa (1 de outubro de 1791 - 21 de setembro de 1792). Depois, veiu a Convenção Nacional (21 de outubro de 1792 - 26 de outubro de 1795), que condemnou á morte, e fez decapitar Luiz XVI, e a rainha Maria Antonieta. Seguiu-se o Directorio (27 de outubro de 1795 - 9 de novembro de 1800). Após elle, surgiu o Consulado, em que predominou Bonaparte, Consulado esse, que teve como consequencia a elevação do mesmo Bonaparte a imperador, sob o nome de Napoleão I, e cujo Governo se passou em guerras continuas com quasi toda a Europa.

Em 1814, foi elle vencido na batalha de Waterloo. e a França voltou ao antigo regimen monarquico, sob Luiz XVIII, que reinou até 1824.

De um espirito judicioso e cultivado, esse monarca tinha sabido apreciar as necessidades da França; mas não teve força para luctar contra o zelo imprudente dos seus partidarios, que desejavam o absolutismo; e, porisso, descontentou a nação, e teve o seu reinado, sempre mais ou menos perturbado por agitações liberaes, promovidas, principalmente, pelos carbonarios.

A Luiz XVIII, succedeu Carlos X (1824-1830).

Voltando este rei abertamente ás ideias reaccionarias, tambem descontentou profundamente o povo, o que deu logar á revolução de julho de 1830, que o depoz, e nomeou Luiz Filippe.

No tempo de Carlos X, teve logar a guerra da Turquia contra a Grecia, na qual os Russos, Inglezes e Francezes intervieram a favor dos Gregos, que obtiveram a sua independencia, pela paz de Andrinopla (1829).

Luiz Filippe (1830-1848) era de ideias liberaes, e foi bem acceito pelos differentes partidos, que concentravam as suas esperanças n'um regimen constitucional, como o da Inglaterra.

Segundo já vimos no capitulo I, essa revolução de julho, trouxe geralmente um levantamento liberal por toda a Europa; e, mesmo na França, houve alguns movimentos revolucionarios.

Assim, em Lyon, em 1831, rebentou um motim de tecelões de seda, que se encontravam sem trabalho, e que foi reprimido pelo Governo, sendo depois ministrados alguns soccorros aos operarios. Pela morte do ministro Casimiro Perier, que tinha podido conservar os differentes partidos n'um certo equilibrio, os extremistas levantaram-se em Paris; e esse levantamento foi abafado violentamente pelo Governo, de modo que ficaram mortos 800 dos revolucionarios.

Na Vendea, houve uma revolução, que foi egualmente reprimida. Apar d'isso, as doutrinas socialistas começaram a espalhar-se largamente e a perturbar continuamente a sociedade franceza. E a taes insurreições e movimentos revolucionarios, juntaram-se ainda frequentes conspirações contra a vida do rei, que pôde escapar-lhes; bem como um outro movimento dos representantes do imperio, a favor de Luiz Bonaparte, filho do ex-rei da Hollanda, tambem Luiz Bonaparte, e da rainha Hortensia.

Foi no tempo de Luiz Filippe que se acabou a conquista da Argelia (1834-1847).

A ancia liberal do povo, não contente com o espirito acomodaticio dos ministros, reclamou medidas mais rasgadas, e entre ellas o suffragio universal; e, tendo-se

o Governo opposto, foi proclamada a segunda republica (1848-1852).

Esta republica, tomando um caracter todo socialista, decretando o direito ao trabalho, estabelecendo até officinas communs por conta do Estado, e produzindo uma grande penuria geral e uma grande desordem social, deu logar á proclamação do imperio e á nomeação de Luiz Bonaparte como imperador, sob o nome de Napoleão III.

O imperio viu-se logo involvido n'uma serie de guerras, que deviam precipitar a sua queda.

A primeira foi contra a Russia, de concêrto com a Inglaterra e Piemonte — a guerra da Crimeia (1853-1855).

A segunda foi contra a Austria, tambem de concêrto com o Piemonte, em que ella foi vencida na batalha de Solferino e perdeu a Lombardia, que foi reunida ao Piemonte; havendo a França obtido Nice e Saboia, como preço do seu concurso.

Outra guerra foi na Syria. Tendo os montanhezes drusos matado os Maronistas christãos, a França, conforme, a convenção de Paris de 1856, mandou um exercito lá, que pacificou a região, e garantiu a segurança dos christãos.

Houve tambem uma expedição muito importante na China. Depois do tratado de Nankin, feito com a Inglaterra, a China teve de abrir cinco portos ao commercio europeu (1842), Cantão, Annoy, Fou-Techeou-Fou, Ningpo e Shang-hai; e os Francezes obtiveram ainda o livre exercicio do christianismo no celeste imperio.

Mas os Chinezes não observaram depois as obrigações d'esse tratado, e isso levou uma frota anglo-franceza a apoderar-se de Cantão, e a forçar a China a

assignar um novo tratado, em Tien-Tsin. Sendo, porém, os embaixadores que estavam encarregados de o ratificar, recebidos a tiros de canhão, foi este o signal de uma guerra maior (1859), em que a China teve ainda de assignar mais outro novo tratado de Tien-Tsin, e de pagar uma grossa indemnisação.

N'uma guerra com o imperador de Annan, os Francezes obtiveram tambem a cedencia de tres provincias, —Saigon, Bien-hoa e Mytho.

Entretanto, um francez notavel, Lesseps, começou a abertura do isthmo de Suez (1859), de que já fallámos, cujos trabalhos acabaram em 1869.

Em 1863, a França interveiu no Mexico, juntamente com a Inglaterra e Hespanha, e, por intervenção d'ella, foi lá collocado como imperador, Maximiliano, irmão do imperador da Austria. Levantando-se, porém, os Mexicanos, depois d'isso, contra o mesmo imperador, a Inglaterra e Hespanha fizeram retirar as suas tropas; e mais tarde Napoleão mandou tambem retirar o exercito francez, abandonando Maximiliano, que foi, então, fuzilado pelos Mexicanos (1867).

No mesmo anno 1867, Garibaldi tentou uma expedição contra Roma, que os Francezes tinham evacuado no anno anterior; e Luiz Napoleão enviou, porisso, tropas aos Estados Pontificios, que bateram os Garibaldinos e os demais Italianos que se lhes tinham reunido.

Em 1870, surgiu a guerra com a Prussia, da qual já fallámos no capitulo I, e com ella a derrota da França, a deposição de Luiz Napoleão e a proclamação da terceira republica, ainda existente.

No tempo d'esta guerra, e quando Paris estava cercada pelos Prussianos, deu-se tambem um movimento

grave dentro d'essa mesma cidade, que foi o levantamento revolucionario chamado a *Communa*, que, depois de muita ruina e mortes e desordens, foi abafado pelo Governo, á custa de muito sangue.

Acabada a guerra de 1870, a França gozou de paz no interior; mas houve ainda differentes luctas no exterior.

Assim, no Tonkin, onde as relações commerciaes tinham sido travadas pelos piratas chamados *Pavilhões Negros,* teve a França de mandar um exercito commandado pelo almirante Courbet, que obrigou a China a assignar o tratado de Tien-Tsin, reconhecendo o protectorado francez no Tonkin. Recomeçadas mais tarde as hostilidades, o mesmo Courbet accupou Ke-Lung, na ilha Formosa. E, ainda depois d'isso, a França pôde reunir sob a sua administração o Annan, Tonkin e Cochinchina, sob o nome de Indo-China.

Na Africa, fundou ella estabelecimentos prosperos no Senegal, no Congo e em Madagascar; e, em 1896, conquistou o Dahomey. E, tendo surgido um conflicto entre os Francezes e o soberano dos Hovas de Madagascar, a França mandou lá duas expedições, uma, em 1885, e outra, em 1894, que terminaram por tomar conta de toda a ilha, e collocal-a sob o protectorado francez.

Fóra das guerras de conquista que resultaram de todas essas luctas e expedições coloniaes, a França gozou sempre de paz, depois da guerra desastrosa de 1870, e reparou economicamente as suas perdas.

*

* *

As luctas da revolução franceza, e depois as luctas napoleonicas e o bloqueio continental perturbaram o movimento economico da França até 1815. Mas, ainda assim, houve intervallos que fizeram excepção a esse estado geral.

Assim, no Governo do primeiro consul, Napoleão Bonaparte, a paz no exterior e a reparação das desordens no interior, permittindo o restabelecimento das relações com os povos vizinhos, e chamando o movimento e emprego de capitaes para as operações agricolas e industriaes da nação, fez renascer a confiança geral, e estimulou o desinvolvimento economico.

Pela reconstituição das academias e sociedades scientificas, que os Jacobinos, no seu exaggero pela egualdade e no seu odio a toda a superioridade, tinham supprimido, reappareceram os trabalhos dos eruditos, e com elles as descobertas que deram lugar a novas fontes de riqueza.

A chymica applicada tomou uma extensão illimitada. O chloro, descoberto pelo allemão Scheele, foi empregado por Berthollet na tinturaria e branqueamento da roupa. Prieur conseguiu fixar o verde e o azul, que, antes da sua descoberta, mudavam ao contacto do ar. Darracq aperfeiçoou a fabricação do alcatrão. Derosne serviu-se do carvão para descolorar. Os irmãos Gouin deram á côr da garança a solidez e o brilho da cochenilha. Leblanc extraiu a soda do sal mari-

nho, e provocou a criação, em Saint-Denis, do primeiro estabelecimento destinado a fabrical-a. Brichoz e Leseur livraram a França da tutella da Inglaterra e da Hollanda, quanto ao fornecimento do alvaiade e do branco de chumbo. Vauquelin poz em circulação um novo metal — o chromo, e Darcet e Decroos expediram para toda a Europa os sabões de *toilette*, que a França primeiramente pedia á Inglaterra. E, graças ás descobertas de Brongniart e de muitos outros sabios instruidos na sua escola, a faiança, a louça de barro e o crystal desinvolveram-se e aperfeiçoaram-se, dando alimento a uma centena de fabricas, tanto em Paris como nas provincias.

Na industria, Velther ajuntou aos productos de algodão já existentes, os fustões, as cambraias e os tulles. Charlieu e Morainville inventaram apparelhos identicos, o primeiro para a lã e o segundo para o linho. Em relojoaria, houve progressos notaveis sob a direcção de Breguet, de Pons, de Lepaute e de Robin, entretanto que Rebours e Cauchois dedicavam os seus cuidados á construcção de lunetas, e Jecker á dos instrumentos de optica.

As cordas foram melhoradas pelo duque de Rochefoucauld. Conté deu á industria dos lapis um desinvolvimento rapido, que lhe permittiu tirar o monopolio d'elles á Inglaterra. Darcet pae e Proust, com o auxilio do vapor, reduziram os ossos a massa liquida; e tambem com os ossos, Darcet, filho, compunha a gelatina em folhas destinadas ao decalque dos desenhos. Emfim, Argand desinvolveu a illuminação, introduzindo uma corrente de ar na torcida dos candieiros, entretanto que Zuinquet, Carcel e Bordier entregaram ao consumo novos candieiros, ainda mais luminosos.

O desinvolvimento da França, levantou o ciume dos Inglezes; e, quando Napoleão, em 1804, começou a promulgar um pauta, cujos direitos affectavam directamente a Inglaterra, esta respondeu, fechando todos os seus portos aos navios de França; sujeitando tambem os navios das potencias neutraes á visita dos seus cruzadores, a ver se levavam productos francezes; e decidindo que as contravenções seriam julgadas e punidas nos portos britanicos.

Resultou d'ahi o bloqueio continental, decretado por Napoleão, em Berlim, em 1806, pelo qual eram prohibidas todas as trocas e todas as communicações com a Inglaterra. Esse bloqueio foi imposto, não sómente á França, mas tambem aos paizes alliados ou occupados pelos exercitos francezes, taes como a Hollanda, a Hespanha, Napoles, Austria, o reino da Etruria, a Prussia, Allemanha e outros Estados.

Unicamente a Russia e a Suecia, então em paz com Napoleão, é que representavam o principio da neutralidade; e, ainda assim, o imperador, temendo que os navios d'essas potencias servissem ao contrabando, promulgou em Milão, a 17 de setembro de 1807, um decreto, completando as disposições precedentes, e determinando que todo o navio, qualquer que fosse a nação a que pertencesse, quando tivesse soffrido a visita de um navio inglez, ou tivesse effectuado uma viagem á Inglaterra, ou mesmo que tivesse soffrido qualquer imposição do Governo inglez, seria *desnaturalisado* e considerado como propriedade ingleza, e, por consequencia, como objecto de boa presa. E isto mesmo se daria com todo o navio expedido dos portos inglezes ou colonias inglezas.

Esse bloqueio continental causou á França grandes prejuizos; mas causou muitos mais á Inglaterra, ao passo que aproveitaram com elle algumas outras nações da Europa, como veremos.

Com effeito, na França, a falta de materias primas e productos industriaes, que até então eram fornecidos pelos Inglezes, fez despertar a fermentação de novos productos e novas industrias, como já vimos; e o augmento do commercio continental compensou em parte a carencia do commercio maritimo. As proprias necessidades da vida interior e a diminuição de productos exteriores que resultaram d'esse bloqueio, obrigaram a maiores exforços para a sustentação da vida nacional.

Porisso, a agricultura realisou grandes melhoramentos. O vinho, o trigo e a batata cobriram espaços maiores. A fiação de algodão augmentou as suas maquinas, e melhorou e cresceu consideravelmente. Por outro lado, pelo impulso de Napoleão, que tinha decretado o premio de um milhão de francos ao artista que inventasse uma maquina capaz de fazer para o linho aquillo que Arkwrigt havia feito na Inglaterra para o algodão [1], Filippe de Girard, dotava a França de uma admiravel maquina, por meio da qual convertia o linho em fios da maior finura: o que fez tambem augmentar muito os demais productos linheiros, como teias ordinarias, teias superiores e rendas. As sedas e pannos progrediram egualmente.

A primeira d'estas industrias tinha quasi dobrado, em 1812, e a dos pannos, obrigando a imitar as maqui-

---

[1] Vide vol. IV, pags. 82, 687 e 688.

nas inglezas, quanto ao aperfeiçoamento, e a inventar novas maquinas para a frisadura, tinha tambem melhorado sensivelmente.

A suppressão das jurandas e mestrias e dos regulamentos relativos á fabricação tinha permittido aos estabelecimentos do Elbeuf e Darnetal fabricar vinte qualidades differentes de pannos, em vez de uma só qualidade, que outr'ora as corporações prescreviam.

A chymica, devido ao genio de Lavoisier, tinha podido supprir no mercado nacional muitos generos da India e das Antilhas, que as leis prohibitivas do imperio afastavam dos mercados francezes. A descoberta do acido muriatico pelo sueco Scheele, e o seu aperfeiçoamento por Berthollet e Chaptal, deram á fabricação do papel um immenso desinvolvimento. Succedeu-se depois a composição dos acidos nitricos, do nitro-muriatico, do amoniaco, antes d'isso importado do Egypto, do alun artificial, composto por Chaptal, e que, substituindo vantajosamente o alun de minas, deu logar a um grande commercio, quasi de seis milhões de francos por anno; e bem assim a composição da caparosa, das preparações mercuriaes, das côres consideradas até então inencontraveis, a não ser no oriente, e do anil e garança.

A arte da tinturaria, que não passa de uma serie de operações chymicas, tinha attingido um grau de perfeição muito elevado, entretanto que o chymico João Raymond descobria um processo para fixar na seda a côr do azul da Prussia, superior á do anil; e, augmentando com isso o valor dos productos das manufacturas de Lyon, fez que as fabricas de impressão sobre as teias de linho chegassem a dar o vermelho da garança sobre o algodão, de uma beleza rara. E a tintura do

algodão, que era apenas conhecida em França no momento da revolução, estendia-se a todas as côres, e até dava aos tecidos imitados da India, taes como o nankin, as *nuances* que tornam tão estimados os estofos d'esse paiz.

A decomposição do sal marinho conduziu á descoberta da soda, necessaria ás saboarias, vidrarias, branqueamentos e tinturarias.

O assucar de canna deixara de ser importado, em consequencia do bloqueio dos portos pela Inglaterra. Mas o assucar da beterraba o substituiu; e o aperfeiçoamento dos processos empregados foi tal que, em 1811, um chymico, M. Barruel, offereceu ao imperador alguns quintaes d'esse assucar de beterraba, que custava a distinguir do assucar de canna.

A vidraria, a ceramica, a curtimenta, a industria das armas e do ferro desinvolveram-se egualmente, sob a pressão das necessidades. Baccarat e perto de duzentas vidrarias de toda a natureza surgiram vigorosas, durante o periodo do bloqueio continental.

E, na metallurgia, os progressos excederam os de todas as outras industrias; de modo que, em 1812, o desinvolvimento havia augmentado cinco vezes mais que antes da revolução [1].

Apesar de tudo isto, a França, como já dissemos, soffreu muito com o bloqueio, embora não fosse tanto como a Inglaterra; porque esta, perseguida por toda a parte, e espiada pelos cruzadores dos Estados ligados contra ella, que repelliam o seu commercio, tomavam-lhe

---

[1] Noel, obr. cit.

os navios e queimavam-lhe as mercadorias, assistia impotente á accumulação dos seus *stocks* industriaes e commerciaes; e via os seus mercados sem negocio e os seus operario sem trabalho, reduzidos á fome; as suas casas commerciaes desapparecerem ás centenas, em fallencias successivas; e a miseria lançar o espanto nas suas populações desesperadas.

Mas, por outro lado, tanto a França como os paizes colligados não tinham livre saida para os seus productos; e a exportação dos generos agricolas, de que a agricultura franceza quasi que tivera o monopolio, havia soffrido uma grande diminuição. Falharam os artigos coloniaes, e a marinha ingleza tinha impedido o commercio ultramarino.

Alem d'isso, para prevenir o contrabando, o Governo francez foi obrigado a guarnecer as fronteiras com um exercito aduaneiro, cujo custeio era muito dispendioso, e de cada vez se tornava insufficiente, pelo desinvolvimento crescente do mesmo contrabando: o que tambem inutilisava em parte aquelle bloqueio nos seus peiores effeitos contra a Inglaterra [1].

E a tudo isto, que já enfraquecia o movimento economico da França, ou, pelo menos, impedia o vôo natural de tantas descobertas, as guerras successivas, que roubavam muitos braços á agricultura, ao commercio e á industria, exigiam grandes despesas e pesados impostos, e traziam alterado o socego interno, que é uma das condições impreteriveis de todo o movimento economico.

---

1 Noel, obr. cit.

*

* *

A restauração não seguiu a politica livre-cambista que Turgot tinha querido inaugurar, e que, um pouco mais tarde, a Assemblea Nacional Constituinte quiz tambem adoptar. E, pelo contrario, esforçou-se por defender os proprietarios, os agricultores e, sobretudo, os productores do trigo contra a concorrencia dos generos estrangeiros. Imitava, assim, os conservadores inglezes, que, para serem agradaveis aos *lords*, proprietarios de grandes dominios, estabeleceram na Inglaterra consideraveis direitos aduaneiros.

N'este sentido, uma primeira lei de Luiz XVIII carregou os trigos estrangeiros do direito de 0,50 fr. por quintal (25 de abril de 1816), o que, ainda assim, representava uma taxa muito moderada. Mas logo uma segunda lei estabeleceu a *escala movel*, que augmentava e diminuia os direitos, conforme a colheita era melhor ou peior em França (16 de julho de 1819).

Depois de ter protegido a agricultura, a restauração quiz dar tambem satisfação ás reclamações dos industriaes; e, porisso, os donos das forjas, que continuavam a fazer as fundições com o carvão de lenha, e que não podiam sustentar a concorrencia dos altos fornos inglezes, obtiveram um direito de entrada, que foi até 170 por cento. E todos os productos estrangeiros — assucares, couros, sedas, casimiras, etc., foram egualmente onerados.

A consequencia d'aquellas primeiras medidas foi a carestia extraordinaria do preço do pão, que se tornou

mesmo inabordavel para uma grande classe da população. Mas ellas favoreceram muito a cultura, de modo que o numero dos hectares semeados passou de quatro milhões, em 1815, para cinco milhões, em 1830.

O commercio, altamente prejudicado pelo bloqueio continental, levantou-se naturalmente alguma coisa, nos primeiros annos da restauração, graças á paz da nação.

A industria desinvolveu-se tambem, mercê dos progressos scientificos. Affirmou-se o credito do Estado, e o regimen fiscal não foi aggravado.

E, assim, o Governo chegou a estabelecer a ordem nas finanças, a confiança no credito, a levantar a agricultura e a defender a industria [1].

Aconteceu, porém, depois d'isso, que as nações estrangeiras usaram de represalias aduaneiras contra a França, estabelecendo tambem um regimen restrictivo, a respeito de muitos productos francezes, o que veiu por fim a tornar embaraçosa a expansão economica do paiz. E, para que esta expansão pudesse alargar-se livremente, era necessario que a nação entrasse tambem n'um regimen economico de liberdade, o que não aconteceu.

*

* *

O Governo de Julho, que succedeu á restauração, tinha tendencias liberaes. E, apar d'isso, o exemplo da Allemanha, organisando o *Zolverein*, essa vasta sociedade

---

[1] J. A. Bernard, *Histoire Contemporaine de 1815 A Nos Jours.*

mercantil que uniu os Allemães n'uma associação economica liberal, abolindo as alfandegas interiores, estabelecendo a communhão de interesses, e alliviando enormemente os encargos aduaneiros, da qual associação fallaremos no capitulo VI; e, tambem, ao mesmo tempo, o exemplo da Inglaterra, que passára, então, a refazer a sua legislação commercial e industrial n'um sentido liberal: reflectiram-se grandemente não sómente em França, mas por toda a Europa. N'este sentido, Luiz Filippe algumas medidas livre-cambistas abraçou, e alguns impostos aboliu. Mas a opposição do proprio parlamento, onde preponderavam os conservadores, e, portanto, os proteccionistas, foi tal que o rei teve de regressar ás medidas restrictivas.

Em todo o caso, o reinado de Luiz Filippe tornou-se pacifico por excellencia. A agricultura foi favorecida, e o commercio e a industria seguiram o movimento ascencional, já inaugurado pela restauração. O numero das maquinas, sempre crescente, deu uma expansão extraordinaria ás artes industriaes. O desinvolvimento das estradas e dos caminhos de ferro augmentou as communicações, e favoreceu as trocas. Proseguiram com actividade os trabalhos publicos. Introduziram-se grandes adoçamentos nas penalidades. Apagou-se da legislação criminal a pena da golilha, e a mutilação do punho para os parricidas; e admittiu-se o beneficio das attenuantes. E a lei de 1832, que obrigou cada communa a ter uma escola, contribuiu grandemente para a instrucção popular.

No commercio, é que, pelo systema protector, o desinvolvimento foi menos consideravel que nos outros factores economicos.

*

* *

Com a revolução de fevereiro de 1848, as ideias da livre concorrencia e livre cambio, que iam de harmonia com a theoria da fraternidade dos povos, proclamada pelos socialistas, circularam com mais força do que nunca; e, ao mesmo tempo, a victoria alcançada na Inglaterra a favor da liberdade dos cereaes [1] influiu tambem sobre a propagação d'essas ideias.

O novo Governo, porém, estava em más condições para corresponder ás esperanças do povo; porque era composto mais de utopistas e revolucionarios de profissão que de homens de Estado. E, durante os quatro annos que esteve no poder, não fez mais que agitar o paiz, irritar os camponezes, pelo lançamento de impostos pesados e impopulares, e pela consolidação arbitraria dos fundos que estavam nas caixas economicas, e aterrar as cidades, proclamando o direito ao trabalho em favor do operario, perturbando os interesses, e impondo ao Estado a obrigação de fornecer meios de subsistencia aos indigentes, incapazes e enfermos. E, alem d'isso, a criação de *ateliers* nacionaes, decretada, em 26 de fevereiro de 1848, sob a pressão de Luis Blanc, abriu o caminho ás desordens da rua; e logo, desde o fim d'abril d'esse anno, mais de 100 mil homens embriagados, divididos por esquadras e sustentados pelo thesouro, constituiram um exercito de sediciosos, que ia pôr em perigo a sociedade e a fortuna publica.

---

[1] Vide capitulo V.

E, no meio de tudo isto, a assemblea constituinte, composta de grandes capitalistas e grandes industriaes, para os quaes a protecção pautal parecia uma necessidade de existencia, não alargou as restricções aduaneiras do commercio. Na assemblea legislativa, Saint Beuve, fazendo-se ecco das aspirações livre-cambistas, propoz a abolição d'essas restricções. Mas essa proposta, combatida fortemente por Thiers, que se tornou o campeão inabalavel da protecção commercial, foi regeitada por uma grande maioria.

*

* *

Todas estas circumstancias, conjugadas com as agitações socialistas d'essa segunda republica, travaram o desinvolvimento economico da França.

A situação financeira tinha-se resentido fortemente das perturbações de fevereiro, e a maior parte dos ramos da actividade nacional tinham sido profundamente abalados. *Stocks* consideraveis de mercadorias estavam por vender. O Governo provisorio tinha julgado que faria diminuir a accumulação, fechando os mercados interiores aos productos similares estrangeiros. E, como vimos, a assemblea constituinte e legislativa persistiram no mesmo systema.

Tudo isso aggravou, como já fizemos sentir, a situação economica, e prejudicou o desinvolvimento commercial da França n'essa epoca.

Mas tudo mudou com o imperio de Napoleão III, que, tendo estado na Inglaterra, onde assistira ás luctas

travadas contra o systema proteccionista, e á victoria alcançada pelos livre-cambistas, vinha imbuido d'essas ideias liberaes.

Porisso, logo se mostrou propenso a introduzir na França a reforma economica da Inglaterra.

Começou pela promulgação de varias medidas livre-cambistas, e tentou mesmo abolir todas as prohibições ainda em vigor. Mas encontrou uma opposição tão grande, e tão forte alarme nacional se levantou, que teve de parar; até que, por fim, pelo tratado commercial com a Inglaterra de 23 de janeiro 1860, foi estabelecido o livre-cambio entre os dois paizes.

Já as primeiras medidas liberaes de Napoleão tinham feito alargar enormemente o movimento economico da França; e esse tratado deu-lhe ainda mais amplo vôo. E d'elle se seguiu tambem a generalisação do regimen de convenções commerciaes.

Com effeito, esse exemplo dos dois paizes que, pelos seus capitaes, industria e commercio, tinham, por assim dizer, alimentado o mundo inteiro, foi promptamente seguido por muitos outros. A primeira convenção franceza d'esse genero foi com a Belgica, em 1861. Depois, com o *Zolverein*, em 1862; com a Italia, em 1863; e seguidamente com a Suissa, Suecia, Noruega, cidades hanseaticas, Hespanha, Paizes Baixos e Austria. E essas convenções, estabelecendo o intercambio mercantil, fizeram dar ao movimento transaccional da França um grande adiantamento.

As industrias alargaram-se e multiplicaram-se por toda a parte; e apesar dos esforços que os Francezes já tinham feito, desde 1858 a 1861, para corresponderem ás exigencias da sua clientella interior e exterior, che-

garam com difficuldade a satisfazel-a. No interior, a prosperidade accusava um acrescimo de bem-estar em todas as classes da sociedade; e, no exterior, as trocas progrediam com uma rapidez superior á dos periodos antecedentes.

N'esta marcha ascencional, todas as industrias, sem excepção, figuravam com honra. A exploração e exportação das materias primas, os algodões, as lans, os linhos, as sedas, as pelles brutas e as hulhas constituiam artigos principaes do commercio.

A industria manufactora, por sua vez, metamorfoseou-se. E a reforma aduaneira, sobrevindo quasi simultaneamente com a diffusão das maquinas e com o aperfeiçoamento das sciencias mecanicas, tinha feito nascer no dominio da producção uma organisação economica nova, que teve enorme influencia no regimen social.

A grande industria com as suas gigantescas fabricas, cujo funccionamento provocava e facilitava as agglomerações operarias, e abaixava os preços da mão de obra, dominou geralmente.

Sobretudo, os objectos de grande consumo, tinham tomado um vôo rapido; e, entretanto que as necessidades interiores achavam no abaixamento dos preços um estimulo para o augmento das compras, a exportação, criando novos desembocadouros no estrangeiro, augmentava tambem consideravelmente.

Resultados analogos se patentearam na agricultura, apesar de que as legislações anteriores tinham erradamente profetisado a decadencia no regimen da liberdade.

A viticultura é que mais se distinguiu n'essa prosperidade. E o commercio dos vinhos e aguardentes

tornou-se tambem muito superior ao dos annos que precederam a liberdade commercial. Augmentou egualmente a fabricação do assucar nacional. Finalmente, a navegação, os transportes e o trafico maritimo acompanharam esse movimento ascendente, influindo tambem, de per si, no progresso dos outros factores.

*

* *

A guerra com a Allemanha, de 1870, abateu provisoriamente o movimento economico da França, em consequencia dos destroços da lucta e da enorme indemnisação que os Francezes tiveram de pagar aos Allemães. Mas, tendo ella sido paga em breve termo, o paiz restabeleceu-se depressa; e até o fim do seculo continuou progredindo, n'uma grande escala ascendente.

Para se ver isso, basta comparar os seguintes elementos:

A França, que, em 1850, só colhia 75 milhões de hectolitros de trigo, no fim do seculo, produzia 108; e a superficie aravel, que, em 1870, era de 6:857.152 d'hectares, no fim do seculo, era de 6:986.628.

A cultura da batata augmentou tambem prodigiosamente. E a beterraba que, em 1876, occupava 529.000 hectares, em 1892, occupava já 615.000.

A cultura de algumas outras plantas industriaes e a das plantas tinturiaes é que diminuiu.

Assim, o linho e o canhamo foram occupando uma superficie cada vez mais restricta; não porque o solo francez fosse improprio, mas porque diminuiu muito o

consumo, depois que foram decaindo certas industrias, como a fabricação das velas, cordas e cabos; e porque, apar d'isso, o commercio exterior importava esses generos em muito boa conta, fazendo impossivel a concorrencia da producção nacional.

Quanto aos productos tinturaes, garança, gauda, pastel e açafrão, tambem a concorrencia irresistivel dos productos chymicos, derivados da hulha e de outras substancias, bem como a concorrencia das materias tinturaes das colonias, prejudicou egualmente muito essa cultura.

E, com relação ás plantas oleosas, cujas sementes eram empregadas na fabricação dos azeites ou dos oleos, aconteceu a mesma coisa; pois que, por um lado, o estrangeiro importava estas sementes em grande quantidade e boa conta nos mercados francezes; e, por outro lado, o consumo dos azeites vegetaes de illuminação diminuira perante os progressos do oleo mineral, petroleo, gaz e outros productos, que dão luz mais barata.

E com a colza e o nabo silvestre aconteceu tambem a mesma coisa [1].

*

* *

Sobre os productos proprios do solo francez, remontamo-nos ao que já dissemos no volume V, paginas 97 e seguintes.

E quanto ás industrias, d'este periodo, no reino mineral, a producção da hulha que, em 1870 era de 13:330.000

---

[1] Marcel Dubois e J. E. Kergomard, obr. cit.

toneladas, em 1893, era de 25:173.000. A producção do ferro, que, em 1873, era de 3:051.000 toneladas, em 1893, era de 3:517.000; e analogo progresso se deu nos outros mineraes. E a fundição dos minerios e dos metaes, que, em 1870, dava 1:381.000, em 1893, ascendia a 2:003.000; sendo a fabricação do aço a que mais progressos fez.

Tambem nas outras industrias se accentuou egual adiantamento.

Por exemplo, na industria derivada dos productos vegetaes, a producção do assucar de beterraba refinado augmentou, de modo que o seu consumo era, em 1873, de 259:717.427 kilogrammas, e em 1893, de 576:000.000.

Em todo o caso, depois que a França, pela guerra de 1870 com a Allemanha, perdeu as minas de hulha do Sarre, aconteceu que os concorrentes d'ella, pelo menos, os Allemães, os Belgas e os Inglezes, ficaram tendo hulha em maior abundancia e mais barata; de maneira que, n'esse ponto, a lucta contra a concorrencia metallurgica dos estrangeiros tornou-se difficil.

E não foi, sómente pela falta da hulha, que a industria metallurgica não pôde luctar contra os estrangeiros. Accrescia tambem que apenas o ferro é que podia encontrar-se em quantidade sufficiente e em boa conta; pois o cobre, o estanho e o zinco, etc., eram importados de fóra. E vinham, assim, accumulados de dois onus que tornavam a mercadoria mais pesada, a saber: o onus que provinha do lucro dos donos d'esses materiaes, e o dos intermediarios [1].

---

[1] Marcel Dubois e Kergomard, obr. cit.

Foi, por isso,que a França voltou ao systema protector, pela pauta de 1892.

Enumerar todas as industrias practicadas em mais de 150 mil fabricas e manufacturas da França, seria, como expõe E. Reclus, resumir o trabalho humano. E, como tambem diz o mesmo auctor, só a principal fabricação — a das materias textis occupava mais de dois milhões de operarios. Para a seda, a França tinha o primeiro logar entre as nações. Para as lans, pannos, tapetes e flanellas, disputava a superioridade á Inglaterra. Para a fiação e tecidos de algodão, a sua producção, cinco vezes mais fraca do que a ingleza, e mais fraca tambem que a dos Estados Unidos, preferia, pela qualidade dos seus tecidos, a todos os paizes do continente, e mesmo á Inglaterra. As rendas egualavam em valor as de todos os outros paizes. Emfim, as manufacturas de tecidos, canhamo, juta, e, sobretudo, de fibras misturadas, eram tambem muito importantes.

Em todo o caso, uma revista geral de todas as industrias francezas, especialmente, na ultima epoca, isto é, desde 1870 até o fim do seculo, leva a constatar que as provincias do norte e nordeste foram as mais activas. No departamento do Norte, sobretudo, a riqueza hulheira produziu uma agglomeração de productos de toda a ordem. Foi a zona industrial por excellencia. Pódem tambem citar-se, especialmente, as differentes regiões hulheiras em volta do macisso central.

Tratando dos centros principaes, nós veremos, então, especificadamente, a expansão da industria franceza.

*

* *

O commercio da França, absolutamente fallando, augmentou muito n'este seculo XIX, a ponto de que ella se tornou uma das primeiras potencias commerciaes do mundo. No fim do seculo, só tinha acima de si a Inglaterra, a Allemanha e os Estados Unidos; mas, em todo o caso, foi elle diminuindo alguma coisa nos ultimos annos. E' que todos os vizinhos tratavam de se tornar cada vez mais independentes dos Francezes, fabricando tudo o que lhes era necessario, imitando mesmo os objectos preparados em França, e até copiando-os servilmente, em vez de os comprarem.

E, depois, o desinvolvimento social geral, a facilidade das correspondencias e a abundancia de informações tornaram cada vez menos circunscriptas as invenções, e menos efficazes os processos ingenhosos do estylo e da arte, que sempre teem honrado a industria franceza.

Assim, desde que se dava qualquer invenção, tornava-se logo prêsa de todo o mundo; e o privilegio que resultava da marcha distinctiva de cada nação, tornava-se tambem materia indifferente. De modo que os Estados mais favorecidos n'esta lucta ardente foram aquelles que tinham em abundancia materias primas, como a hulha e os metaes.

Ora os Estados Unidos teem o sufficiente para si, e concentravam-se tambem em si proprios, repudiando

por meio de impostos enormes, os objectos de fabricação estrangeira. A Inglaterra era obrigada a pedir fóra alguns productos, especialmente, objectos de alimentação. Mas, apesar d'isto, o seu imperio colonial, repartido por todas as latitudes, é tão independente como os Estados Unidos, e possue os mesmos elementos de prosperidade natural.

A Allemanha deveu a prosperidade crescente da sua industria e do seu commercio aos esforços da intelligencia e diplomacia, e tinha tambem grande riqueza em hulha e metaes. E, ao passo que mais se enriqueceu com as bacias hulheiras do Sarre, que, pela paz de Francfort de 1871, tirou á França, esta soffreu, n'esse ponto, um grande desastre.

Por tudo isto, é que a França apezar de occupar no fim do seculo o quarto logar entre os grandes paizes commerciaes do mundo, tinha sentido uma certa diminuição no seu movimento mercantil.

As importações consistiam, principalmente, em materias primas necessarias á industria (hulha, sedas, lans, algodões, couros). Os objectos alimentares vinham em seguida. E os productos fabricados occupavam a ultima classe.

Na exportação, pelo contrario, os objectos fabricados occupavam o primeiro logar, e a exportação dos generos alimentares compensava apenas n'um terço os que vinham do estrangeiro.

Fazia commercio com todo o mundo; mas os paizes com quem a França mais relações commerciaes entretinha, eram a Gran Bretanha, a Belgica, a Allemanha, os Estados Unidos, a Hespanha, Portugal, a Italia, a Republica Argentina e a Russia.

*

* *

Já no volume V, pag. 123 e seguintes, especificamos os centros economicos principaes da França, na edade moderna. Mas como o tempo traz sempre mudanças, vamos tambem especificar os principaes n'este periodo. E mal podem elles especificar-se, porque a França, n'esta edade contemporanea, constituiu um immenso laboratorio por toda a parte do seu paiz.

Em todo o caso, devido á grandeza d'essa nação e á influencia que ella exercia e tem exercido em Portugal, faremos uma exposição, um pouco mais larga e mais detalhada.

Logo no sul e na região do Garonne, encontra-se Tolosa, que, já no seculo XIX, occupava por sua população o sexto logar entre as cidades de França. E' ahi que se vinham interpor todos o generos da rica planicie garonnesa. Sendo a primeira cidade commercial do sul, era tambem a primeira cidade industrial, tendo fabricas de moagem, papellarias, curtimenta, tabacos, amidoneria, serragens, fundição, fiação, etc.

Seguindo para o norte, destacava-se a cidade de Bordeus. O porto bastava para conter mais de mil navios; mas nem todos encontravam nas bordas do caes profundidade de agua sufficiente para acostar á margem; d'onde resultava uma perda de tempo e dinheiro consideravel, que lhe não permittia sustentar a concorrencia com outros portos de melhores condições. Para remediar este inconveniente, abriu-se em Bacalan, a jusante

da cidade, uma bacia de dez hectares de superficie, a cujo caes, n'um comprimento de 1.800 metros, podiam ser acostados 80 navios collocados dois a dois; mas, infelizmente essa bacia, cuja profundidade, segundo as marés, variava de 6 metros a 9 metros, foi-se obstruindo á entrada por montões de vasa, que se renovavam á proporção que se tiravam. Não entravam, porisso, lá navios de um certo calado, e, mesmo nas marés altas, os grandes navios não podiam sem perigo tocar o ancoradouro. Além d'isto, os bancos perigosos do Gironda retardavam, muitas vezes, a marcha das embarcações.

Apesar, porém, d'estas e outras desvantagens, não contando com Paris, era o terceiro porto de França no movimento dos navios, e o quarto no valor das trocas. No seculo XVIII, tinha tido o primeiro lugar.

Era ao commercio dos vinhos, principalmente, que elle devia a importancia consideravel que Bordeus alcançára no commercio do mundo.

No golfo de Lyão, Narbonna, que chegou a ter no seculo XIV 200 mil habitantes, estava muito decaida, porque o seu porto era improprio para navios de grande lotação. Mas, ainda assim, era bastante industrial; e o commercio de vinhos tinha feito a montante uma povoação tão industrial como a propria cidade.

Beziers, Pezenas e Cette eram tambem muito industriaes.

Montpellier não tinha uma industria tão activa como já tivera; mas, ainda assim, tinha grande fabricação de velas, de sabões e de colchas de lã, muito apreciadas, sobretudo, na America. Faltava-lhe, porém, um porto de mar. Tem porto de rio, mas esse apenas recebia barcas.

Nimes, a maior cidade mediterranea, depois de Marselha e Toulon, tinha uma grande fabricação de chales, tapêtes, estofos, lenços e gravatas, que occupava milhares de operarios. Produzia, sobretudo, tapetes avelludados.

Em todo o caso, a sua industria estava em decadencia, pela concorrencia da America e dos fabricantes de Ambusson e Beauvais, que imitavam muito bem os productos de que Nimes tivera outr'ora a especialidade.

Marselha, era a metropole de sul rhodaniano, e o principal mercado de todo o Mediterraneo. Possuia grandes fabricas metallurgicas, onde se trabalhava em mineraes importados da Algeria, Hespanha, Italia e de outras regiões estrangeiras. Para o tratamento do chumbo tinha mais importancia que outra qualquer cidade de França. Moia os trigos que lhe expediam os portos do Oriente. Transformava em productos manufacturados as sementes oleosas e os oleos provindos dos portos do Levante, da India, do Senegal e da America do Sul. Curtia as pelles de cabra, compradas em todas as costas do Mediterraneo. Preparava as massas alimentares, os salgados e as conservas necessarias aos marinheiros. Por uma das suas principaes industrias, a dos sabões, Marselha, desde ha mais de um seculo, tinha a primeira classe no mundo, e só ella fornecia mais de metade do sabão que se fazia em França. Tres mil operarios trabalhavam nas suas olarias. Tambem só ella preparava mais de tres quartas partes do assucar da região. Não dava á marinha o elemento por excellencia, isto é, os proprios navios; mas, se fazia construir sómente pequenas armações, os

seus armadores pediam em grande parte os seus navios aos canteiros de Seyne e de Ciotat, que são verdadeiras succursaes de Marselha. A ribeira de Genova construia-lhe tambem um numero consideravel de embarcações.

Pelo movimento do porto e valor das suas transacções, Marselha era o primeiro porto da França, e um dos dez ou doze mais importantes do mundo.

Arles e S. Luiz, que era o terceiro porto mediterraneo francez, só excedido por Marselha e Cette, constituiam tambem centros importantes.

Toulon era a 15.ª cidade da França, pelo numero dos seus habitantes; mas, como cidade essencialmente militar, o seu movimento economico não correspondia á sua grandesa.

Tarascon era uma das cidades francezas, onde o movimento das mercadorias attingia maiores proporções.

No Jura, na bacia do Saone, Besançon, tanto pela industria de relojoaria d'ella propria, como das montanhas e aldeias que a rodeiam, tinha tomado uma importancia tal que fornecia nove decimas dos relogios vendidos nos mercados francezes.

Doubs possuia uma escola de relojoaria; e era tambem muito industrial em varias industrias.

Morteaux constituia desde o meiado do seculo XIX, o centro de vastas officinas. Todas as aldeias que a rodeiam, estavam cheias de teares e de fabricas.

Montbélliaud era tambem o centro natural de todo o districto manufactor que se estendia ao norte, no territorio de Belfort e do Alto Saone. Ahi se trabalhava, sobretudo, em tecidos de estofos e fabricação de artigos de relojoaria.

Chalons, em frente da qual o Saone e o Doubs já estão reunidos, onde vem dar o canal do centro, via artificial mais importante que o curso das aguas naturaes, e cujo porto está muito bem situado como escala de navegação interior, era um grande interposto de cereaes, de ferro e de vinho. Possuia um canteiro de construcções, e fazia grande industria e commercio de tannoaria e de telha.

No departamento do Saone e Loire, Creuzot era o grupo de estabelecimentos industriaes mais consideravel que existia em França. Ha dois seculos, uma pobre cabana de carvoeiro occupava o lugar onde hoje se eleva a cidade. Uma fundição de canhões, uma vidraria e algumas officínas metallurgicas foram fundadas lá, antes de revolução de 1789; mas, ainda assim, Creuzot, em 1837, ainda não passava de uma aldeia. Depois é que engrandeceu rapidamente. Já no fim do seculo XIX, era uma das mais importantes cidades de França; e o seu movimento metallurgico tornou-se tal que não bastavam a hulha e ferro da região. Importava ainda combustivel das outras bacias do centro da França e mineral da ilha de Elba e Algeria; e, em volta, havia muitas aldeias, convertidas rapidamente em cidades industriaes como Montecenis, Montchanin, Blanzy, Saint-Vallier.

Lyon, n'uma situação admiravel; porque dois grandes rios se reunem lá, e duas zonas de clima, tendo cada qual uma producção differente, se confundem, facilitando um grande mercado de trocas, tinha uma importancia capital, mesmo entre todas as cidades industriaes do mundo. Como as outras grandes cidades industriaes da França, tinha fabricas de toda a especie. Distin-

guia-se tambem pela construcção de maquinas, fabricação de productos chymicos e manufactura de papeis pintados. Mas a sua grande gloria era a da fabricação da seda. Essa industria, em que Lyão não tinha rival, veiu-lhe da Italia.

No plató central da França, Puy-en-Val era uma cidade muito commercial. Antigamente possuia grande industria e commercio de rendas; mas isso decaiu, pela concorrencia de outros mercados. E ultimamente a fonte economica mais segura era a venda de gado bovino para os mercados de Marselha e Lyon, e a de machos para os Pyrineus.

Roquefort era um grande centro de queijaria.

Aubin, Castres e Thoré eram muito industriaes, por causa das suas minas hulheiras.

Clermont possuia muitas e importantes fabricas de massas e semola, fornecendo os productos d'este genero mais apreciados de todo o mundo. Os seus doces e pasteis de damasco eram expedidos até para as cidades do Levante.

Clermont trabalhava diversamente em metaes, madeiras e fibras textis. Fabricava os mais bellos vitraes da França, e fazia um grande commercio de gado e generos agricolas. Pelos caminhos de ferro communicava com todas as regiões da França.

Rion era tambem muito industrial e commercial.

Perigot criava mais porcos do que todos os outros departamentos do centro. Utilisava as suas minas de ferro e as suas pedreiras inexgotaveis. Tinha diversas fabricas, sobretudo, para a fabricação de *rails* e papel; e tinha tambem grande abundancia e commercio de trufas.

Perigueux, rodeada de arvores fructeiras, era uma cidade muito industrial por sua fabricação de carros, suas fabricas metallurgicas, seus pannos, seus moinhos e suas preparações alimentares, que os gastronomos celebravam. E era tambem um cidade muito commercial, graças á sua posição no valle de Isle, no ponto do cruzamento de duas linhas ferreas de primeira ordem.

Limoges, a cidade mais importante de toda a vertente occidental do plató granitico da França, tinha feito a reputação mundial pela ceramica; e, sobretudo, pelos esmaltes applicados em metaes, que eram muito apreciados [1]. No periodo de que estamos tratando, uma centena de estabelecimentos na cidade e nos arredores, com muitos milhares de operarios, occupava-se unicamente da ceramica, da fabricação de massas alimentares e da pintura de porcellana, cujos productos eram expedidos para todas as partes do mundo. Em todo o caso, a hulha faltava na região, e as fabricas eram obrigadas a pagar muito caro o combustivel. Limoges possuia tambem fiações de lã e algodão, manufacturas de estofos, fabricando especialmente teias finas e papel.

Limousin era tambem distincta na fabricação de porcellana, papel e feltro.

Montluçom tinha augmentado rapidamente, a ponto de se tornar a cidade principal de Allier, embora não seja nem fosse capital; assim como Commentry, cidade hulheira, tinha augmentado egualmente.

---

[1] Vide vol. V, pag. 135.

Vichy, por ser estação de banhos frequentada por banhistas de todo o mundo, tornou-se uma cidade cosmopolita, o que produziu um grande commercio interior.

Saint Etienne, graças á sua bacia hulheira, constituia a setima cidade de França. Tinha uma enorme industria de fitas, cuja origem remontava ao seculo XVI. Outra industria muito importante era a dos instrumentos de guerra. Trabalhava tambem enormemente, e com grande perfeição, tanto nos objectos de estofo, como nos de ferro. E todos os arredores de Saint Etienne tinham, como teem, grandes fabricas, onde utilisavam a hulha dos seus poços.

Rouanne, a cidade principal da região do Alto Loire, gosava tambem, como Saint Etienne de uma grande importancia no comercio e na industria, ficando-lhe, contudo, um pouco inferior.

Na região de Charente e Vendea, Angouleme constituia um grande centro economico. Os principaes estabelecimentos d'essa cidade e arredores eram os de papellaria; e uma outra industria importante consistia na exploração de pedreiras, cujas rochas, muito faceis de serrar, eram de uma bellesa especial. O Estado possuia tambem nos arredores de Angouleme vastas fabricas militares.

Cognac era uma cidade pequena, mas a industria e o commercio de aguardente era enorme; e tornou-se o entreposto de toda a aguardente que se fabricava n'essa região. Mas a phyloxera destruiu parte dos seus vinhedos, e, por isso, nos ultimos tempos do seculo passado, os proprietarios aproveitavam as sementes importadas da Allemanha, e preparavam uma aguardente

inferior, que misturavam áquella outra que os vinhedos produziam. Utilisavam tambem uma grande quantidade das aguardentes de Cognac para fabricação do vinho Champagne.

Todos os vinhos que se queimavam nas Charentes, tinham o nome de *cognacs*, e eram expedidos com esta designação para a Inglaterra, Allemanha, Russia e outros paizes, e mesmo para a America.

Na bacia do Loire, Nevers, capital do departamento, occupando uma situação das mais felizes, porque está situada perto da confluencia do Loire e do Allier, em face da parte mais larga e mais facil da planicie onde se reunem os dois rios, e n'um terraço exposto aos raios do sol, era muito notavel pela sua industria de faiança, porcellanas e esmaltes, a qual tomou, desde os ultimos tempos do seculo XIX, grande importancia.

Havia ali uma fabrica de canhões e projécteis, pertencente ao Estado, que foi, tambem nos ultimos tempos do seculo XIX, convertida em escola de caldeiria e serralheria.

Bourge era egualmente muito industrial.

Orleans, a capital do Loiret, constituia uma das principaes cidades historicas da França. Edificada na curva de Loire a mais adiantada para o norte, no logar, onde as communicações são as mais faceis com a bacia central do Sena, Orleans, tornou-se, por assim dizer, o complemento de Paris. Occupava-se, especialmente, da fabricação de lans; mas era mais importante por seu commercio que por suas manufacturas. Seus viveiros de plantas e seus jardíns expediam arbustos e flores para toda a parte da França.

Mans e seus arredores tinham uma industria muito consideravel na fiação e tecidos do canhamo, fabricação de papel, ceramica, trabalho do ferro, metallurgia, fabricação de intrumentos agricolas e de teias e outros estofos.

Maine possuia tambem muitas fabricas de tecelagem e fiação de algodão, fornos de cal e grandes moinhos de cereaes.

Nantes era um dos centros mais activos do commercio e industria franceza. Situada no logar do Loire onde a maré póde levar navios de um calado medio, sem que os baixos desvios do rio os forcem a frequentes mudanças de velas, estava, naturalmente designada para ser o entreposto de trocas entre o commercio maritimo e o tráfico fluvial.

Sendo o tambem um grande entreposto de generos coloniaes para toda a bacia de Loire, Nantes recebia, sobretudo, assucar que as suas fabricas refinavam, e que, em grande parte, vendiam á Inglaterra; e, n'esta industria, vinha logo depois de Paris e Marselha. Possuia tambem fabricas de metallurgia, fundições de chumbo, ferro e cobre, fabricas de oleos e de sabão, de adubos chymicos, de construcções maritimas e de maquinas agricolas e industriaes. Tinha tambem uma grande manufactura de tabaco, e grandes fabricas de conservas de carne, peixe e legumes.

Os canteiros, estabelecidos a jusante da cidade, na ilha de Prairie du Duc, lançavam cada anno muitos navios nas aguas do rio; mas esta industria havia diminuido nos ultimos tempos.

S. Nazaire tinha um movimento de navegação muito consideravel. Os grandes transatlanticos das Antilhas,

de que este porto era o ponto de partida, e outros mais vapores faziam regularmente escala por ahi. Todavia, o verdadeiro centro de commercio era sempre Nantes.

Brest, a cidade mais populosa da Finisterra e de todo o littoral francez entre o Havre e Nantes, era sobre o Oceano o que Toulon era sobre o Mediterraneo — o grande arsenal de França. Graças ao mercado consideravel que offerecia aos generos da região, Brest constituiu uma das mais importantes enseadas da França. E era muito consideravel o commercio que lhe provinha dos vapores transatlanticos.

Rennes tornou-se tambem importante, pelo seu tráfico.

S. Malo, apesar do seu porto haver sido muito melhorado, bem como Saint Servan não tinham já uma actividade comparavel áquella que tiveram out'rora; mas, ainda assim, eram portos importantes.

Os Maluinos armavam para a pesca da Terra Nova muitas dezenas de navios, e faziam grande negocio com as ilhas inglezas da Mancha e com a propria Inglaterra. Os generos alimentares exportados de S. Malo eram em grande quantidade, e o movimento dos viajantes era extraordinario.

Na baixa Normandia, Alençon, que se tornou notavel na historia das artes e do luxo, pela manufactura das *rendas de França* ou *rendas de Alençon*, achava-se decaida n'essa industria, que estava em parte deslocada; e a principal importancia provinha-lhe da venda dos pôtros. A pobreza relativa da França em cavallos dava, então, um valor crescente aos soberbos animaes que vinham de Alençon e arredores.

O porto de Caen, com o seu ante-porto de Oustralian era muito commercial.

Honfleur, porto modesto, hoje muito decaido, tinha bastante commercio.

Na bacia do Sena, temos de começar por notar Troyes.

Na epoca da revolução franceza, a tecelagem, que era a especialidade de Troyes, foi quasi abandonada, para ser substituida pela industria de barretes e bonés, que tomou cada vez mais extensão, de decada em decada. Mas, já no fim do seculo XIX, os objectos de lã e de algodão é que alimentavam quasi toda a exportação de Troyes. Possuia tambem fabricas de queijaria; e, nos seus arrabaldes, havia muitos viveiros de plantas e muitos jardins, cujos productos se expediam para toda a França.

Epernay constituia um dos grandes centros do commercio de vinhos de Champagne, como acontecia tambem com Chalons.

Reims era uma cidade muito industrial. Não sómente se occupava como Epernay e Chalons na preparação e expedição do vinho de Champagne, mas trabalhava, sobretudo, na fiação e tecellagem das lans, principalmente, da flanella e tecidos de arras. E, segundo as fluctuações da moda, modificava as fórmas e qualidade dos seus estofos.

Guise tinha muitas fabricas, e, entre ellas, as mais importantes eram de caloriferos e panellas esmaltadas.

S. Quentin tinha tambem numerosas fabricas de algodões, lans, chales e bordados, officinas de construcção e manufacturas de assucar de beterraba. E era centro de um grande districto industrial, que se liga com o norte.

Em Chantilly, trabalhavam mais de 2.000 operarios na confecção das rendas.

Beauvais era tambem muito industrial, e distinguia-se pela fabricação dos tapetes, equivalentes aos Gobelinos.

Louviéres e Elbeuf eram egualmente centros muito industriaes, onde preponderava a fabricação dos pannos.

Rouen, por quasi todo o seculo XIX, esteve muito ameaçada no seu commercio; não só porque apenas podiam subir até lá os navios de cabotagem de um tirante de agua menor que tres metros; mas tambem pela rivalidade do Havre, que guardava a embocadura do Sena, e procurava tornar-se o entreposto geral de toda a bacia d'esse rio. E tudo isto havia feito diminuir notavelmente o tráfico exterior d'essa cidade.

Mas, nos ultimos tempos d'aquelle seculo, Rouen fez aprofundar o rio, e os navios de um tirante de seis metros já tocaram, desde então, o porto sem difficuldade. E mesmo os de tiragem superior acostavam já no caes de Rouen. Esta cidade era por seu commercio a quinta de França.

Escusamos de fallar de Paris. Já no volume V tornámos bem saliente a sua grandeza e a sua importancia industrial e commercial, na edade moderna. E ainda ella augmentou assombrosamente na edade contemporanea. Basta dizer que em todos os generos se tornou uma das prodigiosas metropoles do mundo.

O Havre era o segundo porto da França, e de grande entrada para o café, cobre, madeira, lans, pelles, trigo e hulha. Expedia, sobretudo, tecidos de lã, algodão e artigos de Paris. Era tambem muito industrial.

E' digna tambem de citar-se Dieppe.

No norte da França eram bastantemente industriaes Amiens e Bolonha. N'esta ultima cidade, havia até uma fabrica de pennas d'aço, a mais importante de toda a França.

Calais formava uma cidade dupla, porque era, ao mesmo tempo, militar e muito industrial.

Arras perdeu a industria tradicional dos tapetes, mas em compensação tornou-se um grande mercado europeu, quanto a cereaes.

Valenciennes perdeu egualmente a sua industria tradicional de rendas; mas, tambem em compensação, tinha uma fabricação importante de cambraias e cambraietas.

Lille era egualmente muito industrial em quasi todos os generos, sobretudo, nas fiações do linho e do algodão, e na fabricação de teias, fitas e podões.

Roubaix e Tourcoing eram egualmente centros industriaes importantes.

Dunkerque tornou-se, pelas obras maritimas, o sexto porto de França. Tinha um commercio notavel, e um grande deposito de guano e de nitrato de soda: generos esses muito importantes para as necessidades agricolas da região do norte.

Na bacia de Mosa e Mosella, Charleville era tambem uma cidade de grande industria e commercio.

Mirecourt era egualmente importante, especialmente, pela sua fabricação de cortumes, violões, orgãos e outros instrumentos de musica. E, nos arredores, milhares de operarios andavam empregados na fabricação das rendas.

Finalmente, Nancy era outro centro muito industrial.

*

* *

Quanto a communicações, os caminhos de ferro estabeleceram uma rede que abrangia todas as terras principaes. As estradas tornaram-se numerosas, sobretudo, na região de agricultura e industria mais intensa, como era no norte e nordeste; e, depois de 1866, tenderam a tornar-se principalmente afluentes das vias ferreas.

O melhoramento e construcção de canaes, e tambem o melhoramento dos rios navegaveis, por meio da compostura e melhor acondicionamento dos seus leitos e das eclusas, e por canaes lateraes: vias navegaveis essas que podiam luctar contra os caminhos de ferro para a conducção de objectos muito pesados e sujeitos a demora: tudo isso tornou a França um dos paizes da Europa mais bem fornecidos de communicações.

O movimento da navegação resentiu-se naturalmente do progresso geral.

Assim, os navios que, nos transportes e commercio da França, cooperavam com as colonias e nações estrangeiras, ou que serviam a grande pesca, só de 1857 a 1869, cresceram em numero de 40 para 100. A navegação a vapor desinvolveu-se tambem enormemente. E, para auxiliar esse movimento, muitas companhias de navegação se formaram, por meio de capitaes particulares, ou com o auxilio do Governo.

Logo em 1851, se fundou em Paris a companhia da *Messageries* para os portos do Mediterraneo e mar

Negro, e, apar d'ella, differentes empresas se foram formando, como por exemplo, a *Companhia Geral Transatlantica,* para o commercio entre Havre, America do Norte e Antilhas, e outras de que já fallámos a paginas 169 e 170 [1].

---

[1] Noel, *Histoire du Commerce du Monde* vol. III. — Piolet & Bernard, *Histoire Comtemporaine de 1815 A Nos Jours.* —Marsillac, *Manuel d'Histoire Contemporaine de la Revolution A Nos Jours.* — A. Amman & E. C. Courtan, *Le Monde Au XIX Siecle.* —Jules Isacc, *Histoire Comtemporaine (1819-1920)* — Albert Mallet-XVIII Siecle. *Revolution, Empire et L'Epoque Contemporaine.* — Ch. Perigot, *Histoire du Commerce Français.* — Marcel Dubois et Kergomard, *Précis de Geographie Econqmique.* — E. Reclus, *Nouvelle Geographie Universelle,* La France.

CAPITULO V

A Inglaterra

Leve esbôço da historia politica da Inglaterra, n'este periodo. — Retardamento do seu movimento economico até 1815. — Causas que o produziram: guerras e bloqueio continental, etc. — Em todo o caso, como esse bloqueio obrigou a Inglaterra a desinvolver os proprios recursos. — Agitações operarias, por causa dos effeitos produzidos pela introducção das maquinas, e especialmente, das maquinas a vapor, na diminuição do trabalho manual e na baixa dos salarios. — Plethora dos productos fabricados durante o bloqueio, por causa da diminuição da exportação. — Miseria do povo que d'ahi resultou. — Luctas entre os livre-cambistas e proteccionistas, desde 1815 até 1846. — *Bills* liberaes de Roberto Peel, a respeito da importação e exportação, e progresso enorme que produziram. — Productos, agricultura, industria, commercio e marinha. — Centros economicos principaes. — Communicações.

Quando começou a revolução franceza, o trono da Inglaterra estava occupado por Jorge III.

Seguiu-se a guerra com a França, com todos os accidentes do bloqueio continental: guerra essa, em que a armada franceza foi destroçada por Nelson, primeiramente na batalha de Abuckir, em 1801, e depois na de Trafalgar, em 1805.

O rei tornou-se louco e cego, em 1810; e, então, seu filho, tambem chamado Jorge, é que exerceu a regencia, sob a influencia do grande ministro Pitt, continuando com a guerra contra Napoleão.

Vencido este, em 1814, na batalha de Waterloo, o congresso de Vienna (1815) consagrou a supremacia maritima da Inglaterra, cujas colonias se estendiam por todo o mundo [1].

Em 1820, morreu Jorge III, e succedeu-lhe aquelle filho, sob o nome de Jorge IV (1820-1830).

O seu ministro Lord Castlereagh, que succedera a Pitt, criou, por suas exaggeradas medidas fiscaes, o desgosto do povo; e a opposição que se levantou por toda a parte, o levou ao suicidio. O grande orador Lord Canning, que lhe succedeu, tinha ideias mais rasgadas. Favoreceu, assim, liberalmente as reformas economicas; e, apar d'isto, sustentou a emancipação dos catholicos, que estavam postos de lado, e reclamavam a sua independencia politica, só podendo conseguil-a afinal, já no governo do Duque de Welington (1829).

A Inglaterra interveiu, em 1827, a favor dos Gregos, na guerra entre elles e a Turquia, obrigando esta nação a assignar a paz de Andrinopla (1829), em que foi proclamada a independencia da Grecia.

A Jorge IV succedeu Guilherme IV (1830-1837).

A reforma eleitoral foi o grande acontecimento d'este reinado [2]. Houve uma outra reforma importante, a abolição da escravatura em todas as colonias inglezas,

---

1 Vol. III, pag. 256 e 257.

2 Vide pag. 38.

mediante uma indemnisação, paga pelo Governo aos antigos proprietarios. E avultaram egualmente as medidas promulgadas, para diminuir o pauperismo, estabelecendo-se a percepção da chamada *a taxa dos pobres* paga por cada cidadão, e organisando-se os hospicios chamados *Workhouses*, onde os indigentes eram recebidos com a obrigação do trabalho manual.

A Guilherme IV succedeu sua sobrinha, a rainha Victoria (1837-1901).

Houve, em 1847 e 1848, grande agitação na Irlanda, que reclamava a sua independencia, tendo á frente o grande agitador O'connell; e o Governo viu-se obrigado a reprimir essa agitação.

Na lucta entre a Turquia e o Egypto, a Inglaterra interveiu juntamente com a Russia a favor d'elle, o que obrigou a Turquia a assignar o tratado de Londres (1840), pelo qual Mehemet-Ali teve de evacuar a Syria, e assignar tambem no anno seguinte (1841) o tratado de Bosphoro, que fechava o estreito dos Dardanellos á marinha militar de todas as nações.

Estabeleceu-se á força no Kabul. Submetteu o Sind, reprimiu as incursões dos Silks. Por meio da guerra, chamada do opio, obrigou a China, pelo tratado de Nankin, a ceder-lhe Hong-Kong e abrir ao commercio estrangeiro os portos de Cantão, Annoy, Fou-Tchou-fou, Ning-po e Shang-Hai (1842) [1].

Em 1850, dominou uma insurreição que se levantou na India.

Em 1854, entrou com a França na guerra da Crimeia

[1] Vide pag. 46.

contra a Russia, com o fim de proteger o imperio ottomano, e obrigou os Russos, pela paz de Paris de 1856, a desistir das suas pretensões contra os Turcós [1].

Fez nova guerra á China, juntamente com a França, em 1860, para obrigal-a a manter as concessões anteriores. Em 1879, assenhoreou-se do Egypto, onde o kediva só ficou reinando de nome, d'ahi por diante.

Em 1884, tentou submetter o Sudão. Mas foi infeliz n'essa tentativa; porque o paiz levantou-se em massa, sob a direcção de um chefe fanatico, o Mahdi ou propheta, que, depois de ter morto o general inglez Gordon, pôde repellir o exercito inglez.

Tambem a Inglaterra sustentou na Africa do Sul uma campanha contra os Zulus ou Boers, para se apoderar do Transwaal, onde elles se tinham estabelecido. N'essa campanha, foi morto o principe Napoleão; e, afinal, os Inglezes tiveram de desistir da empreza (1885).

A Inglaterra teve tambem guerra com o Afghanistan, para vingar a mortandade que estes haviam feito dos soldados inglezes e manter a segurança do imperio das Indias.

Finalmente, n'uma ultima guerra contra os Boers, em 1899, conseguiu a submissão do Transwaal, que obteve um Governo autonomo, sob o protectorado da Inglaterra, com a faculdade de conservar quasi inteiramente os seus direitos politicos e civis.

[1] Vide pag. 51 e 52.

*
* *

O movimento economico da Inglaterra, neste periodo até 1815, foi retardado por differentes causas.

Em primeiro logar, as guerras com Napoleão embaraçaram esse movimento. Eram necessarios para a lucta capitaes e soldados, e foi preciso tambem reformar e augmentar a marinha; e tudo isto prejudicava a agricultura, a industria e o commercio. Depois, o bloqueio continental, que se derivou d'essas guerras, interrompendo bruscamente as relações mercantis da Gran Bretanha com a Europa, deu um golpe rude e imprevisto no movimento economico dos Inglezes; e causou-lhes grandes embaraços, sobretudo, nos primeiros annos.

A Inglaterra foi-se recuperando alguma coisa, pela extensão do seu commercio colonial, pelos esforços que fez para o desinvolver, e pelo contrabando que, não obstante aquelle bloqueio, pôde introduzir grande quantidade de mercadorias inglezas na Europa. Mas, ainda assim, o prejuizo foi muito grande [1].

Tambem a Inglaterra, nos primeiros tempos do bloqueio continentinental, desinvolveu mais o seu commercio com os Estados Unidos, o que lhe proporcionou uma pequena compensação d'aquelle prejuizo. Mas essa mesma compensação foi acabando, á proporção que os Estados Unidos se foram approximando mais de França, e, com o pretexto da bandeira neutral, foram protegendo Napoleão.

---

1 Vide capitulo I e IV.

Apar d'isso, a agitação resultante da introducção das maquinas e da fixação dos salarios augmentou a desordem do paiz.

Já mostrámos no IV volume d'esta obra que a invenção da maquina de fiar de Arkwrigt, no seculo XVIII, produziu uma grande revolução industrial na Inglaterra [1]; e a applicação do vapor trouxe novos methodos de industria e uma grande influencia nos salarios, que se tornaram mais diminutos, como era natural, por ser menor o trabalho e mais dispensavel o esfôrço manual.

Já isto havia produzido uma situação convulsionaria das classes operarias, entre as que receiavam a introducção das maquinas como prejudicando o trabalho manual, e as que desejavam a plena liberdade na adopção d'ellas, como garantia do progresso da industria.

O parlamento, obrigado a conhecer d'essa divergencia, optou a favor da liberdade plena. Mas, apesar d'isso, a agitação e discussão duravam ainda em 1800; e accrescia que, tendo os salarios baixado muito, os industriaes queixavam-se azedamente d'essa baixa.

Para dirimir semelhante contenda, o Governo publicou o chamado *acto de arbitramento,* pelo qual, todas as vezes que houvesse contestação, quanto aos salarios de qualquer industria, a questão podia ser sujeita a um arbitramento. Mas tambem isso não deu resultado. Os preços arbitrados não eram mantidos, e a agitação continuou. E, em 1813, houve até na Escocia um movimento revolucionario, em que tomaram parte 40 mil tecelões.

---

[1] Vol. IV, pag. 689.

Depois de grandes debates, prevaleceu no parlamento a doutrina do *laissez faire;* e, porisso, o campo das pretensões e discussões a tal respeito ficou plenamente livre, entrando os operarios n'uma vida normal. O mau effeito, porém, d'essas agitações e exaltações internas fez-se resentir na industria e no commercio.

Ora, em geral, tudo tem prós e contras; e foi tambem assim que o bloqueio obrigou a Inglaterra a desinvolver os seus proprios recursos, e, sequentemente, a sua agricultura. Porisso, começaram, então, a cultivar-se muitos terrenos abandonados, e que serviam sómente para a pastagem. Introduziram-se os carneiros merinos e saxonios; e já no seculo anterior, a Inglaterra tinha introduzido tambem os carneiros da India e os proprios merinos na Austrália, que só vieram a dar resultado na primeira e segunda decada do seculo XIX. E, alem d'isto, por meio das maquinas de toda a ordem, foram-se desinvolvendo todas as industrias, de modo que, ao terminar o bloqueio, a Gran Bretanha tinha em si uma verdadeira plethora de productos fabricados.

Em todo o caso, apesar d'estas pequenas compensações, é certo que os outros factos já mencionados tinham prejudicado muito a industria e exportação, e, portanto, o commercio da Inglaterra.

*

* *

Em 1815, estavam acabadas as guerras napoleonicas; e, porisso, os productos inglezes não estavam sujeitos ao bloqueio continental. Ao mesmo tempo, a marinha tinha-se desinvolvido enormemente. Os productos mi-

neraes haviam crescido, pela descoberta e abundancia de jazigos hulheiros, tão commodos que afloravam á superficie do solo. Tinha augmentado tambem a descoberta e exploração dos jazigos de ferro, quasi todos proximos da hulha; e tinha crescido egualmente a exploração de outros mineraes. E tudo isso, junto á abundancia de materias primas que os navios inglezes iam buscar ás suas colonias, e ao desinvolvimento da producção da lan na Australia, fazia que o commercio interior não desse vasante á quantidade e aglomeração de productos fabricados: tanto mais que vinha ainda dos tempos anteriores a plethora de que já fallámos.

E, acrescia tambem o facto do commercio estar embaraçado pelo systema restrictivo, que provinha ainda do *acto da navegação* de Cromwel; porque os outros paizes, mais desinvolvidos que no tempo desse estadista, usavam de represalias, que, por issso mesmo, eram mais efficazes.

A propria marinha, que tinha tido por tanto tempo a supremacia maritima, sofria uma grande concorrencia dos outros paizes; porque todos os pavilhões fluctuavam livremente nos mares. E essa concorrencia era tanto mais sensivel quanto o commercio internacional diminuia geralmente, pela influencia das leis aduaneiras que vigoravam por toda a parte.

Todas estas circumstancias, juntas á restricção da livre importação dos cereaes, produziram uma profunda miseria, a ponto do governo inglez publicar leis que protegiam a pobreza, e provocar, desde 1820, uma petição do alto commercio de Londres em favor do alargamento do regimen protector. E, no mesmo sentido, se levantou a opinião publica de Inglaterra, sendo

até um membro do proprio gabinete, Huskisson, que se poz á frente do movimento. Chegou mesmo a constituir-se uma liga, sob a direcção de Cobden, que pugnava pela livre importação dos cereaes.

Mas a lucta entre os livres cambistas e os proteccionistas durou até 1846; e, então, Roberto Peel apresentou ao parlamento um projecto que visava á reducção gradual, durante tres annos, dos direitos em vigor sobre os cereaes, e á sua suppressão completa, a partir de 1 de janeiro de 1849. E esse projecto foi convertido em lei, n'esse mesmo anno.

As consequencias propicias dessa lei foram enormes, e deram um golpe mortal sobre todo o systema economico; de modo que, desde 1846 a 1849, continuados *bills* reduziram ou supprimiram os decretos estabelecidos sobre a importação de certo numero de productos destinados ao commercio interior e á transformação industrial.

Os decretos sobre materias primas e sobre os objectos de primeira necessidade e de outros artigos, que produziam para o fisco um rendimento insignificante, foram abolidos; e da mesma forma o foram os direitos differenciaes, de que a marinha mercante não tinha necessidade, e que não serviam senão para levantar os preços, travar o commercio e limitar o consumo. Por outro lado, os artigos de grande consumo foram muito alliviados; e uma outra lei ordenou a retirada dos *drawbacks*, tornados inuteis, pela entrada franca de materias primas.

Em resumo, todo o arsenal aduaneiro dos tempos antigos caiu por terra.

O *acto da navegação* de Cromwell subsistia ainda como symbolo, mas tinha levado já alterações profun-

das. E foi, por fim, quasi revogado inteiramente por um *bill* de lord João Russell, que deu ao governo a faculdade de tomar medidas restrictivas, mas sómente contra os Estados que recusassem á marinha ingleza a reciprocidade do tratamento que a legislação nova conferira a todas as nações estrangeiras.

Então, a importação e exportação cresceram enormemente; sobretudo, a importação de materias primas, como algodão, lans, seda grega e cadarço, necessario para muitas manufacturas, e a exportação dos productos transformados por essas materias primas e da hulha, cujo emprego estava generalisado. A exploração dos mineraes, e, com ella, a metallurgia tomou grande incremento. Aconteceu a mesma coisa com a marinha. Augmentou o rendimento das alfandegas, e diminuiu a divida publica: dando tudo isso um grande desmentido ás doutrinas dos proteccionistas.

*

* *

Examinemos agora especialmente os factores economicos proprios da epoca de que estamos tratando.

O solo inglez tem uma aptidão agricola pronunciada, graças á natureza geologica do terreno e á natureza particular do clima.

Os cereaes representavam os generos mais cultivados — trigo, cevada, aveia e centeio, conforme a variedade das regiões e as suas condições especiaes.

Os campos occupados com essa cultura eram cinco vezes mais vastos que os de França; e mais vastos podiam ser ainda, se não fosse o systema da grande

propriedade que predominava no paiz, e os grandes proprietarios preferirem dedicar á criação de gado o tempo que podiam dedicar á cultura.

Em todo o caso, os productos agricolas augmentaram muito, devido não sómente ao desinvolvimento da agricultura, como tambem ao melhor e maior aproveitamento dos terrenos.

E, com effeito, no seculo anterior, assim como na edade media, ainda existiam vastas florestas; e de tal modo que, por exemplo, os paizes de Kent e de Sussex faziam as fundições com o calor da lenha. Mas, no seculo XIX, foram-se ellas devastando e cortando, para darem logar á cultura, por fórma que, no fim do mesmo seculo, a sua superficie total estava reduzida a 4 por cento.

Se essa cultura occupasse todas as terras que eram susceptiveis d'ella, a Inglaterra daria largamente com que alimentar toda a sua população. Mas, como já dissemos, a preponderancia da grande propriedade obstou ao desinvolvimento dos campos de cereaes; porque, embora a cultura d'elles fosse tão pratica e tão habil como podia ser, os proprietarios de vastos dominios empregavam na pastoreação, principalmente, por toda a Escocia e Irlanda, milhares de hectares, que podiam dar excellentes ceifas. Assim, geralmente, os productos agricolas só chegavam para tres ou quatro meses no anno.

Preponderava a cevada, por causa da cerveja, que era tão commum na Inglaterra como o vinho na França. Depois, a aveia, que se applicava ao wiskey, e servia tambem para forragem; e em seguida, o trigo. O centeio era muito pouco.

Foi sempre augmentando muito a cultura da batata, que tinha tanta importancia para a alimentação do povo inglez como o pão a tinha para o povo francez.

Não havia paiz onde a horticultura e jardinagem fosse mais cuidada.

As fructas não encontravam solo muito apropriado, a não ser a pera, maçã, cerejas e cidra, da qual havia muita producção. Porisso poucos fructos se cultivavam. A uva, só em estufas, e havia-as de 20 hectares.

A cultura das plantas textis, linho e canhamo, diminuiu muito, pela concorrencia dos outros paizes, mais bem dotados n'esse genero. Comtudo, a Irlanda ficou sempre grande productora do linho.

Nas plantas industriaes, o tabaco diminuiu muitissimo, pela concorrencia das colonias. Mas, em compensação, a producção do lupulo tornou-se enorme, por causa do grande consumo da cerveja; e tanto mais que encontrava um clima apropriado, pela doçura relativa e pela humidade.

Os productos tinturiaes desappareceram, em face dos progressos rapidos das tintas chymicas.

Cultivava-se tambem muito o zimbro ou junipero, cuja baga serve para o gin, especie de aguardente, que se fabricava em grande quantidade.

Como já notámos, a Ilhas Britanicas estavam antigamente muito cheias de florestas.

Quasi toda a região central do Tamisa, do Kent e da planicie do York ao Border foram cobertas por ellas. Quasi todas desappareceram por causa dos arroteamentos e devastações; mas havia ainda muitas importantes, especialmente, no Hampshire e no Glocestershire.

A Escocia e Irlanda tinham menos florestas que a Inglaterra. Mas havia tambem por todo o paiz muitos parques de *lords*, que formavam pequenos bosques.

*

* *

No reino animal, a Inglaterra esmerou-se em dar a cada região do seu paiz os animaes que melhor podiam lá prosperar, e até de modificar as raças e as qualidades de cada uma, conforme as necessidades da agricultura ou do consumo e commercio.

Foi assim que tornou proverbiaes os cavallos de Lincoln e de York; os carneiros Cheviots, South-Downs, para a lan e os Dilley para o talho; e, no gado bovino, as raças Durham e Ayer.

Augmentou muito o desinvolvimento da caça, e, principalmente, da pesca, devendo especialisar-se entre os peixes do rio a dos salmões.

Continuou com actividade a exploração das hulheiras, exploração relativamente facil, porque, segundo já dissemos, ellas afloram á superficie do solo; bem como a das minas de ferro, que, regra geral, ficam proximas d'aquellas outras; e tambem as de estanho, uma das grandes riquezas da Inglaterra, que vinha já dos tempos antigos [1]; e, ainda apar d'isso, a exploração do cobre, chumbo e de outros mineraes: o que tudo proporcionava aos Inglezes uma grande quantidade de productos industriaes metallurgicos.

---

[1] Vide vol. IV, pag. 663.

*

* *

A abundancia da hulha e dos outros productos mineraes, alliada á introducção das maquinas e ao genio industrial do povo inglez, trouxe um progresso industrial enormissimo.

Sobretudo, a exploração e desinvolvimento das industrias metallurgicas augmentou de tal modo que o principal centro — Birmigham só tinha como rival na Europa os centros metallurgicos da Westephalia. E, no fim do seculo, esse ramo occupava milhões de operarios, e exigia a força motriz de dez milhões de cavallos.

As industrias de productos chymicos, a ceramica, a vidraria, as da cerveja e alcool, as industrias textis e as derivadas da madeira, e póde até dizer-se que a totalidade das demais industrias acompanharam o desinvolvimento geral, e por quasi todas as terras da Gran Bretanha, como veremos mais detidamente, quando tratarmos dos centros economicos.

*

* *

O commercio desinvolveu-se egualmente muito.

O movimento exterior era favorecido, não só pelos muitos tratados commerciaes que a Inglaterra celebrou com os paizes estrangeiros, sobretudo, depois de 1860, como tambem por differentes outras condições que vamos expor.

Assim, a Inglaterra, juntamente com as suas colonias, formava o mais vasto dominio que tem existido [1], onde havia os productos mais variados, tanto agricolas como industriaes. Compartilhava de todas as zonas climatologicas de um e outro hemisferio. Tinha todos os caminhos e todos os portos do tráfico universal. Havia tomado a dianteira na industria, e de modo que podia produzir muitissimo e, com mais barateza que, geralmente, os outros paizes. Dispunha de meios de transporte, superiores aos dos seus rivaes. E estava situada no centro das nações continentaes, e proxima dos povos mais ricos e mais adiantados e da melhor clientella productora e consumidora, mas que não podiam competir em meios de transporte com ella.

A marinha mercante desinvolveu-se tambem muitissimo, a partir dos tratados de 1860, a ponto de que, em 1880, já os navios a vapor tinham duplicado e os *steamers* quadruplicado. E a frota commercial, dividida n'uma cinquentena de grandes companhias, cada uma das quaes possuia dez a cem navios e n'um grande numero de pequenos armadores, avassalava o mundo inteiro.

Tudo isto deu aos Inglezes a hegemonia commercial no seculo XIX.

Porisso, os productos inglezes forneciam materias primas mesmo á França, Belgica, e á propria Allemanha, que iam prover-se d'ellas, especialmente, nas docas habilmente fornecidas de Londres e Liverpool.

---

[1] Vol. III, pag. 256.

Acresceu ainda que differentes outros paizes, sem terem as condições que a Inglaterra tinha, quando estabeleceu o livre-cambio, trataram de imital-a n'essa parte; e, até por esse motivo, foram muito prejudicados pela concorrencia dos Inglezes. E, quando quizeram remediar o mal, restringindo a importação, já era tarde; porque a influencia commercial e industrial da Inglaterra tinha tomado a dianteira, de forma que já não puderam banil-a inteiramente. E' certo que alguma coisa diminuiu, então, o commercio inglez; mas essa diminuição pouco affectou a Inglaterra, tal era a expansão que o seu tráfico havia tomado.

Isto, quanto ao commercio externo.

Pelo que respeita ao commercio interior, esse, estimulado por uma grande facilidade de comunicações [1] e por uma consideravel cabotagem, apar do desinvolvimento do commercio exterior, tornou-se maior do que em nenhum outro paiz do mundo.

*

* *

A Inglaterra exportava muito mais do que importava. A exportação consistia, sobretudo, em productos manufacturados e materias primas.

Vinham em primeito logar os tecidos e fiados, e depois a hulha e maquinas. Os objectos de alimentação,

[1] Sobre communicações, alem do que exporemos no fim d'este capitulo, vide vol. VI, pag. 714 e seguintes.

porém, contavam-se n'um grau minimo. E, n'essa parte, a França e os Estados Unidos é que, principalmente, contribuiam para a alimentação da população britanica.

Da India vinham trigo e outros cereaes, arroz, chá, café, algodão, juta e seda.

A França mandava alem dos generos alimentares, como cereaes, farinhas, gado, manteiga, ovos, fructas, vinhos, tambem alguns productos industriaes de certas industrias, que em França estavam mais desinvolvidas que na Inglaterra, por exemplo, os da seda. Em troca o Reino Unido mandava-lhe hulha, metais brutos, maquinas, navios, tecidos, louças, vidros; e, em grau menor, objectos industriaes, e até materias primas, como linho, lan e canhamo, apesar de não serem de origem britanica.

A Allemanha, não obstante ser tambem rica de hulha e ser muito industrial, entretinha com a Inglaterra relações muito activas, mas vendia mais do que comprava. Expedia gados, generos agricolas, lans, madeira; e comprava nos mercados inglezes algodão, lan, seda, chá, café, estofos, maquinas, navios, etc. A' proporção, porém, que, pelo decorrer do seculo XIX, a Allemanha se foi desinvolvendo industrialmente e a sua marinha augmentando, as trocas entre os dois paizes foram diminuindo.

A Russia mandava para a Inglaterra cereaes, madeiras, obras textis, e recebia em menor quantidade productos manufacturados.

O movimento com a Dinamarca era muito grande.

Na Asia, a China era o grande mercado de chá para os Inglezes. E o commercio com a India era enorme.

A Inglaterra fazia tambem grande negocio com a Africa, sobretudo, com o Egypto, Cabo, Algeria e Guiné, vendendo abundantemente os seus productos em troca dos africanos.

Na America, depois dos Estados Unidos, eram as colonias inglezas das Antilhas, o Chili, a republica Argentina, e, principalmente, o Brazil, onde a Inglaterra fazia mais negocio.

Emfim, o grupo oceanico da Australia e Nova Zelandia era de um valor inapreciavel para o tráfico da metropole. Depois da India, constituia elle o maior commercio de todo o imperio colonial.

Com Portugal, o commercio da Inglaterra era tambem extraordinario, como veremos detalhadamente no capitulo XXIII. Póde dizer-se que, pelo menos, até o primeiro quartel e meio do seculo XIX, Portugal não passou de uma colonia economica dos Inglezes.

*

*   *

Mal se podem especializar os centros industriaes e commerciaes mais importantes da Inglaterra, mesmo no seculo XIX; porque ella já constituia então um vasto laboratorio industrial e commercial, que abarcava todos os seus dominios. Mas, ainda assim, apontaremos alguns que sobrelevavam aos demais [1].

[1] Quanto aos centros principaes na edade moderna, veja-se o vol. IV, pag. 704 e seguintes.

Começando pelo paiz de Galles e Monmouth, a cidade e porto de Caernarvon era muito importante como porto de pesca e cabotagem; e tanto que, em 1877, foi frequentado por 2.844 navios, na somma de 280.685 toneladas; e o seu movimento cresceu ainda mais até o fim do seculo. Era tambem muito rica na exploração das pedreiras.

Swansea era, como ainda hoje é, o centro do mundo para o tratamento do cobre. Os navios levavam para as suas fundições, não sómente o metal do Cornwall e de Anglesey, mas tambem o de Cuba, Chili, Bolivia, Lago Superior e Australia do Sul. Recebia tambem nas suas fabricas outros mineraes, para os purificar e transformar em ligas ou fundir em barras.

Ao oriente de Swansea, Cardiff, o decimo ou decimo segundo porto de Inglaterra na importancia, e porto carbonifero por excellencia, era tambem muito notavel.

Merthyr-Tydfil, rival de Swansea pela população, cresceu espantosamente, devido á sua industria mineira.

Na peninsula cornica, Falmouth, cujo porto póde abrigar frotas inteiras, tinha um grande commercio.

Towey, que tem uma enseada accessivel a todos os navios, e com todos os ventos, apesar da sua decadencia, com relação ao tempo antigo, era ainda muito frequentado.

Plimouth reunida já no seculo XIX a Devenport e a Stonehouse, tornou-se a cidade mais populosa de toda a costa meridional da Inglaterra; e, apesar de ser uma cidade essencialmente militar, tinha grande commercio e industria.

Na bacia do Severn e golfo de Bristol, havia como centros importantes Dudley e Worcester.

Bristol, que, nos tempos anteriores, só cedia á capital, foi destronada d'essa primazia por Liverpool; mas era ainda um dos portos mais frequentados da Inglaterra, e estava dotada de um grande movimento industrial.

Na vertente da Mancha, Southampton tinha grande industria e commercio, bem como Plimouth, apesar de ser uma praça de guerra.

Na bacia do Tamisa, Londres, o grande emporio do mundo, não era relativamente a primeira cidade industrial da Inglaterra; porque, n'esse ponto, não era egual a Manchester, Birmingham, Sheffield, Leeds e Glasgow; mas era-o, absolutamente fallando, assim como era tambem a primeira, pelas transacções e movimento maritimo [1].

Dover era outro centro muito importante.

Na bacia do Wash, Oxford e Cambridge eram notaveis, sobretudo, pelas suas universidades.

Na bacia de Humber, a cidade de Birmingham occupava já um dos logares mais proeminentes no movimento industrial e commercial do mundo. A sua actividade não estava concentrada sómente nas fabricas, onde trabalhavam milhares de operarios; comprehendia tambem uma multidão de pequenas officinas. A sua primazia consistia nas obras metallurgicas. Fabricavam-se n'essa cidade objectos de metal de toda a ordem, canhões, armas e maquinas a vapor, ferramentas, joias, bronzes preciosos, idolos chinezes, etc. Era

---

[1] Vide vol. IV, pag. 704.

tambem em Birmingham que se encontravam as maiores fabricas do mundo para a electrolypia dos metaes e para a fabricação das pennas metallicas.

Ao norte do condado de Stafford, havia um grupo de cidades industriaes importantes e, entre ellas, Stoke-Upon-Trent, Wedgwood e Hinton, que constituiam tambem uma região de fabricação de louças; e succediam-se ainda outras cidades muito industriaes, predominando entre ellas todas a de Stafford.

A jusante da confluencia do Trent e do Tamisa, eleva-se a grande cidade do Burton-Upon-Trent, que era outro centro industrial, muito importante, sobretudo, para a cerveja.

Leicester, outra cidade muito industrial, tornou-se o centro principal para a fabricação de carapuças.

Sheffield, admiravelmente situada na confluencia de cinco rios, era dos grandes emporios da industria ingleza. A sua população, quasi que centuplicou entre 1801 e 1871. Já nem o ferro das suas minas lhe bastava; e, porisso, ella mandava buscar ainda o da Scandinavia.

Leeds, que, já no seculo XVIII, era a quinta cidade da Inglaterra, tornou-se a primeira do mundo, como centro da fabricação dos pannos e teias. Era tambem muito importante na fabricação das maquinas.

Halifax que, depois de ter sido superior a Leeds, ousava apenas dizer-se rival d'ella, tinha grande fabricação de pannos, sarjas, tapetes e algodão.

Brighouse, Cleckheaton e Elland, já no circulo de attracção de Manchester, eram egualmente muito importantes.

Bradford não passava de uma aldeia, no principio do

seculo XIX, e foi sómente, em 1822, que lá se estabeleceu a primeira fabrica a vapor. Mas, já nos ultimos tempos do mesmo seculo, tinha um grupo de fabricas quasi sem rival para a fabricação de pannos e de meias de lan; e, nos arredores achava-se Saltaire, fabrica modêlo, onde trabalhavam ás vezes milhares de operarios, sobretudo, para a fabricação de alpaca. Bradford estava cercada de aldeias, tambem muito industriaes.

Hull goza na costa oriental da Inglaterra de uma situação analoga á de Liverpool na costa occidental. Tem até maiores vantagens; porque, pelo estuario do Humber, encontra-se na saida de muitos rios navegaveis, que a põem em communicação facil com toda a região central da Inglaterra. Mas, se está mais bem collocada que Liverpool para o commercio fluvial e de cabotagem, é menos favorecida para o tráfico do mundo, pois que olha sómente para a Allemanha, Noruega e paizes do Baltico; emquanto que Liverpool olha não só para a Irlanda, mas tambem para a Africa e Novo Mundo.

Apesar d'isso, porém, se o movimento industrial e commercial do Hull não chegava ao de Liverpool, era tambem extraordinario.

Na bacia do Mersey e Ribble, condados de Cherter e Lancaster, logo na parte superior do Mersey, encontrava-se a cidade tambem do mesmo nome — Mersey, grande centro economico.

Midlesborough, apesar de ser cidade muito moderna, já no fim do seculo, tinha um grande movimento economico.

Manchester, ainda no seculo XVIII, se occupava quasi exclusivamente do trabalho sobre lans. Pelos fins do mes-

mo seculo, ajuntou-lhe os trabalhos sobre algodões; e, no seculo XIX, tornou-se, sobretudo, a metropole d'estas mercadorias. Centenas de fabricas, sem contar officinas de menor importancia, apertavam-se tanto na cidade como nos arredores para a fiação e tecidos de algodão, fabricação dos pannos e sedas, branqueamento, fundições, moagem, etc. E, ao norte de Manchester, havia tambem uma pleiade de cidades manufactoras.

Liverpool é uma cidade relativamente moderna, mas que prosperou rapidamente. Uma das razões d'essa prosperidade consiste em ella occupar exactamente o centro geografico das duas ilhas irmãs — a Inglaterra, propriamente dita, e a Irlanda, e estar situada á borda de bacias hulheiras que se tornaram o centro das manufacturas do mundo inteiro. E esta situação central offerecia uma vantagem para o commercio estrangeiro, que escolhera Liverpool como entreposto; porque todas as mercadorias podiam distribuir-se facilmente d'ahi por toda a região. O seu porto póde conter milhares de navios, e disputava a Londres a primacia commercial do mundo.

No condado de Lancaster, a cidade mais notavel da região era Barrow-in-Furness.

Situada perto da ponta meridional da peninsula cumbrienna, o seu augmento parecia prodigioso. Em 1866, o logar onde hoje está essa cidade, só tinha uma casa, e no porto só fluctuava um barco de pescador. Dez annos depois, Barrow era já uma aldeia importante; em 1874, já tinha mais de quarenta mil habitantes; e continuou a crescer, por forma a constituir no dos maiores centros economicos da Inglaterra.

Sunderland, na embocadura do Wear, era menos consideravel na exportação dos carvões da região. Mas as vastas docas que costeiam o mar, estavam cheias de navios, assim como o proprio rio, em todo o seu curso inferior. Depois de Londres e Liverpool e dos portos do Tyne e do Wear, possuia mais navios que outra qualquer cidade do Reino Unido.

New Castle era uma das grandes aglomerações de casas e fabricas que havia na Inglaterra. O movimento do seu porto só era inferior ao de Londres e Liverpool; e, pela somma da sua tonelagem, tinha mais importancia que Hamburgo, Marselha e Anvers.

A cidade de Glasgow, na Escocia meridional, tornou-se a mais populosa da Gran Bretanha depois de Londres, apesar de que, em 1801, não tinha ainda mais que oitenta mil habitantes. Era, sobretudo, uma cidade de industria, com extrema variedade de trabalhos. Occupava-se da fiação de algodão como Manchester, dos pannos como Leed e Halifax, da juta como Dundee, dos navios como Middelsborough, e da metallurgia, dos vidros e das louças como Birminghan e New Castle. E, em todos estes trabalhos, era uma das primeiras. O seu commercio estava em relação com a sua industria. E acrescia, para augmentar a sua importancia, que, nos seus arredores, havia muitas cidades tambem manufactoras.

Edimburgo não era cidade industrial, nem tinha preponderancia commercial, senão pela producção litteraria e scientifica.

Na Escossia septentrional, que era muito pouco habitada, Dundee tornou-se a cidade mais populosa d'essa região, e a primeira para a fabricação das teias

e da juta e canhamo de Bengala, não sómente na Escossia, mas em toda a Gran-Bretanha. Tinha grandes canteiros de construcção e muitas fabricas de curtimenta. Fabricava muita marmellada de laranja, e entregava-se intensamente á grande pesca.

Perth e Aberdeen tinham tambem muito commercio e industria.

Na Irlanda, Dublin distinguia-se pela fabricação das popelinas e cerveja. Possuia algumas das maiores cervejarias do Reino Unido. Nos ultimos annos, tomou uma importancia extraordinaria, como porto de provisão para a Inglaterra, propriamente dita, para onde enviava gado grosso, porcos e generos agricolas, em troca de mercadorias para toda a Irlanda.

Belfast era a cidade irlandeza que havia crescido mais rapidamente. Em 1821, só tinha 27.000 habitantes, e, no fim do século, a sua população tinha quintuplicado. E o movimento da navegação crescera ainda mais rapidamente. A industria de linho, muito antiga no paiz, é que principalmente fez a prosperidade de Belfast, e, entre as numerosas fabricas d'essa cidade, as mais prosperas eram, realmente, aquellas onde as teias são tecidas.

Gallwai era muito commerciante. Limerik, outr'ora a terceira cidade do reino irlandez, foi perdendo muito da sua importancia; mas, ainda assim, no fim d'este periodo, as industrias locaes abarcavam a navegação, a pesca, a salga e a fiação de linho, rendas e luvas.

Cork, era, no fim do seculo, tambem um centro muito importante, e a terceira cidade da Irlanda; e tinha por especialidade a fabricação das luvas.

*

* *

No periodo de que estamos tratando, nenhum Estado, excepto a Belgica, augmentou mais as communicações do que a Inglaterra, por meio de bellas estradas em todo o interior, e por todas as saidas da cabotagem; e, alem d'isso, recompoz e entreteve com todo o cuidado os caminhos, até então intransitaveis.

No fim do seculo, o Reino Unido contava quasi 25.000 kilometros de caminhos vicinaes e de longas e boas estradas.

O desinvolvimento das vias ferreas foi tambem enorme.

Segundo já vimos [1], os primeiros caminhos de ferro na Inglaterra datam de 1825, em que foi construida a primeira linha de Manchester a Liverpool; e, no fim do seculo, o desinvolvimento das vias ferreas excedia 32.000 kilometros.

A sua repartição é que era das mais deseguaes. Assim, no centro e oeste de Inglaterra, propriamente dita, havia-se ramificado mais a rede. Lancashire e Sttafford constituiam as regiões mais bem servidas. Em volta de Liverpool e Manchester, a complicação de vias era enorme. Porém, a Escossia e Irlanda estavam muito menos favorecidas.

---

[1] Vide pag. 110.

Os rios e canaes foram tambem consideravelmente melhorados. E, apar de tudo isto, as companhias maritimas de que já fallámos [1], communicavam a Inglaterra com todas as regiões do mundo [2].

---

[1] Vide pag. 169.

[2] W. Cunningham, *The Grouth of English Industry and Commerce*, vol. II — Iames E. Thorol Rogers, *The Industrial and Commercial History of England*, vol. II — Noel, obr. cit. — M. Z. Lanier, *L'Europe*. — Marcel Dubois e Kergomard, ob. cit. — E. Reclus, *Nouvelle Géographie Universelle*, Europe du Nord-Ouest. — Henri Cons, *Précis d'Histoire du Commerce*. — Victor Delville, *Manuel de Géographie Commerciale*. — Marsillac, obr. cit.

CAPITULO VI

A Allemanha

Esbôço politico da Allemanha no seculo XIX. — E, quanto ao seu movimento economico, de que modo o bloqueio continental a favoreceu, ao contrario do que succedeu com outros paizes. — Como, depois da queda de Napoleão, a Allemanha soffreu nova crise, e como esta crise se aggravou com a legislação proteccionista de outros povos. — Como a Allemanha continha em si elementos poderosos para a lucta economica. — Estabelecimento do *Zolverein* e seus principaes effeitos. — Como a guerra com a Austria, em 1866, concorreu tambem para o adiantamento economico da Allemanha. — Seu progresso extraordinario depois da guerra com a França de 1870 e 1871. — Productos. — Agricultura. — Industria e seu grande desinvolvimento. — Adiantatamento enorme do commercio. — Centros economicos principaes. — Communicações.

Napoleão supprimiu o *Santo Imperio Germanico*, e instituiu a *Confederação do Rheno*, sob o seu protectorado. Depois da queda d'elle (1815), o congresso de Vienna substituiu áquella *Confederação do Rheno* a *Confederação Germanica*, sob a presidencia austriaca. Em 1848, após uma revolução que rebentou na Austria, a *Confederação Germanica* foi dissolvida; e o parlamento que a substituiu, composto de representantes de todos os Estados confederados, offereceu a corôa impe-

rial ao rei da Prussia, Frederico Guilherme IV, que a recusou, tratando apenas de criar uma união parcial restricta aos Estados septentrionaes.

A Austria fez baldar as combinações prussianas, e restabeleceu a *Confederação Germanica*, em 1850, provocando com isso uma rivalidade entre os dois Estados que arrastou a Austria á guerra de 1866, onde foi vencida pela Prussia, na batalha de Sadowa. A *Confederação Germanica* foi, então, dissolvida; e a Allemanha lhe escapou, para se sujeitar ao jugo da Prussia, onde reinava Guilherme I, que, pela guerra com a França, em 1870, acabou de firmar a supremacia allemã, e foi proclamado imperador hereditario da Allemanha. Succedeu-lhe o filho Frederico III (1888); e a este o filho Guilherme II, que se esmerou porfiadamente em fazer tambem da Allemanha uma potencia colonial, a desinvolvel-a por toda a fórma sob o aspecto economico, e a tornal-a o primeiro Estado militar do mundo.

*

* *

A Allemanha até 1815, em que terminaram as guerras napoleonicas e a agitação da Europa, soffreu, como em geral toda esta, os desastres d'essas guerras. Mas o bloqueio continental, ao contrario do que succedeu nos outros paizes, em vez de prejudicar o commercio e industria dos Allemães, favoreceu-os.

E, na verdade, antes d'essa epoca, a industria allemã, tão florescente na edade media e nos primeiros seculos

da edade moderna, não tinha cessado de decair, esmagada pela concorrencia da Inglaterra, que alem de estar senhora das manufacturas de Portugal [1], graças ás concessões commerciaes que lhe tinha imposto, exercia uma preponderancia incontestada em quasi todos os outros paizes da Europa.

A França e a Hespanha, pela sua situação geografica, pelas suas colonias e poderosa marinha mercante, haviam podido escapar á pressão ingleza. Mas a Allemanha, paralisada em todas as suas acções, pela divisão do territorio e pelo numero consideravel de pequenos Estados independentes, devia soffrer, como soffreu, a concorrencia ruinosa das manufacturas inglezas, até o dia em que o bloqueio, excluindo dos mercados continentaes os productos da Gran Bretanha, deu momentaneamente aos Allemães a vida e a prosperidade que vieram compensar, economicamente fallando, os desastres da guerra.

A queda de Napoleão foi para a Allemanha o signal de uma nova crise, e tanto mais que a Inglaterra, por meio das suas maquinas, tinha alargado e aperfeiçoado os seus productos, e conseguido uma barateza maior; e até fabricava os algodões de fórma que substituiam bem as teias de linho estrangeiras, dispensando e prejudicando assim os linhos da Silezia. E o mesmo acontecia com os pannos da Baviera, que eram prejudicados não só pela concorrencia similar dos Inglezes, mas tambem pela dos Belgas.

[1] Vide o capitulo XXIII sobre Portugal.

Demais a mais, uma nova legislação restrictiva na França e na Belgica veiu aggravar a situação. E a propria Austria, com o fim de defender as respectivas industrias, prohibiu nas suas provincias de Veneza e Lombardia a importação dos productos estrangeiros, e, especialmente, das teias da Suabia.

Mas, apesar da situação dolorosa a que taes circunstancias sujeitavam a Allemanha, ella continha em si elementos importantes, para vencer o perigo. Na fabricação dos tecidos e dos cabedaes, nas obras de aço, cobre, madeira e artefactos de palha, os seus artistas haviam guardado a antiga reputação. As teias de Lusacio, de Brunswick, os algodões, pannos, rendas, porcellanas, faianças, vidrarias e aços da Saxonia, as refinações de Hamburgo, as obras de pau de Nuremberg, o commercio de Leipzig, e o movimento economico de Munich, Stuttgard, Gotha, Weimar, Carlruhe, Iena, Dresde, Gœtinger e Hanover conservavam-lhe uma importancia especial. E o commercio de Hamburgo rivalisava ainda com o das maiores praças da Europa.

Como diz Noel, só faltava a todos estes elementos alma energica, para os tornar fecundos e dar-lhes todo o valor. Foi essa a obra do *Zolverein*, cuja iniciativa foi tomada pela Prussia.

Consistiu elle n'uma grande associação economica de toda a Allemanha, em que foram abolidas as alfandegas interiores, uniformisados os direitos aduaneiros n'um systema amplamente liberal, reunindo como n'um feixe todas as actividades da patria allemã. E, quanto aos paizes estrangeiros, havia egualmente um regimen aduaneiro, fundado no principio de reciprocidade ou

retorsão [1], até que esses paizes tivessem adoptado tambem o principio da liberdade do commercio.

Ainda assim, a empresa levou tempo a concluir; porque, primeiramente, a Allemanha estava dividida em differentes associações, e depois é que, devido aos esforços da Prussia e ao talento eminente de Frederico List, que organisou a respectiva constituição do *Zolverein*, se foi alargando a area d'esta collectividade.

A queda dos Bourbons e a revolução de julho, espalhando por toda a parte uma nova fermentação liberal, como já vimos [2], veiu ajudar os desejos da Prussia, porque o movimento insurreccional que essa queda tinha produzido além do Rheno, havia concorrido para apertar o laço federal entre as differentes côrtes allemãs, e incitado os governantes a darem aos respectivos povos penhores de solicitude, favorecendo-lhes tambem os respectivos interesses, e libertando as transacções dos embaraços que até então detinham o seu desinvolvimento.

Demais a mais, todas as associações criadas depois de 1819, estando repartidas em zonas distinctas paralisavam as forças que podiam resultar da cohesão. Os resultados com que ellas tinham contado, não correspondiam á espectativa, e o contrabando, favorecido por essa mesma fraqueza de acção, coartava muito as vantagens financeiras e commerciaes que se tiveram em vista.

[1] Sobre retorsão, Adriano Anthero, *O Direito Internacional*, pag. 350 e seguintes.

[2] Vide capitulo III.

Por isto, essas pequenas associações desejavam sair do seu isolamento, e esse espirito publico actuou egualmente nos governantes. E foi assim que, em 1 de janeiro de 1834, depois de quinze annos de esforços e experiencias, estava fundado e organizado o *Zolverein* e todas as associações fundidas n'elle. Mesmo alguns pequenos Estados que estavam na espectativa, adheriram depois promptamente. A propria Austria adheriu tambem em 1853, devido principalmente aos esforços do seu ministro Brusk.

O primeiro effeito de *Zolverein*, foi agrupar em volta da Prussia, que devia mais tarde tirar d'isso um proveito consideravel, uma população de 33 milhões de almas, vivendo sob a mesma legislação commercial e submettida á mesma regra, no respeitante ás relações economicas.

O segundo effeito foi um augmento rapido e muito importante das trocas da Allemanha com as outras nações, coincidindo isso com um progresso accentuado em todos os ramos da industria manufactora do paiz.

A guerra com a Austria, em 1866, e a derrota dos Austriacos, d'onde resultou a preponderancia da Prussia sobre os Estados da antiga Confederação Germanica, concorreu muito para o progresso economico da Allemanha, pela iniciativa da propria Prussia. Mas, desde 1870, após a guerra com a França, é que o progresso dos Allemães foi enorme até o fim do seculo XIX.

A victoria allemã arrancou á França duas das suas melhores provincias, a Alsacia e a Lorena, onde abundavam grandes jazigos de carvão e de outras materias

primas; e fez do rei da Prussia o imperador da Allemanha. Os principes do sul, entraram, então, na confederação do imperio; e a Allemanha saiu de tudo isso poderosa e preponderante na Europa. E, embora o tratado de Francfort, que acabou aquella guerra, estabelecesse theoricamente um regimen de paz, porque na pratica era o regimen de *paz armada*, a Europa viveu, desde 1871, na ameaça de uma nova lucta; e a Allemanha, assim unida, poderosa e preponderante, cuidou de se engrandecer tambem economicamente, o que pôde conseguir de uma fórma quasi maravilhosa. O proprio Bismarck, nomeado ministro do commercio, proclamava que, depois das victorias militares, queria offertar ao paiz as victorias economicas. E, realmente, a partir de 1871, o novo imperio cobriu-se de officinas, fabricas e manufacturas de toda a ordem.

*

* *

Especializando agora os factores economicos, e começando pela população, o imperio allemão, desde 1872 até o fim do seculo, augmentou n'ella 12.300:000, isto é, quasi 30 por cento, de modo que, em 1899, essa população era de 55 milhões. E, sobretudo, a população operaria cresceu na proporção de 66 por cento [1].

---

[1] Georges Blondel, *L'Essor Industriel et Commerciale du Peuple Allemand.*

Nos ultimos vinte annos, duas das cidades allemãs — Manhein e Dusseldorf, augmentaram em população 100 por cento; oito augmentaram de 80 a 100 por cento; quatorze, de 58 a 80 por cento; quatro, de 28 a 50 por cento. E, no quadrilatero de 65 kilometros, entre Munich, Gladbach, Dortemunde, Duisburg e Colonia, a população cresceu 80 por cento. Essen, em cinco annos, augmentou 32 mil almas. Dusseldorf, em vinte annos, mais que dobrou.

*

* *

Já no volume V, pag. 199 e seguintes, dissemos quaes os productos proprios do solo allemão. Ora os productos agricolas e, portanto, a agricultura, diminuiram em proveito das industrias propriamente ditas, que chamavam a si a força dos trabalhadores. Apenas a beterraba, por causa do assucar, augmentou enormemente. Aconteceu a mesma coisa com a batata, que era a compensação da pobreza da Allemanha em trigo. E tambem a producção do canhamo e linho, outrora tão copiosa, era ainda assaz activa para entreter as respectivas industrias e fornecer tambem um pequeno saldo á exportação.

As florestas estavam muito devastadas no fim do seculo, apesar de ser ainda grande a sua superficie.

A criação do gado era muito consideravel; porque a Allemanha não podendo offerecer aos cereaes vastas superficies de cultura, em compensação, dedicava a essa criação animal a parte do solo rebelde áquelle outro emprego.

*

* *

Quanto ás industrias mineraes, a exploração mineira, só nas quatro bacias principaes, Ruhr, Alta Silezia, Saxe e Mosella, n'uma superficie de 3.600 milhas quadradas, chegou a dar uma producção annual de 710 milhões de marcos.

A producção do zinco, do cobre e chumbo augmentou egualmente; e, com tudo isto, a industria mineira, sobretudo, ao pé dos jazigos hulheiros, deu ás maquinas, locomotivas e material das vias ferreas de toda a especie, uma impulsão tão consideravel que, no fim do seculo, havia muitas maquinas que somente se podiam procurar na Allemanha.

Merece especial menção a casa Krupp, que era a primeira casa metallurgica da Allemanha. Não contente em desinvolver os seus estabelecimentos de Essen, esforçou-se por augmentar a producção, tanto pela compra de casas rivaes, por exemplo a de *Pavezes Metallurgicos Gruson*, em Magdeburgo, como annexando industrias complementares, e ainda fusionando-se com o canteiro de construcção *Vulcano* de Stettin. Comprou tambem em Kiel um vasto canteiro de construcção, chamado *A Germania;* de modo que, unindo assim uma fabrica metallurgica aos canteiros maritimos, pôde fornecer, ao mesmo tempo que o material ordinario das construcções navaes, folhas de aço, pavezes, placas, couraças, necessarias aos cruzadores da marinha imperial, maquinas, caldeiras, peças de artilharia e seus projecteis. Em 1899, o numero de pessoas empregadas n'essa casa Krupp era de 41.750.

As industrias de electricidade merecem tambem menção especial. Os centros eram: Meerane, Plauen, perto de Dresde, Meissen, Milau, Cofditz, Döbeln, Thöha, Lugo, Waldemburgo, etc.; e, sobretudo, Nuremberg, onde a fabricação das maquinas electricas era uma das principaes industrias.

A industria textil foi certamente uma das mais typicas na evolução economica, com os principaes elementos que a caracterisam, como são: reducção progressiva da mão de obra, augmento do trabalho das mulheres e dos rapazes e raparigas, substituição das maquinas ao trabalho humano, e desinvolvimento enorme da producção.

A industria linheira occupava outr'ora o primeiro logar nas industrias textis da Allemanha, e a teia fiada pelas proprias mãos da familia era o vestuario historico dos Allemães; mas a industria do algodão supplantou-a. E' que esta era uma industria moderna, favoravel ao emprego das maquinas e á geralisação da mercadoria.

Por toda a parte, onde essa industria se estabeleceu, logo attingiu um desinvolvimento extraordinario, ao mesmo tempo que obteve um triunfo, pela grande producção mecanica, em vista das vantagens que ella encerrava; e tudo isso, por fórma a sustentar a concorrencia nos mercados do mundo. E ainda a annexação da Alsacia e Lorena fez augmentar mais de metade essa mesma industria algodoeira.

As regiões onde ella mais se desinvolveu, foram a Prussia rhenana, Silesia, Saxe e Wurtemberg.

O progresso de semelhante industria foi tal que, em 1896, dava o dobro da producção de 1875. Depois

de 1896, é que diminuiu alguma coisa, em consequencia das medidas protectoras dos Estados Unidos e de outros paizes; e essa diminuição fez-se principalmente sentir nos fustões e outros estofos grosseiros analogos.

A industria dos pannos, das sedas, dos velludos, e das rendas desinvolveu-se tambem muitissimo. E a das confecções tomou igualmente um grande incremento, sendo os principaes centros Berlim, Breslau e Erfurt.

As industrias chymicas alcançaram da mesma fórma grande progresso.

Sabe-se a importancia que tiveram no seculo XIX as industrias colorantes. Foi, como já dissemos [1], a um modesto preparador de chymica do lyceu de Lyon, chamado Vergouïn, que pertenceu o merito da descoberta de extrair da hulha as materias colorantes; mas foram os Allemães que tiraram o maior proveito d'ella. Sobretudo, nos ultimos tempos do seculo XIX, a producção augmentou, cada anno, 8 a 10 por cento, e os salarios dos operarios augmentaram tambem na mesma proporção: o que prova a prosperidade d'essas industrias.

Em todos os outros ramos das industrias chymicas dava-se tambem um progresso extraordinario. Só a grande fabrica da Silesia, em Saarau, ao SO. de Breslau, entregava, n'uma proporção sempre crescente, soda, potassa, sal de Glauber, chloro, acido sulfurico, amoniaco, etc. Pode dizer-se, de um modo geral, que para todas as grandes industrias chymicas, a Allemanha manteve o primeiro logar nos mercados do mundo.

---

1 Vide pag. 101.

Com os productos pharmaceuticos dava-se a mesma coisa; mas, tambem no fim do seculo, a tarifa americana prejudicou bastantemente essa industria.

Quanto a porcellanas, faianças e vidrarias, ao lado das manufacturas do Estado em Berlim e Meissen, cujo fim principal era o conservar as tradições artisticas, formou-se uma grande quantidade de estabelecimentos livres, para sustentar o consumo ordinario; e a concorrencia entre elles obrigou-os a produzir cada vez melhor.

Outr'ora, o publico allemão só procurava artigos de bom gosto entre os productos estrangeiros, e, sobretudo, francezes; mas, nos ultimos tempos do seculo XIX, a porcellana allemã achava já por toda a parte desembocadouros vantajosos, e mesmo na propria França.

Quanto aos moveis, brinquedos de crianças, instrumentos de musica, obtiveram elles egualmente um grande progresso, a ponto de se exportarem em muita quantidade para a Hollanda, Suissa, Servia, Romania e Bulgaria, e até para a America do Sul. A fabricação dos brinquedos de crianças e bonecas, só no districto consular de Leipzig, ocupava, no fim do seculo, trinta mil operarios dos dois sexos.

As fabricas dos instrumentos de musica tornaram-se tambem prosperas. E, em summa, egual prosperidade se deu em todas as industrias propriamente ditas, como a do papel, do cabedal, livros, encadernações, etc. Só nas de arte e luxo, é que a Allemanha não progrediu tão vantajosamente, embora não ficasse estacionaria. N'essa parte, porém, a superioridade da França foi sempre evidente.

*

* *

Quanto ás industrias agricolas, a população agricultora da Allemanha, desde o meado do seculo, diminuiu muito em proporção da população das outras industrias.

No meado do seculo, ainda ella formava 65 por cento da população total. Em 1870, era já de metade; no recenseamento de 1882, já tinha descido a 42,5 por cento; e em 1895 só era de 18:501.307 [1].

Por outro lado, até o meio do seculo XIX, a Allemanha tirava do seu solo todos os generos indispensaveis à sua subsistencia, e apenas pedia ao estrangeiro generos coloniaes ou produtos analogos. As industrias textis trabalhavam tambem quasi exclusivamente a lan e linho indigena. E as outras industrias, as da pedra, papel, madeira, cabedal, e mesmo as metallurgicas, só tiravam tambem do estrangeiro uma pequena parte das materias primas.

Depois de 1850, porém, e, sobretudo, depois de 1871, mudaram-se as coisas. A importação dos productos agricolas de toda a ordem passou para a primeira classe, e a das materias primas que o paiz não produzia, vinha em segundo logar.

---

[1] Georges Blondel, *Etude sur les populations rurales de l'Allemagne.*

A Allemanha precisou, assim, de pedir ao estrangeiro não só muitos cereaes, mas tambem quantidades consideraveis de plantas commerciaes, flores, legumes, e mesmo batatas; e era egualmente tributaria do estrangeiro, quanto ao gado. A propria silvicultura, que tambem se desinvolveu muito depois de 1871, não pôde por fim acompanhar o consumo sempre crescente do pau de toda a ordem; e a necessidade da madeira de marcenaria augmentou continuadamente.

Comtudo, muitos agricultores trataram zelosamente de fazer progredir a lavoira e de industrialisal-a, aproveitando algumas das invenções scientificas contemporaneas. E muitas leitarias, distillações e assucararias se multiplicaram pelos campos. Sobretudo, as assucararias tomaram enorme incremento. N'essa parte, os Allemães, desbancaram a propria França, que até 1870 tinha o primeiro logar na fabricação do assucar de beterraba, e tornaram-se, assim, os primeiros fabricantes e exportadores d'esse genero. E, apar disso, a cervejaria e distilação do alcool tornaram-se tambem muito importantes.

*

* *

A pesca, sobretudo, a pesca a vapor, fornecia grande abundancia de productos. Em 1872, formou-se a primeira sociedade para a pesca do arenque; e, em 1898, a frota piscatoria era já de 118 vapores, representando um capital de 15 milhões de marcos.

*

* *

Ao grande movimento industrial correspondeu um movimento commercial ainda maior.

Assim, o commercio interior augmentou enormemente, graças tambem ao enorme desinvolvimento da industria e das communicações, de que em breve fallaremos. E tudo isso influiu no commercio externo; tanto mais que o augmento industrial trazia a necessidade de importação de materias primas e a transfusão de productos industriaes por toda a parte.

Augmentou este depois de 1871 até o fim do seculo, 60 por cento; e, n'este movimento ascendente, era a navegação maritima que figurava em primeiro logar. Só essa fornecia 66 por cento do commercio exterior, e, sobretudo, com os paizes ultramarinos.

Hamburgo, por exemplo, que, em 1871, recebia apenas tres a quatro mil navios por anno, cujo total não excedia meio milhão de toneladas, no fim do seculo, recebia vinte e seis mil navios por anno, de uma tonelagem superior a quinze milhões. O commercio d'esse porto chegou a dominar toda a Allemanha, uma parte da Austria, os paizes scandinavos e todo o nordeste da Russia; e o seu tráfico representava mais de duas partes de todo o tráfico allemão.

Para esta expansão do commercio externo contribuiu tambem a emigração. Não se encontrava, com effeito, um ponto do globo, onde os negociantes allemães se não tivessem estabelecido; e eram por milhares de

cifras as sommas introduzidas por elles no estrangeiro, e confiadas a empresas, tambem na maior parte allemãs.

A cidade de Londres, os caes de Rotterdam, de New York, de Pernambuco, de Shangai, etc., abundavam de Allemães. Os Inglezes, apesar de tão industriaes e activos, iam estabelecer-se unicamente em certos paizes; os Allemães, porém, estabeleciam-se por toda a parte; e a facilidade com que se adaptavam a qualquer paiz, era prodigiosa.

A marinha mercante, que tanto auxilia o commercio, augmentou muito, principalmente, a que estava ligada ao Mar do Norte, como augmentaram egualmente as construcções maritimas.

Os principaes canteiros eram os de Hamburgo, Stettin, Kiel, Flessing, Rostock, Dantzig, Elbing, Geestemünde, Bremeshaven, Wilhelmshaven e Vegesack. Só a Companhia *Norddentsher Lloyd* chegou a ter 95 grandes vapores e 141 pequenos, com um total de 448.168 toneladas.

A companhia de *Hamburgo Amenka* attingiu 85 navios de alto mar, medindo 425.000 toneladas. A *Deutshe-Line* attingiu tambem 18 grandes navios, e havia ainda muitas outras companhias, tambem importantes, navegando para todos os portos do mundo. E todas ellas eram outras tantas arterias de commercio allemão.

Para desinvolver mais o seu tráfico, a Allemanha lançou-se nas emprezas de colonisação; e, se taes empresas não deram todo o resultado que se esperava, ainda assim, serviram, cada vez mais para o desinvolvimento economico dos Allemães, que se esforçaram por

fazer valer as aptidões colonisadoras da sua raça, bem como a facilidade com que appropriavam a lingua e os costumes dos paizes distantes.

Esta febre colonisadora, ateando-se, desde 1880, por meio da animação do Governo, dada aos particulares ou ás companhias, fez que a politica da Allemanha criasse colonias do imperio com subvenções votadas pelo Reichstag. E, sobretudo, o que a Allemanha tinha em vista, não eram as conquistas militares do territorio de taes colonias, mas sim assegurar novas facilidades de compras e vendas.

Criaram-se até sociedades colonisadoras, para auxiliarem esse movimento. E os proprios missionarios, estabelecendo-se nessas colonias, e mesmo em algumas dos paizes estrangeiros, vieram coadjuvar semelhantes emprezas.

*

* *

Escusamos de especificar os paizes com que a Allemanha fazia o seu commercio, porque póde dizer-se que era com todo o mundo.

Em todo o caso, a Inglaterra vinha em primeiro logar, por causa dos productos coloniaes de que a Allemanha carecia; depois, a America do Norte, que lhe fornecia cereaes e algodão; e, em seguida, a Russia, o Brazil e a Austria-Hungria, que a Allemanha inundava dos seus productos manufacturados, a França, Algeria, Paizes Baixos, Suissa, Italia, etc.

Importava, principalmente, materias textis, cereaes, gado, café, generos coloniaes, pelles e cabedaes, algodão e vinhos.

E exportava, sobretudo, tecidos, assucar de beterraba, ferro em obra e em bruto, zinco, hulha, maquinas, côres, papel, artigos de couro, livros, objectos de arte, artigos de madeira, lan fiada, seda bruta e lupulo.

*

* *

A proposito das industrias, notámos já quasi todos os centros economicos mais importantes. Mas vamos ainda accrescentar alguns dados, que ampliam o que já dissemos [1].

Na Alsacia e no alto Rheno, Mulhouse era muito importante, e tinha um cortejo de cidades secundarias, que eram tambem outros centros industriaes. Continha muitas fabricas de fiação e tecidos de algodão, de cervejaria, outras de construcção maritima e diversas manufacturas, etc.; e era tambem uma grande potencia financeira da Europa. Foi em Mulhouse que se construiu, em 1812, a primeira maquina a vapor da Alsacia.

No baixo Rheno, havia Strasburgo, tambem muito importante, como praça militar; mas fracamente desinvolvida no commercio e na industria, apesar da grande emigração dos Allemães para lá, depois que essa praça lhes ficou pertencendo pela guerra de 1870.

No valle do Sarre, havia o grande centro industrial de Saarbrüken, situado no meio da sua rica bacia hulheira.

---

1 Quanto aos centros mais importantes na edade moderna, veja-se o vol. V, pag. 295 e seguintes.

Metz era como Strasburgo, uma cidade militar, pouco abundante, por isso mesmo, de industria e commercio.

Na Floresta Negra, a grande industria era ainda a exploração do pau, embora em muitas partes as florestas estivessem devastadas e substituidas pela agricultura. Havia minas muito productivas, mas estavam quasi abandonadas. A emigração no inverno era muito grande; e o trabalho favorito dos homens da montanha consistia na fabricação de relogios de pau e mesmo de metal branco. Não havia ahi grandes centros de commercio; mas, ainda assim, além de outras cidades menos importantes, Friburgo era um centro industrial e commercial notavel.

Lautern, a principal cidade de Palatinado, estava cheia de fabricas de toda a especie, de modo que, apesar de ser uma cidade antiga, parecia muito moderna, por .estar sempre ennegrecida pelo fumo.

Francfort, collocada n'uma bella situação, era tambem muito notavel por seu commercio e industria. E distinguia-se entre todas as cidades rhenanas, pelo tráfico de livros, e fabricação de caracteres de imprensa, em que vinha logo depois de Berlim e de Leipzig.

Colonia, era antes, uma cidade de guerra, potentemente fortificada, do que um grande centro industrial e commercial.

Aix-La-Chapelle possuia muitos elementos de riqueza nas suas minas de carvão, de chumbo e zinco; e tinha tambem muitas fabricas metallurgicas e de alfinetes, e, sobretudo, de pannos.

Dusseldorf era egualmente muito industrial e commercial.

Solingen estava no mesmo caso, e era o centro principal da quinquilharia.

Elberfeld e Barmen, que se fundiam n'um amontoado de fabricas, occupavam já um espaço de 8 kilometros. E a sua população inteira gravitava em volta das fiações de seda, algodão, linho, manufacturas de fitas, tinturarias, fabricas de côres e outros estabelecimentos industriaes.

Essen enfileirou-se em menos de um seculo no numero das grandes cidades da Prussia, e cresceu de anno para anno, assim como as suas vizinhas Altennessen, Altendorf e Borbeck, que, ainda bem pouco tempo antes, não passavam de aldeias. Era em Essen que estava a celebre fabrica de Krupp, que entregava á Allemanha e a tantos paizes civilizados os seus famosos canhões. E, comtudo, os canhões, balas e as carretas eram uma fraca parte dos productos da immensa fabrica; porque o movimento d'ella, em toda a metallurgia, era tambem enorme, segundo já vimos.

Na planicie da Baviera meridional, Augsburgo, por seus capitaes, commandava a industria de uma grande parte da Baviera, e possuia as melhores tinturarias allemães e um grande numero de outros estabelecimentos industriaes.

Ratisbonne, onde a navegação do Danubio é muito mais facil que a partir das cidades a montante, tornou-se um logar de entreposto e de trocas muito commercial, favorecido como tal pelas vias naturaes que lá se cruzam.

Munich, que engrandeceu rapidamente, occupava tambem um logar notavel entre os grandes centros da industria e commercio.

Nuremberg era egualmente centro industrial e mercantil muito importante, e quasi que monopolisava o commercio dos brinquedos infantis, fabricados nas cidades da Franconia, e depois expedidos para todos os paizes do mundo, como tambem já notámos.

Em Stein, perto do Nuremberg, estava a mais celebre manufactura de lapis do mundo.

As cidades mineiras e industriaes, Bremen, Hanover e Brunswick, atraiam a si um numero de habitantes, cada vez mais consideravel, sendo todas tres de uma grande importancia economica.

Bremen era tambem o segundo porto da Allemanha. Só tinha como superior Hamburgo. Os seus negociantes, conhecidos pelo espirito de iniciativa, fundaram, em 1827, o *Nordeutsche Lloyd*, e expediam os seus navios para as duas Americas, extremo Oriente e mares do Sul; e armavam balieiras para o Oceano Antarctico. Mas era com os Estados Unidos que faziam o seu principal negocio. Em 1880, a sua frota commercial constava de 296 navios, com o total de 197.050 toneladas.

Leipzig era a primeira das cidades allemãs no commercio de livros, revistas e jornaes.

Chemnitz tinha decuplicado em população, desde o principio do seculo XIX até o fim. Era a Manchester allemã, repleta de tecedores, fabricantes e impressores de estofos; e as comunas que a rodeiam, compunham-se tambem de fabricas e casas de operarios. Constituia a terceira cidade da Saxonia, onde se fabricavam quasi todas as industrias e n'uma grande quantidade, como tecidos, botões, passamanaria, instrumentos de musica e mathematica, etc.

Magdeburgo era um grande entreposto de cereaes, de beterrabas e de outros generos agricolas, e o principal mercado de assucar. Havia por toda a parte fabricas de refinações de assucar de beterraba, e fabricas metallurgicas. E havia egualmente nos arredores muitas officinas e muitas fabricas de fiação.

Berlim, a capital da Prussia, engrandeceu enormemente, sobretudo, depois da victoria sobre a França. Sem ter especialidade industrial, como Essen, Elberfeld, Solingen, Aix-la-Chapelle ou Chemnitz, possuia, comtudo, grandes fabricas, e todas as industrias estavam lá representadas.

Hamburgo, de que já fallámos, com o seu anteporto de Cuxafen, era o grande emporio do commercio da Allemanha e um dos primeiros do mundo.

Meissen, na margem esquerda do Elba, era notavel e celebre nas artes ceramicas.

Lubeck foi outr'ora a cidade mais commerciante da Europa; mas, já no principio do seculo XIX, estava muito decaida.

Os portos de Wismar, Rostock e Breslau, eram outros centros importantes de commercio.

Kiel, a capital de Holstein, era tambem muito industrial e populosa.

Dantzig, apesar de estar decaida da sua enorme importancia antiga, tinha ainda um grande commercio, sobretudo, de cereaes e madeira, e uma grande industria de pannos, papel, productos chymicos, distillação de aguardente, muito famosa, e muitas officinas, machinas, canteiros de toda a especie, etc.

*

* *

Quanto ás communicações, os caminhos de ferro, obedecendo a um plano uniforme, cruzavam-se por toda a parte. E as communicações por agua, em consequencia do grande movimento que attingiram, tornaram-se tambem muito importantes. E tanto mais que os rios da Allemanha teem a vantagem de ser mais regulares, que na maior parte dos outros paizes.

Foi melhorado o Rheno, entre a fronteira suissa e a fronteira hollandeza, gastando-se n'isso, desde 1830 a 1894, a somma de 338:873.000 francos.

O Elba tinha uma tiragem de agua muito fraca; e as brumas e os gelos contrariam, durante uma grande parte do anno, a sua embocadura. Mas nem porisso os Allemães desanimaram, antes dispenderam n'elle, nos ultimos annos do seculo XIX, mais de 8 milhões de marcos; e estenderam uma cadeia de reboques até á fronteira da Bohemia. Tornou-se, assim, navegavel em todo o seu percurso, que não é inferior a 720 kilometros; e tornou-se tambem tão frequentado que, desde a fronteira austriaca, circulavam 2:500.000 toneladas de mercadorias. E este movimento augmentava ainda mais, á proporção que se aproximava de Hamburgo, onde attingia 10 milhões de toneladas.

O Oder foi tambem objecto de importantes trabalhos. E, em todas as grandes cidades da Allemanha, criaram-se sociedades nauticas, para melhorarem os cursos fluviaes.

Houve egualmente grande cuidado, quanto aos canaes. Assim, foi acabado o de Dortemund, na emboca-

dura do Ems, que teve por fim ligar directamente as regiões industriaes de Westephalia com o mar do Norte: o que permittiu levar em boa conta os productos das minas de Westephalia, hulha e ferro, não sómente aos portos do mar do Norte, mas tambem pelo canal de Kiel ao do mar Baltico.

Tentou-se o canal do centro, destinado a ligar o Rheno com o Elba. Tentou-se egualmente o canal de Finow de Stettin a Berlim. E abriu-se o canal de Kiel [1].

1 Georges Blondel, *L'Essor Industriel et commercial du Peuple Allemand* e *Etudes sur les populations rurales de l'Allemagne* — Marcel Dubois et Kergomard, obr. cit. — E. Reclus, obr. cit. — Lannier, *L'Europe* — Bannier, *Cours de Geographie Commercial L'Europe.* — Noel, obr. cit. — S. Marsillac, *Manuel d'Histoire Comtemporaine.* — Jules Isaac, *Histoire Contemporaine.* — A. Amann e E. L. Constan, *Le Monde du XIX Siècle.*

CAPITULO VII

Austria e Hungria

Ligeiro esbôço politico da Austria e Hungria, n'este periodo. — Quanto á parte economica, de que modo o imperio austriaco foi prejudicado, principalmente, até o meiado do seculo, e ainda depois, até 1866, por differentes causas. — Como tinha no seu seio grandes elementos de riqueza. — Como progrediu muito depois d'isso. — Productos, agricultura, industria e commercio. — Centros economicos principaes. — Communicações.

Leopoldo II, que succedeu a José II (1790-1792), morreu, quando a monarquia dos Hapsburgos ia representar uma das primeiras figuras na colligação europeia, formada contra a revolução franceza.

Succedeu-lhe Francisco II (1792-1835); e a Austria, entrando de facto n'aquella colligação, foi vencida na Italia por Bonaparte, perdendo, pela paz de Campo-Formio, as provincias belgas, o Milanez e o Mantuano, e recebendo como indemnisação os despojos de Veneza.

A guerra renovou-se, em 1758, e terminou pela paz de Luneville, em 1801; e, emquanto essa paz durou, o imperador da Austria applicou-se a reanimar a agricultura, a industria e o commercio, a concertar as estradas, a centralisar a administração, e a reorganisar as finanças.

Entrando os Austriacos em nova colligação contra a França, foram vencidos em Ulm e Austerlitz (1805); e, perdendo com isso varias provincias, viram estabelecer a *Confederação do Rheno*, sob o protectorado de Napoleão, sendo Francisco José obrigado a renunciar á dignidade de imperador da Allemanha. Por isso, d'ali por deante, ficou apenas com o titulo de imperador da Austria, sob o nome de Francisco I.

A guerra seguiu ainda com differentes intervallos e alternativas até á queda de Napoleão, em 1814. E, em 1815, o congresso de Vienna reorganisou o territorio continental, restituindo á Austria quasi todas as provincias perdidas, e entre ellas o Milanez, a Venecia e a Illyria, e attribuindo novamente a Francisco José o titulo de imperador da Allemanha, com a presidencia da nova *Confederação Germanica*.

A este monarca succedeu Fernando I (1835-1848). O principe de Metternich, ministro dos estrangeiros, que já dirigira a politica de Francisco José, e preponderara tambem na politica da Europa, continuou a representar egual papel no tempo do successor. Todas as aspirações liberaes foram esmagadas; e, pela annexação da Cracovia e seu territorio, foi supprimido o ultimo vestigio da republica da Polonia.

Em todo o caso, a revolução franceza de 1848 repercutiu-se na Austria. Allemães, Magyares, Slavos, Italianos insurgiram-se, e romperam bruscamente o feixe mal atado do imperio. Foi o exercito que salvou a dynastia dos Hapsburgos. Mas Francisco José I, sobrinho e successor de Fernando I, em quem elle tinha abdicado (1848), viu-se obrigado a dar, em 1849, uma constituição liberal ao imperio, embora ella nunca fosse applicada.

Surgiram, ainda depois disso, novas insurreições dos Italianos contra os Austriacos, e dos Servios, Esclavões, Croatas e Saxões contra os Magyares, que foram cruelmente abafadas em rios de sangue.

Então, a Austria, cheia de orgulho militar, e confiando n'um exercito de 600.000 homens, forçou a Prussia a evacuar Hesse, e a humilhar-se na Conferencia de Olmütz (1850).

Em 1855, teve de sustentar uma nova guerra contra a Italia, que estava alliada com a França; e foi vencida nas batalhas de Magenta e Solferino, em que o Piemonte ganhou a Lombardia, menos Peschiera e Mantua.

Em 1864, surgiu ainda outra guerra com a Prussia e Italia, que terminou em 1866, pela derrota dos Austriacos em Sadowa. A Austria perdeu com isso o quadrilatero lombardo-veneziano e Veneza, que foi cedida a Napoleão III, o qual depois a entregou a Victor Manoel. Teve de renunciar a favor da Prussia aos direitos sobre o Sleswig e Holstein, e deixar que a Allemanha soffresse uma reorganisação federativa, presididida tambem pela Prussia, e de que os Austriacos foram excluidos.

Em 1867, inaugurou-se com a Hungria o systema dualista da união pessoal, fortalecida por concessões liberaes, que satisfizeram os Magyares e Allemães do imperio. Mas os Tcheques, Polacos e Slavos, não ficaram contentes, e isso produziu algumas perturbações interiores.

Depois d'isso, a Austria e Hungria tiveram uma paz duradoira até o fim do seculo, sob o governo do mesmo Francisco José I, que durou todo esse tempo.

*
* *

Quanto ao movimento economico, a Austria e Hungria viram-se embaraçadas, sobretudo, até meiados do seculo XIX, e ainda depois d'isso, até 1866, por differentes causas, taes foram: as luctas napoleonicas até 1815, com todos os inconvenientes da guerra, e com a enorme inutilisação de braços para a agricultura, industria e commercio; as varias crises financeiras no interior, algumas d'ellas provocadas mesmo pelo agio cambial que a moeda nacional teve de soffrer quasi sempre, em relação ao estrangeiro; as diversas agitações no interior; e tambem as differentes guerras no exterior, de que já fallámos.

Todas estas causas bastavam, de per si, para entropecerem o movimento economico. Mas, alem d'isso, a Austria e Hungria, sob o ponto de vista etnografico, tinham grande diversidade de população, o que prejudicava a unidade dos esforços para o bem commum, e enfraquecia as forças vitaes do imperio.

No meio d'essa diversidade, podiam distinguir-se tres grandes classes: primeiramente, os Allemães ao oeste; depois, os Magyares ao nascente, que separavam os Slavos do Norte (Polacos, Moravos e Tcheques) dos Slavos do Sul (Bosnios Croatas, Styrios, etc.); e ainda os Slovenos, Romenos, Italianos, Ladinos, Tziganos, e outros que entravam no conjuncto da população.

Mesmo no lado religioso, embora preponderasse o catholicismo, havia tambem grande diversidade de crenças.

Demais a mais, em vista das solicitações multiplas e encontradas que resultavam do dualismo imperial, foi por muito tempo impossivel assentar n'um ponto de vista determinado; porque as provincias cisleithanias, mais industriaes que agricolas, visavam, sobretudo, ao commercio de exportação para o Mediterraneo, Levante e Oriente. E, pelo contrario, a Hungria, grande paiz agricola, tinha mais interesse em enviar os seus generos para as nações excessivamente povoadas do occidente.

Por outro lado, os gravames feudaes e as servidões territoriaes oneravam a agricultura.

E havia uma deploravel repartição do solo, porque vastos dominios eram ainda propriedade de mão morta, e outros eram tão grandes que os seus possuidores não os tinham nunca percorrido. Alguns tinham até centenas de kilometros quadrados. A pequena propriedade não occupava o terço do territorio, e compunha-se, principalmente, de parcellas muito pouco consideraveis; emquanto que a propriedade media, onde se fazem de ordinario os grandes progressos, é que estava muito mal representada.

O regimen das corporações, mais exagerado ainda que nos outros povos da Europa, e uma legislação aduaneira, muito restricta, aggravavam tambem o mal. E accrescia uma grande falta de communicações; porque, apesar do desembocadouro que os portos do Adriatico offereciam ao commercio, este effectuava-se, na maior parte, pela via terrestre, e, sobretudo, pela Allemanha, sempre debaixo do regimen aduaneiro restrictivo dos dois paizes.

Mesmo as sedas da Lombardia, que forneciam um

elemento muito importante das trocas, não procuravam a via maritima, e transitavam, sobretudo, pela Suissa e pela Italia.

A principal arteria fluvial do imperio era o Danubio. Mas este rio, embora tivesse, como tem, uma vasta rede de afluentes navegaveis até para vapor, e permittisse á Austria o fazer circular n'uma certa medida as mercadorias destinadas á exportação, era insufficiente para facilitar devidamente o progresso commercial, porque desaguava n'um mar interior, e acabava, n'esta epoca, n'um paiz ottomano; de modo que não fornecia uma saida maritima inteiramente livre.

A perda da Lombardia, em 1859, e mais tarde a de Veneza, em 1866, fez tambem perder á Austria a liberdade de communicações pelo Mediterraneo, e mais a lançou sobre o Danubio, que, segundo acabamos de mostrar, não satisfazia inteiramente ás condições economicas de que o imperio precisava.

Finalmente, metade dos habitantes da Austria e mais de metade dos da Hungria, não sabiam ler nem escrever.

Por tudo isto, até metade do seculo XIX, e mesmo até 1866, como já dissemos, o movimento economico da Austria, se não retrogradou, foi porque o progresso actua sempre, de per si, até nos povos menos favorecidos. Mas, em todo o caso, o avanço foi demorado e pequeno [1].

E comtudo, o imperio tinha no seu seio grandes elementos de riqueza, e poucas regiões ha tão favorecidas sob differentes aspectos.

---

1 Noel, obr. cit.

A agricultura dispunha de terrenos excellentes. E' certo que a Austria e Hungria tinham rochas nuas, areias errantes, terras salinas, steppes que nada produziam, e pantanos inuteis, que seria possivel conquistar, e que tambem nada produziam. Achava-se em 12 por cento a superficie inculta; e mesmo em alguns valles ferteis dos Carpathos, podia-se caminhar dias inteiros, sem encontrar uma habitação.

Mas tinha tambem grandes extensões de terra negra tão fecundas como o Tchernozion da Russia, provinda, egualmente, da decomposição continua de plantas, durante milhares de seculos [1].

O trigo tinha terras muito appropriadas, taes eram as de alluvião da Hungria e do solo bem cultivado da Moravia e Bohemia.

O centeio encontrava tambem um bom terreno nas regiões frias e elevadas. O milho tinha o seu logar proprio na Hungria, Croacia e Esclavonia. O arroz encontrava nas partes baixas, tantas vezes inundadas, da Hungria e Banato condições excellentes—humidade intensa e estio ardente, como lhe convinha, e segundo o dictado geral, *pés na agua e cabeça ao sol.* O vinho tinha, como tem, na Austria e Hungria as melhores aptidões do solo e do clima; e, porisso, tornou-se uma das maiores riquezas do imperio.

E, de facto, os vinhos da Hungria, entre os quaes o tão afamado vinho Tokay, deviam a sua qualidade ás condições do solo e do clima.

As cepas eram plantadas sobre os terrenos vulcani-

---

1 Vol. V, pag. 447 e 448.

cos, que se desinvolvem na margem direita do Theiss, quer na montanha, quer na planicie; e, durante os mezes ardentes do verão, que caracterisam o clima continental da Hungria, as uvas chegam rapidamente á madureza.

A Transilvania, a Styria, a Dalmacia, o Tyrol meridional, a Carinthia, a Carniola e a Baixa Austria teem por egual terrenos proprios para o vinho, embora inferiormente áquelles outros da Hungria.

O clima do sul era muito conveniente para a cultura da amoreira. A Bohemia, sobretudo, muito propria para cultivação do lupulo. Finalmente, climas e regiões tão diversos, prestavam-se egualmente á abundancia e variedade das fructas.

As pastagens eram abundantes, e o subsolo encerrava thesouros mineraes, tambem muito abundantes.

Desde o meiado do seculo, e, principalmente, desde 1866, tudo mudou. Contribuiram para isso as medidas liberaes promulgadas, em 1848, abolindo as imposições feudaes e as servidões territoriaes: medidas essas que deram grande liberdade á agricultura, e com ella maior amplitude ás terras cultivaveis. E, já em 1857 e 1859, tão sensivel se tornou o progresso, que os cereaes e farinhas deram, pela primeira vez, um excedente do consumo a favor da exportação. E na Hungria, nos ultimos tempos do seculo, os dominios dos nobres foram divididos, e a propriedade dos lavradores foi augmentando, á proporção que augmentou a propriedade media.

A industria, em 1854, foi libertada da servidão do regimen de artes e officios, e, em 1856, adoptou-se uma legislação aduaneira mais favoravel. E tudo isso,

com a entrada da Austria no *Zolverein* de que já fallámos [1], trouxe uma era nova.

Ora, desde então, as relações commerciaes tornaram-se mnito grandes, não só na Europa, mas tambem no Levante, onde algumas das industrias puderam concorrer com as similares estrangeiras. O assucar indigena tornou-se objecto de uma attenção particular. A industria mineira, a metallurgica, a textil e muitas outras alcançaram um grande progresso. E tambem a Austria se lançou com grande actividade no desinvolvimento das suas communicações. E, se a guerra com a Prussia, em 1864 e 1866, causou uma perturbação momentanea, a velocidade economica estava já adquirida, e prestes retomou o seu andamento.

Então, os generos agricolas augmentaram geralmente ainda mais, e em grande quantidade, até o fim do seculo. O assucar indigena, que já attingia 1:900.000 quintaes metricos, continuou crescendo extensamente. Augmentou egualmente a producção da batata, e mais cresceu a producção dos cereaes e das farinhas. A criação dos merinos, introduzida por Maria Thereza [2], tinha sido pouco scientifica até o meiado do seculo, consistindo apenas em migração de bandos enormes de um territorio para outro. Mas a modificação da propriedade agricola, pelas reformas liberaes que ficam mencionadas, fez augmentar as terras aproveitaveis; e, á proporção que as esteppes foram rasgadas, adaptaram-se á criação do gado ovino os processos dos paizes occidentaes.

---

1 Vide capitulo VI.

2 Vide vol. V, pag. 200.

Apesar d'isso, a quantidade do gado ovino, e, portanto, a lã decresceu bastante, pela concorrencia da Australia, como aconteceu por toda a Europa.

A criação do gado equideo foi vivamente animada pelo Governo, na Hungria e Transilvania, dotadas de grandes pastagens, pertencentes a um numero limitado de criadores, que dispunham das melhores raças da Europa. N'essa parte, o imperio era o segundo Estado europeu, porque vinha logo após a Russia.

O gado suino e caprino teve tambem um progresso correspondente.

As florestas é que estavam muito diminuidas em algumas regiões.

Assim, as de Carso, perto de Trieste, foram queimadas e devastadas pelos pastores e dentes das cabras, o que não permittiu que se renovassem. E as tentativas feitas nos ultimos annos do seculo para conseguir essa renovação, ficaram infructiferas, tanto por faltar a terra vegetal que a tempestade e o vento haviam levado, como pela incuria dos aldeões.

As montanhas de Dalmacia, outrora tão arborisadas, estavam quasi nuas. Acontecia a mesma coisa com as planicies da Panonia, tambem outrora muito arborisadas.

Demais, os indigenas do Tyrol, exerciam uma grande industria na fabricação de varios objectos, de pau ou madeira, que expediam para os mercados distantes, como bonecas, brinquedos de crianças e ornamentos de toda a ordem. E essa industria era tão activa que elles destruiram nas montanhas a especie de pinheiros que serviam para esses trabalhos de esculptura, madeira essa que, por isso, já eram obrigados a importar do

estrangeiro com grande despeza. Mas, apesar de tudo isto, as florestas ainda occupavam a quarta parte da Austria e Hungria; e as montanhas da Croacia ainda estavam cheias dos mais bellos exemplares da Europa.

*

* *

A industria mineira era fraca no Tyrol; mas, nas outras provincias, tinha grande importancia.

Em 1854, foi promulgada uma lei liberal acerca das minas, que punha a propriedade d'ellas sob o regimen commum, e as livrava da legislação excepcional; e esse facto deu uma forte impulsão á exploração mineira, e, como consequencia, á industria metallurgica, ao mesmo tempo que favoreceu o desinvolvimento dos caminhos de ferro.

Assim, a extracção da hulha progrediu muito, e, principalmente, nos ultimos 20 annos do seculo. Mas, apesar de tudo, não póde satisfazer ás necessidades do consumo, concorrendo tambem para isso o facto da Bohemia, a grande fornecedora do carvão, occupar uma situação excentrica, longe dos portos do mar.

Os jazigos de ferro eram enormes na Styria e Carinthia; mas, desgraçadamente, essas regiões dos Alpes eram mal providas de combustiveis. Em todo o caso, a fabricação do ferro e as industrias que d'elle se derivam, tomaram um grande incremento.

A fabricação do aço decaiu muito, depois de um desastre financeiro que houve, em 1873; mas, nos ultimos tempos, retomou novo desinvolvimento. A produc-

ção do cobre, chumbo, zinco e dos metaes preciosos é que era pouco activa, e occupava poucos operarios; porque a fundição do ferro e do aço constituiam, por excellencia, as industrias metallicas.

A areia dos cursos de agua da Hungria e as rochas da Transilvania e Bohemia continham ouro e prata. As minas de ouro de Fleurs, perto de Gross Glomekner, que, ainda nos primeiros tempos do seculo, davam dez a quinze kilogrammas de ouro por anno, é que, em 1876, foram definitivamente abandonadas.

Uma das industrias já tradicionaes no paiz, a da vidraria e ceramica, desinvolveu-se tambem muito n'este seculo XIX. Pilsen e Eger, ricas em hulha, tornaram-se os dois centros mais notaveis da vidraria. A Hungria e a Styria vieram em segundo logar. Foi tambem na Bohemia que se estabeleceu a maior parte das fabricas de porcellana em Praga e Carlsbad; e, quanto á faiança, foi principalmente na Hungria.

O imperio era uma das regiões mais ricas de sal gemma e sal marinho. No sal gemma, a Galicia, com as suas minas de Wielicza, tinha até o primeiro logar na Europa.

O petroleo é muito abundante na Galicia; mas a vizinhança da Russia, que é tão rica n'esta materia, e podia importal-o facil e baratamente na Austria e Hungria, pela via do mar Negro e do Danubio, impediu o desinvolvimento da exploração dos poços d'aquella região.

Em compensação, o mercurio, tão abundante na Istria, e que só tinha grande concorrente na Hespanha, representava um enorme valor commercial.

*

* *

O commercio da Austria e Hungria não collocavam estes paizes no logar que elles deviam occupar nos Estados europeus.

O desinvolvimento ainda insufficiente da sua industria, relativamente fallando, a difficuldade de unir n'uma coordenada expansão nacional tantos povos de raças differentes, como já fizemos sentir, os interesses oppostos da Cisleithania e Transleithania, e a insufficiencia de communicações, de que adiante fallaremos, impediram por muito tempo que o trafico progredisse nos termos devidos.

Demais, o fraco desinvolvimento do littoral, possuido pela Austria e Hungria, não permittia que o commercio maritimo tomasse uma importancia egual ao das outras nações. Porisso, as trocas por mar só representavam a quinta parte das trocas por terra, e o movimento da navegação desinvolveu-se lentamente.

A nação tratou de compensar esses inconvenientes, multiplicando as vias de communicação para os portos do Adriatico, por meio do desinvolvimento das vias terrestres. Mas, apesar d'isso, Fiume e Trieste não puderam chamar aos seus territorios as mercadorias allemãs, pela maior despeza dos transportes.

A' primeira vista, parece que o commercio interior devia ser muito consideravel; pois que o imperio se compunha de duas regiões differentes, como já dissemos, uma adiantada na industria, e outra, sobretudo, agricola, entre as quaes regiões, as trocas eram necesarias. Mas, por um lado, o sentimento da solidariedade economica

não era ainda profundo, e o antagonismo das raças restringia as relações que a natureza parecia impor.

Por outro lado, a mão de obra das riquezas agricolas e das riquezas industriaes era insufficiente; e, como já notamos, o systema de vias de communicação era incompleto.

Ainda assim, a cabotagem era muito activa, sendo exercida no Adriatico pelos subditos dalmatas do imperio. Spalato, Zara, Gravosa e Fiume eram os principaes centros d'essa cabotagem.

Quanto ao commercio externo, embora o imperio não dispozesse de colonias, em todo o caso, senhor de uma numerosa marinha, tentou disputar aos grandes povos maritimos do Occidente os mercados do Oriente e do Levante, e pôde conseguir uma grande parte do seu intento. N'este ponto, se houvesse de se apreciar a aptidão maritima da Austria e Hungria, attendendo simplesmente ás qualidades da articulação do seu littoral, devia até suppor-se que o imperio estava entre os paizes mais favorecidos da Europa. Mas as costas da Istria e Dalmacia estavam em relações difficeis com as provincias interiores do imperio, e o Adriatico não era austriaco ou hungaro senão de um modo bem facticio. Apesar d'isso, á força de engenho na construcção das linhas ferreas que occupavam a zona alpestre, o imperio tirou d'esta visinhança do mar todo o partido possivel; e os Istriotas e Dalmatas, que antigamente só viviam da pesca, tornaram-se os corredores de um commercio maritimo activo, a ponto de que o movimento dos portos austriacos, em 1891, excedeu nove milhões de toneladas, tanto de entrada como de saida. O porto de Trieste, séde da potente companhia do

Lloyd austriaco, occupava o primeiro logar. Tinha elle contra si, comparado com Genova e Marselha, o facto dos caminhos de ferro atravessarem montanhas e terem grandes rampas, de modo que os transportes soffriam uma demora relativamente maior; mas estava 200 kilometros mais perto do canal de Suez que Genova, e ainda muito mais que Marselha; e, devido na maior parte á grande navegação d'aquella companhia, o seu movimento era muito activo. As principaes linhas d'essa companhia eram Corfu, Pireu, Constantinopla, Smyrna, Egypto e India.

Dava-se no imperio, sobretudo, depois do meiado do seculo, um phenomeno que é raro nos paizes de pequena industria; e vem a ser que as exportações eram superiores ás importações. Provinha isso de differentes causas.

Em primeiro logar, a fertilidade das regiões agricolas, taes como a Hungria, Galicia e Bohemia compensava largamente a mediocridade dos paizes montanhosos, de modo que a monarquia podia vender cada anno objectos de consumo n'uma somma consideravel.

Em segundo logar, embora a industria não estivesse muito adiantada, attendendo á grande riqueza mineral da Austria, ainda assim, a exportação dos productos manufacturados excedia bastantemente a importação.

A respeito do commercio, vem o ponto dizer que os Tyrolezes faziam a volta ao mundo como cantores e vendedores de tapetes e luvas. Em certas aldeias, que tinham essa especialidade de tráfico tão lucrativo, só ficavam, no inverno, mulheres, crianças e velhos.

Acontecia, porisso, que, sendo essa região do Tyrol tão productiva que não cedia á fecundidade mesmo da Zelandia, a exploração do solo limitava-se a essa agri-

cultura, junta ao cuidado dos pastos. Mas os indigenas sabiam em muitos logares augmentar os seus rendimentos, pela fabricação de varios objectos que expediam para mercados distantes, como bonecas de pau, brinquedos de criança e ornamentos de toda a especie. E essa industria e commercio eram muito activos, como já dissemos.

Os paizes com que a Austria fazia mais commercio, eram, em primeiro logar, com a Allemanha, que lhe pedia mais productos do que vendia. E esta diversidade de trocas explica-se por duas razões.

Por um lado, a Austria e Hungria, ricas em cereaes e gado, contribuiam para alimentar os paizes pobres e muito povoados da Allemanha do sul e do este. E, de facto, a Baviera, a Saxonia e a Prussia pediam-lhe parte das suas subsistencias.

Por outro lado, a Allemanha possuia na fronteira austro-hungara duas das suas mais ricas regiões industriaes, a Silesia e a Saxonia, que forneciam productos que a Austria não fabricava, ou que fabricava em pequena quantidade, por exemplo, tecidos de algodão, lan e seda. E, em abono de tudo isto, a ligação resultante do Zolverein intensificava tambem muito as relações entre os dois paizes.

Mas, a partir de 1884 em diante, verificou-se que as vendas e compras da Allemanha diminuiram, o que se explica pelo maior desinvolvimento industrial da Austria e Hungria.

Vinham depois da Allemanha as Ilhas Britanicas, que importavam no imperio mais objectos manufacturados do que compravam. Seguiam-se a Italia, França, Suecia, Russia, Principados Danubianos; e, fóra da Europa, o Levante, Estados Unidos, Brazil e Egypto.

As importações consistiam, sobretudo, em algodão bruto, algodão fiado, café, pelles, tecidos, tabaco, hulha e maquinas.

As exportações, principalmente, em cereaes, assucar, pau e madeira, artigos de couro, gado, ovos, seda, objectos de vidraria, papel e cerveja.

*

* *

Quanto aos centros economicos principaes, a cidade de Vordenberg era conhecida no mundo commercial pelas suas fundições, em que se empregava o ferro de Erzegerb.

Onnsbruck, a capital do Tyrol, n'uma situação admiravel para o commercio, na planicie dominadora do Inn, era tambem um centro importante de industria e commercio.

Linz era uma das cidades mais populosas e mais commerciaes, e o entreposto necessario do sal de Salzeburgo, da madeira e outros productos da Bohemia.

Vienna, uma das cidades mais importantes da Europa e uma das que augmentou com mais rapidez, era tambem uma das mais sumptuosas e das mais bellas, e a maior cidade industrial e manufactora da Austria e Hungria. Fabricava quasi a decima parte dos productos de todo o imperio. E, entre as suas diversas industrias, distinguia-se a da seda, carruagens, locomotivas, maquinas de toda a especie, pianos e outros instrumentos de musica, compassos e mecanismo de precisão. Os Viennenses tinham tambem singular gosto para os pequenos objectos de arte e de luxo. Eram muito

habeis em abrilhantar os papeis e estofos, tornear o pau e o marfim e imprimir lavores nos couros.

O porto de Trieste era, no seculo XIX, o emporio do Adriatico oriental; e o caminho de ferro que o ligou a Vienna, produziu uma verdadeira revolução no movimento geral do seu tráfico, pois que, por esta via do Adriatico, prolongou-se ella, por assim dizer, até o coração da Europa. Tornou-se o primeiro porto da Austria e Hungria e tambem um dos primeiros do Mediterraneo. A companhia do Lloyd austriaco, uma das sociedades que possuem maior numero de frotas do Mediterraneo, já estava installada ao sul de Trieste, na borda do golfo de Mugia.

Trieste conquistou mesmo sobre Veneza a preponderancia commercial.

Fiume, o porto hungaro, tinha muito menos importancia como porto que Trieste. Como diz E. Reclus, não era o espaço que faltava aos navios, eram os navios que faltavam ao porto; mas tinha muitas fabricas de papelaria, imagens, descortição de arroz e de amido, fabricação de moveis e outras, e muitos canteiros de construcção.

Buda-Pesth sobresaia, pela grande moagem; e exerceu, alem d'isso, muitas outras industrias.

Cracovia, a antiga capital da Polonia, era muito industrial e commercial.

Praga, a terceira cidade do imperio, era tambem muito industrial e commercial; e não só abundava na fabricação de muitos productos, mas tinha tambem os arredores cheios egualmente de fabricas, e com a dupla vantagem de se acharem perto de um grande centro de consumo, e na proximidade de minas de hulha que lhe forneciam o alimento necessario.

Pilsen era tambem muito industrial e commercial.

Carlsbad, a primeira estação de banhos de toda a Europa, e que, porisso, na estação balnear atrai uma população numerosissima, tinha uma grande industria, especialmente de rendas e porcellanas. Estava rodeada de povoações muito industriaes, e fazia um grande commercio devido tambem áquella população fluctuante.

Kadno, a cidade que occupa o meio da bacia hulheira, possuia os maiores estabelecimentos metallurgicos da região.

Troppeau era tambem muito industrial, e, sobretudo, na fabricação de pannos.

*

* *

Quanto a communicações, o Danubio era a melhor via de navegação; e o imperio fez grandes despezas para reprimir as suas divagações, bem como as mudanças do leito entre Linz e a saida da planicie hungara. Trabalhou mesmo na destruição das Portas de Ferro; e, em 1896, inaugurou uma canalisação, que permitte aos navios fluviaes passar essas portas sem grande trabalho. Mas, em todo o caso, a communicação por essa via tinha os inconvenientes que já expusemos.

Os cursos de agua da zona alpestre são mais fluctuaveis que navegaveis, tal é o caso do Adige, que carregava trens de madeira, com destino á Italia.

O Inn supporta navios a vapor de fraca tiragem na sua zona inferior. Só nos grandes valles longitudinaes, é que circulavam os rios uteis ao tráfico.

Estes valles, sobretudo, os do Drava e os do Sava,

tinham a vantagem de continuar directamente para o Mediterraneo. Mas esses rios ligam-se ao grupo translesthanio na maior parte do seu curso.

A Bohemia é sulcada do norte ao sul por uma grande arteria fluvial, composta do Moldau e do Elba; e graças aos numerosos trabalhos de barragem e de eclusas, pôde assegurar-se a sua navegação, a partir de Leitmeritz, e, alem d'isso, no fim do seculo estava-se estudando o projecto de um canal entre o Elba e o Danubio.

As vias carrossaveis eram consideraveis nas regiões occidentaes do imperio, onde a industria estava mais desinvolvida; mas eram apoucadas nas outras regiões, e, sobretudo, na Hungria.

Os caminhos de ferro começaram em 1837; mas a actividade da construcção só começou em 1860, e, desde 1865 a 1874, houve mesmo uma verdadeira febre de construcções que trouxe até uma grande crise financeira.

Depois, essa febre continuou, de modo que a Austria e Hungria encheram-se de vias ferreas, principalmente, na região bohemia do Nordoeste, Moravia e Silesia.

Quatro vias atravessavam os paizes montanhosos do norte da Hungria e havia muitas outras em differentes regiões [1].

[1] Noel, obr. cit. — Louis Asseline, *Histoire de L'Autriche.* — Daniel Lévy, *L'Autriche-Hongrie: ses constitutions el ses Nationalites.* — E. Reclus, *Nouvelle Geographie Universelle, L'Europe Centrale, L'Autriche.* — Onesine Reclus, *La Terre à Vol d'Oiseau, Le Conte de Medinen, Les Finances d'Autriche.* — Lanier, *L'Europe.* — Bainnier, *Cours de Geographie Commercial d'Europe.* — S. Marsillac, obr. cit. — A. Amman & E. C. Courtan, obr. cit.

CAPITULO VIII

A Suissa

Leve esbôço politico da Suissa. — População. — Superficie. — Situação commercial. — Como a falta de littoral é compensada por outras vantagens. — Como pela sua situação foi neutralisada perpetuamente, em 1816. — Zonas physicas de que se compõe. — Systema orographico e hydrographico, e belleza e variedade de aspectos que d'ahi se derivam. — Como tudo isso provoca a afluencia de estrangeiros e viajantes, e progresso que d'ahi tem resultado. — Clima e vento *feún*. — Riqueza e progresso da Suissa. — Productos, agricultura, industria e commercio. — Centros economicos principaes. — Communicações.

E' a primeira vez que, no decurso d'esta obra, tratamos em separado da Suissa; e, porisso, á imitação do que temos feito com os outros povos, nos volumes antecedentes, começaremos por consignar um leve esbôço da sua historia politica, mesmo desde tempos anteriores, e por dar algumas noções tambem sobre os factores economicos da sua população, situação, aspecto e clima: tanto mais que tudo isso influe, como veremos, no seu movimento industrial e commercial.

Até 1273, a Suissa fazia parte do imperio allemão. Então, Rodolpho de Hapsburgo, descendente de uma familia de Argovia, onde elle governava em nome do imperador Ricardo, foi, por morte d'este, nomeado

imperador, graças á intervenção do papa Gregorio X. Porém, o imperio recaiu n'uma desordem grande, e algumas povoações sentiram a necessidade de se alliarem entre si para a defeza e protecção commum: taes foram as do valle do Uri, as de Schwitz e os montanheses do Vallais, que mais tarde deviam formar parte do cantão de Unterwalden. E a estes cantões foram-se juntando outros mais.

Em 1351, a Austria entrou em guerra com a Suissa, e isso deu em resultado que, em 1352, já havia oito cantões confederados. Em 1353, formou-se a confederação de treze cantões; em 1803, compoz-se ella de dezenove, pela nova constituição dada por Bonaparte, conhecida na historia sob o nome de *Acto de Mediação;* e, em 1815, de vinte e dois, pelo *Pacto Federal*, elaborado pela assemblea de Zurich e acceito pelo congresso de Vienna. E estes cantões foram, então, arredondados com varios territorios da raça franceza, italiana e allemã.

Porisso mesmo, na Suissa fallam-se diversas linguas. A allemã é usada nos negocios geraes da Confederação, e é fallada por 69 por cento da população suissa. Falla-se francez nos cantões de Genebra, Vaud e Soleure. E o italiano é a linguagem do cantão do Tessino e de alguns valles dos Grizões e do Vallais.

A superficie é de 41.182 kilometros. A sua população era no seculo passado de 3 milhões aproximados, composta de Allemães, Francezes, Italianos, Romanhos ou Rhetes ou Rumandos, Ladinos e Judeus.

Quanto á sua situação commercial, não tem littoral. No seculo, XIX de que estamos tractando, só havia na Europa um outro Estado, a Servia, que tambem não tinha littoral.

E, por outro lado, é o paiz mais montanhoso da Europa. E isto equivale, em certo ponto, a uma barreira de transito, apesar de que os proprios Alpes na Suissa não constituem barreira insuperavel entre os paizes do norte e sul; antes são profundamente cortados por valles, que do centro do paiz se dirigem em todos os sentidos, e offerecem um grande numero de passagens, relativamente faceis. Uma d'ellas até presta accesso a uma via ferrea de grande importancia, de que adiante fallaremos, a de S. Gothard.

Estes inconvenientes, porém, estão compensados por differentes vantagens, taes são:

1.ª A Suissa está no centro da Europa, entre paizes muito commerciaes, e communicando facilmente com elles. Partilha até com a França a navegação do lago de Genebra; com a Allemanha, a do lago Constança e a do Rheno; com a Italia, a do lago Maior; e com a Austria tem a communicação do rio Inn.

2.ª Aquelle mesmo facto de ser muito montanhosa e as montanhas serem muito bellas torna a situação economica da Suissa mais importante, pela grande quantidade de viajantes que atrai, e porque esta situação montanhosa dá-lhe muito bellas paysagens, lagos, geleiras, montes de neve, etc., que são outros tantos chamarizes de estrangeiros.

3.ª A sua situação central dá-lhe tambem grande importancia militar, embora em desproporção com a força do seu exercito e pequenez do seu territorio. Como já disse um escriptor notavel, a potencia que se apoderasse da Suissa, poderia fazer desembarcar á vontade os seus exercitos no theatro das operações, ou pelo Rhodano, ou pelo Saona, Pó e Danubio. De

Genebra, poderia marchar sobre Lyão. De Bale, poderia descer ao valle de Saona, passando por Belfort. De Constança, poderia lançar-se sobre o Danubio. A Italia podia ser invadida nas suas linhas de defeza contra a França. E a Austria poderia ser tomada.

Foi exactamente por esta situação particular que as nações reunidas no congresso de Vienna de 1815 reconheceram que o interesse geral da Europa exigia que a Suissa fosse declarada em neutralidade permanente; a saber, que não possa ser guerreada nem guerrear senão em legitima defesa [1]; e isto, sob a sancção d'aquellas potencias.

Ora, esta neutralidade permanente, devida a uma tal situação, garantindo uma paz tambem permanente, e abolindo a necessidade de exercitos, pois basta a simples força policial, é mais uma outra vantagem economica d'este paiz.

Quanto ao aspecto, a Suissa divide-se em quatro regiões.

A primeira, ao O., compõe-se do macisso do Jura, que comprehende parte da Suissa occidental. E, na direcção de O. para NO., á altura de 250 a 350 metros, estende-se uma dilatada e ondulosa planicie, que se chama *Hochebene*, e que, principiando no lago de Genebra, vae terminar no Wasser-Scheide, serie de collinas arborisadas, situadas entre o Rheno e o Danubio.

A segunda região, no centro, é uma alta planicie de 250 metros a 400, regada pelo Aaar e seus affluentes, e comprehendida entre o Jura e os Alpes.

[1] Adriano Anthero, *O Direito Internacional*, pag. 367.

A terceira região, a SE., é uma alta terra que sustenta o macisso dos Alpes. Tem a nascente o planalto de Engadine, nas fronteiras do Tyrol.

A quarta, é constituida pelo valle do Tessino, ao sul, que partilha já do clima e natureza da peninsula italiana.

O Jura e os seus montes não excedem a altitude de 1.766 metros. Ainda não ha geleiras ahi, mas ha lagos fundos ou cavernas, onde o sol nunca entra, e que existem cheias de neve.

Nos Alpes, na altitude de 2.600 metros aproximadamente, é que se encontram neves permanentes, e geleiras, que descem muito abaixo d'esta altitude, sendo raras as que teem menos de um miriametro de extensão.

Para se fazer ideia da quantidade de gêlo que contem uma só das grandes geleiras, basta saber que as ha de 366 metros de espessura, cobrindo 20 kilometros de extensão. O numero das grandes e pequenas geleiras anda por 600, e a superficie que ellas occupam, está calculada em 209.609 hectares.

Já este espectaculo faz uma paysagem encantadora. Mas, alem d'isso, a belleza dos Alpes, especialmente dos Bernezes, é muito grande.

Quanto ao systema hydrographico, o nó central d'aquelles montes da Suissa é o S. Gothard; e d'ahi ou dos seus arredores saem o Rheno com seus affluentes — o Thur e o Birse; o Rhodano com os d'elle — Arve e Doubs, que se lhe juntam pelo Saona; o Aaar tambem com os seus affluentes — Emen, pequeno Emen, Saane ou Sarina, Thule, Reuss e Linth, que ao sair do lago Zurich, toma o nome de Limmate; o Inn, affluente do Danubio; e o Tessino. Mas só começam a ser navegaveis, no mo-

mento de deixarem a Suissa, o Rheno para o norte, em direcção á Allemanha, o Inn para E., em direcção ao Tyrol, o Rhodano para O., em direcção á França, e o Tessino para o sul, em direcção á Italia.

Os saltos e cachoeiras que os rios formam, constituem tambem uma das bellezas mais pittorescas da Suissa.

Os lagos representam o mais formoso ornamento d'este paiz; e os dois maiores, são alimentados tambem pelos dois maiores rios que nascem nos Alpes. Assim o Rheno mergulha no lago de Constança, e o Rhodano no de Leman ou de Genebra.

Deve, alem d'estes lagos, notar-se o de Wallenstatt, o de Zurich, o Zug, o dos Quatro Cantões ou Lucerna, o Maior, tambem suisso em parte, o Neuchatel e o Brienne; e ainda o Brienze e o Thun, ligados pelo Aaar, o Morat ao pé do Neuchatel, e o Lugano, no Tessino.

A Suissa possue differentes canaes. Os mais importantes são os dois de Linth, a saber: um de 5 kilometros, indo de Mollis ao lago Wallenstatt, e o outro de 16 kilometros e meio, indo do lago Wallenstatt ao de Zurich; estando ambos elles, em todo o seu percurso, encerrados em diques de 2 metros e meio, e servindo para drenar todos os terrenos pantanosos da planicie que se estende entre Wesen e o lago Zurich; o canal do Aaar, entre o lago de Thun e a cidade de Berne; os canaes que communicam o lago Morat (Friburgo) com o lago Neuchatel, este com o lago Bienne, e este ultimo com o Aaar; e o canal de Entre Rochas, destinado a reunir o lago de Neuchatel e o de Genebra.

*

* *

O clima é geralmente são. A distancia egual do polo e do equador deveria tornal-o muito doce. A elevação, porém, do solo, diminui a vantagem da situação. Reina um inverno perpetuo no cume dos Alpes, e todo o alto paiz é coberto de neves, desde outubro a maio. Ainda assim, em muitos valles, goza-se de uma temperatura muito mais doce; e tanto que lá se cultivam tabaco, figueiras, oliveiras e vinho. E os valles do Tessino, que estão expostos ao sul, teem uma temperatura, ainda mais amena que a da Suissa situada ao norte.

Ha o foehn *(feún)* ou vento do sul, que é uma corrente de ar quente, que vem do Saharà, e que, depois de ter assollado com o nome de *simun* a Africa do norte, e com o nome de *sirocco* a Italia, chega aos Alpes. Na primavera, o feún eleva a temperatura a 30 e 35°, derrete as neves dos pastos alpestres, e torna a sua exploração facil.

Sem o feún, dizem os habitantes dos Grizões: *nem o bom Deus nem o sol d'ouro podem nada.*

Mas este vento, quasi sempre tão util, é tambem terrivel, quando sopra em tormenta. Desgraçada da embarcação que se exposer, então, na superficie dos lagos a toda a sua furia. N'essa occasião, qualquer lago, fervendo, assemelha-se a uma grande cratera, cheia de fumo; e na terra, a sua violencia é tão grande que os camponezes não podem accender lume nas cabanas, emquanto elle dominar a região.

O clima é tão irregular que, no mesmo dia, se experimentam os calores insuportaveis da Hespanha meridional e o frio glacial da Laponia, a ponto de que, em muitos logares, sobe a mais 31°, e, n'outros, desce a menos 31°.

As chuvas são muito desegualmente distribuidas. As variações da temperatura são subitas, as trovoadas frequentes e fortes, e, muitas vezes, acompanhadas até de saraiva. Outr'ora, eram tambem muito frequentes n'este paiz os tremores de terra.

*

* *

A Suissa, no seculo XIX, era, como hoje, muito pobre em productos mineraes.

Tinha apenas alguma hulha nos cantões de Zug, S. Gall e Lucerna; alguma antracite e linhite em Valais; e algumas minas de ferro no Jura e nos Grizões.

Era, porém, como ainda é, muito abundante em pedras de toda a especie — granito, porphido, marmore, alabastro, ardosia, pedra mó e gesso. Tinha grande abundancia de sal nos cantões de Argovia e e Vaud, cujas salinas representavam um artigo de forte exploração. E havia asphalto no cantão de Neuchatel, que era objecto de um tráfico importante. As aguas mineraes constituiam, como actualmente acontece, uma das grandes riquezas d'esse paiz, pela attracção de muitos estrangeiros; e, entre ellas, as de Louèche, no Valais, S. Maritz e Ragatz, em S. Gall, Vex, no Vaud, e Baden, na Argovia, tinham uma voga prodigiosa.

*

* *

Quanto aos productos vegetaes, o solo suisso divide-se em cinco zonas, sob o aspecto da flora.

A primeira zona vai até 550 metros de altitude. Prosperam ahi a vinha, a amoreira, e o castanheiro.

A segunda zona vai de 550 metros até 850. Ha campos de trigo, bosques de carvalhos, nogueiras e arvores de fructa. Esta zona é muito abundante em prados.

A terceira zona vai até 1.300 metros, ou mesmo 1.800. E' a zona chamada dos pinheiros. Ha ahi tambem muitos abêtos, platanos, bôrdos e muitos prados.

A quarta zona vai de 1.800 metros a 2.150. E' a região inferior alpestre, onde apenas se encontra herva, tojo, betula e a rosa dos Alpes, e onde é impossivel qualquer cultura. Chega até o limite das neves eternas.

Finalmente, na quinta zona, desde 2.150 metros para cima, ha as neves eternas, e os valles, com raras excepções, transformados em geleiras. Apenas, em muito poucos logares expostos ao sol, se encontra musgo nas pedras das montanhas [1].

Nas florestas, havia no seculo passado, como ainda ha, faias, laricios, pinheiros mansos e bravos, abêtos, cedros dos Alpes, platanos, nogueiras, carvalhos, castanheiros e betulas.

---

[1] Francis Otwel Adonis e C. D. Cunningham, no admiravel livro *La Confederation Suisse*, dividem-na só em tres zonas: a primeira até 700 metros; a região montanhosa até 1.290; e o districto alpestre até 2.280. D'ahi para cima cessa toda a cultura.

Essas florestas eram muito convenientes, porque garantiam as avalanches e desabamentos. Porisso, o Governo empregou todos os esforços para a sua conservação. Mas, como ellas pertenciam, na maior parte, a particulares, as medidas do Governo não puderam ser tão efficazes, como era mister. E, porisso, as florestas diminuiram muito, desde o principio do seculo XIX, embora, no fim d'elle, ainda cobrissem 70.000 hectares.

Assim, a Suissa não fornecia a madeira precisa para as suas necessidades industriaes. E tanto mais que as florestas davam logar a uma grande industria, a de esculptura, *bijuteria,* objectos de adorno, etc., preparação de *chalets* de madeira, cujos materiaes já fabricados se exportavam para o estrangeiro, onde, depois, eram armados. Precisava, porisso, de pedir madeira aos paizes estrangeiros.

Relativamente aos productos agricolas, a agricultura estava muito desinvolvida, onde ella era possivel, graças ao genio dos habitantes, á instrucção geral e especial, espalhada por toda a parte, e ao estimulo resultante das escolas e estabelecimentos appropriados.

Assim, a instrucção geral era obrigatoria, mas a serio. As escolas eram uma das grandes predilecções dos Suissos. Ricos e pobres as frequentavam, e via-se o rico sentado ao pé do pobre, sem distincção. Não havia d'esses rapazes vagabundos, que não frequentam as aulas.

Encontravam-se em muitas cidades jardins de infancia, onde as crianças eram mandadas, desde que tinham quatro ou cinco annos, e onde começavam a estudar botanica e a formar o atractivo e gosto pelas plantações.

Havia muitas escolas de agricultura. Uma de viticultura em Lausane; uma de jardinagem em Genebra; e escolas de leitaria e queijaria em Lornthal e em Friburgo.

De tempos a tempos, faziam-se conferencias sobre viticultura, horticultura, tratamento de forragens e criação de gado; e havia cursos agricolas em differentes partes do paiz.

E o genio dos habitantes correspondia á iniciativa do Governo e á instrucção geral e especial. Rochedos, outr'ora estereis, foram cobertos de vinhas e pastos. A charrua traçou sulcos na borda de precipicios tão escarpados que custava a conceber como um cavallo ou um boi lá podiam subir.

Comtudo, as terras araveis, raras e mediocres, só chegavam a dar duas setimas partes do que era preciso para a alimentação dos Suissos, embora houvesse alguns cantões que produziam cereaes bastantes para elles.

A colheita constava, sobretudo, de trigo espelta, aveia e centeio, nas terras baixas dos cantões de Vaud, Berne, Argovia e Thurgovia. A do trigo era muito pequena. Cultivava-se milho nos Grizões e S. Gall.

Esta pobreza de cereaes era supprida pela cultura da batata, que constituia uma boa parte da alimentação dos camponezes.

A Suissa, que estava dividida como a França em grande numero de pequenas propriedades, desinvolveu muito a cultura horticola.

Entre as culturas arborescentes, a vinha tinha o primeiro logar. Principalmente, em volta dos lagos, onde a agua adoça o clima, é que havia mais vinho, e, nos

cabeços do lago Genebra e do Neuchatel, é que era cultivado com mais cuidado. O Valais e S. Gall tambem produziam bastante.

Os vinhos de pasto mais celebres eram os do lago Leman ou Genebra e Neuchatel.

Uma grande parte de todos os vinhos da Suissa era transformada em *champagne*, que ia concorrer nos Estados Unidos com o *champagne* francez.

As arvores fruteiras implicavam grande cuidado nos cantões do norte. Havia valles inteiros que se assemelhavam a grandes pomares. Fazia-se tambem vinho de fruta; e preparava-se muita fruta secca; e, no norte, muita cidra e kirch.

Nas culturas industriaes, havia algum tabaco, linho e canhamo. O absintho crescia naturalmente no Jura, e dava logar a uma grande industria da sua bebida. Havia tambem alguma colza, que se aproveitava para azeite.

A maior riqueza da Suissa, estava, porém, no gado.

Os pastos e prados, fóra da alta montanha, eram communs e occupados por muitos rebanhos, que andavam quasi que em liberdade, sob a conducção de um pequeno numero de pastores, durante a bella estação. Desde que as neves se derretiam, os animaes de toda uma região subiam conjunctamente aos Alpes, donde desciam sómente com a apparição das primeiras neves. E os productos do leite e queijo eram partilhados entre os proprietarios, depois da *campanha*. Assim, os rebanhos iam pastando, segundo as estações, nos prados dos valles, e depois nos Alpes.

Havia grande abundancia de gado grosso, principalmente bovino. Os bois pertenciam a duas raças — a

de *Schewitz*, escura, de talho medio, que povoava, sobretudo, as montanhas; e a do *Jura* ou raça de *Abundancia* ou do *Friburgo*, que é malhada e habitava sobretudo os platós, especialmente, nos cantões do Berne e Friburgo.

Os cavallos eram fortes e bons, mesmo para carro. As cabras eram tambem numerosas, e davam um leite excellente.

Havia muitas abelhas no Valais, que produziam mel afamado; e muito sirgo, no Tessino.

A caça, que primeiramente teve grande importancia, diminuiu muito, pela guerra encarniçada, feita aos animaes selvagens. O viado e cabrito montez desappareceram. Restava ainda a camurça, que tendia tambem a extinguir-se; e, já nos ultimos tempos do seculo XIX, sómente se encontrava nos cantões dos Grizões, Appenzell e Valais. Mas, no intuito de obstar á completa extincção d'este animal, o Governo, então, só permittiu a caça d'ella durante trez ou quatro mezes, o que preveniu a destruição completa.

Tambem já raramente se encontrava, desde o meiado do seculo passado, a cabra alpestre e o lobo. Ainda havia, porém, ursos nas florestas do Jura.

Em compensação, os lagos e os rios forneciam aos pescadores um tributo abundante de peixes, trutas, etc. As enguias do Tessino eram objecto de um commercio consideravel, tanto com a Lombardia, como nos cantões vizinhos. Viam-se tambem vagões inteiros de caracoes tomarem o caminho da Italia, no tempo da quaresma.

*

* *

Quanto ás industrias mecanicas, em geral, apesar de faltarem mineraes e hulha, eram muito activas, pelo genio dos habitantes e instrucção geral e especial de que já fallámos; pelas muitas quedas de agua, que forneciam motores naturaes e electricos; pelos pequenos impostos de importação das materias primas, em consequencia da liberdade de commercio, de que adiante fallaremos; pelo baixo preço em que a mão de obra ficava, attenta a simplicidade dos costumes e a falta de luxo; por haver muitas vias de communicação; pela liberdade de trabalho, pois não havia monopolios; pela boa legislação industrial e commercial; pelo grande consumo interno, em vista da aglomeração de estrangeiros e viajantes; e, finalmente, porque a Suissa podia supprir facilmente a falta da hulha e do ferro, importando-os da Allemanha.

O proprio trabalho siderurgico tornou-se importante. As forjas de Liesstal e as officinas Shaffhouse eram afamadas. As fabricas de maquinas e ferramentas de Zurich, Winterthur e Oerlikon contavam-se entre as melhores da Europa. E Aarou era o centro de uma importante fabricação de canhões e cutellarias.

A relojoaria era muito notavel. Datava de 1587, e, no fim do seculo, produzia quasi um milhão e meio de relogios. E dizemos de relogios, porque, relativamente ás caixas de ouro, como a Suissa não possui esse metal, já no seculo XIX, eram principalmente fabricadas nos Estados Unidos.

Na preparação de caixas de musica, Genebra occupava o primeiro logar no mundo. E exercia outras mais industrias importantes, como, por exemplo, a tecelagem.

Havia escolas de relojoaria, em Genebra, Neuchatel, Chaux-de-Fonds, Locle, etc.

Iam muitas máquinas de relogios para os Estados Unidos, onde as caixas, pela abundancia do ouro, ficavam mais baratas, como já fizemos ver. Mas esta exportação foi diminuindo, nos ultimos tempos do seculo XIX, á proporção que os Estados Unidos se foram emancipado d'essa importação, pela sua propria pericia na relojoaria.

Estava muito desinvolvida a ceramica e a faiança. E os centros principaes eram Winterthur e Carouge. Muito desinvolvida tambem a industria de instrumentos de precisão (Genebra) e de instrumentos de precisão (Glaris).

As mais importantes, porém, de todas as industrias eram as de fiação e tecidos, e, sequentemente, a da respectiva tinturaria. Derivavam da tradição, alem das causas que temos apontado. E a principal d'ellas era a do algodão, em que a Suissa rivalisava com a propria Inglaterra e França, e cujos centros principaes eram Berne, Zurich, S. Gall e Appenzell.

A do linho era tambem muito importante. Berne, por exemplo, fabricava até muitas teias adamascadas.

A industria da seda, que datava do seculo XVII, tornou-se considerável com o asilo dado aos calvinistas francezes, pela revogação do edito de Nantes. E tanto se desinvolveu que, no ultimo meiado do seculo XIX, concorria com a seda de Lyon. Os centros principaes eram Bale, Zurich e Gall.

Os trabalhos de lã e canhamo é que não tinham grande valor industrial. Occupavam apenas algum districtos dos cantões de Argovia e Thurgovia. Mas, ainda assim, Bale possuia tambem muitas fabricas de lanificios.

Em 1835, os cantões, afim de facilitarem a fabricação dos tecidos, supprimiram todo o obstaculo ás transacções interiores, estabelecendo a liberdade de commercio, na acepção mais completa. E, assim, apesar das difficuldades de accesso que a sua situação geographica oppunha ao transporte das materias primas, e, apesar da raridade dos capitaes, n'essa epoca, a tecelagem de algodão triunfou plenamente; e as manufacturas produziam especimens, que podiam rivalisar com os melhores da Europa.

Em todo o caso, os inicios foram penosos. Não podendo nos primeiros annos lutar no proprio territorio com os algodões inglezes e francezes, a Suissa esmerou-se em concentrar os seus esforços na fabricação de certas especialidades, em que a proximidade da Italia lhe fazia intervir, tal era a da seda; e chegou a despejal-a em praças distantes do Oriente, Extremo Oriente, India e America. Mas o tempo, a perseverança e o progresso das maquinas, a poz mais tarde em condições de concorrer, mesmo no algodão, com os productos similares dos paizes vizinhos, até no proprio territorio d'elles, e tomar, no ponto de vista industrial, um logar consideravel.

A realisação de reformas liberaes, e a conclusão de tratados de commercio com as grandes potencias do continente, e com os Estados Unidos, desde 1848 a 1868, acabaram por dar á Suissa ainda maior impulsão economica.

E esta impulsão foi encontrar um elemento particularmente poderoso de progresso, na abertura do S. Gothard, que, reduzindo as distancias que separam a Allemanha da Italia, serviu de grande via de penetração e de transito para os productos destinados ao Oriente, e substituiu, n'uma certa medida, para os objectos de valor e para os viajantes, o transito pela via maritima.

Ultimamente, a Suissa, para luctar com a França, tratou de desinvolver as industrias de luxo. E para isso criou muitas escolas e museus.

Tambem uma das industrias mais importantes era a dos hoteis. Havia uma escola profissional de hoteleiros, frequentada por grande número de alumnos, entre os quaes figuravam em grande proporção os filhos dos proprietarios dos 1:593 hoteis do paiz.

Essa escola estava installada no *Hotel de Inglaterra* em Onchy-Lausanne, e funcionava desde 15 de Outubro a 15 de Abril. Admittia alumnos internos e externos. O internato era de 120 francos por mez. O programma dos estudos comprehendia allemão, francez, inglez, arithmetica, caligraphia, geographia, contabilidade, conhecimento dos productos comestiveis, e exercicios praticos, taes como sobre a administração de cozinha, modo de servir á mesa, etc.

Além disso, ententendia-se geralmente que o hoteleiro devia saber muita coisa, e ter conhecimentos muito variados. Por exemplo, devia visitar as adegas, ouvir lições theoricas sobre o tratamento dos vinhos, etc.

Durante o inverno, os alumnos iam por turno servir os jantares de mesa redonda do *Hotel Beau Birage*, e ahi aprendiam a arte difficil, que tanto sangue frio

reclama — a de trinchar, mudar os pratos e talheres sem estrepito, não derramar môlho sobre o fato dos convivas, etc. [1].

E tambem a industria da preparação e ensino de criadas, destinadas a servir na Suissa e no estrangeiro, era importante. Havia até uma escola de serviçaes, que durava alguns mezes.

*

* *

O commercio interno e externo era muito consideravel, devido egualmente ao genio dos habitantes, á sua indole activa e ao systema liberal d'esse commercio; porque não havia direitos protectores, e apenas pequenos impostos fiscais para as despezas dos cantões.

As razões que levaram a Suissa a este systema liberal, eram variadas.

Primeiramente, bloqueiada pela Europa, convinha-lhe adquirir, por meio de uma politica aduaneira liberal, a hulha, os mineraes e os demais objectos necessarios á sua industria.

Em segundo logar, não tendo divida publica, e tendo pequenas despezas orçamentaes, não precisava de muitos impostos.

Em terceiro logar, como os transportes para lá eram por terra, não se tornava tão perigosa a concorrencia dos outros paizes.

---

1 Vide o jornal *A Provincia* de 27 e 30 de Setembro de 1898.

E, finalmente, o preço dos productos era relativamente menor; porque tambem era mais barata a mão de obra, e havia a gratuitidade da força motriz de quedas de agua.

E, além de tudo, os estrangeiros que viajavam ou estacionavam na Suissa, pelo que lá consumiam ou levavam para o seu paiz, constituiam outro elemento poderoso d'esse commercio.

A importação consistia, principalmente, em cereaes e farinhas, algodão, tecidos, seda (materia bruta), animaes, vinhos, hulha, ferro e metaes.

E a exportação, sobretudo, em sedas, algodão, relogios, vinhos, queijo, seda em fio, algodão tambem em fio, animaes, leite, pelles, chapeus de palha, *bijuterias* de madeira, materiaes de *chalet*, absintho, etc.

Os principaes paizes com que fazia o commercio, eram Allemanha, Inglaterra. Austria, Hungria, França, etc. E, fóra da Europa, os Estados Unidos representavam o paiz que mais commercio fazia com a Suissa, em consequencia do grande numero de Suissos que lá estava.

*

* *

Quanto aos principaes centros economicos, Genebra tornou-se uma das cidades mais importantesdo mundo, pela instrucção. As suas escolas, que eram das melhores da Europa, e a sua Universidade, que era frequentada por mais de 500 estudantes, e entre elles 200 estrangeiros, occupavam e occupam um logar muito honroso entre as escolas e as Universidades do universo. E a Universidade tinha até uma collecção de historia

natural muito importante. No seculo XIX, esta cidade dobrou o numero dos seus habitantes; mas perdeu em grande parte duas das principaes industrias, que faziam a sua reputação—a joialheria e relojoaria. E' que a França e os Estados Unidos, que se proviam outr'ora de relogios nas officinas de Genebra, começaram a supprir, de per si, o proprio consumo, pelo menos, em relogios ordinarios; e muitas das fabricas genebrezas ficaram arruinadas.

Apesar d'isso, como cidade industrial e commercial, tinha immensos recursos, e a fabricação de relogios era ainda muito importante.

A vizinhança da França augmentava tambem muito a sua importancia.

Neuchatel e o seu districto, eram, apesar do que deixamos dito, o centro principal da industria de relogios do mundo.

Berne, que occupa uma bella posição commercial entre o valle do Rheno e o do Rhodano, desgraçadamente não é favorecida pelo clima, porque os extremos do calor e frio são maiores ahi que nas outras cidades da Suissa. Em todo o caso, tinha grandes fabricas de vitraes, fornecidas pelos productos das suas vastas pedreiras; e preponderava nas grandes industrias nacionaes, queijos e pannos de linho e de lan.

Bale era a porta commercial da Suissa, do lado da Allemanha, da Alsacia e França do Norte; assim como Genebra, sobre o Rhodano é a porta que se abre á França do Sul. A industria de seda, fitas, productos chymicos e outras mais industrias, alimentavam, como teem alimentado, o seu commercio com o estrangeiro. Era tambem uma das praças da Europa onde o nego-

cio monetario tinha feito afluir mais capitaes; e, como cidade universitaria, possuia grandes thesouros de arte e sciencia e um curioso museu.

Lucerna aproveitou muito com a abertura do tunnel de S. Gothard, que lhe deu uma parte do commercio da Allemanha e da Italia.

Zurich, a cidade mais populosa da Suissa, tinha grande industria de seda, algodão e metaes. As suas maquinas de vapor eram expedidas até para Inglaterra, Estados Unidos e Brazil. Tornava-se tambem muito notavel pelos seus estabelecimentos scientificos.

Depois de Zurich, a principal cidade do cantão era Winterthur. Havia poucas cidades da Europa que, em numero tão pequeno de habitantes, tivessem tanta fabrica de ferramenta industrial, tantos caminhos de ferro e tantas escolas e instituições publicas.

*

* *

A Suissa, no centro do continente, está na passagem de toda a Europa. Mas, por causa do seu relêvo, tem sido difficil estabelecer as communicações.

Antes dos caminhos de ferro, os terrestres representaram um logar muito importante no commercio d'este paiz, e explicavam em grande parte o seu movimento commercial.

Esses caminhos eram:

O do monte de S. Bernardo, ainda do tempo dos Romanos, que unia o Pó ao Rhodano, por uma alta passagem de 2.500 metros de altitude; e o caminho que foi obra de Bonaparte, depois da batalha de Marengo.

O caminho de S. Gothard, o mais frequentado, que junctava os valles do Tessino ao valle do Reuss.

O caminho de Simplon, aberto por Napoleão para approximar Paris de Milão. Corta a crista alpestre a 200 metros, pouco mais ou menos. Este caminho perdeu muito da sua importancia, depois da abertura do S. Gothard.

Havia tambem caminhos carrossaveis pelos collos do Bernardin, do Splugen, da Maloya e do Bernina.

A Suissa começou os caminhos de ferro, em 1846; e, nos ultimos tempos do seculo, possuia já uma grande rede. Assim, communicava já com a Allemanha por 8, com a França por 5, com a Austria por 1, o de Alberg, com a Italia, pelo S. Gothard.

Esse tunel de S. Gothard fez diminuir alguma coisa o transito pela França, e aproveitou, sobretudo, á Allemanha.

No interior podiam distinguir-se as seguintes linhas:

1.° De Bale a Schaffhouse, Constança, Coire ou Alberg;

2.° De Bale a Zurich e a Coire ou Alberg;

3.° De Bale a Berne, Friburgo, Lausanne, Genebra;

4.° De Bale a Neuchatel e Lausanne;

5.° De Bale a Lucerna, S. Gothard e Bellinzona;

6.° De Lausanne a Brigue;

7.° De Neuchatel a Chaux-de-Fonds.

Dos seus rios, o Rheno é navegavel na Suissa. Os outros rios, ou não são navegaveis, ou teem pontos pequenos de navegação.

Os seus lagos são tambem mais proprios para divertimento de turistas que para a navegação, a não serem os de Genebra e Constança.

O de Genebra tem 7 kilometros de comprimento, e 4 a 13 de largura; e os seus portos suissos e francezes, Genebra, Coppert, Ouchy (perto de Lausanne) Vevey, Villeneuve, Bouveret (Suissa) Evian e Thonon (França) são servidos por numerosos vapores.

Acontece a mesma coisa com o de Constança, onde o porto de Romanshorn fazia grande commercio com a Allemanha; e tambem com o de Zurich, Lucerna e Neuchatel.

*

* *

Vê-se, em conclusão, que este paiz, apesar da pequenez do seu territorio e população, tornou-se, já no seculo XIX, um dos principaes da Europa, economicamente fallando, pela sua industria, pelos seus productos naturaes, pela intelligencia com que soube criar no exterior mercados de consumo, sempre crescente, pelo espirito liberal das suas instituições, previdencia liberal da sua legislação aduaneira, e repugnancia que sempre mostrou por toda a protecção official [1].

---

[1] Francis Otwel Adonis e C. D. Cunningham, *La Confederation Suisse.* — Noel, obr. cit. — Conner, *Commercial Géography.* — Marcel Dubois et Kergomard, *Précis de Geographie Economique.* — Delville, obr. cit. — Marcel Dubois, obr. cit. — Richard Cortambert, *Geographie Commercial et Industrielle des Cinq Parties du Monde.* — M. L. Lanier, *L'Europe.* — Bannier, *Cours de Geographie Commercial, L'Europe.* — E. Reclus, *Nouvelle Geographie Universelle. L'Europe Centrale.* — Onesine Reclus, *La Terre à vol d'Oiseau.* — Piolet & Bernard, *Histoire Contemporaine de 1815 A Nos Jours.* — E. C. Courtan, *Le Monde au Siècle XIX.* — Albert Malet, *XVIII Siècle. Revolution, Empire et L'Epoque Contemporaine.*

CAPITULO IX

A Belgica

Ligeiro esbôço politico da Belgica, n'este periodo. — Como, ao contrario do que geralmente succedeu nos outros paizes, ella aproveitou com o governo de Napoleão. — Como o congresso de Vienna de 1814, reunindo no mesmo sceptro a Belgica e Hollanda, deteve o progresso dos Belgas até 1825. — De que modo a Belgica entrou depois n'uma via mais satisfactoria até 1830. — Como posteriormente, pela separação dos dois Estados, ella progrediu enormemente até o fim do seculo. — Productos, agricultura, industria e commercio. — Centros economicos principaes. — Communicações.

A Belgica, em 1714, pelos tratados de Rastadt e de Bale, ficou pertencendo á casa da Austria.

Em 1792, a França, tendo declarado a guerra ao imperador Francisco II, invadiu a Belgica. Em 1795, este paiz estava totalmente conquistado, e, em 1801, foi, juntamente com a Hollanda, declarado possessão franceza, formando, então, nove departamentos. Mas, depois da queda de Napoleão, em 1814, pelo congresso de Vienna, a Belgica, tambem juntamente com as provincias hollandezas, foi erigida em reino, sob o nome de reino dos Paizes Baixos, e dado a Guilherme, principe de Orange-Nassau (Guilherme I). Em 1830, as provincias hollandezas e as provincias belgas separaram-se de

uma fórma violenta, e guerrearam-se encarniçadamente. Depois de longas conferencias, que tiveram logar em Londres, em 1831, e, graças á intervenção da França, a Belgica foi reconhecida como reino independente, sendo a corôa dada a Leopoldo I, principe de Saxe-Coburgo. Comtudo, sómente depois de 1839, após o tratado de paz concluido entre a Hollanda e a Belgica e a partilha de Luxemburgo e Limburgo entre as duas potencias, é que este reino foi definitivamente reconhecido por todos os paizes.

Gozou, então, de paz até o fim do seculo, sob o governo do mesmo Leopoldo I (1831-1865), e de Leopoldo II (1865-1909), que, por virtude do congresso de Berlim de 1884, foi, em 1885, tambem declarado rei do Estado Independente do Congo.

*

* *

Já dissemos que, regra geral, todos os paizes da Europa, durante o periodo da revolução franceza e das guerras napoleonicas, foram mais ou menos prejudicados no seu movimento economico. Mas com a Belgica deu-se o contrario.

E, com effeito, como tambem já dissemos, tanto ella como a Hollanda foram incorporadas por Napoleão no imperio francez. Mas a Belgica, pela sua vizinhança da França e pela affinidade dos habitantes d'estes dois paizes, foi objecto de cuidados especiaes do imperador.

Assim, em 1807, foram inaugurados os trabalhos de canalisação, destinados a estabelecer communicações

mais directas entre os departamentos belgas do norte e Paris, junctando o Escalda ao Oise, trabalhos esses que terminaram em 1810. Foram reorganisadas as camaras de commercio que já existiam; foi augmentado o numero d'ellas com muitas outras; e ainda um decreto lhes ajuntou o estabelecimento de camaras consultivas de manufacturas, fabricas, artes e industrias, nas principaes cidades flamengas.

O porto de Anvers tornou-se egualmente objecto de grandes melhoramentos, que, embora tivessem por intuito principal a marinha de guerra, favoreceram tambem a marinha mercante. E, ao mesmo tempo, cresceu muito o movimento de Ostende.

Alem d'isso, no momento em que os acontecimentos politicos da França desviavam, em geral, da Europa central a corrente mercantil, a Belgica, pelo regimen liberal das suas tarifas, tinha chamado o movimento economico para aquelle porto de Anvers, rejuvenescido e augmentado pelos trabalhos hydraulicos, e que era servido por um rio profundo, como o Escalda, e por numerosos canaes. Mesmo uma grande parte das mercadorias francezas destinadas á exportação tomava o caminho do seu caes, e uma grande região manufactora recebia por elle as suas provisões.

A liberdade dos direitos de entrada sobre as materias alimentares e productos de consumo assegurava ás pessoas uma vida commoda, e aos productos das manufacturas e minas preços tanto mais baratos quanto, pela densidade, sempre crescente, da população, esses productos se offereciam em maior numero.

A agricultura era das mais adiantadas da Europa; e a hulha abundava no subsolo, assim como abundava o

material do ferro e ao alcance d'ella. E tudo isto concorreu, n'esses primeiros quinze annos do seculo, para que progredisse o movimento economico dos Belgas.

O congresso de Vienna de 1814, reunindo no mesmo sceptro a Belgica e Hollanda, deteve essa marcha ascendente, e criaram um certo antagonismo entre os dois paizes, que tinham interesses contradictorios; visto que, estando separados pelas crenças religiosas e pelos costumes politicos, não o estavam menos pelas questões materiaes.

Demais a mais, os Belgas, n'aquelles primeiros quinze annos do seculo XIX, tinham-se aproveitado da sua reunião á França e da protecção dos Francezes, para se lançarem em numerosas emprezas que reclamavam uma protecção aduaneira. Os Hollandezes, pelo contrario, preoccupados quasi exclusivamente dos seus recursos maritimos e coloniaes, inclinavam-se para a reducção dos direitos aduaneiros e para a liberdade commercial.

Ora, em 1814 e 1816, as potencias alliadas deitaram abaixo a legislação aduaneira restricta, e substituiram-na por tarifas muito moderadas, sem darem qualquer satisfação ou compensação ás manufacturas belgas; e, então, ficaram estas sem defeza contra o commercio de Inglaterra, cujos depositos, segundo já vimos [1], regorgitavam de productos manufacturados, que ella não tinha podido despejar nos mercados internacionaes, durante o bloqueio continental.

E o Governo dos Paizes Baixos tratou, então, de

[1] Vide capitulo V.

prodigalisar toda a animação á pesca e navegação, que eram as principaes fontes da riqueza neerlandeza, desprezando a Belgica.

Por tudo isso, Ostende e Anvers decairam rapidamente da sua antiga fortuna. Basta dizer que este segundo porto havia recebido, em 1815, mais de tres mil navios, e só registrou 999, em 1817, e 385, em 1818.

Por toda a parte, o descontentamento tornou-se profundo, a ponto de que, já em 1816, houve scenas violentas em Gand, onde os operarios queimaram todas as mercadorias estrangeiras; e os Estados flamengos reclamaram energicamente mais justiça para os negocios da Belgica, e menos parcialidade para os da Hollanda.

O rei Guilherme tratou de dar satisfação aos Belgas; e, n'esse sentido, em 1822, instituiu uma *Sociedade Geral*, onde os negociantes, que estiveram até então na dependencia do banco de Amsterdam, encontraram grande auxilio. E, dois annos mais tarde, em 1824, um tratado com a Inglaterra admittiu reciprocamente os negociantes dos dois Estados ao commercio das respectivas colonias do archipelago oriental e da ilha de Ceylão.

Em 1825, a Belgica entrou n'uma via mais satisfactoria; porque, apar da *Sociedade Geral*, fundou-se uma outra sociedade importante, sob o nome de *Maatshappy*, que contribuiu tambem grandemente para o augmento das fabricas ou manufacturas e para o movimento maritimo do porto de Anvers. E ainda se constituiram outras vastas associações, que desinvolveram muito a viação e canalisação.

A exploração das hulheiras teve, então, uma organisação regular. Em 1827, emprehendeu-se o canal entre o Mosa e Mosella. Foi aberto á navegação o de Charleroi a Bruxellas. Realisou-se o canal de Gand até o mar; e foram restaurados os de Ypses a Nieuport e de Bruges a l'Ecluse por Damme. E de tal maneira a Belgica progrediu que, em 1830, já podia luctar contra a concorrencia das nações vizinhas.

Foi, então, que se deu a separação dos dois paizes.

Durante os dois annos posteriores, a Belgica teve de soffrer a falta ou deficiencia de alguns mercados, onde já tinha entrado, e cujo monopolio passou para as mãos dos Hollandezes. Mas, porisso mesmo, os Belgas trataram de desinvolver mais as suas relações com os paizes vizinhos, e tambem de melhorar ainda mais o porto de Anvers, que elles consideravam como a couçoeira da sua grandeza economica, bem como de estabelecer um regimen aduaneiro muito liberal. E de tal modo desinvolveram a viação que, em 1845, já a rede das vias ferreas do Estado ligava as principaes cidades, ao mesmo tempo que se diffundia a viação terrestre, e a canalisação e navegação recebiam impulso vigoroso.

Sobreveiu depois a guerra da França com a Allemanha, que não fez parar a ascenção d'esse movimento economico; e, desde então, até ao fim do seculo, o progresso foi enorme. Contribuiu para isso a paz que a Belgica gosou; a velocidade já adquirida; o genio activo e industrioso dos seus habitantes; a larguesa da sua instrucção, espalhada por todas as camadas sociaes, e o desafôgo das finanças publicas. E, alem dos recur-

sos materiaes de que já fallámos, o Congo Belga começou a apresentar-se como um grande recurso para a alimentação do commercio e para escoamento dos productos da metropole.

Pode affirmar-se que, n'esta segunda metade do seculo, nenhum paiz do mundo realisou progressos tão consideraveis.

*

* *

A extracção e abundancia das materias mineraes de que a Belgica é prodiga, constituia a primeira das suas riquezas. Vinha, em primeiro logar, a hulha, que fornece um enorme jazigo de quasi 100 mil hectares, e se desinvolve n'um comprimento de 180 kilometros, com uma largura media de 10 kilometros, entre as hulheiras francezas da bacia valencienna e as explorações da região do Rhur.

Distinguiam-se duas bacias de valor differente. As camadas mais espessas e mais faceis de explorar, e tambem as melhores, estendiam-se na provincia de Namur e no Hainaut. Mons e Charleroi eram os grandes centros de exploração n'esta zona.

A bacia oriental da provincia de Liège, embora desse productos menos estimados e menos abundantes, era tambem objecto de grande exploração.

A producção total do carvão, que, no fim do seculo XIX, se elevava a 21.250:000 toneladas, excedia sensivelmente o consumo.

Os productos metallurgicos quasi que multiplicaram

desde 1845. Todas as forjas, fundições, *ateliers* de construcção mecanica, fabricas de *Cokerille* [1], fabricas de aço de *Angleur*, forjas de *Providence* contribuiam para este augmento; mas á sua frente achava-se a *Sociedad da Vieille Montagne*, cujo nome e importancia cresceram sempre nos ultimos tres quartos do seculo.

Tendo ella nascido de uma concessão dada em 1806, pelo governo francez a um chymico de Liège, o abbade Dory, e sendo reconstituida depois, em 1837, essa sociedade tinha por objecto a exploração das minas de calamina da *Velha Montanha*, antigo paiz de Limburgo e de todas as outras de calamina, blenda, chumbo e hulha que adquirisse, bem como a fabricação de zinco e chumbo, e demais operações que se ligassem á exploração e commercio d'estes mineraes.

Até 1846, a existencia da sociedade era ainda modesta, e as fabricas limitavam-se a satisfazer as exigencias das regiões vizinhas. Mas, desde então, ella tomou enorme incremento, e não tardou a ter um logar preponderante na Belgica. Para se ver isto, basta notar que, em 1837, a producção do zinco era apenas de 229:000 kilogrammas, e, em 1891, excedia 19.418:000 tonelladas.

A Belgica fornecia tambem muito porfido, marmore, ardosia e silex, phosfato, argilla plastica e toda a sorte de pyrites, que serviam para a fabricação do

---

[1] Cokerille foi quem nos principios do seculo XIX introduziu em Vervieres a maquina de fiar a lã, pelo que esta cidade ficou sempre um grande centro de lanificios.

acido sulfurico. Mas as minas mais importantes eram as de ferro.

Esta abundancia de productos mineraes trouxe comsigo um grande desinvolvimento das industrias correspondentes.

O progresso da extracção da hulha foi grande depois do meiado do seculo, embora não pudesse comparar-se com o da Allemanha. As minas de ferro eram, como já notámos, muito abundantes por toda a parte e, sobretudo, no Luxemburgo, Hainaut e provincias de Liège e Namur; mas a extracção só era verdadeiramente activa na vizinhança das hulheiras do Hainaut e Namur. O cobre e o chumbo eram pouco explorados, pela concorrencia das minas do Novo Mundo, e as proprias minas de zinco da *Vieille Montagne,* nos ultimos tempos do seculo, foram egualmente prejudicadas por essa concorrencia do Novo Mundo e de outras mais regiões.

A industria das pedras, marmores, ardosia, grés, gesso, porfido, etc., era muito importante. Mas, sobretudo, a fabricação de maquinas e materiaes de caminhos de ferro, faianças, porcellanas e productos chymicos, era extraordinaria.

A fabrica de *Keramis,* fundada em 1767, produzia faianças finas. A vidraria muito activa em Charleroi, Jumet, Namur e Bruxellas, e ultimamente representada pelo estabelecimento de *Saint Lambert,* um dos mais importantes da Europa, entretinha n'uma cifra muito elevada as necessidades do paiz.

Depois de 1878, foi prohibido o fazer trabalhar nas minas e pedreiras subterraneas rapazes e raparigas que não tivessem attingido 12 e 13 annos.

*

* *

E' sabido que nem todas as partes da Belgica são egualmente ferteis. A Campina, ao norte, tem poucos terrenos proprios para a cultura, porque as grandes florestas e pantanos occupam ahi vastas extensões. O Condoz é arido e frio. As Ardennes, entrecortadas tambem de florestas e pantanos, são pobres de cultura; mas prestam-se muito á criação de gado. Porém, a zona costeira dos polders, pacientemente conquistada ao mar, é de uma fertilidade maravilhosa; e a Flandres e Herbaya, que continuam as planicies baixas do norte da França, são tambem, geralmente, de uma grande riqueza agricola.

Ora, apesar d'aquella ingratidão de uma extensa parte do solo, os terrenos incultos e as landes foram successivamente aproveitados; e a agricultura, sobretudo, desde 1870, adiantou-se de tal modo que, segundo diz Delville, em nenhum outro paiz, mesmo n'aquelles que eram justamente afamados, por exemplo a Lombardia e Inglaterra, o progresso agricola foi mais considerável [1].

Realmente, a Belgica era o paiz mais rico da Europa em terras laboraveis, e occupava tambem o primeiro logar na cultura dos cereaes e farinaceos. As plantas industriaes, beterraba, linho colza e tabaco, no qual a Belgica era tambem o primeiro paiz da Europa, repre-

---

1 Delville, obr. cit.

sentavam uma importancia crescente na economia agricola, sem fazerem mal á producção dos cereaes, graças á exploração dos terrenos vagos e ao accrescimo da cultura intensiva.

Quanto aos vinhedos, recuaram, assim como na França e Allemanha, na direcção do sul, desde que as facilidades de communicações permittiu importar com pequena despesa vinhos dos paizes que os possuiam em quantidades consideraveis e em qualidade superior. Demais a mais, os vinhos belgas não eram agradaveis.

A Belgica era, como a Hollanda, sua vizinha, a terra promettida da horticultura e da jardinagem de luxo. Em nenhum paiz da Europa, os jardins horticolas occupavam uma extensão relativa tão grande; e, alem d'isso, os vastos campos laboraveis podiam ser classificados tambem como jardins. pela maneira da sua cultura e producção. E tal era o gosto da jardinagem que havia innumeras associações floraes.

Os jardineiros belgas não só expediam plantas e flores para Inglaterra, França, Allemanha, Russia e outros paizes da Europa, mas até para o Novo Mundo, e para os proprios paizes donde tinham vindo os originaes.

A Belgica tratava egualmente com cuidado da criação do gado.

Possuia muitos cavallos, ao contrario do que podia suppor-se de um paiz onde o trabalho se fazia á enchada, por causa da grande divisão da propriedade; mas a razão d'isso estava em que elles se tornavam indispensaveis para os trabalhos de transporte e de industria.

As mulas e machos eram pouco numerosos, e ia diminuindo cada vez mais o numero de cabeças de gado ovino, como acontecia, geralmente, na Europa, em vista da concorrencia do Novo Mundo.

*

* *

Já vimos como eram importantes as industrias mineraes e metallurgicas.

Nas industrias derivadas do reino vegetal, sobresaíam a do assucar de beterraba, cerveja, farinhas, massas alimentares, alcool e café de chicoria.

As industrias textis de linho, algodão e lan eram das que mais avultavam. E a de rendas e palha entrançada era tambem muito importante.

*

* *

Basta attender á situação central da Belgica, e que está rodeada de paizes muito commerciaes, prestando-se, porisso, a ser um corredor da passagem de differentes povos, e, ao mesmo tempo, ás communicações naturaes que ella contem, apar das artificiaes de que já fallámos, e tornaremos a fallar, e tudo isso conjugado com a actividade e progresso industrial d'essa nação, e com a superabundancia de algumas matérias primas e de productos fabricados, basta attender, dizemos, para tudo isso, para se ver logo que o commercio d'esse paiz devia ser muito grande.

E accresce que a Belgica foi um dos primeiros Estados que estabeleceu a liberdade commercial nas suas relações com os outros paizes; porque nada tinha a temer, abrindo as suas fronteiras aos productos similares, e nem precisava, porisso, de recorrer á protecção dos direitos pautaes.

Só por excepção, é que ella recorreu a esse expediente pautal; e, então, mesmo com direitos prohibitivos, como quando carregou de taxas muito pesadas, as uvas francezas, para impedir a ruina dos horticultores que se entregavam á cultura artificial d'ellas.

Demais a mais, a mão de obra era muito barata. E tudo isso devia trazer, realmente, como trouxe, grande desinvolvimento commercial.

O seu commercio exterior, no fim do seculo, elevava-se a 3 milhões de milhares de francos por anno. A propria Inglaterra foi relativamente excedida na actividade mercantil por este pequeno povo.

E esse commercio exterior era tambem facilitado pelo Museu Commercial, estabelecido em Bruxellas, onde havia amostras dos productos de exportação e importação e dos empacotamentos e respectivos aprestes. As mesas e direcções d'esse Museu davam todas as instrucções, quanto aos preços nos paizes estrangeiros, cursos de comboios, taxas de alfandega e telegrafos e tarifas de transporte por terra e por agua. E todos os dias era publicado um boletim publico, onde estavam tratadas as questões industriaes e commerciaes.

O commercio interior e de transito, devido á densidade da população, á extensão e facilidade das communicações, ao grande movimento de passageiros e mercadorias, e á moderação de tarifas, era egualmente

importante. E accresce ainda que a abertura do tunel e caminho de ferro de S. Gothard e os grandes trabalhos executados no porto de Anvers atrairam para esta praça e para este paiz as mercadorias da Italia, Suissa, Allemanha occidental e da França septentrional, com destino a Hollanda, e até os productos que a Inglaterra exportava para a Italia, Hungria e paizes do Levante.

As importações comprehendiam cereaes, gados, fructas, generos coloniaes, vinhos, aguardentes, algumas materias primas para a industria, lan, linho e canhamo, seda bruta, madeira e lenha, couros, etc.

A exportação consistia, sobretudo, em hulha e coke, zinco, artigos de ferro trabalhado, maquinas e ferramentas, pedras talhadas e serradas, espelhos e vidraria, tecidos de algodão, de linho e canhamo.

Era com a França que a Belgica fazia o principal commercio, para o que tambem contribuia a vizinhança e affinidade dos dois paizes, e depois com a Hollanda, sua vizinha, que necessitava de muitos productos da Belgica.

Com a Inglaterra e Allemanha as relações eram menores, porque esses paizes tinham muitos productos e industrias analogas.

Fóra da Europa, os Estados Unidos e Brazil e as outras republicas da America do Sul eram as nações com que a Belgica fazia mais commercio; e, desde 1884, com o Congo belga, com o qual, de anno para anno, o tráfico se tornou mais consideravel.

Vê-se assim que, tanto no commercio como na industria, este pequeno povo alcançou na Europa um dos primeiros logares. Mas, em compensação, os Inglezes e Hollandezes é que dominavam o commercio maritimo

da Belgica, porque a sua marinha mercante foi sempre muito reduzida. Ainda no fim do seculo, não passava ella de 62 navios, com a tonelagem total de 84:000 toneladas.

*

* *

Quanto aos centros principaes [1], começando pelo sul, Namur tinha uma industria activa de vidraria e cutellaria, e continha tambem grandes fabricas e estabelecimentos metallurgicos.

Charleroi, graças á sua riqueza em hulha, era muito industrial e commercial, e até muito superior a Namur. Expedia os seus productos para todo o mundo. Constituia um centro de trabalhos metallurgicos, e estava rodeada de outras cidades e de aldeias numerosas, todas tambem muito industriaes.

Ardenne era outra cidade muito industrial, preponderando nas industrias de papelaria, de faianças e de pedra.

Liège, a metropole da Belgica walonesa, era egualmente muito industrial e commercial. A sua principal fabricação consistia nas armas. Em muitos paizes da Europa, e, sobretudo, em França, quasi todas as armas eram de fabricação liegesa, desde 1802. O Estado belga possuia n'essa cidade uma fundição de canhões e armas de guerra; e quasi todos os governos da Europa eram

[1] Sobre os centros principaes na edade moderna, veja-se o volume IV, pag. 583 e seguintes.

clientes d'ella. Um dos maiores estabelecimentos metallurgicos da Europa, e até de todo o mundo, era o de *Seranig*, fundado, em 1817, e comparavel ao de Creusot e á fabrica de Krupp.

Louvain, apesar de muito decaida da grandeza antiga, tinha ainda muitas fabricas importantes, sobretudo, de cervejaria, moagem e amido.

Malines estava tambem muito decaida. Fabricava ainda as rendas afamadas, e trabalhava os couros dourados, que tão espalhados e reputados foram na Europa já no seculo anterior, assim como exercia a industria dos tapetes lá introduzida, e produzia bellos gobelinos. Mas isso não bastava para representar a sua antiga importancia, nem mesmo para constituir um grande centro industrial. As suas ruas estavam desertas.

Bruxellas, alem da importancia que lhe dava o facto de ser a capital do reino, tinha uma grande industria, sobretudo, em objectos de arte e luxo; e a sua numerosa população, junta á dos arredores, bem como a importancia que lhe provinha da sua situação central para o transito, desinvolvia incessantemente o seu commercio.

Mons, outro centro hulheiro, assim como Charleroi, era tambem muito industrial e muito importante.

Estava no mesmo caso Tournay, cuja principal industria era a dos botões e tapetes.

Audernade havia perdido a sua antiga gloria.

Gand era de todas as cidades da Belgica aquella para onde os caminhos de ferro convergiam em maior numero. Tornou-se, porisso, em população, a terceira cidade do reino, engrandecendo de anno para anno; e tomou pela sua industria o primeiro logar. Era tambem uma

cidade das artes. Os principaes estabelecimentos de Gand consistiam na fabricação de linho e algodão. Uma das suas fiações — a de *Lys*, era das mais vastas da Europa. Até póde dizer-se que esta cidade se tornou a Manchester da Belgica. Tinha tambem um grande commercio maritimo; e, alem de tudo isso, possuia uma industria especial na cultura das plantas de adôrno.

Anvers era o terceiro porto do continente. Vinha logo depois de Hamburgo e Marselha [1]. Basta isto para patentear o seu movimento commercial. Quanto á industria, referia-se ella quasi unicamente ás coisas da marinha — carregação, reparação, armação de navios e entretenimento de equipagens, embora houvesse algumas outras industrias, como por exemplo: a refinação de assucar e a dos diamantes, fabricas de azeites, de cimento, telha, saboaria, vellas, biscoitos, cigarros, conservas e estabelecimentos metallurgicos.

Bruges estava muito decaida do que fôra anteriormente.

Ostende, apesar de ser o terceiro porto da Belgica, estava tambem muito decaido, pela concorrencia de Anvers e Flessing.

Propering, perto da fronteira franceza, era uma cidade muito animada, e muito conhecida dos cervejeiros, por causa das suas cervejas e do lupulo.

---

[1] Eng. Prost, no seu livro *La Belgique Agricole Industrielle et Commerciale*, gradua até o porto de Anvers como o primeiro da Europa depois de Londres.

Nieuport estava egualmente muito decaido da sua grandeza antiga, e o seu porto quasi que não tinha senão um pequeno numero de embarcações de pesca, e tambem quasi que não tomava nenhuma parte nas trocas do interior.

*

* *

Com respeito a communicações, um systema de canaes, bem regulado, e de um comprimento de 860 kilometros, ligava todos os rios, de modo que estes canaes e rios, sulcando o paiz em todos os sentidos, tornaram-se um poderoso auxilio para a industria e commercio; e a Belgica tornou-se tambem, porisso, um dos paizes da Europa mais bem acondicionados, quanto a vias navegaveis.

Com relação a caminhos de ferro, em 1834, no pensamento de ligar o Escalda e o Rheno, sem ser pelo canal do Norte, o Governo concebeu o pensamento de constituir uma rede, partindo de Anvers e indo dar á fronteira prussiana, na direcção de Colonia. Em 1835, teve logar a inauguração do primeiro caminho de ferro, estabelecido entre Malines e Bruxellas; e, dez annos mais tarde, em 1845, a rede do Estado ligava as cidades mais importantes da Belgica. E a iniciativa do Estado levou até differentes sociedades particulares a pedirem a construcção de outros caminhos de ferro, de modo que elles se propagaram por toda a parte.

Assim se construiu a rede do Norte, que vai de Bruxellas a Anvers por Malines; a do sul, que vai de Bruxellas entroncar na rede franceza do Norte, confi-

nante com a provincia de Hainaut; a rede do Este, que vai de Malines a Liège e á Prussia rhenana; a do Oeste, de Malines a Ostende, por Gand. E, com as mais linhas intermedias, infinitamente ramificadas, a Belgica, em relação ao numero dos seus habitantes, era, depois da Inglaterra, o paiz mais bem provido n'esse genero. Em 1892, já ella explorava 4:727 kilometros.

Em 1823 foi adoptado, pela primeira vez, o vapor á navegação [1].

[1] Noel, obr. cit. — Piolet & Bernard, *Histoire Contemporaine de 1815 A Nos Jours.* — A. Amman et Courtan, *Le Monde au XIX Siècle.* — Jules Isaac, *Histoire Contemporaine, 1819-1920.* — Albert Mallet, *XVIII Siècle, Revolution, Empire et L'Epoque Contemporaine.* — Eng. Prost, *La Belgique Agricole, Industrielle et Commercial.* — *Patrie Belgique.* — Conner, *Commercial Geography.* — M.elle Ant. Gallet, *Abrége de l'Histoire de la Belgique Commerciale et Industrielle.* — Marcel Dubois et Kergomard, *Précis de Géographie Economique.* — Delville, obr. cit. — Dubois, obr. cit. — Richard Cortambert, *Géographie Commercial et Industrielle de Cinq Parties du Monde.* — M. L. Lanier, *L'Europe.* — Bainier, *Cours de Géographie Commercial, L'Europe.* — Zeferino Brandão, *Belgica.* — E. Reclus, *Nouvelle Géographie Universelle, Europe Central, Belgique.*

CAPITULO X

A Hollanda

Ligeiro esbôço da historia politica da Hollanda n'este periodo. — Como o bloqueio continental prejudicou a Hollanda, não sómente porque ella não encontrou em Napoleão a protecção que a Belgica teve, mas, tambem, pela guerra que a Inglaterra fez á marinha hollandeza. — Como depois que a Belgica foi adjudicada á Hollanda, em 1815, esta explorou a Belgica, e progrediu muito economicamente. — Como, apesar de ter perdido a Belgica, em 1830, continuou a progredir até o fim do seculo. — Productos, agricultura, industria, commercio, marinha. — Centros economicos principaes. — Communicações.

A Hollanda, depois de diversas vicissitudes, foi conquistada pelos Francezes, em 1795. Tomou, então, o nome de *Republica Batava*, e foi dividida em oito departamentos. Esta constituição, porém, durou pouco tempo. Em 1806, a Hollanda foi erigida em reino hollandez em favor de Luiz Bonaparte, e dividida em onze departamentos. Em 1810, foi reunida ao imperio francez, formando tambem differentes departamentos. Em 1815, reunida á Belgica, formou sob o nome de reino dos *Paizes Baixos*, um novo Estado, que foi dado a Guilherme de Orange-Nassau (Guilherme I). Tendo uma revolução violenta separado a Belgica da Hollanda, em 1831, vol-

tou esta a constituir um reino privativo, conservando officialmente, apesar de muito reduzida, o titulo de *Paizes Baixos*

Depois d'isso, gozou sempre de paz, até o fim do seculo, sob o governo do mesmo Guilherme I, que falleceu em 1840, e em seguida, sob Guilherme II (1840-1849), Guilherme III (1869-1890) e Winhelmine Orange, depois de 1890.

*

* *

A Hollanda até 1815 resentiu-se muito das luctas napoleonicas, e, sequentemente, do bloqueio continental; e tanto mais que não encontrou em Napoleão a protecção que a Belgica tinha encontrado, e que a fortuna economica hollandeza, dependia, principalmente, do commercio maritimo [1].

Como já vimos no volume IV desta obra, a industria dos Paizes Baixos estava decadente no fim da edade moderna; e o commercio maritimo é que se conservava ainda n'um estado florescente.

Ora, o bloqueio continental affectou principalmente esse commercio, pela guerra que a Inglaterra fazia aos navios dos paizes que n'elle haviam entrado, e, sobretudo, aos paizes dominados pela França. E, por isso, a Hollanda, que tinha, então, uma industria apoucada, e vivia principalmente do seu commercio maritimo e do

---

1 *A Historia Economica*, vol. IV, pag. 519.

seu movimento colonial, necessariamente devia ser muito prejudicada, como foi, pela interdicção dos mares.

Em 1815, porém, foi-lhe adjudicada a Belgica, pelo congresso de Vienna; e o governo hollandez explorou esse paiz em proveito proprio, como já vimos. E então, o augmento do territorio que lhe proveiu d'essa adjudicação, os recursos naturaes que a Belgica possuia, e os effeitos d'aquella exploração, contribuiram muito para o progresso economico da Hollanda.

Em 1830, separaram-se de novo os dois Estados, e a Belgica constituiu-se independente. Mas, apesar do enfraquecimento do territorio que d'ahi resultou, e apesar de ter diminuido a influencia commercial que a Hollanda tivera na epoca moderna, ainda assim, conservou internacionalmente uma grande importancia mercantil, devido á actividade da sua população, á sua situação geografica e ao valor das suas colonias.

Com effeito, o seu territorio na Europa ficou reduzido, pelo libertamento da Belgica, a 38:180 kilometros quadrados, e a sua população a 3.400:000 habitantes. Mas o seu dominio colonial nas duas Indias e na costa occidental da Africa era de 1.641:000 kilometros quadrados, tres vezes a superficie da França, e continha uma população de perto de 18 milhões. E isso contribuia em grande parte, para augmentar a sua fortuna, a sua importancia politica, e o seu movimento economico.

Alem d'isto, desde 1830, a Hollanda não deixou de melhorar a sua organisação maritima e as suas communicações; de modo que, embora estivesse sulcada de canaes e rios navegaveis, que lhe permittiam transportar em condições vantajosas tanto os productos nacio-

naes como os demais que os povos estrangeiros n'ella interpunham, dedicou-se com todo o cuidado, não só ao melhoramento d'essas communicações e á construcção de caminhos carroçaveis, mas até á construcção das vias ferreas, que inaugurou, em 1837, e ao augmento da sua marinha mercante.

Demais a mais, a partir de 1835, houve uma mudança notavel na orientação neerlandeza, pela intensificação dos seus esforços em todos os ramos economicos.

Começando pela agricultura, já vimos no volume IV que os Hollandezes eram afamados pelo seu genio agricola, a ponto de serem chamados para os paizes estrangeiros, afim de lá formarem e cultivarem herdades, que eram conhecidas por *hollanderias*, e se tornavam distinctas pelo bom methodo da cultura [1].

Esse genio agricola continuou na edade moderna e nos primeiros tempos do seculo XIX.

Com effeito, a reconquista do solo roubado pelo mar e a transformação dos pantanos em terrenos de cultura foi a obra capital do povo neerlandez.

De 1815 a 1865, no espaço de mar de 45:000 hectares, um territorio egual a um quadrado de 21 kilometros por lado foi retomado ás aguas. E a natureza ajudou os homens, porque as alluviões maritimas, misturadas de myriades de animalculos e de outros detritos, foram elevando, pouco e pouco, as praias vasosas.

Demais, em 1850, havia na Hollanda quasi 9:000 moinhos de vento, que trabalhavam no esgotamento dos

[1] Vol. IV pag. 510.

polders. Milhares d'estes engenhos serviram ultimamente para outros fins industriaes, e para favorecer a cultura. Mas, por meio d'elles, conseguiu-se tambem o aproveitamento de muitos terrenos pantanosos,

A maior empreza de dessecamento foi a do lago ou mar de Haarlen. O accrescimo continuo d'este lago era um dos mais temiveis perigos da Neerlandia, e de modo que, de 1506 a 1860, o augmento medio da sua superficie foi de mais de 66:000 hectares por seculo, ou 440 por anno. Nas tempestades, por mais de uma vez ficou reunido ao Zuiderze, e toda a peninsula do norte hollandez estava ameaçada de ser separada do continente, ou de só lhe ficar ligada pelo pedunculo das dunas.

Em 1840, a Hollanda tentou a obra do dessecamento, diante da qual recuava ha duzentos annos; e, em 1879, estava completamente enchuto e salubrisado o leito do mesmo lago.

Tentou-se egualmente dessecar o Bierbosch e cortar por um enorme dique metade de Zuiderzee, obra já começada nos ultimos tempos do seculo XVIII.

Desde aquella epoca de 1835, por um trabalho persistente e judicioso, em cada anno, os Hollandezes augmentaram em media mil hectares do terreno aproveitavel, arrancando-o ás areias, ás turfeiras e ao mar. Cresceu tambem muito a população, que colonisava o proprio paiz; e, como consequencia, os productos agricolas principaes, batata, aveia, cevada, colza, linho, garança e tabaco, bem como a criação de gado augmentaram tambem grandemente.

No commercio, aconteceu a mesma coisa, em vista da situação geografica e rede de communicações, e,

especialmente, no commercio maritimo, pelo desinvolvimento e augmento da marinha.

E, para mais auxiliar o movimento mercantil, a Hollanda, em 1840, fez um tratado com a França, pelo qual, adoçando as estipulações maritimas em vigor, diminuiu os direitos aduaneiros de muitas mercadorias francezas; e tambem, desde 1850 a 1855, modificou, em relação á Inglaterra, as principaes restricções que vigoravam desde 1832. E tudo isso, com a paz de que a Hollanda gozava e com a liberdade das suas tarifas que atraíam as mercadorias estrangeiras, trouxe-lhe até o fim do seculo tambem um progresso economico enorme.

*

* *

A Hollanda é pouco abundante de productos mineraes. Ha alguns pequenos jazigos hulheiros em Limburgo, que não podiam dar logar a uma exploração profiqua, e, sobretudo, pela vizinhança e concorrencia das admiraveis minas da Belgica e das provincias rhenanas. A turfa, que se retirava do grande numero de jazigos, não suppria a insufficiencia da hulha. Gueldre e Over-Yssel forneciam algumas toneladas de ferro; mas faltavam os outros mineraes.

E, embora as colonias hollandezas compensassem até certo ponto a pobreza mineral da metropole, o transporte dos respectivos productos era demorado e custoso, para que a Hollanda pudesse, n'esse ponto, competir com aquelles outros paizes.

Porisso, é bem de ver que a industria metallurgica da Hollanda devia ser muito restricta.

Havia apenas excepção para a preparação de diamantes e rubins; porque a Hollanda tinha muitos nas suas colonias; não soffria, n'essa parte, a concorrencia dos paizes vizinhos; e tinha tambem a velocidade adquirida, por ser uma das suas mais antigas industrias [1].

*

* *

Quanto á agricultura e respectivos productos, a aptidão agricola da Hollanda era muito grande.

E, de facto, a abundancia de terrenos gordos das alluviões cobrem completamente muitas regiões, e formam por toda a parte, na vizinhança do Rheno e Mosa, largas bandas de uma fertilidade incomparavel; e os depositos d'esses dois grandes rios teem enriquecido os Paizes Baixos, como o Nilo tem feito a fortuna do Egypto.

As regiões completamente, ou quasi completamente alluviaes, são as provincias de Groningue, Frisa e Gueldre. A Hollanda, a Zelandia, Drenth, Over-Yssel e Bravante teem um solo de areias terciarias, muito menos proprio para a agricultura; mas os districtos rhenanos e mosianos quebram, de tempos a tempos, a monotonia d'essas extensões arenosas. A região costeira dos *polders* é tambem de uma grande fecundidade. O Bravante hollandez, porém, tem a sua *campina* innundada e pantanosa; e o Velube, os seus terrenos espinhosos.

[1] *A Historia Economica*, vol. IV, pag. 510 e seg.

Ora, os trabalhos dos hollandezes que, para drenar, estrumar e cultivar os campos, eram, desde a edade media, os melhores que podia haver, continuaram da mesma fórma, n'esta epoca.

Os productos mais abundantes eram as batatas, que occupavam uma boa parte dos campos arenosos; os legumes, que eram objecto de um cuidado meticuloso; as flores e, sobretudo, as tulipas, cujo cuidado e cultura eram tradicionaes [1], e que os Hollandezes levaram a uma grande intensidade scientifica.

As plantas industriaes perderam terreno, desde que a hulha se tornou a arbitra industrial.

A cultura do linho, outr'ora tão importante, decresceu, pela concorrencia da Russia, d'onde era importado mais barato, e tambem pela concorrencia dos povos ricos em hulha que o fabricavam mais em conta. Succedeu a mesma coisa com o canhamo.

As plantações do tabaco prosperaram muito na provincia de Gueldre e Utrecht, tanto por causa do consumo nacional, como pela exportação.

A beterraba não encontrava n'uma latitude tão elevada o calor necessario; e o mesmo acontecia com o lupulo, cuja deficiencia representava uma grande lacuna para um paiz onde a cerveja era a bebida nacional.

A cultura da colza manteve-se em algumas provincias, não obstante o augmento do uso do petroleo [2].

---

1 Vide vol. IV, cap. XIII.

2 Sobre os productos da Hollanda, na edade moderna, veja-se o volume IV, pag. 510 e seguintes.

Mas, apesar do labor e habilidade dos Hollandezes, o espaço que elles foram podendo dedicar á agricultura, os cereaes e plantas industriaes e arborescentes eram restringidos pelo rigor do clima; porque, embora a vizinhança do Oceano modifique profundamente as condições da situação astronomica, e torne mais doce aquelle clima, deve attender-se a que a Hollanda está na latitude de Lavrador, e tem a humidade constante dos seus multiplos canaes e dos seus rios, além do gêlo e neve da sua temperatura.

Effectivamente, o solo pecca por excesso de humidade atmospherica. Vizinho do mar, e baixo e regado por dois grandes rios, recolhe as aguas drenadas n'um vasto dominio hydrografico. E, entretanto que o vento do nordoeste e oeste lhe traz abundantes precipitações, o Rheno ajunta-lhe o contingente das correntes de uma parte dos Alpes e da Allemanha occidental, ao passo que o Mosa as leva das grandes provincias da França e da Belgica. Chuvas e irrigações pluviaes, gêlo e neve, sob um céu onde a evaporação é pouco activa, com uma temperatura media e fria, são, na verdade, circumstancias que prejudicam a capacidade productiva do terreno, e reduzem as condições das terras cultivaveis.

Em compensação, não ha paiz mais favorecido para a vegetação dos prados; e, porisso, a criação do gado era a riqueza preponderante da agricultura. A Hollanda era um dos paizes que, relativamente á sua superficie, possuia mais gado domestico; e algumas das raças distinguiam-se por sua qualidade excellente.

Nas industrias derivadas do reino vegetal, a refinação do assucar de canna, cuja importancia vinha já da

edade moderna [1], continuou activa. Os centros predominantes eram os portos de Amsterdam e Rotterdam, onde vinha dar a materia prima das colonias. A distillação era tambem importante. E a genebra de Sheridam, anteporto de Rotterdam, tinha grande apreço em todo o mundo.

A industria textil, outr'ora muito importante, não pôde n'este periodo, pela falta de hulha, supportar a concorrencia da Inglaterra, Belgica, Allemanha e França. Em todo o caso, mesmo pela abundancia da lan, não occupava logar despiciente.

Apenas a industria de cordame, pela necessidade de alimentar uma marinha poderosa, é que sustentava com vigor a vida das respectivas fabricas.

A industria maritima, essa continuou tendo toda a grandeza dos tempos anteriores; e os canteiros de Saardan, Rotterdam e Amsterdam foram sempre, tambem n'este seculo [2], enormes centros de construcção, embora empregassem as maquinas e materiaes estrangeiros.

Nas industrias derivadas do reino animal, a fabricação da margarina, manteiga e queijos tomou grande incremento, devido tambem ao augmento da industria pecuaria; e a conserva de peixe foi objecto de um consideravel movimento e de uma grande exportação. A pesca foi continuando tambem as tradições gloriosas dos tempos anteriores [3].

---

1 *A Historia Economica*, vol. IV, pag. 517.

2 *A Historia Economica*, vol. IV, pag. 512.

3 *A Historia Economica*, vol. IV, pag. 512.

*

* *

O reino dos Paizes Baixos, mediocre na industria, em consequencia da falta de hulha e da concorrencia dos povos vizinhos, era um dos mais consideraveis Estados commerciaes da Europa.

Era isso devido á abundancia de productos coloniaes, á grande quantidade de productos animaes, mesmo a alguns productos agricolas que mandava para as regiões pobres dos reinos vizinhos; á falta de productos industriaes que obrigava os Hollandezes a trocas frequentes nos paizes estrangeiros; á sua grande marinha mercante, que tornava as importações mais commodas e baratas, e mais lucrativas as relações com os outros povos; á sua situação central e propria para o transito que chamava a passagem das mercadorias; e, finalmente, ao genio activo e educação de marinheiros dos proprios habitantes.

O commercio interior que a multiplicação de vias de comunicação, sobretudo, por agua, tornava facil, era activado por duas causas.

Por um lado, as provincias maritimas, que eram tambem as mais ricas em agricultura — Frisa, Hollanda e Zelandia, e, depois d'ellas, o Bravante occidental, contribuiam para a alimentação das outras provincias, pelo envio de gado e mais generos agricolas e productos de pesca maritima.

Por outro lado, afluiam dos grandes portos para as provincias os generos coloniaes, assucar, café, chá e especies, cujo consumo era importante, bem como os productos industriaes, importados do estrangeiro.

As importações consistiam, principalmente, em artigos alimentares, cereaes, farinhas, hulha, ferro e aço, materias textis, materias primas e productos fabricados.

E a exportação consistia, sobretudo, em materias alimentares para as regiões pobres dos paizes vizinhos, ostras, lan e tecidos de lan, margarina, manteiga, queijo, assucar, legumes, papel, couros, flores e sementes de flores.

Os principaes paizes com os quaes era feito o commercio, vinham a ser a Allemanha, Ilhas Britanicas, Belgica, Indias neerlandezas, Estados Unidos, Russia, França, Suecia e Noruega, Hespanha e Brazil.

*

* *

Quanto aos centros principaes [1], Maestricht, na fronteira meridional, era muito industrial, sobretudo, na fabricação do vidro, louças, papeis, pannos, charutos e bebidas. Só o movimento da navegação do Mosa e canal de Zuid-Willemsvaart, que vai communicar com Bois-le-Duc, era de mais de 17:000 embarcações por anno, excedendo um milhão de toneladas.

Twenthe, na fronteira allemã, era dos maiores centros da Hollanda na fiação do algodão.

Tilburgo tomou, depois do meiado do seculo XIX, uma importancia enorme, como centro principal da fa-

[1] Sobre os centros principaes na edade moderna, veja-se o vol. IV, pag. 521 e seguintes.

bricação de lanificios. Já em 1879, tinha 145 fabricas. A sua população mais que treplicou depois de 1860.

Bois-le-Duc encerrava tambem fabricas de toda a especie.

Breda era egualmente muito industrial.

Middelburgo estava consideravelmente decaida do que foi antigamente.

Flessing é que tinha progredido muito na industria e commercio, e conquistado, pelos seus trabalhos hydraulicos e correspondencia dos caminhos de ferro, uma parte consideravel do transporte de viajantes e mercadorias entre o continente e a Inglaterra.

Nimegue tinha uma importancia, cada vez mais crescente, no commercio internacional da Allemanha com a Hollanda.

Rotterdam, porto enormemente commercial e industrial, tinha sobre Amsterdam a vantagem de se encontrar por meio dos estuarios em communicação mais directa com o mar livre. Importava, sobretudo, generos coloniaes; e, em troca, expedia productos de agricultura local, gados para alimentação de Londres, e, de um modo geral, todas as mercadorias pesadas, que vinham pelos canaes e rios. Mais de 7.000 navios de uma tonelagem excedente a 25 milhões faziam o movimento d'esse porto.

O commercio de Rotterdam com o Congo era tambem muito notavel depois, de 1869. Só uma sociedade neerlandeza possuia quarenta e quatro escriptorios n'essa parte da Africa, e importava azeite de palma, catchu, copal, café, algodão e outros generos.

Delft perdeu a maior parte da sua importancia. Mesmo a fabricação das suas louças já não tinha a importancia antiga.

Em Leyde, apesar de estar tambem decaida, a industria era ainda importante, sobretudo, nos pannos e colchas.

Amsterdam, tres vezes mais povoada que Haya, era a verdadeira capital do reino. A sua industria, abarcando quasi todos os generos, comprehendia principalmente a construcção de navios e refinação do assucar, preparação de cerveja e licores. O seu commercio era enorme.

Haya, a capital da Hollanda, que cedia em população a Amsterdam e Rotterdam, tinha o movimento industrial e commercial proprio de qualquer capital; mas era tambem muito inferior, n'esse ponto, não sómente áquellas duas cidades, mas a outras mais do reino.

*

* *

A Hollanda tinha uma grande facilidade de communicações aquaticas, pelos seus rios e pelos canaes que cortam o paiz em todos os sentidos. Mas essa riqueza de vias navegaveis tornava difficil o estabelecimento das vias terrestres.

Realmente, sendo o seu territorio muito baixo [1] e as inclinações raras e muito pequenas, a agua cobre os caminhos a cada instante, sob a forma de ribeiros, rios, canaes ou pantanos. E' necessario proteger o terreno contra as inundações, e atravessar, por meio de pontes compridas e dispendiosas, as correntes que embara-

---

[1] *A Historia Economica*, vol. III, pag. 100.

çam ou impedem a passagem: o que traz uma grande despeza, não só para os caminhos de ferro, como para as proprias vias carrossaveis.

Demais a mais, o solo é de tal maneira movediço nas provincias costeiras que, por prudencia, se deve renunciar a caminhos de ferro de grande velocidade, cuja trepidação deformaria as vias.

Apesar disso, a Hollanda não podia retrair-se muito tempo á obrigação de construir caminhos de ferro que communicassem com os paizes vizinhos.

Em todo o caso a construcção de vias ferreas começou mais tarde que o desinvolvimento das estradas carrossaveis, o que se explica tambem pela grande commodidade dos transportes por agua, que a Hollanda já possuia.

Ainda em 1838, os Estados Geraes recusaram conceder a concessão de uma linha entre Amsterdam e Arnhem. Só em 1839, é que principiou a construcção do primeiro caminho de ferro, e já então as estradas carrossaveis, feitas e calcetadas a tijolo, haviam tomado um grande desinvolvimento.

Em 1860, a rede dos caminhos de ferro estendia-se a 322 kilometros, construidos e explorados por companhias particulares; e, em 1870, o Estado, por sua vez, contribuia para a criação de novas linhas secundarias, concorrentemente com as companhias livres; e o total das linhas ferreas, attingia, então, 1.255 kilometros, que se elevou quasi ao dobro, em 1880.

Assim, os Hollandezes depressa se desforraram da demora, pela brevidade com que fizeram progredir as vias ferreas.

As duas linhas mais importantes foram as que continuaram de Rotterdam, Amsterdam e Helder até o

caes de Flessingue, e as duas grandes vias allemães que custeiam o Rheno.

Uma outra, mais meridional, poz em relações Colonia e Hersingue por Venlo, Tilburgo, Breda, Bergen e Middelburgo. Um ramal destacou-se de Breda para Rotterdam por Dordecht, e um outro ramal foi formar a continuação da linha allemã da margem direita do Rheno, passando por Yssel, Arnhim e Utrecht, a qual, ramificando-se tambem, ganhou Rotterdam, Haya, Leyde ou seja Amsterdam, Haardem e Helder. E havia ainda as duas linhas transversaes de Anvers e Rotterdam, e de Liège ou Bois-le-Duc, Utrecht e Amsterdam.

Comtudo, a exploração das linhas ferreas da Hollanda era uma das menos fructuosas da Europa, o que se explica facilmente pela concorrencia das vias navegaveis [1].

Essas vias navegaveis eram, realmente, numerosas, e estavam em optimas condições para transportes e passageiros.

Assim, tres grandes rios atravessam a Hollanda, engrossados pelas aguas de numerosos afluentes, e estavam já n'este periodo ligados entre si por um grande numero de canaes. São elles o Rheno, o Escalda e o Mosa.

O Rheno, entrando na Hollanda, divide-se em dois grandes braços. Um d'elles, o Vaal, á esquerda, vai-se junctar ao Mosa no porto de Santo André, e depois em Gorkum; o outro braço ou Rheno inferior, á direita, chama-se Leeck. D'este braço destaca-se o canal Drusus, que em Doesburgo se une ao Yssel. E' o velho Rheno,

---

1 Marcel Dubois et Kergomard, *Prècis de Géographie Economique.*

que passa deante de Utrecht e Leyde, e se engole no mar, ao Norte de Haya e sul de Harlem. Este velho Rheno nem mesmo teria força de tocar no mar, se, em 1806, os Hollandezes lhe não fizessem presente de um canal, que o regularisou, e lhe permittiu chegar lá.

Essa obra é uma das mais bellas da sciencia hydraulica hollandeza.

O Mosa, atravessando a fronteira belga e passando em Maestricht, divide-se tambem em muitos braços, e fórma no territorio hollandez um dedalo de muitas ilhas e canaes.

O Escalda sai tambem do territorio belga, e divide-se egualmente em muitos braços principaes, que, nas suas ramificações, formam as numerosas ilhas da Zelandia.

E, quanto a canaes, nenhum paiz é hoje, e era já no seculo XIX, mais sulcado d'elles do que a Hollanda, e quasi todos navegaveis para navios de grande tonellagem.

Os principaes eram o canal de U ou Imuiden, inaugurado em 1877, que liga Amsterdam com o mar do Norte, de 26 kilometros de comprido, e que termina ao sul da povoação de Wykaant-Zee. Havia e ha o antigo canal do norte, que termina em Helder, pelo qual, até á abertura do novo canal, os navios de maior porte chegavam a Amsterdam, e que tem 80 kilometros de comprimento, 42 metros de largura e 7 de profundidade, e passa por ser o mais bello da Europa. Mas, para evitar as demoras da navegação, pelas quaes o movimento commercial de Rotterdam estava excedendo o de Amsterdam, por este canal já não bastar aos navios de alta capacidade, é que se fez aquelle outro de U, que vai ao mar do Norte, caminhando para oeste. E mais: o canal de Rotterdam a Amsterdam por Delft, Leyde e Harlem; o canal de Zuiderzee ao

Dollar, composto do canal de Arlingen e Groningue e do canal de Winseshosen; o canal de Drenthe, que vai de Groningue junctar o Yssel, por Meppel; o canal de Terneuze a Gand; o canal Guilherme do Sul, que liga Maestricht a Bois-le-Duc, prevenindo uma grande circumvallação do Mosa. E, em 1892, começou a abertura de um outro grande canal, para ligar Amsterdam com o Rheno, tambem proprio para navios de grande lotação.

Ora a Hollanda, ao passo que tratou de desinvolver a viação ferrea, não descuidou o melhoramento d'esses canaes e dos portos.

*

* *

Esta somma de communicações aquaticas e susceptiveis da navegação a vapor, conjugada com o augmento do commercio maritimo e com a importancia das colonias, concorria tambem para o desinvolvimento da marinha mercante que, no fim do seculo XIX, constava de 447 navios de vela e 150 de vapor, sommando tudo 828:000 toneladas [1].

---

[1] Noel, obr. cit. — M. M. Piolet & Bernard, *Histoire Contemporaine de 1815 A Nos Jours.* — Marsillac, *Manuel de Histoire Contemporaine de la Revolution A Nos Jours.* — A. Amman et E. C. Courtan, *Le Monde au XIX Siècle.* — Jules Isaac, *Histoire Contemporaine, 1819-1920.* — Albert Malet, *XVIII Siècle Revolution, Empire et L'Epoque Contemporaine.* — E. Reclus, obr. cit., *Europe du Nordouest.* — Onesine Reclus, *La Terre à vol d'Oiseau.* — Cortambert, obr. cit. — Bainier, obr. cit. — Ramalho Ortigão, *A Hollanda.* — Lanier, obr. cit. — Conner, *Commercial Geography.* — Marcel Dubois et Kergomard, obr. cit.

CAPITULO XI

A Dinamarca

Leve esbôço da historia politica da Dinamarca n'este periodo. — Como ella foi tambem prejudicada pelo bloqueio continental. — Como continuou a ser prejudicada, mesmo depois d'elle, pelas guerras em que andou envolvida até 1866. — Como em seguida progrediu muito. — Productos; deficiencia dos mineraes; em compensação, grande abundancia e grande capacidade do solo nos productos agricolas. — Agricultura, industria, commercio, marinha. — Centros economicos principaes. — Communicações.

No principio do seculo XIX, a Dinamarca foi arrastada na guerra geral. Guardando uma neutralidade agradavel á França, que, pela prohibição do commercio inglez, favorecia os interesses dinamarquezes, teve de sustentar, no mar do Norte e no mar Baltico, uma lucta encarniçada contra os almirantes inglezes Parker e Nelson. As hostilidades só terminaram em 1807, sendo-lhe, então, restituidas as colonias que aquella nação lhe havia tomado. Mas, logo n'esse mesmo anno, viu-se forçada a entrar no bloqueio continental. Porisso, a frota de Inglaterra bloqueiou a ilha de Seeland, incendiou 400 casas da capital, e matou 1:300 pessoas; e, tendo Copenhague capitulado, os vencedores puzeram o arsenal a saque, e levaram 91 vasos da frota dinamarqueza.

Depois, Frederico VI, proclamado rei, por morte de seu pae Christiano VII (1808-1839), alliou-se com Napoleão, e declarou guerra á Suecia; e, tambem por isto, em seguida á batalha de Leipzig, os alliados occuparam o Holstein e Schleswig.

O tratado de Kiel, concluido entre a Inglaterra e Suecia (1814), fez entrar a Dinamarca na colligação europeia; e os tratados de Vienna de 1815 restituiram-lhe o Holstein, e deram-lhe Lauenburgo, mas tiraram-lhe a Noruega, que foi entregue á Suecia.

A Frederico VI succedeu Christiano VIII (1839-1848). E Frederico VII, que succedera a Christiano VIII (1848-1863), substituiu ao regimen parlamentar o systema absoluto, o que fez estalar uma guerra civil.

O tratado de Londres de 1852, garantido por diversas potencias, manteve de novo a unidade e integridade da Dinamarca; mas alterou a ordem da successão do reino, designando como herdeiro presumptivo de Frederico VII, o genro d'elle, Christiano — Holstein-Gluksburgo; e isso trouxe novas perturbações nacionaes, até que, em 1863, uma patente do governo dinamarquez separou o Holstein do Schleswig, e submetteu o primeiro d'esses ducados á constituição commum do reino.

A Frederico VII succedeu, pois, aquelle Christiano IX (1863-1906).

Em 1864, a Prussia, auxiliada pela Austria, tomou o Holstein, Schleswig e Lauenburgo, isto é, um milhão de homens e 19.000 kilometros quadrados; d'onde se derivou, em 1866, a guerra entre aquelles dois Estados [1].

---

[1] Vide capitulo I, pag. 50.

Desde ahi até ao fim do seculo, a Dinamarca gosou de paz e tranquilidade.

Por tudo isto, involvida em tantas guerras, dissidencias e perturbações, mal podia ella progredir economicamente, sem que viesse o estado de paz e de repouso que a deixasse resfolgar. E tanto mais que, segundo vimos no volume V, já no seculo XVIII, se encontrava decadente do seu antigo estado, tão florescente como foi no commercio. Mas, em compensação, desde o meiado do seculo em diante, o movimento economico melhorou consideravelmente, como vamos demonstrar.

*

* *

Quanto aos productos, mesmo quando esta nação comprehendia um ambito maior, tinha pequena capacidade para os mineraes, e poucos podia fornecer, conforme já vimos no volume V. E, reduzida depois em territorio, como ficou desde 1864, apenas tinha digno de menção um modico jazigo de hulha em Bornholm. Porém, em compensação, era um paiz agricola por excellencia, e a agricultura fazia viver directamente tres quartas partes da população, apesar de que o terço do paiz se compunha de landes, pantanos e terras incultas.

O solo arenoso, com uma porção variavel de argilla, prestava-se muito á cultura; nenhuma alteração notavel aggravava o clima, que é muito doce e humido; e, embora a latitude seja mais elevada que a da Hollanda, a temperatura não é tão fria, por estar a Dinamarca

banhada de mares e ser ladeiada de um braço do *gulf-stream*, que desce ao longo das costas de Noruega [1].

Todavia, existia um contraste notavel entre as ilhas, cuja fertilidade é muito grande, e o oeste da Jutlandia ou Jylland, onde a proporção das terras improductivas, turfeiras e landes era muito consideravel.

*

* *

Desde aquella data de 1864, os Dinamarquezes não pouparam esforços para augmentar a capacidade do seu solo e, portanto, os seus productos agricolas.

Para o desinvolvimento da agricultura, contribuiram já as medidas legislativas promulgadas nos ultimos tempos do seculo XVIII, que foram completadas por outras, publicadas no seculo XIX, operando todas ellas uma transformação completa na situação dos lavradores.

Assim, em 1791, permittiu-se a todo o proprietario que tivesse terras indivisas com outro proprietario, o poder dividi-las, acabando com isso o systema de communidade, que então predominava, ao mesmo tempo que se estabeleceram os preceitos tendentes a conjunctar a propriedade extremamente parcellada.

Outra ordenança de 1799 aboliu as corveas, mas essa reforma só teve rigoroso cumprimento desde 1856.

Por outro lado, uma lei de 1788 já tinha abolido tam-

---

[1] Vide capitulo III, pag. 180.

bem o domicilio forçado dos trabalhadores, terminando com isto a servidão da gleba. No meiado do seculo XIX, estabeleceu-se a faculdade de alienar os bens por meio de censo. E ainda houve outras medidas que levantaram a agricultura.

Multiplicaram-se os canaes de drenagem; e, por meio de arroteamentos e desbravamentos, entregou-se ao trabalho humano mais da quinta parte das landes, e adquiriu-se sobre os lagos e pantanos mais de 60:000 hectares. De modo que, nos fins do seculo, só era improductiva uma quinta parte do paiz, e a vegetação florestal tinha cedido extraordinariamente perante a cultura scientifica.

A Dinamarca, vizinha de dois paizes muito bem providos de florestas, não tinha grande interesse em conservar ampla extensão de bosques. Mas, ainda assim, a costa oriental da Jutlandia, das ilhas de Fionia e de Seelandia, ficaram possuindo bastantes florestas de carvalhos, betulas e faias, que eram as essencias mais communs.

Os cereaes occupavam o maior espaço dos terrenos agricolas. A aveia tinha o primeiro logar, por causa do clima e da natureza do solo, e Bornholm e Seelandia eram os seus dominios predilectos; de modo que, n'esta ultima provincia, havia até grandes campinas de aveia, sem solução de continuidade. Mas a cultura scientifica do trigo foi fazendo diminuir essa outra de aveia.

A cevada era tambem cultivada na Seelandia e Laland. O centeio, muito empregado na alimentação, era o recurso da Jutlandia. Havia espalhado por differentes partes bastante sarraceno, e produziam-se muitas batatas.

Entre as plantas industriaes, figuravam na primeira linha a beterraba e o lupulo; e depois, embora em menor importancia, a colza, o linho e o tabaco.

Havia muitas arvores fructeiras, macieiras, pereiras, ameixoeiras, cerejeiras, e muitos productos horticolas e jardineiros. Odense, Fionia e Aarhus, na Jutlandia, tinham até a velha reputação que lhes deram, desde o seculo XVI, os jardineiros frizões estabelecidos lá.

A criação do gado contribuia poderosamente, com a cultura dos cereaes, para a prosperidade da Dinamarca.

Os pastos e os prados, que são alimentados por uma humidade abundante, recordavam os dos hollandezes; e, porisso, a Dinamarca, na quantidade do gado bovino, era, como a Irlanda, relativamente, o paiz mais bem provido da Europa, figurando entre as raças melhores a de Thy, boa leiteira, e a de Jutland, propria para engorda e talho.

Havia muitos cavallos, fortes e grandes, tambem na Jutlandia, e pequenos, mas vigorosos, da raça laalandeza, nas ilhas. A coudelaria real de Fredericksburgo velava pela conservação das raças nacionaes.

Havia muitos carneiros, nos districtos pobres da Jutlandia occidental. Depois da Inglaterra e Hespanha, a Dinamarca era o paiz que relativamente possuia mais carneiros na Europa.

Havia egualmente muitos porcos, nas ricas herdades das ilhas e da Jutlandia oriental [1].

Como os Dinamarquezes foram sempre excellentes

---

[1] Quanto aos productos da Dinamarca na edade moderna, veja-se o volume V, pag. 299 e seguintes.

marinheiros, entregavam-se á pesca; e, da mesma fórma que os seus vizinhos da Noruega, pescavam bacalhaus, arenques, cavallas, rodovalhos, linguados, etc. Os rios davam salmões, trutas e enguias. As ostras dos parques dinamarquezes tinham muito apreço, e eram expedidas em grande quantidade para Hamburgo e Berlim.

Em todo o caso, a pesca não contribuia para a prosperidade geral que havia no paiz, tanto como se poderia suppor, attendendo á extensão das costas e abundancia da vida animal no mar. E' que os habitantes achavam na agricultura um modo de vida mais facil do que na pesca, e não queriam expor-se ao perigo do mar, indo procurar um genero que vendiam por baixo preço. Por outro lado, os jovens do littoral, preferiam engajar-se em viagens de longo curso.

Ainda assim, a pesca estava muito longe de ser uma industria desprezada, sobretudo, ao longo das costas occidentaes, onde a terra não fornecia ao lavrador um rendimento sufficiente, e onde as aguas eram muito ricas em peixe.

*

* *

A Dinamarca não tinha, como ainda não tem, condições industriaes.

Conforme já dissemos, possuia apenas um mediocre jazigo de hulha em Bornholm, e faltavam-lhe mineraes, como a natureza geologica do solo deixava adivinhar. Faltavam-lhe tambem as pedras. Não tinha quedas de agua que supprissem a hulha, como tinha a Suissa. Estava n'uma situação exterior á Europa e excentrica

ás grandes vias. Não possuia rios navegaveis, como, por exemplo, a Hollanda. E os unicos grandes elementos que, n'estas condições desfavoraveis, podiam estimular a industria, eram a riqueza agricola e a actividade maritima. Porisso, tambem, as industrias principaes vinham a ser aproximadamente esses dois ramos, a que se juntavam os misteres domesticos e a fabricação primitiva de objectos necessarios á vida, alimentação e vestuario.

N'estes termos, as industrias mineraes e metallurgicas eram quasi nullas. Ainda assim, havia, sobretudo, em Copenhague e Odense, muitas fundições, fabricas de construcções de maquinas agricolas e bastantes ourivesarias, *bijuterias* e relojoarias.

Em Copenhague, estava tambem estabelecido um grande canteiro naval; e fabricavam-se por toda a parte muitos tijolos que, nas estradas e nas edificações substituiam a pedra. E a argilla dava tambem logar a grande industria de telhas, louça, etc. Jutlandia e Bornholm eram até afamadas n'esse ponto.

A agricultura, como já vimos, estava n'um estado prospero e d'ella viviam directamente tres quartas partes da população. Nos cereaes, o centeio e cevada levaram ainda vantagem sobre a cultura do trigo, mas a cultura ia-se modificando em favor do cereal mais nobre.

Nas industrias derivadas do reino vegetal, é que a Dinamarca sobresaía.

Assim, havia por toda a parte fabricas de distillação, de preparação de assucar, de cerveja, de massas e de artigos alimentares.

Nas industrias derivadas do reino animal, havia tam-

bem muitas fabricas de cortimento e luvas e preparação de pelles, como era proprio d'um paiz tão rico de animaes, e muitas fabricas de conserva de peixe.

Finalmente, nas industrias maritimas, alem da conserva de peixe, fabricavam-se engenhos de toda a ordem para a pesca.

*

* *

O commercio interior era pequeno, porque a riqueza agricola, quasi a unica do paiz, estava repartida por todas as provincias, e, por toda a parte, era mantida a industria rural. No entanto, as fabricas de Copenhague, de Odense e d'outras cidades, expediam os seus productos para as differentes regiões do paiz.

Já não acontecia a mesma coisa com o commercio exterior. N'essa parte, em relação ao numero dos habitantes, a Dinamarca fazia até uma quantidade de trocas mais consideravel que a maior parte das nações da Europa. E, durante dez annos, desde 1866 a 1876, o commercio exterior augmentou quasi metade, sobretudo, na importação, e continuou a progredir consideravelmente d'ahi por diante.

As importações principaes consistiam em artigos de metal, hulha, tecidos, madeira, vinho e aguardente, e mesmo em generos coloniaes; porque, embora as colonias da Dinamarca fossem vastas, comprehendendo 1.940:000 kilometros quadrados, as tres ilhas Santa Cruz, S. Thomaz e S. João, tinham muito pequena importancia, e as solidões geladas da Groenlandia e Islandia não prestavam nenhuma utilidade á metropole.

A Dinamarca importava tambem cereaes. Outr'ora, em vez de os importar, vendia muitos para o estrangeiro. Mas, por um lado, a sua população cresceu mais depressa que a sua producção; e, por outro lado, a agricultura dinamarqueza não pôde luctar contra a dos grandes paizes productores de cereaes, como a Russia e os Estados-Unidos, d'onde vinha o trigo que se consumia a maior na Dinamarca.

A exportação era representada, sobretudo, em gado, manteiga, queijo, peixe, ovos e pelles, alguns productos agricolas, e mesmo alguns cereaes.

A Inglaterra era o paiz que mais commerciava com os Dinamarquezes. Comprava gados e alguns productos agricolas, e vendia hulha, maquinas, tecidos e generos coloniaes; mas, ainda assim, tinha uma grande rival na Allemanha. Vinham em segunda linha, a Suecia, Russia, Hollanda e Belgica.

*

* *

Quanto aos centros principaes [1], Aalberg fazia um commercio muito activo; mas a barra do seu fjord só permitte a entrada ás pequenas embarcações.

A cidade de Skagen constituia o logar de pesca mais importante da Dinamarca. Bacalhaus, pescadas, rodovalhos e linguados eram capturados aos cardumes; e assim, Skagen, com a sua vizinha Frederikshaven eram

---

[1] Relativamente aos centros principaes na edade moderna, veja-se o vol. V, pag. 313 e seguintes.

continuadamente visitadas por navios viveiros, que vinham tomar as carregações de peixe vivo, para o venderem em Copenhague e n'outras cidades dinamarquezas.

Odense, a mais antiga cidade da Dinamarca, era um centro importante de industria e commercio, embora se encontre a certa distancia do mar, e só com elle communique por um canal de pequena profundidade, onde apenas podem entrar navios de cinco metros de calado. Graças, porém, a um caminho de ferro, que atravessava a ilha (Fionia), Odense enriqueceu-se a nascente, pelos portos de embarque de Middelfart e de Strib, no pequeno Belt.

Copenhague só ella encerrava a oitava parte da população do reino. Era uma cidade muito poderosa no commercio e nas industrias, possuindo uma enseada segura e um vasto porto natural. A grande industria de toda a Dinamarca estava concentrada na sua maior parte em Copenhague e nos seus arrabaldes. Fundições, refinações, fiações, fabricas de porcellana e terra-cote, e todas as fabricas onde se preparam armações e provisões de navios, cobriam uma vasta extensão de terreno, na vizinhança do porto e em muitos outros bairros.

Mais de metade do commercio tinha por mercado essa capital; e, ainda que Copenhague só possuisse a quarta parte da frota commercial pertencente á Dinamarca, é certo que mais de metade do negocio do reino se fazia no seu porto.

Esta cidade foi escolhida como séde da Companhia dos Telegrafos do Norte, que possuia perto de 8:000 kilometros de fio, indo da Inglaterra e da França ao

Japão, atravez da Russia e da Siberia, o que tambem augmentava a importancia de Copenhague.

Elsenor ou Helsingor está no ponto da juncção entre os dois mares. Os reis da Dinamarca tinham tido o cuidado de fortificar a situação d'ella, a fim de receberem uma portagem sobre os navios que ali passavam. Ainda no meiado do seculo XIX, todas as nações commerciaes consentiam em pagar esse tributo, e os navios deviam parar sob o canhão de Elsenor. Em 1857, porém, os Estados Unidos recusaram-se a pagar esse direito humilhante; e, então, uma convenção de resgate aboliu definitivamente a portagem, mediante uma somma de 87.345:000 francos, pagavel por dezasseis nações, em proporção do seu commercio [1].

Roskilde, que foi a capital e a cidade mais populosa da Dinamarca, antes de Copenhague, devia naturalmente perder, como perdeu, a sua importancia, desde que as pequenas embarcações, em que navegavam os antigos dinamarquezes, foram substituidas por grandes navios; pois que o seu fjord está obstruido de bancos de areia, e sómente os barcos chatos o podem subir até á cidade.

*

* *

A Dinamarca, sendo, como é, um Estado insular e peninsular, não tinha melhores communicações do que o mar, cujos golfos e estreitos a penetram por toda a

1 Adriano Anthero, *O Direito Internacional*, pag. 211.

parte. Isso, porém, não bastava; e ella empregou tambem assiduos cuidados no desinvolvimento da sua viação, não só para as communicações interiores, como para as communicações exteriores.

Construiu de novo muitos caminhos de rodagem, calcetados a tijolo, e muitos caminhos de ferro, n'um grande desinvolvimento, relativamente á extensão do paiz.

Assim, duas grandes linhas ferreas, ligadas á rede do Sleswig e da Allemanha, iam dar pelo norte, a Frederikshavn, servindo as duas regiões do oeste e este da Jutlandia. Fionia e Laaland eram atravessadas, cada uma, por outra via ferrea. Em Seeland, seis linhas punham Copenhague em communicação com os pontos mais importantes da ilha, e, sobretudo, com os logares mais proximos da Jutlandia, Fionia, Laaland e Bornholm.

A importancia internacional d'estas linhas, embora interrompidas pela travessia dos estreitos, era enorme, porque a rede dinamarqueza constituia um fragmento da linha de Hamburgo a Christiania e a Stokolmo, por Göteborg ou pelo Pequeno Belt, Grande Belt e Sund.

Eram ellas, porisso, principalmente importantes para transportar da Europa continental á Suecia, e *vice-versa*, os viajantes desejosos de evitarem longas travessias. Mas as mercadorias aproveitavam a via mais economica do mar, quando elle estava desimpedido dos gelos.

Com effeito, os estreitos, umas vezes, estão desimpedidos de gelos durante o anno; mas, outras vezes, estão fechados dois ou tres mezes, por lagens de gelo,

bastante fortes, para impedirem a passagem. Sobretudo, a travessia do Grande Belt apresenta muitas difficuldades no inverno, quando os gelos obstruem os estreitos; e então, os barcos empregados no transporte dos passageiros eram carregados em trenós de construcção especial [1].

---

[1] Conner, *Commercial Géography.* — Marcel Dubois, *Précis de Géographie Economique.* — Delville, obr. cit. — Richard Cortambert, *Géographie Commercial et Industrielle des Cinq Parties du Monde.* — M. L. Lanier, *L'Europe.* — Bainier, *Cours de Géographie Commercial, L'Europe.* — E. Reclus, *Nouvelle Géographie Universelle, L'Europe du Nordouest.* — H. Weitamayer, *Le Danemarke.* — A. Geffroy, *Histoire des Etats Scandinaves.*

CAPITULO XII

A SCANDINAVIA

I

A Suecia

Leve esbôço da historia politica da Suecia n'este periodo. — Como a Suecia até 1914 soffreu, da mesma forma que, em geral, todos os paizes da Europa, com o bloqueio continental. — Como, depois de restabelecida a paz, a Suecia progrediu muito, conjunctamente com a Noruega, a que ficou unida. — Como o governo de Bernardotte (Carlos João XIII) contribuiu para isso. — Como este libertou a industria de muitas restricções. — Productos, devastação das florestas, agricultura, mau regimen da propriedade, criação de gado. Industria e commercio. — Centros principaes. — Communicações.

Quando rebentou a revolução franceza, a Noruega estava unida á Dinamarca, e na Suecia reinava Gustavo III, que tinha restabelecido o poder absoluto, e feito uma alliança com os Francezes, que lhe cederam o porto de Gothenburgo ou Göteborg, em troca da ilha de S. Bartholomeu, nas Antilhas.

A revolução franceza, porém, approximou esse monarca do partido dos reis, quando foi assassinado por um chefe da nobreza, que tinha sido privado por elle dos seus privilegios.

Depois d'uma sabia regencia do duque de Sundermania, que tentou fazer entrar a Suecia na neutralidade, o filho de Gustavo III, Gustavo IV (1796-1809), inimigo irreconciliavel de Bonaparte, offereceu aos principes de Bourbon asylo em Kalmar, e entrou em todas as intrigas allemãs contra a França, offerecendo até alguns regimentos aos alliados.

Depois da paz de Tilsit (1807), Napoleão levou a Russia e Dinamarca a invadirem a Suecia; e, então, quando os Russos já estavam a trinta leguas de Stokolmo, os Suecos, indignados, deposeram o rei. O velho duque de Sundermania retomou o poder, sob o nome de Carlos XIII, e salvou a Suecia, apesar de ser obrigado a ceder á Russia a Finlandia, Aland e uma parte da Botnia, pelo tratado de Frederikshavn (1809).

A Dieta elegeu depois rei o marechal francez Bernardotte, principe de Ponte Corvo que, apesar de sua origem nacional, em 1812 e 1813, combateu á frente do exercito sueco os Francezes, em Gross Beeren, Demewitz e Leipzig.

Como premio d'este auxilio, os alliados tiraram a Noruega á Dinamarca, e deram-n'a á Suecia, ficando a constituir com esta uma união pessoal, com o mesmo rei da Suecia e com o mesmo ministro dos negocios estrangeiros [1]. E Bernardotte foi tambem confirmado, na realeza, sob o nome de Carlos João XIV (1812-1844).

Não obstante as difficuldades que a Russia lhe suscitou e a desconfiança dos democratas norueguezes, este rei, nos vinte e seis annos do seu reinado, realisou uteis reformas nas finanças, na administração publica,

[1] Adriano Anthero. *O Direito Internacional*, pag. 367.

na instrucção, no commercio, nas industrias, artes, letras e communicações; de modo que todo o movimento social tomou um grande desinvolvimento.

Succedeu-lhe o filho Oscar I (1844-1859). Desprendido de quaesquer responsabilidades para com as potencias vizinhas, deu á Suecia uma completa independencia politica, rompendo para isso com a propria Russia; e, no interior, continuou as reformas liberaes de seu pae, abolindo as corporações industriaes, emancipando os Judeus, e proclamando a plena liberdade industrial e commercial.

Carlos XV (1859-1872), filho de Oscar I, reformou a antiga Dieta, substituindo um parlamento, composto de duas camaras, á velha divisão do paiz em quatro ordens: clero, nobreza, burguezia e agricultores; alargou os direitos de suffragio; fez regular n'um sentido mais moderno diversas questões economicas e sociaes; e mostrou-se sempre um protector esclarecido das letras, artes e sciencias.

O irmão d'elle, Oscar II (1872-1907), mostrou-se como os predecessores preoccupado, primeiro que tudo, em manter a paz e união dos seus Estados; e desinvolveu tambem sob todas as formas o progresso do seu povo.

*

* *

Durante os primeiros tempos do seculo XIX, a Suecia e Noruega, submettidas como a Dinamarca, ás vicissitudes da enorme lucta que assolava a Europa, soffreram muito com o bloqueio continental; e até

grande numero de navios foi tomado ou embargado pelos Inglezes. Mas, assegurada a paz, os dois Estados scandinavos retomaram o caminho do progresso.

Já o governo de Carlos João XIV (Bernardotte) contribuiu muito para isso, com a sua iniciativa e reformas; e a velocidade adquirida n'esse reinado mais se accentuou depois de 1846.

Até então, apesar d'aquella iniciativa e d'aquellas reformas, o trabalho industrial estava submettido a grandes restricções. As corporações de artes e officios, modeladas pelas associações allemãs, determinavam os misteres de cada operario, e só permittiam o accesso em condições ás vezes draconianas. Em 1846, porém, foi estabelecida a liberdade industrial e commercial, e, ainda depois d'essa data, uma ordem real completou no mesmo sentido as prescripções anteriores.

A consequencia de tudo isto foi augmentar grandemente o numero dos estabelecimentos manufactureiros nos dois reinos da Suecia e Noruega.

Só na Suecia, cresceu elle 25 por cento, sem levar em conta os numerosos pequenos misteres que se exerciam nos domicilios com o concurso da familia; e bem assim os trabalhos das minas, pedreiras e outros estabelecimentos da mesma natureza, e os demais ramos da riqueza nacional, progrediram egualmente.

*

* *

Já vimos no volume V como o solo da Suecia é rico em mineraes. O ferro, que se encontra nos filões das rochas ou nos pantanos e lagos, onde tem sido rolado, e

cujos jazigos estão situados n'uma região limitada, d'um lado, pelo lago Vennern, e, do outro lado, pelo littoral do Gefle e de Stokolmo, é uma das grandes riquezas da Suecia; e de tal qualidade que os paizes industriaes, mesmo os que possuem muito ferro, o procuram com avidez, sobretudo, por ser muito rico em manganez e magnetes para a producção do aço. Alem d'isso havia outras, massas enormes de ferro, que poderiam supprir durante seculos a alimentação de todas as industrias siderurgicas da Europa; mas essas acham-se principalmente na Laponia, em logares de accesso difficil, senão impossivel, e onde falha o combustivel.

Ora, tambem a producção do ferro cresceu de tal modo, desde 1864, que, em 1870, já attingia o dôbro, e alimentava uma grande parte da exportação.

Só as minas da Delacardia e provincias vizinhas forneciam 700:000 a 900:000 toneladas, que serviam para fabricar 350:000 toneladas de metal fundido e reduzido a ferro, o qual era comprado, sobretudo, pelos Inglezes.

A Suecia só possue algumas bacias hulheiras nos arredores de Helsingborg, na Scania, muito insufficientes para a sua industria; porque, se tivesse mais hulha, e mesmo, se as florestas estivessem na vizinhança, immediata dos jazigos mineiros, e tambem, sobretudo, se as industrias de todos os paizes não empregassem processos que lhes permittiam tirar todo o proveito dos seus mineraes inclusivamente de qualidade mediocre, a producção do excellente ferro sueco dobraria facilmente.

Havia muito cobre em Falun, mas a sua exploração não pôde manter-se em concorrencia com os mineraes

do Novo Mundo; e, porisso, nos ultimos tempos do seculo passado, tinha diminuido muito.

A Suecia possue muitas minas de zinco; e uma d'ellas pertencente á sociedade Belga da *Vieille Montagne* [1], estava, como está, na extremidade septentrional do lago Vettern, em Ammeberg, e era, como ainda é, muito importante.

O chumbo, o nickel e a hulha, extraidos n'uma pequena quantidade nos arredores do Sund, e algum oiro, prata e enxofre, contribuiam n'uma parte menor para a riqueza mineral da Suecia. Havia tambem muitas pedreiras de granito, porfido vermelho, marmores, pedras mós; e a exploração de todos esses productos foi egualmente augmentando, e com elles o desinvolvimento progressivo da economia geral.

*

* *

Como productos agricolas, alem dos cereaes, taes como aveia, que era o principal, cevada, centeio, e tambem algum trigo na Scania, a Suecia produzia bastantes legumes e muita batata, que era, no seculo XIX, a cultura por excellencia d'esse paiz.

E, nas plantas industriaes, abundavam o lupulo e a beterraba, que prosperava muito ao sul da Scania, onde crescia, como ainda cresce, com uma rapidez extraordinaria.

---

[1] Vide pag. 344.

O canhamo e tabaco prehenchiam muito pouco terreno, mas o linho era cultivado extremamente.

Quanto a fructas, havia as mesmas que na Europa occidental, especialmente, maçãs, peras e cerejas. A Scania era fertil em damascos e pecegos, e mesmo as uvas amadureciam rasoavelmente nos logares bem expostos. Havia tambem muitas nogueiras.

As florestas que, antes de 1850, cobriam 42,8 por cento da terra firme, alem de 2 milhões de hectares da Laponia, soffreram tão grande exploração e devastamento, em virtude do emprego exclusivo da lenha para o trabalho das minas, que teve de intervir uma legislação especial, afim de prevenir a ruina. Assim, em 1875, os proprietarios das provincias septentrionaes foram obrigados a respeitar, d'ahi por diante, os fustes que tivessem menos de 25 centimetros de espessura e altura de um homem. Na ilha de Gotland, prohibiu-se até completamente a exploração de lenha ou madeira para vender.

*

* *

No ramo animal, a Suecia possuia bastante gado bovino de pequeno talho, cavallos da grande raça da Jutlandia, na parte meridional, e tambem cavallos da raça noruegueza, mais pequena, mas notavel pela sobriedade, vigor e duração.

Havia muitos carneiros, embora em menor numero que na Noruega, e d'uma raça mediocre; cabras, que habitavam as montanhas pobres do oeste, e grande quantidade de porcos, sobretudo, na Delacardia e na

Gothia. O norte da peninsula de Scandinavia tinha como bestas de carga as rennas ou rangifers.

O numero de todos esses animaes foi tambem augmentando successivamente, durante o seculo XIX, e a criação realisou progressos correspondentes aos da agricultura [1].

A todos estes productos, vinham juntar-se os da pesca fluvial e costeira, a dos lagos e a maritima: pescas essas que tinham especies muito variadas. As mais abundantes eram o salmão, o arenque, o bacalhau, as trutas, as pescadas, cavallas e anchovas; e estas especies eram consumidas no respectivo logar, ou salgadas para a exportação. Em todo o caso, n'este genero, a Suecia era muito menos fertil que a Noruega, porque o Baltico é tambem muito menos rico n'esse ponto, que o mar do Norte.

Tem de se accrescentar ainda a pesca no mar Glacial, das phocas, morsas, tubarões e lagostas.

A dos arenques foi outr'ora importantissima, como já dissemos no V volume [2]. Desappareceram elles das costas suecas; voltaram alguns annos depois; e desappareceram de novo, para reapparecerem em 1740, tornando a vir em 1805, para tornarem a desapparecer ainda em grande quantidade; acrescendo que a emigração era sempre muito incerta e muito frequente. Assim, esta pesca do arenque foi muito abandonada. A exportação, que, antes d'isso, era de 300:000 toneladas, desceu logo a 2:000; e ainda os arenques do mar Baltico davam um certo contingente para ella.

---

1 Sobre os productos na edade moderna, veja-se o vol. V, pag. 356 e seguintes.

2 Veja-se *A Historia Economica*, vol. V, pag. 358.

*
* *

A agricultura na Scandinavia, já muito em progresso, no primeiro quartel do seculo XIX, viu abrir-se diante d'ella uma longa perspectiva de melhoramentos, graças á extensão consideravel de terrenos improductivos que podiam ser aproveitados. E' certo que a maior parte da peninsula é impropria para a charrua. Lagos, pantanos, rochedos, montes de pedra, neves e geleiras, cobrem grandes espaços; e, nas regiões septentrionaes, a rudeza do clima nem mesmo consente a permanencia dos lavradores no trabalho, a não ser em alguns logares bem abrigados, onde, ainda assim, os abrolhos e cardos crescem expontaneamente. Mas a Suecia, sobretudo, depois de 1830, fez grandes esforços para dominar os obstaculos que a natureza e o clima lhe oppunham.

Em 1835, n'uma população de 2.871:000 habitantes, contavam-se 2.067:000 trabalhadores ruraes, e, alem d'isso, um numero consideravel de proprietarios cultivadores, pertencentes a outras classes.

A cultura, propriamente dita, só cobria uma decima parte do solo, diminuindo gradualmente do sul para o norte, desde a provincia de Malmö, onde occupava quasi dois terços do territorio, até ás solidões da Laponia, onde alguns pequenos campos nas clareiras das mattas eram as simples conquistas da lavoira. Mas o augmento das culturas novas na peninsula foi, desde então, de 40:000 hectares por anno, conquistados directamente ás aguas, pantanos e lagos. Desde 1841-1876,

o Governo contribuiu para o enxugamento de 198:000 hectares; e, alem d'isso, vastos espaços foram conquistados pelos particulares, sem intervenção do Estado. Ainda assim, no fim do seculo, o terreno aproveitavel, não fazendo conta das pequenas parcellas situadas nas cidades, que serviam apenas para a cultura dos legumes e flores, em volta das habitações, os dominios cultivaveis eram só de 300:000 hectares.

A agricultura primitiva do paiz não conhecia outro methodo senão o das queimas. Incendiava-se uma parte das florestas ou das turfeiras, e a semente que se queria semear, era lançada nas cinzas. Em alguns dos districtos do interior, este methodo rudimentar dos antigos Lapões, era ainda usado nos fins do seculo XIX; mas, apesar d'isso, no geral do paiz, a agricultura sueca tornou-se uma d'aquellas que se distinguia por uma boa rotação de afolhamentos, applicação dos adubos, applicação judiciosa de maquinas e melhoramentos regulares. E a Suecia, que, no seculo XVIII, importava cereaes estrangeiros, já no ultimo quartel do seculo XIX, produzia o sufficiente para a sua alimentação e commercio, e tambem para alimentação dos animaes e fabricação da aguardente; e ainda exportava quantidades consideraveis, embora importasse tambem em menos proporção, farinha de centeio e cevada.

Em geral, na Scandinavia, e, porisso, tambem na Suecia, os pequenos proprietarios formavam uma grande proporção dos habitantes dos campos, e a maior parte dos rendeiros cultivavam os seus dominios temporarios, sob a garantia de costumes tradicionaes, que lhes davam uma real independencia. Os lavradores não tinham sido

servos, como na maior parte da Europa, e conservavam o costume de adquirir para si mesmos a sua habitação e algumas terras.

O regimen da propriedade é que era mau; porque, ainda nos fins do seculo XIX, os dominios communs constituiam uma grande quantidade em toda a peninsula. Os terrenos incultos, os pastos da montanha e das florestas pertenciam, na maior parte, em communidade, a uma paroquia e até a mais do que uma. E, em differentes logares, também a antiga propriedade collectiva foi substituida pela distribuição regular das terras entre diversos communistas, durante certo numero de annos, passando cada quinhão successivamente para os respectivos societarios.

Até aos ultimos tempos do seculo XIX, dava-se tambem uma excessiva fragmentação nas florestas, de modo que, ás vezes, o solo pertencia a um ou mais proprietarios, as arvores a outro ou outros; e mesmo uma especie de arvores a um, e outra especie a proprietario ou proprietarios differentes. Mas essa anomalia foi remediada por uma lei dos ultimos tempos.

E tambem, desde 1827, uma lei, que depois foi copiada na Allemanha e na Austria, permittiu aos proprietarios das pequenas parcellas reclamarem uma nova distribuição do solo, pelo agrupamento dos pedaços dispersos. O dominio melhorou muito depois d'isso, em favor da agricultura, não obstante subsistir ainda um grande parcellamento da propriedade.

Apesar da devastação das florestas, ainda assim, era enorme a importancia d'ellas, na economia rural da Scandinavia, e mesmo na industria e commercio.

A exportação da madeira representava a metade

das vendas totaes; e mais de 500 serrarias, que recebiam a força motriz das quedas de agua, preparavam muitos productos florestaes, como taboas, traves, travessas, esteios para as minas, peças montadas, portas, janellas, toneis, pipas, moveis, grandes navios de vela, barcos de pesca, casas transportaveis, *parquets*, armarios grosseiros, cofres e diversos objectos de marcenaria. E muitos d'esses artigos, especialmente as traves, taboas e travessas de minas, eram expedidos do golfo de Botnia e de Gothenburgo para o Brazil, Cabo de Boa Esperança, Australia e até para a Nova Guiné; e, mais de metade das exportações se dirigiam tambem para a Inglaterra.

E havia ainda uma industria importante nas regiões florestais do norte — a fabricação do papel de embalagem, por meio da massa de madeira; e fabricavam-se tambem lá muitos fosforos chymicos e de pau.

*

* *

As outras industrias, em geral, luctavam com a falta de hulha; e, alem disso, como adiante mostraremos, as communicações eram muito insufficientes, e tanto mais que as vias navegaveis só estão livres, perto de 7 mezes no anno.

Como acontece tambem com a Noruega, os Suecos teem de dividir o anno em duas partes bem distinctas: uma, a da bella estação, consagrada á exploração e accumulação dos productos naturaes nos armazens; e outra, a do inverno, destinada á exploração por mar dos productos armazenados. E tambem essa falta de

communicações, esta difficuldade de transportes n'uma grande parte do anno, e a reclusão da vida no inverno, prejudicavam o movimento industrial.

A industria mineira era especialmente embaraçada pela falta de hulha. Mas, ainda assim, pelo aproveitamento da lenha nos altos fornos, localisados nas regiões das minas, e pela facilidade da Suecia receber carvão do estrangeiro, a fabricação do ferro e aço, maquinas, quinquilherias, pregos e alguns outros artigos, tornou-se muito importante.

Motala tinha a especialidade da fabricação das maquinas; Gefle e Stokolmo, attraíam naturalmente as industrias mecanicas, necessarias ás construcções maritimas; e tambem Stokolmo tinha fabricas importantes de vidraria e faiança.

Nas industrias textis, as mais notaveis, e que a Suecia aprendera do estrangeiro, eram a de fiação e tecidos de algodão. A de pannos, mais antiga, e que tinha começado em Jonköping e Upsala, nos primeiros annos do seculo XVII, adquiriu no seculo XIX, de que estamos tratando, uma importancia grande; mas, ainda assim, insufficiente para tecer metade dos pannos de que o paiz precisava.

Alguns industriaes occupavam-se dos tecidos de linho, canhamo, juta e seda. A industria de cordoaria, era muito grande, como era natural n'um paiz maritimo, n'aquellas condições.

A industria da distillação de aguardente, extraida dos cereaes, era tambem muito grande. Em 1855, mais de 40:000 fabricas forneciam enormes quantidades de aguardente, fóra a distillação particular por alambiques. Mas, depois d'uma vintena de annos, essa distillação

foi muito vigiada e restringida por direitos fiscaes, e criaram-se até sociedades particulares com o exclusivo da venda da aguardente, e com a condição de não tirarem lucro d'ella: sociedades essas que, por seu lado, trataram de combater o alcoolismo, por meio d'este privilegio e de outros expedientes. E isso diminuiu as tabernas, por não tirarem tanto lucro, e, sequentemente, diminuiu também a distillação.

Havia algumas cervejarias.

A abundancia de gado dava logar a uma grande industria de manteiga, curtimenta e luvas.

A industria da pesca tem tido uma grande importancia na Scandinavia. E ainda mais que a agricultura, tem concorrido para povoar as regiões do littoral; de modo que os districtos do norte estariam completamente desertos, se os bancos do peixe não atraissem a flotilha dos pescadores. Apesar da diminuição de que já fallámos, o arenque e o bacalhau eram os artigos mais importantes; e o residuo do bacalhau e de outros peixes que continham muito phosphato, prestava grande utilidade para a estrumação das terras.

Deve observar-se que, na Suecia, as industrias familiares ou domesticas estavam mais desinvolvidas do que nas outras regiões mais povoadas da Europa, não só pelo facto dos mercados serem muito distantes uns dos outros, mas tambem pelo clima e deficiencia de communicações, de que adiante fallaremos.

*

*   *

O commercio soffreu de todas as causas que prejudicavam a Suecia e a Noruega.

Pobres em si e pouco adiantados no progresso industrial, esses dois paizes estavam, alem d'isso, n'uma situação economica pouco invejavel, por estarem fóra das grandes vias do tráfico internacional. Não tendo tambem um grande valor de productos internacionaes a exportar, apesar do volume das carregações que expediam, só realisando, pelo facto da sua industria ser mediocre, fracos beneficios, e comprando relativamente poucas mercadorias, o commercio d'esses dois Estados era limitado, geralmente, a alguns objectos de primeira necessidade.

Demais a mais, nenhuma nação, excepto a Russia, está mais afastada da America; nenhum povo da Europa está mais distante do Mediterraneo, dos mercados do Levante e do Extremo Oriente; e nenhum está peiormente collocado para explorar a Africa.

Porisso, quasi todo o commercio da Suecia, salvo um por cento, era maritimo, e o transporte effectuava-se apenas n'uma proporção de metade pela marinha sueca, principalmente carregada de marcadorias pesadas e volumosas, como eram os metaes e a madeira.

Ainda assim, o commercio exterior seguiu n'uma carreira ascendente, desde 1860. Estava antes d'isso restricto a algumas expedições de trigo, e, sobretudo, de ferro, e limitava-se, desde 1820 a 1825, a uma somma de 20:440 francos. Em 1850, já era de 104 milhões e meio de francos; em 1860, excedia 234 milhões; e, depois d'esta epoca, em virtude do regimen convencional inaugurado pela França e Inglaterra, engrandeceu até o fim do seculo mais de 150 por cento.

Em todo o caso, o commercio da Suecia era inferior ao da Noruega, assim como a sua navegação e marinha lhe eram tambem inferiores.

As importações consistiam, principalmente, em hulha, objectos manufacturados, cereaes, generos coloniaes, maquinas, tecidos, materias textis, generos alimenticios; e a exportação em madeiras, manteiga, ferro, papel, aveia, peixes, massa de madeira e phosphoros de pau e chymicos.

A marinha mercante de velas e vapor da Scandinavia era muito importante, de modo que a somma das duas marinhas, com os barcos de pesca e cabotagem e longo curso, estava collocada na quinta classe, logo abaixo da Inglaterra, Estados Unidos, França e Allemanha.

*

* *

Na Suecia, as cidades teem mais espaço por onde se desinvolvam que na Noruega. Não são obrigadas a agachar-se ao sopé das montanhas ou invadir as areias. As casas, separadas umas das outras, ao menos nos arrabaldes, são baixas, e são de uma grande limpeza, pintadas de amarello ou verde, e, a maior parte, de vermelho escuro, com uma escada exterior, por causa dos incendios [1].

A cidade principal de toda a vertente virada para o Cattegat é Göteborg ou Gothenburgo. E' a segunda da Suecia e a terceira da peninsula. A sua fortuna commercial explica-se pela situação. Está na margem de um

---

[1] Sobre os centros principaes na edade moderna, veja-se o vol. V, pag. 378 e seguintes.

rio navegavel — o Gotha, e na parte inferior, onde as embarcações podiam, desde o meiado do seculo, subir mesmo os rapidos e cataratas, para entrarem no lago Wenern. Muitos outros logares do littoral tinham tambem a vantagem de possuir um bom porto; mas o que distinguia especialmente Gothenburgo, era o ser etapa intermediaria entre a porta do Baltico e o golfo da Noruega meridional e entre Copenhague e Christiania — cruzamento dos caminhos commerciaes: o que tem feito a fortuna de Gothenburgo.

E, porisso, esta cidade, ainda que relativamente moderna, cresceu rapidamente, muito mais atè que outras cidades antigas, egualmente favorecidas pela natureza. Se era inferior á capital na população, era-lhe superior no commercio.

Karlstad, a capital da provincia de Wernoland, era tambem muito importante.

Christiehamn, situada n'um logar, onde um rio entra no lago Wenern, e fórma um porto accessivel aos navios, tomou nos ultimos tempos um rapido desinvolvimento, graças a esse porto, ao cruzamento de duas linhas ferreas importantes, a ser um grande mercado que provinha da fabrica de Philipstad e das minas de Persberg, as mais importantes da Suecia, pela quantidade do seu mineral.

Manestad e Lidköping eram portos muito frequentados.

Helsingfors era tambem importante, e possuia grandes jazigos de conbustivel.

Eram egualmente importantes Landskrona, Malmö, que se tornou a terceira cidade da Suecia, Carlskrona, e especialmente Norrköping, o grande mercado do norte, como Soder-Köping era o mercado do sul.

Essa cidade do Norrköping é denominada orgulhosamente pelos Suecos — a Manchester da Scandinavia; e tomou tal incremento no seculo XIX que, já em 1876, as suas 33 fabricas forneciam os dois terços de todos os panos preparados em todo o reino. Possuia tambem muitos estabelecimentos para a fiação e tecelagem dos algodões, preparação das farinhas e refinação do assucar.

Alem d'isso, os seus canteiros entregavam ao Estado as canhoneiras e navios-couraçados. O commercio com os estrangeiros consistia, sobretudo, na importação de materias primas e hulha; e as expedições, em aveia, madeira, ferro, phosphoros e marmore das pedreiras vizinhas.

A sul havia as minas de A'tvodaberg, que rivalisaram na importancia com as de Falun, e onde foram abertas as galerias da Suecia mais profundas; mas estavam abandonadas já na ultima vintena do seculo.

Motala era tambem um centro importante de fabricação, mas não se podia comparar com Norrköping.

Linköping e Jonköping eram outras duas cidades economicamente notaveis, sobretudo, esta ultima, pelo trabalho dos mineraes e metaes. Ahi se fabricavam maquinas, armas e instrumentos de toda a ordem; e ao sul estava a mais famosa fabrica de phosphoros chymicos do mundo.

Stokolmo, a capital, era a cidade mais populosa.

O seu porto acha-se fechado pelos gelos durante tres mezes; e, porisso, o Governo cuidou em estabelecer uma enseada exterior em Ninäs, no littoral mesmo do Baltico, e que reunisse a cidade por um caminho de ferro, afim de abreviar para a navegação o periodo d'esse impedimento.

No principio de 1879, os engenheiros puzeram a primeira mão na construcção do caes e nos entrepostos, ao nordeste da cidade, afim de transformar o braço de mar, chamado Silla Wartan n'um grande porto de deposito para as mercadorias muito pesadas, pau, ferro e carvão.

Stokolmo não se contentou de communicar com o mar por tres canaes naturaes, que serpenteiam entre a ilha da costa. Abriu tambem o canal sinuoso de Söder Telge ou Södertelge, que reune directamente o fjord de Hinmerojó á principal bacia do lago Mälar. Assim, os navios de Stokolmo podem ganhar o mar, singrando ao oeste para o canal, tão bem como deixando-se ir a este pela corrente. Em 1879, só o porto de Mälar era já o ponto de partida de 97 itinerarios distinctos para os vapores.

A industria de Stokolmo já era muito activa, e comprehendia fabricas de toda a especie, fundições, refinações, fiações, vidraria, faianças, canteiros; e na vizinhança havia uma fabrica de porcellana e faiança fina.

Atraía naturalmente, como Gefle, as industrias mecanicas necessarias ás construcções navaes.

O commercio d'essa capital era muito importante. A frota mercantil, já em 1875, era de 234 navios, sendo 165 vapores da força de 6:080 cavallos.

Upsala possuia as grandes riquezas mineraes de Dannemora.

Arborga e Gefle tinham tambem importancia. E esta ultima atraía tambem, naturalmente, as industrias mecanicas necessarias ás construcções navaes.

Falun estava cheia de fabricas, graças aos jazigos de cobre que se encontram nas vizinhanças. Estes jazi-

gos, embora de um valor muito desegual, pois que certas partes conteem apenas duas centesimas de metal puro, emquanto que outros conteem uma quinta parte, faziam a riqueza de Falun, ha mais de cinco seculos. Mas a producção tinha diminuido sensivelmente, nos ultimos annos do seculo XIX, como aconteceu tambem com as minas de Cornuailles, na Inglaterra, por não poderem sustentar a concorrencia da America do Sul e da Australia.

Wisby, capital de Gotland, supposto que decaida, fazia ainda um commercio consideravel. Os seus marinheiros entregavam-se á pesca, e as suas praias atraíam no verão milhares de banhistas do continente vizinho.

*

* *

Pelo que respeita ás communicações, já no volume V, fallámos das más condições naturaes da peninsula. A unica região verdadeiramente rica na Suecia, e que podia desejar bons meios de communicação, era a parte central e meridional, zona de agricultura e industria. Os lagos eram muito aproveitaveis, mas estavam gelados sete mezes durante o anno. O canal de Gœta ou Gothia (Gœ Kanal), de que já fallámos tambem no volume V, recomeçado em 1805 corta a peninsula ghotica da Suecia, propriamente dita, passando pelos grandes lagos, unindo directamente o Baltico ao Skager-Rak, isto é, ao Mar do Norte, e dando aos portos da Suecia oriental uma saida melhor para o mar aberto do oeste. Começa elle em Soder-Köping, sobre o Baltico,

e termina em Gothenburgo, ao norte de Kategat; de modo que Gothenburgo tornou-se um ponto de saida da Suecia, ao mesmo tempo que uma etapa do caminho de ferro para Christiania, hoje chamada Oslo.

As estradas eram muito insufficientes, n'um paiz onde as vias navegaveis só estão livres sete mezes no anno. N'esta situação, a exploração das florestas e minas era sensivelmente prejudicada pelo mediocre desinvolvimento d'essas estradas. No norte, nem sequer havia outra estrada, alem da de Stokolmo a Haporando.

Mas as vias ferreas, apesar da sua construcção ter começado só em 1856, já no fim do seculo, abrangiam nos dois reinos 200 kilometros.

E' certo que esta rede era muito pequena, em relação aos dois Estados; mas deve attender-se a que o solo verdadeiramente exploravel e de algum valor economico só comprehende a Gothia, na Suecia propriamente dita, e a Noruega, na latitude inferior a 64°. Alem d'isso, o extremo desinvolvimento da cabotagem na Noruega, nas regiões susceptiveis de uma exploração fructuosa, restringia a necessidade de communicações por estradas e vias ferreas. Restava, porisso, prover a Suecia propriamente dita, cujas riquezas metallurgicas e industriaes e cuja população muito densa exigiam todos os meios de transporte. Era tambem preciso ligar essa região, excepcionalmente favorecida, ao littoral atlantico, atravez dos Alpes scandinavos. E tudo isso foi esboçado nos seus principaes traços, e começado no seculo XIX.

Assim, a Suecia foi sulcada por quatro grandes linhas que de Stokolmo ganhavam Malmö, Gothenburgo. Christiania, e depois Upsal. Uma outra linha junctava Chris-

tiania a Trondjem, atravez da provincia norueguenza de Hamar; e havia tambem algumas outras pequenas linhas na Noruega.

Em todo o caso, a exploração das linhas ferreas era muito pouco remunerada, devido á concorrencia dos canaes e cabotagem [1].

---

1 Marcel Dubois et Kergomard, obr. cit. — E. Reclus, obr. cit. — Onesine Reclus, *La Terre à vol d'Oiseau*. — Conner, *Commercial Géography*. — Richard Cortambert, *Géogrophie Commercial et Industrielle des Cinq Parties du Monde*. — M. L. Lanier, *L'Europe*. — Bainier, *Cours de Géographie Commercial, L'Europe*. — A. Geffroy, *Histoire des Etats Scandinaves*. — Leonie Bernardini Sjoestedt, *Pages Suédoises*.

CAPITULO XIII

A SCANDINAVIA

II

Noruega

Como a Noruega seguiu até 1815 politicamente os destinos da Dinamarca, e de que modo foi prejudicada pelo bloqueio continental. — Como, unida, em 1815, á Suecia em união pessoal, seguiu tambem politicamente os destinos d'ella até o fim do seculo XIX.—Como, desde então, foi comprehendida nos esforços communs dos reis da Suecia para o desinvolvimento e progresso dos dois Estados. - Como, realmente, a Noruega progrediu muito depois d'isso. — Como, sendo menos manufactureira que a Suecia, e dispondo de menor solo agricola, se dedicou especialmente á navegação e ás industrias maritimas. — N'este sentido, como o seu progresso foi enorme, depois de 1835; e de que modo realisou trabalhos importantes na illuminação das costas, e augmentou a marinha e farolagem. — Productos, agricultura, regimen da propriedade e aproveitamento progressivo de terras incultas e pantanosas. — Industria, commercio e marinha. — Centros principaes. — Communicações.

A Noruega, até 1815, andou politicamente unida á Dinamarca, tendo, portanto, egual destino politico; e, depois de 1815, esteve até o fim do seculo XIX reunida á Suecia, cujo destino politico egualmente partilhou. E já vimos como foi tambem prejudicada pelo bloqueio

continental, tendo tido até um grande numero de navios tomados ou embargados pelos Inglezes.

Restabelecida a tranquilidade na Europa, e unido este paiz á Suecia, em regimen pessoal [1] (1814 e 1815), foi comprehendido nos esforços communs dos reis suecos para o desinvolvimento economico de todas as provincias. Porém, menos manufactureira que a Suecia, e dispondo de menor porção de solo agricola, e, absolutamente fallando, de menos productos mineraes, dedicou-se especialmente á navegação e ás industrias maritimas.

N'este sentido, fez, desde 1855, enormes progressos na marinha mercante; realisou trabalhos importantes para a illuminação das costas; e criou uma seria pilotagem ao longo do litoral.

Em 1875, a Noruega possuia já 112 estações de illuminação e farolagem, sendo 99 entretidas pelo Estado, e 13 collocadas e entretidas pelas communas. O seguro maritimo tinha-se tambem desinvolvido muito. As companhias de navegação, que, em 1865, eram apenas tres, segurando 550 navios, tinham-se multiplicado, de modo que, em 1873, já se contavam 13, segurando 3:592 navios; e a frota noruega, que só comprehendia n'aquella data 2:272 navios, e entre esses apenas dois *steamers*, tudo n'um total de 148:712 tonelladas, em 1870, era de 6:693 unidades com 1.012:777 tonelladas, em que já figuravam 118 vapores.

A maior parte d'esta frota era occupada na pesca do bacalhau, salmão, lagostas, arenques, phocas e outros

---

[1] Sobre união pessoal e real, vide Adriano Anthero, *O Direito Internacional*, pag. 14.

productos maritimos, e no transporte da madeira. E fóra d'isso, a marinha mercante realisava a cabotagem nas costas do paiz, e a maior parte do commercio com os povos estrangeiros.

*

* *

Quanto aos productos mineraes, regulavam elles pelos da Suecia, com a differença de que o ferro, e, em geral, os outros mineraes eram muito menos abundantes na Noruega. Em compensação, havia muito mais zinco, e era explorado pela sociedade belga da *Vieille Montagne*, proprietaria das respectivas minas, assim como, havia tambem mais prata e mais cobre. E' na Noruega que ficam as minas de cobre abundantissimas de Sueitelma, que teem o seu desimbocadouro pelo lago do fjord de Bodo.

Quanto aos productos agricolas, existe uma grande differença entre os dois Estados. A Noruega, por estar mais exposta á influencia do mar, e ser banhada por um braço do *gulf stream*, que desce ao longo das costas, tem, na respectiva atitude, um clima que é mais doce e humidade maior; e, porisso, é relativamente mais productiva que a Suecia. Mas a extensão do solo cultivavel é muito menor; e, por essa razão, é antes um paiz de criação de gado que de cultura.

As especies dos productos agricolas eram eguaes ás da Suecia; mas a quantidade é que differia, porque a Suecia, nos maus annos quasi que suppria o seu consumo, e nos bons annos podia exportar; emquanto que a Noruega só produzia dois terços do que ella consumia.

Relativamente a florestas, havia tambem differença, porque a Suecia era muito mais rica, e o seu clima convem melhor ao desinvolvimento normal das camadas lenhosas. E' de lá que provinham esses pinheiros magnificos, com os quaes se fabricavam os grandes mastros dos navios de velas.

Tambem na Noruega foi preciso reprimir o abuso do corte das florestas e, pelas mesmas razões que na Suecia. Ainda assim, nos ultimos tempos do seculo XIX, na Noruega meridional, poucas florestas havia dignas d'esse nome, pela altura das arvores; e muitas fabricas metallurgicas foram abandonadas, por faltar o combusbustivel para a fundição do ferro.

No reino animal, em geral correspondiam as condições dos dois Estados, apenas com algumas differenças, a saber:

Quanto ao gado bovino, nos valles do Kjölen e no littoral da Noruega, manteve-se sempre uma raça chamada *das montanhas*, destituida de belleza, de pequena estatura e desprovida de cornos, mas de uma grande sobriedade, contentando-se com qualquer genero de forragem, e de modo que, em muitas partes da Noruega, era alimentada até com peixes.

Os carneiros eram pequenos e de uma lã grosseira, tendo sómente pello nas pernas e cabeça, e ás vezes na cauda, mas de uma resistencia admiravel. Ao longo das costas de Stavanger, e mais ao norte em todas as ilhas do littoral, os Norueguezes deixavam os rebanhos, mesmo durante o inverno, ao vento, ás chuvas e ás neves; e estes animaes alimentavam-se de espinheiros e algas maritimas, e chegavam á primavera sem morrerem.

Os eyders, muito raros nos fjords meridionaes da Noruega, e muito communs nos archipelagos de Vester, Aaland e Lofoden, constituiam a riqueza principal dos seus habitantes. E eram protegidos contra os caçadores por uma lei severa de 1860. A alce não tinha ainda desapparecido de todo.

Quanto ás especies maritimas, as da Noruega eram eguaes ás da Suecia; e, no desapparecimento dos arenques os dois paizes andavam tambem parallelos. Mas, a Suecia era muito menos rica de animaes maritimos. Emquanto a Noruega exportava o terço da sua colheita, na Suecia pouco sobejava do seu consumo; e o bacalhau, que a Noruega pescava nas ilhas de Lofoden, era em tanta abundancia que, nos bons annos, dava quasi o dobro do que os pescadores francezes tiravam da Terra Nova.

Os pescadores da Noruega atacavam tambem o esquallo pelerm, o maior peixe que habita nos mares da Noruega, tendo quasi 12 a 15 metros de comprido, e cujo figado, a unica parte procurada por elles, dá 7 hectolitros de azeite. Mas este esquallo, fugindo aos pescadores, quasi que tem desapparecido d'esses mares.

Os navios pertencentes aos armadores de Tronsbeg deixavam tambem o golfo de Christiania, para irem aos mares boreaes pescarem a phoca e a baleia.

*

* *

Quanto á agricultura, o regimen de propriedade era o mesmo de que já fallámos, tratando da Suecia. Ainda em 1876, perto da setima parte do solo da Noruega compunha-se de terras de *communidade;* e, nos dis-

trictos do oeste, entre Lindernæ e o fjord de Trondhjem, a media d'estas propriedades occupava as tres decimas partes d'essa região, não obstante desde 1827, como já dissemos, se ter restringido alguma coisa o parcellamento das terras.

Alem de tudo isto, os proprietarios da Noruega conservavam o antigo *oldelsret*, ou direito allodial de reentrar na posse de uma propriedade rural, vendida por elles, pagando-a pelo preço de estimação, e não pelo preço d'essa venda. O *oldelsret* só pertencia ás familias que tivessem gozado da propriedade, ao menos, por vinte annos, e perdiam esse direito, quando o predio tivesse mudado de possuidor por tres annos.

O terreno, como já dissemos, era geralmente inaptavel á agricultura.

Não entrando em conta com as pequenas parcellas situadas nas cidades, servindo apenas para a cultura dos legumes e flores, em volta das casas de habitação, os dominios cultivaveis, propriamente ditos, eram de 150:000 hectares na Noruega; e na Suecia, eram, como já vimos, de 300:000.

Mas os Norueguezes augmentaram cada vez mais o seu fraco territorio agricola com muitos milhares de hectares, conquistados aos pantanos e fjords; e, apesar do que deixámos dito, em todo este periodo, a agricultura constituiu a principal industria, occupando as tres quartas partes da população.

Quanto ás outras industrias, nas suas linhas geraes, correspondiam ás da Suecia, com a differença que o movimento industrial da Noruega era menor, porque ella tinha menos ferro, embora recebesse mais facilmente as hulhas inglezas.

*

* *

O commercio da Noruega, a partir de 1850, adquiriu um rapido incremento. Outr'ora estava elle dependente de Hamburgo e Altona, quanto aos productos manufacturados e generos coloniaes. Desde então, porém, começou ella a importar directamente os generos coloniaes e a dirigir-se á Inglaterra para os objectos que não podia fabricar.

A revogação do acto de navegação, a parte cada vez mais crescente que a Noruega tinha tomado no movimento maritimo entre a Inglaterra e os Estados Unidos, a extensão progressiva das suas relações com a Russia, o desinvolvimento dos capitaes, o melhoramento do credito do paiz e a liberdade do commercio, dada por uma serie de leis, em 1842 [1], 1857 e 1866, tinham desinvolvido as faculdades mercantis, aberto um desimbocadouro á industria interior, mesmo á domestica praticada nos campos, e dado tambem ao principal instrumento de riqueza nacional, a marinha, uma importancia crescente.

---

1 Effectivamente, o commercio até 1842 não era livre. Nas cidades commerciaes, exigia-se, para ser exercido, um exame tambem commercial e a obrigação de se ter estado á pratica por quatro annos em casa de um negociante. E, nos campos, estava-se sujeito a uma auctorisação real. N'essa data de 1842, porém, foi decretada a liberdade commercial nas cidades, a não ser para certos funccionarios e para certos artistas e mulheres solteiras e viuvas. E mesmo esta excepção acabou em 1866.

Assim, desde 1850 a 1870, o movimento commercial dobrou, e nos annos seguintes teve um augmento medio de vinte por cento. E esse movimento commercial era muito superior ao da Suecia.

Parallelamente a isso, o movimento da navegação, teve tambem um augmento prodigioso, de modo que, guardadas as proporções, este paiz era dos que possuiam uma frota commercial maior.

A importação consistia, principalmente, em cereaes, farinha, generos agricolas, tecidos, hulha, materias mineraes, metaes brutos e em obra e objectos fabricados. E a exportação consistia, sobretudo, em zinco, productos alimentares animaes, despojos animaes, madeira em bruto e em obra, gorduras, oleos e alcatrão.

Os paizes com que, principalmente, se fazia o commercio, eram a Inglaterra, Allemanha, Suecia e Dinamarca. E todo esse commercio effectuava-se, tambem principalmente, pelos portos de Christiania, Bergen, Dronthem, Stavanger e Hammerfest.

*

* *

Quanto aos principaes centros economicos, a primeira cidade na fronteira meridional era Frederiksald. Occupa-se principalmente na expedição da madeira levada pelo Tristedals-elv. Acontecia a mesma coisa com as cidades Sarpsburgo e Moss.

Quanto a Christiania, hoje chamada Oslo, a bacia commercial d'esta capital da Noruega, devia, sobretudo, a sua importancia economica á fecundidade das terras que a cercam, e estarem ellas dispostas em fórma de

latadas, de modo a receberem com toda a fôrça os raios solares. Só o districto de Akhersus, que a rodeia, produzia metade dos productos agricolas do reino, e esses productos eram todos transportados pelos marinheiros de Christiania.

Alem d'isso, as melhores madeiras da Noruega cresciam na vertente das collinas e montanhas que olham para o fjord d'essa cidade, e era tambem lá que se encontravam os jazigos de mineral mais importantes.

Christiania estava ligada a Stokolmo por uma via natural, que passa ao norte dos grandes lagos.

Centro de industria e commercio, era enriquecida por fiações, construcções maritimas e numerosas distillações. Pelo valor das trocas, constituia o mercado mais animado da Noruega, pelo menos na importação; porque, na exportação, cedia a Bergen. Serviços de vapores ligavam Christiania a todas as cidades do littoral scandinavo, aos grandes portos da Europa occidental, e mesmo a New-York.

Alem d'isso, um serviço de caminhos de ferro, que ia junctar Trondhjem ao norte, Gefle ao nordeste, Stokolmo a este, e Gothenburgo e Malmö, ao sul, augmentou, de anno para anno, a importancia de Christiania, quanto ao seu tráfico mercantil. A sua população, que era apenas de 8:000 habitantes, no principio do seculo XIX, mais que decuplicou até o fim do mesmo seculo, augmentando, assim, mais de 1:000 pessoas por anno.

Todas as cidades ao sul e oeste de Christiania eram tambem centros de commercio, exportando para o estrangeiro madeira, taboas e mineraes, como, por exemplo, Dramnen, e peixe como Stavanger. As velas apertavam-se á entrada dos fjords; os navios traçavam

incessantemente o sulco ao longo das margens; e a agua estava sempre riscada do rastro dos vapores. Uma espantosa actividade se mostrava em todo o Skager-Rack, e, alem de Liadenæ até Stavanger. Em 1876, as frotas commerciaes dos portos norueguezes de Skager-Rack e Stavanger comprehendiam mais de 5:500 unidades com 1:270 toneladas, servidos por mais de 46:000 homens de equipagem.

Dramnen, uma das grandes cidades da Scandinavia, era tambem um dos portos mais activos d'esta região commerciante. Possuia mais navios que a propria capital, embora o movimento fosse menor.

A industria local consistia, sobretudo, na exportação de madeira, taboas e pranchas; mas os negociantes da cidade tinham sabido aproveitar as riquezas florestaes, para as expedirem, sob a fórma de moveis, *parquets* e ornamentos diversos.

Alem d'isso, Dramnen era o porto de expedição para a cidade mineira de Kongsberg ou *Montanha do Rei,* situada ao sudoeste do rio Langen. E, embora as respectivas minas, e com ellas a propria cidade de Kongsberg estivessem decaídas, sempre essa expedição concorria para a importancia de Dramnen.

Christiansand era uma cidade de marinheiros e calafates.

Stavanger era uma das cidades mais commerciantes da Noruega, e a quarta, pelo numero dos habitantes.

Bergen excedia muito em população as demais, alem da capital. Foi outr'ora um dos mercados mais frequentados da Hansa [1].

---

[1] Vide vol. V, pag. 320.

As chuvas muito abundantes afastavam os viajantes d'essa cidade, e havia sempre muita morfea, devida ao alimento de peixe gordo, nos pescadores do littoral. Mas, no fim do seculo, esse mal estava muito já diminuido, graças ás medidas hygienicas tomadas pelo Governo.

Trondhjem era muito industrial, e em volta d'ella havia tambem muitas cidades industriaes, que aproveitavam a fôrça motriz da agua. Estão n'essa vizinhança as cidades mineiras de Rorös e Tromsö.

Hammerfest, Vardö e Vadsö eram estações importantes de armamentos maritimos, d'onde partiam os navios de pesca para Spitzeberg e mares polares.

*

* *

Quanto ás communicações, já mostrámos em que estado estava a penuinsula a tal respeito. Só temos a acrescentar que a cidade de Trondhjem foi escolhida como ponto terminus da linha transversal que une a Suecia á Noruega atravez dos Alpes scandinavos.

Bergen e Stavanger estavam mais bem situadas, para servirem de gare extrema das linhas, conforme a drenagem das regiões ricas da peninsula. Estando ellas mais adiantadas para o oeste, poderiam entreter relações mais faceis com as Ilhas Britanicas e outros paizes de alem mar. Foi preciso, porém, atravessar os montes Kjolen, no ponto mais estreito e mais proximo do

Atlantico; porque, se tivesse de se cortarem os montes mais ao sul, as difficuldades seriam muito maiores; e, alem d'isso, havia todo o interesse em atravessar as zonas florestaes do norte da Suecia e dos confins meridionaes da Norlandia [1].

[1] Marcel Dubois et Kergomard, obr. cit. — E. Reclus, obr. cit., *La Scandinave e la Russie.* — Onesine Reclus, obr. cit. — Conner, *Commercial Geography.* — Richard Cortambert, obr. cit. — Lannier, *L'Europe.* — Bainier, *Cours de Géographie Commercial, L'Europe.* — A. Geffroy, *Histoire des Etats Scandinaves.* — Broch, *Le royaume de Norvège et Le peuple norvègien.*

CAPITULO XIV

A Russia

Leve esbôço da historia politica da Russia n'este periodo. — Como a Russia não foi tão prejudicada pelo bloqueio continental e guerras napoleonicas conforme, em geral, o foram os outros povos da Europa. — Como as ideias e a civilisação da revolução franceza pouco influiram na Russia. — Como ella, depois de 1915, tratou de utilisar os immensos recursos do seu sólo, e como fez progredir o seu movimento economico. — De que modo, após a guerra da Crimeia, se operou uma grande transformação economica na Russia, e como esta procurou na Asia oriental os mercados que não pôde obter na Europa. — Como tambem, ao mesmo tempo, emprehendeu importantes reformas economicas. — Productos. — Agricultura, mau regimen da propriedade e mau aproveitamento das florestas. — Industria, commercio e marinha. — Centros economicos principaes. — Communicações.

Quando rebentou a revolução franceza, reinava na Russia Paulo I (1796-1801), principe maniaco e bizarro, que tudo quiz reformar, e tudo perturbou.

Sendo primeiramente adversario d'essa revolução, testemunhou depois a Bonaparte uma affeição e uma admiração sem limites, e expulsou Luiz XVIII de Miltau. Juntamente com a Suecia, Dinamarca e Prussia, renovou contra os Inglezes a *neutralidade armada* [1],

---

[1] Adriano Anthero — *O Direito Internacional*, cap. X.

conhecida por *Liga dos Neutros;* e tinha formado com o primeiro consul o projecto de destruir o dominio inglez, quando foi estrangulado no seu leito pelos nobres. No seu reinado, foi a Georgia cedida á Russia.

Seu filho Alexandre I (1801-1825) seguiu no exterior uma politica nova. Renunciou á *Liga dos Neutros;* reconciliou-se com Jorge III de Inglaterra; e entrou em todas as coligações contra Napoleão. Vencido em Austerlitz (1805) e em Eylau e Friedland (1807), fez o tratado de Tilsit, e tornou-se a aliar com o imperador.

A Finlandia foi o preço da sua cooperação contra a Suecia (paz de Vienna de 1809). Foi-lhe cedida a Besserrabia pela Turquia, vencida de novo (paz de Bukarest, de 1817). A guerra da Persia, suscitada pela influencia franceza (1806-1813), trouxe para o imperio Chirvan, Karabagh e o Talisch (tratado de Goulistan).

Os tratados de 1815 criaram, na maior parte dos antigos territorios polacos, um reino da Polonia, dado ao czar e dotado de uma constituição liberal, que foi governado alguns anos por um vice-rei e por uma dieta. A' influencia de Alexandre II, é que se deveu o pacto mixto da *Santa Aliança,* a qual se transformou logo, sob a direcção de Metternich e da Austria, n'uma liga dos soberanos armados contra a independencia dos povos [1]. E foi tambem no governo d'este imperador que a Russia contribuiu fortemente para a influencia de todos os congressos: Aix-la-Chapelle (1813), Carlsbad e Vienna (1819), Troppau e Laybach (1820), Verona (1822), que fizeram a politica dos reis da Eu-

[1] Vide pag. 23.

ropa, e abafaram n'uma cega repressão as reivindicações liberaes e os movimentos revolucionarios.

Internamente, Alexandre não seguiu uma politica constante. A principio, o seu reinado foi uma epoca de generosas ideias e reformas salutares: taes como liberdade de circulação; adoçamento da censura; abolição da chancelaria secreta e da inquisição do Estado; projectos da emancipação dos servos e de uma constituição politica liberal; tolerancia para os Rascolniks [1]; substituição dos collegios de Governo; organisação da instrução publica, pela divisão do imperio em seis circulos escolares, etc.: planos esses generosos, a que presidiu o ministro Shevanski, o *Turgot moscovita.* Mas, com essas reformas, o ministro concitou contra si toda a gente: — nobres, proprietarios, funccionarios, e até o povo, que se queixava do peso dos impostos.

A nobreza da côrte accusou-o de traição, e conseguiu perdel-o aos olhos do czar, que se espantou da grandeza d'essas reformas. Por isso, foi destituido e banido.

Uma reacção politica e universal rebentou depois sob o ministerio de Araktcheef — o instrumento da tyrania de Paulo I, o inimigo nato de todas as ideias novas e de todo o pensamento reformador, e o apostolo do poder absoluto e da obediencia passiva. Alexandre, tornado triste e desconfiado, renunciou ás suas ideias

---

[1] Os Rascolniks eram dissidentes russos, que consideravam como contraria á verdadeira fé a revisão das versões da Biblia e reforma da lithurgia, que tiveram por auctor o patriarcha Nilson, em 1654.

liberaes; e a opressão do governo provocou, então, a organisação de sociedades secretas em Moscou, S. Petersburgo, Kief e Varsovia. Os principes, os nobres, os oficiaes, os soldados e a plebe adheriram a ellas, e cobriram todo o imperio de uma rede immensa, que pôde escapar á vigilancia da policia.

O segundo irmão de Alexandre II, Nicolau I, que lhe succedeu (1825-1855), inaugurou o seu reinado pela repressão de uma conspiração militar, que rebentou na capital, e pela guerra contra a Persia e Turquia.

A Persia, vencida por Paskievitch, cedeu as provincias de Erivan e de Nakitchevan (tratado de Tourkmantchaï de 1828); e a Turquia, depois da batalha de Navarino, abandonou, pelo tratado de Andrinopla, o delta danubiano e a Georgia turca, com Anapa, Poti e Akhalkalaki.

Para assegurar a communicação com a Asia meridional, pelas duas extremidades do Caucaso e pelos cabos intermediarios, Nicolau devia conquistal-o em toda a sua amplitude, e assim o tentou; mas os montanhezes Tcherkesses, Abkases e Circassianos, conduzidos pelo *iman* Scharmyl, que fazia ao mesmo tempo de profeta e capitão, e prégava ás tribus mussulmanas a guerra santa, conservaram, durante 25 annos, o exercito russo em cheque. N'esta guerra de surprezas e emboscadas, e no meio de regiões mal conhecidas, os Russos tiveram perdas enormes. Os montanhezes eram sustentados pelos Inglezes, que lhes forneciam armas e chefes.

Do lado da Persia, a influencia moscovita topou tambem com as intrigas e armas da Inglaterra; e a Russia procurou, então, nas steppes do mar de Aral,

sobre o territorio de Kiva, um outro desimbocadouro para a India. E, de facto, o czar de Kiva, depois de uma guerra que durou muitos annos, foi obrigado a reconhecer a suzerania dos Russos, em 1854.

Na Europa, o czar foi, durante 30 annos, o representante do absolutismo e o adversario encarniçado de todas as ideias liberaes. Tirou aos Polacos os seus privilegios, e provocou uma insurreição formidavel, que foi abafada com sangue (1831) [1]. Testemunhou ao Governo de Julho, nascido da revolução de 1830, e á França, onde os Polacos proscritos achavam uma hospitalidade generosa, uma hostilidade continua; e tratou mesmo de a indispôr com a Europa. Salvou a Austria da revolução magiar, em 1848, e poz a Hungria aos pés de Francisco José.

Depois, magoado por vêr a influencia russa suplantada no Oriente pela da França no protectorado dos *Logares Santos*, e isto de harmonia com a Turquia, rompeu com Constantinopla, e preparou-se para liquidar em seu proveito o imperio turco, d'onde resultou a guerra da Crimeia.

N'essa guerra, as armadas e exercitos francezes e inglezes, vindo em auxilio da Turquia, venceram os Russos no Baltico e Mar Negro. Sebastepol, depois de uma sabia e heroica defeza, succumbiu (3 de setembro de 1855). O imperador Nicolau tinha já falecido seis mezes antes, desanimado pelos revezes, e detestado pelo seu povo.

---

[1] Fez epoca no tempo d'este imperador a caça violenta aos Polacos, aos Judeus e aos Catholicos Romanos. A historia impõe-lhe a responsabilidade de 200:000 victimas.

Seu filho Alexandre II (1855-1881) resignou-se a acceitar o tratado de 1856, que tirava á Russia as boccas do Danubio, a Besserrabia e o protectorado exclusivo dos Principados Danubianos e dos Christãos do Oriente, e neutralisava o Mar Negro, e o fechava aos navios de guerra de todas as nações. Assim, a politica imprudente de Nicolau tinha prejudicado a obra de dois seculos de esforços felizes.

Durante 14 annos, a Russia recolheu-se. O novo czar fez-se reformador. Um ar de liberalismo passou, então, no paiz; e a opinião publica levantou-se, e fez ouvir uma voz, quasi inteiramente livre.

As mais celebres reformas interiores foram a abolição da servidão, a emancipação dos trabalhadores, decretada por um *ukase* de 1861, que os libertava da auctoridade senhorial, e organisava as communas *(mirs)*; o estabelecimento do jury e da instrucção judiciaria em materia criminal; os tribunaes de appellação; a abolição dos castigos corporaes; o adoçamento da censura, etc.

Mas o czar recusou conceder uma constituição á Polonia, e, por isso, houve lá novas insurreições, que foram novamente reprimidas. De modo que os ultimos restos da autonomia polaca foram aniquilados; o paiz perdeu as suas instituições e a sua lingua; e foi desnacionalisado.

Nos annos seguintes, a Russia sofreu uma transformação rapida. Construiu caminhos de ferro e telegrafos; fundou fabricas, fiações e canteiros; melhorou a agricultura; desinvolveu o commercio; abriu numerosas escolas de toda a ordem; reformou o exercito, etc.

Em 1870, o governo russo mostrou-se dedicado á alliança prussiana; e isolando por sua diplomacia a

França da Europa, obteve por esta attitude, tão benevola para a Prussia e tão funesta para os Francezes, a revisão do artigo do tratado de Paris, que limitava as suas forças no Mar Negro. Depois, acabou a conquista no Caucaso; proseguiu nas suas expedições armadas no Turkestan; annexou Samarcanda e Khokand; e fez de Bukhara e de Kiva paizes vassallos (1875).

Na outra extremidade da Asia, o general Muravief tinha assignado em 1858, com a côrte de Pekin, o tratado de Aigun, que cedia á Russia a margem direita do rio Amur, e o littoral maritimo; e o Japão abandonou-lhe tambem a ilha de Saghalien.

Em 1877, o czar interveiu na peninsula dos Balkans em favor das populações christãs, revoltadas contra os Turcos, e o sultão, vencido, assignou o tratado de San-Stefano, e mais tarde o de Berlim (1878), pelo qual a Russia recuperava na Europa a Besserrabia, perdida em 1856, e adquiria na Asia os territorios de Batum, Ardaham e de Kars.

Mas as reformas realisadas no interior não tinham socegado a agitação russa. As Universidades eram focos de reivindicações politicas e sociaes. Para escapar á vigilancia da policia, formaram-se muitas sociedades secretas; e a seita dos *nihilistas* organisou na sombra as suas conspirações. E a 13 de maio de 1881, Alexandre II caiu debaixo das bombas nihilistas, em S. Petersburgo.

Sob o seu filho Alexandre III (1881-1894), produziu-se uma reacção contra a introducção das instituições, costumes e modas do Occidente. Os Russos trataram de se bastar a si proprios; e o partido slavo e velho russo tornou-se o mais acreditado. Em todo o caso, a obra da

emancipação dos servos foi completada por uma outra de 1887, que supprimiu o imposto de capitação, a partir de um de junho de 1887, e estabeleceu a egualdade dos subditos russos perante o fisco.

A politica de conquista continuou os seus progressos na Asia occidental; e as tropas do czar occuparam Mery (1885).

Reinou depois, sem accidentes extraordinarios, Nicolau II.

*

* *

A Russia até 1815 soffreu tambem a influencia nefasta das luctas assombrosas da Republica e de Napoleão, embora em menor grau que a maior parte dos paizes da Europa, visto que estava mais longe do theatro da guerra, e que a grandeza do seu territorio e população attenuavam essa influencia. E, alem d'isso, o seu isolamento economico e politico, em relação áquelles outros paizes, tornavam menos sentido o embate social.

Mesmo a invasão do paiz por Napoleão, e a guerra tremenda que a Russia soffreu durante essa invasão, não a abalaram tão profundamente como ás outras nações, porque, afinal, a grandeza dos seus recursos reparou mais brevemente as ruinas.

Mas, por outro lado, o alargamento da civilisação e a transfusão das ideias liberaes e sociaes que aquellas revoluções produziam em quasi todos os outros Estados, tambem não influiram na Russia, como influiram no geral na Europa.

E' que os Russos, ainda nos primeiros annos do seculo XIX, tinham uma existencia primitiva. O progresso mal havia penetrado n'elles. A maior parte vivia do seu trabalho. A producção agricola bastava á sua alimentação; e a industria era constituida apenas pela fabricação de objectos grosseiros, destinados ao consumo local, ou a serem vendidos nos mercados interiores. A importação intervinha apenas para supprir alguns productos que a Russia não podia fabricar.

Depois de 1815, porém, o governo tratou de utilisar os immensos recursos que o paiz fornecia, para favorecer industrias novas, e de cohibir por tarifas, tambem novas, a importação dos productos dispensaveis.

Em 1878, o numero das fábricas tinha crescido, de modo que se contavam 600 em todo o imperio, empregando 300:000 operarios; e a importação dos artigos manufacturados já se achava reduzida a uma quinta parte do que fôra em 1815.

A qualidade dos productos é que se conservava estacionaria.

Depois de 1828, o Governo fundou escolas de artes e officios, e forneceu-lhes materiaes; de modo que, favoreceu assim o desinvolvimento da produção industrial. E, já em 1840, as manufacturas tinham entrado n'uma via de progresso, muito apreciavel, apesar da pequena tendencia que os fabricantes tinham para melhorar os seus instrumentos, e do pequeno cuidado e fraca pericia do pessoal trabalhador.

Já se constatava, então, a existencia de muitos estabelecimentos prosperos, como fabricas de vidro e porcelana, em S. Petersburgo, de ferro trabalhado, em

Tula, de roupa de mesa, em Jaroslaw, e de marroquim, em Torgok. O marfim era trabalhado em Arkangel, com muita perfeição. A fiação de tecidos estava em grande adiantamento. A curtimenta conservava a sua antiga reputação. E, nas costas do mar, havia muitos estabelecimentos, onde se preparava com successo a colla do peixe e o caviar.

Faltavam, porém, os capitaes. Os proprietarios, mal habituados a ver os proveitos da industria, não acudiam com o seu dinheiro a qualquer exploração industrial, e nem mesmo á propria agricultura. E o Estado, endividado desde a guerra napoleonica, tambem não tinha recursos para isso; porque os recursos interiores mal chegavam para as despesas publicas, e, muito menos, para pagar á Hollanda os juros do capital que se lhe devia.

Depois da guerra da Crimeia, operou-se no paiz uma transformação consideravel. O tratado de Paris, que prohibiu á Russia o accesso do Bosphoro, e a encerrou nos estreitos limites do mar Negro, tirou-lhe toda a esperança de criar uma via commercial no Mediterraneo, e por meio d'este mar, no Oceano Atlantico e no Oceano Indico; mas inspirou-lhe a ideia de dirigir as suas vistas para a Asia Oriental, e criar n'essa parte do mundo os mercados que não podia obter na Europa. E, d'este modo, o imperio russo obedeceu ás suas tradicções e destinos; porque, já desde Pedro Grande, todos os seus successores tinham comprehendido que a Russia precisava para o seu commercio os desimbocadouros que sómente o mar lhe podia dar, e que a posse dos portos russos sobre o Grande Oceano era uma questão de vida ou de morte.

Ao mesmo tempo, a Russia emprehendia importantes reformas na agricultura, industria e commercio, como em parte já fizemos ver.

E, com effeito, em 1857, o imperador Alexandre II, correspondendo ao desejo do povo, aboliu a servidão, abolição essa que elle ainda tornou mais completa, em 1861, 1863 e 1876.

Os servos da gleba foram emancipados e considerados possuidores d'uma parte das terras que elles cultivavam. Os lavradores dos bens da corôa, que gozavam d'uma liberdade, relativamente maior que os lavradores dos proprietarios particulares, receberam lotes que tinham de pagar por um accrescimo de impostos, repartidos n'um certo numero de annos. E, quanto aos servos dos particulares, que não passavam de escravos, a lei obrigou-os a pagar directamente ao proprietario uma quinta parte do preço dos seus lotes; e, se não pudessem libertar-se imediatamente, as quatro quintas partes da divida restante eram pagas pelo Estado, o qual as retomava, por sua vez, exigindo ao lavrador, durante 49 annos, um juro de 6 por cento sobre a somma adiantada.

Havia, então, na Russia, 23.000:000 de servos, sendo quasi 12.000:000 do sexo masculino; mas, já no 1.º de Janeiro de 1879, o numero das familias de servos que tinham assignado os seus contractos definitivos, era de 8.370:000, representando quasi 20.000:000 de individuos. Ainda assim, a maior parte da propriedade ficou nas mãos do Estado, ou das communas, ou dos nobres.

O trabalho da Russia, não só na agricultura, mas tambem na industria e commercio, fazia-se pelas formas

antigas, em que se encontrava a influencia tambem das antigas communidades. Mas foi, sobretudo, na cultura do solo, onde se manteve o grupo communal. Este grupo chamava-se o *mir* na Grande Russia, *kromada* na Pequena Russia; e ainda havia sob outros nomes uma organisação analoga em diferentes provincias. Consistia ella em o territorio estar dividido em communidades, e cada uma d'estas ser cultivada por muitas familias em commum, sendo os productos repartidos por ellas em proporção dos seus membros.

Apezar da emancipação dos servos, o *mir* foi mantido geralmente; mas foi-se transformando, pouco e pouco, para ir dando logar á propriedade particular.

Essa emancipação, como é natural, causou a principio uma certa perturbação entre os proprietarios; porque muitos d'elles viviam só do trabalho dos servos, e os instrumentos agricolas estavam ainda muito pouco desenvolvidos, de modo que não podia dispensar-se um grande numero de trabalhadores. Mas, afinal, veiu ella a dar um grande impulso ao commercio da Russia, incitando, pela liberdade dos trabalhadores, maior estimulo e interesse pelo trabalho e mais activa rivalidade e competencia em toda a serie de esforços.

Portanto, o periodo que decorreu depois d'isso até 1871, foi um dos mais prosperos e fecundos da Russia. A' iniciativa do povo junctou-se, então, a do Governo que, dispondo d'uma larga paz, empregou os seus esforços para abrir para o nordeste as communicações que não podia abrir para o oeste e sul.

Assim, primeiramente, senhora da Siberia, adiantou-se methodicamente para a China. Desde 1855 a 1858, tirou a esta potencia a margem esquerda do

Amur; depois o littoral do Pacifico até ás fronteiras da Coreia; e, pela posse de Vladivostock, tornou-se dominadora do Oriente.

Em seguida, por uma serie de expedições feitas até 1885, apoderou-se da grande planicie de Turkestan, até proximo dos platós occupados pela Persia e pelo Afghanistan; e approximou-se das regiões florestaes da India, levantando com isto o ciume de Inglaterra, e abrindo uma serie de conflictos, rivalidades de influencia e hostilidades occultas com esta nação.

Por toda a parte onde a sua denominação se estabelecia, a Russia atraía a amizade das raças indigenas, pelo respeito das suas tradições e costumes, pela animação das industrias locaes e pelo melhoramento dos seus organismos economicos; e, ao mesmo tempo, approximava-as da metropole, por meio de vias de penetração, estradas, caminhos de ferro e estações coloniaes. E, apar d'isso, dentro do paiz, o movimento economico prosperou tambem muito até ao fim do seculo.

*

* *

Já no volume V, alem d'outros factores economicos, examinamos o aspecto, situação, clima e natureza do solo da Russia, na edade moderna. Nada temos a acrescentar agora n'essa parte; porque as condições naturaes, como é evidente, permaneceram as mesmas. Tambem a qualidade dos productos na edade contemporanea foi a mesma, com pequenas modificações, e, regra geral, só variou a quantidade e o desinvolvimento das respectivas industrias.

No meiado do seculo XIX, havia já grande exploração de mineraes. Eram quatro as principaes bacias hulheiras.

A de Donetz era a mais vasta, e remontava a 1840; mas, só em 1870, é que a exploração começou a ser feita com methodo; e o verdadeiro desinvolvimento dos carvões d'esta região apenas principiou em 1875. No fim do seculo, contavam-se n'essa bacia 192 minas; mas desgraçadamente ella estava muito afastada dos centros metallurgicos.

As outras bacias, tambem muito abundantes, porém muito menos exploradas, eram as de Moscou, Polonia e Ural.

Comtudo, apesar d'essa abundancia, pela dificuldade dos transportes e imperfeição dos processos da extracção, as hulhas inglezas chegavam mais baratas aos mercados russos.

Havia tambem já descoberta uma grande abundancia de turfa.

Havia egualmente muito ferro nas regiões lacustres do nordoeste, especialmente da Finlandia, que fornecia excelente mineral magnetico; mas o imperador reservava para si a propriedade das minas de ferro da Europa, o que prejudicava a descoberta e exploração. Ainda assim, em 1897, só a Russia europeia forneceu 3.900:000 toneladas.

O cobre abundava, de fórma que a Russia, apesar de empregar esse metal muito mais que os outros paizes da Europa, ainda o exportava.

Em oiro, em 1897, o rendimento foi de perto de 40:000 kilogrammas; e, quanto á platina, o imperio não tinha rival no mundo.

No Ural, no Caucaso e na Siberia, havia tambem muitos diamantes e pedras preciosas.

A naphta era muito abundante, e já os productos russos luctavam nos mercados da Europa contra os productos similares da America. O principal centro era na peninsula de Apecheron, mas, entre o mar Caspio e o mar Negro, desinvolvia-se uma vasta camada, que passava por baixo d'esses mares. E, alem do districto de Baku, as provincias de Tiflis, de Taman e Kertsh eram ricas em petroleo. Porisso, a Russia se esmerava em applicar de cada vez mais esse producto ao aquecimento das maquinas fixas e moveis, locomotivas e á marinha.

O sal, que os camponezes russos gastavam, n'uma quantidade consideravel para as conservas e para o consumo ordinario, porque, ás vezes, só comiam um pedaço de pão com sal, produzia-se de muitas fórmas —sal gema, que provinha dos pantanos salgados e das fontes salinas, sal das marinhas do mar, e sal das fabricas.

Finalmente, havia grande quantidade de marmores, porfidos, ardosia e argilla plastica, de que se fabricavam os tijolos, e muito ambar no Baltico. Na Crimeia, colhia-se espuma do mar para a fabricação dos cachimbos.

A Finlandia era, como já dissemos, um paiz rico em ferro, e tambem n'outros jazigos mineraes, como oiro, prata, zinco e cobre. Mas faltavam-lhe estradas; o rigor do clima não permittia a exploração d'estas riquezas; e as pedreiras de marmore, porfido e granito só eram exploradas onde as rochas abatidas podiam ser carregadas immediatamente sobre os navios.

*
* *

A agricultura, sobretudo, desde aquella epoca de 1856, desinvolveu-se notavelmente; e algumas regiões do imperio deveram-lhe uma transformação completa e um rapido augmento de valor.

A zona de *terra negra*, cuja verdadeira exploração data do principio do seculo XIX, era d'uma fertilidade assombrosa, e não tinha, como ainda não tem, necessidade de estrume. Era tambem, como ainda é, um dos grandes armazens de trigo do mundo. A sua producção alimentava a densa população d'essa região, bem como a região industrial, que produzia poucos cereaes, e ainda a região do norte, que não produzia nenhum; e, alem d'isso, dava um grande contingente para a exportação. Cultivava-se egualmente muito trigo na Crimeia.

Em todo o caso, alem das perturbações bruscas do clima, este cereal soffria muito do emprego dos methodos primitivos e defeituosos. Emquanto que na Inglaterra se obtinha dezeseis vezes a semente, na Russia o termo medio era só de quatro vezes. Porisso, a exploração diminuiu bastantemente, depois que a India e os Estados-Unidos aperfeiçoaram os methodos de cultura e os processos de concorrencia; mas, ainda assim, absolutamente fallando, a abundancia era muito grande. A maravilhosa fertilidade da terra e o clima, que, em algumas semanas de um sol ardente, faz amadurecer os grãos, e a modicidade dos preços, garantiam á Russia, quando não fosse a faculdade de triunfar d'aquelles

paizes, ao menos, a de luctar com armas eguaes. Só precisava para isso de melhorar as communicações e os processos de cultura. E, n'este sentido, e com grande incitamento patriotico, já nos ultimos tempos do seculo XIX, ella ganhara o perdido.

O centeio cultivava-se por toda a parte, e, sobretudo, na Polonia, onde a cultura era mais extensa. E a maior resistencia d'este cereal ás intemperies, fazia até que a sua cultura fosse substituindo, em muitos logares, a do trigo. Demais a mais, fornecia a parte principal do alimento do povo, e fazia-se tambem d'elle aguardente e uma bebida nacional, chamada *quass;* de modo que, nos ultimos vinte annos, a sua cultura augmentou consideravelmente.

A aveia, que é o cereal dos paizes pobres, cultivava-se muito ao norte.

O milho era uma das grandes riquezas da Besserrabia.

A Crimeia, cujo encanto e fertilidade era já louvada pelos antigos, tinha attraido, depois de 1856, numerosos capitaes. Nas inclinações doces d'esta peninsula, regada com numerosos cursos de agua, havia muitos cereaes; e a qualidade do solo, favoravel á vinha, permittiu que os Russos destinassem vastas extensões á cultura d'ella.

Assim, na costa do sul propagava-se a videira. Esta cultura provinha de muito longe. Já os Genovezes e depois os Tartaros a desinvolveram. E, em 1855, achava-se ella espalhada nas propriedades de muitos grandes senhores russos, que tinham feito vir um grande numero de cepas de França, Hespanha e Allemanha; de modo que se avaliava, então, em 5.000:000 o numero de cepas plantadas n'esta região.

O imperador Alexandre I criou em Margaratech e Nikila escolas de viticultura e oenologia, que prestaram grandes serviços. Os productos, a principio mediocres, tomaram depois logar no commercio estrangeiro, e de modo que, n'alguns annos, se exportavam duas terças partes da producção, e n'uma cifra importante; havendo, já desde o meiado do seculo, edições contrafeitas dos melhores vinhos estrangeiros, como do Lunel, Riverates, Lacrima Christi e Madeira, as quaes não ficavam a dever nada aos originaes. Mas, coisa notavel, assim mesmo, os vinhos fabricados na Crimeia não tinham reputação em S. Petersburgo e Moscou!

A Caucasia produzia tambem muito vinho; mas este foi sempre mediocre, porque os vinhateiros não sabiam fabrical-o.

A batata representava um papel importante na alimentação do povo russo, e era tambem applicada á distillação. Porisso, teve ella um progresso constante [1].

Quanto a fructas, a sua producção era contrariada, geralmente, pelas bruscas mudanças de temperatura e pela volta do gêlo; mas, ainda assim, nas regiões meridionaes e na Transcaucasia, havia muitas arvores fructiferas.

Nas plantas industriaes, deve destacar-se, em primeiro logar, a beterraba, que fez uma verdadeira revolução economica na Russia, no ultimo quartel do seculo XIX, modificando o solo pelo estrume, mudando os habitos e antigos processos e instrumentos de tra-

---

[1] Sobre os productos na edade moderna veja-se o vol. V, pag. 460 e seguintes.

balho e cultura, e até os proprios costumes, transformando a criação do gado, e estimulando a extracção do combustivel mineral.

E' que a beterraba industrial precisa d'uma cultura intelligente; e, alem da extracção do assucar, dá logar a differentes residuos que são muito convenientes para a engorda do gado e para differentes industrias [1], cujo aproveitamento é muito rendoso.

Foi assim que a ambição do respectivo lucro trouxe o amor do trabalho e da industria, e, com elle, todas as modificações do antigo estado social de que acima fallámos.

Demais a mais, foi preciso abrir communicações para levar a hulha ás fabricas e exportar o assucar. A cultura cada vez se foi alargando e tomando novos espaços; e, para os cultivar com proveito, houve necessidade de procurar as maquinas agricolas mais aperfeiçoadas. Com tudo isto, surgiu subitamente a cultura intensiva, tão atrasada antes d'isso; e subitamente a terra augmentou de valor.

Tambem, porisso mesmo, no ultimo quartel do seculo XIX, a invasão da beterraba foi-se estendendo cada vez mais pelas terras negras. O centro principal d'essa producção era Karkof, e, depois, Kief; e Podolia e Volkynia é que possuiam maiores campos de beterraba. Encontravam-se ahi plantações de 1:000 a 2:000 hectares.

Havia muito linho e canhamo. A Russia era, como a Hollanda, o unico paiz da Europa que tinha linho em

---

[1] Vide capitulo III, pag. 127.

quantidade superior para exportar; e a sua concorrencia foi fazendo que a França, Inglaterra e Allemanha renunciassem, pouco a pouco, á cultura d'esta planta. Em todo o caso, o linho russo era geralmente de qualidade mediocre.

Cultivava-se o tabaco em bastante quantidade; mas, ainda assim, era preciso cobrir o consumo por grande importação do estrangeiro; e a qualidade e valores dos tabacos nacionaes deixavam muito a desejar.

Havia tambem muito lupulo.

A Transcaucasia offerecia excellentes condições para a cultura do algodão, nas partes baixas do littoral e dos vales. Eram tambem muito numerosas ahi as amoreiras; e os girasoes de Saratov davam um oleo precioso.

A Russia era verdadeiramente rica de productos florestaes. Havia no norte verdadeiras florestas virgens. Mas, para tentar a exploração, faltavam as estradas e as vias ferreas; e não havia os maravilhosos fjords da Noruega, nos quaes se faz fluctuar a lenha e madeira até ao ponto de embarque; nem havia torrentes onde ella podesse tambem fluctuar até o seu destino. E, demais a mais, o periodo da congelação das aguas e a falta da articulação das costas tornavam as vias do transporte mais necessarias.

As especies mais frequentes eram, geralmente, o pinheiro silvestre, o pinheiro manso, a betula, o olmo, a faia preta e o laricio. Mas o Caucaso tinha tambem magnificas florestas de carvalho, faia e buxo. Era ahi que havia a exploração mais activa e mais extensa; porque tambem se encontravam, apar da melhor vegetação, as condições mais convenientes para o com-

mercio, taes como: correntes fluctuaveis, vias ferreas e vizinhança de um mar, sempre livre de gelos, na parte meridional.

O regimen e aproveitamento das florestas é que era mau. Começava o defeito, porque metade quasi d'ellas pertencia ao Estado. E, depois, essa riqueza era destruida por toda a parte.

Assim, por um lado, o consumo enorme no aquecimento d'uma população de 100.000:000 de habitantes, durante os largos mezes do inverno continental, exigia 300.000:000 de esteres. Por outro lado, a maior parte das construções era feita de madeira. Accrescia tambem o consumo proveniente da enorme frota de navios e jangadas, necessárias á navegação e flutuação fluvial e á cabotagem. As fabricas de ferro do Ural tratavam o mineral de ferro com fogos de lenha. Muitas refinações de assucar da Podolia só empregavam esse combustivel, e os fabricantes de potassa faziam egualmente um grande consumo d'elle. Demais a mais, era preciso alimentar o commercio da exportação, pelo qual a madeira constituia um excellente mercado.

Tudo isto dava logar a uma grande desarborisação e com progressos rapidos. E, nas margens do Volga, essa desarborisação modificou até d'um modo desfavoravel o regimen deste rio, tornando as cheias mais bruscas e os açoriamentos maiores e mais frequentes.

Ainda assim, nas zonas das planicies até 56 a 64° de latitude, as plantações accupavam um espaço consideravel; e a Polonia e Lithuania tinham tambem muitas florestas.

*

* *

O clima da Russia não favorece muito a criação do gado, porque não permitte ter os animaes ao ar livre, e é muito abundante de neves e gelos. Por outro lado, o solo não estava ainda acommodado a este genero de riqueza, porque as steppes substituiam os prados naturaes e artificiaes, em muitas regiões, e a irrigação estava apenas esboçada.

Porisso, a criação de gado na Russia não podia ser, relativamente fallando, tão grande como nos paizes criadores; mas, no sentido absoluto, ella tornou-se muito importante, e tanto que, depois dos Estados Unidos, era o paiz que mais gado tinha.

Já em 1870, na Russia, comprehendendo a Finlandia, viviam 960.000:000 de animaes domesticos, e este numero ainda augmentou muito mais até ao fim do seculo XIX.

A raça bovina era numerosa, nas provincias meridionaes comprehendidas entre o Pruth e o Ural, onde a vegetação das steppes lhe dava uma alimentação abundante, e entre a Esthonia e o Ural.

A Finlandia possuia tambem grande numero d'estes animaes. Era mesmo um dos paizes da Europa mais ricos n'esse genero.

As regiões centraes, que dispunham de poucos prados, e não colhiam forragens, criavam muitos cavallos; e os Cossacos do Dom tinham até grandes rebanhos d'elles, criados em liberdade nas steppes.

O Governo cuidava muito d'esta criação, que considerava como um grande elemento da força militar; e

tinha excellentes coudelarias tratando de melhorar as raças e de fazer prosperar as grandes feiras de cavallos. Demais a mais, os cavallos eram muito necessarios, pelas poucas e más estradas carrossaveis da Russia. Os carneiros não eram muito abundantes. As doenças resultantes da temperatura (epizootias), os lobos [1], o pouco cuidado e pericia em tratar d'elles, e os progressos da pequena cultura, contribuiam para essa deficiencia.

A raça da Russia era mediocre; mas o Governo desinvolveu a propagação dos merinos.

Os porcos eram numerosos na Pequena Russia e na região das steppes. Havia uma grande abundancia de renas ao norte e na Finlandia. Havia tambem muitas abelhas por toda a Russia, e sobretudo na Ukrania, onde o mel tinha, desde muito tempo, substituido o assucar para todos os usos. Mas a industria da beterraba fizera diminuir muito a apicultura [2].

A criação do sirgo começava a fazer concorrencia á França e á Italia.

Finalmente, os cães dos trenós eram muito abundantes e muito estimados.

A caça e a pesca constituiam tambem dois importantes recursos da Russia. Os grandes jejuns da religião e quaresma grega davam logar ao desinvolvimento da industria piscatoria, que era um elemento poderoso de

---

1 Os lobos faziam na Russia uma terrivel destruição. Em numero de mais de 200:000 devoraram, em 1875, 180:000 cabeças de gado grosso, 600:000 carneiros, 100:000 cabras, e mais de 150 pessoas.

2 Vide vol. V, pags. 460 e 461.

alimentação do paiz; e o consumo do peixe era muito grande, mesmo durante os mezes da abstinencia vulgar, que representam um terço do anno.

No mar Branco, armavam-se muitos navios para a pesca do bacalhau, arenques, salmões, phocas, ursos brancos, etc.

O mar de Azof era d'uma riqueza prodigiosa, e o Caspio era ainda mais piscoso. O Estado auxiliava muito a industria piscatoria; estabeleceu até uma escola de piscicultura em Nikolski, governo de Novogorod; e entregava cada anno 6:000 trutas aos lagos e rios da Russia.

A caça dava tambem muitos productos. Só nos ultimos dez annos do seculo, forneceu ao commercio mais de 400:000 peliças por anno.

*

* *

Quanto ás industrias mineraes, a exploração do minerio ainda era pouco remuneradora, no principio do seculo XIX; mas as minas de oiro e prata da Siberia tornaram-se mais bem exploradas, e porisso mais lucrativas desde 1830. A hulha, apenas explorada desde 1827, solicitou capitaes estrangeiros. Em 1851, havia já trabalhos de extracção effectuados com proveito; em 1863, as bacias hulheiras forneciam 128:500 tonelladas de carvão, sendo tres quartas partes só da bacia de Donetz; e, em 1870, a producção tinha quintuplicado, attingindo 700:000 toneladas, para perfazer, dez annos depois, 4.000:000. E foi augmentando assim até ao fim do seculo.

As minas de ferro e cobre seguiram uma egual marcha ascendente; e, em geral, augmentou na mesma proporção a extracção dos outros mineraes.

A industria petrolifera, destinada a ser uma das grandes riquezas da Russia, e que tinha feito a sua apparição em 1863, na região de Baku, já, em 1870, produzia 120.000:000 de galões; e, desde então, adquiriu uma importancia tal que lutou com vantagem contra os productos similares dos Estados Unidos; e foi entregando á exportação cifras, cada vez mais crescentes.

Apezar de tudo, as industrias metallurgicas e chymicas não estavam em relação com a abundancia dos mineraes: o que em parte resultava ainda da inexperiencia da fabricação, e da grande distancia em que as bacias hulheiras estavam da exploração dos outros mineraes.

Ainda assim, a fabricação do ferro e aço foram em constante progresso. As fundições e forjas estavam estabelecidas na vizinhança dos metaes. Perm e Tula eram os grandes centros, e, fóra d'elles, a Polonia, Finlandia, S. Petersburgo, Odessa, Moscou, Kaluga e Nijni-Novogorod tinham algumas fabricas. Alem de outros artigos, fabricavam-se já muitas maquinas, especialmente agricolas, cujos serviços, nos ultimos tempos, os camponios russos começavam a apreciar. Apezar d'isso, era grande a importação de todo o genero.

Os canteiros de Nicolaievsk, Sebastepol e Odessa construiam muitos navios e vapores de ferro e aço. Tula fabricava muitas armas. A fundição imperial Obukhof, já nos ultimos tempos do seculo XIX, fornecia ao exercito e marinha artilharia, até então comprada no estrangeiro.

A quinquilharia, serralheria e pregaria, cujos productos eram objecto d'um enorme consumo, tinham a sua sede nas mesmas cidades; mas Tever estava na primeira classe.

Mesmo nas industrias do luxo, naturalisadas desde muitos seculos, a Russia apezar de lhe faltar a instrucção scientifica, fez grandes progressos. Moscou, S. Petersburgo e Tiflis tinham ourivesarias em que se alliava o gôsto do desenho com a finura da execução. O bronze, as porcellanas de arte da manufactura imperial de S. Petersburgo, e os cristaes, a vidraria e os mosaicos faziam já grande honra á habilidade dos artistas e engenheiros.

O reino vegetal dava logar a industrias muito importantes, como a serragem da madeira, a preparação da gomma, alcatrão e therebentina, e a perfumaria. Com a casca da tilia, fabricavam-se tapetes, sacos, redes, cabos, cordas, e até coberturas de casas.

Com os cereaes, alem da moagem que tinha por centro Odessa, a grande cidade da exportação de grãos e farinhas, fabricava-se muita aguardente.

O alcool de batatas entrava tambem em grande quantidade no alimento dos camponios; e era na Polonia e em Riga onde se distillava a maior parte d'esse alcool e do de cereaes.

Porisso, a preparação da aguardente continuou a ser muito grande, como fôra no periodo antecedente. Essa industria até 1817 esteve em monopolio nas mãos do Estado. Mas, então, o imperador Alexandre I permittiu a fabricação tambem aos particulares, assim como a venda a retalho; e sómente o commercio por grosso continuou nas mãos do Estado. Em 1825, o monopolio

ficou reduzido á distillação e venda aos particulares, segundo os preços determinados pelo Governo; e o abuso da aguardente, e com elle a embriaguez, foi tão grande que, em 1844, 1845 e 1847, teve de ser reprimida a liberdade, fixando-se até a quantidade maxima que se podia vender em cada taberna.

Depois, o Estado tornou a estabelecer de novo o monopolio e outras medidas restrictivas, mesmo quanto á venda, contando com isso diminuir a embriaguez; mas pouco obteve, porque o abuso da bebida pouco diminuiu.

A industria mais importante era a do assucar da beterraba, como já fizemos sentir. No fim do seculo, havia 250 refinações, repartidas em tres grupos, os da terra negra, Polonia e Finlandia, e governos de Karkov e Kief.

As cervejarias eram tambem muito importantes, e tanto que, nos ultimos tempos, a Russia já se tinha libertado do tributo que, n'essa parte, pagava á Allemanha, pela importação da cerveja allemã.

Das industrias textis, a algodoeira tornou-se a mais importante. Havia começado, em 1825; e, a Russia, depois de ter sido por muito tempo tributaria da Inglaterra, já em 1864, principiou a exportar 4.000:000 de rublos dos seus productos textis. Tornou-se até o quarto paiz n'este genero, porque vinha depois da Inglaterrra, França e Allemanha; e os tecidos de algodão russo, que primeiramente eram pouco estimados do commercio, tornaram-se depois tão bons como os inglezes, e conquistaram os mercados nacionaes, onde, então, os de Manchester já não achavam comprador. Concorreu também para isso o consumo da Asia.

Por esse grande desinvolvimento da industria algodoeira, é que os proprietarios russos cuidaram muito na exploração do algodão, ao sul do imperio.

Operou-se tambem um grande progresso na fabricação do linho e do canhamo.

A Russia foi, durante o seculo XVIII e principios do seculo XIX, grande exportadora de linho. De 1820 a 1875, quasi que perdeu a clientella, por não ter melhorado a qualidade. Mas, depois d'isso, nos ultimos tempos do seculo XIX, não contente de fornecer linho e canhamo ás manufacturas do occidente, expedia teias de toda a qualidade para toda a parte, em concorrencia com os paizes mais notaveis n'esta industria. Na Finlandia, constituiram-se até sociedades linheiras, para fornecer o consumo aos habitantes do paiz, tirando da Russia dois terços do linho que fabricavam, e favorecendo tambem, assim, o desinvolvimento d'essa industria.

A dos tecidos de lan nunca attingiu a importancia que devia ter n'um paiz frio como a Russia, e de grande extensão de pastos para carneiros.

No entanto Karkov, Kerson, Poltava, Varsovia eram importantes centros de lan; e, alem d'elles, havia em Nijni-Novgorod uma feira tambem de lan, onde vinham prover-se os Allemães, que a revendiam em Leipzig, Stettin e Berlim.

A industria de seda estava pouco desinvolvida.

Na região do sudeste, comprehendida entre o Ural e o Volga, teciam-se com lans de camello grossos pannos, muito estimados dos povos nomadas, e que eram reputados de primeira qualidade nos mercados da Asia Central.

Nas industrias derivadas do reino animal, a curtimenta obteve uma grande importancia. A Russia contava, no fim do seculo, 3:000 fabricas. Os couros russos, cujo cheiro particular provém do oleo da betula negra, tinham, como ainda teem, uma enorme reputação em todos os mercados da Europa.

Havia muita fabricação de estearina, queijo e manteiga.

Do cebo dos rebanhos dos carneiros gordos das esteppes dos Kirghis fabricavam-se, principalmente em Odessa e Karkov, velas, cirios e sabões, em grande quantidade.

Finalmente, a pesca dava logar a uma enorme industria de conservas de peixe salgado e de caviar.

Apesar de tudo que deixamos dito, a industria transformadora não representava, ainda no fim do seculo, senão uma fraca parte do trabalho do paiz, e estava quasi toda na mão dos estrangeiros. Nas provincias balticas, predominava a industria dos Allemães. Na Finlandia, a dos Suecos. A fabricação dos espelhos e vidros estava na mão dos Belgas. As grandes industrias metallurgicas foram criadas pelos Inglezes, Francezes e tambem pelos Belgas.

As principaes industrias do imperio, distillações e cervejarias, fabricas de oleos e cortumes, perfumaria, papel, estearina, vidros, fundições, tecelagem, dadas como nacionaes, eram, na maior parte, apenas nacionalizadas. As fiações de seda de Girard, por exemplo, eram francezas e davam que fazer a 2:200 operarios. A mais importante fabrica de perfumes, pertencia ao subdito francez Brocard. Uma sociedade franceza explorava a latoaria. Mesmo as grandes obras dos caminhos de

ferro particulares eram dirigidas por estrangeiros, por que a engenharia imperial poucas aptidões mostrava. Em summa, por toda a parte, os estrangeiros predominavam.

Quasi todos os recursos do imperio eram lhe dados pela caça e pesca, e pela cultura do solo, especialmente nos cereaes, vinho e canhamo, e pela criação do gado. E era assim que a Russia occupava a decima classe na exportação dos cereaes, e a primeira na do linho e canhamo.

*

* *

O commercio exterior, foi longo tempo, embaraçado pela legislação aduaneira, e pelos direitos elevados; e, alem d'isto, essa legislação variava, conforme a simples fantasia da auctòridade suprema ou instabilidade da politica.

Em 1841, foi adoçado o regimen fiscal em vigor, mas só com respeito ás relações da Europa; e as consequencias d'esse adoçamento foram insignificantes.

Demais a mais, a Polonia e a Finlandia ficaram separadas por uma linha de alfandegas, com direitos tão elevados que muito prejudicavam o tráfico d'estas regiões.

Sómente em 1843, é que se realisaram reformas importantes n'essa materia, e, depois, em 1850, 1857, 1863 e 1864.

Na primeira d'ellas, estabeleceram-se em Arkangel S. Petersburgo, Cronstadt e Riga, entrepostos, destinados a facilitar as reexportações. Na segunda, o reino

da Polonia foi egualado no regimen aduaneiro ás provincias russas. Em 1857, a unificação dos direitos foi applicada a todo o imperio, salvo a Finlandia, que conservou uma organisação aduaneira distincta. Em 1863, um novo *ukase* reduziu as taxas d'um grande numero de artigos exportados por mar. No anno seguinte, a maior parte dos direitos foi supprimida, e essa medida foi tambem generalisada a todas as fronteiras exteriores de terra e mar da Russia europeia e á Polonia e provincias transcaucasicas, e applicada egualmente aos portos do mar Negro, e mesmo á alfandega de Tiflis, que tinham até então uma tarifa especial.

Na Asia, afim de facilitar as relações mercantis com os novos estabelecimentos russos, fundados perto do Amur, um outro porto de commercio foi criado, em 1863, nas proximidades d'este rio, em Nicolaievsk, sobre o Oceano Pacifico. Estabeleceu-se ahi um regimen distincto do da Russia europeia, constituido por tarifas particulares. A franquia commercial com o estrangeiro era mantida em Kamtschatka. A alfandega russa, encarregada de vigiar as trocas com a China, foi transferida em 1861 de Kiachta para Irkutsk. O regimen da importação do chá, remodelado inteiramente, permittiu a importação d'este genero por mar, a partir de 1862, com taxas que variavam, conforme diziam respeito ás alfandegas de terra ou aos portos de mar. E, emfim, por um accordo entre o gabinete de S. Petersburgo e o de Pekin, as prescripções relativas ás trocas entre os dois paizes foram adoptadas, em 1862, por uma duração de trez annos, a titulo de ensaio.

E já precedentemente, em 1852, o Governo russo tinha admittido o transito para as provincias trans-

caucasicas de mercadorias da Europa e das colonias, com destino á Persia.

O reino de Alexandre II foi o ponto de partida de importantes progressos, quanto ao commercio estrangeiro.

A revisão das tarifas, desde 1857 a 1862, de que acabámos de fallar; a construcção dos caminhos de ferro; a fundação de um banco do Estado; a criação de numerosos estabelecimentos de credito; a impulsão dada á agricultura e á industria, que a exploração das minas de toda a especie e a descoberta de riquezas importantes no subsolo, até então desconhecidas, incitavam de toda a parte; e, emfim, as medidas mais liberaes na ordem administractiva e legislativa: abriram ao commercio internacional faculdades novas, que provocaram o seu desinvolvimento.

E, apar d'isso, a elevação dos direitos pautaes sobre a importação de varias mercadorias, pelos decretos de 1877, 1881, 1882, 1885, 1887, 1890 e 1891, estimularam a exploração dos recursos naturaes, e, com ella, o augmento dos productos da exportação.

O commercio interior era muito importante; já porque a Russia queria emancipar-se, o mais possivel, da influencia dos estrangeiros; e já porque era natural essa emancipação, em vista dos citados decretos proteccionistas. Demais a mais, estando as communicações navegaveis interrompidas, e o solo gelado e coberto de neve, n'uma grande parte do anno, era preciso nos poucos mezes que estavam livres, preparar os generos, expedil-os, compral-os e guardal-os; e impunham-se, porisso, tambem as feiras.

Havia milhares de cidades que tinham o privilegio de abrir feiras; mas só as grandes cidades fizeram uso

d'este privilegio. Entre estas, sobresaíam Moscou, centro do commercio da região industrial, e Nijni-Novgorod, tambem grande centro mercantil entre a Asia e a Europa e que era o maior mercado de lans e a maior feira do mundo, onde se viam Chinezes, Bukharios, Persas, Indios, etc. Concorria para isso a sua situação, na convergencia d'uns poucos de rios.

Perm, Poltava, Kief, Rostov e Kazan tinham tambem feiras celebres. Kazan era até um entreposto de grande valor para as trocas entre a Russia e a Siberia. Karcov era o entreposto e etapa intermediaria entre Moscou e Odessa.

Não obstante a importancia d'estas feiras, a não serem os Allemães, que n'ellas preponderavam, os outros povos da Europa eram quasi nullos. E, apezar de tudo, tendiam ellas a desapparecer, por causa da falta de communicações. E se tanto tempo conservaram a sua grande importancia, foi devido á extensão do territorio do imperio, e ao clima, que obriga os Russos a fornecerem-se no verão para todo o tempo do inverno. Mesmo a feira de Nijni-Novgorod foi nos ultimos tempos diminuindo, cada anno, à proporção que se iam desinvolvendo as communicações na Siberia. E já ultimamente era Tiumen, tambem na Siberia, que detinha a maior parte dos negociantes siberianos e chinezes.

A navegação tinha naturalmente seguido a progressão das transacções exteriores. E, se o numero dos navios que frequentavam os portos russos, não tinha augmentado sensivelmente, passando desde 1856 a 1871 de 6:820 a 8:640 navios, com entradas e sahidas, a capacidade e tonellagem das embarcações é que tinha quasi duplicado.

A *Companhia Russa de Navegação e Commercio*, fundada em 1856, constava, no fim do seculo, de 77 navios a vapor, que faziam escala de S. Petersburgo a Odessa, Constantinopla, Grecia e Alexandria. Havia tambem uma grande linha de Odessa, S. Petersburgo e Marselha, e uma outra para as escalas do Oceano Indico e extremo oriente. A *Frota Voluntaria*, criada por subscripção, desde 1876 a 1878, era administrada pelo ministro da marinha, e servia, sobretudo, para assegurar as relações permanentes entre a Russia da Europa e as provincias do Pacifico. Em 1898, já comprehendia cinco vapores. E havia ainda outras companhias.

Em 1899, com a frota finlandeza, a marinha mercante havia attingido 880:000 tonelladas, de modo que tinha assim excedido a de todos os paizes, excepto a Allemanha.

A Russia importava, principalmente, materias primas ou productos necessarios á sua industria, estofos, hulha, objectos manufacturados e generos coloniaes.

Exportava, sobretudo, madeira, plantas industriaes, pelliças e cereaes, que representavam quasi metade de toda a exportação, e tambem alguns objectos manufacturados.

Depois da lenha e madeira, mais valioso até do que alguns dos cereaes cultivados na Russia, era o computo de palha e feno colhido, enfardado e trazido ao commercio. Basta dizer que andava o seu importe por 286:000 contos annuaes.

A Allemanha, por terra, e a Inglaterra, por mar, eram os paizes que mais objectos tiravam da Russia.

Assim, a Allemanha tirava as materias primas necessárias á sua industria, e cereaes; e fornecia quasi o

mesmo valor, principalmente, em productos manufacturados. A Gran Bretanha comprava muito mais do que vendia, e carregava a maior parte dos cereaes, que saíam por Odessa, e muitos objectos de alimentação. Mas as trocas com esses Estados tendiam a restringir-se, á proporção que a Russia desinvolvia as suas industrias.

A França comprava na Russia madeiras e cereaes, e vendia os seus vinhos, as suas sedas, e um certo numero de objectos manufacturados.

Entre os Estados asiaticos, a China era o paiz que mais trocava com a Russia. Os Estados Unidos da America tinham tambem muitas relações com ella, e d'um valor reciproco.

*

* *

Tratando dos centros economicos principaes que havia na Russia, no seculo XIX [1], e começando pela Finlandia, eram importantes Tavastehus e Tornea. Esta ultima cidade era até o porto dos Lapões onde elles vinham vender peixe e linguas de renna.

Uleaborg era muito mais importante que Tornea. Os barcos, que desciam o Ulea, traziam-lhe uma grande quantidade de resina e de alcatrão; e muitos trens de madeira vinham fluctuar no seu caes. No principio do seculo XIX, esse porto era, graças á exploração das

[1] Sobre os centros principaes, na edade moderna, veja-se o vol. V, pag. 498 e seguintes.

florestas, o mais frequentado de toda a Finlandia; mas os portos da região povoada do sul desbancaram-no depois, na actividade do commercio que foram exercendo.

Abo, a segunda cidade da Finlandia, pelo numero de habitantes, e a terceira, pelo commercio, era um dos grandes mercados da região. Foi tambem dois seculos, (1640 a 1827), a sede da Universidade finlandeza; mas, tendo um incendio devorado os edificios escolares e a bibliotheca de 40 mil volumes, essa Universidade foi transferida para Helsingfors.

Helsingfors era não só a principal, mas até a mais bela cidade da Finlandia, e um grande centro de commercio. A navegação no seu porto foi muito activa, em todo o seculo XIX, mas o movimento havia diminuido muito nos ultimos tempos, em virtude da construcção dos caminhos de ferro que se dirigiam para a ponta de Hangö, isto é, para o promontorio angular da Finlandia, á entrada dos dois golfos, onde o mar é muito mais livre de gelos que no porto de Helsingfors e nos outros portos do littoral, cujos canaes se fecham em novembro ou dezembro, para se abrirem somente no mez de maio. Helsingfors era tambem o mercado principal para as duas cidades do interior, Tavastehus e Tammersfors ou Tampere, que se podia chamar por hyperbole a Manchester da Finlandia.

Wiborg é a terceira cidade da Finlandia por sua população, a segunda por seu commercio, e tambem a primeira por sua navegação, graças, sobretudo, á visinhança de S. Petersburgo. Mas os grandes navios tinham de parar a 13 kilometros ao norte, na enseada de Transund.

Nas provincias balticas, Revel ou Reval, a capital

da Esthonia, que é uma cidade privilegiada pela sua situação commercial, era o mais util dos portos que a capital da Russia aproveitava no Baltico. Graças ao caminho de ferro que custeia a margem meridional, S. Petersburgo podia por meio d'elle importar, durante uma parte do inverno, as mercadorias que os gelos detinham a oeste de Kronstadt; porque os navios desembarcavam essas mercadorias em Revel, ou no seu annexo aduaneiro Baltisch-Port, enseada mais occidental, banhada por um mar que é mais aberto e está mais tempo livre dos gelos; e, assim, podiam seguir depois para S. Petersburgo.

O porto de Revel era o quinto porto do imperio, pelo valor das suas trocas, e devia tambem uma parte da sua importancia ao facto de estar precisamente em face de Helsingfors.

Riga, capital da provincia baltíca, n'uma situação admiravel, era, pela população, a quinta cidade do imperio; e o seu porto, pelo commercio, era o terceiro. Vinha logo depois S. Petersburgo e Odessa, apesar de que os grandes navios não podiam entrar em plena carga nas bacias do Duina.

O porto de Libau está desembaraçado de gelos, tres semanas antes de Riga, e seis semanas antes de S. Petersburgo; e já communicava com Vilna por um caminho de ferro. Mas a barra tem pouca profundidade, e muda muitas vezes de posição e largura, conforme os ventos. E isto explica a inferioridade do movimento d'esse porto, quanto a Riga e Revel.

Ao sul de Libau, os pescadores recolhiam nas areias 2:000 kilos de ambar amarello; mas já o não encontravam para o norte.

Na Polonia, Warta, era importante.

Kalisz, capital da provincia do mesmo nome, era muito commercial, e possuia muitas manufacturas de pannos.

Lodz, que, em 1821, era uma simples aldeia, já no fim do seculo, era a segunda cidade da Polonia, por sua população e sua industria, estando cheia de fabricas de fiação e tecidos de algodão e de pannos, tinturarias e outros estabelecimentos industriaes, em numero de muitas centenas. Só ella fabricava sete oitavas partes de algodão que se tecia na Polonia.

Radom e Lublin estavam muito decaídas.

Varsovia, a capital da Polonia, estava no crusamento dos caminhos europeus; mas não tinha ainda ao serviço do seu commercio um numero sufficiente de caminhos de ferro. E, alem d'isso, era constantemente ameaçada pelos desgelos do Vistula. Distinguia-se, ainda assim, pela sua actividade industrial e commercial. Fiações e manufacturas de estofos, fabricas de tabaco, de distillação, cervejarias, curtimenta, maquinas, ferramentas, moveis, pianos, forneciam annualmente productos de muitas dezenas de milhões de francos. E uma fabrica visinha, Zyrardowska, tinha quasi que o monopolio da fabricação da roupa de mesa na Polonia.

E, quanto ao movimento commercial, pode-se fazer ideia d'elle, attendendo á multidão de commerciantes Israelitas, que percorriam, em numero de cem mil, as ruas de Varsovia. De todas as cidades do mundo era onde a população judaica prefazia maior numero, e onde crescia mais rapidamente.

Havia ainda na Polonia muitas outras cidades importantes.

Na bacia do Neman (Lithuania), mas, n'um afluente lateral, o Viliya, Vilna, a grande cidade tambem da Lithuania, estava muito decaída. Pelo contrario, Kovno tinha adquirido uma grande importancia.

Vazma, na bacia do Dnieper, era muito commercial, como logar de passagem frequente.

Dorogobouj era menos animada commercialmente que Vazma, porém, apezar d'isso, fazia um tráfico muito consideravel de generos agricolas.

Smolensk, occupando um vasto espaço nas duas margens do Dnieper, no cruzamento de muitos caminhos, e especialmente das duas vias ferreas de Riga ao Ural e de Varsovia a Moscou, era um dos pontos vitaes do commercio do imperio.

Vladimir estava muito decaída.

Jitomir, na Volynia, fazia um commercio importante, sobretudo, em cereaes.

Bransk era outra cidade de grande commercio. Os seus mercadores compravam muitos generos na provincia para Moscou, S. Petersburgo e para os portos meridionaes do Baltico.

Em Kursk uma grande cidade russa, tres caminhos de ferro, dirigindo-se sobre Kief, Moscou e Karkov augmentavam a sua importancia commercial.

A feira de Kursk era outr'ora a mais frequentada da Russia. Mas o centro das transacções entre a região industrial de Moscovia e as terras agricolo-meridionaes deslocou-se para o sul.

No governo de Tchernigov, as cidades importantes de Gloukhow, Krolovetz e Konotop eram tambem centros economicos notaveis; e a primeira d'ellas tinha até por especialidade ser um grande mercado de cereaes.

Tchernigov, a capital do Governo, tinha tambem grande commercio de cereaes, e de canhamo e outros generos.

Nejin, com maior população que Tchernigov, tinha grande industria e commercio de tabaco e grande cultura local.

Kief, a cidade sancta dos Russos, era, como ainda é, uma das primeiras cidades do mundo. Tinha grande industria e commercio; e contribuia muito para isso a peregrinação que ali faziam, e ainda fazem, todos os annos, diversos romeiros, no total de 300:000.

Está situada no meio da bacia de Dnieper, onde todas as ramificações superiores lhe trazem as suas aguas e o seu commercio.

Soumi era uma das cidades mais commerciantes da Ukrania.

Poltava engrandeceu lentamente até o meiado do seculo XIX. Mas, depois d'isso, progrediu com rapidez, quando uma feira importante foi transferida para lá, e vastos espaços, outr'ora occupados por jardins, se cobriram de construcções. A feira onde se faziam, e ainda fazem, pela media, trocas no valor de 50 a 60 milhões de francos, era frequentada, sobretudo, pelos negociantes de lan, e ahi se vendiam tambem muitos cavallos para as tropas das bordas do Don.

Os Judeus tinham uma grande parte da industria e commercio de Poltava na sua mão, e os colonos allemães introduziram lá a fabricação dos pannos e das colchas.

A industria de tecidos tinha tomado tambem uma certa actividade na cidade de Kovelaki, situada a juzante de Poltava.

Yekaterinoslav, cidade moderna, porque foi fundada por Potenkin, em 1784 [1], tornou-se logo, durante o seculo XIX, um centro de bastante importancia.

Kerson, capital de um dos governos mais populosos da Russia, era bem inferior ao commercio de Odessa; mas, como guardian da entrada do Dnieper, não podia deixar de reter uma parte notavel das trocas da Russia meridional. Todavia a barra, as ilhas e os bancos de areia impediam os grandes navios de subir até lá, e tinham elles de parar a 10 kilometros a oeste da cidade. Fazia um grande commercio de exportação, sobretudo, de madeira, cereaes e couros; mas uma grande parte do seu tráfico consistia em expedições de cabotagem para Odessa, que, por seu lado, lhe enviava mercadorias estrangeiras.

Nicolaiev, a Toulon da Russia, ainda que especialmente dedicada aos trabalhos militares, tinha tambem importancia, como cidade de trocas pacificas.

Odessa, o grande porto commercial da Russia do sul, não está situado como Kerson, Nicolaiev e Otchakov perto da bocca de um rio que dê accesso ao interior das terras. Comtudo, podia ser considerado com o verdadeiro porto do Dnieper e Dniester da mesma fórma que Marselha o é do Rhodano, e Veneza, do Pó. As difficuldades da entrada d'esses dois rios teem obrigado os marinheiros a escolherem como lugar de *rendez-vous* um ponto do littoral de mais facil accesso; e o golfo de Odessa offerece precisamente as condições necessárias para isso. Os vasos podem ancorar ahi sem perigo; e,

---

[1] A *Historia Economica*, vol. V, pag. 434.

pelos caminhos das steppes, os commerciantes vão junctar sem grande custo os caminhos que bordam aquelles rios.

Alem d'isso, de toda a bacia occidental do mar Negro, o golfo de Odessa é o que se encontra mais no interior das terras. E é precisamente lá que a costa muda de direcção de um lado para o sul e do outro para o norte, d'onde resulta que as vias naturaes do paiz se dirigem em maior numero para Odessa que para outro ponto do littoral. Porisso, a importancia d'esta cidade cresceu rapidamente, e, sobretudo, depois que aos privilegios resultantes da posição geografica accresceram os dos molhes, entrepostos, caminhos de ferrro e as relações estabelecidas; e tudo isso já no seculo XIX. E, comtudo, a existencia d'essa cidade não datava de mais de um seculo.

Em 1880, já ella tinha 800:000 habitantes. Foi, só em 1830, que Odessa teve a sua primeira fabrica; mas, no fim do seculo, já possuia fabricas de moagem a vapor e de saboarias, tabacos, distillação, cervejaria, salgação, e canteiros de toda a especie, e outras manufacturas e fabricas. As salinas dos arredores forneciam muito sal.

O commercio era muito grande. O principal genero de exportação consistia nos cereaes; mas Odessa exportava tambem, pelos seus tres portos, quantidades consideraveis de lan, cebo, linho, etc.; e recebia em troca generos coloniaes, objectos manufacturados, vinhos e artigos de luxo, etc.

Na região dos grandes lagos, Novgorod, tão poderosa no passado [1], estava decaída de todo.

---

1 Vide vol. V, pag. 512.

S. Petersburgo, a capital da Russia, depois chamada Petrogrado, era a primeira cidade manufactora do imperio. Alguns grandes estabelecimentos pertenciam ao Estado; mas a principal actividade estava sobretudo, nas fabricas particulares, de construcção, de fiação de estofos de lan e algodão, cervejarias, distillações, tabaco, etc. O commercio era tambem muito consideravel. Ella constituia já a quinta cidade da Europa no numero dos habitantes.

Kronstadt era uma cidade militar.

Na vertente do Oceano Glacial, Kola representava uma grande estancia de pesca.

Vologda era muito commercial. Expedia para o baixo Duina linho, aveia e outros generos, e para S. Petersburgo, manteiga, ovos e teias.

Arkangel tomou grande importancia no seculo XVI, quando os navegadores inglezes fizeram do mar Branco a porta da communicação de Moscovia com o mundo occidental; mas decaíu depois da fundação de S. Petersburgo, que proporcionou um via mais commoda para o commercio da Russia com o resto da Europa.

Alem d'isso, Pedro Grande limitou a quantidade de mercadorias que Arkangel podia exportar; prohibiu para lá a exportação do canhamo, linho, cebo e de mais de um terço dos outros generos do imperio; e, pelo chamamento dos marinheiros e negociantes para a nova capital, fez diminuir muito a importancia de Arkangel. Apezar d'isso, a situação do porto d'essa cidade, na unica via fluvial de um immenso territorio, cuja população espalhada, como era, augmentava rapidamente, não podia deixar de dar certa actividade a esse empo-

rio do mar Branco, por fórma que elle representava ainda a quarta capital do imperio.

Em 1844, o governador geral prohibiu tambem a fundação de um banco em Arkangel, o que lhe prejudicou egualmente o movimento economico.

Na bacia do Volga e Ural, Tver, outrora a rival mais poderosa de Moscou, tem a vantagem de estar situada no confluente do Tevertza, que desce das alturas do norte e que, desde todo o tempo, offereceu um caminho para a bacia do Neva e do golfo de Finlandia. Os generos deviam outrora ser transportados por terra de Tevertza ao Msta; mas um canal navegavel abrira, desde ha mais de um seculo, um caminho navegavel desde Tver a S. Petersburgo. E, desde então, os barcos, carregados de trigo e de outros generos, ahi paravam por centenas e por milhares, durante a boa estação, como acontecia tambem com a cidade industrial de Torgok, situada mais abaixo sobre o Tevertza.

Avaliavam-se em quatro mil barcos os que amarravam, cada anno, ao caes de Tver. Esta cidade era tambem uma das mais industriaes que se encontravam no norte da Russia. Possuia numerosas manufacturas, sobretudo, de fiação de algodão e bordadura de couros.

Ribinsk é a segunda etapa commercial do Volga, a juzante do Tver; e encontra-se á saida de dois canaes que fazem communicar o Volga com S. Petersburgo, um pelo Mologa, e outro pelo Cheksna Bello Ozero, os dois grandes lagos da bacia do Neva. Tinha tambem um movimento enorme de barcos e de industria e commercio; e, alem de outras, uma grande manufactura de cordas.

Yaroslav era tambem centro importante; e bem assim Rostov, onde uma das principaes industrias era a pintura das imagens sagradas sobre o esmalte, por ter sido outrora conceituada como cidade santa.

Na bacia do Oka, preponderava Tula. Esta cidade foi escolhida, em 1712, por Pedro Grande, para receber a principal fabrica de armas do imperio; e essa fabrica, ainda no fim do seculo XIX, occupava muitos milhares de operarios, fabricando cada anno 70:000 armas de fogo, alem de muitas armas brancas e instrumentos de ferro e aço. Tinha tambem fabricas de instrumentos de mathematica, e de maquinas e objectos de prata e ouro. Fornecia 200:000 samovares, indispensaveis a toda a familia russa. Era a Liège da Russia. As fabricas tinham a vantagem de se acharem collocadas ao pé de vastas bacias hulheiras.

Moscou, a segunda capital da Russia, que occupa o centro geografico, onde convergem todos os caminhos, era tambem uma capital industrial. Desde o meiado do seculo XIX, contavam-se lá 650 fabricas, tendo um conjunto de 40:000 operarios, e produzindo uma centena de milhões de francos. Os principaes estabelecimentos industriaes eram de fiação e tecidos de algodão e de tecidos misturados, tinturarias, manufacturas de lan e seda, curtimenta e distillações.

Koloma era muito commercial.

Razan tinha algumas fabricas; mas era, sobretudo, importante como cidade de commercio, graças ao Oka, rio que decorre á distancia de dois kilometros, bem como ao caminho de ferro de Moscou a Saratov.

Pavlovo era um dos grandes centros da industria de ferro. Milhares de operarios fabricavam lá 300 mil

fechaduras por anno, facas, instrumentos de cirurgia e ferramentas de toda a especie em ferro, aço e cobre.

Vladimir e Suzdal estavam muito decaídas.

Ivanova e Choyo eram muito industriaes.

Nijni-Novogorod, para se tornar um centro muito importante do commercio, bastava a feira que lá se fazia e faz, a mais importante da Russia e do mundo, feira essa nomada, como são muitos dos povos que ahi veem traficar. Era frequentada por mais de 100:000 pessoas. O principal commercio consistia em pannos de algodão e lan. Depois, vinham os ferros, as pelles, os couros e os artigos de modas, dando logar á venda de muitas dezenas de milhões de francos. As carregações do chá chinez eram tambem muito consideraveis; pois, ainda nos ultimos tempos do seculo XIX, regulavam por 1:000 caixas, embora tivessem diminuido, por causa das grandes facilidades que apresentava o tráfico por mar de Changai e Cantão a Odessa.

Nijni-Novogorod possuia tambem canteiros de construcção e fabricas metallurgicas.

Na bacia media do Volga, Kazan, a antiga capital do reino dos Tartaros, que succedeu como importante mercado á cidade de Bolgar, tinha um grande commercio. Situada no cruzamento das grandes vias da Siberia, do Baltico e do Caspio, tratou de expedir as mercadorias n'essas tres direcções, sem ser por intermedio de Novogorod. Quasi metade dos habitantes de Kazan vivia da industria e do tráfico. Alem das distillações do alcool, a cidade tinha fábricas de pelles de marroquim, que preparavam os melhores couros, manufacturas de teias, e tambem fabricas de vellas de cebo e de alluminio.

Perm era muito metallurgica.

No Volga inferior, havia cidades populosas, quasi todas de origem moderna. E algumas d'ellas, mais cedo ou mais tarde, tomaram logar entre os maiores centros economicos da Russia, como foram Simbirsk, Samara, Sizran, Saratov e Dubovka.

Astrakan, capital do vasto Governo das steppes caspias, a cidade commercial das boccas do Volga, não tinha a categoria que devia ter, como porto de saida de uma bacia tres vezes maior que a França, e povoada de 50 milhões de habitantes. Mesmo a certos respeitos, Astrakan era uma cidade decaída.

Possuira outr'ora o monopolio do commercio russo com os paizes de alem Caspio. Mas, nos ultimos tempos do seculo XIX, os caminhos de terra, de um lado, por Oremburgo, e, do outro, por Tiflis, eram preferidos para os commerciantes da via maritima, e as barras perigosas do Volga eram cada vez mais evitadas pelo commercio internacional.

No Governo de Oremburgo, as cidades de Oremburgo e Ural, tornaram-se muito industriaes e commerciaes. Uma das grandes riquezas era a do sal.

Voroneje era tambem centro importante.

Karkov, a maior cidade da região, era das mais activas da Russia no commercio e industria. Concorriam ahi 80:000 commerciantes de todas as partes. E era tambem uma das cidades da Russia que se tinha posto á frente do movimento intellectual do imperio.

Rostov era egualmente uma cidade de grande commercio, onde tres a quatro mil navios de cabotagem vinham cada anno carregar cereaes, linho, lans, cebo e outros generos. Comtudo, tinha a desvantagem de

haver uma parte do rio Don, onde os navios não podiam subir, e a sua jurisdicção não se estender á entrada do mesmo rio, que pertencia ao territorio dos Cossacos, de modo que ella não podia emprehender ahi trabalhos de drenagem.

Taganrog, em cujo porto, no tempo de Pedro Grande, podiam fluctuar 200 navios, já nos ultimos annos do seculo XIX, só deixava approximar-se d'elle os de pequena lotação. Os de um calado de cinco a seis metros já eram obrigados a ancorar a 15 kilometros ao largo; e os maiores tinham de parar mesmo a 40 kilometros do caes.

Apezar d'isso, prosperou rapidamente; e graças ao seu caminho de ferro, é o porto de expedição mais proximo das terras negras e de Karkov e do Don.

Na Crimeia, havia como centros importantes Sinferofol, Sebastopol e Kertch.

*

* *

A Russia, como ainda hoje acontece, tinha más condições locaes, com respeito a communicações maritimas e fluviaes. Os mares exteriores, que são o Baltico e o mar Negro, tinham as avenidas fechadas na mão d'outros paizes. E, alem d'isso, os povos occidentaes da Europa esforçaram-se por lhe impedirem esses mares.

E, quanto a rios, o mais importante é o Volga, que é navegavel para vapores, em grande parte do seu curso. Mas, infelizmente, se não tem cataractas, tem muitos bancos de areia.

No mar de Azof, o Dom tinha navegação difficil, por ter o leito pouco profundo, e sómente servia para barcos chatos no estio. Ainda assim, o movimento de barcos era grande, porque esse rio era tambem o grande caminho de trigos, cebos e fenos, que vinham do interior, e se dirigiam para os portos de Rostov e Taganrog.

O Dnieper, um dos maiores rios da Europa, era, então, como ainda hoje, impraticavel em muitos pontos, por causa das suas cataractas e rapidos; e era-o, principalmente, na bacia que obstruia a sua embocadura.

O Dniester só era accessivel a barcos.

O Neva gelava todos os annos durante o inverno até Abril. E tal era o contentamento com o desgêlo que havia, então, uma festa em S. Petersburgo.

O Duina Meridional é tambem difficilmente navegavel, por causa dos innumeraveis escolhos e bancos de areia, que o obstruem. E o Duina do Norte está quasi sempre gelado.

E, alem d'estes rios, estarem gelados n'uma grande parte do anno, havia ainda o perigo do subito descoalho.

O littoral do Oceano Glacial é chato, baixo e pantanoso, e o mar está gelado tambem, durante nove a dez mezes no anno. O unico porto importante era Arkangel, na embocadura do Duina do Norte.

As costas do littoral do mar Baltico são baixas, semeadas de ilhas, ilhotas, rochedos e baixos fundos, que tornam a approximação difficil; e a pequena profundidade só consente navios de pouca lotação. Esse mar está gelado tambem, quatro ou seis mezes no anno; é muito atreito a nevoeiros cerrados; e a entrada do golfo

de Riga ou Livonia é tambem difficil, porque só póde penetrar-se n'elle por estreitos muito perigosos.

O mar Negro é tambem mau para a navegação, pelos nevoeiros, tempestades subitas e ventos muito violentos. Os invernos são lá tambem muito rigorosos; e Odessa e o estreito de Jenikale gelam, mais ou menos, todos os annos.

O mar de Azof é pouco profundo, e, portanto, só é navegavel para pequenos navios; e gela egualmente, mais ou menos, todos os annos.

Finalmente, o Caspio é da mesma fórma pouco profundo, muito cheio de bancos de areia, e, porisso, pouco navegavel.

Em compensação, a Russia tinha, como ainda tem, um notavel systema de canaes, que punham em communicação os diversos mares e rios do imperio.

Foi sempre muito deficiente de estradas. Servia-se dos caminhos que a propria natureza cavou. A primeira estrada carrossavel que tal nome merecia, foi construida de Moscou a S. Petersburgo, no tempo de Pedro Grande. Mas nem essa, nem outras que depois se fizeram, correspondiam ás necessidades do commercio, por terem sido traçadas como objectivas de fiscalisação e estrategia. Em 1896, ainda as estradas não mediam mais do que 12:800 kilometros de extensão.

O territorio não se prestava ao estabelecimento de caminhos de ferro, porque era preciso fazer muitas pontes e muitas calçadas nas regiões pantanosas, a nordoeste e sudoeste.

E, porisso e por má politica dos imperadores, a Russia repulsou por muito tempo a construcção das

vias ferreas; e tanto assim que, até 1843, não foi auctorisado nenhum caminho de ferro. O imperador Nicolau, só permittiu a construcção da via ferrea de S. Petersburgo a Moscou. Mas a guerra da Crimeia abriu os olhos aos politicos russos, e, porisso, desde 1865 a 1880, foram construidos 27:000 kilometros na Russia, 1:600 na Finlandia, e 1:100 no Turkestan. Depois, pararam as construcções, por circumstancias financeiras, e porque a despeza com as vias já construidas tinha sido enorme. Recomeçaram, porém, nos ultimos tempos, de modo que, no fim do seculo, já passavam de 50:000 kilometros.

Entre os caminhos de ferro avultavam a gigantesca linha transiberiana, que atravessava toda a Siberia, e a transcaucasica, que atravessava o Caucaso.

Moscou era o centro, e d'ahi irradiavam linhas em todo o sentido para S. Petersburgo, Varsovia, Odessa e Crimeia, Vladikavkas, Oremburgo, Nijni-Novogorod, Perm, Iekaterinemburgo, Jaroslav e Vologda.

De S. Petersburgo partia a linha de Finlandia; e de Perm, uma linha atravessava os montes Uraes, e ia acabar em Tiumen, n'um affluente do Irtych.

A linha ferrea de Rostov-Vladicaucaso foi prolongada até Petronsk, porto ao norte do Caucaso, sobre o mar Negro, indo dar a Ouzom-Ade, sobre a costa oriental do Caucaso, *terminus* do caminho de ferro transcaspiano. De lá atravessou o Caspio, chegando a Petrowik, depois a Novorossisk, pela linha ferrea do norte do Caucaso, passando em Vladicaucaso e Thikoraikairo.

Contrariamente ao que succede em muitos paizes, o inverno é que constitue a estação dos transportes

por terra. As camadas de neve, endurecidas por muitos mezes, prestam-se, ainda melhor que o solo, na estação quente, á condução de carros, carruagens e trenós [1].

---

1 Achille Lestrelin, *Les Paysans Russes.* — P. Milioukov, *Essaies sur l'Histoire de la Civilisation Russe*, traducção franceza feita por P. Dramas e D. Soskire. — Louis Sharzynski, *L'Alcool et Son Histoire en Russie.* — Leroy Beaulien, *L'Empire des Tzars et Les Russes.* — Jando, *La Russie.* — Guenin, *La Russie.* — Noel, obr. cit. — Lanier, *L'Europe.* — Chopin, *La Russie.* — Marcel Dubois et Kergomard, obr. cit. — J. Machat, *Le Développement Economique de La Russie.* — E. Reclus, *Nouvelle Gèographie Universelle, L'Europe, La Scandinave et La Russie.* — Ladisslau Batalha, *A Russia por dentro.*

CAPITULO XV

A PENINSULA DOS BALKANS

I

Turquia

Leve esbôço da historia politica desta peninsula, e, porisso mesmo, tambem da Turquia, n'este periodo. — Aspecto. — Systema orografico e hydrografico e clima da mesma peninsula. — Turquia. — Seu atraso economico. — Causas que influiram n'isso. — Productos. — Mau regimen da propriedade. — Agricultura. — Industria e commercio. — Centros economicos principaes. — Communicações.

Quando começou este periodo da historia contemporanea, a Turquia comprehendia na Europa a Romelia Oriental e Occidental, a Macedonia, a Albania, a Grecia, o Montenegro, a Servia, a Romenia, a Bosnia, a Herzegovina, a Besserrabia, o Delta do Danubio, Creta e suas dependencias insulares; e, fóra da Europa, os territorios de Pati e de Akhalzich, Samos, as possessões da Asia Menor, o vilayet de Tripoli, o Kedivato do Egypto e Alger. E entrava, alem d'isso, pelo coração da Africa.

E tambem no principio d'este periodo, já a Russia se tinha tornado inimiga cega e hereditaria da Turquia [1],

[1] Vide vol. V, pag. 433.

onde então reinava Selin III (1739-1801); e as prepotencias russas não pararam mais.

O tratado de Jassy (1792), imposto pela Russia a Selin III, installou os Russos no este do Dniester, na Crimeia, na ilha de Taman, e na provincia de Kuban. Os abusos e a desorganisação do imperio eram, então, grandes; e a Porta fez esforços tenazes, para reprimir esses abusos, reorganisar o exercito á moderna, e melhorar a administração. Mas estes esforços nada aproveitaram; e, pelo contrario, trouxeram a revolta dos Janissaros e a deposição do sultão (1807).

Seguiu-se o reinado ephemero de Mustapha IV (1807-1808).

Depois, Mahmud II (1808-1829) retomou activamente a politica de Selin III, com o apoio do energico vizir, Baraictar. Mas as reformas interiores baldaram-se tambem; e, no exterior, as desgraçadas campanhas de 1810-1811 contra a Russia, forçaram-no a assignar o tratado de Bukarest (1812), no momento em que Napoleão invadia a Russia.

A Besserrabia, em virtude d'esse tratado, tornou-se numa provincia russa.

O imperio ottomano estava, então, n'uma desorganisação completa.

Os pachás revoltavam-se nas provincias, e os Janissaros, em Constantinopla.

A Grecia emancipou-se (1827); e a intervenção das outras potencias, na questão hellenica, trouxe a destruição da frota turca em Navarino (1827). A guerra santa, emprehendida por Mahmud contra os Russos, no Danubio e no Caucaso, resultou n'uma vergonha para o sultão; porque foi obrigado a acceitar o tratado de

Andrinopla (1829), que lhe custou o Delta do Danubio, os territorios de Poti e de Akhalzich, cedidos ao czar. Tambem por esse tratado, a Grecia foi transformada em reino independente, e a Servia, a Valachia e a Moldavia passaram para a classe de provincias autonomas, embora unidas ao imperio por um laço muito fragil.

Alguns mezes depois, a Porta perdeu ainda Alger; e, em 1833, rebentava entre o sultão e o pachá do Egypto—Mehemet-Ali uma lucta que ia arrancar á Turquia um novo pedaço das suas possessões territoriaes.

Depois, o tratado de Hunkiar Skeessi, concluido na Russia (1833), e a convenção europeia dos estreitos (1840) fechava os Dardanellos ás frotas estrangeiras.

Abdul Medjid (1838-1861), logo na sua subida ao trono, promulgou o famoso *hatti cherif* do Gulkhané, vasto programma de reformas, que elle se propunha cumprir. Por esse acto, garantia a todos os subditos do imperio a vida, a honra e a fortuna; estabelecia um modo uniforme e regular de imposto; regularisava tambem o serviço militar; suprimia os monopolios; e garantia a propriedade, a justiça dos tribunaes e as heranças. Mas taes promessas ficaram, na maior parte, letra morta, porque o *trazimat* ou organisação respectiva foi indefinidamente adiada.

A discussão internacional levantada acêrca do protectorado dos logares santos, que a Turquia reclamava, em nome dos seus interesses anteriores, trouxe um novo conflicto com a Russia. Mas, d'essa vez, a França e a Inglaterra fizeram causa commum com o sultão, e os exercitos russos foram vencidos na guerra da Crimeia. Sebastopol foi tomada (1855); e, como consequencia, o tratado de Paris (1856) aboliu a protecção

da Russia sobre os Principados Danubianos; entregou á Turquia as boccas do Danubio, para as colocar na vigilancia de uma comissão europeia; fechou os estreitos do mar Negro aos navios de guerra de todas as potencias; e garantiu a integridade do imperio ottomano.

O reino de Abdul-Aziz (1861-1876) foi perturbado pelas insurreições do Montenegro, que obteve a independencia completa, em 1862 e 1863, ficando apenas a pagar um tributo annual, e tambem pelas insurreições da Servia e Creta. E as prodigalidades do sultão levaram o Estado á bancarrota.

Por tudo isso, foi elle deposto e morto, sucedendo-lhe Murad V, que só reinou, desde maio d'esse anno até agosto.

O reinado do seu irmão e successor Abdul-Hamid II (1876-1909) abriu-se no meio da insurreição das provincias slavas. A Russia interveiu de novo no Danubio; e, devido, sobretudo, ao apoio das tropas auxiliares romenas, os exercitos russos tomaram Plevna, apesar da heroica resistencia de Oman-Pachá; atravessaram os Balkans; e marcharam sobre Constantinopla.

A Turquia, vencida na Asia, como na Europa, teve de assignar o tratado de San Stefano (1878); mas a Europa entendeu que elle era demasiadamente vantajoso para a Russia e para os seus alliados, e, por isso, o congresso de Berlim, tambem de 1878, reduziu as pretensões dos vencedores.

Ainda assim, abandonou-se, então, á Russia, na Asia, Batum, Ardahan e Kars, e na Europa a Besserrabia romena até o Pruth e o Baixo Danubio. A Romenia recebeu, em troca, o Delta do Danubio e a pantanosa

Dobrudja. Cedeu-se á Austria a ocupação militar da Bosnia, da Herzegovina e do territorio de Lim, o porto de Spizza, no Adriatico, e a ilha do Neu Orsova. Ao Montenegro, o porto do Antivari, desimbocadouro há muito tempo reclamado; e, em 1881, ajuntou-se-lhe o de Dulcigno. A Servia foi libertada do tributo annual que pagava á Turquia; e foi engrandecida com uma parte da velha Servia, com a fortaleza de Nisch ou Nissa, o Leskovatz e Wranja. A Grecia foi augmentada com a provincia da Thessalia. Foi reconhecida formalmente pela Porta a independencia completa da Romenia, da Servia e do Montenegro. A Bulgaria, entre o Danubio e os Balkans, tornou-se principado tributario da Turquia, sob o governo de um principe estrangeiro. A Romelia Oriental, comprehendendo o curso superior do Maritza, ao norte do Rhodope e dos montes Strandja, foi declarada tambem provincia autonoma, sob a suzerania da Turquia. Emfim, a ilha de Chypre foi cedida á Inglaterra, e deu-se á França a suzerania sobre a regencia de Tunis.

A Turquia perdeu por estes ultimos tratados 196:622 kil. e 4.504:500 habitantes.

Em 1885, produziu-se no Oriente um movimento inesperado. Rasgando o tratado de Berlim, a Romelia Oriental, de accordo com a Bulgaria, levantou-se contra a dominação ottomana, expulsou de Philippopuli o governador russo Gravil-Pachá, e proclamou a união bulgara, sob a mesma bandeira e sob um principe unico — Alexandre de Battemberg.

Em vista d'este conflicto ameaçador, a Servia e a Grecia tomaram as armas, promptas a reclamar o seu quinhão nos novos despojos arrancados á Turquia,

para a manutenção do equilibrio entre os pequenos Estados da peninsula.

A Servia declarou a guerra á Bulgaria, e foi batida por toda a parte. Mas a Russia, para se desembaraçar do principe Battemberg, que tomava a serio o seu papel de chefe de Estado, e recusava dobrar-se ao jugo moscovita, suscitou contra elle uma conspiração militar, que o depoz, em 1886.

Os Bulgaros novamente o proclamaram depois d'isso; mas a hostilidade da Russia tambem novamente o afastou do poder. Uma regencia foi installada em Sofia; e a questão bulgara ficou pendente sempre.

Em 1897, o levantamento de Creta contra a Turquia fez rebentar uma nova guerra dos Turcos contra ella e contra a Grecia, que a apoiava. Edhem occupou a Thessalia, e os Gregos, batidos por toda a parte, puderam, comtudo, graças á intervenção das potencias, concluir a paz em condições que não foram muito desvantajosas.

*

*   *

E' a primeira vez que, n'esta obra, tratamos especialmente da peninsula dos Balkans; e, por isso, antes de examinarmos tambem especialmente o seu movimento industrial e commercial, julgamos conveniente expor, como já temos feito com os outros paizes, algumas noções preliminares e geraes a toda ella, quanto aos seus factores economicos naturaes; por que essas noções auxiliarão o estudo d'aquelle movimento.

Esta peninsula é accidentada pela cadeia montanhosa dos Balkans, que se estendem do Timock ao

mar Negro, n'um comprimento de 500 kilometros, e que separa as aguas da bacia danubiana bulgara da vertente do archipelago romeliota e turco.

Essa cadeia é formada de vastos platós, cobertos de espessos cerrados de abrolhos e tojos e de magnificas florestas de pinheiros, sobre a vertente do norte, entretanto que a vertente do sul é, geralmente, rochosa e desnudada.

Pode bem dividir-se a peninsula em tres secções:

1.ª O Balkan occidental, cujos cumes de porfido, granito e gneiss são despidos de vegetação, mas cujas inclinações meridionaes estão cobertas de carvalhos e de faias.

2.ª O Balkan central, o mais elevado (1:700 a 2:330 metros), formado de rochas cristalinas, que envia ao norte numerosos contrafortes para Tirnovo, Osman, Bazar e Chumla, e cujas cadeias meridionaes encerram grandes valles.

3.ª O Balkan oriental, o menos elevado (600 a 700 metros), formado por camadas de greda, que se prolonga a este de Slivno até o mar Negro, no cabo Emineh. Ao sudeste, liga-se á cadeia granitica dos montes Strandja (1:290 a 1:500 metros), paralellos ao mar Negro, e que se prolongam até ás portas de Constantinopla.

Os principaes rios são o Danubio, o Timock, o Lom, o Isker, o Maritza, o Arda, o Vardar, o Arta e o Drin.

O clima, em geral, é o mediterraneo; mas infinitamente variado, segundo as diversas regiões e macissos, platós, planicies e littoral.

Assim, é rude, ao norte, nas montanhas, e com o vento gelado tambem do norte; e, ao sul, nos montes

da Thracia e da Macedonia. Muito doce na vertente meridional e nos valles longitudinaes dos Balkans, e nas costas, onde as chuvas são abundantes no inverno.

Na Romenia, é continental em todo o seu rigor, por forma que o thermometro marca 35 graus positivos no verão e 30 abaixo de zero no inverno. E' que os ventos ahi predominantes são os do nordeste, que, depois de terem atravessado as steppes da Russia meridional, vão, ardentes no verão e gelados no inverno, desimbocar nos baixos valles do Danubio e, portanto, nas planicies da Moldavia e Valachia.

A Servia e Bulgaria participam ainda d'este clima.

A Grecia tem, geralmente, um clima temperado.

*

* *

A Turquia estava muito atrasada, quando começou o periodo de que estamos tratando; e atrasada continuou por todo elle.

Contribuiram para isso varias causas.

Primeiramente, o atraso que já vinha dos tempos anteriores; e em segundo logar, a inercia economica da população.

Alem d'isso, a propria diversidade de raças prejudicava o progresso. Eram Servios contra Albanezes; Bulgaros contra Gregos; e todos contra os Turcos. E estes, senhores d'estas populações diversas, a todas opprimiam; e a sua grande arte era precisamente oppor umas ás outras, para elles reinarem em paz em cima dos seus conflictos.

Nem podia haver progresso n'um imperio, onde o capricho era soberano.

O *Padichah* [1] era ao mesmo tempo senhor das almas e dos corpos, o grande juiz e pontifice supremo. Outr'ora, o seu poder estava praticamente limitado pelo dos feudatarios, que, muitas vezes, conseguiam tornar-se quasi que independentes. Mas, depois de uma revolta dos janissaros, que foi abafada, o sultão nada teve a temer dos subditos, e os limites da sua omnipotencia eram apenas os costumes, as tradições dos seus antecessores e os interesses dos governos europeus.

Era o mais absoluto dos monarcas. A sua lista civil, em proporção dos rendimentos do paiz, era tambem a maior da Europa. Demais a mais, tinha instituido por todo o imperio um orçamento do qual attribuia a si proprio quasi uma decima parte; e ainda tudo isso não era sufficiente, porque, frequentes vezes, tinha de cobrir o *deficit* por emprestimos, a juros de 15 a 20 por cento, aos quaes hypothecava o producto dos impostos e das alfandegas.

O trem da casa do sultão e da familia era verdadeiramente desenfreado. Existia no palacio um exercito, pelo menos, de seiscentos serviçaes e escravos dos dois sexos, e entre elles oitenta cozinheiros.

Alem d'isso, a propria domesticidade era rodeiada de uma turba de parasitas, que viviam em volta do palacio, e que se alimentavam das cozinhas imperiaes.

Em virtude dos seus contractos, os fornecedores eram obrigados a entregar, cada dia, uma média de

[1] E' o titulo que toma o sultão dos ottomanos.

1:200 carneiros. E a importancia d'este artigo de consumo permitte ajuizar a enorme somma a que devia elevar-se o consumo dos outros artigos. A's despezas correntes accresciam as provenientes da construcção dos palacios e kiosques, a compra de todas as bugiarias do Oriente, fabricadas em Paris, a das collecções de fantasia, e as prodigalidades de toda a ordem, e os roubos e delapidações sem fim.

Os ministros, os sabios e os grandes do imperio faziam por imitar, o melhor que podiam, o seu senhor, e como elle excediam os limites que lhes traçava um orçamento ficticio, apezar de serem muito bem pagos; porque estava admittido no Oriente que as altas dignidades deviam ser realçadas pelo brilho da fortuna e pelas prodigalidades do luxo. E nada se importavam elles com os trabalhos uteis, nem restavam recursos economicos para esses trabalhos. E, quanto aos empregados inferiores, esses tinham uns ordenados irrisorios, e eram muito mal pagos; mas estava tambem admittido que se podiam indemnizar na multidão das corveas ou impostos.

Tudo se vendia e, sobretudo, a justiça. O estado das finanças era lamentavel; os emprestimos faziam-se a taxas tão exageradas, e a desorganização dos serviços era tão completa que, algumas vezes, se chegou a propor o fazer administrar o orçamento ottomano por um syndicato de potencias europeias.

N'um tal regimen, a agricultura e a industria só podiam desinvolver-se lentamente. A terra não faltava; e, pelo contrário, vastas extensões de solo, o mais fecundo, estavam de pousio. Ninguem tratava de saber a quem pertenciam, e o primeiro que viesse, podia apoderar-se

d'ellas. Mal d'elle, porém, se tirasse proveito da cultura, e tivesse a fantasia de enriquecer; porque, então, o solo que fabricava, era tido como fazendo parte das terras pertencentes ao culto, ou qualquer pachá se apoderava d'ellas, fazendo até muitas vezes, bastonar o possuidor. Em muitos districtos, era mesmo corrente que o lavrador, o mais economico e o mais activo, devia limitar a sua colheita ao estrictamente necessario; e não se gostava até de uma ceifa abundante, porque o acrescimo da producção trazia o acrescimo dos impostos, e podia atrair as inquirições suspeitosas do exactor.

Da mesma fórma, nas pequenas cidades, o commerciante cujos negocios estivessem em via de prosperidade, acautelava-se de mostrar a sua riqueza, e fingia-se todo humilde e todo pequeno, deixando mesmo a sua casa tomar aspecto de miseria.

A fim de gozar em paz da sua propriedade territorial, as familias mussulmanas tinham em grande numero cedido os seus direitos de dominio ao clero ottomano. Ficavam apenas simples usufructuarias, mas tinham a vantagem de não pagar impostos; porque, tornadas d'este modo santas as suas terras, os seus descendentes podiam gozar dos rendimentos até á extincção da familia.

Essas terras, que se designavam sob o nome de *vakoufs*, constituiam talvez o terço da superficie do territorio. Nada tinham com o Estado, e tinham tambem um valor insignificante para os proprios usufructuarios, rotineiros fatalistas, que se haviam despojado dos seus titulos de propriedade, exactamente por causa da sua falta de iniciativa. E, quando assim haviam engrandecido os dominios do clero, a maior parte d'esses dominios

ficavam incultos. Todo o pêso dos impostos recaía na terra trabalhada pelos desgraçados christãos, e ainda o total d'estes impostos ia augmentando, á proporção que augmentava tambem a extensão dos terrenos *vakoufs*.

A tudo isto accrescia ainda que, para evitar a fraude, certos collectores de dizimos não achavam outro modo mais engenhoso do que obrigar os cultivadores a amontoar ao longo dos campos todo o producto das suas colheitas. E, emquanto os agentes do fisco não recebiam as suas gabellas, era preciso que os montões do milho, arroz e trigo ficassem n'esses campos, expostos ao vento, á chuva e ao dente dos animaes; de modo que, muitas vezes, quando o Governo tinha tirado o seu dizimo, já a colheita havia perdido metade do seu valor.

E, comtudo, tal é a fertilidade do solo sobre as duas vertentes de Hemus na Macedonia, e na Thessalia, que, apezar da falta de caminhos, dos abusos do fisco, da usura e do roubo e do mais que temos exposto, a agricultura entregava ao commercio uma grande quantidade de productos, contribuindo tambem para isto o ser a agricultura a principal occupação dos habitantes.

O milho ou trigo da Turquia e todos os cereaes eram colhidos com abundancia. Os valles do Karason e Vardar davam algodão, tabaco e drogas tinturiaes. O littoral e ilhas forneciam arroz, vinho, azeite e laranjas. O vinho era tambem abundante no valle do Maritza. As amoreiras estendiam-se em verdadeiras florestas por algumas partes da Thracia e da Romelia.

Na Albania e Macedonia, dominavam os cereaes pobres como centeio e sarraceno; mas, nos valles e terras abrigadas, havia tambem trigo e milho.

Na Bosnia e Herzegovina, a agricultura estava tambem muito atrasada.

Ainda nos ultimos tempos da dominação turca, os mussulmanos bosnios possuiam muito mais propriedades territoriaes que a parte proporcional á sua população.

O solo estava dividido ahi em *spahiliks* ou feudos mussulmanos, que se transmittiam segundo os usos slavos, não por direito do mais velho, mas indivisivelmente a todos os membros da familia.

Os lavradores christãos eram obrigados a trabalhar para a communidade mussulmana, já não como servos, mas como jornaleiros, e por mez e em tarefas.

Os mais felizes tinham uma parte nos beneficios da associação, mas haviam de supportar proporcionalmente os maiores encargos; e, por isso, muitos christãos fugiam da agricultura, para se entregarem ao commercio.

Assim, quasi todo o tráfico mercantil se encontrava nas mãos dos catholicos gregos e romenos da Herzegovina e de seus correligionarios estranhos á Austria slava. Os judeus hespanhoes, agrupados em communidades nas cidades principaes, acostavam-se tambem ao negocio e aos emprestimos por hypotheca.

Mas, em despeito das boas qualidades do povo, que barbaria, ignorancia e fanatismo subsistia ao mesmo tempo nos Christãos e Mahometanos!

A falta de estradas e as florestas e rochedos das montanhas conservavam-nos afastados de toda a influencia civilisadora, e a *slivovitza* (aguardente de ameixa), de que os lavradores bosnios faziam um grande commercio, contribuia a mantel-os n'esse estado de embrutecimento. Calcula-se que os habitantes da

Bosnia e Herzegovina bebiam, termo medio, 130 litros cada um, d'essa aguardente por anno.

*

* *

O Governo turco era muito mais respeitador das arvores que os paizes orientaes e que a maior parte dos paizes europeus; e, porisso, a vegetação florestal era grande na Albania e nas partes elevadas das outras regiões. Mas essa riqueza estava quasi desaproveitada, pela falta de estradas e communicações.

As essencias mais communs eram os carvalhos, castanheiros, nogueiras e freixos; mas a exploração limitava-se, com pequena differença, á procura do enveloppe das glandes de uma especie de carvalhos, substancia essa muito empregada na tinturaria.

*

* *

Quanto aos productos animaes, a seccura do clima, a asperesa das regiões montanhosas e a inconstancia das correntes de agua, impediram sempre a criação do gado graudo nas vertentes do mar Jonio e do Archipelago. Os bois só eram empregados nos trabalhos da cultura e no transporte dos generos agricolas, e a carne contribuia muito pouco para alimentar a população. Em todo o caso, tanto essa especie, como a dos buffalos, criava-se em grande quantidade na Romelia.

Pelo contrario, as condições do paiz eram favoraveis á criação do gado miudo. Havia muitos carneiros tam-

bem na Romelia, e a oeste, na região dos lagos e nas planicies visinhas do Pindo. Criavam-se muitas cabras em todas as regiões montanhosas. A Romelia alimentava egualmente bons cavallos, que tinham conservado alguns dos caracteres da raça arabe. E, em volta de Athos, eram numerosos os cortiços de abelhas.

Quanto á pesca, os Turcos tiravam grande proveito da pesca das sanguesugas nos pantanos e lagos, e das esponjas, finas e grossas, a que se entregavam em grande numero, no Archipelago e nas costas da Syria e Berberia.

*

* *

A exploração dos mineraes era quasi nulla, por causa das restricções do Governo, postas á sua extracção, e pela falta de communicações. E, comtudo, a Turquia era abundante em hulha, cobre, chumbo, ferro e betume.

A bacia hulheira do mar Negro, em Erekh, a antiga Heraclea, podia bastar por mais de um seculo ás necessidades da navegação interior do Mediterraneo, se fosse explorada; e immensos jazigos, tambem inexplorados, existiam na Albania. Acontecia a mesma coisa com o ferro, porque tambem na Albania havia muitos jazigos, que não estavam aproveitados. O chumbo argentifero era muito abundante na região do Pelion e de Xanti, mas estava egualmente pouco explorado. As minas do cinabrio, perto de Seres, é que foram mais bem aproveitadas.

Produzia-se muito sal na região do golfo de Salonica. E o Estado é que fazia explorar os pantanos e fontes

salgadas, perto do cabo de Panoni e Katerina, embora muito insufficientemente, como, em geral, acontece com os monopolios do Estado.

*

* *

Não havia na Turquia verdadeiramente industria. Os camponezes, isolados ou reunidos em corporações, trabalhavam num pequeno numero de materias primas necessarias á habitação, ao alojamento e ao transporte.

E, alem d'isso, o *Tanzimat* ou regulamento que, depois de 1839, carregou de pesados impostos todos os ramos da industria, arruinou uma certa ordem de misteres, outr'ora prosperos e celebres, como foi a industria dos estôfos de seda. A Turquia da Europa já nem trabalhava toda a seda que produzia. Era em Salonica onde residia o maior numero dos operarios d'esse mister.

Andrinopla possuia algumas fabricas de curtimenta, de pannos, tapetes e lanificios. Se ajuntarmos as fabricas de armas de Uskub e de Prichtina, cujos productos inferiores iam sendo gradualmente substituidos pelos similares da Gran Bretanha, França e Belgica, e a fabrica de louça de Dardanellos, teremos a lista quasi completa das industrias da Turquia da Europa. E mesmo essas poucas eram, geralmente, exercidas pelos estrangeiros; porque os Turcos tomavam uma parte minima no trabalho que se produzia no seu imperio, tanto em relação á industria, como ao commercio.

Differentes causas contribuiam tambem para os tornar menos activos que os representantes das outras nações.

Primeiramente, era entre elles que se recrutavam os senhores do paiz; e a sua ambição levava-os naturalmente para as honras e para os prazeres da ociosidade. Por desprezo de tudo que não era mahometano, e por incuria e ociosidade, só raramente aprendiam as linguas estrangeiras, de modo que estavam á mercê das outras raças, mais ou menos polyglotas.

Alem d'isso, a lingua turca era um instrumento difficil, para se manejar utilmente, por causa dos diversos systemas de caracteres que se empregam, e grande numero de palavras arabes que se encontram na linguagem litteraria.

E accrescia ainda que a fatalidade que o Alcorão ensina aos Turcos, tirava-lhes toda a iniciativa; por fórma que, fóra da rotina, elles nada mais sabiam fazer.

A polygamia e a escravidão eram tambem para elles duas grandes causas da desmoralisação, que é sempre inimiga do trabalho. E, ainda que sómente os ricos pudessem ter o luxo do harem, os pobres aprendiam, pelo exemplo dos senhores, a não respeitar a mulher, a corromper-se e aviltar-se; e tomavam tambem parte n'esse tráfico de carne humana, que a polygamia necessita, e que affecta as faculdades do trabalho.

*

*   *

Tudo o que fica exposto resentia-se no commercio, como já fizemos ver. E, porisso mesmo, depois da construcção dos caminhos de ferro, esse commercio era pequeno. Os cereaes, lans, pelles, passas, seda bruta,

as madeiras e os fructos é que formavam as principaes carregações.

Esse commercio estava, principalmente, na mão dos Gregos, Armenios e Israelitas; e, graças a todos estes, foi augmentando bastantemente nos portos da Turquia.

Os paizes com que o tráfico principalmente se fazia, eram a Inglaterra, França, Austria e Hungria, Russia, Bulgaria e Italia.

Ainda assim, Constantinopla representava um dos portos mais activos do mundo; porque lá se estabeleciam e estreitavam as relações maritimas da Europa occidental e meridional com as ricas regiões, tanto europeias como asiaticas do mar Negro; e lá passavam as enormes carregações de cereaes dos paizes danubianos e russos, com destino aos portos do occidente.

Salonica, embora tivesse um movimento dez vezes menor, era tambem um porto consideravel, por ser o logar da exportação do trigo, cevada, milho, pelles, algodão e tabaco da Macedonia; e os navios inglezes, francezes e austriacos levavam lá o assucar, café, couros e licores.

A marinha mercante era muito pouco importante, assim como a cabotagem e vapor; e estavam na mão dos estrangeiros.

*

*   *

Quanto aos centros principaes, já fallámos de Constantinopla, a antiga Bysancio dos Gregos e Romanos, a Tzaganda dos Russos da meia edade, tambem denominada Stambul. Era uma cidade decaída, cheia de

ruinas, com edificios baixos e ruas estreitas e sujas, onde vagueavam innumeros cães e muitos porcos. Mas a sua situação é admiravel e a sua paysagem é deslumbrante.

Edificada, no primeiro quartel do seculo VI, por Constantino o Grande, no logar da antiga Bysancio, os seus alicerces e as suas construcções foram solidificadas no sangue e cadaveres de milhares e milhares de escravos, violentados ao trabalho, como aconteceu mais tarde com a edificação de S. Petersburgo.

Segundo a tradicção, um anjo é que determinou áquelle imperador essa situação; e o fundador e seus successores foram attraindo a população por violencias e privilegios, e enriquecendo a cidade com os despojos artisticos de Roma e da Grecia.

Aconteceu com ella o mesmo que succedeu quanto á Italia. Todos os povos a cubiçaram. Porisso, foi cercada pelos Persas, Arabes, Avaros, Bulgaros e Russos. Os proprios christãos da quarta cruzada tão tentadora a acharam, que trataram tambem de a conquistar, deixando, porisso, de ir a Jerusalem, e n'ella fundaram o chamado *imperio latino* [1]. Retomada por Miguel Paleologo, na segunda metade do seculo XIII, caiu depois, em 1433, sob o jugo de Mahomet II, que lá estabeleceu a sede do imperio ottomano. Mas, apezar d'isso, os Russos não deixaram de cubiçar essa cidade, que lhes asseguraria uma grande importancia na Europa; e, ainda no seculo XVIII, foi preciso que a França, Inglaterra e Sardenha lhes contivessem os impetos e a cubiça [2].

---

[1] Vide vol. II, pag. 46 e 145.

[2] Vide vol. V, no capitulo da Russia.

Foi n'essa cidade que se recolheram e refugiaram os restos da civilisação grega e latina, para evitarem a atrocidade dos barbaros; e depois, fugindo á conquista de Mahomet, se espalharam por differentes regiões da Europa, como tochas reluzentes das epocas antigas, produzindo a renascença das lettras e das artes. Recordando isso, a alma dilata-se pelo respeito e veneração da cadeia providencial que prendeu os seculos preteritos aos seculos futuros, n'um elo doirado de luz e de progresso, e pela admiração dos nomes de Petrarca, Bocacio, Manoel Chrysoloro, Jorge Hermonymo, Cosme de Medicis, Marsilio, Ticino, Pico de Mirandola, Reichilin, e tantos outros clarões d'essa renascença, que abriram caminho á nova civilisação.

Quanto á situação e paysagem, de uma das maiores eminencias, via-se de um lado as casas de Stambul, as torres, os vastos zimborios das mesquitas e os elegantes torreões, guarnecidos de balcões, elevarem-se em amphitheatro nas sete collinas da peninsula, em que a cidade foi edificada. Do outro lado do porto, outras differentes mesquitas e outras torres, entrevistas atravez do cordame e dos mastros empavesados, estendiam-se pelas collinas coroadas de casas e palacios no bairro de Pera. Ao oriente, a costa da Asia, adiantando-se n'um promontorio, egualmente coroado de edificios, jardins e arvoredo, com os bosques da Judeia, abaixando-se em tufos de flores sobre o Bosphoro. Alem, Scutari, a Constantinopla asiatica, com as suas casas refulgentes e o seu vasto cemiterio, cheio de cyprestes, a contrastarem, pela côr sombria e aveludada, com as tintas claras dos sycomoros, castanheiros e platanos, espalhados nos arredores, e com as moitas de rosas selvagens, que cres-

ciam por entre as fontes. Mais longe a Kadi-Kei, antiga Calcedonia e a aldeia de Prinkipo, sobre uma das ilhas do archipelago dos Principes, fazendo realçar, pela verdura da sua vegetação e amarellidão das suas rochas, as aguas azues do mar de Marmore. Finalmente, o admiravel contôrno e claridade das costas da Europa e da Asia, as sinuosidade e belleza de Bosphoro ou *Corno de Ouro* e do golfo de Nicomedia; e a esbater-se a distancia, acima dos valles umbrosos, a massa pyramidal do Olympo e da Bythinia, quasi sempre cercados de neve. Tudo isso dava á paysagem um aspecto maravilhoso e phantastico.

Esse aspecto augmentava a attracção dos estrangeiros, e até dos commerciantes e industriaes; e já vimos como o commercio era importante.

Galipoli, a Constantinopla do Hellesponto, edificada na extremidade occidental do mar de Marmore, que foi a primeira cidade conquistada pelos Turcos no territorio da Europa, e Andrinopla, a segunda cidade da Turquia, eram centros de alguma importancia, especialmente Andrinopla.

Já fallámos de Salonica, a terceira cidade, que era um centro notavel.

De resto, a Turquia, que segundo já vimos, era pouco industrial e commercial, tinha tambem poucos centros economicos importantes.

Na parte hellenica, mereciam menção especial Larissa e Rodosto. Na Albania, Prisrend, Skodra (Scutari) e Janina, que concentravam o commercio interior, e Goritza, ao sul do lago de Okrida, que era tambem um logar muito frequentado, graças á sua situação na vertente do mar Adriatico e na do mar Egeu.

E na Bosnia, a sua antiga capital, Serajevo ou Bosnia-Serai, e Travnik, Banjaluka, Zvornik, que vigiava a fronteira servia, e era entreposto para os dois paizes limitrophes; Novibazar, que commerciava muito com a Albania; Tuzla, que tinha abundantes minas de sal; Mostar, e Trebinjé, que importava alguns generos do littoral dalmatico.

*

* *

Quanto ás vias de communicação, mesmo nos ultimos tempos do seculo XIX, eram muito pouco numerosas e muito mal tratadas.

A grande arteria carrossavel era o caminho de Constantinopla a Albania e aos confins da Servia, e de lá, á Bosnia.

Depois da construcção dos caminhos de ferro, estabeleceram-se novas estradas carrossaveis, para lhes servirem de afluentes; mas, ainda assim, essas estradas sómente serviam uma zona de poucos kilometros, á direita e á esquerda das vias ferreas. E estas mesmas vias, nos ultimos tempos do seculo XIX, não excediam 1:812 kilometros, comprehendendo a Romelia Oriental.

Só depois de muitas resistencias e difficuldades, é que se fez uma combinação com os caminhos de ferro servios e bulgaros; porque os homens de Estado ottomano temiam a cohesão com os visinhos, cujas intenções lhes eram suspeitas; e tanto mais que os caminhos de ferro construidos em territorio turco, mas internacionalmente relacionados, não podiam deixar de

favorecer o commercio allemão e enriquecer, portanto, os inimigos mais perigosos do imperio ottomano e dos outros povos da peninsula.

E esta falta de communicações terrestres mais grave se tornava, pela deficiencia das aquaticas; porque a Turquia não tinha canaes, e dos seus rios, só o Drin é navegavel numa certa extensão. O Maritza apenas o é desde Andrinopla. E o Vardar, por ser muito lodoso, é tambem muito pouco navegavel. Alem d'isto, esses rios são muito inconstantes de inclinação e volume, para poderem ser utilisados de uma fórma normal [1].

[1] E. Reclus, *Nouvelle Gèographie Universelle, Europe Meridional, La Turquie.* — Onesine Reclus, obr. cit. — Marcel Dubois et Kergomard, *Prècis de Gèographie Economique.* — Lanier *L'Europe.* — Ami Boué, *La Turquie d'Europe*, Fanshawe Tozer, *Researches in the Higlands of Turkey.* — Raoul Bourdier et Leonard Chodzho, *Histoire de Turquie.*

CAPITULO XVI

A PENINSULA DOS BALKANS

II

Bulgaria e Romelia

Leve esbôço da historia politica da Bulgaria e Romelia, depois que se tornaram independentes da Turquia. — Agricultura; productos agricolas e regimen da propriedade. — Florestas e legislação protectora d'ellas. — Industria. — Commercio. — Centros economicos principaes. — Communicações.

Como vimos, a Bulgaria foi constituida, em 1879, pelo tratado de Berlim, em Principado vassallo do Estado ottomano, sob o reinado de Alexandre I Battemberg (1879-1886), mas, dotado de facto, de uma verdadeira independencia. E, em 1886, a Romelia Oriental, que o mesmo tratado de Berlim tinha organisado em provincia autonoma e tributaria da Porta, renunciou á sua existencia propria, para se fundir n'aquelle Principado bulgaro, augmentando-o, por isso, em quasi um terço de população e superficie. Reinou, então, Fernando I (1886-1909), tendo succedido a Alexandre I, que fora deposto.

As condições geraes da natureza economica d'este Estado são, geralmente, as mesmas da peninsula dos Balkans, de que já fallámos; e foram tambem equivalentes os factores industriaes e commerciaes, até que elle pôde emancipar-se da Turquia.

Chamamos, por isso, a attenção dos leitores para o que já expuzemos, em relação a toda a peninsula, e só notaremos a maior o seguinte:

Até 1878, em que se constituiu o Principado, era enorme na Romelia a cultura das rosas e a fabricação das suas essencias. Entre as 123 aldeias da Thracia Oriental que se entregavam a essa cultura, 42 pertenciam ao valle de Kezanlik, e só ahi se fabricava a metade dos 1:650 kilos de essencias que o Oriente produzia. Depois das rosas, o tabaco era o producto que dava mais rendimento.

Havia na Bulgaria, como no resto da peninsula, muito trigo, que era o cereal mais importante, e muito centeio, que era destinado á alimentação das classes ruraes, sobretudo, nas montanhas.

A cevada era empregada no alimento dos cavallos, e era tambem exportada para as cervejarias inglezas e allemãs. O milho dava-se abundantemente nos valles e nas regiões meridionaes, e era exportado para a Turquia ou utilisado na destillação do alcool, cujos residuos serviam para engordar o gado.

Quanto ao vinho e arvores fructiferas, nada temos a acrescentar ao que já dissemos, com relação á Turquia. Muito poucos fructos e muito pouco vinho. Havia tambem muito pouco linho e sezamo.

E a industria, commercio e communicações, estava tudo muito reduzido.

*

* *

Depois da constituição do Principado, embora a natureza do solo, e, portanto, os productos naturaes

fossem os mesmos, deu-se uma grande transformação no estado economico do paiz.

Assim, antes disso, havia muitos grandes dominios ou latifundios, que estavam na mão dos proprietarios turcos; mas os Mussulmanos foram emigrando, tambem em grande numero, e os camponezes foram adquirindo por baixo preço as terras que podiam cultivar. E, com isto, o regimen geral do solo tornou-se na pequena propriedade.

As florestas bulgaras que, antes da independencia, cobriam quasi metade do Principado, é que principiaram a ser destruidas tão rapidamente e nesciamente, que foi preciso uma legislação protectora, para as reconstituir. E entre as essencias de que já fallámos, tratando especialmente da Turquia, as nogueiras forneciam materia prima abundante para os marceneiros da Austria.

A criação do gado foi objecto de cuidados intelligentes e proveitosos, que melhoraram a qualidade das raças.

*

* *

A industria é que, mesmo depois da emancipação do paiz, não tomou grande desinvolvimento; já pela falta de capitaes; já porque a mocidade se dedicava, de preferencia, ás occupações liberaes; e já porque os estrangeiros, mais bem providos de capitaes e habilitações, não se animavam a valorisar as riquezas da natureza, que o Governo desejava antes reservar para os nacionaes; e tambem porque o desinvolvimento que as

communicações tomaram, facilitou a importação dos productos estrangeiros, que eram mais baratos.

Em todo o caso, a industria do sirgo tornou-se uma das principaes riquezas da Bulgaria. Os criadores francezes, nos ultimos 50 annos do seculo, vinham prover-se das sementes ao valle de Kezanlik. Depois essa industria foi quasi abandonada, em consequencia das doenças do mesmo sirgo, e só retomou o seu desinvolvimento nos ultimos annos, quando as descobertas de Pasteur lhe deram a segurança.

A fiação e tecelagem de lan occupava um grande numero de estabelecimentos, quasi todos situados nas pequenas cidades encostadas aos Balkans, onde as quedas de agua forneciam a força motriz, como Slivno, Karlovo, Kalofer, na Romelia oriental; e Gabrova, Selievo e Tirnova, na Bulgaria.

Quanto ás industrias mineraes, a unica exploração que existia, mesmo no fim do seculo, era o do carvão de terra, que tinha jazigos abundantes.

*

* *

O commercio dependia estreitamente da agricultura. Se as colheitas eram abundantes e o preço elevado, a exportação dos cereaes fazia afluir o dinheiro dos estrangeiros, e a importação tomava um grande incremento. No caso contrario, o consumo restringia-se por toda a parte.

Esse commercio desinvolveu-se bastantemente com as communicações ferreas. E os principaes paizes com que elle se fazia, eram a Austria, a França e a Inglaterra.

*

* *

Os centros principaes eram Chumla, Rustchuk, Monastir ou Bitolia. Nich ou Nissa, a sentinella, collocada na fronteira da Servia, n'um afluente do Morava; Sofia, antiga Sardica, a capital do Estado, situada sobre o Ysker danubiano; Bazardjik, ou o mercado impropriamente designado pelo nome de Tatar-Bazardjik; e a bella Philippopuli, que domina o curso do Maritza.

*

* *

Quanto a communicações, já dissemos o estado geral das communicações da Turquia. Mas, com respeito á Bulgaria, na ultima quadra do seculo, tres grandes linhas ferreas a atravessavam, a saber:

1.ª A linha de Vienna a Constantinopla, n'um comprimento de 370 kilometros, passando por Sofia, Philippopuli e o valle do Maritza;

2.ª A linha que, do occidente da Europa passa por Bucarest, Rustchuk e Varna, e vai dar ao mar Negro;

A 3.ª destacava-se da grande linha de Sofia-Constantinopla e Tirnova-Seymen; ia servir o porto de Bugas, e que estava a ser completado por duas outras novas linhas, que, atravez dos Balkans, tinham de ligar Sofia e Philippopuli ao valle do Danuhio [1].

---

[1] E. Reclus, obr. cit.—Marcel Dubois et Kergomard, obr. cit.—Lanier, *l'Europe.*—Piolet & Bernard, *Histoire Contemporaine.*—Albert Malet, obr. cit., e os auctores já citados, quanto á Turquia.

CAPITULO XVII

A PENINSULA DOS BALKANS

III

A Romenia

Leve esbôço da historia politica da Romenia n'este periodo. — Aspecto, orografia, hydrografia e clima. — Excellentes condições agricolas da Romenia, e como o clima as prejudicava e a desarborisação mais aggravava os inconvenientes do clima. — Agricultura; preponderancia dos cereaes; má organisação e mau regimen da propriedade; e de que modo uma lei de 1862 modificou esse regimen. — Florestas. — Criação animal. — Industria. — Commercio. — Centros economicos principaes. — Communicações.

Os Romenos provém de uma grande colonia latina. Tendo fundado no seculo XVI os dois Principados distinctos da Valachia e da Moldavia, ambos estes foram depois obrigados pela Porta a pagar-lhe um tributo annual, guardando, comtudo, a sua independencia e o direito de elegerem os seus soberanos.

Em 1816, os Turcos occuparam as fortalezas romenas, suprimiram o governo dos *hospedares* ou soberanos indigenas, e confiaram a administração de toda a Romenia aos Gregos de Phanar, os mais vis e os mais corrompidos funccionarios da Porta.

O periodo phanariota tornou-se o mais vergonhoso e o mais lamentavel da historia dos Romenos.

O paiz foi entregue impunemente ás exacções sem freio, e arrastado nas arbitrariedades e desordens da Turquia.

Em 1829, depois da guerra dos Russos e dos Turcos, a Romenia foi occupada pelos exercitos da Russia (1829-1834); mas, pelo tratado de Andrinopla, recuperou o direito de eleger os seus *hospedares* vitalicios, embora sob o protectorado da Russia.

Em 1848, proclamou-se a republica em Bucarest, mas os exercitos Russos e Turcos abafaram o movimento no seu inicio; e o tratado do Balta-Liman (1849) entregou ao sultão a nomeação dos *hospedares*.

A guerra da Crimeia foi favoravel aos Principados romenos, dando-lhes a Besserrabia; e, em 1859, effectuou-se a conjuncção dos dois Principados, sob o governo do principe Couza. Mas, entrando este principe no campo das reformas, uma conspiração militar de 1866 o forçou a abdicar e exilar-se.

Foi, então, proclamado um principe extrangeiro, Carlos I de Hoensolern-Sgmaringen, da familia real da Prussia, que ainda reinava no fim do seculo XIX. E, em 1878, depois de uma guerra da Russia e Turquia, foi proclamada de novo e definitivamente a independencia da Romenia, tambem sob o mesmo rei Carlos I, que reinou pacificamente até o fim do mesmo seculo.

*

* *

Quanto ao relêvo, a Romenia, physicamente, é uma continuação da Russia.

Assim, partindo dos cumes das montanhas que formam a fronteira do lado da Transilvania, encontram-se

tres zonas successivas: a das montanhas, muito estreita na Valachia e mais larga na Moldavia, sem, comtudo, se estender a uma grande distancia dos cumes; a zona das collinas medias; e, emfim, a planicie, quasi horisontal, que occupa a maior parte do paiz, e se estende até o Danubio e Pruth.

O Danubio separa a Romenia da Bulgaria, n'um comprimento de 125 legoas. Corre ahi lentamente, dividido em muitos braços, n'um leito largo, obstruido de ilhas e de bancos de areia, entre as margens pantanosas da planicie romena e os terraços rochosos e escarpados do plató bulgaro.

Tem como afluentes o Sulina e o Pruth, navegavel em grande percurso, o Oltu ou Aluta, navegavel em pequena parte, e outros afluentes ou antes torrentes, que descem do plató transylvanio meridional e dos Carpathos, e que não são navegaveis.

E, quanto ao clima, embora a Romenia tenha uma latitude relativamente meridional, o paiz, largamente aberto aos ventos continentaes do nordeste, está submettido aos extremos de temperaturas muito violentas.

*

* *

A Romenia é excellentemente dotada de condições agricolas; porque as montanhas podem, por uma exploração racional, fornecer grande proveito das suas florestas magnificas.

As collinas são revestidas de uma terra amarella de notavel fertilidade, e as planicies são formadas de

uma terra negra, tambem de uma fertilidade proverbial; mas esse clima, pelo seu caracter continental muito accentuado, não permitte uma grande variedade de culturas. Porque a Romenia está largamente aberta aos ventos frios das steppes, que sopram durante cinco mezes, fazendo seccar tudo na sua passagem, e aos ventos quentes do estio, que, muitas vezes, abrazam tambem as colheitas.

A par d'ísso, no seculo XIX, a desarborisação sem regra nem medida mais aggravava os perigos d'este flagello, e faltava tambem um systema racional de irrigação que pudesse atenuar no estio os inconvenientes d'aquelles ventos.

A cultura dos cereaes predominava sobre todas as outras. A porção mais vasta e melhor das planicies estava occupada por elles; mas os processos eram ainda primitivos. A agricultura dos Romenos representava um dom do Danubio, como a do Egypto é do Nilo; mas os trabalhos romenos estavam mais atrasados que os dos Egypcios. E, alem d'isso, a organisação social e o regimen da propriedade foram por muito tempo desgraçados.

Assim, a nação romena estava ainda no periodo de transição entre a edade feudal e a epoca moderna. As revoluções de 1848, mais importantes talvez na Europa danubiana do que o foram na França e na Italia, fizeram abalar o antigo regimen, mas não o destruiram. Ainda em 1856, os camponezes moldavos e valachios eram servos da gleba. Sem direitos, nem segurança pessoal, e quasi sem familia, e á mercê dos caprichos alheios, os desgraçados passavam a sua existencia a cultivar a terra dos senhores ou dos conventos, e

viviam em lodosas cabanas, que muitas vezes mal se distinguiam das charnecas, e em montões de imundicie. Os donos do solo e dos seus habitantes eram sómente quasi cinco a seis mil *boyardos* [1], descendentes dos antigos bravos, ou tornados nobres á custa do dinheiro; e entre elles proprios havia uma grande desegualdade. Na maior parte, eram apenas pequenos proprietarios, entretanto que setenta feudatarios na Valachia e tresentos na Moldavia partilhavam com os mosteiros quasi todo o territorio.

Um tal estado social devia ter por consequencia uma grande desmoralisação, tanto nos senhores, como nos servos. Os nobres, possuidores do solo, fugiam das suas terras, á vista do soffrimento dos servos que os incommodava, e iam viver ao longe, na prodigalidade e devassidão, dispendendo no luxo, na prostituição e nas mesas do jogo das cidades occidentaes, o dinheiro que os intendentes, geralmente gregos, lhes enviavam, depois de terem tirado largamente a sua parte.

Quanto á massa sujeita da população, era, geralmente, preguiçosa, porque a terra, aliás tão fecunda, não lhe pertencia. Era desconfiada e mentirosa, porque a astucia e a mentira são as armas do escravo. E era ignorante e supersticiosa, porque toda a educação lhe tinha sido dada por um clero, tambem ignorante e fanatico.

Os seus *popes* [2] eram, ao mesmo tempo, magicos, e curavam as doenças por encantamentos e filtros sagra-

[1] Os boyardos eram os nobres do reino.
[2] Sacerdotes do rito grego.

dos. E, quanto aos monges, uns d'elles, grandes proprietarios e possuidores da sexta parte das terras da Romenia, eram boyardos de toga, não menos crueis e prepotentes que os senhores temporaes. Os outros não passavam tambem de servos, tendo trocado a escravidão pela mendicidade.

Uma lei de 1862, mais ou menos bem applicada, durante os annos seguintes, entregou a cada chefe de familia agricola uma parte dos terrenos que elle cultivava, variando de 3 a 27 hectares. E, depois d'essa epoca, os lavradores, tornados livres, foram ganhando sensivelmente em dignidade e amor ao trabalho; a agricultura e producção começaram a augmentar prodigiosamente; e os bons methodos de cultura dominaram tambem, pouco a pouco, os pequenos proprietarios. Havia, porém, muitos terrenos incultos.

Seria facil fazer da Romenia um jardim de tanta riqueza como a planicie lombarda, saneando a região, pelo enchugamento dos pantanos e pela drenagem das aguas, corrigindo os rios por meio de diques, captando uma parte das águas superfluas e distribuindo-as em canaes de irrigação, e restituindo á cultura grande parte dos terrenos improductivos. Mas, ainda no fim do seculo XIX, regulavam estes por 2.600:000 hectares.

As culturas arborescentes, que demandam cuidados mais delicados, estavam menos espalhadas. Ainda assim, as arvores fructiferas eram numerosas ao pé dos Carpathos, sobretudo, as ameixoeiras.

Nas plantas industriaes, só o canhamo era abundante. Tentou-se introduzir a beterraba, mas, pela falta de um bom systema de irrigação, pelos longos periodos de seccura do anno, e pela falta de hulha, as

fabricas de assucar não puderam sustentar a concorrencia dos productos similares dos outros paizes assucareiros.

As florestas eram muito abundantes, apezar das imprudencias dos habitantes, que obrigaram o Governo a fazer parar por algum tempo toda a sorte de exploração. Ainda se estendiam nos Carpathos vastos macissos de pinheiros mansos e bravos e de faias, quasi inabordaveis por falta de vias de communicação; e, na planicie, havia bosques de carvalhos. Mas, geralmente, as florestas eram muito deficientes.

A criação do gado fazia-se sem cuidado e sem methodo. Havia poucos estabulos. Os animais ficavam em redis descobertos e expostos, frequentes vezes, a frios muito rigorosos. Os bons pastos eram em pequeno numero, excepto nos baixos valles. Os animais domesticos em regra, só pastavam pastos seccos, que convinham, sobretudo, aos de lan fina, e que eram muito abundantes, sobretudo, na Moldavia. A Valachia tinha muitos porcos.

*

* *

A pesca era uma riqueza dos Romenos. Os habitantes das costas do Danubio salgavam e expediam em abundancia os peixes que se encontravam em grande quantidade n'este rio e nos lagos vizinhos, e preparavam o caviar, que os grandes esturjões lhes proporcionavam.

Quanto ás outras industrias, a Romenia, paiz essencialmente agricola, explorava sómente as riquezas for-

necidas espontaneamente pela natureza. As veias de metaes diversos, tão numerosos nos Carpathos, como o chumbo, o ferro, as pedras de construcção, a argilla plastica e mesmo o ouro, eram muito pouco exploradas. Sómente as veias de petroleo tinham uma exploração mais prolifica; e já em 1875 produziam 175:000 hectolitros de azeite mineral. E tambem as salinas, que estavam sujeitas ao monopolio do Estado, e cuja exploração era feita pelo Governo com operarios livres ou condemnados, foram successivamente augmentando em producção. De resto, quasi que não havia verdadeira industria.

O paiz era essencialmente agricola. As moendas, distillações, algumas fabricas de papel, de assucar, de pannos de lan e de objectos domesticos e grosseiros, e de instrumentos de cultura, eram os unicos estabelecimentos onde se reunia um certo numero de operarios. Em todo o caso, nos ultimos tempos do seculo XIX, a Romenia empregou todos os esforços para desinvolver a industria e aproveitar as suas riquezas naturaes, e começou a manifestar-se já um consideravel progresso, n'esse ponto.

*

*　　*

A riqueza agricola da Romenia e a presença do Danubio deram sempre logar a um commercio activo. E esse commercio augmentou muito depois de 1871, em que principiou a construcção e desinvolvimento das vias ferreas. Antes disso, o Danubio era a unica porta aberta ao grande movimento das trocas. Quasi

todas as mercadorias eram interpostas no porto de Galatz, situado precisamente no angulo do rio onde iam convergir pelo Sereth os principaes caminhos da Valachia e Moldavia. O Pruth, que os vapores, depois de 1861, subiam até uma pequena distancia ao norte de Jassy, prestava tambem grandes serviços aos expedidores de generos, e o Brititza e outros rios que descem dos Carpathos, eram grandes vehiculos dos transportes de lenha e madeira. Mas faltava uma rêde bem organisada de vias de communicação terrestre, porque os caminhos eram difficeis de construir n'este paiz, cortado de correntes de água, sobretudo, na zona das planicies, que são as que mais concorrem para alimentar o tráfico.

E, de facto, as terras argillosas e molles desfaziam-se facilmente; e, para construir estradas permanentes, seria necessario, como na Hollanda, empregar tijolos duramente cosidos, e supprir assim a falta de elementos resistentes.

A cada momento, impunha-se a construcção de pontes, e pode bem calcular-se quanto custariam essas obras de arte.

Mas, sem prejuizo dos serviços que aquelles rios continuavam a prestar á Romenia e, sobretudo, o Danubio, que ficou sempre valendo mais que milhares de kilometros de via ferrea, os caminhos de ferro deram outras saídas para o exterior, e, portanto, ampliaram o desinvolvimento commercial.

Por essa viação ferrea, e por Jassy, Bukovina e Delta do Danubio, o paiz ligou-se á Polonia, á Allemanha do Norte e ás costas do Baltico. Pela linha de Jassy e Pruth ficou ligado a Odessa, ao Mar Negro

e a todas as linhas da Russia. Pela ponte de Guirgin, que tem cinco kilometros de largura de uma margem á outra do Danubio, e pelo caminho do Varna, as planicies da Valachia ficaram em communicação directa com o mar Negro. Além d'isso, outras linhas ferreas junctavam, atravez dos Carpathos, os altos valles transilvanicos ás planicies da Hungria; e havia ainda varias ramificações interiores.

Até 1883, o commercio com o estrangeiro era muito liberal. Mas, então, a Romenia cuidou de se proteger, como represalia ás medidas proteccionistas tomadas pelos Estados agricolas, Hungria e França, contra a importação dos cereaes romenos. E isso não prejudicou a exportação; porque a maior parte do commercio passou a fazer-se com a Inglaterra, Allemanha, Belgica e Suissa, paizes esses, onde a agricultura não era a fonte predominante da riqueza nacional.

A importação consistia, sobretudo, em produtos agricolas, cereaes, fructos, animaes e productos alimentares tambem de animaes. Só os cereaes, nos ultimos annos do seculo, representavam 25-28 % das exportações.

As importações mais consideraveis eram as das materias textis, tecidos, metaes em bruto e trabalhados, pelles e couros brutos, e combustiveis.

Os paizes com que a Romenia fazia o principal commercio, eram a Gran-Bretanha, Austria, Hungria, Allemanha, França, Turquia e Bulgaria, Russia, Belgica, Italia, Grecia e Suissa.

*

* *

Relativamente aos principaes centros economicos, Bucarest, a capital da Valachia e da união romena,

contava-se entre as grandes cidades da Europa. Depois de Constantinopla e Pesth, era a cidade mais populosa de toda a parte sudeste do continente. Dava-se a si propria o nome de Paris do oriente.

Ainda no meiado do seculo XIX, era apenas uma collecção de aldeias, muito pittorescas por causa das suas torres e zimborios, que brilhavam no meio de bosques de verdura. Mas, graças á influencia da população e accrescimo do commercio e riqueza, transformou-se rapidamente n'uma grande cidade, cheia de bellas ruas, grandes hoteis, praças muito animadas e de grande commercio é bastante industria.

A cidade de Jassy, que foi a capital da Moldavia, depois de Sutchava ter sido annexada á Austria, occupa uma situação menos central que Bucarest; mas a fertilidade dos seus campos, a vizinhança de Pruth e da Russia, á qual serve de entreposto, a sua posição sobre o grande caminho commercial que reune o mar Baltico ao mar Negro, fizeram que essa cidade augmentasse muito de população, e se tornasse florescente.

Botochani, ao norte da Moldavia, era uma cidade de transito para a Polonia e Gallicia; e Foltichiani estava no mesmo caso, e tinha feiras muito frequentadas.

O commercio fez tambem engrandecer as cidades de Danubio: Vilkov, o grande mercado de peixe e de caviar; Kila, a antiga Achilleia, ou cidade de Achilles; Reni; Galatz, que se diz ter sido uma antiga colonia dos Galatas, e que era já uma grande cidade commercial do Baixo Danubio, e se tornou a sede da commissão europeia das embocaduras [1]; Braila, outrora pobre

---

[1] Adriano Anthero, *O Direito Internacional*, pag. 245.

aldeia, quando era uma simples fortaleza turca, e que se tornou depois cidade importante por suas moendas.

Todas estas cidades, situadas sobre o Danubio, eram verdadeiros portos do mar Negro e entrepostos, onde vinham armazenar-se os generos agricolas, e, sobretudo, os cereaes vendidos para o estrangeiro.

Giurgiu e San Giorgio dos Genovezes, era o porto de Bucarest no Danubio. Turnu-Severino era o porto da entrada da Valachia, a juzante dos grandes desfiladeiros do rio; Craïova, Pitesti, Ploesti, Buzeu, Tocsani, que se elevavam á saida dos altos valles da Transylvania; Alexandria, cidade nova, edificada no meio das planicies, que se estendem de Bucharest a Olto, e grande entreposto de productos agricolas: eram todas cidades importantes pelo seu commercio.

*

* *

Quanto ás communicações, já a proposito do commercio fallamos n'ellas, e para ahi remettemos os sectores [1].

[1] E. Reclus, obr. cit., *Nouvelle Geographie Universelle, L'Europe Meridionale.* — Lanier, obr. cit. — Marcel Dubois & Kergomard, obr. cit. — Onosine Reclus, *La Terre à Vol d'Oisean.* — Vaillant, *la Roumanie.* — Fr. Danie. *la Roumanie Contemporaine.*

CAPITULO XVIII

A PENINSULA DOS BALKANS

IV

Servia

Leve esbôço da história politica da Servia, n'este periodo. — Aspecto e relêvo do solo. — Agricultura; como esta preencheu quasi unicamente a actividade economica da Servia; regimen da propriedade que favoreceu a agricultura; affluencia de estrangeiros que tambem a favorecem. — Productos e seu augmento, nos ultimos tempos do seculo XIX. — Florestas e respeito dos Servios pela conservação d'ellas. — Apezar d'isso e das leis que a favoreceram, sua devastação. — Criação animal. — Industria. — Commercio. — Centros principaes. — Communicações.

Quando começou o periodo que estamos tratando, a Servia tinha estado, havia tres seculos, sujeita ao imperio da Turquia.

Levantou-se em 1804 contra ella, sob o commando de Kara-Georges; e, após dez annos de uma guerra encarniçada, pôde, com o auxilio dos Russos, expulsar os Turcos do seu territorio. Mas a Russia abandonou depois a Servia; e assim, pelo tratado de Bucarest (1812), ella caiu novamente no jugo ottomano.

Em 1815, um pastor energico, Miloch-Obrenovitch, animado pela Russia, chegou a tornar o seu paiz independente, embora sob a soberania da Porta, e foi proclamado princepe hereditario, em 1827.

Divisões intestinas fizeram destituir Miloch (1839); e, depois de um reinado ephemero de Milan, seu filho mais velho, foi egualmente destituido o segundo filho chamado Miguel (1842). E, os Servios elegeram em logar d'elle Alexandre Georwitch, neto de Kara-Georges.

Em 1856, o tratado de Paris declarou que as immunidades e privilegios concedidos á Servia ficavam, d'ahi por diante, collocados sob a garantia collectiva das potencias.

Dois annos depois, o princepe Alexandre recusou invocar a assembleia nacional, provocando com isso uma nova revolução, que o depoz; e, então, os Servios chamaram outra vez ao poder o velho pastor Miloch, proclamando o governo hereditario na familia d'elle.

Miloch falleceu, em 1860, e succedeu-lhe aquelle seu filho Miguel, que obrigou todos os Mussulmanos a abandonarem a Servia, e que foi assassinado em 1868. Succedeu-lhe o sobrinho Milan Ovrenovitch.

Em 1876, a insurreição da Bosnia e Herzegovina arrastou os Servios a uma nova guerra contra os Turcos; e tendo sido vencidos, solicitaram o auxilio dos Russos, que os tinha induzido á revolta. Então, os Russos invadiram a Bulgaria, e bateram os exercitos do Sultão.

O tratado de Berlim de 1872 rompeu os ultimos laços que prendiam a Servia á Turquia; assegurou definitivamente a independencia do principado servio; e augmentou o seu territorio de 11:000 kilometros a 367:000 habitantes.

Quando, em 1876, se deu aquella insurreição, da Bosnia e Herzegovina contra a Austria, o princepe Milan impoz aos seus subditos a neutralidade; e o gabinete austro-

hungaro, grato por este serviço, favoreceu a erecção da Servia em reino, e reconheceu, antes de todas as outras potencias, o novo rei Milan I (1887-1889).

Milan I, inquieto pelo engrandecimento da Bulgaria, que acabava de se junctar á Romelia, declarou-lhe guerra, e foi vencido.

Esta guerra, junctamente com o seu divorcio da rainha Nathalia Stourdza, tornou o rei impopular; e, porisso, foi elle obrigado a abdicar em seu filho Alexandre I (1889-1903).

*

* *

As ramificações dos Balkans cobrem toda a Servia, e fazem frente no Danubio aos Carpathos do Bonato, constituindo um planalto, que é formado de altas cadeias montanhosas, cheias de florestas, e sulcadas pelos profundos cortes de Morava e seus afluentes.

O clima é o mesmo da Allemanha meridional, sujeito a mudanças bruscas, desde 41° no estio, a 16° no inverno.

Por isso as condições do solo e clima eram favoraveis para a agricultura. Mas, tendo-se dado o caso da Servia andar até 1876, mais ou menos agitada pelas luctas intestinas, e quasi sempre sujeita ao dominio dos Turcos e da Russia, estando, demais a mais, destituida de communicações, como veremos, e sob a dependencia e concorrencia industrial de dois grandes Estados — a Austria e Hungria, é concludente que o seu desinvolvimento economico devia ser insignificante. E, realmente, achava-se limitado quasi exclusivamente á agricultura.

Mas, n'essa parte, o regimen da propriedade favorecia o desinvolvimento; porque, embora houvesse tambem divisão do solo em communidades familiares que possuiam e cultivavam em commum o terreno que lhes pertencia, havia muitos proprietarios que constituiam a pequena propriedade.

Alem d'isso, depois da guerra da independencia, vastos terrenos saqueados se encontravam sem dono; e o governo servio teve a boa ideia de os offerecer gratuitamente aos agricultores romenos que se obrigassem a cultival-os.

Multidões de Valachios appressaram-se, então, a acceitar essa offerta, fugindo ao *regulamento organico*, pelo qual a sua patria os condemnava a uma verdadeira escravidão; e repovoaram logo em grande multidão as aldeias abandonadas, dando aos campos o adôrno das suas ceifas.

Laboriosos, economicos e com familia, foram adquirindo meios de fortuna; e algumas até das novas colonias passaram o rio Morava. E da mesma forma que no Bonato e nas outras regiões da Servia do sul, um grande numero de aldeias se tornaram romenas.

Os Romenos emigrados punham mais zêlo em instruir os seus filhos; e, nos seus districtos, as escolas eram duas vezes mais numerosas que no resto da Servia, embora o ensino se fizesse em lingua slava. E isso influia egualmente no desinvolvimento do paiz.

Concorreram tambem á Servia milhares de Slavos, vindos da Hungria e Slavia, para escaparem ao governo dos Magiares e fazerem parte da nação independente. E mesmo os colonos bulgaros, atraidos pela liberdade

servia, vieram estabelecer-se fora das fronteiras turcas, nos valles do Timock e do Morava.

A população augmentou, assim, depois da independencia, com o excedente dos nascimentos do paiz e com essa emigração, vinte mil pessoas por anno. E este augmento de população contribuiu egualmente para a expansão da vida agricola.

Mas, apezar de tudo, ainda no ultimo quartel do seculo XIX, só estava cultivada uma oitava parte do solo da Servia, e quasi por toda a parte, a exploração era das mais barbaras. A não ser nos valles mais ferteis como no baixo Timock, um pousio annual succedia a cada colheita. E, sem os mercenarios que vinham cada anno fazer os trabalhos d'essa colheita nos campos da Servia, os habitantes mal teriam com que se alimentar.

Nos ultimos tempos do seculo, as coisas foram mudando. Já havia muito milho, trigo, cevada e legumes. A cultura da vinha formava um dos rendimentos mais importantes da população, tanto mais que a videira encontrava por toda a parte condições especiaes de terreno e clima. Especialmente, o solo calcario dos cabeços do sul, prestava-se maravilhosamente ao desinvolvimento d'essa cultura. E os Servios trataram de fazer vir da França as melhores especies e de aperfeiçoar os seus processos de viticultura e vinificação.

Nas arvores fructiferas, convem especificar as ameixoeiras, cujos fructos eram um artigo importante do commercio. Não só havia muitos pomares d'ellas, mas até verdadeiras florestas. E as ameixas eram vendidas em quantidade enorme aos estrangeiros, e applicadas tambem para a fabricação da aguardente.

As nogueiras eram abundantes. As macieiras e pereiras é que não prosperavam n'aquelle ceu.

Nas plantas industriaes, havia o linho e o canhamo em abundancia.

*

* *

Antigamente, a Servia era uma das regiões mais cheias de florestas da Europa. Todos os montes se achavam revestidos de carvalhos. *Quem mata uma arvore, mata um servio*, dizia um velho proverbio, que datava certamente do tempo em que os *rayas* ou servos opprimidos, se refugiavam nas florestas ou nas *santas* arvores que lhes serviam de templo.

Mas esqueceu-se o proverbio; e, até 1876, foi grande a desarborisação em varios districtos das montanhas, devido á queima que os pastores faziam de muitas arvores, para alimentar o fogo nocturno, á destruição feita pelo povo sem ordem nem regulamento, e ao dente das cabras e porcos, dois grandes inimigos da vegetação, que roiam as plantas novas e tenras, devoravam as folhas, e escavavam e descobriam as raizes.

Ultimamente, algumas leis protegeram as florestas; mas essas leis, raramente applicadas pelas communas, quasi que ficaram sem effeito.

Em alguns districtos, era-se já obrigado a importar lenha e madeira da Bosnia. Em todo o caso, nos outros districtos, ficou ainda grande abundancia de lenha e madeira, e especialmente de carvalhos.

Havia ainda no principio do seculo, muitos animaes selvagens, ursos, lobos, sabujos e camurças; mas, no

fim do seculo, estavam elles quasi destruidos, devido aos caçadores, e tambem, em parte, á devastação das florestas. Os pantanos regorgitavam de sanguesugas, como na Turquia.

Quanto aos animais domesticos, a Servia era o paiz da Europa que relativamente alimentava mais carneiros.

Os porcos, de excelente raça, eram exportados em grande numero. Os bois e bufalos, muito abundantes até 1870, soffreram uma grande diminuição depois d'isso.

Antes das relações com a China e Japão, criava-se muito sirgo; mas por um lado, essas relações fizeram pela concorrencia acabar com a industria da seda na Servia, e, portanto, com a criação do sirgo; e, por outro lado, sobreveiu a doença d'este verme.

*

*   *

A industria estava ainda na infancia, apezar das boas condições naturaes. Os estabelecimentos industriaes que existiam, eram, geralmente, propriedade dos capitalistas estrangeiros. Mesmo no fim do seculo, os Servios sómente exerciam um pequeno numero de industrias alimentares e domesticas.

A Servia possuia minas de ferro, cobre, chumbo e mesmo de prata; e não faltava a hulha, para pôr em pratica todas essas riquezas. Mas tudo isto era quasi totalmente improductivo, por falta de exploração.

De mais a mais, a Servia tinha o grande mal de desprezar todos os trabalhos manuaes que não fossem

de agricultura. Apenas, como já dissemos, os Bulgaros lá estabelecidos é que exerciam alguma industria, e só Belgrado é que representava um centro industrial importante.

*

* *

O commercio era tambem muito pequeno.

A Servia exportava principalmente porcos mal engordados, que eram expedidos por milhares para a Allemanha. A venda d'este producto constituia o principal rendimento dos lavradores. Mas vendiam tambem outros gados, fructos, madeiras, e, nos ultimos tempos do seculo, alguns cereaes.

Compravam tendas e diversos productos manufacturados.

As trocas faziam-se principalmente com a Allemanha, Hungria, Inglaterra e França.

*

* *

Quanto aos centros principaes, havia Belgrado, a capital, a antiga Singidunum dos Romanos e Alba Græca de meia edade, que se transformara n'uma bella cidade industrial e commercial, depois da independencia da Servia; e era um entreposto commercial necessario entre o occidente e oriente; Chabatz sobre o Sava, que, segundo diziam os habitantes, se tornou um pequeno Paris; Pozareratz sobre o Danubio, celebre na historia pelo tratado do mesmo nome; Semederevo (Semendria), donde partiu o signal da independencia.

*

* *

Quanto a communicações, estavam ainda muito incompletas.

As estradas eram muito imperfeitas e muito raras. Mas, nos ultimos tempos do seculo, os caminhos de ferro é que representavam uma figura internacional consideravel; porque a linha servia era a passagem da grande via que ia do occidente a Constantinopla e Salonica. E, alem d'isso, havia outras, sendo as principaes de Belgrado a Nissa, Vranja, e Tzaribod; e a do Smederevo e Plana.

Por temor dos Turcos, os Servios tinham-se opposto sempre a deixar construir no seu territorio uma linha que ligasse Philoppopuli ao caminho hungaro, mas a construcção d'essa linha foi-lhes imposta no congresso de Berlim de 1872.

Quanto ás communicações fluviais, o Danubio, de Belgrado (no confluente do Sava), a Negotin (no confluente do Timock), pertence por sua margem direita á Servia. O Sava, saindo da Bosnia, passa diante da fortaleza serva de Schabatz e reune-se ao Danubio entre Semlim e Belgrado, formando a grande Ilha da Guerra. Os afluentes do Sava servio são o Drina, o Tara e o Kolubara.

O Danubio recebe tambem o rio servio por excelencia — o Morava servio, o Morava bulgaro e o Timock.

Antigamente, o Morava servio era navegavel na maior parte do seu curso, e numerosas embarcações do com-

mercio o subiam e desciam em qualquer das estações. Mas, no ultimo quartel do seculo XIX, o volume das suas aguas era muito irregular para que se pudesse organisar um serviço de barcagens regular. E, em parte, era isso devido á desarborisação das montanhas da Servia.

CAPITULO XIX

A PENINSULA DOS BALKANS

V

Montenegro

Leve esbôço da historia politica do Montenegro, n'este periodo. — Como primeiramente eram occupados os pastos e florestas das montanhas. — Incursões dos montanhezes nos valles para colherem os comestiveis á mão armada. — Como tudo isso mudou, pela intervenção da Europa. — Productos. — Agricultura. — Industria. — Commercio. Centros principaes. — Communicações.

Como já vimos, o Montenegro, no principio do periodo de que estamos tratando, estava ainda sujeito á Turquia. Mas, depois de uma guerra tenaz, que, embora tivesse differentes intervallos, durou desde 1815 até 1852, pôde obter então a sua independencia, sob o Governo do princepe Danilo (1852-1860).

Este princepe foi assassinado, e substituido n'esse mesmo anno pelo seu sobrinho Nikolo (Nicolau I), que ainda era vivo e governara no fim do seculo. E a lucta com a Turquia continuou até que, no congresso de Berlim (1878), foi assegurada a independencia do Montenegro.

*

* *

O relêvo e aspecto assemelha-se a um enorme pastel de cera cheio de milhares de alveloas, ou um tecido

de milhares de cellulas: tanto as montanhas são continuadas e cheias de pequenos valles ou pequenas cavidades.

O Montenegro tem apenas um rio navegavel, o Tsernoievitja, que se lança no nordoeste do lago Scutari.

O clima é muito rigoroso no inverno, e muito doce no estio.

*

* *

Antes da invasão dos Osmanlis, as altas bacias do Montenegro não eram ainda habitadas. Os pastores e bandidos eram as unicas pessoas que percorriam os pastos e as florestas. Mas, para evitar a escravidão, os habitantes dos valles inferiores tiveram de refugiar-se no meio das rochas elevadas, sob o aspero clima das alturas, e de prover á vida, pela cultura, criação do gado e, muitas vezes, até pelo roubo.

Não podendo a exploração barbara de um solo de pequenos recursos proporcionar aos Montenegrinos senão fracos recursos, muitas vezes, a necessidade tomava a proporção de verdadeira fome.

Numerosos fugitivos da Bosnia, escapados ao jugo mussulmano, augmentavam ainda a miseria, parcellando extremamente os terrenos cultivados; porque o regimen da propriedade do Montenegro era, então, o das communidades, e foi preciso dividir por esses fugitivos o solo em propriedades particulares de innumeraveis parcellas. Os pastos, porém, continuavam communs segundo o velho costume servio.

As incursões nos valles limitrofes tornavam-se tambem uma necessidade. Muitas vezes, os Servios só

podiam escolher entre o morrer de fome, ou nos campos de batalha, em resultado d'essas incursões annuaes. E, porisso, estas mesmas incursões, até que a Europa lhes poz termo, não passavam de colheitas á mão armada.

Mas, depois que a Europa se intrometeu nas contendas dos Montenegrinos e Turcos, as fronteiras do Montenegro foram precisamente limitadas; e, já no ultimo quartel do seculo, estava garantida a segurança das pessoas e das propriedades. Os habitantes das montanhas vinham intender-se com os das planicies, para trocarem os seus bons officios; e estes levavam no verão os seus gados aos altos pastos, emquanto que, no inverno os pastores das montanhas desciam para os valles; e uns e outros eram bem acolhidos.

Data desde então o progresso do Montenegro.

*

* *

O solo prestava-se mal á cultura, e exigia um labor energico. Os campos divididos até o infinito, como já notámos, muito irregulares, suspensos, por assim dizer, nos flancos das montanhas, e sustentados por muros de supporte, davam cevada, aveia, milho e batatas, que eram as unicas plantas que o terreno permittia semear com successo, Mas, graças ao trabalho da população, o Montenegro, nos ultimos tempos do seculo, já produzia o bastante para alimentar os seus habitantes e até para fornecer subsistencias á cidade vizinha de Cattaro.

As vinhas do Tzernitz produziam vinhos excelentes, mas que, por falta de utensilios e caves, os habitantes não podiam guardar.

O solo era tambem muito proprio para a cultura do tabaco.

As florestas eram immensas; mas estavam por explorar. Os pastos, que eram abundantes, alimentavam excellentes cavallos, eguas, porcos, bois, vaccas, cabras e carneiros.

Cada anno, 100 mil cabeças de gado miudo eram abatidas, salgadas, defumadas, e exportadas, sob o nome de *castradina*, para todos os portos do Adriatico, da mesma forma que rebanhos consideraveis de leitões e de porcos. E grande quantidade da carne d'elles, tambem salgada ou defumada, era egualmente exportada para o estrangeiro.

Emfim, os cortiços de abelhas davam muito mel, que era expedido para as provincias ottomanas vizinhas, ou empregado na fabricação d'um hydromel, de muito boa qualidade.

Todos os rios e o lago Scutari forneciam peixes excellentes e, entre estes, trutas que pesavam muitos kilos; peixes esses, que eram tambem seccos e defumados, e expedidos para a Italia e Delmacia.

A industria, salvo a agricola, era nulla. Concorria para isso a modestia em que os Servios viviam, pois que não tinham luxo nenhum, a não ser no vestuario; os poucos recursos industriaes do paiz; e a emigração do povo.

Como os seus vizinhos da Albania, os trabalhadores tinham por habito emigrar, para irem nas grandes cidades estrangeiras, procurar os proventos que o seu paiz lhes não proporcionava. Contavam-se milhares d'esses emigrados só em Constantinopla, onde exerciam os misteres de carregadores, manufactores jardi-

neiros, e outros officios, vivendo em boa intelligencia com os Turcos, seus inimigos hereditarios. E havia ainda muitos outros emigrados, espalhados por outras cidades.

*

* *

Quanto ao commercio, o Montenegro fornecia Trieste e Veneza de carnes seccas de cabra e carneiro, que a marinha procurava para as suas provisões. Expedia tambem para o estrangeiro mais de duzentas mil cabeças de gado miudo, uma grande quantidade de carne de porco salgada ou defumada e leitões; assim como pelles, gorduras, peixe salgado, queijo, mel, sumagre e pó insecticida.

As exportações annuaes eram avaliadas em mais de um milhão de francos.

Os Montenegrinos compravam aos negociantes de Trieste e Cattaro uma aguardente detestavel, de que faziam uso frequente, e polvora, armas, ferramenta, taboas, algodão e pannos necessarios para o complemento de um vestuario dispendioso, unico luxo d'elles.

*

* *

Os centros principaes eram: Cetigne, a capital, intermediaria do commercio entre o lago Scutari, Rieka e Cattaro; Rieka, antiga capital, celebre por suas pescarias; Niegoche, berço da casa reinante; Niksitch, praça forte; Podgorita, Antivari e Dulcigne.

*

* *

As communicações eram deficientissimas. Só havia um rio navegavel, o Tsernoievitja, um grande lago tambem navegavel, o Scutari, que tinha por emissario o Bojana albanez; e apenas um bom caminho carrossavel de Cetigne a Cattaro [1].

[1] E. Reclus, *Nouvelle Geographie Universelle L'Europe Meridionale.* — Lanier, *L'Europe.* — Marsillac, *Manuel d'Historie Contemporaine.* — Boulongne, *Le Montenegro, le pays et ses habitants.*

A PENINSULA DOS BALKANS

CAPITULO XX

VI

Grecia

Leve esbôço da historia politica da Grecia, n'este periodo.—Aspecto, relêvo, clima, orografia e hydrografia. — Como a Grecia n'este periodo formou um contraste com os outros paizes dos Balkans. —Productos.—Agricultura.—Industria.—Commercio e marinha. —Centros economicos principaes. — Communicações.

No fim do seculo XVIII, a Grecia, então sujeita á Porta ottomana, voltou os olhos para a Russia que a communidade de religião, e, mais ainda, os projectos do czar sobre Constantinopla, designavam como a protectora natural. E, por essa protecção, o tratado de Jassy, em 1792, deu aos marinheiros gregos o direito de navegarem livremente sob o pavilhão russo, e preparou o dia do grande levantamento.

De facto, desde então, as casas gregas, estabelecidas no Mediterraneo, desinvolveram o seu commercio, engrandeceram a sua fortuna, e fundaram ou melhoraram as escolas gregas, que deviam reanimar, em toda a peninsula, e até no seio da capital turca, o sentimento extincto da nacionalidade e da independencia. A revolução franceza reaccendeu tambem este sentimento da liberdade. E Rhiga de Pheres, da Thessalia, compoz, á

imitação da *Marselheza*, o canto de guerra da Grecia, e formou o plano de uma revolução. Preso pelos Austriacos, em Belgrado, foi morto, em 1798. Mas, no anno seguinte, as ilhas Jonias emanciparam-se; e a França, a Russia e a Inglaterra garantiram successivamente a sua autonomia sob o protectorado d'essas nações, até que, em 1864, as mesmas ilhas fizeram parte integrante da Grecia livre.

As guerras dos Turcos e Gregos é que foram permanentes; e, em 1814, formou-se em Odessa uma sociedade revolucionaria, chamada *Ketairia Amigavel*, que abarcou logo todas as cidades gregas da Europa oriental, as provincias costeiras do Danubio, e o littoral hellenico do Archipelago. Todos os Gregos tomaram as armas. As grandes familias das ilhas offereceram os seus milhões aos patriotas. Os deputados das cidades reuniram-se em Epidauro, proclamaram a independencia da Grecia, e votaram uma constituição. O heroismo dos combatentes, as expedições maravilhosas dos marinheiros, as atrocidades commetidas pelos Turcos, a devastação da Morea pelo pachá do Egypto, Ibrahin, e a admiravel defeza de Missolonghi e a sua destruição, commoveram profundamente a Europa, não obstante o abandono da Russia e a má vontade da Austria.

Os liberaes tornaram-se por toda a parte *Philhellenos*. A França foi a primeira a secundar a emancipação da Grecia; e a opinião publica pronunciou-se com enthusiasmo pelos opprimidos. Poetas, artistas, soldados e capitalistas offereceram o seu generoso concurso á obra da emancipação. Os povos na Suissa, na Inglaterra e na Allemanha, tambem manifestaram a sua simpathia; e as nações cederam por fim a esta pressão

irresistivel, no momento em que os Gregos, esgotados n'uma lucta desegual, e depois de sete annos de uma resistencia heroica, iam succumbir.

A triplice alliança, assignada em Londres entre a Inglaterra, a França e a Russia para a pacificação da Grecia, decidiu o reconhecimento da nacionalidade hellenica; e a destruição da frota turca em Navarino, pelo ataque combinado das tres frotas alliadas, apar da expedição franceza de 1827 que expulsou do Peloponeso o exercito de Ibrahin, asseguraram a salvação dos Hellenos.

A Grecia estava arruinada, mas estava livre. E o tratado de Andrinopla confirmou a sua independencia, embora lhe assignasse umas fronteiras estreitas; porque a Porta conservou Creta e a Thessalia do sul e o Epiro meridional, as duas provincias mais ferteis e industriaes, regadas do sangue dos Hellenos.

A corôa da Grecia foi, então, offerecida, em 1828, pelas tres potencias a Leopoldo de Saxe Coburgo, mais tarde rei dos Belgas; e, tendo elle regeitado, foi proposto Othon (1832-1862), segundo filho do rei da Baviera, campeão ardente do Hellenismo, que acceitou. Este rei levou com elle um grande numero dos seus companheiros, confiando-lhes os cargos mais importantes do reino; e com isso o descontentamento dos Gregos foi tão grande, que elle teve de despedir a propria familia (1843) e sujeitar-se a uma nova constituição, que estabelecia um suffragio quasi universal. Por fim, sendo accusado de pouco patriotismo, levantou-se, em 1862, uma revolução contra elle, que o depoz do trono, e pronunciou tambem a deposição da sua familia.

Depois de um interregno de oito mezes, durante o qual a corôa foi offerecida successivamente a muitos principes, a assembleia nacional elegeu por unanimidade o segundo filho do rei Dinamarquez, que tomou o nome de George I (1863-1913).

A Inglaterra consentiu em renunciar a favor d'elle ás ilhas Jonias que o novo monarca reuniu ao seu reino, como um alegre dom da sua subida ao trono.

Tendo-se a ilha de Creta levantado contra a Turquia (1860-1868), esteve a ponto de estalar uma nova guerra entre os Gregos e Turcos; mas a intervenção das outras potencias pôde evital-a.

De 1868 a 1878, a Grecia mostrou-se mais calma; e, quando os plenipotenciarios da Europa se reuniram em Berlim, para regularem as questões territoriaes dos Balkans, o embaixador da França tomou a iniciativa de um pedido de engrandecimento para a Grecia. E, então, uma nova configuração de fronteiras foi traçada do lado do norte, comprehendendo a Thessalia do sul, o Epiro meridional, as cidades de Peveza, Janina, Metzoro e Larissa. Era o terceiro engrandecimento obtido pelos Gregos, depois da sua emancipação. Mas, ainda assim, as suas ambições não ficaram satisfeitas, e sempre, n'este periodo de que estamos tratando, elles sonharam enriquecer-se com os despojos da Turquia, inclusivamente adquirir Constantinopla, a capital que, durante doze seculos, foi a sede do imperio grego e o foco da civilisação hellenica.

Em consequencia d'estas acquisições, a Grecia veiu a comprehender no seculo XIX cinco partes, a saber: 1.ª, a região do Pindo, Epiro e Thessalia; 2.ª, a Hellade, com a ilha de Eubea ou de Negroponto; 3.ª, o Pelo-

poneso ou a peninsula de Morea; 4.ª, as ilhas do mar Egeu ou Cicladas; 5.ª, as ilhas Jonias.

*

* *

Todo o continente grego é atravessado pela cadeia hellenica—uma continuação do Pindo, que o percorre do norte a sul. Essa cadeia passa pelo isthmo de Corintho, e termina por dois ramos principaes nos cabos de Mallea e Matapan. Alem d'estes ramos principaes, ha tambem um, que termina sobre o cabo Gallo; outro que vai para este findar na Argolida; e ainda outro para oeste, que vai dar ás planicies da Achaia. E, entre a cadeia que vai dar ao cabo Gallo e a que vai dar ao cabo Matapan, fica o plató da Arcadia.

Poucos paizes são tão cortados de golfos e tão cheios de pequenas peninsulas; de modo que o traço caracteristico de todas as regiões é o fraccionamento do solo em bacias estreitas, isoladas umas das outras por macissos e platós de formas irregulares.

Esta configuração physica da Grecia explica até o desinvolvimento independente das suas nacionalidades e a rivalidade das suas republicas na antiguidade.

Não tem rios navegaveis. A maior parte das correntes são alimentadas no inverno pelas chuvas e pelas neves, e estão seccas no verão, ou perdidas em cavidades subterraneas. Mas as aguas da chuva, recolhidas, nas vertentes das montanhas, saltam, no sopé d'ellas, em fontes abundantes.

A variedade de climas é muito grande. Ao norte, nas montanhas do Etolia, o clima é o da Europa central. Ao sul e este, nas peninsulas e nas ilhas, é o da zona tropical. Na Attica e na Beocia, os invernos são frios, e os estios ardentes, de forma que a temperatura sobe a 30° e mesmo a 40°. O outomno e a primavera são chuvosos, o verão muito secco; as neves muito abundantes nas montanhas, desde outubro a abril, mas não são perpetuas.

*

* *

A Grecia, n'este periodo, estava em completo contraste com a maior parte dos Estados da peninsula dos Balkans. Os Turcos, Bulgaros e Romenos habitavam paizes admiravelmente favorecidos pela natureza, e não tinham sabido tirar partido d'elles. Os Gregos, pelo contrario, habitavam em paiz de fertilidade mediocre, onde os recursos mineraes eram tambem insufficientes para o desinvolvimento de uma grande industria; e, apesar d'isto, souberam tirar das articulações maritimas da peninsula a compensação de um solo rochoso e pouco profundo. O mar consolou-os sempre das más provas do seu territorio. E' lá que elles adquiriram a habilidade e audacia no commercio; e isso fez a sua fortuna politica e mercantil, e determinou essa intelligencia maravilhosa do negocio, que, relativamente ao numero dos habitantes, os collocou na primeira classe dos povos da Europa oriental.

*

* *

A Grecia não tinha hulha, e, embora abundasse n'outros mineraes, a maior parte d'elles estava por explorar desde 1861, em que foi promulgada uma lei de minas, e começou a desinvolver-se a respectiva industria; mas, ainda assim, a extracção só foi activa d'ahi por diante em alguns districtos. Os jazigos de chumbo argentifero de Laurium tornaram-se então objecto d'uma exploração fructuosa. Em Sanium, nas ilhas de Seriphos e de Siphnos, havia tambem alguns jazigos do mesmo mineral, mas sem exploração. O Pentelico, Hymeto e Paras abundavam de marmore, mas tambem pouco explorado. Havia mnito enxofre em Milo e na Eubea. As salinas eram muito numerosas, e davam muito sal; mas o Estado tinha o monopolio d'elle.

Havia tambem minas de ferro, de manganez, de linhite, de petroleo, de alunite, de kaolim, e ainda de outros mineraes, mas quasi por explorar.

*

* *

A agricultura estava pouco desinvolvida, por causa das condições da geologia, clima, relêvo do paiz, falta de braços e ignorancia geral. E, demais a mais, faltavam tambem os caminhos por toda a parte.

Havia regiões mais bem tratadas, como a Thessalia, a Beocia, a Messenia, a Ellida e as ilhas, sobretudo,

Eubea e Corfu. Mas, ainda assim, duas partes do terreno de toda a Grecia achavam-se abandonadas. Por isso, as culturas alimentares estavam longe de supprir as necessidades da população.

Os cereaes (milho, trigo, cevada, centeio, aveia), occupavam uma area restricta.

Na Attica havia, sobretudo, a cevada que se empregava principalmente na alimentação do gado. A Messenia e Ellida tinha bons campos de milho e trigo. A aveia era muito mais rara; e o centeio muito pouco cultivado.

As culturas horticolas tinham uma grande importancia. Nos jardins bem cultivados dos arredores das cidades e dos campos e ilhas em particular, colhiam-se muitos tomates, beringellas, melões e melancias. Nos fins do seculo XIX, começava-se tambem a cultivar as batatas em algumas provincias.

As culturas arborescentes é que representavam uma grande riqueza do paiz; e tanto mais que as terras cultivaveis da Grecia prestavam-se admiravelmente á producção dos vinhos, fructas e plantas industriaes, como o algodão, garança e tabaco.

Especialmente, a vinha era uma das fortunas caracteristicas do solo grego. E a devastação da philoxera em França, bem como os progressos constantes da fabricação das passas, animavam vivamente a cultura hellenica.

Assim, a producção dos vinhos attingia no fim do seculo tres milhões de hectolitros; e, apar d'isso, a maior parte das uvas era transformada em passas, para a exportação. Mas os vinhos conservavam-se com difficuldade, com excepção de alguns privilegiados. Para

os conservar addicionava-se-lhes, muitas vezes, resina, o que lhes dava um sabor desagradavel, como já se fazia no tempo antigo [1].

A cultura da oliveira, tão prospera, foi singularmente restringida durante a dominação da Turquia, que punia as revoltas, cortando as oliveiras. Mas, desde que a Grecia se libertou, reconquistou essa riqueza; de modo que, não havendo mais de dois milhões de arvores quando acabou a guerra da independencia, já em 1870, se contavam sete milhões e meio; e, em 1875, 12 milhões.

Mas, se a cultura augmentava rapidamente, os progressos da fabricação do azeite eram menos satisfactorios.

Os Gregos comiam uma grande quantidade de azeitonas. Se nós, os Occidentaes, estamos habituados a considerar a oliveira só pelo azeite, os Orientaes vêem no fructo d'ella um dos seus melhores alimentos.

As figueiras, laranjeiras, limoeiros e amendoeiras abundavam no Peloponeso, e davam fructos estimados. As amendoeiras abundavam tambem nas ilhas. Quanto ás outras arvores fructiferas, prosperavam muito menos, e davam fructos mediocres.

Nas culturas industriaes, figuravam a amoreira, o tabaco e o linho. Este ia em decadencia, pela concorrencia dos outros paizes; mas o tabaco tinha augmentado muito no fim do seculo, e era de muito boa qualidade; assim como ia augmentando a cultura da amoreira.

---

1 Adriano Anthero. *A Historia Economica*, vol. I pag. 289.

Pode dizer-se que a principal riqueza agricola da Grecia consistia no producto das vides e oliveiras.

As florestas tinham uma superficie muito restricta, porque eram destruidas por toda a parte pelos pastores, que lhes lançavam o fogo, para dar logar ás terras de pastagem. E esta obra de destruição nem sequer parou em face das leis muito rigorosas que a prohibiram, e dos esforços muito energicos do Governo para a cohibir, pela difficuldade d'essa tarefa, n'um paiz cortado de montanhas, como a Grecia.

Um dos productos que se explorava n'essas florestas em grande quantidade, era a casca de bolota *(vallonée)* aproveitavel para a tinturaria, como acontecia na Turquia.

*

* *

A criação do gado estava muito pouco desinvolvida. O gado grosso a que faltavam pastos, não existia, por assim dizer, antes da annexação da Thessalia. As provincias do oeste, Messenia, Ellida, Acarnania e ilhas Jonias, só contavam ao todo 100:000 cabeças de gado bovino, e toda a Grecia só tinha 90:000 cavallos. Em compensação, alimentavam-se mais de 100:000 asnos e mulas, animaes excellentes para os transportes dos paizes montanhosos.

Os carneiros e cabras, faceis de criar em paizes de montanhas, é que eram muito numerosos, e contribuiam grandemente para a alimentação dos Gregos.

A pesca era uma industria muito desinvolvida em todas as costas da Grecia continental e insular. E os

Gregos iam ainda pescar as esponjas nas costas da Syria, Asia Menor, e até na Tripolitana e Cyrenaica. A apanha das sanguesugas nos pantanos da Livadia, constituia tambem um rendimento importante.

Os Gregos eram muito bons caçadores, e a caça fornecia uma grande quantidade do alimento da população.

*

* *

A industria, em geral, estava muito atrazada, apesar das condições favoraveis da Grecia; e só nos ultimos tempos do seculo XIX é que principiou a levantar-se.

Com effeito, o paiz não tinha hulha; mas, como já vimos, tinha muitas outras substancias mineraes, que só demandavam boa exploração; e, pela vizinhança do mar e recorte das costas gregas, que mais aproximavel o tornava, podia supprir-se facilmente essa falta de hulha, e alcançar, pela importação, quaesquer outras materias primas, a preço barato.

Só o chumbo argentifero de Laurium é que tinha uma grande exploração, como tambem já vimos. E a fundição de Ergastiria, que tinha a sua sede tambem em Laurium, era uma das maiores do mundo.

A metallurgia estava representada apenas por alguns estabelecimentos de reparação de navios em Syra, no Pireu e em Salamina, onde se installara o arsenal de marinha de guerra. E havia tambem canteiros de construcção de navios de vela e barcos de pesca em Syra, Pireu, Nauplias, Patras e Corfu.

As industrias textis apenas tomaram um certo desinvolvimento no Pireu, onde havia muitas fabricas de tecidos baratos; e, entre estes, certos estofos de seda, cujo segredo os Gregos tinham sabido conservar.

*

* *

A Grecia devia a influencia que exercia no Oriente, e a sua classe elevada entre os Estados civilisados da Europa ao seu genio commercial.

O seu commercio era, realmente, muito importante. Em todo o Archipelago, e mesmo em todos os paizes orientaes, os negociantes gregos faziam a maior parte das trocas; e eram os principaes commerciantes do Levante, onde todas as cidades continham uma aristocracia commercial de origem hellenica.

A marinha mercante era muito consideravel. Superior á da immensa Russia, egualava quasi a da Austria, e excedia dez vezes a da Belgica. E ainda acrescia que a maior parte dos navios que içavam o pavilhão turco, pertenciam a marinheiros gregos.

A cabotagem hellenica obtinha tambem grandes vantagens, pelas relações entre os portos do mar Jonio e do Archipelago.

Os portos do Pireu e o de Cyra, nas Cicladas, e o de Volvo, na Thessalia, eram dos mais activos do Mediterraneo Oriental.

A população maritima, que habitava as costas, n'uma extensão de 3:000 kilometros, podia fornecer 30:000 homens de equipagem.

A Grecia importava cereaes, assucar, generos coloniaes, gados, tecidos, lans e algodões baratos. E exportava metaes, passas, azeite de oliveira, fructas, casulos de seda e tabacos.

Os paizes principaes com que fazia esse commercio, eram a Inglaterra, França, Russia, Turquia, Egypto, Austria, Hungria e Allemanha.

*

* *

Quanto aos centros economicos mais importantes, na Hellade occidental, sómente havia movimento commercial em algumas localidades privilegiadas da borda do mar, taes como Missolonghi, Ætoliko, Salona, Galaxidi.

Esta ultima cidade, situada á borda da bahia do Pleritos, era antes da independencia, o canteiro mais activo do golfo de Corintho.

A cidade de Naupacta, chamada Lepanto pelos Italianos, só tinha importancia estrategica por causa da sua posição na vizinhança da entrada do estreito de Lepanto.

Athenas, a capital, engrandecida na planicie, e unida nos ultimos tempos ao Pireu por um caminho de ferro, retomou uma importancia das mais consideraveis; e tornou-se cidade maritima, como nos dias da sua grandeza antiga, em que, por seu triplice mercado e suas *pernas*, apoiadas no mar, ella formava um só mesmo organismo com os dois portos do Pireu e de Phalera.

Thebas, na Grecia oriental, Lauriao e Livadia, tinham tambem uma certa importancia.

Corintho, situada á entrada do Peloponeso, entre os dois mares, tomou antigamente o primeiro logar entre as cidades gregas; não só por sua importancia, seu amor da arte e seu zelo pelo liberdade, mas tambem pela riqueza dos seus habitantes e pela cifra da sua população, pois chegou a ter 300 mil habitantes, mais do que Athenas, cuja população regulava por 180 mil [1]. Mesmo depois de ter sido arrasada pelos Romanos, retomou a sua importancia; mas em seguida foi saqueada, tantas vezes, que perdeu todo o commercio.

Não passava de uma aldeia miseravel, quando um tremor de terra a arruinou, em 1858. Foi reconstruida, a sete kilometros de distancia, nas margens do mesmo golfo, a que dera o seu nome. E sómente a abertura do canal, em 1893, lhe começou a dar nova e grande importancia; porque os caminhos de ferro de Marselha a Trieste, Smyrna e Constantinopla vieram dar um grande movimento ao seu porto.

Tripolitza tinha tambem uma certa importancia.

Patras no Peloponeso, á entrada do mesmo golfo de Corintho e no desembocadouro das planicies mais ferteis da costa occidental, tambem tinha já um trafico importante com a Inglaterra e outros paizes da Europa.

As outras cidades das provincias eram mercados secundarios.

*

* *

Nos ultimos tempos do seculo XIX, os Gregos multiplicaram os caminhos, e construiram uma rede de vias

1. Adriano Anthero. *Megaclés*, pág. 38.

ferreas. Mas, ainda assim, as estradas carrossaveis eram poucas e más, não sómente por causa dos obstaculos que os rochedos e as montanhas oppunham, mas tambem por causa da indolencia dos habitantes, a quem bastava o mar.

Quanto aos caminhos de ferro, um primeiro communicou Athenas com o porto do Pireu; e depois d'isso, foi essa capital reunida tambem por vias ferreas a Patra e a Nauplia. E, no fim do seculo, estava-se estudando a ligação das vias ferreas gregas com as da Europa por Volo e Salonica.

Em todo o caso, o mar é que ficou sendo o caminho por excellencia, da Grecia. Era elle o principal elemento do povo hellenico e o theatro da sua actividade; e, por isso, tambem os Gregos se esmeraram em melhorar os elementos do tráfico maritimo.

O canal de Corintho, solemnemente aberto em 1893, evitou aos navios vindos de Marselha, Genova, Brindizi e Trieste a volta do Peloponeso [1].

[1] E. Reclus, obr. cit. — *L'Europe Meridionelle, La Grece.* Onesine Reclus, obr. cit. Marcel Dubois et Kergomard, *Précis de Geographie Economique.* — Lanier, *L'Europe.* — Bainier, *L'Europe.* — Leake, *Travels in Northens Greece.* — Beulé, *Études sur le Péleponnése.*

CAPITULO XXI

A Italia

Leve esbôço da historia politica da Italia, n'este periodo. — Como a sua historia economica, nos primeiros tempos d'elle, se confundiu com a dos grandes Estados a que esteve sujeita. — Seu grande desinvolvimento desde 1860, em que houve a união territorial. — Como, então, um dos primeiros cuidados do Governo foi desinvolver as communicações. — Grande progresso, nos ultimos tempos do periodo. — Grande riqueza do solo italiano, e como não foi devidamente aproveitada por muito tempo. — Productos. — Agricultura. — Industria. — Commercio. — Marinha. — Centros economicos principais. — Communicações.

Quando rebentou a revolução francesa, os soberanos da peninsula italiana entraram nas colligações da Europa contra a França; e, em consequencia d'isto, Championet tomou Napoles; Bonaparte derrotou seis exercitos piemontezes ou austriacos; e o tratado do Campo Formo (1797) criou a republica cisalpina, formada do Milanez, de Valtelina, de uma parte dos Estados Venezianos e dos Estados da Egreja. O resto do territorio de Veneza foi abandonado á Austria; e o directorio organizou, sob o modêlo da republica francesa (1798-1799), as republicas liguriana, romana e parthenopeana, que tiveram uma duração ephemera.

Em 1806, Napoleão, tornado imperador, fez da republica cisalpina, então, engrandecida, um reino, á frente do qual poz o seu enteado Eugenio Beauharnais;

erigiu Lucques e Piombino em ducado em favor de uma de suas irmans; e destronou o rei de Napoles, dando a corôa d'elle, primeiramente, a seu irmão José Bonaparte (1806) e, depois, a seu cunhado Murat (1808).

Os ducados de Parma, Placencia e Toscana foram reunidos ao imperio francez, e as ultimas provincias papaes foram annexadas ao reino de Italia.

Toda a peninsula ficou, então, sob a denominação directa ou indirecta de Napoleão.

Com os exercitos francezes, os principios de egualdade e liberdade civil atravessaram os Alpes, e a legislação, anteriormente despotica, rotineira e semi-barbara, tornou-se mais regular; estabeleceu-se tambem a uniformidade e egualdade nas finanças e nos impostos; organisou-se a instrucção publica; a Universidade de Pavia, as academias e collegios de Piemonte foram reabertos e dotados; foram construidas magnificas estradas de Arezzo a Rimini, de Florença a Bolonha, de Sienne a Perusa; e, sobretudo, foram traçados os grandes caminhos militares dos Alpes, atravez do Simplon e do monte de Genova e Tende.

Acabou-se a cathedral de Milão, e construiram-se bellos monumentos, como signaes exteriores de uma nova renascença.

Mas a Italia soffria, por se ver humilde satellite da França; e os seus soberanos achavam muito pesado o despotismo do imperador, que não admittia nenhuma opposição á sua vontade, e que talhava, segundo a sua fantasia, nos reinos vassallos, feudos para os seus generaes e agentes.

Por isso, nas Calabrias e nas gargantas selvagens dos Apeninos, armaram-se os camponezes, commanda-

dos por audaciosos e ferozes bandidos, e fizeram ás tropas francezas uma guerra de exterminio. No seio das cidades, organisou-se tambem, em nome da independencia nacional, a liga dos *carbonarios;* e o papa Pio VII, despojado e ultrajado por Napoleão, prestou aos revoltosos a sua auctoridade moral.

Com a queda de Napoleão, os dois reis da Italia, Murat e Eugenio foram expulsos; e o tratado de Paris de 1815 entregou á Austria a Italia do norte, desde o Pó até o Tessino. O papa reentrou nos seus Estados. O rei do Piemonte, Victor Manoel, recuperou tambem os seus Estados. A ex-imperatriz Maria Luiza tornou-se duqueza de Parma, Placencia e Guestalla. O gran-duque Fernando foi reconduzido no Governo da Toscana, e o rei Fernando IV, no reino de Napoles; e, por ordem d'elle, Murat, agarrado no Pizzo, depois de uma tentativa aventurosa, foi impiedosamente fusilado.

Assim, nada restou das conquistas francezas. As ideias da revolução foram apagadas, e o regimen absoluto foi restabelecido por toda a parte.

No entanto, contra o despotismo que d'ahi se seguiu, organisou-se uma conspiração geral, e levantou-se em Napoles uma revolução, que expulsou Fernando II, e poz no trono seu irmão, o principe Carlos Alberto, do Piemonte.

As victorias dos Austriacos em Rieti e Novara, desfizeram outra vez as esperanças dos Italianos. As tentativas de insurreição foram seguidas de reacções sangrentas; e o cadafalso, o exilio e o carcere, duro e perpetuo, no forte de Spielberg, foram os castigos dos patriotas, entre os quaes figuraram Maroncelli e Silvio Pellico.

A revolução franceza de 1830 teve tambem o seu rebate na peninsula, fazendo rebentar, embora inutilmente, sedicões em Bolonha, Modena e Parma. As grandes nações pediram a Gregorio XVI reformas politicas e administrativas urgentes; mas em vão, porque o Governo romano e Fernando II, rei de Napoles, redobraram de vigor e multiplicaram as sentenças de morte, das galés, do exilio e da prisão.

Comtudo, os duques de Toscana e Lucques mostraram-se mais humanos e mais compassivos; e o rei do Piemonte, Carlos Alberto, manifestou-se ainda mais liberal, e continuou a preparar os destinos da sua familia.

Em 1848, collocou-se elle outra vez á frente da liga italiana; mas foi vencido em Custozza, n'esse mesmo anno, e em Novara, em 1849.

Veneza fez, durante 17 mezes, diante dos seus canaes e das suas lagunas, uma resistencia heroica aos exercitos austriacos; mas, por fim, teve de capitular. E, em vista d'essa capitulação, que destruia as esperanças da Italia, Carlos Alberto abdicou em seu filho Victor Manoel II, a quem os Austriacos deixaram a integridade do seu territorio, impondo-lhe, porém, uma contribuição de guerra de 75 milhões de francos.

Todos os soberanos depostos foram de novo reintegrados; o exercito francez reabriu a Pio IX as portas de Roma; e a maior parte dos princepes rasgou as constituições promulgadas na sua ausencia.

Ora o rei de Piemonte não se junctou a esta reacção geral. Pelo contrario, inaugurou nos seus Estados um regimen liberal, e deu ao povo uma constituição, modelada pela constituição franceza de 1830. Cavur, eco-

nomista eminente, politico de vistas largas e liberaes, homem de Estado, astuto e ousado, foi nomeado presidente do conselho; e, para levantar o Piemonte da deshonra de Novara, offereceu-se a concorrer com a França, Inglaterra e Turquia á guerra da Crimeia contra os Russos. E, n'esse sentido, enviou effectivamente um exercito de 15:000 homens; e o Piemonte obteve, assim, a garantia pelas potencias alliadas da independencia do territorio sardo.

Cavur conseguiu, então, pela sua habilidade diplomatica, fazer interessar a Europa na sorte da Italia; e os Italianos puzeram, desde logo, a sua esperança na politica do grande homem de Estado piemontez, que fallava em nome de toda a peninsula. O Piemonte tornou-se a nova patria de todos os emigrados e o refugio das letras italianas e das esperanças patrioticas; e toda a Italia habituou-se, pouco a pouco, ao projecto da monarquia italiana, sob o sceptro de Victor Manoel.

Mas a peninsula nada podia fazer, de per si, e por isso, Cavur procurou-lhe uma alliada potente e generosa, e encontrou-a na França. Numa entrevista entre elle e Napoleão III, a guerra contra a Austria foi decidida em principio. Esta, inquieta, lançou as suas guardas avançadas no territorio, e intimou o Piemonte a desarmar; e, com a recusa d'este, foi declarada a guerra.

Um exercito de 100 mil francezes juntou-se a 40 mil piemonteses, e os Austriacos foram vencidos em Magenta e Sulferino (1859).

A Italia adquiriu com isto a Lombardia e a sua independencia. Depois, Parma e Modena votaram a sua annexação com o Piemonte. Cavur fez, então, procla-

mar o reino italiano pelo parlamento de Turin, e a cedencia de Savoia e Nice á França, pelo tratado tambem de Turin de 1860.

As manifestações em favor da unidade italiana expandiam-se por toda a parte; e Pio IX e o rei de Napoles, Francisco II, tentaram inutilmente reprimil-as. A' frente de um exercito de voluntarios, Garibaldi occupou a Sicilia e Napoles, e derrotou Francisco II, emquanto o exercito piemontez batia em Castelfidardo os soldados pontificios, commandados pelo valente Lamoriciere.

As populações, consultadas, votaram por grande maioridade a sua annexação ao novo reino de Italia. Victor Manoel e Garibaldi fizeram em seguida uma entrada triunfal em Napoles, onde as aclamações triunfaes saudaram, ao mesmo tempo, o rei e o general libertador. E o novo parlamento, composto de deputados piemontezes, lombardos, toscanos, ombrios, napolitanos e sicilianos, votou unanimemente a unidade da Italia.

Todavia, esta unidade estava ainda incompleta, *Italia fatta, mas non compiuta,* dizia o rei.

Em 1866, quando rebentou a guerra entre a Prussia e a Austria, a Italia alliou-se com Prussia; e, apesar de ser vencida pela Austria por terra, em Custozza, e por mar, em Lissa, obteve a Venecia, graças ao apoio dos Prussianos, vencedores de Sadowa.

A capital do reino foi transportada, então, para Florença. Restava resolver a difficil questão de Roma. A França defendia o poder temporal da Santa Sé, e tinha obtido do Governo italiano, pela convenção de 1864, a garantia dos Estados da Egreja. Em 1880,

porém, a guerra franco-allemã offereceu a occasião que o rei esperava. As tropas francezas foram chamadas á França, e o papa ficou desarmado. Então, a 22 de setembro, o exercito italiano occupou Roma. O papa retirou-se para o Vaticano, e considerou-se como prisioneiro da Italia.

A unidade italiana estava completa. Roma foi proclamada como capital, e o parlamento votou, em 1871, a lei chamada *das garantias*, que regulou as relações da Santa Sé e da Italia [1].

Victor Manoel morreu em 1878 e succedeu-lhe o filho Humberto I, que falleceu em 1900.

*

* *

A historia economica da Italia durante a primeira metade d'este periodo, e na parte dominada pelos grandes Estados a que esteve sujeita, confunde-se com a d'elles. E, no resto, dividida politicamente n'uma infinidade de parcellas, reinos ou ducados de pequena amplitude, e separados uns dos outros por fronteiras aduaneiras, que prejudicavam a sua extensão e fechavam, muitas vezes, todas as saidas, e tendo tambem, muitas vezes, interesses oppostos, segundo as suas allianças ou a sua situação geografica, entretinha com os paizes vizinhos um commercio extremamente difficil, muito diminuto, e quasi que reduzido aos productos

[1] Adriano Anthero. — *O Direito Internacional*, pag. 21 e seguintes.

agricolas. Só o Piemonte e o Milanez, e n'uma certa medida, a Toscana, por causa da proximidade da França e dos mercados centraes da Europa, e pelo genio da sua população laboriosa e intelligente, havia chegado a criar uma industria florescente, que tinha um logar honroso no tráfico mundial.

Assim, o verdadeiro desinvolvimento da Italia só data de 1860, em que se deu a união territorial; porque, então, por um lado, a abolição das alfandegas internas e o libertamento dos embaraços locaes que se oppunham á expansão da industria e commercio, abriram um livre accesso ao mar, e produziram uma transfusão dos productos por todo o paiz, apar de uma facilidade maior na importação das materias primas.

E, por outro lado, um dos primeiros cuidados do Governo italiano foi, tambem então, o de abrir communicações entre as principaes cidades, e fazer desapparecer, n'este ponto, as desigualdades que existiam entre as antigas divisões territoriaes.

No norte e centro até Tronto, existiam já grandes estradas, geralmente bem tratadas e conservadas á custa dos differentes Estados, e um grande numero de caminhos, construidos e conservados á custa das provincias e communas. Sem ser perfeita a viação n'estas regiões, era sufficiente para as necessidades da população. E a Sardenha possuia tambem excellentes estradas.

Mas, no sul, as condições de viabilidade eram muito differentes. Emquanto que, em redor de Napoles, os caminhos eram tratados e conservados com cuidado, o interior carecia de meios de communicação.

Os Abruzzos e a Calabria, com excepção das grandes vias chamadas *consulares*, e de alguns raros

caminhos, nos arredores de Bari e de Otranto, de que as provincias tratavam, estavam completamente isolados das provincias vizinhas; e, na Sicilia, era quasi impossivel circular. Mas, com a integridade politica da peninsula, as leis obrigaram as provincias a construir e tratar as estradas que as reunissem entre si, ao passo que o Estado se obrigava tambem a construir e tratar as estradas nacionaes e as grandes vias de communicação com o exterior, e, assim tambem com os dos Alpes e dos Apeninos. E, assim, já em 1863, a Italia possuia 22:433 kilometros de estradas nacionaes e provinciaes, ou seja 3:509 por myriametro quadrado; e, já em 1878, a viabilidade geral se compunha de 1.112:000 kilometros quadrados de estradas de toda a ordem.

Apar d'isto, a Italia tratou de desinvolver muito os caminhos de ferro. Estava ella muito atrazada n'este ponto, devido principalmente á divisão excessiva do territorio, que obstava ao estabelecimento de uma rede geral, de harmonia com a configuração geografica com as necessidades do tráfico, e as difficuldades de atravessar a lombada montanhosa, que separa as duas vertentes da peninsula. Mas o Governo tambem tratou seriamente d'esse objecto.

Depois, asseguradas as communicações interiores, e facilitada a actividade agricola, industrial e commercial do paiz, o Governo tratou egualmente de facilitar desimbocadouros ao tráfico internacional, fazendo trabalhos maritimos importantes, como estabelecimento de faroes, reparação e escavação de portos, criação de canteiros, etc.

Com tudo isto, a Italia, unificada desde os Alpes ao Adriatico, lançou-se, em 1871, corajosamente na

obra da sua organisação; e, em alguns annos, a fisionomia do paiz ficou transformada, de modo que todos os ramos da sua actividade tiveram um desinvolvimento enorme. Mesmo os embaraços financeiros, que não tinham cessado de a penalisar no passado, haviam já desapparecido no fim do seculo.

*
* *

Apesar d'isso, a Italia não tirava da immensa riqueza do seu solo os recursos que podia tirar; nem a sua industria adquiriu o desinvolvimento correspondente aos esforços do Governo e á abundancia das materias primas.

E' certo que lhe faltava a hulha. Na classe dos combustiveis mineraes, só podiam citar-se as linhites da Toscana e as turfas tambem da Toscana e da zona alpestre do Piemonte e Lombardia, cuja extracção estava ainda na infancia. Mas bem podia ter supprido a falta do mineral por meio da hulha branca ou pela importação do combustivel estrangeiro, para fazer adiantar as industrias derivadas do reino mineral. E, ao contrario d'isso, toda ella estava quasi no estado infantil.

Havia mui vastas e ricas minas de ferro nas ilhas de Elba e Sardenha; e, alem d'essas regiões, havia tambem ferro em muitos valles alpestres. Mas todos esses jazigos não eram explorados, como podiam ser.

A ilha de Elba possuia um dos maiores e mais prodigiosos depositos de mineral de ferro que ha no mundo.

Etruscos, Phenicios e Romanos, tinham successivamente escavado ahi os jazigos de Rio-Alte e Rio-Marina, que poderiam fornecer um milhão de toneladas de mineral por anno, durante vinte seculos; e a calamite ou pedra imen entrava n'uma grande proporção n'um dos jazigos.

E, se mesmo esses jazigos de ferro não eram explorados, como podiam e deviam ser, os outros metaes é que eram muito pouco e muito mal explorados. Aproveitava-se algum cobre na Venecia e na Toscana, que era exportado para Swansea, algum nickel no Piemonte, zinco na Sardenha e mercurio na Toscana. Havia tambem na Sardenha, na Toscana e no valle de Aoste, bons jazigos de chumbo argentifero; e ao pé dos Alpes, no Monte Branco, havia um grande jazigo de ouro, onde, no tempo dos Romanos, trabalhavam cinco mil escravos. Nos *lagoni* (pequenos lagos), collocados entre a Pomerania e a Massa maritima, encontravam-se os *frumachi* ou *soffiani*, que forneciam a maior parte de borax empregado na industria da Europa [1].

Mas, como acontecia com os outros mineraes, tirava-se de tudo isso pequeno resultado.

Pelo contrario, os muitos pantanos salgados que havia e ha na Italia, eram objecto de grande exploração; e essa exploração desinvolveu-se grandemente, sobretudo, nos ultimos trinta annos do seculo XIX.

Na Sicilia, havia tambem muito sal gema e coral, que eram egualmente muito explorados.

---

[1] O acido borax é empregado como fundente na metallurgia e é tambem para obter o esmalte na faiança e porcellana.

Da mesma forma, as pedreiras d'Italia, que são muito ricas, eram objecto de grande exploração e commercio; e citavam-se entre os mais bellos marmores do mundo os dos Alpes Apuanos, de Massa e de Carrara.

A exploração d'essas marmores era feita proficientemente e com muito cuidado, e por artistas que exerciam no proprio local o mister de esculptores e modeladores, e preparavam ao mesmo tempo os mozaicos e os objectos de um certo valor industrial e artistico.

E tambem a Toscana, o Piemonte, a Liguria e o Bergamesco exploravam com grande proveito os marmores venados de differentes cores.

A pedra pomes das ilhas Lipari, o alabastro de Livorno e de Volterra, a terra de Siènne (Toscana), o kaolim da ilha do Elba, e as granadas e esmeraldas da mesma ilha, constituiam outros artigos de um commercio importante.

O enxofre era tambem uma das grandes riquezas da Italia, sobretudo, na região do Etna, na Sicilia, e perto do Vesuvio.

*

* *

A Italia encerra muitas zonas de uma fertilidade assombrosa; mas os processos de cultura estavam ainda muito atrazados em differentes provincias.

Havia três zonas differentes e três systemas de exploração diversa.

Na Lombardia, o solo estava dividido n'um grande numero de propriedades, e a cultura era muito prospera, devido, sobretudo, ao bom regimen das aguas de irrigação. Esta zona estendia-se desde a base do

Monte Cenis, ao oeste, até o mar Adriatico a este, na Lombardia e Venecia; e, do norte a sul, do sopé dos Alpes á base septentrional dos Apeninos. O Pó e seus afluentes regam este rico dominio de planicies, um dos mais povoados da Europa.

Este mesmo systema de cultura, sabia e intensa, era applicado a todas as planicies da peninsula que tivessem um certo desinvolvimento.

N'essa zona, era difficil avaliar a prodigiosa quantidade do trabalho, representado pela rede de canaes de irrigação, entretenimento de diques, fossos, caminhos, egualação da superficie dos campos e transformação de todas as inclinações cultivadas das montanhas. Os enormes desaterros que foi preciso fazer para a construcção de caminhos de ferro, são pequena coisa em comparação dos degraus de cultura que os lavradores estabeleceram, como escada de gigantes, no contôrno de todas as collinas e na base de quasi todos os montes que rodeiam o valle do Pó.

N'esta primeira zona, não havia espaço perdido. O milho, o arroz, os cereaes, as culturas alimentares de toda a ordem, jardins, pomares e hortas, succediam-se sem interrupção.

O segundo systema era o da cultura em terraços, applicada nas regiões montanhosas de toda a Italia. As riquezas vegetaes consistiam em vinhas, figueiras, laranjeiras, limoeiros e oliveiras.

A terceira zona comprehendia as altas montanhas e os districtos pantanosos e as *maremmas*.

Esses pantanos estendiam-se nas margens e ao longo de certos rios, especialmente no Arno. Antigamente constituiam elles boas terras de cultura; e

mesmo as planicies de Roma foram outr'ora mais alegres e salubres que no seculo passado.

Mas, apesar dos progressos da Italia, desde 1866, ou antes desde 1870, e apesar da maravilhosa fertilidade do solo, a agricultura estava, em geral, muito atrasada. Os campos mais proprios para os productos do solo, algumas vezes até na propria Lombardia, ainda nos fins do seculo XIX, tinham um aspecto miseravel, ao mesmo tempo que abundavam por toda a parte as casas arruinadas. E esta miseria mais augmentava, nas regiões do centro e do sul, onde o solo era mais improprio, e os habitantes se alimentavam só do pão de milho ou de milho cosido *(polenta)* ou de castanhas.

E' que a população agricola era formada, nas quatro quintas partes, de rendeiros; e a grande maioria dos proprietarios italianos vivia dos seus rendimentos nas cidades, longe das suas propriedades. Sem fallar da exportação dos seus capitaes, que eram a consequencia d'este regimen, acontecia que, por um lado, o proprietario não vivia nas suas terras, nem se interessava por ellas; considerava-as apenas como um capital, cujos juros ia recebendo, e não tratava de fazer melhoramentos que augmentassem o valor do solo.

Por outro lado, os cultivadores tambem não faziam bemfeitorias nem melhoramentos, antes só tratavam de explorar os proprietarios, e de ir cultivando a terra sem grandes despesas, e, portanto, sem poderem tirar grande rendimento d'ella.

Em summa, havia o antigo *absentismo*, que tão prejudicial foi á economia romana.

A sorte dos pequenos proprietarios não era melhor que a dos trabalhadores. Os das regiões montanhosas

morriam de fome, se não podiam recorrer á emigração temporaria para as planicies, onde trabalhavam como operarios nomados, ou para as cidades e para o estrangeiro, onde se entregavam a differentes misteres. Acontecia mesmo que, de setembro a outubro, milhares de Italianos se embarcavam para fazer a colheita de trigo na Argentina, e voltavam depois para fazer tambem a colheita de trigo na Italia [1]. E essa emigração tomou as proporções de um verdadeiro exodo, nos ultimos tempos do seculo XIX.

Para dar á propriedade territorial a situação que ella podia pretender, era tambem necessaria a realização de varias reformas, com a introducção dos instrumentos agricolas aperfeiçoados, extensão das irrigações, rearborisação, augmento e melhoramento de gado, e sobretudo adopção de uma cultura racional.

Um outro mal de que soffria a agricultura, era a falta de capitaes nos proprietarios, e os juros excessivos que d'ahi resultavam. Mesmo na região do Pó, a necessidade de entreter a canalisação mais necessarios tornavam os capitaes. E ainda acresciam os pesados impostos que oneravam a propriedade.

Em toda a parte onde a terra era agricultada, cobria-se de ricas ceifas, mas nem todas as partes do solo eram cultivadas. Restavam ainda grandes extensões pantanosas e insalubres como as *maremmas*, as lagoas Pontinas, a *campina* ou campanha de Roma, onde se estavam emprehendendo com resultado importantes trabalhos de enchugamento, saneamento e aproveitamento.

---

1 *L'Italie Economique* (1895-1896).

*

* *

As principaes producções da Italia eram os cereaes, o vinho e o azeite. O milho, cultivado por toda a parte, occupava grandes espaços nas provincias da Lombardia e Toscana. As lagunas do Pó estavam transformadas em arrosaes, e a Italia era o paiz da Europa que produzia mais arroz. A colheita do trigo era insufficiente para a alimentação do povo; e os outros cereaes, cevada, centeio e aveia davam tambem um rendimento diminuto.

A Sicilia, que antigamente constituia o celleiro dos Romanos, pela producção dos cereaes, já o não era no seculo XIX; e tinha maior importancia pela plantação dos seus jardins, vinhas, laranjeiras e pomares. A principal producção era a das laranjas, que dava á Sicilia um rendimento enorme. Contava-se por milhões de francos os fructos que ella exportava para a Europa, especialmente, para a Inglaterra e para os Estados-Unidos.

Como paiz vinicola, a Italia era tambem um dos mais importantes da Europa.

A Sicilia, Apulia, Calabria e Sardenha, cultivavam bastantemente o algodão; e o linho e canhamo occupavam grandes extensões no Piemonte, Lombardia e Venecia.

A cultura do tabaco, limitada pelas restricções do monopolio, era insufficiente. Mas a da beterraba e do lupulo, que encontravam um clima muito favoravel, estava em progresso, e a da amoreira achava-se muito espalhada por toda a parte.

Quanto ás arvores fructiferas, no norte e centro cultivavam-se os fructos das zonas temperadas, e no sul os da zona tropical, como figueiras, romanzeiras, açofeifeiras, limoeiros, limeiras e laranjeiras. As laranjeiras, limoeiros e suas variedades formavam, na Sicilia, na região napolitana e na Sardenha, verdadeiros bosques.

As florestas representavam apenas 12 por cento da superficie total. Os dentes do gado e os machados ignorantes tinham-nas destruido por toda a parte, mas principalmente no sul. Cada individuo cortava á vontade, para fazer potassa e carvão, que exportava. Mas, nos ultimos tempos do seculo XIX, o Governo estava favorecendo muito a renovação das florestas.

A criação de gado era muito importante e, sobretudo, nos ultimos annos do seculo XIX, o augmento da criação foi notavel. E' que muitos proprietarios dos latifundios, desanimados pela cultura, transformaram as propriedades em pastos.

Comtudo, nem toda a Italia era favoravel ao desinvolvimento dos rebanhos. Havia um contraste notavel entre a parte continental, o valle do Pó e a região peninsular. Ao norte, graças á humidade do clima e abundancia das aguas de irrigação, podiam-se entreter bellos prados e alimentar grande abundancia de gado grosso. Pelo contrario, a peninsula muitas vezes aspera e rochosa, mal provida de rios, e esses mediocres, só podia, com excepção das *maremmas* e de algumas zonas de pastos das montanhas, criar gado miudo.

Por isso, ao norte era grande o numero de animaes de cornos. Os cavallos eram pouco numerosos por toda a parte. Havia muitas cabras nas montanhas.

Muitos porcos, sobretudo, na Napolitana, nas Romagnes e Apenino Romano. Os carneiros iam diminuindo, como geralmente acontecia em toda a parte da Europa. Muitas abelhas, cujo mel e cera constituiam uma grande fonte de riqueza no Piemonte.

A pesca era uma occupação para grande parte da população costeira, e uma outra fonte importante de rendimento.

As costas da Italia eram muito piscosas. Tornaram-se tambem muito notaveis as pescarias das lagunas de Comachio, onde os pescadores prefaziam um numero de muitos milhares. E a Sicilia era egualmente muito piscosa, e, especialmente, muito abundante de atum.

*

* *

Quanto ás industrias, na parte mineral, já vimos que a Italia carecia ainda de muito desinvolvimento. Em todo o caso, o Governo, nos ultimos tempos do seculo XIX, animou poderosamente a metallurgia; e grandes estabelecimentos, providos de todas as innovações modernas, bem como uma fabrica de canhões, foram criados em Castellamare. Nas bellas fabricas de San Pier d'Arena, perto de Genova, fabricava-se todo o material de caminhos de ferro, locomotivas, *rails*, etc., e maquinas para a industria e para os navios.

Em Sestri, perto de Genova, e em Veneza, é que havia os maiores canteiros de marinha de guerra. Milão e Brescia, em estabelecimentos mais modestos, fabricavam objectos de caldeireiro e quinquilharias. Puzzoles, no golfo de Baia, que reunia muitas industrias metal-

lurgicas, era uma pequena Creusot; e Terni, na Ombria, era o estabelecimento mais activo da peninsula. Piombino em face da ilha de Elba, fabricava aços estimados.

Nas industrias textis, a Italia, apesar dos progressos realisados nos ultimos annos do seculo, era ainda tributaria do estrangeiro. Até na producção da seda, ficava no sexto logar da Europa, depois da França, Inglaterra, Allemanha, Austria e Suissa; e Milão começava a tornar-se uma rival seria de Lyon. Só na criação do sirgo, é que a peninsula ficava no primeiro logar.

Mas, apesar de tudo isso, tanto na industria agricola, como nas industrias metallurgicas e nas textis, o movimento industrial da Italia occupava um dos ultimos logares da Europa. E esse atrazo não era devido sómente á falta da hulha. O exemplo da Suissa mostra que esse obstaculo não é inexcedivel. Mas, como já fizemos ver, o peso dos impostos contribuia tambem para esse atrazo.

Nas industrias de luxo e arte e nas industrias alimentares, é que a Italia já tinha um logar muito importante na Europa; e, nos ultimos tempos do seculo XIX, manifestou-se por toda a peninsula um movimento serio para a maior intensificação d'essas industrias.

Os productos mais estimados eram os mozaicos de Florença, Veneza e Roma; as terras-cotes, majolicas e porcellanas de Veneza, Toscana e Milanez; os vasos de forma grega e etrusca, fabricados em Napoles; os espelhos, vidros finos e grossos, e avellorios de Veneza e de Murano; e as bijuterias de coraes, em que tra-

balhavam milhares de operarios, em Napoles, Genova, Livorno e Terra-del-Greco, e cujos braceletes e colares eram exportados até para a China, Japão e America.

A fabricação de massas alimentares e de aletria, occupava tambem milhares de operarios na região napolitana, e contava mais de 100 fabricas na Liguria e na Sicilia.

Era tambem muito importante a fabricação de sabão, de artigos culinarios e carne salgada, e a de chapeus de palha.

Assim, pode dizer-se, em resumo, que a industria, propriamente dita, comprehendia todas as especialidades do trabalho moderno, desde a fabricação dos alfinetes até a das locomotivas e dos grandes navios; mas só tinha proeminencia em certos artigos de luxo, e em certas preparações culinarias, massas e carnes salgadas.

A industria da seda tornou-se ultimamente de uma grande actividade. Milão, como já dissemos, converteu-se em rival perigosa para Lyon; a fabricação da seda em obra adquiriu alli grande progresso; e os seus productos eram muito procurados na Suissa e Allemanha. As fabricas de lanificios contavam-se por centenas, sobretudo, nas provincias de Novara e Biella. As do algodão tomaram tambem um grande incremento; mas eram inferiores ás de Hespanha, e não occupavam a decima parte dos fusos que a França possuia. O linho e canhamo fabricavam-se apenas domesticamente.

Mas fóra da fiação dos pannos, a grande industria manufactora, com as suas grandes fabricas, que são outras cidades, e com a sua multidão de maquinas em

movimento, estava ainda fracamente representada na Italia do norte; e, a não ser em Napoles, era inteiramente desconhecida na Italia do sul.

*

* *

O commercio triplicou depois da unidade politica, devido não sómente ao genio italiano, mas tambem á abertura das communicações, como já fizemos sentir, e ao desinvolvimento da marinha.

Mas, apesar do progresso commercial da Italia ser muito grande nos ultimos tempos do seculo XIX, tinha ainda muito que andar, em proporção de algumas outras nações europeias. Na sua actividade mercantil, a Italia era excedida não só pela Inglaterra, França, Allemanha, Austria Hungria e Russia, mas até por alguns paizes de pequena extensão, como a Belgica e Hollanda.

Em todo o caso, pouco tempo antes dos fins do século XIX, os navios italianos não se aventuravam alem de Gibraltar; e ultimamente já tomavam o caminho dos Estados Unidos e da America, e até substituiam os navios americanos no commercio internacional. E já os commerciantes, enviados pela cidade de Genova, exploravam a Nova Guiné, as Molucas e os archipelagos vizinhos, para descobrirem novos mercados.

Como dissemos, influiram poderosamente no desinvolvimento do commercio, a marinha e as communicações de que já fallámos, e de que adiante fallaremos de novo.

Quanto á marinha, a mercante, era uma das mais importantes da Europa.

Até o ultimo quartel do seculo XIX, essa marinha tinha limitado a sua acção ao Meditertaneo; mas entrou depois tambem em relações com os paizes ultramarinos, como já notámos. E, n'este sentido, o Governo concedeu premios, para animar a navegação.

Embora, porém, a frota mercantil fosse muito importante, porque sómente cedia á das Ilhas Britanicas, Estados Unidos, Allemanha e França, e ainda que tivesse um enorme pessoal de marinheiros e pescadores, quasi em numero de 200 mil individuos, a Italia achava-se muito longe de ter uma actividade commercial em relação com o seu pessoal e tonelagem.

A não ser em Genova, as immensas ferramentas de navegação só serviam para a pequena pesca e para o tráfico de cabotagem mediterranea. Os navios que se aventuravam em pleno Oceano, eram relativamente pouco numerosos. Ainda em 1865, o pavilhão italiano se não tinha mostrado no Oceano Pacifico; e, em 1876, ainda raramente se tinha visto nos mares do Oriente.

O numero dos vapores era tambem diminuto, o que egualmente diminuia a importancia do commercio do mar largo.

Os principaes objectos de exportação eram o vinho, o azeite, as laranjas e limões, arroz, seda, enxofre, objectos artisticos, amendoas, gados e ovos.

E a importação consistia principalmente em cereaes, café, peixe salgado, assucar, algodão grego, pelles brutas, hulha e mesmo ferro e aço, tecidos, queijo e manteiga.

Os principaes paizes com que a Italia fazia o seu commercio, eram a Inglaterra, Austria, França, Romenia e Allemanha.

*

* *

Quanto aos centros economicos, as novas communicações influiram muito n'elles, e produziram grandes alterações, com respeito á epoca anterior.

Assim, Turin, no alto Pó, onde convergiram todos os caminhos que atravessavam os Alpes, desde o massiço do Monte Branco á raiz dos Apeninos, era, por sua situação, um dos pontos vitaes do tráfico europeu, e tornou-se o centro natural do commercio do alto valle do Pó até o Tessino.

Milão, onde vinham dar os sete grandes caminhos alpestres do Simplon, S. Gothard, Bernardin, Splugen, Julier, Maloya e Stelvio, era egualmente um emporio necessário. Esta cidade, por sua população, comprehendendo as aldeias, só era inferior a Napoles. Por seu commercio, ficava logo depois de Genova. Por sua industria, egualava estas duas cidades. E, pelo seu movimento scientifico e litterario, era a primeira das cidades, entre os Alpes e o mar da Sicilia.

Bolonha, que os pantanos e leito do Pó, dificeis de atravessar, separavam outr'ora dos Alpes, mas que os caminhos de ferro ligaram, nos ultimos tempos do seculo, a todos os collos do hemyciclo das montanhas, tornou-se tambem muito importante; porque era lá que vinham reunir-se as linhas de Vienna, Paris, Marselha e Napoles.

Sem a criação dos caminhos, o valle do Pó não teria na Europa a importancia que possuia. A alta muralha eliptica dos Alpes separava-o completamente da França, da Suissa, da Allemanha, emquanto que ao

sul, o muro menos elevado dos Apeninos tornava as comunicações difficeis com os valles do Tigre e do Arno. O paiz só estava aberto do lado do Adriatico.

Mas a construcção das estradas carroçaveis e dos caminhos de ferro mudou tudo isso; e a Italia do norte tornou-se para o commercio da Europa um dos principaes centros de attracção. Por Veneza, tinha o Adriatico. Pela via ferrea dos Apeninos, tinha Genova, Savona, o golfo de Spezia e o mar Thyrreno. Commandava ao mesmo tempo os dois mares que banham a Italia. E os caminhos de ferro de Modane e os de Bremen e Semering faziam convergir para a baixa Lombardia uma parte das trocas da França, da Allemanha e da Austria.

E outras linhas da grande rede europeia, descendo de Pontebba, do S. Gothard, do monte de Genebra e do collo do Tende, iam unir-se como ao centro de uma zona immensa, nas cidades florescentes do valle do Pó.

E, na descida de cada um dos collos, assim como na saida dos atalhos dos Apeninos, encontravam-se muitas cidades e etapas, como Mondovi, a triplice cidade edificada sobre tres cabeços; Coni, muito bem collocada no seu terraço triangular entre Stura e Gesso; Saluzzo, Pignerol (Pinerelo), Susa, porta italiana do monte Cenis; Aoste, Bielle, tão rica em manufacturas de lan; e, no alto Piemonte, Fossano, Savigliano e Carmagnola, onde vem dar os quatro principaes caminhos dos Apeninos. No Piemonte oriental, Novara, Vercelli e Casale, antiga capital de Monferrat.

Ao sul do massiço das collinas de Turin havia Alexandria, centro de convergencia de oito linhas do caminho de ferro, e, portanto, uma das cidades da Italia

onde se operava um dos maiores movimentos de passagem, Aosti, celebre por seus vinhos espumosos, Acqui, Como, Monza, Pavia, Cremona e Bergamo.

Veneza, outr'ora a rainha do Adriatico, estava muito decaida commercialmente.

Genova era o ponto mais activo da Italia. Embora o seu movimento fosse inferior ao de Marselha, os armadores possuiam metade da frota commercial da Italia, e as tres quartas partes dos seus navios.

Para o vaivem das embarcações de vela e vapores que frequentavam a praça de Genova, e que se encontravam ahi, ás vezes, em numero de 700, sem contar milhares de outras naus pequenas, o porto cuja superficie tinha mais de 130 hectares, já não era grande, e, sobretudo, não era sufficientemente abrigado.

Uma quarta parte da sua superficie estava garantida dos ventos, mas era precisamente a menos profunda. Seria preciso duplicar a extensão e tornal-a muito mais segura, pela construcção de um contra-vagas que separasse do alto mar a vasta superficie de uma enseada exterior.

Genova era tambem uma cidade muito industrial, que tinha, alem dos seus canteiros, muitas fabricas de massas alimentares, papeis, sedas, velludos, sabões, azeites, metaes, louças, flores artificiaes e outros adornos.

A oeste, San Pier d'Arena (Sampierdarena) tornou-se uma verdadeira cidade industrial. E Cornigliano, Rivarolo, Sestridi Ponente, que possuia os maiores canteiros da Italia, mesmo do Mediterraneo, Pegli e Voltri eram tambem cidades populosas, tendo muitas fiações e fundições, ligando-se umas ás outras, de modo a formarem um verdadeiro formigueiro humano.

Spezia, porto militar, bordado de arsenaes e canteiros, não tinha grande movimento commercial; porque, embora offereça um abrigo seguro, não estava ainda ligado com os povos de alem dos Apeninos por vias ferreas, e não tinha outros productos a expedir, alem dos que provinham dos ricos valles dos seus arredores.

Florença, uma das maiores cidades de Italia, era tambem muito industrial. Tinha muitas fabricas de seda e lanificios, mosaicos, porcellanas, pedras duras, *ateliers* de chapeus de palha e de outros objectos que demandam gosto e habilidade de mãos.

Pisa estava inteiramente decaida, pela completa obstrucção do seu porto.

Livorno ficou herdeira de Pisa, e os seus navios não deixaram de seguir as mesmas escalas para os portos do Levante, desimbocadouro natural das ricas bacias da Toscana. Constituia um mercado muito mais activo do que a forma do littoral poderia fazer suppor. Em 1872, era até o segundo porto da Italia. Só depois d'isso, é que Napoles se lhe tornou superior.

No valle do Tibre, Roma, a capital da Italia, desprovida de porto, e com os campos dos arredores cheios de miasmas deleterios, era uma das grandes cidades, mas destituida de industria e commercio, a não ser no que é relativamente natural a um centro de grande população.

Pescara, que servia de intermedio entre Româ e Ancona, era um importante centro economico, tendo por especialidade o commercio das sedas.

Ancona era uma das tres cidades mais commerciantes da costa occidental d'Italia, e a oitava de todo

o littoral da peninsula. Vinha depois de Veneza, e disputava a proeminencia a Brindizi.

A velha Tarento, o grande porto antigo, estava abandonada pelos navios, o que permittiu ás hervas e lichens dos pantanos estenderem os seus tapetes sobre as ruinas de Sybaris, outr'ora a primeira cidade da peninsula.

Napoles, o centro mais populoso da Italia, onde accorriam pessoas de todo o paiz e de todo o mundo, para se divertirem e gozarem, tomou tambem uma grande parte no movimento industrial italiano. Fabricava massas alimentares, pannos, sedas chamadas *Groz de Napoles*, vidros, porcellanas, instrumentos de musica, flores artificiaes, objectos de adôrno, e tudo o que se relacionava com as necessidades e usos de uma grande cidade.

Nenhuma outra do Mediterraneo tinha operarios mais habeis como polidores de coral.

Era tambem dos arredores de Napoles, da graciosa Sorrento, que provinham essas caixas, para joias e outros objectos de pau de palmeira, graciosamente trabalhados.

Napoles, com o seu bello porto, devia ser tambem uma grande cidade de commercio. Comtudo o seu porto vinha depois de Genova; e, ainda no penultimo quartel do seculo, era excedido por Livorno e Messina. E' que Napoles não era como esta ultima um logar de etapa forçada para os navios, e não tinha como Genova e Livorno regiões de grande extensão a servirem-na; pois, a pequena distancia d'ella, ao norte, ao oeste e ao sul, começam os macissos irregulares dos Apeninos, que nenhuma via ferrea atravessava em toda a largura

do mar Thyrreno ao Adriatico. E nem sequer estava ligada por qualquer linha ferrea ao golfo de Tarento.

Castellamare di Stabia possuia os canteiros de construcção mais activos da Italia, depois do littoral genovez e do Spezia.

Gaeta era um dos portos mais requestado da Italia para a cabotagem e pesca.

Na vertente meridional do Adriatico, os centros economicos importantes eram mais numerosos e mais activos.

Foggia, onde convergiam quatro caminhos de ferro e muitas estradas, constituia um grande mercado de generos. Não pela população, mas pela riqueza, tornou-se a segunda cidade de toda a Napolitania. Tinha como satellites San Severo, Cerignola e Lucera; mas ainda assim a todas faltavam desimbocadouros directos para o mar, e estavam rodeadas de maremmas. A bonificação d'estas maremmas era uma das obras urgentes a fazer.

Brindizi, que, por duas vezes, no tempo dos Romanos e no tempo das cruzadas, foi uma das grandes etapas da passagem entre a Europa occidental e o Oriente, começou a retomar essa figura intermediaria no commercio do mundo. Bastava para isso estar situada á entrada do Adriatico, e o seu porto ser um dos melhores do Mediterraneo, e sua bahia excellente.

A nova Tarento adquiriu uma certa importancia no commercio de cabotagem, depois da abertura do caminho de ferro de Bari; mas a sua industria, á excepção da pesca de peixe, das ostras e do sal, era quasi nulla.

Na Sicilia, Palermo, a capital só estava, quanto á população, abaixo de Napoles, Milão e Roma; porém,

no commercio, já ficava muito abaixo dos dois portos occidentaes da ilha—Trapani e Massala, e tambem muito abaixo de Messina, que é a cidade central do Mediterraneo, e que dispunha de um porto muito profundo e muito abrigado, e era uma etapa dos vapores que serviam o commercio maritimo entre os paizes da Europa occidental e os do Levante.

Catanea era, da mesma forma que Messina, uma cidade de grande prosperidade commercial.

Syracusa, a cidade potente de outr'ora, não passava de um estendal de ruinas.

Na Sardenha, Cagliari e a sua rival Sassari, eram os centros mais importantes.

*

*   *

Já fallámos das communicações, e vimos como as estradas eram bastas no norte e deficientes no resto da peninsula.

Effectivamente, no interior, a rede das estradas era muito cerrada no Piemonte, Lombardia e Venecia, isto é, no valle do Pó e do Adige. Mas, na Italia peninsular, dividida pelos Apeninos e pelos contrafortes que elles projectam em muitos repartimentos distinctos, eram difficeis as relações de umas provincias para as outras no mesmo mar, e de uma vertente para a outra, atravez desses montes. E essa falta de communicações era a causa principal da miseria que havia nos campos, visto que, não podendo os productos do solo ser exportados, eram consumidos no local ou vendidos por baixo

preço. Só havia excepção, quando podiam transportar-se facilmente para um ponto da costa, porque o caminho do mar era o mais conveniente, por ser o mais economico.

E tambem as communicações por agua, rios navegaveis e canaes só eram praticaveis na Italia septentrional.

Mas, por um lado, os caminhos de ferro internacionaes, pela abertura dos Alpes em muitos pontos da fronteira, como o do Monte Cenis (1850-1870), o de S. Gothard, Simplon, Brenner e Semering, vieram dar grande vantagem ao commercio italiano.

Depois que esses tuneis foram abertos, os portos da Italia no Mediterraneo e no Adriatico tornaram-se entrepostos dos productos da Europa central e occidental, destinados ao Oriente e extremo Oriente. As mercadorias que transitavam outr'ora pela França, chegavam pelo S. Gothard, que era tambem o centro das relações entre Anvers, Bremen e Hamburgo ao norte, e Genova e Brindizi ao sul.

Os productos da Allemanha central e meridional afluiam pelo collo do Bremen, e os de França, pelos caminhos do Corniche e Monte Cenis.

Por outro lado, abriram-se grandes caminhos carrossaveis atravez dos Apeninos; e, alem d'esses, cinco vias ferreas os atravessaram, a saber: entre Turim e Savona, Milão e Genova, Bolonha e Florença, Ancona e Roma, Napoles e Foggia; e ainda outras linhas, adiantando-se de uma parte e outra, vinham juntar-se proximamente nas galerias subterraneas ou collos das montanhas.

O caminho de ferro que costeia as praias do Adriatico, de Rimini a Brindizi e Otranto e que faz parte

da linha commercial de Londres, Suez e Bombaim, produziu tambem uma grande mudança na geografia da peninsula.

Até então, a costa occidental de Italia, que possuia o Arno, o Tibre, o Gagliano, e cujo littoral tem o privilegio dos golfos, portos e archipelagos, era a metade viva da peninsula, propriamente dita. Era lá que se encontravam os grandes mercados, as cidades opulentas, os centros de civilização e os *rendez-vous* para os estrangeiros. Mas essa via ferrea mudou inteiramente o eixo do commercio para a parte oriental.

As cidades principaes, ainda não estavam criadas, mas tinham já um dos caminhos principaes do antigo mundo, e milhares de viajantes que davam volta á terra, passavam por lá [1].

---

[1] Noel, *obr. cit.* — M. M. Piolet & Bernard, *Histoire Contemporaine de 1815 á Nos Jours.* — Marsillac, *obr. cit.* — Jules Isaac, *Histoire Contemporaine 1819-1820.* — Albert Malet, *obr. cit.* — E. Reclus, *Nouvelle Geographie Universelle L'Europe Meridionelle.* — Bannier, *obr. cit.* — Lanier, *L'Europe.* — Corner, *Commercial Geography. Le Italie Economique. — Marmochi, descrizione d'Italie. — Taine, Voyage en Italie.*

CAPITULO XXII

A Hespanha

Leve esbôço da sua historia politica n'este periodo. — Modificações importantes que se haviam produzido na Hespanha, no fim do seculo XVIII, pela promulgação de medidas liberaes, quanto ao commercio e industria. — Esforços de Carlos III e Carlos IV, n'este sentido. — Desinvolvimento economico resultante d'isso. — Abalo que a Hespanha experimentou com a revolução franceza, a qual fez deter o vôo que a politica, melhor avisada, acabava de lhe imprimir. — Como as guerras que d'alli provieram, prejudicaram enormemente o paiz. — Como aos effeitos d'essas guerras acresceram os vicios da administração interior e a insurreição geral das colonias. — Desinvolvimento posterior, no reinado de Isabel II. — Era de renovação e progresso, desde 1848 a 1862. — Proclamação da republica; decadencia e desordem completa, nos dois anos que ella durou. — Como, ainda depois de restabelecida a monarquia, a guerra carlista continuou perturbando a Hespanha até 1876. — Como a Hespanha retomou d'ahi por diante o progresso economico, apenas com o intervallo passageiro do levantamento de Cuba e da guerra com os Estados Unidos. — Productos. — Agricultura. — Industria. — Commercio. — Centros economicos principaes. — Communicações.

Quando sobreveiu a revolução franceza, reinava em Hespanha Carlos IV (1788-1809).

O seu antecessor, Carlos III, tinha beneficiado o paiz, pela sua iniciativa economica, pelo seu cuidado a favor da administração publica, pelo seu amor ao desinvolvi-

mento das communicações, e pelo interesse que mostrou pelas colonias. [1].

Sucedeu-lhe o filho Carlos IV, que, no principio do reinado, se inspirou nas mesmas ideias, mas depois deixou decair as instituições esboçadas por seu pae; e, sob a influencia nefasta do favorito Godoi, todos os antigos abusos reappareceram. E, demais a mais, a guerra com a republica franceza lançou a desordem nas finanças, e custou ao reino a possessão de S. Domingos.

Seguiram-se as guerras napoleonicas (1808-1814), em que a Hespanha retomou o seu antigo enthusiasmo, embora fosse muito prejudicada por ellas, como, em geral, toda a Europa. Durante esse periodo, houve a promulgação da constituição de 1912, que terminou com o regimen absoluto da nação.

Em 1808, o rei Carlos IV abdicou em seu filho Fernando VII, que reinou desde 1808 a 1833; e a Hespanha liberal teve ainda de luctar contra as violencias e abusos d'esse rei, que a Santa alliança secundou, e que Luiz XVIII, rei de França, manteve contra as côrtes hespanholas.

A longa opressão que a metropole tinha feito pesar sobre as opulentas colonias da America, provocou no novo mundo hespanhol uma insurreição geral, desde 1810 a 1825, dando em resultado romperem ellas o laço que as ligava á metropole, e constituirem-se em republicas independentes.

No reinado de Isabel II (1833-1868), em cuja menoridade foi regente sua mãe Christina até 1843, apesar

[1] A Historia Economica, vol. V pag. 367.

de haver differentes *pronunciamentos*, apar da guerra civil dos Carlistas e das dictaduras passageiras, que agitaram o paiz, a Hespanha progrediu muito. Mas, em 1862, essa rainha foi deposta por uma combinação de progressistas e republicanos, e a regencia foi confiada ao marechal Serrano, á espera da escolha de um rei.

A candidatura do duque de Montpensier, filho de Luiz Filippe, foi afastada por Napoleão; e a do princepe de Hohenzolern foi o pretexto da terrivel guerra entre a França e a Prussia. O general Prim que, segundo se diz, tinha sonhado colocar na sua cabeça a corôa de S. Fernando, teve de se contentar com a simples figura de medianeiro de reis; e, n'esse sentido, fez chamar o princepe Amadeu de Saboia, filho do rei de Italia, Victor Manoel.

Este monarca governou a Hespanha, durante dois annos (1871-1873), nas condições as mais difficeis, ás mãos com a guerra civil, insurreições locais, revolta de Cuba e grandes embaraços financeiros. Mas cumpriu com fidelidade os seus deveres de rei constitucional, embora fosse impotente para conciliar as simpathias da nação e fazer esquecer a sua qualidade de estrangeiro. Por isso, renunciou lealmente a corôa.

Foi, então, proclamada a republica; e as côrtes investiram da dictadura o chefe do partido republicano Emilio Castelar, que energicamente combateu e venceu a insurreição do sul, e resignou, afinal, as suas funcções, em 1874.

Um golpe militar do general Pavia fez passar o poder para as mãos do general Serrano; e, no anno seguinte, o partido constitucial , secundado pelos chefes

do exercito, chamou ao trono o princepe Affonso XII, filho mais velho da rainha Isabel (1875-1886).

Então, as operações militares contra os Carlistas foram continuadas com vigor; e a guerra terminou, em 1876, pela fugida do pretendente D. Carlos para o territorio francez. O regimen parlamentar foi restabelecido; e começou a correr uma era de paz, que permittiu á Hespanha a reparação das suas forças e o novo emprehendimento das reformas, tantas vezes interrompidas.

Sucedeu-lhe Affonso XIII, ainda menor. Sua mãe, Maria Christina, tomou a regencia com firmeza. Teve de luctar ao mesmo tempo contra os Carlistas e republicanos; e o partido anarquista começou tambem a fazer-se conhecer por differentes attentados, que aterraram a população. E, se no interior, a situação era difficil, não o era menos no exterior: porque a Hespanha teve de luctar contra os Marroquinos, que haviam morto uma divisão hespanhola. Cuba, patrocinada pelos Estados Unidos, levantou-se tambem por sua vez contra a metropole, e obteve a independencia. As Filippinas alcançaram egualmente a sua libertação. E, por fim, a regente, que mostrou sempre a maior coragem, no meio d'estas complicações politicas, entregou as redias do governo a seu filho, que foi declarado de maior edade, em 1902.

*

* *

No fim do seculo XVIII, tinham-se produzido modificações importantes na Hespanha. Haviam-se promulgado medidas liberaes, para desembaraçar a industria

dos seus tropeços e deixar mais liberdade aos fabricantes, até então submettidos a regulamentos minuciosos e vexatorios, por causa das dimensões, do peso e da maneira de fabricar os productos. Haviam-se cohibido os abusos, ainda numerosos do regimen corporativo. E constituiram-se nas grandes cidades differentes sociedades, para criar escolas technicas, de fiação e desenho, e fabricação de maquinas a vapor.

Carlos III e Carlos IV fizeram grandes esforços para estabelecer e animar, mesmo com grande despesa, muitas manufacturas de tecidos finos e de tecidos de lan, cujos encargos eram pesados para o thesouro, mas que davam á industria particular modêlos de que ella podia servir-se com proveito.

A metallurgia, construcção de navios e seus aprestes, as manufacturas de tecelagem, de algodão, de seda e pannos, canhamo, linho, fitas, rendas, botões e curtimentas, entraram n'uma via de progresso. Aconteceu a mesma coisa com a agricultura. Tinham sido melhoradas as relações com os Indios e com muitos paizes estrangeiros. E, em summa, como já notámos no volume IV d'esta obra, a Hespanha, muito decaida antes de Filippe V, entrara nos reinados posteriores n'um caminho de franco desinvolvimento economico.

Mas, com o abalo da revolução francesa e guerras napoleonicas, o paiz experimentou uma repercussão profunda, que fez parar o vôo que uma politica, melhor avisada, acabava de lhe imprimir. Então, as guerras que teve de sustentar, alastraram de ruinas o paiz inteiro, e prejudicaram toda a expansão economica; e, alem d'isto, os vicios da administração interior augmentaram o mal.

Acabadas essas guerras, as luctas internas não deixavam levantar o movimento industrial e commercial da nação; e, como já vimos, ainda ella teve de soffrer as violencias e abusos de Fernando VII e a guerra da insurreição geral das colonias, de 1810 a 1827.

Depois d'isso, no reinado de Izabel II, as reformas liberaes, apar do despertamento do paiz, trouxeram um periodo de grande desinvolvimento economico.

Assim, antes de 1848, a agricultura tinha caido novamente n'um marasmo. As terras a monte haviam-se reproduzido por toda a parte, aggravando a miseria da população, e os melhores terrenos, na maior parte das provincias, ficavam de pousio durante um ou mais annos. Com excepção das provincias bascas, dos arredores de Valencia, de Murcia, de Saragoça e Granada, e das margens do Tejo, Guadiana e Guadalquivir, regadas pelas aguas d'estes rios, e cujas veigas e *huertas* davam colheitas abundantes, os habitantes das outras regiões viviam pobremente, e eram apenas na proporção de 32 e ás vezes 12 por kilometro quadrado.

O commercio de importação estava reduzido a 150 milhões de francos; e o de exportação a 129 milhões. As estradas eram poucas, e mal entretidas; as communicações eram quasi nullas, e os transportes muito custosos. E a Hespanha ainda não possuia senão uma linha ferrea de 28 kilometros, ligando Barcellona a Mataro. A propria Cuba tinha tomado a prioridade n'esse genero, construindo, em 1838, um caminho de ferro, desde Havana a Guinas.

Mas, desde 1848 a 1868, surgiu uma era de renovação e progresso por toda a nação. Graças aos capitaes importantes que a França e Inglaterra enviaram

para Hespanha, onde uma remuneração vantajosa os solicitava de toda a parte, constituiram-se differentes sociedades financeiras, para explorar as minas, fornecer gaz ás grandes cidades, dar nova impulsão á industria, permittir ao Governo mudar o banco de S. Fernando em banco nacional, destinado a ramificar-se por todo o reino, bem como a criar uma rede telegrafica e lançar a base de uma grande rede de vias ferreas.

Desde então, houve um adiantamento notavel no progresso economico, de modo que a agricultura melhorou, e, sobretudo, a viticultura e vinicultura. A industria propriamente dita, achava-se n'um atrazo ainda maior que a agricultura, porque o povo, por menos desinvolvida que ella estivesse, preferia sempre os misteres agricolas; mas, desde então, e, sobretudo, desde 1850, uma corrente geral se manifestou em favor das empresas industriaes. Os capitaes estrangeiros, e mesmo os locaes procuraram um emprego remuneratorio, tanto na extracção dos mineraes, cada vez mais procurados pelos grandes Estados da Europa, como tambem na transformação directa das riquezas do paiz.

As agitações interiores, mesmo depois de Isabel II até á proclamação da republica, fizeram retardar alguma coisa a ascensão do movimento economico, e tambem, depois d'isso, os dois annos de republica trouxeram uma desordem completa, apar de uma grande immoralidade de costumes. Não se respeitava a propriedade particular, e, em muitas partes, nem mesmo a vida dos cidadãos. Milhares de pessoas emigravam para França e Portugal, abandonando as suas casas, o seu tráfico e haveres, contentes ainda por terem salvado a vida e a honra.

Como nos tempos mais desgraçados da monarquia, viam-se os campos desertos, as terras incultas, as officinas abandonadas. E, ainda peior do que isso, viam-se tambem as campinas incendiadas, e o fogo posto a devorar extensas e ricas searas e famosos arboredos. Só em Granada houve mais de 20 mil oliveiras queimadas. O roubo tomou vastas proporções, até então desconhecidas. A pretexto de *cantonalidades*, decretaram-se impostos forçados aos ricos; e todos aqueles que desejavam salvar a sua casa, pagavam a dinheiro o privilegio dessa conservação.

De Carthagena chegou mesmo a sair, por mais de uma vez, o general Contreras, á frente de forças militares ou de marinha cantonal, a roubar populações inteiras, que eram tomadas de assalto ou bombardeadas, quando não faziam prompto sacrificio de alguns milhões de pesetas. Os saques, mortes e fusilamentos encheram a Hespanha de horror, perturbando tudo isto o pacifico desinvolvimento dos factores economicos.

E, ainda depois de restabelecida a monarquia, a guerra carlista continuou a perturbar a Hespanha até 1876, em que terminou. Só depois, é que a nação pôde retomar francamente o progresso industrial e commercial

Houve apenas um embaraço passageiro, por occasião do levantamento de Cuba e da guerra com os Estados Unidos; mas, depois da perda de Cuba e das Filippinas, a Hespanha concentrou-se nos seus proprios recursos, e, penitenciando-se dos erros passados, adquiriu um grande desinvolvimento.

*

*   *

Examinemos agora detalhadamente os principaes factores economicos.

Quanto ao reino mineral, a Hespanha é muito favorecida n'esse genero; e, como é sabido, já ella constituia uma das grandes riquezas do imperio romano. Assim, tem abundancia de hulha nas provincias das Asturias. Leon, Castella a Velha, Cordova e Sevilha. Ha muita linhite na Andaluzia oriental e em Murcia; muitas minas de ferro na Biscaia, Almeria, Oviedo e, Malaga; e nas provincias de Toledo, Cidade Real e Estremadura, ha mesmo centenas de legoas quadradas, tingidas de vermelho escuro pelos fragmentos de mineraes de ferro que juncam o solo. Mas a exploração de todas essas minas de ferro era pequena e difficil, pela falta de communicações e carencia de combustivel. E, perto de Marbella, nas costas do Mediterraneo, entre Malaga e Gibraltar, existe um grande jazigo de mineral magnetico, que era empregado nos grandes fogos de coke e antracite de Malaga e Marbella.

Havia muito cobre em Velcano, S. Miguel, em Evidencia e Huelva, onde está a famosa mina de Huelva, capaz de fornecer de cobre por muito tempo o mundo inteiro.

Uma das maiores riquezas de Hespanha é o chumbo argentifero na provincia de Zamora, em Oviedo, perto de Barcelona, na provincia de Iaen e na Andaluzia, onde ha poucas montanhas que o não contenham, e em Murcia. E, em mercurio, as minas de Almaden são as mais abundantes da Europa. Ha tambem muito mercurio em Almadenego.

A Hespanha abunda egualmente em metaes preciosos. E poucos paizes teem tanta quantidade de sal, que se encontra nos pantanos salgados, nas minas de sal gema e nas marinhas do mar.

Havia muito marmore, pedras de construcção, kaolino e argila plastica.

Mas os hespanhoes não tiravam das suas riquezas mineraes todo o proveito que podiam tirar, por falta de comunicações e de capitaes. As sociedades constituidas por capitalistas francezes, belgas, inglezes e allemães, é que davam grande actividade á extracção dos mineraes.

O trabalho do ferro era executado em dois centros principaes: a norte, nas provincias bascas e nas Asturias, e a sul na Andaluzia.

Barcellona constituia um grande centro das industrias mecanicas e chymicas e da fabricação de materiaes de caminho de ferro. Pamplona tinha vastas officinas de maquinas agricolas. A vidraria da Granja era muito importante. A ceramica estava muito desinvolvida em Madrid, Sevilha e Barcellona. E era ainda tradicional a fabricação das laminas de Toledo, onde se fabricavam tambem outros artefactos metallicos.

Mas, como acontecia na extracção dos mineraes, a industria mettallurgica deixava muito a desejar, por falta de capitaes e de communicações.

*

* *

A agricultura estava muito atrazada até 1840. Contribuia tambem para isso a falta de população, e mesmo a abundancia de terrenos de mão morta.

Assim, em 1820, os conventos de Hespanha eram 2:280. Os clerigos, monges e frades 118:000, e comtudo a população era sómente de cerca de doze milhões. Mesmo em 1859, em que apenas havia conventos apenas para as missões, e em que os monges clerigos, e frades não chegavam a 30 mil, a população de Hespanha não se elevava a mais de 16 milhões.

Mas, desde então a 1868, os agricultores, assegurados pelos trabalhos de viação, que, desde aquella data, começou a desinvolver-se, e, assim, pelos caminhos de ferro, que aproximavam os centros do consumo, principiaram a preoccupar-se do gosto e necessidades das populações estrangeiras, que elles deviam satisfazer desde então. Os vinhos mais bem tratados deram productos mais apreciados, para cujo alojamento e conservação os viticultores se resolveram a substituir por toneis ou pipas os odres de pelle alcatroada que, desde longos tempos, haviam sido empregados, e que davam ao vinho um gosto detestavel, afastando, por isso, a clientella estrangeira.

E, em certas regiões, os alqueives e culturas rudimentares foram substituidos por culturas mais judiciosas.

Ainda assim, mesmo no fim do seculo, as terras incultas occupavam quasi a quinta parte da superficie total. Eram situadas no plató de Castella, principalmente na Mancha e na Extremadura. Mas, toda a costa do Mediterraneo, graças aos trabalhos que na maior parte remontavam ao tempo dos Mouros, estava transformada em jardim, d'uma fertilidade incomparavel. Poucas regiões havia na Europa tão ricas como as *huertas* de Valencia, Murcia e Andaluzia.

Os cereaes occupavam, na Hespanha, quasi onze milhões de hectares; e era o trigo que representava metade da concorrencia total. Vinham depois o milho, centeio, cevada e arroz.

Nas plantas lenhosas, o vinho era a primeira das riquezas agricolas; e, para augmentar a sua força alcoolica, os Hespanhoes fabricavam, e importavam uma grande quantidade de alcool.

Nos ultimos tempos, porém, do seculo XIX, a producção do vinho diminuiu muito, por causa da philoxera, que devastou o norte e sul; e tambem a Catalunha foi attingida gravemente. As vinhas situadas nos cabeços morreram. As da Andaluzia soffreram muito, e Malaga perdeu mais de metade dos seus vinhedos.

A cultura das arvores fructiferas era, para os cultivadores das provincias banhadas pelo Mediterraneo, uma fonte de rendimentos consideraveis, sobretudo, desde que o valor dos fructos foi augmentando pela facilidade de os transportar bem conservados para mais longe do que outr'ora.

As laranjeiras tomaram grande desinvolvimento na provincia de Valencia. Algumas cidades d'esta provincia, outr'ora miseraveis, como Carcagente, Villareal, Burriana, Alcira, Gandia e Alberique, deveram a sua prosperidade a esta cultura.

A Hespanha produzia tambem muita laranja azeda, que era expedida para a Hollanda, com destino á fabricação do curaçau.

Havia muitos limões, cidras, figos e romans. A provincia de Valença, perto de Elche e de Alicante, prestava-se muito á cultura de palmeiras, que davam tamaras excellentes. Havia, alem d'isso, as plantas dos

climas frios ou temperados, como o linho e canhamo, tabaco e beterraba. Cultivavam-se egualmente plantas proprias da zona mediterranea, como açafrão e garança, embora tivessem perdido a importancia. A amoreira, sobreiro, oliveira e alcaçuz encontravam condições de clima das mais favoraveis nas provincias do este, sudeste e sul. Emfim, havia, principalmente na Andaluzia, algumas culturas tropicaes — algodão, arachides, cafezeiro e canna de assucar.

As inclinações de Albacete e Murcia, cheias de sol, produziam tambem muito esparto, que servia para a fabricação de uma grande quantidade de objectos, como sandalias, esteiras e cestos. Segundo Plinio, no tempo dos Romanos, utilisavam-se estas plantas para todos os usos domesticos, taes como cestos, moveis, sapatos e fatos; e até o fogo do lar era alimentado por ellas. Depois do meiado do seculo passado, este vegetal, assim como a alfa da Algeria, tornou-se tambem muito precioso, por causa da resistencia da fibra. Os Inglezes faziam grande uso d'elle para a fabricação do papel e para a trama de tapetes e outros tecidos; mas, tendo a exportação começado em 1856, os Hespanhoes puzeram tal afan em satisfazer as encommendas, que as collinas e planicies do esparto principiaram em pouco tempo a ficar despojadas. Em muitos districtos, faziam-se até duas colheitas annuaes, afim de aproveitar o augmento do preço, que se elevou ao quadruplo, no espaço de alguns annos. E não se cuidou, depois, de augmentar proporcionalmente a cultura; porque é preciso esperar oito a quinze annos para que as folhas tenham uma fibra apreciavel.

Quanto a florestas, o solo da Hespanha foi, como

o de tantos outros paizes, desarborisado sem medida. Demais a mais, as esteppes do plató central da Mancha e Leão são, por sua natureza, improprios para o crescimento das arvores; e, mesmo fóra d'essas esteppes, as arvores só prosperam tendo condições de exposição excepcional. As verdadeiras regiões das florestas eram as do norte, provincias bascas, Asturias e Galliza; mas, ao sul, havia muitos sobreiros, cujos productos eram tão estimados como os da Africa.

*

* *

Por causa do seu clima secco, a Hespanha, que não tem pastagens, tambem não podia ter muito gado grosso. Comtudo, a Galliza, Asturias e Navarra, onde os ventos humidos do Atlantico favorecem a vegetação herbacea, tinham muitos animaes bovinos. E os criadores haviam aperfeiçoado as raças, pelo cruzamento com especies vindas de França e d'Inglaterra. Nas outras provincias, a especie bovina era pouco numerosa.

A Andaluzia criava muito bons cavallos, que provinham da raça arabe. A feira de Sevilha constituia uma das mais consideraveis da Europa, com respeito ao commercio d'esse gado. Os asnos e as mulas eram os animaes de carga mais empregados, e havia-os em grande numero. A raça ovina, á qual convinha a zona dos pastos seccos e a zona mediterranea, era tambem muito abundante. A Hespanha constituia n'esse ponto, e pelos seus merinos, o paiz mais rico da Europa; e as suas lans eram tambem das mais estimadas.

A extensão tão consideravel de pastos fez até da industria pastoril o trabalho por excellencia de numerosas populações das Castellas; e, por uma derivação natural, a criação dos carneiros e merinos e do gado grosso augmentou a superficie dos pastos, á custa das florestas e das terras de cultura.

Certas regiões das duas Castellas prestam-se admiravelmente á producção dos cereaes e dão colheitas medias de grande abundancia. Tal é, na bacia do Douro, a *Tierra de Campos*, onde corre o Carrion e o Pisuerga, que fertilisam por sua capillaridade as aguas de uma esteira subterranea, que se estende a pequena profundidade abaixo da superficie. Taes são tambem a *meza* do Ocaña e outros districtos das altas bacias do Tejo e Guadiana, cuja seccura é só apparente, pois que são alimentadas por uma certa humidade occulta. Nos terrenos aridos e pedregosos, a vinha, cultivada com intelligencia, poderia dar productos especiaes. Mesmo deixada quasi unicamente aos cuidados da mãe benefica, a natureza, poderia fornecer aos lavradores vinhos de qualidade superior. Podia dizer-se outro tanto da oliveira, riqueza dos campos de Colatrava.

A agricultura, pois, auxiliada por um trabalho de restauração, offerecia aos habitantes das Castellas vantagens seguras. Mas a preguiça do corpo e do espirito, a preponderancia da rotina, a persistencia dos costumes feudaes, mais ou menos modificados, e, algumas vezes, tambem a desanimação produzida pelas seccas, demoradas, mantiveram as velhas praticas da vida nomada; e vastas extensões de terras excelentes, ás quaes centenas de milhares de trabalhadores poderiam pedir a sua subsistencia, eram utilisadas sómente como simples pas-

tagens. Durante uma estação, achavam-se animadas pelos rebanhos; mas depois, até o anno seguinte, não passavam de tristes solidões.

Para se alimentar a maior parte dos rebanhos merinos, composto cada um de 10 mil animaes, que se dividiam em grupos de 1.000 a 1.200, os pastores tinham de atravessar quasi metade da Hespanha. Um maioral, assistido de uns tantos *rabardanes*, que tinham rebanhos distinctos, dirigia este bando de cabeças, de etapa em etapa. E cada *rabardane* commandava por sua vez um pequeno grupo de subordinados.

No principio de abril, os merinos abandonavam os seus pastos de Andaluzia, da Mancha, ou da Estremadura, para subirem ao norte, seguindo uma longa zona atravez do paiz. Depois de setembro, a viagem recomeçava de novo, e os rebanhos retomavam o antigo caminho.

Da mesma forma, como paiz montanhoso, a Hespanha criava muitas cabras, cuja carne entrava em grande parte com a de carneiro no alimento dos camponezes.

*

* *

Quanto á industria, enfraqueceu ella, em geral, até o meiado do seculo XIX. E Sevilha, Toledo, Segovia, Valladolid e Cordova, cidades industriaes, que, em tempos anteriores, eram n'esse ponto afamadas no mundo inteiro, tornaram-se cidades mortas. Mas, então, deu-se como já vimos, um accordamento notavel, pela imigração de capitaes e operarios estrangeiros. E operou-se,

ao mesmo tempo, uma nova distribuição de trabalho, porque as provincias banhadas pelo Mediterraneo, que eram as mais povoadas, e onde a mão de obra era a mais barata, bem como as do nordeste e extremo sul, Navarra, Asturias e Andaluzia, ricas em hulha e mineraes, concentraram em si todo o esforço industrial. A zona dos platós, onde faltavam desimbocadouros faceis, e onde a população era rara, é que estava muito deficiente.

Com respeito ás industrias mineral e metallurgicas, já atraz apontámos o que de mais notavel havia n'esse genero.

As textis eram as mais importantes. Barcelona tornou-se a primeira cidade algodoeira da Hespanha. Malaga e Motril fiavam e teciam todo o algodão da Andaluzia. E, em 1870, essa industria algodoeira tinha chegado a um tal estado de prosperidade que lhe permittiu concorrer, desde então, nos mercados interiores com os productos estrangeiros.

A industria dos lanificios, uma das mais antigas da peninsula, e que dispunha de tão abundante e boa lan hespanhola, era tambem muito importante. A de seda era egualmente notavel nas provincias do sul, onde se produzia a seda bruta — Valencia, Murcia, Andaluzia e Barcellona; e esta, na qualidade de metropole das industrias textis, exercia uma atracção natural n'esse genero. E tambem n'essas cidades se fabricavam as rendas e as mantilhas que as hespanholas traçam com tanta elegancia.

A curtimenta, moagem, fabricação das rolhas, a preparação do esparto, do azeite e do chocolate eram industrias secundarias, estabelecidas, sobretudo, nas provincias mediterraneas.

*

* *

O commercio exterior tomou tambem um grande desinvolvimento, a partir de 1850. Em 1864, esse desinvolvimento foi interrompido momentaneamente por crises financeiras interiores; mas logo a volta da paz reanimou o movimento.

Aos dois grande paizes, Inglaterra e França, que, havia mais de um seculo, partilhavam a maior parte das operações das trocas hespanholas, tinha vindo juntar-se a Allemanha. A Prussia, e depois os portos de Bremen Lubeck e Hamburgo, figuravam n'uma grande quantidade de transacções; e, em poucos annos, a Allemanha, espalhando os seus caixeiros viajantes por todas as provincias, não tardou a tornar-se adversaria terrivel d'aquelles outros povos, e a tirar-lhes uma parte da clientella, quintuplícando a cifra das suas transacções.

Em todo o caso, o commercio interior e exterior resentiram-se sempre da modicidade e insufficiencia das communicações.

Os caminhos de ferro não tinham a extensão que havia nas outras regiões da Europa; e esta inferioridade, alem de prejudicar a circulação, deixava improductivas e sem emprego numerosas riquezas naturaes e agricolas, e obstava tambem ao accrescimo da população.

Por outro lado, seria preciso manter uma grande marinha mercante para o commercio de cabotagem; e tanto mais quanto as costas hespanholas são muito extensas, e as communicações com o interior eram defeituosas e insufficientes. E, comtudo, apesar de se

terem realisado notaveis reformas n'essa marinha mercante, ainda ella deixava muito a desejar.

A exportação constava principalmente dos productos do solo, vinhos, cereaes, lans, fructas (laranjas, limões passas), azeite, seda grega, mineraes de cobre, chumbo, ferro e mercurio, teias, estofos, quinquilharias, bijuterias.

E a importação consistia tambem principalmente em productos coloniaes, tecidos de algodão, de lan e seda, metaes em obra, artigos da moda, hulha, madeira, maquinas e aguardente. Sendo certo que as importações excediam muito as exportações.

Como já notámos, na Europa, era com a França, Inglaterra e Allemanha que a Hespanha fazia mais commercio. E, fóra da Europa, com os Estados Unidos, Brazil, Argentina, Cuba e resto das Antilhas.

*

* *

Quanto aos centros economicos principaes, começando pelas duas Castellas, Leão, Astorga e Burgos, outr'ora muito importantes, estavam muito decaidos, no seculo XIX. Mas Palencia devia certa prosperidade economica á sua situação, no meio de valles ferteis e de muitos caminhos commerciaes.

Valladolid tinha bastante animação, todavia, muito menos que no tempo em que era povoada dos Arabes. Possuia innumerosas fabricas, fundadas pelos Catalães, e estava, como ainda está, cheia de monumentos curiosos. Ahi se mostrava a casa onde morreu Colombo, aquella

onde viveu Cervantes, e a rica fachada do convento de S. Paulo, onde residiu Tarquemada, que se diz ter pronunciado mais de cem mil condemnações e feito morrer oito mil hereticos pelo ferro e pelo fogo.

Segovia e Avila tinham alguma industria.

Toledo, a cidade tão celebre na fabricação das armas brancas, estava muito decaida. Os proprios *ateliers* particulares de armas foram substituidos por uma fabrica do Estado, e as laminas precisavam até de levar uma estampilha official.

Badajoz, em face da fortaleza portugueza d'Elvas, era intermediaria do commercio entre as duas nações.

Madrid, a capital de Hespanha, distanciava-se muito das outras cidades, mesmo pelo seu trabalho industrial e commercial.

Na Andaluzia, os magnificos jardins de Sevilha, de San Lucar, de Carmona e de Utrera, os pomares e vinhedos de Malaga e de outras cidades entregavam ao commercio uma quantidade consideravel de fructos. Ricas colheitas de cereaes faziam tambem d'essa provincia um dos principaes celleiros da Europa. Mas os vinhos eram a unica producção hespanhola que tinha uma grande importancia economica no commercio do mundo.

A industria propriamente dita, que era tão florescente nas edades mouriscas, em que as sedas, os pannos e os couros da Andaluzia tinham uma reputação europeia, e em que sómente as fabricas de Sevilha estavam povoadas de mais de 100 mil operarios, era, no seculo XIX, apenas uma sombra do que fôra. Unicamente o trabalho das minas tinha retomado uma parte do seu antigo valor.

Ainda assim, Sevilha, graças ao seu bello rio, o Guadalquivir, que lhe permitte livres communicações com o litoral do mar, readquiriu muita importancia como cidade industrial. Possuia fabricas de faiança, manufacturas de seda e de estofos de toda a ordem e de tecidos de ouro e prata que, em todo o caso, não podiam sustentar a concorrencia com o estrangeiro. O monopolio commercial de que gosara outr'ora, o seu porto, á custa das outras cidades de Hespanha [1], teve as consequencias inevitaveis que todo o privilegio arrasta comsigo. Não permittiu durante elle a iniciativa industrial desinvolver-se; e quando veio o momento de agir nas condições de egualdade, a situação economica tinha-se convertido n'um desastre.

O centro mais activo de commercio entre Sevilha e Cadiz era Jerez de la Frontera, notabilissimo, especialmente pelo seu commercio de vinhos, afamados em toda a Europa.

Cadiz, o grande porto hespanhol, cuja bacia está muito bem defendida dos ventos, não só representa um porto de commercio muito importante, mas está rodeada tambem de outros portos, cidades e aldeias, formando uma grande cidade maritima.

Almeria, que foi outr'ora rival de Cadiz, estava muito decaida.

Malaga, era a cidade mais commercial da Andaluzia. O seu porto é muito vasto e bom, e os seus campos muito ferteis. Fazia um grande commercio de vinhos, laranjas, fructas de toda a especie, e, sobretudo,

---

1 A Historia Economica, vol. IV pag. 385.

de passas. E tinha tambem para alimentar o seu tráfico muitos estabelecimentos industriaes, especialmente, fundições e grandes fabricas de assucar de canna.

Os portos de Marbella e d'Estepona, na costa mediterranea de Andaluzia, e do outro lado do promontorio da Europa, a linda cidade de Algecira tomavam uma grande parte no commercio interlope.

Murcia e Carthagena estavam muito decaidas da sua grandeza passada.

Alicante era muito mais activa, graças á fecundidade das *huertas* que a rodeiam, e ao caminho de ferro que a reunia directamente a Madrid. Agrupava em volta do seu caes uma multidão de pequenos navios, emquanto que outros navios maiores ancoravam ao largo, por causa da falta de profundidade, e para estarem promptos a fugir, quando se annunciasse a tempestade. Era proverbial a sua grande exportação de passas.

Valencia, centro das grandes *huertas* de Jucar e do Guadalquivir, e de outras cidades, como Jativa, Carcagente, Alcira, Algemesi era muito notavel.

Liria, era a 4.ª cidade de Hespanha por sua população, e a 1.ª pela belleza das suas culturas, e tinha muito commercio e industria. As producções dos tropicos misturavam-se lá com as arvores da Europa. O seu porto artificial rivalisava com o de Cadiz. Fabricava especialmente mantas de que se serviam os lavradores da região, estofos de lan e de seda, faianças e azulejos, que serviam para o revestimento exterior das casas.

Saragoça occupa uma situação natural das mais felizes. Está quasi no meio geometrico da planicie de Aragão, na confluencia do Ebro e de dois dos seus tributarios, e no cruzamento de todas as vias naturaes da

região. E essa situação dava-lhe um grande movimento commercial e industrial.

Calatayud era a segunda cidade do Aragão, na importancia commercial.

Na Catalunha, Lerida era a intermediaria do commercio entre Saragoça e Barcellona.

Tortosa, a ultima cidade banhada pelo Ebro, antes d'este se perder no Mediterraneo, era tambem uma etapa do commercio entre Valencia e Barcellona. Se tivesse um bom porto, devia tornar-se muito florescente, em vista d'essa situação. Mas os golfos lodosos que se abriam dos dois lados do Delta e do Ebro, eram pouco apropriados ao estabelecimento de calhetas e molhes para a troca de mercadorias.

Tarragona, que, no tempo dos Romanos, chegou a ter a população de um milhão de pessoas, estava muito decaida; mas, em compensação, o seu pequeno movimento industrial e commercial completava-se pela cidade manufactura de Reus, que engrandeceu muito rapidamente, desde o principio do seculo XIX.

Barcellona era a cidade mais industrial e commercial da peninsula. Malaga, que vinha depois d'ella, não tinha metade do movimento catalão.

Bilbau, a grande cidade das provincias bascas, tinha tambem um porto grandemente animado. Entregue desde muito tempo ao commercio com as colonias do Novo Mundo, era o desimbocadouro natural da farinha de Castella. E, embora despida dos privilegios que teve na edade moderna, ainda assim, rivalisava na importancia commercial com Valencia, Santander e Cadiz; e, graças ás minas importantes dos arredores, era o terceiro porto d'Hespanha, pela somma de transacções.

S. Sebastião, ao mesmo tempo uma praça de guerra e porto de tráfico, era muito commercial.

Tolosa, a capital de Guipuscoa, estava rodeada de manufacturas, que a tornavam muito industrial.

Santander, como desimbocadouro natural das Castellas, gosava de um verdadeiro monopolio commercial para a exportação das farinhas de Valladolid, Palencia, Leon e outras regiões. Recebia tambem de Cuba e Porto Rico uma grande quantidade de generos coloniaes, de que alimentava o centro da Hespanha; e os seus commerciantes, tanto indigenas como estrangeiros, estavam em relações constantes com a França, Inglaterra, Hamburgo e Scandinavia. Disputava a Bilbau, Valencia e Cadiz o terceiro logar, como cidade de trocas com o exterior.

Na extremidade superior da sua bahia havia canteiros de construcção, embora muito decadentes, e o Governo empregava a sua actividade, sobretudo, na fabricação de cigarros e charutos.

Ferrol, era um porto militar com pequena importancia commercial.

A Corunha, pelo contrario, embora fosse tambem um porto militar, o seu commercio, a pesca e mesmo a sua industria occupavam um grande numero de habitantes.

Vigo e Bayona, apesar das suas grandes e bellas bahias, não passavam de uns portos de cabotagem e pesca.

No centro da Gallisa, havia Lugo, Orense, Tuy e S. Thiago, a capital d'essa provincia; mas todas ellas tinham pequeno movimento industrial e commercial.

*

* *

As vias de communicação terrestre progrediram demoradamente. Ainda em 1880, o governo reconhecia que, proporcionalmente aos outros paizes, os kilometros de estradas carroçaveis eram muito reduzidos.

É que tambem as communicações terrestres eram extremamente difficeis, por causa do relêvo do paiz, formado de altas e rigidas montanhas, raramente cortadas de aberturas. De modo que as provincias, achavamse, assim, isoladas umas das outras, donde tambem resultou essa antiga tendencia d'ellas para a sua independencia, e a fisionomia particular dos habitantes, differentes de umas regiões para as outras.

Demais a mais, a Hespanha está separada da França pela cadeia dos Piryneus, que é difficil de atravessar; e fechada pelo mar, na extremidade sudoeste do continente, está fóra das grandes vias continentaes que sulcam a Europa. Accresce ainda que a Inglaterra tomoulhe Gibraltar, isto é, a chave do Mediterraneo, que abria a via do Suez; e Portugal, senhor de Lisboa e Porto, possue dois dos melhores portos da peninsula sobre o Atlantico. Os Hespanhoes estão assim isolados de todas as partes.

Quanto a vias ferreas, entretanto que os caminhos de ferro tinham sido inaugurados na Inglaterra em 1830, nos Estados Unidos em 1831, em França em 1832, na Belgica em 1835, na Allemanha e Russia, e até em Cuba, em 1838, e na Italia em 1839, a Hespanha, ainda em 1848, só tinha um unico em exploração — o de Barcel-

lona a Mataro, n'uma extensão de 28 kilometros. Em 1851, inaugurava-se a linha de Madrid a Aranjuez; mas as guerras civis e as desordens da administração quasi que fizeram parar os trabalhos, que só recuperaram certa actividade em 1858; e, só depois d'isso, ate 1862 é que a construcção da rede ferrea continuou muito diligentemente. Desde então, a Hespanha foi atravessada em todas as direcções, de sul a norte e de este a oeste; e Madrid tornou-se o centro d'essa rede que d'ahi tocava os principaes portos. E tambem uma linha cruzava ao longo do Mediterraneo, partindo de Valencia, ganhando Barcellona e atravessando a Catalunha.

A Hespanha communicava com Portugal por quatro linhas, e com a França por duas.

As communicações aquaticas interiores eram tambem muito deficientes, porque o Douro, Tejo e Guadiana não são navegaveis na Hespanha, nem mesmo para barcos. O Ebro, cujo curso inferior estava completamente açoriado, só era navegavel na Catalunha, graças a um canal lateral. E apenas o Guadalquivir é que era navegavel mesmo para navios até Sevilha.

M. M. Piolet & Bernard, *Histoire Contemporaine de 1815 A Nos Jours.*— Marsillac, *Manuel d'Histoire Contemporaine de la Revolution A Nos Jours.* — A. Amman & E. C. Courtan, *Le Monde Au XIX Siècle.*— Jule Isaac. *Histoire Contemporaine, 1819-1920.* — Albert Malet, *XVIII Siècle, Revolution, Empire et l'Epoque Contemporaine.* — Noel, obr. cit. vol. III. — E. Reclus *Nouvelle Gèografie Universelle, L'Europe Meridionelle, L'Espagne.* — Marcel Dubois et Kergomard, *Precis de Gèografie Economique.* — M. L. Lanier, *L'Europe.* — Modesto Lafuente, *Historia General de España, continuada por Don Juan Valera.* — Fernando Garrido, *L'Espagne Contemporaine.* — Ed. Quinet, *Mes Vacances En Espagne.*

CAPITULO XXIII

Portugal

Leve esbôço da sua historia politica, n'este periodo. — Reacção que houve contra as medidas do Marquez de Pombal, nos fins do seculo XVIII. — Guerras napoleonicas e prejuizos que trouxeram a Portugal. — Tratado commercial com a Inglaterra de 26 de fevereiro de 1910, e ruina industrial e commercial que d'ahi resultou para o paiz. — Como, além d'isso, as guerras e luctas civis, desde 1820 a 1834, mais augmentaram a ruina. — Como a nação começou a prosperar depois d'isso. — Influencia das leis de Mousinho da Silveira. — Administração do ministro Passos Manoel. — Vantagem que proveiu de ter acabado, em 1836, o tratado com a Inglaterra. — Periodo agitado de dissensões e luctas politicas, desde 1841 a 1852. — Subida do partido regenerador ao poder, e como fez progredir o paiz. Levantatamento militar do duque de Saldanha, em 1870.—Tranquilidade que se seguiu até o fim do seculo XIX; e como os Governos que se alternaram, contribuiram para o progresso economico. — Productos. — Agricultura. Industria. Commercio. — Centros economicos principaes. — Communicações.

Quando surgiu a revolução francesa, reinava em Portugal a rainha D. Maria I; mas, tendo-se ella tornado mentalmente incapaz, assumiu a regencia o filho D. João VI, em 1792.

As ideias d'aquella revolução iam-se espalhando tambem em Portugal; e, com a narração das atrocidades praticadas em França, demais a mais, avolumadas pela tradição fantasiosa, aconteceu que o regente lhes ganhasse horror, e começasse a perseguir os

sectarios ou admiradores d'essas ideias. E encontrou para isso um poderoso auxiliar em Pina Manique, intendente da policia, que empregou toda a ordem de pressões e abusos, e mesmo de crueldades, contra aquelles que não commungavam no credo do despotismo.

D. João VI, alem de combater d'este modo as ideias da revolução francesa, julgou do seu dever entrar na guerra geral contra a França; e, n'esse sentido, forneceu á Hespanha, então em lucta com os Franceses, um contingente, que militou com bravura nos Piryneus orientaes, desde 1792 a 1795.

Tendo, depois d'isso, a Hespanha feito a paz com a França, e estando planeada entre essas duas nações a divisão de Portugal, teve o Governo de pedir urgentemente o auxilio da Inglaterra, para impedir a invasão projectada.

Em 1800, Napoleão quiz negociar uma alliança com Portugal, com a condição dos Portugueses abandonarem a alliança inglesa, abrirem os portos á França, fechando-os á Inglaterra, concederem certos favores commerciaes aos Franceses, consentirem o alargamento da Guyana francesa até o Amazonas, cederem tambem uma parte do paiz á Hespanha até se haver dos Ingleses as ilhas da Trindade e Maiorca, e pagarem, alem d'isso, uma grande contribuição em dinheiro.

O Princepe regente regeitou esta proposta, e seguiram-se, por isso, a guerra com a Hespanha, as invasões francesas e as luctas napoleonicas.

Essas invasões foram as seguintes:

Em 1807, Junot invadiu Portugal, e entrou em Lisboa, a 30 de novembro d'esse anno. D. João VI foi, por isso, obrigado a abandonar o paiz e refugiar-se no

Brazil com quasi toda a familia real, ficando o reino a ser governado por uma regencia.

Junot, sendo depois derrotado pelos Portugueses, com o auxilio dos Ingleses, na batalha do Vimieiro de 21 de agosto de 1808, teve de evacuar promptamente o nosso territorio.

No anno seguinte, Soult invadiu tambem Portugal pelo norte, e pôde tomar a cidade do Porto; mas foi logo repellido e obrigado a voltar para a França.

Finalmente, em 1810, Massena fez outra invasão; e, tendo sido vencido na batalha do Bussaco, e detido após isso defronte das linhas de Torres Vedras, foi tambem expulso do reino, em 1811.

Terminadas as guerras peninsulares, e tendo a rainha D. Maria I fallecido, em 1816, foi D. João VI proclamado, n'esse mesmo anno, rei de Portugal, do Brazil e dos Algarves. Entretanto, os Ingleses é que mandavam em Portugal; e isso fez que, em 1820, se levantasse um movimento revolucionario contra elles e contra a regencia existente: movimento esse que nomeou uma nova regencia, e convocou côrtes constituintes, em que foi approvada depois a constituição de 1822.

Em face d'isso, D. João VI embarcou para Portugal, em 26 de abril de 1821, deixando como regente no Brazil o seu filho mais velho D. Pedro. E, em 1822, o Brazil declarou-se independente, nomeando imperador esse mesmo D. Pedro, que outhorgou aos Brazileiros uma constituição parlamentar e democratica.

Em 1823, houve em Portugal um *pronunciamento* isto é, uma sublevação militar, contra a constituição de 1822; e D. João VI aproveitou-se d'isso, para a revogar, como revogou, e nomear o conde de Palmella seu pri-

meiro ministro, com instrucções de elaborar uma outra constituição parlamentar, que, embora liberal, fosse mais moderada.

Por fallecimento de D. João VI, em 1826, dois partidos disputaram o poder, o dos *Miguelistas*, que pretendiam como rei a D. Miguel, filho mais novo d'aquelle D. João VI; e o dos *constitucionaes*, que desejavam D. Pedro, e eram assim chamados, em vista da constituição que, n'esse mesmo anno, elle havia dado aos Portugueses.

D. Miguel foi proclamado rei, em 1828; e D. Pedro, tendo abdicado de imperador do Brazil, em 1831, voltou para Portugal, a fim de reivindicar a corôa portuguesa em favor de sua filha D. Maria da Gloria, na qual a tinha tambem abdicado, seguindo-se depois a guerra civil entre os dois partidos.

Essa guerra civil durou, desde 18 de Julho de 1832, em que D. Pedro desembarcou no Porto, até 26 de maio de 1834, em que o partido miguelista, derrotado pela ultima vez, na batalha da Asseiceira, teve de capitular.

Ficou D. Pedro governando como regente, na menoridade de sua filha; e, tendo fallecido, em 21 de setembro de 1834, começou esta a reinar, então, sob o nome de D. Maria II (1834-1853), junctando aos energicos predicados de rainha as nobilissimas qualidades de mulher.

O seu reinado foi agitado constantemente pela lucta vivissima dos partidos constitucionaes, pelas perturbações dos Miguelistas, e pelas guerras civis de 1846, 1847 e 1851. Mas, apesar d'isso, devido ao impulso de alguns ministros, como, por exemplo, Manoel da Silva

Passos, conhecido geralmente por Passos Manoel, e Costa Cabral, foi o paiz despertando sensivelmente da ruina, onde tão nefastamente o haviam lançado as guerras, o tratado com a Inglaterra e as commoções politicas do tempo anterior.

D. Maria II falleceu, em 1853; e o seu viuvo D. Fernando assumiu a regencia até á maioridade do filho mais velho D. Pedro V, que foi proclamado, em 1855, e falleceu, em 1861.

O tempo que, então, succedeu ao tempestuoso reinado de D. Maria II, marcou um periodo de prosperidade material para Portugal.

Renasceu a agricultura, e renasceram as industrias. Produziu-se um desinvolvimento notavel na litteratura e na historia; e despertou grandemente a iniciativa das forças vivas da nação.

No reinado de D. Pedro V, o unico acontecimento politico de alguma importancia foi a questão do navio francez *Charles e George*. Este navio andava no tráfico da escravatura, em frente da costa de Africa, e foi apresado pela auctoridade portuguesa de Moçambique; e, de harmonia com as leis e tratados para a suppressão d'aquelle tráfico, o commandante Roussel foi condemnado a dois annos de prisão. O imperador Napoleão III mandou, então, uma esquadra ao Tejo, a reclamar aquelle navio, apar de uma grande indemnisação, que Portugal foi obrigado a pagar. Mas a nodoa d'essa injustiça e d'essa arbitrariedade ficou sempre carregando sobre a França.

D. Pedro V, que revelou durante o seu reinado uma intelligencia superior, e acompanhava todos os negocios do Estado, com um criterio extraordinario,

revelando tambem em tudo o mais ardente desejo de fazer a sua patria rica e feliz, falleceu, em 11 de novembro de 1861 [1].

Succedeu-lhe o irmão D. Luiz I (1861-1889). Durante o seu reinado, houve uma paz octaviana, perturbada apenas por alguns motins insignificantes, até 1870; e, n'esse anno, por um levantamento militar do duque de Saldanha, que levou o rei a demittir o ministerio do duque de Loulé, o qual então presidia aos destinos do Estado, e a nomear o mesmo Saldanha presidente do conselho, que, apesar d'isso, apenas se conservou no poder, durante quatro mezes.

Este rei seguiu á risca o dictado de que o *rei reina, mas não governa;* porque nunca se ingeriu na acção dos seus ministros, cujos presidentes, por exemplo, o duque de Avila, Fontes Pereira de Mello, Anselmo José Braancamp e José Luciano de Castro, foram homens de grande tacto politico; e, porisso, continuaram a estratificar a paz e a contribuir efficazmente para o progresso do paiz.

Sucedeu-lhe o filho D. Carlos I (1889-1908), que, dotado de grandes qualidades de homem e de rei, as demonstrou, principalmente, nos ultimos tempos do seu reinado, e que mais tarde, já depois do periodo de que estamos tratando, foi assassinado, em 2 de fevereiro de 1908. Mas essa parte da historia já não pertence a este livro.

Em todo o caso, mesmo no seculo XIX, tornou-se elle respeitado no exterior, pelas suas excelsas quali-

---

[1] Julio de Vilhena, *D. Pedro V e o seu reinado.*

dades de homem, de rei e diplomata; pela visita dos chefes das nações estrangeiras, que soube promover; e pela instrucção, merecimento e distincção que revelou nas suas viagens. E, no interior, não só por essas qualidades, como pela sua bondade e intelligencía, e pelos esforços que empregou sempre no sentido de que o paiz se levantasse, e sobresaisse no mundo civilizado.

*

*   *

A reacção do fim do seculo XVIII contra as medidas do Marquez de Pombal e a agitação da revolução francesa, que perturbou toda a Europa, e se fez tambem sentir em Portugal, já tinham feito recuar o avanço que o movimento economico havia adquirido no governo d'aquelle estadista; e as guerras de Napoleão continuaram a decadencia.

Depois, surgiu o tratado de commercio e navegação com a Inglaterra de 26 de fevereiro de 1810. Por esse tratado, que se destinava a ser perpetuo, estabeleceu-se uma reciprocidade absoluta de commercio entre os dois paizes, com a mesma reciprocidade de impostos, direitos, privilegios, immunidades e favores, até mesmo quanto à importação.

Os respectivos soberanos, por si e successores, obrigaram-se a não fazer nenhuma regulação prejudicial ao commercio dos vassallos, que fosse de encontro ao estipulado n'esse tratado.

Os Ingleses podiam comprar e possuir bens de raiz ou estabelecer-se com lojas em Portugal e viajar a seu

bel-prazer; ao passo que aos Portugueses na Inglaterra se não permittia nenhuma d'estas coisas, pelo regimen que lá estava, então, vigorando, onde até, para desembarcar, era precisa uma licença.

O commercio dos Ingleses não podia ser attingido por qualquer monopolio, privilegio ou contracto. Podiam elles ter juizes especiaes para todas as causas que fossem levadas perante esses juizes por vassalos britanicos. E prohibiu-se até que alguma outra potencia pudesse ter feitorias ou corporação de negociantes, nos dominios portugueses, emquanto se não estabelecessem lá feitorias inglesas.

Acabou então quasi absolutamente a industria portuguesa, que não pôde luctar com a concorrencia da Inglaterra.

Já estavam fechados os portos do commercio, destruidos os principaes estabelecimentos industriaes, interrompidas as communicações com as provincias ultramarinas, e dispersa a população operaria por causa da primeira invasão francesa; e a industria havia entrado n'um periodo de decadencia, que mais se accentuou ainda com as invasões seguintes. Mas esse tratado confirmativo e ampliativo do de Methuen [1] consumou a ruina.

O proprio Governo tanto reconheceu as consequencias desastrosas d'elle que, em 7 de março do mesmo anno, publicou uma carta regia, dirigida ao clero, nobreza e povo, *annunciando grandes melhoramentos*

---

[1] Sobre o tratado de Methuen, vide vol. IV, pag. 287 a 288.

na agricultura, que compensariam o damno que pudesse trazer o tratado de commercio com a Gran-Bretanha.

Mas, apesar d'essa carta regia, nem mesmo a agricultura se levantou da sua ruina. E tal foi a decadencia posterior que, ainda em 1820 o Governo foi obrigado a confessar a situação horrorosa e pungente de Portugal, no officio que, em 2 de junho, enviou a D. João VI para o Brazil, no qual descrevendo a situação angustiosa do thesouro dizia: «que a agricultura estava pouco adiantada pelos immensos gravames que pesavam sobre os lavradores; que a mina mais util da agricultura, que era a do vinho, se achava em decadencia pela abertura dos portos do Brazil aos vinhos de todas as nações, pela introdução do vinho de Hespanha na Inglaterra, e pelo favor que esta nação tinha dado aos vinhos do Cabo da Boa Esperança; que a nossa industria se tinha paralisado consideravelmente, com a livre entrada em Portugal e no Brazil da mão de obra inglesa, com cujos preços a nossa nação não podia competir; que o commercio decaira extraordinariamente, não só pela concorrencia de todas as nações maritimas, a quem o paiz *frequentara* a liberdade dos mares, e mais que tudo pela perda que nos tinham causado os navios insurgentes, ou seja apresando os navios ou obrigando os negociantes a segurar os seus cabedaes com premios exorbitantes, com que as fazendas não podiam; sendo muito para receiar, se as coisas assim continuassem, que desapparecesse brevemente do mar a bandeira portuguesa; que para o Brazil ia annualmente uma porção consideravel das rendas d'este reino, bastando a importancia dos bens patrimoniaes da coroa e

ordens pertencentes aos fidalgos, que faltava aqui na circulação interior, e nos ia empobrecendo continuamente [1].»

Diz Oliveira Martins: «Quando Napoleão caiu, e voltou a paz, deu-se o balanço á fortuna portuguesa. Era um sudario de miserias e solidão. De 1807 a 1814, a população baixara de meio milhão, um quarto do que fôra. Não havia quem trabalhasse. Beresford fizera soldados todos os que não eram frades, nem desembargadores, nem conegos ou capellães, cantores ou castrados. Não havia nem cultura nem industria, nem gado, nem pesca. De cada 200 recrutas, ás vezes só duas sabiam ler. Até o principio do seculo, com uma população de um quarto a maior, bastava importar por anno dez milhões de cruzados de trigo; agora necessitavam-se quarenta e mais e vinte e tres de bacalhau, n'um paiz que é uma facha maritima piscosa. A desgraça crescia de anno para anno. O seculo XIX era muito peior que XVIII. Em Lisboa e Porto, tinham entrado menos 416 navios, e tinham saido menos 238. As importações de fóra baixaram de 49 a 37 milhões. As exportações de 42 a 26. Para o Brazil, em XVIII, tinham ido 20 milhões de generos; em XIX, iam só 16; tinham vindo 24 milhões, vinham 19 apenas. No congresso (1821) lamentava o ministro, ainda sectario do equilibrio pombalino, que o *deficit* total do balanço do commercio portuguez fosse de 20 milhões de cruzados. As finanças arruinadas reproduziam o estado da indus-

---

1 *Historia de Portugal*, por Henrique Schœfer, continuada por José Agostinho, vol. VI, pag. 502.

tria e o commercio. Custava a casa real por anno apesar do rei estar ausente, 260 contos; e só por si as cavallariças absorviam 80. O *commissariado* consumia mais de 1.200 contos; e, ao mesmo tempo que os operarios das fabricas de Portalegre e Covilhã pediam esmola, o *deficit* do orçamento annual chegava a 2.000 contos [1].»

E o inquerito industrial de 1814 verificou que, em 34 comarcas, havia 511 fabricas, das quaes 7 estavam fechadas, 240 em estado decadente, e sómente 134 em estado progressivo, figurando entre estas as de cortumes de Guimarães e Bragança, a de papel de Lousã, a de chapeus da Covilhã, a de vidros da Marinha Grande, e a de ferrarias de Thomar. Nada se ficou sabendo por esse inquerito acerca do trabalho industrial, nem da importancia dos capitaes, valor dos productos e numero dos operarios. Mas, apesar da insufficiencia das investigações, os factos e numeros apurados bastavam para se conhecer que a obra do Marquez de Pombal recebera um rude golpe com as invasões francezas e com o tratado de 1910 [2].

---

[1] Oliveira Martins, *Historia de Portugal*, 6.ª edição, vol. II, pag. 250.

[2] Não obstante o lastimoso estado economico do paiz, houve ainda assim, desde a revolução francesa até 1820, quanto ao fomento, as seguintes providencias legislativas, que pouco produziram: o decreto de 7 de maio de 1794, que prorogou por mais dez annos o privilegio da fabrica de vidros junto a Leiria; o alvará de 16 de outubro de 1794, que prorogou tambem por mais dez annos a Companhia das Reaes Pescarias do Algarve; o alvará de 27 de abril de 1797, que favoreceu as fabricas de fiação e tecelagem de algodão; o alvará de 7 de outubro de 1799, que prorogou por outros dez annos o privilegio da fabrica de vidros junto a Leiria; o alvará de 6 de

De 1820 á 1834, em consequencia das perturbações politicas e guerras civis, o estado economico de Portugal tambem não podia progredir. Mas, terminada a revolução liberal, as medidas do ministro de D. Pedro, Mousinho da Silveira, de que adiante fallaremos, influiram eficazmente no movimento economico. E, sendo depois ministro do reino Manoel da Silva Passos, esse notavel estadista, adoptou providencias legislativas,

---

janeiro de 1802, que confirmou as condições da Real Companhia do Novo Estabelecimento para as fiações e tecidos de seda, estabelecendo tambem premios, para animar a cultura das amoreiras e a industria da seda; o decreto de 27 de fevereiro do mesmo anno, que isentou de cizas as lans que se vendessem para as fabricas do reino; outro decreto do mesmo anno, que isentou de direitos a entrada de materias destinadas para as fabricas; a carta regia de 1 de julho de 1802, que promoveu a plantação de pinhaes nas praias do mar; o decreto de 15 de julho de 1802, que mandou levantar uma fabrica de papel em Alemquer; o alvará de 21 de setembro de 1802, sobre a melhor qualidade, preços e reputação dos vinhos do Douro; o decreto de 10 de abril de 1804, que concedia a isenção da contribuição que tinha sido imposta aos chapeus grossos da fabrica nacional, e os libertou dos mesmos direitos nas alfandegas ultramarinas; o decreto de 11 de abril de 1804, que providenciou sobre a cultura da vargem grande de Thomar; outro da mesma data, sobre a cultura de Vallongo, termo de Ourem; o alvará de 27 de novembro de 1804, favorecendo a agricultura e herdades do Alemtejo; o alvará de 24 de janeiro de 1805, que concedeu varios privilegios á fabrica de papel e tinturaria da Quinta de Sá; o alvará de 15 de abril de 1807, que trata do estabelecimento de uma fabrica de vidros na Chã de Linhares, perto do Gerez; o alvará de 28 de abril de 1809, que concedeu certas isenções de direitos de importação ás materias primas nacionaes e de construcção de navios; e o alvará de 23 de fevereiro de 1816, que prohibiu a importação dos tecidos de seda.

accentuadamente protectoras da industria nacional, taes como: a criação de conservatorias de artes e officios em Lisboa e no Porto, e lançamento das bases para o ensino profissional de todo o paiz, e muitas outras, que indirectamente convergiam ao mesmo fim, avultando entre essas a pauta alfandegaria, criada em 10 de janeiro de 1837.

E tudo isso, apar de outras medidas, tendentes a desinvolver a agricultura e as communicações, estimulou e promoveu o desinvolvimento economico do paiz [1].

E tambem influiu para o progresso economico o ter terminado, em 3 de abril de 1836, o ruinoso tratado de commercio com a Inglaterra de 21 de fevereiro de 1810, de que já fallámos.

Em 8 de julho de 1842, foi assignado um novo tratado de commercio com esse paiz, que pouco ou nada influiu na industria nacional. O que, porém, influiu poderosamente n'ella, foram as providencias adoptadas pelo ministro Costa Cabral, mais tarde conde de Thomar, com o fim de ampliar as decretadas por Passos Manoel, acerca do ensino profissional, e desinvolver a viação publica [2].

---

1 Para honra d'esse ministro, convem tambem lembrar que aboliu as touradas, divertimento barbaro, improprio de um povo civilisado, pelo decreto de 19 de setembro de 1836; e que se lembrou de tornar o Cavado navegavel desde Espozende até Barcellos, annunciando a adjudicação das obras precisas para isso, pela portaria de 18 de janeiro de 1837.

2 Avultaram n'essa epoca a lei de 26 de julho de 1843, que lançou um imposto de capitação a favor das estradas; o decreto de 13

Seguiu-se o periodo agitado por discussões e luctas politicas, desde 1841 a 1851, que tolheu a tranquilidade publica, e sequentemente o progresso da agricultura, do commercio e da industria. Mas, então, subiu ao poder o chamado ministerio regenerador, presidido pelo duque de Saldanha, em que entrou o grande estadista Fontes Pereira de Mello, ministerio esse que teve por timbre conciliar os partidos e abrir a era dos grandes melhoramentos materiaes, coincidindo o impulso da viação ordinaria e accelerada com a criação do ministerio das Obras Publicas, Conselho Geral do Commercio, Agricultura e Manufactura, Instituto Industrial de Lisboa e Escola Industrial, e Repartição de Manufacturas, a qual, pelo decreto de 20 de agosto de 1853, ficou encarregada do seguinte:

1.º Preparação das leis, decretos e regulamentos relativos a artes e officios;

2.º Conservatoria de artes e officios;

3.º Escolas industriaes;

4.º Sociedades promotoras da industria nacional;

5.º Policia industrial;

6.º Privilegios por novos inventos;

7.º Exposições publicas de productos de novas industrias;

---

de agosto de 1844, acerca das obras da barra do Douro; o decreto de 8 de outubro do mesmo anno, que tratou de melhoramentos da viação publica; a lei de 13 de abril de 1845, que providenciou tambem sobre melhoramentos da viação publica; a providencia e annuncio de 18 de outubro d'esse anno para a construcção de caminhos de ferro, por meio da concessão de privilegios.

8.º Estatistica industrial [1].

O partido regenerador caiu nos principios de Junho de 1856. Seguiu-se o partido chamado *historico*, presidido pelo duque de Loulé, que tambem não descurou o fomento, e principalmente a viação publica; e, desde então, até o fim do seculo XIX, com excepção de uns

[1] Alem d'essas medidas de fomento, houve tambem, na vigencia d'esse governo, as seguintes:

O decreto de 6 de maio de 1852, abrindo concurso para a construcção do caminho de ferro de Lisboa á fronteira de Hespanha; o decreto de 30 de agosto do mesmo anno, auctorisando o Governo a construir um caminho de ferro que, partindo do Porto, fosse entroncar na linha ferrea que devia seguir de Lisboa á fronteira; o decreto de 17 de janeiro de 1853, regulando a lei de 21 de julho de 1852, sobre os melhoramentos da barra de Vianna e construcção de uma nova ponte sobre o rio Lima; o decreto de 26 de outubro de 1853, promovendo o arroteamento dos terrenos incultos ou libertos; o decreto de 20 de julho de 1854 e respectivo regulamento, desinvolvendo as disposições do decreto de 14 de outubro de 1852 sobre celleiros, montepios agricolas e Montes de piedade; a lei de 7 de agosto de 1854, que auctorisou certas obras na barra de Aveiro; a portaria de 12 de setembro do mesmo anno, que mandou collocar um farol no cabo Mondego; a portaria de 30 d'esse mez de setembro, mandando annunciar o concurso para o serviço de malas postas diarias entre o Carregado e Coimbra; o contracto tambem de 30 de setembro, relativo ás condições da construcção de um caminho de ferro entre Lisboa e Cintra; a portaria de 3 de janeiro de 1855, relativamente ao caminho de ferro de Lisboa ao Porto; a lei de 16 de julho do mesmo anno, auctorisando o Governo a fazer começar o caminho de ferro no caes dos Soldados; e portaria de agosto, tambem de 1855, mandando construir por administração o farol do Mondego; a portaria de 23 de agosto do mesmo anno, approvando a construcção e directriz da linha telegrafica entre Lisboa e Cintra; e a providencia de 29 de agosto, annunciando o concurso da navegação a vapor entre Lisboa e Açôres.

pequenos tumultos ao norte do paiz, em 1862 e 1863, applacados quasi logo, sem derramamento de sangue, e o levantamento militar do duque de Saldanha, em 1870, de que já fallámos, Portugal gosou sempre de paz e tranquillidade, e viu desinvolver o progresso economico em todos os ramos do fomento nacional. De modo que a agricultura, o commercio e a industira progrediram muito, e manteve-se a ordem publica sem violencia, e a liberdade sem excesso.

Em setembro de 1871, foi chamado de novo ao poder o partido regenerador, já presidido por Fontes Pereira de Mello, que se manteve até 3 de maio de 1877, e continuou a desinvolver o fomento nacional [1].

Esse ministerio foi substituido por outro, em 1877; mas voltou ao poder em 1878, para cair novamente em 1879 [2].

---

[1] São d'esse periodo o decreto de 1 de fevereiro de 1872, concedendo a construcção e exploração de um caminho de ferro do Barreiro a Mexoalheira; a lei de 14 de maio de 1873, mandando proceder á construcção do caminho de ferro do Porto á fronteira gallega; a portaria de 20 de abril de 1875, auctorisando a construcção de um caminho de ferro em Lourenço Marques; a lei de 12 de fevereiro de 1876, que approvou o contracto de navegação a vapor para o Algarve; a lei de 16 d'esse mez, que approvou o contracto para a construcção de um caes, docas e caminho de ferro marginal do Tejo; a lei de 12 de abril do mesmo anno, que auctorisou a construcção do caminho de ferro de Lourenço Marques; e a lei de 20 tambem d'esse mez de abril, que approvou o contracto de navegação a vapor para as ilhas.

[2] Foi d'esse mesmo Governo o decreto de 16 de abril de 1879, que concedeu a construcção de um caminho de ferro de Bougado a Guímarães.

Foi então substituido pelo chamado partido *progressista*, que representava a fusão do antigo partido historico com o partido reformista, presidido pela estadista Anselmo Braancamp, que só durou até os fins de março de 1881; e, no pouco tempo que esteve no poder, velou egualmente pelo fomento nacional [1].

Em 11 de novembro de 1881, Fontes formava outra vez ministerio, que durou até 19 de fevereiro de 1886 [2].

Seguiu-se o ministerio progressista, presidido pelo tambem notavel estadista José Luciano de Castro, que governou, desde 20 de fevereiro de 1886 até 14 de janeiro de 1890. Fez parte d'esse ministerio, como ministro das obras publicas, Emygdio Navarro, e a sua administração sobresaiu de tal forma que pode dizer-se, sem depreciação para nenhum dos outros ministros,

---

1 São d'essa epoca a lei de 30 março de 1880, que approvou o contracto da construcção do caminho de ferro da Pampilhosa á Figueira; e a lei de 3 de junho do mesmo anno, que auctorisou a construcção do caminho de ferro do Douro ao Pinhão e Barca de Alva.

2 São d'esta epoca as seguintes medidas: o decreto de 2 de agosto de 1883, que abriu concurso para a construcção do caminho de ferro da Beira Baixa; o decreto de 28 de setembro do mesmo anno, que abriu concurso para a construcção do caminho de ferro de Mirandella; a permissão da cultura do tabaco no Douro, decretada em 1884; o decreto de 7 de março de 1885, que abriu concurso para a navegação a vapor na Sado, entre Setubal e Alcacer; o contracto provisorio de 9 d'esse mez para a construcção de uma doca de abrigo na enseada do Funchal; o decreto de 16 de julho do mesmo anno, que estabeleceu providencias acerca das obras do porto de Lisboa; a lei de 29 de julho tambem de 1885, que approvou o contracto definitivo para a construcção do caminho de ferro de Viseu; e outro da mesma data para a construcção das obras do porto do Funchal.

que o nome d'elle constitue, n'esse ponto, uma das maiores glorias de Portugal, e um dos propulsores de mais largas vistas do movimento economico da nação [1].

Emygdio Navarro deixou de ser ministro em março

---

[1] São d'esse ministro, em 1886: o decreto de 2 de outubro, estabelecendo a circunscripção hydraulica do reino; a portaria de 9 de outubro, providenciando acerca de cumprimento das leis da agricultura e pecuaria; o decreto de 28 de outubro, criando bilhetes postaes; o decreto de 18 de novembro, mandando organizar a carta agricola do reino; o decreto de 2 de dezembro, approvando o plano de ensino agricola e veterinario; o decreto de 9 de dezembro, contendo instrucções para a cobrança pelo correio de recibos, letras e obrigações; outro decreto da mesma data, que approvou o plano dos serviços agricolas; outro tambem d'essa data, que abriu concurso para as obras do porto de Lisboa; e o decreto de 30 de dezembro, que reformou os Institutos Industriaes e Commerciaes de Lisboa e Porto.

Em 1887, o decreto de 27 de janeiro, que continha e approvava as instrucções para os serviços postaes; o decreto de 3 de fevereiro, que criou o Conselho Superior do Commercio e da Industria; o decreto de 24 de fevereiro, que regulou a fiscalização das estradas municipaes pelas juntas geraes do districto e pela direcção das obras publicas; o decreto de 22 de abril, que approvou e contem o plano para a Escola Agricola de Coimbra; a portaria de 28 d'esse mez, que estabeleceu as clausulas para as empreitadas geraes de obras publicas; a portaria de 23 de maio, que approvou o projecto da construcção do caminho de ferro da Beira Baixa entre Alpedrinha e Fundão; o decreto de 30 de junho, que criou uma escola pratica de viticultura na Bairrada; outro da mesma data, que criou tambem uma escola egual em Torres Vedras; a lei de 21 de julho, que auctorisou um subsidio para a navegação a vapor no rio Sado; outro da mesma data, que auctorisou a conclusão dos portos artificiaes de Ponta Delgada e Horta, por meio de empreitadas geraes; o decreto de 4 de agosto, que approvou as instrucções para o serviço da posta rural; o decreto de 17 de novembro, que criou uma escola pratica

de 1889, e o partido progressista caiu em 14 de janeiro de 1890, como já dissemos. Alternaram-se ainda depois d'isso no poder, até o fim do seculo, o partido regenerador e progressista. As rivalidades partidarias e a

---

de agricultura em Portalegre; o decreto de 24 de novembro, que criou uma estação ampelo-phyloxerica do norte; a portaria da mesma data, que estabeleceu na quinta da Vacaria, proximo da Regoa, a estação phyloxerica do norte; a portaria de 3 de dezembro, que deu instrucções para o recenseamento agricola pecuario.

Em 1888: o decreto de 3 de fevereiro, que approvou e contem os regulamentos das escolas industriaes; a lei de 3 de junho, que criou uma escola industrial na Covilhã; outra da mesma data, que criou outra escola industrial em Alcantara; outra lei, tambem da mesma data, que criou outra escola industrial no Porto; outra de egual data, que criou escolas de desenho industrial em Bragança, Faro, Figueira da Foz, Leiria, Setubal, Vianna do Castello e Villa Real; o decreto de 18 de julho, criando uma escola pratica de lacticinios, no concelho de Castello de Paiva; outro decreto da mesma data, criando uma escola pratica de agricultura, nos suburbios de Santarem; outro da mesma data, criando uma escola fructuaria na quinta região agronomica; a portaria de 10 de agosto, providenciando acerca da instrucção para tirocinio dos alumnos do quadro dos correios e telegrafos; e o decreto de 27 de dezembro, que approvou e contem o regulamento dos serviços florestaes da Serra da Estrella.

Em 1889: o decreto de 3 de janeiro, que contem o plano dos serviços zootechnicos; o decreto de 10 de janeiro, que criou uma escola industrial em Braga; outro da mesma data, criando uma outra escola industrial em Coimbra; outro da mesma data, addicionando o ensino de francez á escola Faria Guimarães, do Porto; outro da mesma data, criando escolas de desenho industrial no Funchal e Mattosinhos; o decreto de 16 de fevereiro, que approvou e contem o regulamento para o hospital veterinario de Lisboa, criado por decreto de 22 de dezembro de 1887; e o decreto de 21 de dezembro que approvou e contem o regulamento da policia das estradas.

agitação republicana fizeram que os governos se preoccupassem mais da politica do que das artes uteis da nação; mas esta, por sua iniciativa expontanea, continuou a desinvolver-se; e no fim do seculo, a agricultura, o commercio e a industria tinham adquirido um grande progresso, como vamos ver na apreciação detalhada dos differentes factores economicos.

Em geral, não podiamos competir com a industria estrangeira, mas havia alguns productos que sustentavam essa competencia. Já se exercia a maior parte das industrias que havia pela Europa, e já Portugal occupava, no festim da civilisação, um logar que o não deshonrava. N'este sentido, o inquerito industrial de 1881, verificou haver em todo o paiz entre fabricas e officinas agrupadas, 3:776.

*

* *

Passemos agora a examinar especialmente os differentes factores economicos.

Quanto a productos mineraes, havia a região carbonifera de Leiria, do Cabo Mondego, do Bussaco, do Douro e do Azeitão; mas de todos esses jazigos, no correr do seculo, só estiveram em exploração activa a região do Mondego, as minas do Pejão, no concelho de Castello de Paiva, junto ao rio Douro; as de S. Pedro da Cova, no concelho de Gondomar, que faziam tambem parte da região carbonifera do Douro. E, nos ultimos tempos, havia tambem alguma exploração na região de Leiria.

Havia muitos jazigos de ferro, sobretudo, em Tras-

os-Montes, nas serras de Roboredo, Carvalhal, Carvalhosa, Carvalhosinha e Meira; mas estavam inexplorados.

Havia tambem grande abundancia de cobre, sobretudo, nas minas de Barrancos, Almodovar, Tinoca, Aljustrel e S. Domingos, no Algarve.

Todas estas minas estavam, mais ou menos, em exploração; mas a de S. Domingos, pela riqueza e extrema abundancia do seu minerio e dos seus muitos capitaes, era aquella cuja exploração tinha sido mais continuada e dado maiores lucros.

Havia as regiões plombiferas do Caima, onde existiam as minas do Bracal, Malhada, Casal da Mó e outras; a região do Douro, onde estavam os jazigos de Adorigo, no concelho de Taboaço, Gondarem e Varzea de Travões; a zona de S. Miguel de Acha, no concelho de Idanha-a-Nova; e ainda outros jazigos menos importantes, em Tras-os-Montes, Douro e Alemtejo.

As minas d'este minerio tiveram um periodo de grande lavra, ao qual succedeu um quasi abandono total; mas algumas retomaram, nos ultimos tempos do seculo XIX, o seu trabalho.

Havia estanho na provincia de Tras-os-Montes, junto a Bragança; no Marão, e nas serras da Estrella e Caramulo; mas sem exploração, embora houvesse indicios d'esses jazigos terem sidos explorados em epocas remotas.

Havia tambem minas de antimonio, na bacia do Douro, desde Vallongo até Castello de Paiva. Este minerio encontra-se associado ao quartzo, constituindo, assim, um dos mais ricos jazigos da Europa; mas a sua exploração foi intermittente, pela má direcção das companhias exploradoras e falta de capitaes.

Havia tambem no Alemtejo uma facha de manganez de 40 kilometros de extensão, desde Alcacer do Sal até á margem do Chanca, continuando ainda para Hespanha. E encontrava-se tambem muito manganez em Idanha-a-Nova e Anadia [1].

Portugal possue uma grande quantidade de marmores, notaveis tambem pela variedade dos seus desenhos, pela firmeza das suas tintas e finura do seu contexto.

Os principaes jazigos ou pedreiras de marmore existiam nos concelhos de Vimioso e Mirandella; no districto de Coimbra, em varios concelhos desde Penacova até á Figueira da Foz, bem como na serra do Bussaco; em Chão de Maçans, districto de Santarem, donde saiu o marmore para a construcção da cathedral de Madrid; e, no districto de Lisboa, em Pero Pinheiro, Cintra, e na Arrabida, onde havia uma variedade, muito apreciada no estrangeiro, chamada *brechia de Portugal* ou *mozaico da Arrabida.*

E tambem, na provincia do Alemtejo, districto de Beja, se encontravam marmores, em Ficalho, Alvito, Moura, etc.; no districto de Portalegre, em Castello de Vide, Elvas, Ponte do Sôr, etc.; e na provincia do Algarve, nos concelhos de Loulé, Faro, Silves, Portimão, etc.

E todos estes jazigos tinham grande exploração.

Havia por muita parte argilla, para fabricar louça, e kaolino, para fabricar porcellana; muita abundancia de

[1] *Apontamentos de Geographia Economica de Portugal,* colhidos na aula do Dr. José Augusto de Lemos Peixoto, por F. A. Gomes.

schisto, granito e gesso; muito amianto, na serra de Portel; e tambem grande abundancia de wofrano no norte do paiz [1].

*

* *

Quanto a productos agricolas, constituiam elles a principal fonte da prosperidade do paiz, e, sobretudo, o vinho. Ainda assim, as terras eram mal aproveitadas, e havia muitos terrenos proprios para a cultura, que estavam desperdiçados, e muitos montes susceptiveis de arborisação, que estavam nus, ou, quando muito, reduzidos a charnecas [2].

A cultura dos cereaes, em todo o caso, augmentou progressivamente, de modo que, no fim do seculo, a do milho attingia 8.000:000 de hectolitros; a do trigo augmentou tambem, embora, pelo augmento da população e do consumo tambem augmentasse a importa-

1 Citados apontamentos.

2 Ainda nos fins do seculo, em 1891, a repartição do terreno era a seguinte: vinhedos, 2,2 por cento; arvores fructiferas, 7,2; cereaes, 12,3; legumes, 2,7; pastos, 26,7; florestas, 2,9; improductivos, 45,8. Marcel Dubois e Kergomard, *Précis de Geographie Economique.*

Segundo Anselmo de Andrade, no seu livro *A Terra*, a percentagem das terras incultas era, na Belgica, de 8 por cento, na Allemanha 9, na França 11, na Austria Hungria 12, na Italia 19, nas Ilhas Britanicas 20, na Hollanda 21, na Hespanha 25, na Suissa 29, na Romenia 30, na Russia, 31, na Dinamarca 34, na Grecia 39, na Suecia 49, e na Noruega 71.

ção [1]; e cultivava-se centeio nas terras pobres; bastante cevada, que, embora se produza nos terrenos pobres, prefere os terrenos gordos e pouco humidos; e havia muito arroz em varios terrenos alagadiços e pantanosos.

Nas plantas textis, o linho, que outr'ora se cultivava extensamente em Portugal, diminuiu muito, em consequencia dos tecidos de algodão; e a producção do canhamo era insignificante.

Entre os vegetaes lenhosos, comprehendendo as arvores de fructo, como as pereiras, macieiras, laranjeiras, limoeiros, figueiras, pecegueiros, damasqueiros, amendoeiras, as videiras de que já fallámos, oliveiras, alfarrobeiras, castanheiros e sobreiros, os mais importantes eram a videira, o castanheiro, a oliveira, a alfarrobeira, a laranjeira, a amendoeira e o sobreiro.

A videira, que constituia a principal riqueza do paiz, dava logar a tres qualidades de vinho: o verde, o maduro de mesa e de pasto, e o vinho fino ou generoso.

O vinho verde, que deve o seu nome á incompleta maturação da uva, tinha como sendo as suas melhores qualidades, as de Monsão, Arcos de Val-de-Vez, região de Basto, Amarante e Livração.

As principaes qualidades de vinho maduro eram as de Valle de Oura, Valpassos, Bragança, Bairrada, Valle do Dão, Fundão, Penamacor, Figueiró dos Vinhos,

---

1 Anselmo de Andrade, no seu livro *A Terra*, calcula que, de 1876 a 1885, a importação do trigo foi de 855 milhões de kilogrammas ou 85 $\frac{1}{2}$ milhões por anno; e de 1886 a 1895, foi de 1:145 milhões ou 114 $\frac{1}{2}$ por anno.

Torres Novas, Cartaxo, Arruda, Bucellas, Carcavellos, Collares, Torres Vedras, Borba, Redondo, Vidigueira, Cuba, Beja, Fuzeta e Portimão.

O vinho generoso, conhecido no estrangeiro por vinho do Porto, produzia-se na região do Alto Douro.

A producção do vinho cresceu enormemente depois do meiado do seculo. Provincias que primeiramente não produziam vinho, como, por exemplo, o Alemtejo, cobriram-se nos ultimos tempos de vinhas, cuja producção era extraordinaria. No Minho, o vinho verde estendeu-se a todos os recantos, e o Douro recuperou-se dos estragos do oídium, phyloxera e mildio.

*

* *

Quanto a productos animaes, a estatistica do seculo XIX, deu o seguinte:

Raças	Numero de cabeças	Valor total Escudos	Valor medio por cabeça	Divisão por kilometro
Raça bovina . . .	625:000	16.000:000$00	30$00	5,8
Raça suina	1.000:000	7.000:000$00	7$00	—
Raça ovina	3.000:000	2.700:000$00	900$00	—
Raça cavallar . .	88:000	2.500:000$00	29$00	0,88
Raça muar	51:000	150:000$00	30$00	0,56
Raça caprina. . .	1.000:000	700:000$00	5$00	1,53
Raça azimina . .	138:000	—	—	—

E algumas raças eram muito boas, como a de Alter, no gado cavallar, a raça merino no gado ovino, a raça

barrozã no gado bovino, muito boa para o trabalho e producção do leite, bem como a raça minhota, que é tambem muito boa para o trabalho, producção do leite e para a engorda. Mas, em todo o caso, as nossas raças leiteiras ficavam, n'esse ponto, muito abaixo das boas raças estrangeiras, e nada se fez para as apurar.

Só, em 1863, é que se pensou, pela primeira vez, em aperfeiçoar as nossas raças de leite. O Governo mandou vir da Inglaterra para a quinta regional de Cintra quatro vaccas e um touro da raça Alderney. Fizeram-se, então, alguns cruzamentos; mas os productos obtidos espalharam-se quasi todos pelo sul do paiz, quando deviam ser levados para o norte. E, havendo sido mal cuidados, e cruzados a torto e a direito com todos os sangues, soffrendo a influencia de um clima opposto á aptidão que se queria desinvolver, perderam-se quasi totalmente; de modo que foi de nenhum valor o resultado que se obteve. Depois d'isso, nada se fez officialmente para apurar as raças de leite. Apenas um ou outro proprietario, conhecendo de longe as excellentes qualidades leitiginosas de certas variedades estrangeiras, importou alguns exemplares da Mancha, da Bretanha e de outras regiões, fazendo-as cruzar com differentes typos da nossa raça.

Em todo o caso, a fabricação da manteiga tornou-se uma industria importante, a ponto de acabar com a importação estrangeira.

A raça turina não é muito boa para essa fabricação, por dar um leite muito butiroso, que não convem empregar na manteiga; mas a raça jarmella é muito boa para isso.

Não se exportava manteiga; mas, desde 1885 em diante, já se exportava algum queijo, 27:500 kilos termo medio, para a Hespanha, Brazil e possessões portuguesas [1].

*

* *

Quanto ás industrias, começando pelas mineraes, a carta regia de 18 de março de 1801, dirigida ao reitor da Universidade de Coimbra, abriu o primeiro periodo da attenção official d'este importante assumpto, no periodo que estamos examinando.

O Princepe regente reconheceu a necessidade de criar uma intendencia que tivesse a seu cargo a casa da moeda e as minas. E foi nomeado intendente José Bonifacio de Andrade, que era formado em Direito e Filosofia pela mesma Universidade.

Em 1827, foi extincta essa intendencia geral de minas. Depois [2] Passos Manoel, em 1836, seguiu o systema de conceder apenas o usufructo do terreno da mina por certo tempo, onde, por isso, o concessionario não podia radicar os seus plenos interesses á descoberta e exploração; visto que a concessão não abrangia a propriedade do terreno, e era por um periodo limitado.

Veiu posteriormente a lei de minas de 1850, que, em attenção ás circumstancias do nosso paiz, continha muitas condições inexequiveis e outras insufficientes. E,

1 Adolfo H. Baptista Ramires, *As Industrias de Leite.*

2 *Revista Commercial*, vol. I.

por fim, a legislação de 1852, que regulou até o fim do seculo, é que deu plenas garantias ao descobridor e explorador, distinguindo os trabalhos de investigação das minas em trabalhos de pesquiza e trabalhos de exploração, ao mesmo tempo que attendeu aos direitos e interesses do proprietario do solo. E, ao passo que concedeu ao descobridor e explorador o dominio do terreno da respectiva mina, impoz-lhe certos deveres, para prevenir o abandono e os interesses de terceiro.

Por isso mesmo, a exploração mineira cresceu grandemente depois d'essa data. Assim, em 1852, apenas existiam em exploração activa as minas do Braçal e S. Pedro da Cova; e, em 1867, existiam já 265 minas de cobre, chumbo, estanho, antimonio, manganez, ferro, antracite e linhite: 45 em Tras-os-Montes; 56 na Beira; 31 na Extremadura; 133 no Alemtejo e Algarve. O numero de mineiros empregados era de 4:500, e o valor de todas as minas era de 28 milhões de escudos, approximadamente [1].

Sobretudo, desde 1863 a 1868, o numero das concessões pedidas foi enorme.

Em todo o caso, á exploração posterior não correspondeu a essa febre de concessões; porque, no fim do seculo, alem das minas que já apontámos a paginas 626 e 627, só estavam em exploração activa as minas de antracite do Pejão; as minas de antimonio da Tapada e Palheirinhos; a de sulfureto de antimonio da mina de Montalto; a mina de chumbo do Braçal; as de wolfrano dos jazigos de Panasqueira e Cabeço de Peão; e as abun-

---

1 Citada *Revista Commercial*.

dantes minas do Cabo de S. Domingos. A mina de prata de S. Martinho de Auguenda, no concelho de Miranda do Douro, que em tempos fora explorada por uma companhia importante, foi abandonada, no fim do seculo XVIII, para em 1900 continuar a ser explorada por uma companhia belga [1].

A exploração do marmore era muito activa em todos os jazigos.

A pesca, outra industria extractiva, fornecia grande riqueza ao paiz. Lisboa, que era, e é tambem o primeiro porto n'esse genero, armava muitas embarcações, não só para a pesca fluvial, como para a pesca do alto mar e longinqua; e d'essas embarcações, cujo numero attingiu 150, algumas eram empregadas na pesca do bacalhau nos bancos da Terra Nova. E, no Porto, acontecia a mesma coisa.

Essa industria era, nos fins do seculo, exercida no nosso paiz por cerca de trinta mil individuos, e o valor annual regulava por 30 mil contos [2].

*

* *

A agricultura estava muito atrazada até 1834, por que, a par das guerras, que roubaram os braços á lavoira e á industria, e das perturbações politicas, que alteravam a ordem publica e prejudicavam o socego e bem estar da nação, uma grande parte da propriedade

1 Citados apontamentos.
2 Citados apontamentos.

estava amortisada na mão dos nobres, por meio de vinculos e morgados ou doações regias, ou na mão dos conventos e outras corporações, e oneradas geralmente com foros e laudemios pesados, pensões, quotas, censos, rações certas e incertas, jugadas, teigas de Abrahão, luctuosa e outras prestações. Os foraes, dados a muitas terras, tambem cohibiam, muitas vezes, a liberdade do solo, e continham imposições, frequentemente vexatorias. E, alem d'isto, o systema politico absoluto coarctava a iniciativa do proletario ou trabalhador.

O primeiro passo em favor da agricultura foi o alvará de 27 de novembro de 1804, que, de harmonia com os alvarás anteriores de 21 de maio de 1764, 1 de de junho de 1765 e 20 de junho de 1774, concedia aos rendeiros garantias de conservação nas herdades, em troca das bemfeitorias e amanhos que n'ellas fizessem. Mas esse alvará praticamente pouco deu.

Vieram depois os decretos de Mousinho da Silveira; e esses é que, de facto, favoreceram a agricultura. O de 4 de abril de 1832 facilitou a extincção dos vinculos, e removeu todas as difficuldades dos aforamentos; e o de 13 de agosto do mesmo anno, que revogou e cassou todas as doações por titulo generico, feitas pelos reis a qualquer individuo ou corporação, extinguiu a maior parte d'aquelles onus e foraes, e tornou alienaveis as terras incultas dos bens da corôa. Depois, a lei de 22 de junho de 1846, confirmando aquellas leis de 1832, extinguiu tambem todos os direitos banaes, todos os serviços pessoaes, os direitos reaes e os tributos e impostos que não tivessem a natureza de pensões censiticas, emphyteuticas ou subcensiticas e subemphyteuticas.

Vieram mais as leis de 30 de julho de 1860 e 19 de maio de 1863, que aboliram os morgados; e essa abolição, comprehendendo a dos chamados vinculos e capellas, contribuiu tambem para a liberdade das terras, e, sequentemente, para o adiantamento da agricultura [1].

*

* *

Quanto ás outras industrias, a do tabaco foi a mais lucrativa de todas ellas, e constituia uma das principaes fontes de riqueza do paiz. Foi ella exercida por varios modos. Até 1865, constituiu um monopolio, que enriqueceu muita gente. De 1865 a 1888, estabeleceu-se o systema de liberdade; de 1888 a 1890, foi administrada pelo Estado; e, d'ahi por deante, voltou-se ao systema do monopolio.

Nas industrias textis, antigamente a do linho era muito extensa no paiz, porque todos os tecidos brancos eram de linho, sendo os districtos, onde principalmente se cultivava o milho, aquelles onde tambem se produzia o linho; e era, geralmente, uma industria exercida

[1] Alexandre Herculano no *Estudo sobre Vinculos*, publicado no volume IV dos seus *Opusculos*, e Anselmo de Andrade, no livro *A Terra*, pag. 108, dizem que essa abolição pouco ou nada concorreu para o aproveitamento da terra. Mas basta attender á grande extensão e numero de morgados e vinculos que havia, na sua maior parte arruinados, cujos donos, em geral, precisavam de os alienar, e que, de facto, se foram libertando d'elles pouco e pouco, para se induzir que aquella medida bastante beneficio devia produzir, como, realmente, produziu.

na maior parte das casas dos lavradores. Mas, com o apparecimento do algodão, decaiu muito. Ainda assim, Guimarães foi sempre um centro importante da fabricação d'esse artigo, cujos tecidos tinham grande reputação, e eram muito apreciados, porque imitavam as melhores bretanhas estrangeiras.

A industria do algodão tornou-se uma das mais prosperas e, por assim dizer, avassalou todas as outras similares.

A dos lanificios, que é a industria mais antiga do paiz, e que principiou por ser uma occupação caseira, como a do linho, para mais tarde se converter em verdadeiras fabricas, adquiriu grande desinvolvimento. Só no districto de Castello Branco, nos ultimos tempos do seculo XIX, havia 73 fabricas, entre as quaes preponderavam as da Covilhã; no da Guarda 44; no de Leiria 11; no de Lisboa 8; e no do Porto 7.

A industria de seda, tambem uma das mais antigas do paiz, e que chegou a ser uma das mais prosperas, soffreu grande abalo com a invasão francesa, que destruiu uma grande parte das fabricas. Em 1892, tentou-se novamente reanimar a criação do sirgo, e com ella a industria sericola; mas a doença do sirgo e a concorrencia do algodão e da seda estrangeira prejudicaram muito essa industria, que entrou, por isso, em grande decadencia.

As industrias metallurgicas estavam muito atrazadas. Não havia os altos fornos que pudessem dar ao ferro todas as formas possiveis. Mas o que se fabricava no paiz, era tão bom como o estrangeiro.

Em todo o caso, já no Porto e Lisboa, se fabricavam grandes maquinas, objectos do caminho de ferro,

e todos os artigos de pregaria, ferraria e cutellaria. E a cidade de Guimarães era, até por tradição, especialista em artigos de cutellaria.

A ourivesaria de ouro e prata, foi sempre uma arte admiravelmente cultivada em Portugal. Essa *Arte Famosa,* como lhe chama Laurindo da Costa, continuou a sua tradição gloriosa, sobretudo no Porto, Lisboa, Guimarães e Gondomar, como provam muitas obras primas feitas no seculo XIX, por insignes artistas [1]. N'este genero, eram tambem distinctas as filigranas [2].

Tinham tambem progredido muito a industria de cortiça, de cortumes, da moagem, da distillação do vinho, a do papel, da saboaria, da ceramica, da vidraria e typografia [3].

*

* *

O commercio decadente até 1852, como em geral tudo o mais, augmentou grandemente depois d'isso. Era principalmente com a Gran-Bretanha, França, Belgica, Hollanda e Brazil que elle se fazia; e nos ultimos tempos, a Allemanha tomou tambem uma figura preponderante, e desinvolveram-se as relações com Marrocos e Turquia.

Os Estados Unidos faziam egualmente um grande

---

1 Laurindo Costa. *Uma Arte Famosa* – e Artistas Portugueses.

2 Laurindo Costa. *Artistas Portugueses.*

3 Citados apontamentos.

commercio com Portugal, concorrendo tambem em grande escala com os productos similares da Europa [1].

A Hespanha, apesar da vizinhança, fazia relativamente pequeno commercio com Portugal, porque os productos eram quasi os mesmos; e os conflictos de interesses eram muito grandes.

Em 1891 o detalhe do commercio era, em francos, em resumo, o seguinte:

IMPORTAÇÃO		EXPORTAÇÃO	
Cereaes	28.000:000	Vinhos	56.600:000
Generos coloniaes	22.696:000	Cortiça	15.500:000
Algodões	14.900:000	Peixes	7.900:000
Tecidos	13.900:000	Cobre	5.784:000 [2]
Maquinas	13.800:000		
Ferro	12.500:000		
Hulha	12.200:000		

*

* *

Quanto aos centros economicos, Lisboa a capital, *cidade do marmore e granito e rainha do Oceano*, como lhe chamou Alexandre Herculano, ainda no primeiro quartel do seculo XIX, segundo Oliveira Martins: «tinha nas ruas focos de imundicie decomposta ou ambulante e viva. Os bandos de frades, com o

1 Anselmo de Andrade, *A Terra*, pag. 70.—Noel, obr. citada. —Marcel Dubois e Kergomard, obr. citada.

2 Marcel Dubois et Kergomard, obr. citada.

habito gorduroso; os cães, roendo ossos no lixo amontoado junto das casas; as carcassas de animaes mortos, apodrecendo ao sol; e os rebanhos de mendigos, chagados, a esmolar, davam um aspecto repugnante a toda a cidade.

«De noite, corriam em direcção das praias as figuras esguias das pretas, com o alto caneco de barro á cabeça, a vasar no rio as sentinas das casas; e o transeunte, tropeçando nos monturos, com o olhar fito na luz mortiça do lampeão distante, recebia as duches das janellas. De dia, a essas janellas, adornadas de craveiros e mangericos, viam-se as mulheres mal vestidas, catando-se ou namorando; e psiu! psiu! chamavam o aguadeiro; ou a saloia de botas e carapuça, montada n'um burro, vendendo hortaliça. Os gaiatos assobiavam; as meninas vinham pôr ao ar o macaco ou o papagaio, inevitavel de todas as casas. Os pretos e pretas pullulavam nas praças. Passavam em grupos, correndo para a missa, as mulheres, como monos, no seu capote negro, escondendo todas as formas, e com o lenço de cassa branca, espetado como o bico de um passaro virado para as costas; e, ao passar diante dos numerosos santos de azulejo, pintados e collados nas paredes das casas, com uma candeia superior, persignavam-se, murmurando resas com devoção. Os frades surgiam por toda a parte. Saiam mesmo das viellas mais afamadas e das travessas frequentadas pelos gallegos, com a cabeça rapada e nua, nos seus trajos pardos; e, por baixo da capa, n'alguns d'elles, por exemplo nos trinos, o habito e escapulario branco com a cruz azul encarnada. Quando era meio dia, tocavam os sinos das egrejas ás *Ave-Marias*, e todos paravam e

se descobriam, interrompendo as conversas e resando. Quando na rua passava o Viatico, os homens paravam tambem, ajoelhavam, batiam nos peitos; as seges estacionavam no seu rodar saltitante e rapido; descia o boleeiro de jaleca e botas altas com esporas collossaes de latão; e, por entre a gente, passavam os *irmãos* nas suas opas vermelhas, segurando o pallio dourado, sob o qual ia o padre gravemente, com o vaso das particulas, andando ao toque da campainha funebre, ao som do *Bemdito*.

«Um curioso traço de Lisboa eram as suas ruinas: o rasto do grande terramoto. Ruinas de edificios caidos, ruinas de obras por acabar. A Patriarchal jazia tambem por terra, e, por meio das suas ruinas, levantavam-se os alicerces esboroados do novo Erario; e, entre os montões de pedra abandonados, matavam-se os porcos para a cidade. S. Francisco ficara por terminar; e sobre as lages dispersas e já comidas pelo tempo, havia comoros de entulhos, onde viçava a relva, e pastavam as cabras, no meio do lixo immundo, que ahi vinha vasar-se de toda a parte e de toda a especie; porque as obras eram a sentina dos transeuntes do bairro. Ao lado do monturo, ficava a capella, com outro monturo de pobres piolhosos e sentados, a esmolar nos degraus, e aglomeração de frades, contratando ás portas as missas, os enterros; e ainda com monturo final de mortos sobre o pavimento da egreja, por cujas fendas saiam exhalações putridas [1].»

---

[1] Oliveira Martins, *Portugal Contemporaneo*, vol. II, pag. 21 a 23.

Mas logo, com o estabelecimento do regimen liberal, se entrou a olhar com attenção para a limpeza, embellezamento e progresso da cidade. Já o edital de 2 de janeiro de 1834 prohibiu que no Rocio se junctassem vendilhões de diversos generos e adellos; e, em 1836, foram demolidos differentes casebres que lá havia.

Tambem em 1836, foi o nome do Rocio mudado para Praça de D. Pedro, e em seguida rodeado de bellos predios.

Em 1879, começou-se a nova Avenida da Liberdade, e até o fim do seculo, não cessaram os esforços das vereações e do Governo a favor d'aquelle progresso e belleza [1].

Pela sua admiravel situação geografica e topografica, Lisboa era já uma das principaes cidades do mundo e das capitaes da Europa. Tinha sido na edade moderna um dos principaes emporios commerciaes do Universo [2]; e, no seculo XIX, se não conquistou todo o perdido, readquiriu grande movimento commercial e industrial. O seu estuario forma um porto capaz de abrigar todas as esquadras do mundo [3].

Já fallámos d'essa cidade, relativamente á sua capacidade piscatoria e ao grande numero das suas armações, mesmo para a pesca longinqua. E o seu movimento industrial era tambem muito grande em quasi todos os generos.

1 Julio de Castilho, *Lisboa Antiga.*

2 Adriano Anthero, *A Historia Economica*, vol. IV, pag. 327 e 328.

3 Antonio Correia, *As cidades de Portugal.*

Setubal, está tambem n'uma admiravel situação topographica, abrigada ao fundo de uma amplissima bahia, formada pela foz do Sado. E, escalando-se as eminencias circumvizinhas, ha numerosos pontos, para se gozarem deslumbrantes panoramas. Já no seculo XIX, devido á sua admiravel situação, era um grande centro de commercio e industria; e maior desinvolvimento economico teria ainda a sua barra, se a não obstruissem numa parte as areias accumuladas pelo rio e pelos ventos que sopram continuadamente. As suas salinas são famosas e importantes, havendo attingido já 226:000 moios de sal a exportar annualmente; e as suas laranjas teem reputação mundial e uma grande exportação.

O Porto, a segunda cidade de Portugal, já tinha, nos fins do seculo passado, uma população superior a 200:000 habitantes. A sua barra era muito concorrida, e muito mais o seria pelos principaes pavilhões do globo, se a não obstruissem em grande parte as areias: o que motivou a construcção do porto artificial de Leixões, que, apesar do ser regularmente concorrido, não satisfez as aspirações dos Portuenses, nem compensou as enormes despesas que elle occasionou. Por isso mesmo, já no fim do seculo, se tratou de o ampliar e collocar em melhores condições, obra essa que, depois, foi começada no seculo XX, como a seu tempo veremos.

A cidade e arredores estavam cheias de fabricas e officinas de todo o genero, abarcando todas as industrias; e o seu commercio, não só com o interior, mas tambem com as colonias e paizes estrangeiros, era enorme, não obstante o defeito da barra e do porto de Leixões.

Esta cidade dispunha tambem de grande numero de barcos para a pesca das costas, e de algumas armações para a pesca longinqua do bacalhau da Terra Nova.

Braga, no coração do Minho, era a 3.ª ou 4.ª cidade do paiz. E dizemos a 3.ª ou 4.ª, porque tambem Coimbra, e mesmo Evora, tinha pretensão a ser a 3.ª Era um grande centro industrial, onde se desinvolviam e completavam umas ás outras muitas industrias, com indiscutivel vantagem e reconhecida primazia, ao lado das cidades mais laboriosas e industriaes do paiz. Desde a fabricação dos chapeus até a manipulação dos pregos, poucas eram as industrias que a cidade de Braga não produzisse, na mais progressiva escala e mais perfeito acabamento. Especificaremos como das mais importantes que lá se exerciam, as de saboaria, perfumaria, serração de madeira, moagem de cereaes, fiação e tecelagem, fundição de sinos, fabrica de pregos e tachas, unica no paiz, marcenaria e esculptura, obra de talha, mobiliario, esculptura religiosa e industria de metaes. E algumas d'estas industrias, por exemplo, a de chapeus, tinha grande reputação em todo o Portugal. Essa de chapeus era até objecto de grande exportação para a America e para a Asia.

Ha nos arrabaldes o santuario do Bom Jesus do Monte, que augmentava a importancia da cidade, pelas bellas paisagens que de lá se disfructam, das mais bellas da Europa, e pela concorrencia enorme de nacionaes e estrangeiros que demandavam esse local, afim de passarem a estação calmosa, de maio a setembro, ou para se alegrarem e distrairem, ou ainda como estação de repouso.

Este santuario, que é tambem, como obra de arte, dos mais bellos da Europa, começou a ser edificado, em 1 de junho de 1784, foi concluido a 20 de setembro de 1811, e inaugurado em 10 de agosto de 1857.

Braga abunda egualmente em monumentos religiosos, que lhe justificaram o nome de Roma portuguesa ou Jerusalem do occidente.

Guimarães, que foi a primeira capital de Portugal, era notavel tambem pela grande industria que a animava, e que, principalmente, consistia na de cortumes, cutellaria e fiação. O linho de Guimarães era apreciado em todo o paiz e no estrangeiro. O commercio d'esta cidade era egualmente activo; e ahi se realizava aos sabbados a feira semanal mais importante de todas as feiras do Minho.

Vianna do Castello, na foz do rio Lima, uma das mais formosas cidades de Portugal, pela sua situação e arredores e pela belleza e encantamento d'aquelle rio, progrediu muito no seculo passado; e mais progrediria, se o seu porto, de pequeno calado, não fosse inacessivel ás grandes embarcações. E, embora tivesse já uma pequena doca, tambem essa não aproveitava para os grandes navios.

Coimbra, a rainha do Mondego, era notabilissima pela sua Universidade, pela beleza dos seus arredores, e tradições romanticas da morte e amores de D. Ignez, tão sublimemente cantados por Camões, e morte de D. Maria Telles.

Apar d'isso, a cidade tinha tambem bastante industria, e entre essa, a de palitos de que já fallámos no volume IV [1]; e estava cheia de estabelecimentos commerciaes.

Figueira da Foz. O seu porto, cujas obras consumiram grandes sommas ao Estado, só era accessivel ás embarcações de pequeno calado, por causa das areias que se accumulam na foz do Mondego. Ha uma doca de abrigo, que tambem servia indevidamente de escoadouro aos esgotos, mas que tambem não admittia grandes embarcações.

Por estar no encontro de uma região muito productora, e virem tambem desembocar no mar, pelo Mondego, os productos de Coimbra e seus arredores e o vinho da região do Dão, o porto era muito commercial. E, no tempo dos banhos, a cidade era grandemente concorrida de nacionaes e Hespanhoes, o que a tornava muito animada, n'essa epoca.

Thomar, notavel artisticamente pelo seu bello monumento do convento de Christo, que foi sede dos Templarios, era muito industrial. No fim do seculo, tinha 12 fabricas de fiação e tecidos em laboração, moagens e papel.

Vizeu era, sobretudo, uma cidade commercial, porque a funcção mercantil é que preponderava na sua vida economica. Para isso contribuia a sua feira anual, cha-

[1] *A Historia Economica*, vol. IV, pag. 285.

mada *feira franca*, na segunda quinzena de setembro, uma das mais importantes, ou talvez a mais importante do paiz, e o estar no cruzamento de muitas vias de communicação e no centro de regiões feracissimas.

Ainda assim, nas industrias, sobresaia a das olarias e havia tambem, ou na cidade ou nos arredores, industrias de fundição de estanho, tecidos de linho e lã, rendas, bordados, canastras e cestos, tamancaria, etc., embora em grau limitado, e, no geral, domesticamente [1].

A industria de calçado, especialmente a de tamancos era muito importante, e constituia um artigo de grande exportação para todo o paiz e até para a Africa. E era tambem notavel o commercio que se fazia da loiça de barro preto ou *loiça preta de Molélos*, concelho de Tondella, onde ella era e é fabricada. E' antiquissima essa industria e o seu commercio, espalhando, desde ha muitos seculos, os seus productos por todo o paiz e por varias provincias de Hespanha.

Apesar dos processos serem os primitivos, essa loiça é muito curiosa, e, particularmente, as chamadas *cantarinhas do engano*, que são muito elegantes.

Vizeu tinha tambem a vantagem de ser a capital do districto do seu nome, que abrange a provincia da Beira Alta, e que é muito productivo e industrial, e mesmo commercial. E o movimento economico de todo o districto, pela ordem natural das coisas, refluia tambem para essa capital.

Assim, havia por differentes concelhos grande abundancia de vinho e dos tres typos, distribuidos conforme

---

1 Amorim Sivão — *Vizeu*.

as diversas regiões — o vinho generoso, o verde e o maduro. Havia muito milho, batatas, azeite, madeira e fructas. Nesta ultima parte, a pomicultura, mesmo nos arredores da cidade, tomou um grande desinvolvimento, nos ultimos tempos do seculo XIX.

Havia muitas minas em exploração tambem pelo districto, especialmente, de wolfranio, estanho e uranio. Havia egualmente, pelos differentes concelhos, grande industria de serração de madeira, moagens, ceramica, malha, papel, cestinhos de verga, que rivalisavam até com os da Madeira, tapetes, vidraria e engorda de gado.

Covilhã, a Manchester portugueza, era uma cidade toda industrial. Da sua população, superior a 20 mil habitantes, mais de metade era composta de operarios e familias das suas oitenta fabricas de tecelagem, fiação e ultimações.

Guarda, ao norte, era bastante industrial nos lanificios.

Evora, a capital do Alemtejo, colocada no meio d'essa provincia, e, como tal, n'um centro muito fertil, tinha uma industria e commercio importantissimos, pela quantidade e qualidade da producção. Alem dos generos communs a todo paiz, salientavam-se, como ramos de actividade commercial e industrial, mais proprios d'essa cidade, os seguintes: azeites, utensilagem agricola, cortiças, cortumes, mobilia moderna e regional, panificação, farinação e vinhos.

Portalegre, tambem no Alemtejo, era muit notavel pela sua industria antiquissima, tendo, especialmente,

fabricas de rolhas, lanificios, alpercatas, moagens, panificação e energia electrica.

Na provincia do Algarve, Faro, a sua capital, era muito industrial na fabricação de aguardente, na conserva de peixe, especialmente de atum e sardinha; e muito commercial, não somente n'essa conserva, mas tambem em figos, passas de uvas, vinho, amendoas, azeite, alfarrobas, laranja, sumagre, açafrão, ovos, mel sal, aguardente, cortiça, obras de palma e esparto.

Lagos, que tem uma bahia excellente, na qual se podem abrigar todas as esquadras do mundo, sendo, muito visitada por navios de guerra, era muito industrial e commercial. E acontecia com a sua industria e commercio o que se dava com todas as localidades maritimas do Algarve, em maior ou menor escala. Vinha a ser a pesca da sardinha e atum, cujos productos eram, sobretudo, vendidos ás fabricas de Villa Real de Santo Antonio, para serem preparados em latas e remettidos para o estrangeiro. Mas havia em Lagos maior movimento do que noutra qualquer povoação algarvia, mesmo quando a sua bahia não era visitada por navios de guerra.

Villa Real de Santo Antonio era o primeiro porto do Algarve, sob o ponto de vista commercial, por afluirem lá, cada anno, muitos navios estrangeiros, que vinham carregar a pyrite de cobre das minas de S. Domingos. E tinha muitas fabricas de aguardente e alcool e conserva de peixe, especialmente de atum e sardinha, de que fazia tambem um grande commercio.

Tavira está situada nas duas margens do rio Asseca ou Secca. Só nas marés vivas, é que as pequenas embarcações podem aproximar-se da cidade, devido á insignificancia da corrente fluvial e ás areias que obstruiram a pequena foz, quasi por completo, e o seu desaguadouro por espaço de tres leguas. Ainda assim, tinha tambem bastantes armações de sardinha e uma fabrica de moagem.

Silves, situada na margem direita do rio Arade, tambem conhecido pelo nome de Silves e Draga e Portimão, tinha uma grande industria de fabricação de rolhas.

Nas ilhas adjacentes, o Funchal era muito importante pelo seu porto, pela sua belleza e aspecto e belleza da ilha, pela producção dos arredores, e pelo seu commercio e industria, e até pela salubridade do clima, que atraía muitos viajantes e doentes.

Como porto commercial, o numero das embarcações que entravam annualmente n'elle, com a respectiva lotação, era o dobro das que entravam no Porto e Leixões, e quasi metade das que entravam em Lisboa. E a sua industria era tambem importante na fabricação do alcool, construcção de cadeiras, mobilia de verga e bordados, cuja perfeição era uma especialidade da ilha.

E, nos Açôres, Ponta Delgada era a quinta cidade em população.

N'esse ponto, só era inferior a Lisboa, Porto, Braga e Funchal. E era tambem muito importante, pela sua belleza, producção, commercio e industria. O principal

objecto d'essa industria era o alcool; e esse alcool, junto com as laranjas e os ananazes, produzidos na ilha e com o chá, constituiam tambem os principaes objectos do seu commercio. O progresso da cidade, no seculo passado, depois de 1847, foi muito notavel, e, sobretudo, até 1877.

Temos fallado nas principaes cidades, como sendo tambem os principaes centros economicos. Mas ha ainda uma villa, que é de pequena extensão e população, mas que, na industria e, portanto, no seu commercio, tem uma grande importancia. É S. João da Madeira.

N'esta parte, devemos a um cavalheiro de lá, o Sr. A. J. Oliveira Junior, informações curiosas, que reproduzimos textualmente.

Referem-se ellas ao anno de 1924-1925. Mas o movimento industrial d'essa villa era já grande, nos ultimos tempos do seculo XIX.

«Alem dos ramos de trabalho ennunciados no mappa que segue, ha outros mais que, embora de modesta importancia, são todavia auxiliares das prosperidades locaes, como seja: — a fabricação de manteiga, que é aqui muito antiga; uma fabrica de chales; uma fabrica de artigos de piassaba; uma typografia, e tambem em montagem, uma fundição e serralheria mecanica que, a avaliar pela grandeza das suas installações, promette ser importante.

«Taes são as informações que me foram fornecidas pelas diversas partes interessadas; e, embora eu não possa assegurar que sejam de rigorosa exactidão, supponho-as todavia não muito longe da verdade.»

S. João da Madeira e a sua industria

Mappa demonstrativo do movimento industrial em 1924-1925

ARTIGOS QUE SE FABRICAM	Numero de fabricas ou officinas	Numero de operarios	Numero de operarias	Numero de menores	Força motriz em H P	Producção annual em unidades	Valor da producção annual em escudos
Chapelaria de pêlo (1)	11	317	117	56	335	485.000	13:580.000$00
» » lã (2)	12	79	18	—	—	62.000	1:116.000$00
» » palha (3)	6	21	35	7	—	135.000	2:520.000$00
Bonés (4)	9	—	42	4	—	128.000	640.000$00
Sapataria (5)	26	307	67	73	—	79.260 pares	5:944.500$00
Tamancaria (6)	8	80	14	12	—	150.000 »	1:200.000$00
Velas stearicas (7)	5	16	9	—	—	28:000 caixas	1:400.000$00
Serração mecanica (8)	3	40	–	20	60	—	600.000$00
Carpintaria mecanica (9)	1	30	—	10	20	—	150.000$00

*

* *

Quanto a communicações, a viação ordinaria teve um grande progresso, principalmente depois de 1852,

---

(1) Iniciada em 1891. É o primeiro centro chapeleiro do paiz.

(2) Teve o seu periodo aureo no seculo XIX; porem, devido ao progresso da sua congenere (chapeus de pêlo) tem decaido. Foi a industria-mãe e chegou a ter, talvez o triplo da producção actual. Nada está escrito que esclareça a data do seu inicio, mas é provavel que date do seculo XVII ou começo do seculo XVIII.

(3) Iniciada em 1908, tem progredido.

(4) Iniciada em 1910, tem progredido.

(5) Iniciada em 1910, progrediu muito durante a guerra.

(6) Iniciada em 1910, tem progredido.

(7) É de todos, o ramo de trabalho mais novo n'esta villa.

(8) A primeira foi montada ahi por volta de 1915. Ao incremento que a serração mecanica attingiu durante a guerra, succedeu a terrivel crise que tanto a tem atrofiado. É uma das principaes victimas.

(9) Ha apenas uma fabrica, annexa a uma das serrações e foi creada em 1922.

como já vimos, pela exposição das differentes leis e decretos sôbre êsse ponto, que tambem já citámos.

Na viação accelerada, os nossos caminhos de ferro começaram sómente em 1852, sendo Portugal o penultimo Estado da Europa, como já notámos [1].

A primeira linha que se construiu, foi a do Leste, de Lisboa a Hespanha, seguindo-se a do Norte, que, partindo do Entroncamento, vai dar ao Porto. Em seguida, a do Sul e Sueste, cujo primeiro lanço foi do Barreiro ás Vendas Novas, com ramal para Setubal.

E foram-se depois construindo successivamente differentes linhas, tanto do Estado, como de companhias; de modo que, já no ultimo quartel do seculo, havia as seguintes linhas:

Exploradas pelo Estado:

Linha do Sul e Sueste

Do Barreiro a Pinhal Novo, a Casa Branca, a Beja, a Tunes, a Villa Real de Santo Antonio, com os seguintes ramais: de Pinhal Novo a Setubal, de Pinhal Novo a Aldeia Gallega, de Casa Branca a Evora, de Casa Branca a Extremoz, de Casa Branca a Villa Viçosa, de Evora a Mora, de Beja a Moura, e de Tunes a Portimão.

Linha do Douro

Do Porto a Ermezinde, á Regua, a Tua, á Barca d'Alva, á fronteira.

---

[1] Capitulo 3.º, pag. 110.

Linha do Minho

Do Porto á Trofa, a Nine, a Braga, a Vianna, a Valença, á fronteira.

Campanhã a Alfandega do Porto.

Livração a Amarante.

Regua a Vidago.

Pocinho a Carviçães.

Caminhos de ferro explorados por Companhias:

Linha do Norte

Lisboa a Setil, Santarem, Entroncamento, Alfarellos, Coimbra, Pampilhosa, Aveiro, Espinho e Porto (S. Bento).

Linha do Oeste

Lisboa a Cacem, Torres Vedras, Caldas da Rainha, Leiria, Amieira e Figueira da Foz.

Linha de Leste

Lisboa a Abrantes, Torres das Vargens, Portalegre, Elvas e Badajoz.

Linha da Beira Baixa

Lisboa a Castello Branco, Covilhã e Guarda.

Linhas das Vendas Novas

Lisboa a Setil, a Vendas Novas, Louzã, Cascaes e Cintra.

Os ramaes são:

Alfarellos á Figueira, Torres das Vargens a Marvão, e Torres das Vargens a Valencia de Alcantara.

Linha da Beira Alta

Figueira á Pampilhosa, Pampilhosa a Luso—Bussaco, a Santa Combadão, Guarda, Villar Formoso.

De via reduzida

Linha de Guimarães a Trofa e a Fafe.
Linha do Porto á Povoa e Famalicão.
Porto á Senhora da Hora, a Custoias, Mindello, Villa do Conde, Povoa de Varzim, Famalicão.

Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro

Tua a Mirandella e Bragança.

Ramal de Vizeu

Santa Combadão a Tondella e Vizeu.

Valle do Vouga

Espinho, Oliveira d'Azemeis, Albergaria-a-Velha e Aveiro.

Mina de S. Domingos

Pomarão á Mina.

RECAPITULAÇÃO

Temos visto, n'uma ligeira synthese, o movimento politico geral do mundo, especialmente da Europa, desde a revolução franceza até ao fim do seculo XIX.

Temos visto egualmente o movimento scientifico e literário da Europa no mesmo periodo, como elemento influente na historia economica d'esse continente.

E, finalmente, apar de uma noticia cosmopolita geral do seu movimento economico, estudamos, n'essa parte, cada um dos differentes paizes da Europa. E vimos que, realmente, ao seculo XIX correspondeu a denominação do *seculo das luzes*, por que, geralmente, é conhecido.

Como notámos, n'essa retorta immensa do progresso e civilização, e n'uma conquista de esforços sem limites e de rivalidades sem medida, a Europa ergueu-se, mais heroicamente ainda que o Anteu da fabula, contra a montanha dos preconceitos que restavam ainda da edade moderna; e estabeleceu na ara santa do seu patriotismo a estrella brilhante da liberdade.

A revolução franceza, onde explodiu, embora n'um rio de sangue e n'um montão de cadaveres, a indignação do povo, represada há tantos seculos, alumiou o mundo inteiro; e a propagação das suas ideias foi queimando as azas dos morcegos do despotismo.

A esse clarão surgiu a iniciativa dos sabios e artistas, que transformou o mundo artistico e industrial.

O commercio, que representa uma transfusão reciproca no viver dos povos, ergueu-se, tambem livre e independente, firmado nos grandes tentaculos da agricultura e da industria.

A marinha, como uma das irmans gemeas d'elle, deu-lhe novos horisontes; e o vapor e a electricidade, até então escondidos na terra, forjaram a tradicional alavanca de Archimedes, para poderem revolver o mundo inteiro. E, por toda a banda, como se fôsse uma seiva infinita do progresso, rebentara uma nova fermentação de descobertas e melhoramentos.

Nos ultimos tempos do seculo, mesmo politicamente, o ceu azul da liberdade, com pequenas excepções, alcançara já todos os recantos; e o cadinho immenso da civilização do universo continuava trabalhando, cada vez mais proficientemente na perfectibilidade.

Já se esboçavam os aviões; já circulavam os automoveis; e a electricidade estava anunciando novas descobertas e novas aplicações.

Veremos no proximo volume a eclosão enorme de tudo isso, e como o Novo Mundo correspondeu aos progressos da Europa.

N'esse volume, teremos tambem occasião de examinar as transformações extraordinarias e os incidentes prodigiosos que surgiram no seculo XX.

FIM DO SEXTO VOLUME

INDICE

CAPITULO I

CAPITULO II

Explorações e Descobertas

CAPITULO III

CAPITULO IV

FRANÇA

CAPITULO V

INGLATERRA

CAPITULO VI

ALLEMANHA

CAPITULO VII

AUSTRIA E HUNGRIA

CAPITULO VIII

A SUISSA

CAPITULO IX

BELGICA

CAPITULO X

HOLLANDA

CAPITULO XIII

Scandinavia

II

NORUEGA

CAPITULO XIV

RUSSIA

CAPITULO XV

A Peninsula dos Balkans

I

TURQUIA

CAPITULO XVI

A Peninsula dos Balkans

II

BULGARIA E ROMELIA

CAPITULO XVII

A Peninsula dos Balkans

III

A ROMENIA

CAPITULO XVIII

IV

A Peninsula dos Balkans

SERVIA

CAPITULO XIX

A Peninsula dos Balkans

V

MONTENEGRO

CAPITULO XX

A Peninsula dos Balkans

VI

GRECIA

CAPITULO XXI

ITALIA

CAPITULO XXI

HESPANHA

CAPITULO XXIII

PORTUGAL

ERRATAS PRINCIPAES

Paginas	Linhas	Onde se lê	Deve ler-se
19	28	(1830 a 1833)	(1830 a 1848)
20	10	Zandau	Landau
41	9	porque a Dinamarca	mas, ainda assim, a Dimarca
50	16	(1886)	(1866),
54	27	Desgina	Desima
84	26	Rochosasi	Rochosas
94	2	James Boss	James Ross
99	23	Bertholet	Berthollet
100	11	Bertholet	Berthollet
100	25	Bertholet	Berthollet
128	20	Thernaud	Thénard
249	18	decretos	direitos
293	17	1758	1798
294	14	Francisco José	Francisco I
294	19	Francisco José	Francisco I
315	30	desembarcar	desembocar
337	4	1814	1815
337	17	1814	1815
372	8	Arnhdrm	Arnhem
372	10	Haarder	Haarlen
518	11	invocar	convocar
524	12	tendas	tecidos
600	2	Tarquemada	Torquemada